

A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man has dark, curly hair and a beard, and the woman has long, dark hair and is wearing a blue off-the-shoulder top. They are both looking at each other with soft expressions. The background is dark and out of focus.

CINTIA EMY

SÓ POR UM ANO





CINTIA EMY

SÓ POR
UM ANO

SÓ POR UM ANO



Cintia Emy

1º edição

Índice

[Cap. 1 - Interesses](#)
[Cap. 2 - Fidelizada](#)
[Cap. 3 - Chantagem](#)
[Cap. 4 - Submissão](#)
[Cap. 5 - Contrato](#)
[Cap. 6 - Casamento](#)
[Cap. 7 - Um beijo e o mar](#)
[Cap. 8 - Junto a mim](#)
[Cap. 9 - Chocolate e morango](#)
[Cap. 10 - Pétalas vermelhas](#)
[Cap. 11 - Agressão](#)
[Cap. 12 - Minha](#)
[Cap. 13 - Por que eu?](#)
[Cap. 14 - Mentiras](#)
[Cap. 15 - Faces da verdade](#)
[Cap.16 - Peso da escuridão](#)
[Cap. 17 - Tortura chinesa](#)
[Cap. 18 - O assalto](#)
[Cap. 19 - Prazer, Elisa](#)
[Cap. 20 - Pedido inesperado](#)
[Cap. 21 - Acertos](#)
[Cap. 22 - Refúgio particular](#)
[Cap. 23 - A carta](#)
[Cap. 24 - Amores amargos](#)
[Cap. 25 - Farol](#)
[Cap. 26 - Doces Amores](#)
[Cap. 27 - A rosa e o espinho](#)
[Cap. 28 - Rumos](#)
[Cap. 29 - Incansáveis chamadas](#)
[Cap. 30 - Buquê de talos](#)
[Cap. 31 - Infinitas galáxias](#)

[Cap. 32 - Faltam teus olhos](#)

[Cap. 33 - Suspiro final](#)

[Cap.34 - As três letras](#)

[Próximo trabalho](#)

[Autor](#)

Copyright © 2019 Cintia Emy

Revisão: Cintia Emy e C.C. Oitavén

Diagramação: Cintia Emy

Capa: Fred Rocha

Imagem: Adobe Stock

Só por um ano

Cintia Emy

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem citação da fonte. A obra está registrada junto a Avctoris, serviço de proteção dos direitos autorais.

Esta é uma obra de ficção. Personagens, nomes, acontecimentos e alguns lugares se baseiam no imaginário da autora. Quaisquer semelhanças com situações e fatos da realidade é mera coincidência. Por conter cenas de sexo e violência, essa obra é indicada para maiores de 18 anos.

2019

Brasil

Aos sonhos,

*Aos desejos mais profanos, lapidados na forja da fantasia e das vontades, que permitem
viver, amar e sofrer em terras distantes, bem mais além da realidade.*

Interesses

1

O excesso de trabalho pressionava Suna Ferraz, mas os afazeres a mantinham longe de algumas difíceis recordações. O emprego de gerente no restaurante Maresia consumia suas energias, cansava o corpo e os pensamentos, como também, empolgava-a ao negociar com fornecedores, administrar as atividades dos garçons, cozinheiros e ajudantes, ou resolver quaisquer queixas dos clientes.

O relaxamento era só para os sentidos quando mirava a imensidão do mar que batia nas areias da baía, metros à frente do restaurante, através das paredes de vidro que rodeavam o estabelecimento, ou pelos cheiros dos pratos sendo preparados, que impregnavam as narinas com a vivacidade do dendê, da pimenta-de-cheiro e das ervas, entre os diversos tipos de peixes, crustáceos e mariscos.

Havia preparado o restaurante de forma impecável, especialmente, para aquela sexta-feira, início de março, de tempo instável e abafado. A chuva e o movimento intenso deixaram Suna ansiosa, porque em uma das mesas reservadas estava o renomado neurocirurgião, Vicente Maximo, conversando com dois amigos, frequentadores do Maresia. A senhora Corina, que junto ao esposo, senhor Carlo, era proprietária do restaurante, recomendara que o atendimento fosse perfeito, pois o médico era um homem de grande prestígio na sociedade e vinha ao estabelecimento pela primeira vez.

Horas antes, ao se sentir segura acerca de suas tarefas, Suna fora cuidar da aparência e escolhera o melhor terninho na cor bordô, que caía bem no corpo, esguio e de curvas suaves, que se acentuava no tronco devido à cintura fina. Tinha feito um coque nos longos cabelos castanhos e puxara alguns fios para harmonizar com o rosto estreito. Nas pálpebras havia aplicado sombra nos tons terracota, na parte interna e, na externa, escura, de forma a valorizar os

olhos castanhos claros. Nos lábios, preferira um tom nude.

Naquele instante, do fundo do restaurante, enquanto ajudava no caixa, a gerente observava a mesa onde os três conversavam e bebericavam uísque. Eram homens bem afeiçoados e ela conhecia dois deles. Um era Marcel Filares, um advogado negro que mantinha os cabelos curtos, possuía traços proporcionais e dentes perfeitos, era simpático, elegante e educado, sempre que aparecia no estabelecimento procurava conversar e já trocaram ideias sobre alguns assuntos triviais. O outro, Diego Pio, era menos conversador e parecia mais relaxado, ostentava uma barba bem-feita, castanha escura, tinha a pele clara, como a sua, e um olhar obscuro.

Já o cirurgião, que deveria ter em torno dos trinta e cinco anos, era dono de uma cabeleira lisa, cortada em camadas acima da nuca. O nariz era comprido e a pele, dourada. Por meio da blusa azul, percebia os braços musculosos e o peitoral avantajado. O sorriso era escasso, contudo, nos raros instantes em que flexionara os lábios, expunha a dentição alva de caninos proeminentes.



Vicente Max era um homem fechado, que transmitia segurança e estabilidade. Dono de um coração rude, tinha um ponto fraco que fugia do seu controle, desde muito jovem. Ele pensava que, com o tempo, aquilo fosse lhe causar menos interesse. Só que, de maneira contrária, a solidez que o sucesso lhe proporcionara, mais instigava os instintos.

Os amigos, Marcel e Diego, eram os únicos que conheciam desse segredo, apesar de rumores nos hospitais em que operava, ou nos congressos de que participava, tenderem a acusá-lo de práticas exóticas e estranhas. Os amigos sabiam que aquela situação não caía bem para a reputação do neurocirurgião. Marcel e Diego tentavam convencê-lo a tomar uma atitude para arrefecer os boatos.

— ... E desde Luana não consegui me encantar por qualquer mulher — alegava Max.

— Não estamos pedindo para se apaixonar. Apenas precisa arrumar uma namorada para fazer fachada e acalmar a situação, só não pode arrastá-la para seu submundo — sugeria o advogado, Marcel Filares, com quem mantinha uma fazenda em sociedade e era quem resolvia os perrengues burocráticos e contratuais.

— De preferência, uma mulher nem tão nova, nem tão bela, e de poucas relações familiares, que seja fácil lidar e enrolar — completava Diego Pio,

neurocirurgião de sua equipe. A insistência dos amigos, principalmente, de Diego sobre aquele assunto já não era novidade.

Max, como a maioria o chamava, forçou um sorriso, franziu a testa e rapidamente o semblante se fechou como uma tempestade com o olhar perdido entre as mesas. — Preciso me controlar, apenas.

— Já ouvi isso inúmeras vezes. E você mesmo admite que não consegue — alegou Diego. — Faça o que estamos sugerindo, tente, por um tempo, uma união de fechada. Olha, se esses rumores continuarem espalhando... não sei, não.

O olhar de Marcel cruzou com o da moça no caixa, ao longe, fazendo com que ele lhe sorrisse. Max se calou. Sabia que expunha sua intimidade em demasia aos amigos e que chegara numa situação incontrolável. O setor de enfermagem de um dos hospitais fofocava sobre suas predileções, depois de ter engatado um romance com a bela médica, Mércia Arruda. Mesmo pagando pelo silêncio, ela não havia se calado.

Além disso, ainda houve o pequeno acidente com outra moça que fidelizara e tivera que a levar à emergência, certa ocasião. Foram alguns pequenos episódios que se somavam, evoluindo para aquela situação limite. Tinha dinheiro e prestígio, contudo não conseguia manter a vida íntima do jeito que lhe proporcionava prazer. De que adiantava tudo? Restava procurar um psicólogo, só que não faria aquilo, nem abriria mão do lhe fazia sentir-se vivo. E aquilo não era nada pervertido ou estranho. Tratava-se apenas do seu jeito pessoal de fazer sexo com uma mulher.

Marcel fazia sinal para a moça do caixa, que demorou alguns instantes até percebê-lo. — Vamos pedir — decidia ele. Diego fez cara de poucos amigos e Max olhava o cardápio.

Ela se aproximou e os cumprimentou com polidez. De maneira simpática, Marcel a apresentou. Chamava-se Suna, era a gerente do restaurante. Ela sorria de modo afável, era muito magra para seu gosto voluptuoso e dona de feições delicadas que pareciam de uma boneca. Desviou o olhar da mulher. Marcel escolheu ensopado de robalo, ele optava por moqueca de camarão e Diego o seguiu no mesmo prato. Suna perguntou sobre o que desejam beber e saiu de maneira educada.

— Precisa de uma moça como Suna, Max — sugeriu Diego com um tom empolgado.

— Suna, não — protestou Marcel.

— Por que como ela? — questionou a Diego. — E por que ela não? — fitou Marcel.

Diego riu. — Ela é cortês, tem boa aparência. Marcel andou rondando a moça e sempre fora dispensado com elegância. Segundo os garçons, Suna é muito dedicada ao trabalho, mas, fora dele, é uma mosca morta.

Marcel parecia tenso. — Precisa de alguém do tipo dela, como disse Diego, mas não Suna — desconversou o advogado tentando esclarecer-se. — Suna é admirável. Veio do interior, formou-se em Administração e começou no restaurante como *hostess*. Uma moça simples, honesta e lutadora.

— Sabe muito sobre a vida dela... — pilheriou o cirurgião.

Vicente Max observou Suna num momento em que ela se ocupava das tarefas, orientando alguns garçons e depois punha parte do corpo em direção à cozinha. Desviou o olhar e se focou na conversa entre os amigos. Eles beberam até a chegada dos pratos fumegantes. A gerente acompanhou os garçons servirem. De modo disfarçado e discreto, Max aproveitou e analisou o corpo dela. Suna notou e se fez indiferente, retirando-se com elegância. Eles começaram a jantar, saboreando os pratos.

Com Marcel e Diego metendo-se na sua vida íntima, ele expunha uma parcela da própria fragilidade e aquilo não o agradava, mas reconhecia que a estratégia era boa. De repente, ter uma pessoa afável e amiga em casa não seria ruim, ajudaria a preservar a sua imagem e poderia continuar sua insanidade nos submundos secretos do *flat*. Afinal, era um homem de respaldo, respeitado pela precisão das intervenções cirúrgicas que realizava, atuava em grandes hospitais e operava como voluntário num hospital que atendia a pacientes carentes.

Parecia contraditório, logo ele que cuidava de cérebros, tinha o próprio, por segundos, dominado por instintos primitivos. Acreditava que a alma habitava a cabeça do ser humano, onde os traços da personalidade e do caráter se definiam entre as sinapses e o balanceamento bioquímico das substâncias. O equilíbrio de seus hormônios resultava numa composição em que o prazer se atrelava a uma compulsão estranha, que não abria mão.

— Você nutre sentimentos por essa moça? Gosta dela? — perguntou a Marcel no fim da refeição. — Seja sincero, verdadeiro. Como é mesmo o nome dela?

— Não, claro que não. Ela se chama Suna Ferraz. Isso é conversa de Diego. Acho-a educada, simpática e uma boa pessoa.

— Verifique a vida dessa mulher a fundo. Faça um contrato bem amarrado. Quero casar com ela – surpreendia Max. O semblante de Marcel se fechava aturdido.

— Enlouqueceu? – indagou Diego aos risos.

— Não é para tanto!! Esqueça Suna – defendia Marcel. — Suna é pura, cheia de energia positiva. Não tem perfil para ser uma companheira de mentirinha.

— Vocês não estão acreditando? Há quanto tempo falam sobre esse assunto? Ficaram a noite inteira dizendo que preciso arranjar alguém. Concordo. Já está na hora de ter uma mulher. Só que necessito de alguém que não desperte desejos. Suna é uma delas, ela não faz o meu tipo. Não gosto de mulheres de aparência indefesa, como a dela – cruzou os braços sobre a mesa diante da incredulidade do advogado e o ar zombeteiro de Diego. — Marcel, tente um contrato curto, só por um ano. Esse período casado já apaziguaria minha situação – avaliou o neurocirurgião.

As feições de Suna eram singelas e o corpo magro distribuído na estatura mediana não oferecia os atributos que eram gatilhos para seus interesses ardis. Suna era perfeita para posar ao seu lado.

— Max, é o efeito da bebida. Pense melhor, por favor – sugeriu Marcel.

— É Suna, bisbilhoteiros... – rebateu ele e gargalhou.

※※※

Mais um dia em que os clientes saíam satisfeitos sob seu comando. Aquilo era um alívio, até o cirurgião agradecera o atendimento ao partir. Apesar de estar acostumada a lidar com clientes daquele tipo, doutor Vicente Max lhe causou certa apreensão deixando-a um pouco nervosa.

Ainda chovia quando o restaurante fechou na madrugada de sábado. Suna detestava chuva e tinha seus motivos. Caminhava no estacionamento deserto em direção ao carro, empunhando um guarda-chuva quando uma sombra surgiu do nada. Barbudo, vestido com roupas puídas, quase não o reconheceu.

— O que faz aqui? – indagou, respirando com mais calma.

— Tem notícias de Pedro?

Franziu o cenho. — Não, não tenho. Também queria saber sobre eles – desdenhou e notou a expressão perdida do homem.

— Alguém me contou que viu... eh eh... Dante na cidade. Pensei que ele tivesse te procurado – aquilo fez subir um arrepio pela coluna, mas sentia o

bafo ardido de álcool em José Kirin, que poderia estar divagando.

Suna conhecia daquela dor, embora reconhecesse que a de Kirin fosse mais forte. Afinal, o filho, Pedro, havia desaparecido, adquirira fama de homem traído, abandonara os negócios, atirando-se nos vícios, perdendo-se de si mesmo. Consumido, aparentava mais velho do que os quarenta e poucos anos que possuía.

— Por que não retomou sua vida? Volte para São Sebastião – sugeriu ela.

— Estava lá, meu bem, estava lá.

— Precisa ir, Zé Kirin. Não há o que fazer. Eles partiram e já faz mais de sete anos.

— Sete anos, cinco meses e três semanas. Meu Pedro está ficando um rapazinho longe de mim.

As palavras de Kirin lhe cortaram o coração. — Tenho fé que um dia eles irão aparecer e poderá reconstruir seus laços com Pedro.

— Só estou avisando que vou matar Dante.

— Que matar, Kirin! Sujar suas mãos com aquele sangue ruim. Não pense isso, homem.

Assim que o velho Kirin saiu, Suna entrou no carro, sentou no banco, apoiou as mãos e a testa no volante e as recordações vieram. Tentava pará-las, porém as decepções a invadiam sem dó. Lágrimas a desrespeitaram e rolavam revoltas. Enxugou o rosto e engoliu o choro, era uma vencedora, tinha superado Dante, aquele demônio.

Fidelizada

2

Vicente Max havia liderado a equipe que operou um jovem por seis horas. Estava estressado, após a maratona para estancar as hemorragias no lóbulo frontal do paciente, vítima de acidente de carro. Esforçara-se o máximo, mas pela sua experiência caso sobrevivesse, o rapaz ficaria com sequelas e a extensão delas dependeria do pós-operatório.

Tinha conversado com os familiares. Aquele era o momento que menos gostava na profissão, quando não poderia dar uma notícia promissora, o que o fazia sentir-se impotente. Mas o sorriso da mãe entre lágrimas havia sido um alento, pois, ao menos por hora, o filho estava a salvo.

Do hospital foi direto à academia tentar diminuir a tensão. Aparentava segurança, nunca suava frio ou tremia em situações limites, porém a dinâmica entre a vida e a morte e o fato de um paciente sair de sua mesa de cirurgia com sequelas mexiam com ele. Treinou como um cavalo, encharcando de suor a camiseta azul e o short escuro, porque precisava se cansar, baixar a ansiedade, caso contrário teria que ligar para Elisa, a fidelizada. Fitou-se no espelho e gostou do que via, uma imagem fria, alta e forte, com os músculos aparentes, sem exageros. Quando completava a última série no supino, Marcel se aproximou.

— Como foi o dia, mano? – Marcel era um homem sedutor, não se demorava em relacionamentos, nem se envolvia emocionalmente.

— Como sempre, irmão. Conversou com Suna? – tocou no assunto de maneira despretensiosa. Havia até se esquecido desse novo arranjo que planejava para o futuro.

— Ainda não. Ela não é a mulher ideal. Veja Grazi – Marcel fez sinal de modo discreto para a moça que exercitava os glúteos. — Olha que simpatia! Além disso, é uma mulher batalhadora. Está livre.

— Grazi, nem de graça – riram da sonoridade do que havia dito. — É uma alpinista – na academia algumas flertavam com ele, mas não queria aquele tipo de armadilha.

— Seria mais fácil convencê-la a assinar um contrato.

— Quero alguém que saiba o valor do esforço para crescer na vida e não uma capaz de se tornar uma perua – desabafou ao fitar a moça de cabelos muito longos, nádegas bonitas e seios avantajados. — Qual o seu problema com relação a Suna?

— Nenhum – Marcel respondeu introspectivo. — Só acho que ela não merecia, eu...

— Caso tenha interesse nela, não faça a proposta, porra. Só me avisa para pensar em outra. E ainda perdi meu tempo livre essa semana, jantando no Maresia com aquela comida típica enjoativa, ainda tendo que demonstrar simpatia e sorrir para Suna por sua causa... – reclamou e saiu em direção ao vestiário. Marcel fechou os olhos incrédulo.

Depois da ducha fria, enxugou-se e vestiu com calma uma bermuda cargo marrom e uma camiseta branca. Pegou o celular na mochila de treinamento e mandou mensagem para Elisa. Necessitava dos serviços dela urgente e, naquele dia, seria um cara muito mal já que estava faminto e aborrecido. No caminho para o *flat*, onde mantinha os encontros subvertidos, pediu um jantar para ele e a morena de corpo devastador, que o esperava.

Só de pensar em cada centímetro da pele macia da moça já o excitava. Elisa tinha vinte e quatro anos, universitária, de biótipo *mignon*, era dona de uma cabeleira cacheada e o melhor, aguentava seus trancos. Fidelizada por um contrato, recebia uma boa quantia para estar disponível sempre que ele quisesse, nunca poderia contar sobre o neurocirurgião e era obrigada a submeter-se a exames de sangue todo mês e deixar que ele lhe aplicasse injeções anticonceptivas. Max entrou no estacionamento e, do celular, viu as imagens de dentro do *flat*. A fidelizada sabia que estava sendo gravada. Assim funcionava o jogo.

Max entrou no apartamento e Elisa sorria forçosa sentada no sofá, usando apenas um conjunto minúsculo de sutiã e calcinha de renda, na cor cereja, e uma sandália de salto prateada. Caía no antebraço um fino robe transparente.

O médico fechou a porta e fez um leve sinal com dois dedos.

A fidelizada se levantou e girou os calcanhares com suavidade, exibindo os seios siliconados pulando do sutiã e as nádegas volumosas e empinadas. Ele tirou a camisa, desabotoou a bermuda e foi até ela, que teria que o servir e, para seu alívio, conhecia as regras. Era o senhor, imprimia dor se quisesse e ela apenas obedecia. Não costumava dar prazer e só beijava na boca quando se sentia carente.

Tocou e apertou com força os seios, depois desceu as mãos sobre as nádegas puxando-a para próximo de seu membro. Em seguida, empurrou Elisa sobre o sofá e aquele gesto causou certo barulho entre os móveis, mas ela continuava em silêncio e ficou de costas com os braços apoiados no encosto, abrindo as pernas. Livrou-se da cueca e afastou com força a minúscula calcinha, penetrando-a de uma só vez, de forma urgente.

O pênis doía, devido à falta de lubrificação e era assim que gostava. Sentiu que ela gemia calada, sabia que era de dor, mas manteve o ritmo alucinado por algum tempo. Depois, puxou-a pelos cabelos e a fez girar, perdendo a penetração, mas a deixando de frente ao seu sexo. Segurou o rosto da fidelizada e a posicionou para chupá-lo. Controlava-se para não atingir o clímax naquela hora, pois não estava satisfeito. Enrolou o cabelo dela no braço direito e a puxou em direção ao quarto.

— Você é o quê, hein? — indagava com estupidez, como se estivesse brigando com alguém, enquanto a arrastava.

— Sua putinha, sua vagabunda — dizia ela com a voz parca.

Max a empurrou na cama. Mantendo-a de quatro e com os cabelos controlados por seu braço, penetrou-a com brutalidade. Puxou a cabeça dela para trás e começou a lhe morder as costas. Elisa fechava os olhos e ele aumentava o ritmo de modo virulento. Arqueou-se ao redor do corpo da mulher, mantendo a sua boca próximo às costas. Assim que entrou em êxtase, afundou os lábios no ombro e enquanto se deleitava, mergulhava os dentes na pele de Elisa, até sentir o sangue na boca e o longínquo gosto de ferro. Ela urrou como um animal abatido numa caça, num grito sentido e aquilo só aumentava o prazer do médico.

Jogou-se ao lado da moça e fitou o teto por alguns segundos. Quanto mais agressivo era, maior a sensação de peso no coração. O prazer imensurável sempre vinha de mãos dadas com a culpa, como uma bigorna atirada na cabeça. Sentia-se introspectivo e entristecido. Não era um sádico. Fechou os

olhos e, ao abrir, mirou as costas de Elisa que estava em lástima, ferida e com algumas cicatrizes que formavam um mapa. Parecia que olhava o próprio reflexo. Aquelas marcas eram sua imagem, o que representava, o homem primitivo, inconsistente, patético, fugaz, intempestivo e egoísta.

Só havia o que lamentar pelos seus atos mais íntimos, pagava para alguém se submeter à dor, ao que ele exigia, aos seus caprichos. Era por demais leviano, mas aquela força que habitava suas entranhas parecia indomável, como um cavalo selvagem. Respirou fundo com profundo pesar. Precisava cuidar de Elisa, deu tapinhas no bumbum.

— Desculpe-me, Elisa. Desculpe mesmo. Vou fazer um curativo – disse com sinceridade e com o semblante destruído. Ela sabia que a partir daquele momento, teria um pouco de liberdade e poderiam manter uma conversa corriqueira. Max se levantou e apanhou a maleta de medicação.

— Não se desculpe, é meu trabalho, mas está doendo pra caramba – reclamou a moça com um tom distante.

Desinfetou a mordida, analisou se precisava de algum ponto. Havia três perfurações mais fundas e outras marcas recentes. Colocou pomada e fechou a ferida. Então, Elisa se levantou e ele foi interfonar para a portaria e saber se o jantar havia chegado. Retornou para o quarto com as roupas na mão e se mirou no espelho. Viu a ponta da tatuagem, carregava um dragão nas costas. A fidelizada saiu do banheiro vestida e ele entrou. Se soltava chamadas indomáveis, havia arrefecido as labaredas.

Chantagem

3

O tempo de Suna galopava entre os cuidados com o restaurante e as recordações do passado que emergiram com mais força depois da visita do conterrâneo, José Kirin. Nascera em São Sebastião, uma cidadezinha do interior. Ela e Kirin foram as maiores vítimas dos traiçoeiros Dante, que havia sido seu namorado de longas datas na adolescência, e Beatriz, a ex-mulher de Kirin. Dante a traíra das formas mais vis que um homem poderia apunhalar uma mulher. Uma parte daquela história, só ela e sua mãe conheciam. Depois do acontecimento, fugira para capital para sarar a alma.

Havia estudado, trabalhado e se formado, enfrentando as tantas vezes em que o malfadado passado se empenhava em ser um peso no pescoço, tentando afogá-la. Mas nunca permitiu que qualquer transtorno modificasse o ritmo que imprimia aos seus caminhos. Na época, havia decidido que andaria com as próprias pernas, em busca de paz e que não se transformaria num alguém entristecido, rendido às lamentações.

Nesse tempo, nunca lhe coube o papel de vítima e desbravara o próprio destino, mesmo tendo sido ferida. A vida oferecia muitas ilusões. Desse modo, era necessário construir novos abrigos para alma e conquistar trajetórias seguras. Poderia ter a aparência frágil, mas era uma leoa e já tivera provas suficientes sobre sua capacidade de resiliência às intempéries que a desafiavam.

Mas aquilo era apenas um barquinho perdido no oceano de seus dias. Tinha mais no que pensar, como no neurocirurgião, Vicente Max, que marcou presença no Maresia, algumas vezes, durante aquela semana, junto

com o advogado, Marcel Filares. Dona Corina ficara envaidecida visto que o médico aparecia em redes sociais de socialites da cidade.

Doutor Vicente agradava aos olhos de qualquer mulher. Era a visão romântica de um guerreiro nórdico; alto, de estrutura larga, braços fortes, feições másculas e intrigante, além de cabelos castanhos escuros, pincelados por raros fios grisalhos, cortados em camadas. Os olhos escuros pareciam duas gemas azeviche e eram adornados por algumas rugas e linhas do tempo, que começavam a se estabelecer. Embora fosse naturalmente sério e pouco comunicativo, ele se esforçou em parecer simpático no restaurante.

Naquela sexta-feira, trabalharia somente à noite. De manhã cedinho, dedicara-se a suas andanças e corridas pela orla, o que a tinha deixado disposta. Cuidara de Zazá, sua gata de pelagem tigrada, que naquele momento dormia tranquilamente, abraçando as próprias patinhas traseiras, enquanto arrumava a casa. Morava num apartamento de dois quartos, de sala pequena, onde tinha colocado um sofá vinho de dois lugares e uma mesinha amadeirada, além do conjuntinho de mesa e cadeiras.

Suna fazia questão de mantê-lo limpo e em ordem como se estivesse esperando alguém. Só que não existia um alguém, apenas poucas amigas que fizera durante a faculdade, Maya Toledo, a garçonete do Maresia, sua mãe, Fátima Ferraz, que esporadicamente a visitava...

O interfone tocou quando concluía a limpeza da sala. Contraiu o cenho surpresa e foi atender.

— Bom dia, dona Suna, o senhor Dante quer falar com a senhora – gelou. As mãos suavam frio, os olhos estalaram, o coração disparava. — Ele pode subir? – continuava emudecida e em choque. Aquilo só podia ser brincadeira. — Ele pode subir, dona Suna? Dona Suna...

— Confirma o nome outra vez, por favor... – deveria ser engano, acreditou por breves segundos.

— É mesmo Dante, de São Sebastião.

Expirou forçosa. O corpo parecia pesar toneladas, a barriga dava pontadas. — Pode, deixe que suba... – aquilo era realidade. Iria encarar Dante! De repente, arrependeu-se de ter deixado ele subir, mas era tarde.

Foi ao quarto, arrumou os cabelos bagunçados e presos, soltou os fios lisos e longos, trocou os velhos shorts e *cropped* de ficar em casa por um vestido florido de alça e comprimento nos joelhos. A campainha soou e nem deu tempo de trocar as sandálias, disparou para abrir a porta com chinelos de

borracha.

Tocou a maçaneta. Fechou os olhos. Controlou a respiração e esperou alguns segundos até que se aquietasse, mesmo com o som da sineta insistindo em tocar. Assim que se acalmou, destravou a fechadura.

Suna encarou Dante. Ele tinha envelhecido, a pele ressecada do rosto dava a impressão de estar murchando, algumas rugas começavam a se formar próximo aos olhos cor de mel. Os cabelos castanhos claros estavam muito curtos e a barba era rala e descuidada. Vestia jeans e camisa xadrez de manga curta e carregava um envelope na mão.

— Não vai me convidar para entrar? – disse ele e foi passando por ela para o interior do apartamento. — Mora bem, Suna... soube que tem um bom emprego. Parabéns.

— Obrigada – agradeceu e voltou-se para fitá-lo, fechando a porta atrás de si. — Por que me procura?

— Bem, vou ser direto. Sou pai de Rafael e por causa daquela baixaria do passado, não posso voltar a São Sebastião para cuidar dos bens de meus pais... por causa de você, Suna.

Ele era um abusador e só descobrira aquilo em seu ano de terapia. — Você quem causou aquilo tudo, não eu. Fui vítima – defendeu-se e partiu para cima dele com dedo em riste. — Não sou mais a mesma.

— Não vim discutir. Preciso de dinheiro para ajudar no tratamento da doença congênita de Rafael. O remédio é muito caro – ele contou tenso.

— Sinto muito, mas não sei onde me encaixo.

O semblante de Dante aparentou uma noite escura. — Ganha bem, Suna. É jovem, não casou. Sei mais de sua vida do que imagina. Deve ter reservas – ele tirou os papéis do envelope. — Aqui estão fotos daqueles vídeos... – ele jogou os papéis sobre ela, que planaram até o chão. Suna se abalou. Recuou de susto ao mirar aquelas imagens espalhadas ao redor. — Vai querer que os donos do restaurante, os clientes e os moradores de São Sebastião apreciem isso? Por mim, não tenho nada a perder, diferente de você.

Respirou fundo e se recompôs. — É um demônio – acusou ela.

Dante segurou o seu braço e a balançou com violência. — Preciso de duzentos mil para deixá-la em paz – falou grosseiro.

— Solte-me!! – gritou. — Sou apenas empregada, não ganho tão bem assim. Não tenho dez por cento desse dinheiro – rebateu entre os dentes.

Ele a empurrou, fazendo com que ela desequilibrasse e tombasse na

parede, perto do corredor. — Pode levantar o dinheiro no banco.

— Está louco. Saía daqui, não acredito que voltou depois de tanto tempo para me chantagear – entrou em cólera. — Vou te denunciar.

Ele caminhou em direção à saída, abriu a porta e voltou-se sério para ela. — Ligo à noite para o restaurante. Se resolver denunciar, parte daqueles vídeos não vai deixar de ser vista em seu trabalho e pelos moradores de São Sebastião.

Dante bateu a porta. Suna desabou no chão e abraçou as pernas. Paralisou por algum tempo. O choro queria desabar, mas as lágrimas não iriam ajudá-la naquela situação, nem resolver o problema. O dinheiro que ele pedia era uma fortuna e não podia deixar que sua vida fosse destruída. Observou os papéis sem prestar atenção nas imagens, elas eram sua prisão.

Com dificuldade, levantou e o corpo doía. Apanhou as fotos e foi até o lixo na pequena área de serviço, picou-as devagar em pedaços mínimos. Quando terminou, tremia e se sentia anestesiada. Foi até a peça do banheiro do seu quarto pegou dois comprimidos de ansiolítico, engoliu e se jogou na cama. Ficou ali, estática por um longo período até que adormeceu.

Suna despertou com o alarme do celular. Precisava se arrumar para o trabalho. Ela ainda tremia e estava indisposta, mas não poderia faltar. Tomou um banho demorado, lavou os cabelos e o desespero latejava na alma. Pela primeira vez, via-se sem saída. Levantar aquele dinheiro no banco iria fazer com que tivesse que pagar uma alta prestação do empréstimo e já estava comprometida com o financiamento do apartamento. Ficaria na pior por décadas. E se fizesse aquilo nunca teria certeza de que Dante pararia de chantageá-la. E se o ignorasse, aquelas fotos destruiriam sua reputação. Não se preocupava com o que as pessoas pensariam, mas sua carreira desceria ladeira a baixo, perdendo credibilidade e referência, afinal o mercado era muitíssimo disputado.

Vestiu a primeira roupa que apareceu à frente, um conjunto de saia e blusa rosa chá com flores brancas e detalhes verde, pôs um par de sandálias verde floresta de salto médio, penteou os cabelos para trás, para que se secassem de modo natural. Seu reflexo foi o pior possível, estava visivelmente abalada. Passou uma base, delineou os olhos e usou um batom cereja para disfarçar. Na saída, repôs a comida de Zazá e seguiu para o trabalho.

Chegou ao Maresia um pouco atrasada, desculpou-se com um dos supervisores que a substituíra nas folgas, Adalton. Ele lhe comunicou sobre

pendências, reservas e a situação dos funcionários. Ao passarem o *checklist*, percebeu que as atividades estavam encaminhadas dentro da normalidade. As horas foram passando, vagarosamente, ao tempo que andava de um lado a outro.

Eram vinte e uma horas e aguardava que alguém avisasse sobre a ligação de Dante no telefone principal do Maresia, mas aquilo não tinha ocorrido ainda, porém Maya a alertou que Marcel Filares a chamava numa das mesas mais isoladas do restaurante. Resolveu uma última pendência e foi até ele, que estava sem a companhia do neurocirurgião, Vicente Max. Elegante, Marcel vestia uma camisa polo branca, que contrastava com a pele, deixando à mostra os braços trabalhados na academia. Ele a observava com um doce olhar.

— Boa noite, Marcel. Tudo bem? – ofereceu um dos melhores sorrisos que era capaz de dar naquelas circunstâncias.

— Está muito bonita, Suna. Pode me ceder agora uns cinco minutinhos? Caso contrário, espero até que fique livre.

Fez sinal afirmativo. Questionava-se sobre o que ele poderia querer tratar com ela. Marcel se levantou e puxou uma cadeira em frente à dele. Por segundos, impressionou-se com o galanteio e sentou agradecendo.

— Suna, é o seguinte, te conheço pouco, mas o suficiente para saber que é uma garota bacana – começou o advogado. — Gosto de você de graça.

— Ah... muito obrigada – ficou meio resabiada. Não era o primeiro e nem o último cliente que a sondava daquela forma. Em outras ocasiões, Marcel já iniciara conversas, querendo adentrar em assuntos sobre sua vida privada.

— Só que hoje quero conversar sobre um negócio. Tenho uma proposta estranha, e, ao mesmo tempo, muito digna e tentadora – continuou ele, com os antebraços sobre a mesa onde bebericava uma cerveja. Ela sobressaltou-se. — Frequento aqui há algum tempo, sei de suas qualidades. Os funcionários que gerencia são só elogios ao seu caráter, como os proprietários do Maresia também – a gerente passou a imaginar que ele fosse fazer alguma proposta de emprego. — Quero lhe propor um contrato de um ano, no valor de quatrocentos mil reais, líquidos e livres para você – ela parou de respirar por alguns segundos para digerir aquela oferta. O coração acelerou. — Os termos do contrato que têm a cumprir são esquisitos, mas decentes... Posso falar? – ele a fitou nos olhos.

— É claro – respondia apreensiva.

— O ano de vigência do contrato você passaria casada com um homem – Suna arregalou os olhos, pois escutava a maior insanidade de todos os tempos. Começou a balbuciar algo, mas Marcel a cortou. — É uma união sem nenhum contato íntimo, não se preocupe. É fachada mesmo e é só por um ano. Vocês casariam e dividiram o mesmo teto, cada um em seu quarto, com sua individualidade – a gerente tentou interrompê-lo outra vez. — Por favor, ouça primeiro – pedia o advogado. — O contrato é de obrigações e direitos e caso alguma cláusula seja desrespeitada, a multa para a contratante seria absurda. Vou te passar a minuta do contrato para que leia e adicione seus termos...

— Isso é ridiculamente doido! – incrédula, tentava imaginar que armação estaria por trás daquela surrealidade.

— Suna, ligação para você – Maya tinha se aproximado sem que percebesse. — Um senhor chamado Dante – apenas abriu a boca meio abalada e olhou para o aparelho na mão da garçonete, tentando organizar o turbilhão de pensamentos.

Submissão

4

No decorrer da manhã de sábado, Vicente Max lera a mensagem de Marcel, informando que Suna havia aceitado fazer parte do casamento de fachada. Ela só saberia que o contratante era o neurocirurgião quando finalizasse o acordo. Aquela notícia positiva o havia deixado curioso. Seria aquela decisão drástica a mais acertada? E se Suna fosse um embuste? Ao menos, o contrato delineado por Marcel deixava a pessoa obrigada a se comportar de forma adequada. De todo modo, tinha seus receios.

Trabalhara duro pela manhã, visitando pacientes em dois hospitais. O jovem de dezenove anos, que havia operado, mantinha-se estável, com o inchaço encefálico, começando a diminuir. Tinha ido ao Hospital Santo Antonio, onde operava gratuitamente, e agendado uma cirurgia para o sábado seguinte. Iria extirpar um tumor na medula que impedia que a mulher andasse. Com a intervenção, as chances de recuperar os movimentos eram grandes.

O seu trabalho era a mais importante engrenagem que o movia. Pegou seu SUV preto, após sair do hospital, e foi direto almoçar com Marcel e Diego. Iria conhecer mais detalhes sobre o acerto de Marcel com a gerente de restaurante. A possibilidade de concretização daquele casamento fajuto o deixava em dúvida. Uma coisa era planejar, outra, a realização. Já pagava para ter o prazer do jeito que desejava e, também, iria pagar para fingir ter uma família. No que estava se transformando? Naquele tipo de homem canalha e consumido pelo poder? Ele não era daquele jeito, não era um cara mal caráter.

Marcaram na churrascaria. O sol convidava à praia, naquele dia. Pegou algum trânsito e chegou ao Na Brasa por volta das treze horas. A *hostess* o recebeu oferecendo os olhos verdes e a simpatia, podendo ser algo a mais, porém foi indiferente. Atravessou o ambiente em direção aos amigos.

— E aí feras – Max cumprimentou Marcel e Diego do jeito brincalhão que estavam acostumados, tocando o braço estirado de um sobre o do outro. Tirou os óculos de sol e se acomodou.

— Bem, cara. Esperamos que esteja satisfeito – comentou Diego.

Max sentou e começou as rodadas de cupim, picanha e carne do sol. — Normal – respondeu, querendo dar um tempo para entrar no assunto sobre Suna.

— É bom se alegrar, Mércia veio saber de mim se tinha alguma prova sobre suas perversões, porque quer processá-lo. É claro que não sei nada sobre suas tendências vampirescas – adiantou Diego.

Max parou para escutá-lo e balançou a cabeça aborrecido. — Mércia já tinha abordado Dulce em busca de testemunho – constatava. Dulce era sua governanta, uma pessoa em quem confiava bastante.

— Ela assinou um contrato de prestação de serviços médicos em troca do silêncio. Ela quer mais dinheiro. Ignorem-na – orientou Marcel. — Vou abordá-la.

— Não precisa. Ela anda fofocando e não posso provar nada. Li indiretas dela, muito sutis, num grupo do aplicativo de mensagens – confidenciava Max com desgosto. — Mércia está detonando minha reputação. Não devia ter pagado nada àquela víbora mal-amada – desabafou Max. — E Suna?

— Leu o contrato e pediu algumas modificações – disse Marcel. — Ela pensa que o contratante é homossexual.

Max riu. — Diga que sou *gay*, talvez se sinta mais segura. Quais as modificações?

— Terá que aceitar a gatinha dela, Zazá e, para isso, irá colocar rede de proteção para a bichana em seu apartamento... – explicava o advogado e Diego o atrapalhou caindo na risada e esse acabou rendendo-se à graça. Só Max não achou interessante.

— Imagina, doutor Max cuidando de Zazá, a gatinha. Fico imaginando o pessoal do hospital sabendo disso – ralhava Diego.

— Faz parte, mas o mais estranho foi outra coisa – Marcel tentava amenizar diante do semblante irritado do neurocirurgião. — Suna quer cem

mil reais ao assinar o contrato e mais cem mil logo após casamento – contou Marcel.

— Não, nada disso – discordava Max. — Os cem mil iniciais constavam na proposta, mas não posso ceder cinquenta por cento do contrato logo no início. Deposito os trezentos mil numa conta-poupança em nome dela, mas só poderá resgatar no fim do contrato.

— Não concordo. Agora é sério. Se ela pede dinheiro é porque deve estar com alguma pendência financeira e é essa necessidade que a está fazendo aceitar ficar um ano integrando esse teatro – expôs Diego.

— É isso, concordo. Sugiro que ceda cem mil na assinatura do contrato e mais cem mil com seis meses de vigência do contrato – propôs Marcel.

Max expirou zangado. — Está bem – concordava com o advogado.

— E o noivado? Os preparativos do casamento, quem vai cuidar? – quis saber Diego.

— Contrate alguém, Marcel, por favor, não quero me envolver nisso. Esse circo, ao menos, precisa ser o mais discreto possível.

— Tem mais. Ela não deixará de trabalhar – comunicou Marcel e Max levantou os ombros.

— Suna terá que dar uns beijinhos em doutor Vicente Max na frente dos outros, avisou? – lembrou-se Diego com tom de empolgação.

— Está no contrato, como também dividir o quarto em caso de viagens – advertiu Marcel. — Terá de se segurar, a multa prevista é o dobro ...

— Não vou tocá-la e nem pretendo viajar com ela – garantiu Max com desdém. — Suna é uma interesseira. Esse adiantamento pedido já é um indício ruim quanto ao seu caráter. O que descobriu sobre a vida dela? – Max questionou Marcel, já com repulsa daquela situação.

— Vem de uma família simples, morava com a avó, aposentada e doente, e a mãe, que é professora. Teve um namoro tumultuado na adolescência. Aos vinte anos, veio para cá e logo começou a trabalhar e estudar. Quase não visita os parentes no interior. O único hobby público é correr cedo na orla durante as manhãs. Ainda vai completar vinte e oito anos, comprou um apartamento financiado que leva uma boa quantia de seu salário. Talvez esse adiantamento seja para pagar parte do financiamento.

Aquela conversa o aborreceu. Procurou logo um motivo para mudar de assunto. Quando saiu do restaurante, eram quase quinze horas. Foi no seu apartamento, situado num bairro nobre, que ocupava o andar inteiro, tinha

vista para a baía, gabinete e três quartos com suítes, que não dividia com ninguém, nem com um rato. Trocou a calça por uma bermuda de banho, apanhou a mochila de praia e o capacete e partiu.

Foi até o farol, deixou uma grana com o segurança que conhecia, para ele tomar conta de suas coisas. Entrou no mar, nadou por algum tempo, deixando aquela sensação de calma e harmonia proporcionada pela água o envolver. Depois, sentou-se na areia, para o sol secar o corpo. Observou a imensidão do oceano e as pessoas passando de um lado a outro, as paqueras, as famílias.

Sua alma parecia de um velho. No mundo das liberdades cada vez mais estabelecidas, dos direitos igualitários, da diversidade, Max se sentia esmaecido, opaco e, de algum modo, desamparado. Havia sido bem-criado, teve acesso a muitos privilégios. Vinha de uma família paulista abastada. Nunca se dedicou aos negócios familiares e conquistou o próprio espaço, buscando curar os pacientes, através do entendimento dos mecanismos e alavancas que moviam o corpo humano.

Devido à pressão do irmão mais velho e da mãe sobre suas escolhas, logo que concluíra a especialização nos Estados Unidos, estabelecera-se em Salvador, bem que poderia ter sido em qualquer cidade, porque não se encaixava em nenhum lugar. Era um atormentado, uma peça de um quebra-cabeças que não encontrava outra para se atrelar.

Luana, a brasileira que conhecera entre os estadunidenses, tinha sido a única mulher que o fez acreditar na possibilidade de ser um homem normal, casar e ter filhos. Tinha sido trocado por um americano, piloto de avião, veterano de guerra, com quem ela havia casado, tido dois filhos e se separado há uns dois anos.

Assim que soubera do divórcio, fora atrás de Luana testar o coração. Ficaram juntos, mas não conseguiram ajustar-se, embora ela soubesse lidar com suas compulsões e desejos levianos, além de o satisfizer da melhor maneira possível. É que Luana era uma submissa, acostumada com relações sadomasoquistas. Porém, o médico acreditava piamente que nunca pertencera ao universo BDSM (Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo). Não se sentia um sádico.

Max refletia se não seria melhor assumir Luana a ter que se subjugar a um casamento com uma mulher desconhecida. Com Luana, viveria algo mais verdadeiro e poria fim à fidelização de mulheres, como fazia com Elisa. Por outro lado, Luana não era do tipo que se acostumaria com uma vida linear

como a que levava e sua profissão exigia. Ela tinha a natureza impulsiva e poderia trocá-lo outra vez. Além do mais, não gostaria de atravessar aquele labirinto escuro de abalos emocionais e de passionalidade. Enfim, não nascera para amar.

Retornou para buscar os pertences, agradeceu ao segurança, vestiu a camisa, pegou o celular e mandou mensagem para Elisa. Escreveu: "vestida". Era um código, o encontro seria moderado. Foi pilotando devagar até o *flat*. Quando chegou, Elisa ainda não estava lá. Tomou uma ducha, trocou de roupa, conectou na *playlist* do celular, e começou com Ed Sheeran, *Perfect*.

Algun tempo depois, Elisa abriu a porta, entrando em silêncio em direção a Max, que ficou de pé e a puxou contra seu corpo, começando a dançar. A fidelizada foi acompanhando. Ele beijou o pescoço e a boca dela, empurrou a língua entre os lábios e sentiu que ela reagia de modo protocolar. Devia odiá-lo.

Então, levou-a ao quarto e a pediu que tirasse a roupa enquanto se livrava das suas e pegava o anel soqueira com duas pontas. Beijou e mordeu levemente os seios e apertou o sexo dela com a boca, sugando-a. Ela gemia baixo. Pouco importava se fingia ou se deliciava. Gostava do cheiro daquela intimidade, do gosto alcalino e salgadinho de Elisa. Após sentir na língua o entumecimento da carne lisa na vulva, que a deixava molhada e a fez soltar gemidos, exigiu que ela o correspondesse.

Sentou na cama e pôs a fidelizada de joelhos no chão; segurou-lhe a cabeça, empurrando-a para que o satisfizesse no melhor ritmo. Deleitou-se com as sensações que vinham do centro do mundo entre suas pernas e se espalhavam pelo corpo. Passou o anel na parte interna do braço e fez surgir duas pequenas linhas de sangue, então, lambeu aquela pele macia e sanguinolenta enquanto entrava no ápice do prazer.

Contrato

5

O movimento no Maresia havia sido intenso no dia anterior e Suna passara o expediente desconcentrada com o trabalho, confusa e com enxaqueca. Naquela segunda-feira, dia de folga, estava indo ao escritório de Marcel Filares assinar o contrato. Ela se sentia como um animal indo para o matadouro, como se estivesse fazendo parte de um episódio surreal e obscuro da série *Black Mirror*, porque ter aceitado aquela proposta tinha sido a decisão mais insana que tomara em sua existência, porém tentava convencer-se de que aquela loucura acontecia na hora certa.

Havia um grande motivo para fazer parte daquele teatro, precisava calar Dante. Existia uma chance real dele continuar a chantageá-la e tinha pânico de que isso acontecesse, mas precisava tentar freá-lo. Já imaginava que passaria os dias vindouros com medo daquelas imagens virem à tona, envergonhando sua mãe e avó, dona Bené, que sofrera um derrame um mês após os episódios entre a vizinha Beatriz e Dante virarem manchete em São Sebastião. A avó nem soubera dos vídeos e, ainda assim, alegara que a família Ferraz tinha sido humilhada. Já carregava a culpa pelo seu estado de saúde, não precisava de outro peso nas costas e na alma.

Naquele instante, entrou no estacionamento próximo ao prédio empresarial onde era o escritório do advogado. O coração acelerava. Desconhecia o parceiro de jornada naquela empreitada louca, mas ao ler o contrato sentiu uma lasquinha de segurança, pois era bem amarrado e deixava claro seus deveres e direitos. Era óbvio, seja quem fosse que necessitasse contratá-la como esposa de fachada deveria ter um grande motivo para fazer aquilo, pois

caso ele desejasse uma mulher para prazeres furtivos ou para chamar de sua, iria conquistá-la pelas vias normais e não desembolsando aquela quantia. Enfim, esperava conhecê-lo naquele momento.

Checou a roupa, escolhera um terninho cinza risca de giz. Era importante dar um tom de negócio àquela situação e essa seria sua postura. Entrou no prédio, apertou o andar e quanto mais o elevador subia, receava que as pessoas ao redor pudessem escutar o tamborilar do seu coração. A sensação de apreensão e terror queria dominar os sentidos. Controlava-se. Caminhou pelo corredor e entrou na sala do advogado. Apresentou-se à secretária e aguardou. Observou a decoração fina e de bom gosto.

Esperou por uns quinze minutos até que algumas pessoas saíram da sala e, então, foi chamada. Levantou e as pernas bambearam, mas seguiu ao encontro de Marcel e o fitou com o ar seguro e compenetrado embora estivesse em frangalhos por dentro.

— Por favor, sente-se Suna – Marcel a cumprimentou com um leve apertar de mãos e apenas ofereceu um meio sorriso. A poltrona era confortável e a sala, aconchegante e bem planejada, como a recepção. — Preparada? – disse ele com entusiasmo. Naquele dia, um terno cinza ressaltava a pele negra de Marcel, tornando-o ainda mais elegante, com um rosto emoldurado por um sorriso cativante.

— Espero estarmos firmando um acordo digno. Bom, não está escrito no contrato que tenha que confessar os motivos que me levaram a aceitar esse negócio – falou e no final deixou transparecer insegurança.

— Não, em absoluto. Não precisa revelar. As cláusulas lhe dão segurança.

— Confesso que sim. Os termos são claros em minhas obrigações e deveres. Espero ser respeitada – desabafou.

— E será. Qualquer situação desagradável, fale comigo – o tempo inteiro, Marcel demonstrava estar do seu lado, mas não sabia se era uma atitude sincera ou por ele ser um bom advogado. — Preciso que leia as cláusulas outra vez, com as alterações sugeridas por você – ele estendeu as seis páginas e começou a conferi-las. Demorou um pouco até chegar à última folha onde estavam as condições de pagamento.

— Os depósitos não serão como pedi?

— Suna, pede cinquenta por cento adiantados. Se fosse o contratante, você aceitaria isso? – ficou muda. Não teria os duzentos mil de Dante. — Saiba que o contratante tem muitos receios também.

Respirou entristecida, controlando-se para a decepção não ser tão óbvia. — Afinal quem é? – mudava de assunto.

— Infelizmente, ele está atrasado. É um cara muito íntegro, garanto.

— Ele me conhece?

— Verá. Por favor, me dê os documentos originais conforme havia pedido – entregou os mesmos documentos que já tinha encaminhado por meio digital; comprovante de residência, carteira de trabalho, identidade, passaporte e dados bancários. Marcel conferia os dados no documento. — Suna, nunca conduza esse negócio para o lado pessoal. Essa é a grande chave, trate todas as situações como se fossem seu trabalho no Maresia.

— Não pensei que fosse diferente.

Marcel verificou uma mensagem no celular. — Ele já está chegando.

As pernas estavam bambas. Seria um velho? Ou um homem feio e rabugento? Teria um ano que seria um poço de tolerância e uma atriz. A maçaneta mexeu e ele entrou. Não acreditava. *Deus, meu! Por que isso?* Tremia sem conseguir controlar-se. Tinha esperanças que estivesse conseguindo disfarçar. Ele vestia uma camisa social azul clara, com as mangas dobradas e uma calça de sarja escura, a barba crescia e foi incapaz de lhe dirigir um sorriso. O neurocirurgião Vicente Max estendeu a mão e Suna tratou de ficar em pé, correspondendo a saudação, lutando para se manter calma.

— Desculpe o atraso – ele a fitou rapidamente e depois a Marcel. — Preciso voltar para a clínica, tenho pacientes me esperando – Max se acomodou na poltrona ao lado de Suna.

— Estou acabando aqui e poderão assinar. A representante da casa de eventos está aí.

— Não quero tratar disso. Suna poderá resolver – o neurocirurgião lhe lançou um olhar mínimo. — Surpresa, Suna? – perguntou ele.

— Não. Fui contratada para um serviço e vou prestá-lo da melhor forma possível, doutor Vicente Max – empenhava-se em assumir o seu posto de empregada de luxo.

— Não me chame de doutor. Apenas Vicente ou Max, como preferir.

— Tudo bem – deu um sorriso amarelo.

Marcel limpou a garganta. — Bem, como sabem, como consta nas cláusulas, ninguém pode saber desse acordo, que nunca deve ser mencionado. Podem assinar e boa sorte a ambos – disse ele. Educadamente, Max fez um

gesto para que assinasse primeiro, depois foi a vez dele. E, em seguida, ele se levantou.

— Espere um pouco, Max – pediu Marcel olhando-a atravessado, como se fizesse sinal para ele.

— Suna, é... bem, vou mandar colocar a rede de proteção para seu gato. Obrigado por me ajudar – falou Max e Marcel revirou os olhos.

— É uma gata. Ótimo, conforme o contato – corrigiu ela. Ele fez um sinal afirmativo, saudou-a de novo e saiu.

— A prioridade da vida dele é o trabalho. Agora você precisa acertar com a profissional de eventos sobre o casamento, que na verdade é um contrato de união estável a ser comemorado – Marcel falava visivelmente constrangido.

— Max faz questão que aconteça o mais rápido possível e que seja algo discreto.

— Marcel, esse não é meu casamento, é uma farsa. Posso conversar por educação com a pessoa, mas pelo que entendi, no acordo que firmamos, eu tenho apenas que comparecer ao evento – ela arregalou os olhos.

— Tem razão, mas te peço, por favor, receba a profissional. Eu não conseguiria resolver esses detalhes – pedia Marcel.

Conversou com a profissional, forjando a primeira versão de sua personagem, a noiva. Descobriu que era uma empresa que, além do evento, também providenciava convites, o aluguel das roupas dos noivos, o dia da noiva, bolos, bufê, flores e tudo mais que fosse necessário. Escolheu o modelo do convite pelo que fosse mais rápido para confeccionar. Pelas fotos, decidiu por um bolo simples. Quanto às flores, optou pelas que a entrega fosse mais rápida, rosas brancas e amarelas. A empresa ficou de enviar provas dos pratos, doces e salgados para sua casa. Ficaria numa saia-justa por não privilegiar o bufê do trabalho, mas nada falaria, para não pensarem que já estava agindo conforme seus interesses. Inquieto, Marcel tinha saído e voltado da sala. Agradeceu à senhora, que foi embora.

— Marcel, por favor, doutor Vicente Max precisa fazer a lista dos convidados.

— Precisa acertar isso direto com ele, estou enviando o contato de Max, não doutor Vicente Max. Ele será seu marido e, como falei antes, precisa ser convincente – ele entregou uma cópia do contrato. — Agora é com vocês dois, mas se imponha. Não aceite ou faça nada além do definido em contrato para garantir seus direitos. E qualquer dúvida ou situação que te desagrade

estarei do seu lado, Suna. Pode contar comigo. Max não é um homem ruim, é rude, mas dentro do tolerável. Quando se sentir só ou aborrecida, me ligue, vou lá na casa dele e a gente conversa.

Agradeceu e saiu da sala, percebia que Marcel estava tenso e buscava brechas para se aproximar. Desceu o elevador aliviada, afinal não iria se fingir de esposa de um ogro, apesar de ter notado que Max, de algum modo, deveria ser um homem difícil de lidar. O neurocirurgião também passava a impressão de ser ausente e indiferente, o que não era ruim para a proposta do contrato. Afinal, só precisariam fingir que eram um casal na presença de estranhos e fora do convívio de casa.

Ao menos, já teria metade do dinheiro pedido por Dante em sua conta em setenta e duas horas, o que era reconfortante. Quando falou com ele sexta-feira, havia pedido até quarta-feira para ter uma posição.

Casamento

6

Passaram-se três semanas desde que firmaram o acordo. E, naquele sábado, fim de tarde, Suna seguia com o motorista para o casamento. Quer dizer, a festa de comemoração do contrato de união estável, que tinha valor semelhante a um matrimônio sem divisão de bens, e direito à bênção de pastor. Ela havia enfrentado dias corridos. Fizera o depósito para Dante e se comprometera com o restante do dinheiro em seis meses. Ele havia resmungado, mas não a procurara mais. Sentiu que sua paz duraria até aquela quantia se esgotar.

Em poucas ocasiões, conversara com Max, sendo a maioria delas através do aplicativo de mensagens e os diálogos giravam em torno da única preocupação dele, a extensa lista de convidados. Já a sua, a pedido do neurocirurgião, incluía apenas a mãe e a avó, que não pôde vir, além de amigos do Maresia. Percebeu que ali, entre as pessoas convidadas, estavam as que ele precisava provar que estava constituindo uma família. Não conseguia imaginar que fato tão forte poderia levá-lo àquela atitude extrema e concluía que estivesse escondendo a sexualidade, contudo, nunca poderia perguntar por aquilo.

O mais difícil havia sido enfrentar a surpresa das pessoas. Sua mãe, Fátima, perguntara se estava grávida; pobre mãe, tão cheia de alegria. Os colegas de trabalho e os proprietários do Maresia, dona Corina e senhor Carlo, a censuraram pela falta de confiança neles em não contar sobre o hipotético namoro. Maya a fizera dezenas de perguntas, o que a havia deixado nervosa. A amiga a rodeara de indagações e suposições sobre o tal

namoro relâmpago, que nunca tinha acontecido. Acabara por inventar que nada tinha revelado por superstição e por receio de alguém pensar que se envolvia com o médico por interesse. Sofria por mentir para as poucas pessoas em quem confiava. E para sustentar a mentira do casamento, havia contado outras tantas mentiras. E seguira naquela louca maratona de invencionices.

Conhecera a mãe de Max, a viúva Maria Alice Maximo, que a tinha tratado com desdém no primeiro encontro, mas, naquele dia, a sogra de mentirinha se esforçava para demonstrar simpatia. Enquanto se arrumava, Maria Alice a presenteara com uma joia da família, um brinco em forma de duas gotas, em ouro branco, cravejado de brilhantes, dissera que era para dar sorte. A mãe de Max era uma mulher em torno dos sessenta e poucos anos, elegante, magra e de seios empinados, pele de pêsego e cabelos loiros tingidos, provavelmente, nos melhores salões de São Paulo.

Mesmo com as agruras e desafios que enfrentaria, uma pontada de alegria florescia no coração da noiva, naquele instante, o que soava estranho. Ela atribuía aquilo ao fato de se sentir bonita. A maquiagem parecia de artista de televisão, escolhida entre os tons da paleta pastel, de forma a valorizar sua pele. O cabelo estava preso num coque trançado, adornado por um fio de pérolas. Escolhera um vestido longo branco, frente única, gola alta, marcando a cintura com finas pregas verticais, e com um pouco de roda na saia. As unhas foram feitas de modo impecável, num tom claro, e adornavam as mãos que carregavam o buquê de flores campestres brancas e amarelas. De repente, o carro parou. Era a hora de estrelar o ano de mentiras.



A pianista começou a dedilhar a música *A Thousand Years*, era o sinal que Suna iria entrar. O neurocirurgião, Vicente Max, colocou-se em frente ao pastor convidado a dar a bênção e da mestre de cerimônia, que estava com o contrato de casamento. Atrás dele, posicionaram-se sua mãe, o irmão, João Paulo e a esposa, Isabela. Ao redor, os convidados ficavam de pé para vê-lo casar, principalmente, os que inundavam os corredores dos hospitais e grupos de redes sociais com conversas inapropriadas sobre sua vida sexual. O motivo principal que o levou a forjar um casamento se encontrava nas primeiras fileiras, ali diante de seus olhos, Mércia Arruda, a médica que havia se relacionado por quase um ano, cuja língua não parava de expelir veneno.

Ao longe vinha Suna sob os reflexos do *flash* do fotógrafo, atravessando

um caminho florido. Tudo do casamento tinha sido sugerido por ela; os presentes seriam doações a instituições de caridade e, inclusive, o terno cinza claro com colete e camisa branca, que o médico usava, também havia sido escolhido pela gerente. Max bateu a mão no bolso da calça para conferir se o par de alianças, comprado naquele dia, estava lá, um dos itens sob sua responsabilidade. Também havia se barbeado e cortado as camadas do cabelo para aquele dia estúpido, mas essencial para resguardar a sua reputação que estava sendo consumida por fofoqueiros da pior espécie.

Suna se aproximou, surpreendendo Max. "Linda", pensou ele ao vê-la a poucos passos, sozinha, carregando um buquê nas mãos. Os olhos de Suna resplandeciam em sua direção, o sorriso era o mais cativante possível. Ele segurou a mão da noiva, beijou-lhe a testa, sentiu o cheiro de Suna e ficou excitado. Repreendeu-se por aquilo e voltaram-se para o pastor. Teve uma sensação estranha, como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Hoje é um dia especial, o dia escolhido pelo jovem casal Vicente Maximo e Suna Ferraz para celebrar o amor perante seus familiares e amigos. Abençoo essa união lembrando da passagem bíblica dos Coríntios: "O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Enfim, meus amigos, o amor, é aquele que a tudo supera. Não importa as circunstâncias, acrescento. O amor verdadeiro não é fugaz. É duradouro e resistente como um diamante, imponente como uma montanha, resiliente como o aço, absorvendo os dissabores. É também flexível como as águas, adaptando-se aos caminhos vindouros. Muitos falam de amor, nos tempos atuais, mas poucos o praticam em sua plenitude. Viver o amor é respeito, lealdade...

Max não conseguia mais atentar à pregação do pastor. Rapidamente, observou Suna e admirou aquela beleza. Refletiu sobre o quanto ela parecia frágil e angelical. Era uma porcelana, com o corpo longo, mesmo não sendo alta, cintura fina, seios pequenos, ancas marcantes, pele lisa e limpa. Nunca desejaria aquele biótipo de mulher para suas aventuras, porque tinha impressão que poderia quebrá-la.

Para o neurocirurgião, o amor transitava no mundo animalesco, que o levava ao gozo, lado a lado ao desejo momentâneo de ferir e saborear o gosto profano e sangrento da mulher. Amor, como o pastor pregava, era hipocrisia,

palavras e sons ditos, em seguida, descartados. A realidade tinha cores cruas, linhas duras e transversais. Após o sexo, sobrevivia a amizade entre o casal e viver aquele fingimento idealizado, linear, pouco sustentável e passionai não era mais o que desejava. O pastor terminou a bênção e a mente do médico voava.

— ... Abençoada seja essa união e que um dia seja testemunhada aos olhos de Deus, como manda as escrituras, entre marido e mulher – alfinetou o pastor que olhou para Max, por alguns segundos. — As alianças – o piano avançava nas notas em "De Janeiro a Janeiro", composição de Roberta Campos.

Ele havia esquecido do momento. Escutou os risos dos convidados. Max ficou um pouco trêmulo. Pegou a caixinha no bolso e a abriu. Suna estendeu a mão e ele enfiou a aliança menor. Então, graciosamente, ela apanhou a maior e a colocou em seu dedo. Agora era o beijo, precisava ser convincente. Aproximou-se de Suna e seus lábios sobrepuseram os dela, sentiu-os macios e convidativos. Puxou-a para perto do seu corpo, que ardia de um desejo a ser ceifado, manteve-a colada com uma leve pressão no dorso aveludado e nu enquanto o cheiro doce daquela pele invadia as narinas. Ouviu gritos e assobios. "Finalmente", "o solteirão casou" foram algumas frases que saíram abafadas ao longe. Afrouxou a pressão nos lábios e manteve Suna ao seu lado sem ter coragem de lhe fitar os olhos.

O pastor se afastou e a mestre de cerimônia tomou o microfone. — Vamos aos documentos, lindo casal.

Dirigiram-se à mesa ao lado do nicho em que aconteceu a bênção. Assinaram as folhas de papel. Marcel e a namorada Agnes, além de Maya e Adalton, colegas de trabalho de Suna, foram as testemunhas. Em seguida, começaram a receber os cumprimentos dos familiares e amigos. A sua mãe, Maria Alice, e a de Suna, dona Fátima, uma simples e articulada jovem senhora, com quem a filha fisicamente se parecia, estavam visivelmente emocionadas, o que causou certa pontada de culpa por estar enganando pessoas inofensivas, para iludir as que desprezava.

Enquanto recebiam os cumprimentos, a pianista continuou tocando e estava previsto um *pocket show*. Quando os abraços foram rareando, a mestre de cerimônia os convidou para cortar o bolo branco com detalhes amarelos de três andares. Com respeito, colocou as mãos sobre as de Suna. Vieram mais *flashes* sobre eles e foram cumprindo mais aquele ritual. Já nem sabia qual

seria o próximo passo. O fotógrafo pediu que passasse as mãos ao redor da noiva, queria mais fotos. E então, fizeram algumas poses a serem eternizadas. Mais uma vez a beijou de maneira suave e gostou daquilo. Confuso, Max pediu para que o profissional fotografasse os convidados. Afastou-se um pouco de Suna e observou a mão. Havia uma aliança real. Quão longe havia ido para resguardar caprichos furtivos!



O coração de Suna era um tambor desafinado, tocando músicas que só ela conseguia decifrar a letra. Lidar com pessoas e se expor não eram problemas, mas ficar à mercê do contato físico de Max, um estranho que mal lhe dera atenção até aquele momento, era extremamente esquisito e constrangedor. Enfrentaria certa frustração em conviver com ele, pois o médico era atraente e ela não poderia dar asas à ilusão. Envergonhara-se por tê-lo beijado. E o pior, até que havia gostado. Mas se mantinha sob as rédeas da razão, mesmo estando um pouco nervosa. Ele também parecia sentir-se incomodado, quase de maneira grosseira, ordenou ao fotógrafo que fosse tirar outras fotos.

Sua mãe, coitada, era um poço de alegria e a culpa por a estar enganando parecia toneladas acima da cabeça. Concluiu que os anos passaram e continuava a desapontá-la. Era provável que um dia fosse necessário contar sobre aquela farsa e ela se decepcionaria.

Avistou a amiga Maya, linda num vestido longuete vermelho, que valorizada o tom amendoado da pele e suas infinitas tatuagens. Ela veio em sua direção com o supervisor do Maresia, Adalton, além de senhor Carlo e dona Corina.

— Está linda, Suna – elogiou Maya e a agradeceu.

— Você também, May. Está deslumbrante...

— Outro abraço para dar sorte – agradou-a dona Corina, abraçando-a. Recebia novos cumprimentos de Adalton, que tinha a mesma idade que ela, e de senhor Carlo.

— A cerimônia está bonita, Suna – comentou dona Corina.

— Ainda bem que deu tempo – acrescentou um pouco constrangida.

O casamento acontecia num espaço circular. Havia cadeiras forradas de cetim branco ao centro e, ao redor delas, mesas tinham sido dispostas. Para que chegasse ao nicho, ornado com ramos e rosas amarelas e brancas, onde o pastor realizara a pregação, a organização deixou um caminho margeado por *totens* floridos. Ainda havia outro ambiente em que seria servido um bufê

com pratos leves. Naquele momento, estava sendo oferecido aos convidados o coquetel de entrada com doces e salgados. Nem percebeu quando Max se colocou ao seu lado, fazendo-a ter novos calafrios.

— O senhor tem muita sorte. Suna será uma esposa maravilhosa. Cuide bem dela – disse dona Corina, tentando ser agradável e causando emaranhados.

— Cuidarei, sim. Muito obrigado por estarem aqui, compartilhando de nossa alegria – ele foi longe. — Vou roubá-la agora – pilheriu ele, num tom que desconhecia. — Quero que conheça algumas pessoas.

Entre eles, o teu namorado? Questionou em pensamento e se censurou por aquela indagação rasa. Despediu-se dos amigos e o seguiu. Ele a apresentou ao diretor de um dos hospitais em que trabalhava, um senhor careca, Paulo Sarmiento, acompanhado da esposa, Sônia. Conversaram por um tempo e Sônia já os convidava para as bodas do casal, que aconteceria na semana seguinte. Outros amigos do médico foram chegando e começaram a conversar. Passaram-se alguns minutos e seguiram para a mesa em que estavam a mãe, o irmão e a cunhada de Max.

— Ambos estão magníficos – exaltou dona Maria Alice e o fotógrafo os clicava outra vez.

— Agora, na boa, me confesse, Max... – João Paulo tentava disfarçar certo ar de deboche. — ... a noiva está grávida? – Suna enrubesceu com a indiscrição do irmão, que era totalmente diferente de Max, embora fosse alto. Ele mantinha curtos os cabelos um pouco grisalhos, já a pele avermelhava-se com facilidade e a circunferência abdominal era meio avantajada.

— Não, claro que não – respondeu o médico, que fez um sinal para que os cliques parassem.

— Não seja indiscreto, Jopa – tentava amenizar a esposa, Isabela, uma loira bonita com olhos verdes resplandecentes, que deixava escapar uma expressão tensa.

— Tenho certeza, a noiva... Suna – ele demorou para pronunciar seu nome. — ...irá providenciar um herdeiro o mais breve possível – continuava João Paulo.

— Eu também espero, quero um neto de meu filho caçula – minimizava Maria Alice.

— Não planejamos ter filhos... – Suna socorreu Max, que parecia confuso. — ... ao menos dentro dos próximos dois anos – finalizou com simpatia.

— Isso, isso... Já tínhamos acertado – completou ele, demonstrando ser um mentiroso desastrado.

— Então, minha mãe, prepare-se para não ser avó de filho de Max tão cedo. Eles nem casaram, fizeram uma festa para dizer aos amiguinhos que estão morando juntos. Essa palhaçada que chamam de casamento não irá durar dois anos. Sei das coisas... – João Paulo tentou imprimir um tom obscuro no final, erguendo as sobrancelhas e fazendo surgir rugas na testa.

— Pare Jopa – exigiu a mãe com semblante tenso.

— Veio aqui só para me provocar, não é... – rosnou Max de maneira grosseira. — Só te convidei por educação, se não viesse não faria falta.

— Ora, ora... não viria para esse casamento medíocre só para isso. Vim lhe lembrar, meu caro irmão Vicente, de que enquanto recebe dividendos anuais sem bater um prego na parede, eu me mato para manter o patrimônio que nosso pai deixou. Todos aqui usufruem desse dinheiro e só um trabalha – acusou João Paulo.

— Trabalha? Preside o conselho administrativo. Recebo os dividendos que alega porque sou herdeiro, mas se ficar sem eles não morro de fome. Tenho algo que não tem, Jopa, prestígio, nome no mercado em minha área. E você? Quando era presidente-executivo quase leva a Lumax à bancarrota. É um frustrado, que não conseguiu construir a própria vida, dedicou-se a esses negócios por escolha... Por que não vende tudo? – Max acusou o irmão de forma pesada, controlando-se para o tom de voz não se elevar.

De pé, João Paulo parecia um camarão, com o semblante em fúria. — É um mal-agradecido insosso.

— Sente-se, Jopa, agora. Ainda sou matriarca e vocês estão parecendo uns suburbanos fazendo baixarias, em vez de herdeiros da Lumax – exigiu Maria Alice de forma cortante.

Max segurou a mão de Suna, levantou-se e começou a se retirar.

— Brother – chamou João Paulo. — Tem prestígio de quê? Sei de seus segredos cabeludos... – com os olhos semicerrados, Max mirava João Paulo, que havia sentado de novo. — ... Mas eles estão bem guardados, não quero essa indecência, sujando o nome da família Maximo. Seria um escândalo.

— À que se refere? – questionou Maria Alice.

— Foda-se, mano. Fo-da-se. *Fodase* – Max insultou o irmão. Procurando controlar o pequeno surto, puxou-a pela mão. Afastaram-se. Ele estava visivelmente abalado. Aquela conversa revelara muito mais do que ela era

capaz de analisar de modo rápido. Continuava em silêncio.

— Suna... – ele virou-se para ela de forma pesarosa, ainda com a mão sobre a dela.

— Verei com organização se está na hora de jogar o buquê – levantou as flores campestres brancas e amarelas e começou a se afastar.

— Obrigado... – disse o médico. Suna percebeu que ele precisava de espaço e que não poderia cair de paraquedas nos problemas dele. Seu papel era outro, lembrava-se a todo momento.

∴

Havia muitas desconhecidas ao seu redor, convocadas pela cerimonialista, no momento em que jogou o buquê, que acabou nas mãos de uma elegante mulher, de vestido amarelo e cabelos negros, de comprimento médio e olhos claros. Teve a impressão de que ela queria falar-lhe, mas acabou desistindo. Em seguida, o jantar começou a ser servido. Procurou Max com o olhar, mas ele tinha sumido. Então, foi até sua mãe lhe dar atenção e ser submetida a uma metralhadora de perguntas.

— Tenho orgulho de você, minha filha. Soube dar a volta por cima. Pena que sua avó não pôde prestigiar esse momento. Mas não entendo por que não me contou sobre ele.

— Mãe, essa história é longa, o que importa é que estamos aqui, vivendo esse momento. E estou muito feliz por ter decidido vir. Sinto também por minha avó, mas entendo os motivos – sua avó, Bené, não gostava de aglomerações e também cuidava da irmã mais velha, tia Piedade.

Serviu-se de um pouco de risoto de frutos do mar. Avistou Max junto a Marcel e Diego. Deviam estar conversando sobre o episódio familiar e supunha que os dois conheciam sobre a "indecência" de Max, conforme tinha denominado o esnobe João Paulo. Apesar de não ser de sua conta, intrigava-se sobre qual segredo era capaz de tornar vulnerável aquele homem que transparecia segurança e força. Talvez realmente fosse homossexual, mas não levava o menor jeito, apesar de nem todo homem que gostava de transar com homem parecesse *gay*.

Estava criando empatia por aquele estranho homem, que a tocava e beijava em público e era indiferente a ela. Sabia que não podia permitir que esse encanto florescesse. Talvez aquele arroubo estivesse sendo sugestionado pelo simbolismo do vestido de noiva, das flores e das palavras do pastor. Quem sabe, se a culpa não era dela por não ter se permitido ir a fundo em

envolvimentos mais sérios após Dante. Provavelmente, aquela sensibilidade estava sendo provocada pelos sonhos que fingia não sonhar, os anseios que fazia de conta que nem existiam ou a tensão sexual abafada. Não que fosse santa, não aceitava esse rótulo, já fizera coisas de arrepiar qualquer moça moderna.

A mãe de Suna a avisou que Max fazia sinal em sua direção. Despediu-se dela e foi até eles. Marcel lhe perguntou se estava se sentindo bem. Assentiu e eles saíram. Max tocou seu braço e voltaram a andar entre os convidados, conversando e cumprimentando várias pessoas estranhas. Em definitivo, ele pediu de maneira educada, que não fossem mais fotografados. Voltaram a caminhar e foram abordados pela bela mulher que pegara o buquê.

— Max, não vai me apresentar a sua jovem esposa?

— Suna, esta é Mércia Arruda, uma médica, colega de trabalho – ele falou com má vontade.

— Prazer, Sula...

— Suna – emendou. — O prazer é meu.

De forma inesperada, Mércia tocou seu ombro nu. — Pode escrever um livro aqui, Max.

— Muito sugestivo de sua parte. Vamos, Suna... – ele chamou, porém, a médica a segurou com delicadeza e Max se colocou mais próximo, pousando a mão nas suas costas, de maneira que os dedos ficaram para dentro do vestido. Arrepiou-se.

— Pele linda, limpa, sem cicatrizes. Qual o segredo, querida? – indagou Mércia.

— Nenhum – respondeu de forma neutra.

— Estou vendo que é nenhum mesmo, nada. Não jogam... – a médica contraiu mais ainda as pálpebras, expondo os olhos verdes e compondo um semblante sério e esquisito.

Max atropelou a fala dela. — O que fazemos não te interessa – disse de modo duro e a mão dele desceu para a sua cintura e a conduziu.

O médico a levou para uma mesa e se sentaram. Ele tinha o irmão e uma bela mulher como desafetos. E não entendera o que Mércia quisera dizer com o fato de não jogarem.

— Esqueça o que escutou. Sou conhecido no meu meio de trabalho e existem muitas intrigas – finalmente, aquela era a primeira vez que ele lhe dirigia a palavra a sós desde que se conheceram.

— Não me impressiono. Está tudo bem – garantia, mas não era verdade.

— Bom, minha vida não é tão atormentada desse jeito. Acho que está na hora da gente ir. Vamos dormir no hotel hoje, amanhã iremos para a casa de praia, fingir uma lua de mel – Marcel já a tinha avisado, mas nada acrescentou.



Suna se portava acima das expectativas de Max, pois não havia esperado tanto dela. Naquele teste de fogo, considerou-a afável e com traquejo para lidar com as pessoas. Mas queria reservas, por isso, não o agradara a ideia de ter que fingir uma lua de mel e uma noite de núpcias, contudo, depois do desentendimento com irmão, aquilo iria cair como uma luva, porque não teria que voltar para o apartamento onde seus familiares estavam hospedados.

Saíram de fininho da festa. Enquanto Suna buscava a mala que tinha ficado no carro alugado, enviou uma mensagem para Elisa, precisava dela mais do que nunca. Ao concluir, foi atrás de Suna para ajudá-la. Quando a alcançou, parou para observá-la. A noite contrastava com o vestido e ela resplandecia numa beleza terna, em consonância com a natureza frágil de suas formas. Parecia uma princesa, mas não podia permitir que aquelas impressões crescessem. Precisava distanciar-se. Era um animal faminto e sexualmente explosivo.

Avançou ao encontro dela, apanhou a mala e foi até o carro, colocando-a ao lado da sua menor e com poucas peças de roupa. Ela sentou no banco dianteiro calada. Chegaram ao hotel, localizado num altiplano de frente ao mar. Fez o *check-in* e foram levados para uma suíte *duplex*. O silêncio era um peso entre eles. O que teriam para conversar? Entrou na suíte e observou, na mesinha da antessala, champanhe com morangos e chantili. As mentes continuavam tradicionais, mas não deixou de ficar intrigado, imaginando...

— Suna, você dorme aqui – apontou para uma cama *king size* alta, com grandes travesseiros e forrada de branco. — O quarto é maior e mais confortável – ele ligou a luz. — Lá em cima tem outra cama – apontou para escada. — Ah! Preciso dar uma saída... boa noite.

— Certo, boa noite – respondia ela monossilábica.

— Outra coisa, os quartos não têm portas – ela assentiu parecendo exausta.

Subiu, tomou uma ducha e vestiu uma calça jeans e camiseta. Passou pela entrada do quarto de Suna, observou o vestido de noiva sobre a cama e escutou o barulho do chuveiro. Saiu e desceu em direção ao carro. Gostaria

de dirigir e desaparecer no mundo. Mas estava lá, preso em suas próprias armadilhas. Amava o trabalho e a vida que construía. Guiou em direção ao *flat*.

Aquele que pensara ser o dia em que selaria a hemorragia de boatos sobre sua intimidade, abriu mais um capítulo acerca de suas preferências pessoais. Aborrecera-se em demasia com o irmão. Tinha sido de uma ousadia desmedida João Paulo insinuar que sabia de algo capaz de prejudicar sua imagem. E desconhecia a que ele se referia, que tipo de informação havia obtido. Ainda teve a petulante Mércia, desafiando-o na frente de Suna, soltando indiretas, como se não bastasse as fofocas que estava envolvida.

Pensou em Suna mais uma vez e se irritou. Passou no supermercado, comprou morangos, chantili e champanhe e seguiu para *flat*. Ao entrar no apartamento, estavam lá Elisa e suas roupas vulgares que tanto lhe davam tesão. Foi até a cozinha, pôs a bebida para gelar, as frutinhas no prato com grandes jatos de chantili ao lado e retornou à sala. Ela ficou de pé e começou a dançar tirando a roupa.

Assentou o prato no sofá, agarrou Elisa, pensou em Suna, e beijou-a profundamente, sugando veemente a língua dela, tentando engoli-la com os lábios, esperando quebrar o encanto pela gerente de restaurante. Tocou os peitos e imaginou fazer o mesmo nos pequenos seios de Suna, mas os de Elisa eram avantajados, o que o trazia para a realidade. Tentou tirar a roupa da amante e fantasiou abrir o vestido de noiva.

Elisa o ajudou a se livrar das peças dela e das dele. Deitou a fidelizada no chão, apalpo-a por inteiro, apanhou um morango de cada vez e foi colocando na boca dela, sugando o sumo que escorreria pelo cantinho da boca. Em seguida, pegou um morango bem vermelho e maduro, introduzindo-o no sexo de Elisa, totalmente depilado, apertou-o para que a fruta amassasse, passou chantili e se deliciou. Em seguida, penetrou-a ferozmente. Colocou a fidelizada de quatro e voltou a cavalgar como um selvagem, gritando obscenidades que ela respondia em sussurros. Antes de gozar, trouxe-a para juntos de si pelos cabelos e se entregou ao prazer ao lhe mordeu bruscamente o pescoço. Acabou por machucar os próprios lábios.

— Porra! — reclamou, tocou os lábios e mirou as mãos, estava lá no dedo anelar a aliança e todo o peso da joia. Foi até o espelho e conferiu o fino machucado que ficaria visível no dia seguinte. — Puta que pariu — praguejou e voltou-se para Elisa. — Como você está?

— Como sempre, bem – ela se levantou e mirou o espelho, mostrando a mordida que só tinha marcado a pele. — Não sabia que era casado.

— Casei hoje.

— Não acredito! É brincadeira, cara.

— Sim, creia.

— Nem me convidou – pilheriou a fidelizada de modo tímido. — Não gosta de sua noiva? Não gosta nem de mim... De quem gosta?

— Elisa, esquece. Vem aqui. Claro que gosto de você, só não é do jeito convencional – abraçou-a. — A verdade é que nem gosto de mim – afastou-a e fitou as cicatrizes recentes nas costas dela, ainda do dia em que aplicara o chicote de pontas cortantes e fizera a moça sangrar. Era um animal, um dragão desgraçado.



Durante a noite, Suna dormira mal. As recordações do casamento se repetiam como um filme; o beijo que tinha recebido de Max, os toques de mãos suaves e quentes, como também, as esquisitas indiretas de Mércia e de João Paulo. Havia tido um sono ruim entre cochilos e momentos desperta. Max retornara próximo do dia amanhecer. Ele havia parado na entrada do seu quarto e a observado por alguns segundos e depois subira as escadas.

O que Max escondia parecia vergonhoso e ser homossexual não era vexatório, ao contrário, muitos se orgulhariam em assumir a própria sexualidade. Passou a supor que o segredo fosse outro. Olhou o relógio e já eram dez horas da manhã. Levantou-se num pulo, apanhou um vestido de alcinha, na estampa *liberty* que sobressaía o azul claro, o *nécessaire* e foi ao banheiro lavar os cabelos e livrá-los daquelas tranças.

Guardou o vestido de noiva no saco apropriado, colocou suas coisas de volta na mala, calçou uma sandália de tiras rasteirinha. Saiu para a sala e foi até a varanda, de onde avistou a imensidão do mar que lambia os paredões rochosos com suas ondas quebradas. O sol pleno, forte e intenso incidia sobre a areia da praia, ofertando à cidade o tom próprio e ritmado de calor e de luz.

— ... estamos saindo daqui a pouco... certo. Deixe tudo preparado... abraço – Max descia a escada falando ao celular. — Bom dia, Suna – os cabelos em camadas de fios finos balançavam molhados.

— Bom dia, Max.

— A gente perdeu o café do hotel. Pedi um aqui e depois vamos pegar estrada – ele se aproximou da sacada e ela notou o lábio inchado de Max.

Aquilo lhe causou uma estranha pontada no peito e se recriminou por esse sentimento. Começava mal aquele contrato.

Ele admirava a paisagem à frente. — O que faço com a roupa de ontem?

— Guardo para você junto com o vestido, trouxe o saco próprio. E se possível, deixamos com minha mãe e ela devolve amanhã. Pode ser? — queria despedir-se de dona Fátima.

— Não precisa, entrego a César que levará Dulce para a casa de praia. Ele devolve — Max lhe sorriu apertando os olhos por causa da claridade e passando as mãos nos cabelos. Durante os preparativos, conhecera César, que tinha uma equipe que prestava diversos serviços para Max e Marcel.

Bateram na porta e ele foi atender. O garçom entrou com o café reforçado no carrinho e começou a colocar na mesa da sala.

— Vamos, Suna — ele a chamou e se sentou diante do neurocirurgião, que nem esperou o garçom terminar e começou a servir-se. Quando o rapaz saiu, ele começou a comer de modo voraz, ovo, pão, queijo e suco enquanto ela comia frutas e se sentia constrangida.

— Gosta de praia? — ele fitou sua pele.

— Gosto. Caminho e corro um pouco na orla quando posso.

— Legal. Gosto de ir à academia quando posso.

— Dá para perceber — ousou-se e ficou envergonhada sem conseguir encará-lo.

Ele se calou por alguns segundos concentrado em colocar queijo no pão e passar geleia em cima. — Suna, você está de parabéns pela organização da festa.

— Obrigada.

— Leva muito jeito. Quando for organizar seu casamento de verdade, tenho certeza que tudo estará lindo. Seu noivo também será um cara de muita sorte.

As palavras foram flechadas, como dissessem: "não me leve a sério e siga seu caminho". — Olha, realmente posso fazer muito melhor do que o arranjo de ontem, que saiu caro e pouco empolgou — rebateu na hora. — E quanto a um amor, não crio expectativas, porque amor não se caça, ele acontece, brota do nada.

— Tem razão — concordou ele.

— Pôs gelo em seu lábio machucado? — disse enrugando a testa. Ele ficou visivelmente surpreso.

— Não é necessário – respondeu Max de má vontade e fechou a cara.

Um beijo e o mar

7

O vento batia no corpo de Suna como se fosse um morno abraço do sol, capaz de confortar e a proteger do porvir e dos próprios caminhos que escolhera trilhar, escondendo seus segredos e ajudando Max a manter os dele. Era manhã de segunda-feira e, da grama próximo à área da piscina, avistava a plenitude do mar, atrás dos muros de vidro. Presenciava a beleza plástica, mas não a sentia, ancorada por aquela aliança na mão esquerda, pesando toneladas e conduzindo-a por entre as mentiras circunstanciais a trapacear a realidade.

— Suna, doutor Vicente está lhe procurando... — era Dulce, mulher educada e simpática, governanta de Max.

— Obrigada, Dulce.

Arrumou o cabelo revoltado, prendendo os fios num rabo de cavalo. Verificou a saída de praia que usava por cima do biquíni de peças compostas, que comprara como se fosse para a própria avó. Por mais sóbria que parecesse, o coração sambava dentro do corpo. Assim, devagar retornou em direção ao acesso que daria na cozinha. Observou a casa ampla, de paredes brancas, com portas e janelões envernizados. Abrigava três suítes no piso superior, além de salas, cozinha e banheiro, no inferior. Havia ainda uma bela piscina com um *deck* estiloso. Desde domingo, quando chegaram àquela praia, uma das mais badaladas do mercado veranista do estado, Max a apresentara a Dulce e desaparecera.

Ao entrar na casa, o médico estava sentado, servindo-se do café da manhã.
— Bom dia.

— Como está, Suna? – ele a fitou com rapidez.

— Bem, muito bem – o lábio inferior dele já tinha desinchado.

— Vamos tomar café?

Acomodou-se na cadeira, a mais distante possível de Max. — Já tomei, obrigada.

Ele franziu o cenho. — Quer dar um passeio de moto aquática?

Verificou se Dulce tinha realmente saído da cozinha. — Olha, não se preocupe em me dar qualquer atenção. Estou tranquila. Se tiver algo incomodando, falo para você ou Marcel – encarou-o nos olhos e ele não desviou o olhar.

— Fale comigo e não com Marcel.

Surpreendeu-se e assentiu. — Enfim, o que queria dizer é que não me tenha como empecilho.

Ele riu com um certo ar cínico. — Quando quiser ficar só, já estarei só – tomou um gole de café, ostentando a aliança daquela falsa união. — Você não me atrapalha. A gente tem um ano de, vamos dizer, certa convivência pela frente, então, dentro do estabelecido, devemos fazer isso da melhor maneira possível.

— Concordo.

Ele balançou a cabeça de modo afirmativo. — Vou perguntar de novo, quer dar um passeio no mar?

Suna expirou todo o ar dos pulmões. — Nunca andei de moto aquática.

— Vamos agora, antes do meio dia – ele deu um último gole na xícara e se levantou. Max não era tão bonito, mas tinha um ar másculo, uma elegância viril que o tornava atraente mesmo despojado, sem se barbear e usando bermuda de banho e camiseta branca.

Ele pediu a Suna que o esperasse e subiu em direção aos quartos. Minutos depois retornou usando óculos escuro aviador e uma camiseta azul de proteção contra raios solares, entregando-lhe outra. Quando passaram pelo *deck*, ela apanhou os seus óculos de sol na mesinha e foram para a garagem, na outra lateral da casa. Entraram no ambiente escuro. Ele acendeu a luz e abriu o portão que dava para a praia. Enquanto conferia a moto em cima do carrinho, contava as aventuras no mar. Suna fez algumas perguntas, participando da conversa ao tempo que tentava se acalmar. Max apanhou dois coletes e veio até ela.

— Vai ficar assim de vestido?

Teria que tirar a saída de praia na frente dele. — Não — desconcertada, pegava a barra da roupa um pouco acima dos joelhos. Percebendo seu constrangimento, ele virou o rosto para o lado. Aliviada tirou rápido a saída, vestiu a camisa de proteção e apanhou o colete.

— Deixe que vou fechar — falou ele, travando o dele. Depois se aproximou, apertou e travou os fechos em seu colete e o coração badalava, principalmente, por não saber onde os olhos dele pousavam.

Max colocou luvas e começou a puxar o carrinho, desceram por uma ladeirinha de madeira e chegaram à areia. Ele arrastou mais um pouco sobre a praia vazia e logo estavam à beira do mar. Ele colocou a moto aquática na água e subiu por trás, indicando que fizesse o mesmo.

— Sem medo, Suna, segure em mim — disse ele que ligou a chave na ignição e foram deslizando devagar sobre o mar.

O cheiro da maresia impregnava as narinas e o vento jogava o cabelo de ambos para trás. As coxas encaixaram-se próximas ao quadril dele e apertava o tórax contra as costas do médico. Estava apavorada, o que lhe fazia sentir desejos escondidos embaixo de camadas e camadas de racionalidade.

O medo aflorava nos momentos que enfrentavam ondas quebrando, tinha a sensação de que poderiam adernar. Soltava pequenos gritos e Max parecia achar graça. Seguiram para além das arrebentações, até que todo o barulho se resumisse ao som do motor. Andaram por alguns minutos, até avistarem uma pequena baía. Ele pilotou até as proximidades e foi diminuindo a velocidade até o motor parar. O silêncio profundo enganou os sentidos, camuflando o uivo do vento e o leve movimentar das águas quase paradas, num dos tons de verde mais encantadores que pusera os olhos.

— Vamos dar um mergulho?

— Olha, estou tensa — confessava.

Ele riu. — Escutei seus gritinhos, mas nunca a levaria para fazer algo que oferecesse riscos. Fica tranquila — aquilo foi um alento perigoso para os sentimentos.

Max ficou de pé e se jogou na água, gerando um barulho estupendo, fazendo com que a moto se movimentasse de modo brusco. — Venha, não vai afundar — convidava o médico. Suna desceu desengonçada pelo fundo da moto, entrou na água morna e conseguia sentir a areia nas pontas dos dedos pés. — Segure na borda e se afaste, como eu — indicava.

Fez como ele pediu e começou a rir de alegria. — Que sensação bacana. É

muita liberdade. Não tem tubarão?

— Não... não será mordida por tubarões, senhorita... – observou-o surpresa e ele continuou. — Mas nem sempre é essa calmaria. Certa vez, saí e percorri por horas muitas praias, fui para mar aberto e o tempo fechou. Chovia muito e uma tempestade se formou. Achei que fosse ser engolido pelo mar, então, comecei a enfrentar ondas difíceis e consegui chegar até aqui. Esse lugar me salvou.

— Numa situação como essa, acho que surtaria. Só enfrento o que tenho convicção de que sou capaz de administrar. Nunca me aventuraria em algo em que a chance de ser abatida fosse grande.

— Ora ora, então a mocinha é uma dominadora. Nunca quer perder.

— Não, não nesses termos.

— Estou brincando. Vou tirar meu colete, mas fique aí quietinha com o seu.

Max subiu pelo acesso ao fundo da moto, destravou o colete, tirou os óculos, as luvas e a camisa, que revelava a tatuagem de um dragão que ia de uma omoplata a outra, a imagem a surpreendeu, como também, o torso nu bem trabalhado. O médico fez um pacotinho com suas coisas e o prendeu na moto, jogando-se na água. Braçadas por braçadas, ele nadava naquelas águas tranquilas, ao redor de onde estavam. De repente, sumiu. Observou ao redor e, de súbito, sentiu algo tatear levemente suas coxas. Assustou-se. Max emergiu, pousando uma das mãos na sua cintura. O coração disparou.

— Pensou que fosse um tubarão? – pilheriou ele.

— Claro que não, eles não são gentis. Ah... sua tatuagem é bem bonita.

— Vamos dizer que representa uma espécie de tubarão, o predador. Está na hora, vamos...

Ele os conduziu ao fundo da moto, onde colocou o antebraço, e se abeirou, tirando uma mecha do seu cabelo do rosto. Seus corpos se encostaram levemente, ela pensou que o coração fosse sair pela boca. Com suavidade, o médico tocou o rosto de Suna e desceu o dedo indicador até o queixo, fitando-a durante eternos segundos, como um intruso. Ela parecia ter fogueiras acesas em todos os poros, incendiando os sentidos e não entendia aquela reação. Ele a puxou mais para perto e pousou os lábios sobre os dela devagar, como se ainda decidisse por aquilo, eles se abriram um pouco e ela o correspondeu num início de beijo leve, entre línguas que se tocavam. Suna pensou que explodiria. Os músculos tremiam e não sabia se era pela água ou

por desejo. Ele abriu mais os lábios e se conectaram num beijo mais exigente, até que uma marola os jogou sobre a moto e Max se afastou.

Com um semblante pesaroso, ele a encarou. — Não pode acontecer – disse rude e uma tormenta tomou a fisionomia.

— Acredito que foi por causa da... da festa... sábado. O significado daquilo... acho que contribui para desviar do foco... – gaguejava ela e tentava justificar o constrangimento.

— Essa mentira mexeu conosco e não podemos cair nessas armadilhas – Max subiu na moto, pediu que fizesse da mesma forma.

Teve dificuldade por causa de seus nervos. O médico a ajudou puxando pela alça do colete. Assim que subiu, ele se virou para a frente da moto e se vestiu. Discreta, sentou na garupa. Quando ele ligou o motor, constrangida, segurou-se nele. A angústia e a confusão invadiram os sentidos. Havia sido alvejada gravemente sem ferimentos aparentes.

※※※

Quando cedeu aos conselhos dos amigos, Marcel e Diego, no mês anterior, nem em pesadelo Vicente Max fora capaz de imaginar que sentiria tesão por Suna. Queria apenas estancar os falatórios sobre sua intimidade. Só que o resultado daquela armação matrimonial não lhe parecia favorável. O irmão revelara saber algo sobre sua vida privada e havia começado a se sentir atraído pela mulher errada. Na verdade, sabia que se alimentasse seus impulsos aquela matemática iria piorar.

Tocar a pele macia de Suna era um convite a explorá-la, como um território nunca ocupado da maneira que sabia fazer. Fitá-la era um agrado aos sentidos. Ela emanava um misto de fragilidade e força, delicadeza e decisão, leveza e arrebatamento. Senti-la entre os lábios instigava sua fome mundana. Era racional, mas seus instintos o empurravam para os braços de Suna. Precisava lutar contra aquele desejo. Caso fosse um homem normal, não havia problemas em se envolver com ela, afinal, eram adultos. Mas não podia possuí-la do seu jeito, corria o risco de machucá-la físico e emocionalmente. Aquilo não poderia acontecer, já tinha um grande fardo, não podia assumir outro.

Naquele momento, estava no *deck* e Suna continuava no quarto, para onde tinha ido desde que retornaram do passeio e encontraram Marcel que havia ido à casa de praia sem avisar. Ao vê-lo, não soubera se praguejava ou sentia gratidão. No resto da manhã, o amigo havia pilotado a moto e o ajudara a

guardá-la, ao tempo que conversaram sobre outros assuntos, fazendo esquecer-se daquele beijo.

Bebiam cerveja e conversavam na mesa embaixo de um sombreiro enquanto Dulce finalizava o almoço. Suna reapareceu na cozinha de cabelos lavados, vestida de short e camiseta. Parou para observar a graciosidade dos movimentos daquele corpo que poderia partir-se ao meio em suas mãos. Se um dia fizesse amor com Suna, precisaria ser como uma pena e se apertasse o laço o que ela faria? O insultava ou enfrentava aquele desafio como algo novo? Só de imaginar, teve uma ereção.

Marcel notou que Max observava Suna. — Max, Max... pare de olhar para Suna.

— Quem disse que estou fazendo isso?

— Meu velho, acha que vim fazer o quê?

— Atrapalhar minha lua de mel... — disse e caiu na risada, levantando um copo de cerveja.

— Beijou-a de modo bem convincente na cerimônia — ironizou o advogado.

Ele riu e balançou a cabeça. — Está imaginando coisas, Marcel.

— Não pode tocar em Suna.

— Se for consensual, por que não? Por causa do contrato? Pago e não será em suadas prestações — soltou um risinho e não gostou daquele tipo de proteção que Marcel demonstrava por Suna.

— Não vejo graça nisso. Está vendo? Tenho razão, foi um erro acertar esse contrato com Suna, que não é uma submissa, como Elisa e outras que passaram por suas mãos.

— Nem todas as mulheres que tive foram submissas...

Marcel expirou com desgosto. — Já te conheço há muito e a única que tenho conhecimento foi Mércia que nem precisa dizer o resultado. Ah! Teve também a fidelizada Karina, faz muito tempo, e acabou hospitaliz... — interrompeu Marcel.

— Porra, isso foi um acidente. Caralho — praguejava. — Qual é o seu problema com Suna? Ainda tem interesse nela ou não suportou ser dispensado — Max engrossou a voz.

— Não vou brigar. Não tenho interesse por Suna, só quero que ela não sofra — confessou Marcel.

— E o que você tem a ver se ela escolher esse caminho?

— Vai embolar sua vida. Já não basta, Mércia! — Marcel gesticulava apontando o dedo para Max. — A ideia desse casamento era tirar seu nome da lama e frear as insinuações de que é abusador e explorador de mulheres — Marcel o desafiava.

Max deu um tapa na mesa e chamou a atenção de Suna lá na cozinha. — Não sou nada disso. Cuido de quem está comigo e não forço nada. As relações são consensuais. Não sou um filho da puta de um abusador — Max apanhou o copo de cerveja e derramou no chão.

— Respire fundo, Max, quero ajudá-lo. Suna já sofreu decepções e não fantasie brincar de casinha, lembre-se de que ela está aqui por dinheiro e vai receber uma pequena fortuna no final do contrato.

— Você é um filho da puta. Sei sobre a grana, não precisa ficar jogando na cara.

— Parece que se esquece. Ela teria direito a multa e muito mais, pois é um homem mão aberta, generoso. Elisa tem vida de rainha, por exemplo. Melhor emprego do mundo. Elisa faz o que gosta, mas você, mano, sente culpa — argumentava Marcel. — Mércia recebeu uma boa quantia e ficou apenas...

— Porra, chega de chafurdar a minha privacidade — reclamou entre os dentes.

— Desculpe — Marcel olhava ao infinito.

O neurocirurgião silenciou. Marcel era mais que um irmão, confiava a própria vida a ele. Conheceu-o ainda criança em São Paulo, quando foram colegas de escola. Estudaram juntos até chegarem à faculdade. Esteve ao lado dele no pior momento de sua vida, quando perdeu os pais e a irmã num acidente de carro, ficando sozinho. Assim que se formou, Marcel retornara a Salvador e ele fora para os Estados Unidos, esse tinha sido o único período em que se afastaram desde a infância.

O amigo o ajudara quando surgira a necessidade, quase compulsiva, de extrapolar e provar o sangue das mulheres com quem mantinha relações sexuais. Aquilo sempre o envergonhara de maneira deprimente, principalmente, por volta dos vinte anos quando esses desejos começaram. Sofria, vivia entristecido, a mãe o ignorava e Marcel o confortara. Frequentaram juntos ambientes de BDSM e não conseguia se encaixar naqueles fetiches.

Mais velho, fora Marcel quem o orientara a estabelecer contratos com submissas, fidelizando-as em relação a direitos, limites e obrigações. Se

dependesse de Marcel, nunca teria se envolvido com Mércia, mas não lhe dera ouvidos. E agora colhia frutos amargos e tinha sua reputação arranhada por causa dos quase um ano que ficara ao lado da médica. Enfim, não tinha como ficar chateado com o amigo.

Só um único detalhe o incomodava e iria abordá-lo naquele instante.

— O que sabe sobre Suna? Por que disse que não gostaria que ela sofresse?

— Não deveria contar... – alegou Marcel. — Mas... vamos lá... Participei das negociações da compra de uma fazenda em São Sebastião, cidade em que Suna foi criada, do proprietário José Kirin. Enfim, o homem faliu e se entregou a bebida. O motivo? A esposa fugiu com o amante, levando o filho pequeno. O amante nada mais era que um rapaz jovem, que namorava há mais de três anos a filha da vizinha do Kirin. Sabe quem era a garota vizinha? Suna. O cara foi o primeiro namorado de Suna, desde quando ela tinha dezesseis anos. Enfim, o casal de amantes desapareceu e ninguém tem notícias e ainda levou o filho de Kirin. Na época, na mesma semana, Suna saiu de São Sebastião.

Max franziu o cenho. — Nossa, ela era uma criança. Ao menos, parece ter superado – comentou impressionado.

— No interior, as pessoas têm um senso de ética mais exigente. Pouco depois que o episódio foi descoberto, a avó de Suna teve um derrame. Alguns boatos na cidade dão conta que o rapaz agrediu Suna quando ela descobriu o romance com a vizinha casada, mas não sei se tem fundamento. Quem me relatou os fatos foi o próprio José Kirin.

— Por que não me contou isso antes? – a possibilidade de Suna ter apanhado o fez sentir uma repentina raiva.

— Porque isso não vem ao caso. Só isso...

Marcel percebeu a aproximação de Suna e se calou. Max a admirava caminhar com a bandeja na mão. O short marcava a cintura e deixava de fora as pernas longas que roçaram suas ancas naquela manhã. Suna esquecera o sutiã no quarto e permitia que os mamilos pequenos desafiassem o tecido da camiseta enquanto servia as ostras, com limão, sal e azeite.

— Sente-se, Suna. Vamos conversar – convidou Marcel, o que o fez sentir uma pequena pontada de desconfiança. Ela puxou uma cadeira e se aconchegou.

— E Agnes, como está? – perguntou ela acerca da namorada insossa de

Marcel.

— Está bem... Não sabe que estou aqui. Enfim, gostou da praia?

— Já tinha vindo a essa região, mas não exatamente nesse ponto. A casa é muito boa, ampla e confortável – ela o fitou. — Vem sempre aqui, Max? – questionou, sem encará-lo, demonstrando uma leve timidez.

— Às vezes... – estava sorumbático. Ter o corpo de Suna e aqueles mamilos sobressaltados entre os braços era uma chance anos-luz de distância da realidade. Pensava na possibilidade de alguém a ter machucado. Observou-a de perfil. Nunca poderia tê-la, nem a submeter a sofrimentos...

— Está sentindo falta de sua gatinha? – entusiasmava-se Marcel com gracejo.

Suna parecia empolgada e aquilo, de algum modo, incomodava Max. — Ela está bem. Minha mãe viajou hoje e uma amiga cuidará dela até que retorne.

— Qual é a raça? – emendou Marcel.

— Vira-lata, suponho. Resgatei na rua, ainda filhote.

Dulce chegou com o telefone na mão interrompendo a animada conversa entre Marcel e Suna. Os melhores amigos e colegas de profissão de Max sabiam como encontrá-lo mesmo durante as folgas. Atendeu e era um cirurgião de um dos hospitais que trabalhava. Ele o convidou para integrar a equipe de numa intervenção de alta complexidade. Disse que estava sob efeito do álcool e o médico argumentou que o procedimento começaria no dia seguinte. Teria tempo para se recuperar.

— Vamos voltar para casa. Suna, arrume suas coisas – comunicou logo que finalizou a ligação. — Vou operar amanhã e quero dar uma olhada nos exames hoje ainda. Vamos almoçar logo – se tinha algo que ocupava e dominava a mente de Max era o trabalho.

Junto a mim

8

A gerente de restaurante voltou a caminhar pela orla, agora a partir de um novo trecho, depois da mudança para a casa de Vicente Max. Já era sexta-feira e aproveitava os últimos dias da licença matrimonial que conseguira devido ao casamento. Contava os segundos para retornar ao trabalho.

Naquele momento, praguejava por estar subindo uma ladeira em direção ao condomínio, seu novo endereço, situação num altiplano que parecia debruçar-se no mar. O sol forte queimava a pele, o suor escorria pela têmpora manchando a camiseta. Os músculos reclamavam. Tinha passado da hora de retornar.

Avistou a fachada do condomínio que se estendia por uma vasta área daquela região privilegiada. Apressou o passo. Ao alcançar a portaria, foi tomada por um susto. Um garoto franzino se aproximou e lhe entregou uma caixinha, empurrando-a em sua mão.

— É para a senhora – disse.

Ao tempo que o segurança foi em sua direção, o menino saiu correndo. Estranhou e assentiu para o segurança de que estava bem.

Enquanto atravessava a área comum em direção ao prédio, balançou a caixa e escutou um barulhinho. O condomínio tinha uma imensa área verde, com parque infantil, piscina, academia, salão de festa e quadras. Nem tantas pessoas moravam ali, pois era uma unidade por andar. Pegou o elevador, digitou o código de acesso e subiu. Saiu no quinto andar, já na varanda do apartamento. Empurrou a porta da área de serviços e foi à cozinha.

— Devia ter descido de carro ou se exercitado no condomínio! Já estava

preocupada – reclamou Dulce com jeito sincero assim que entrou. A governanta de Max, que tinha quarenta anos, era discreta e elegante, usava sempre roupas confortáveis, com aspectos de novas e mantinha os cabelos escuros e longos arrumados e presos num coque.

— Olha o que um garoto me entregou quando chegava na portaria! – mostrou a caixinha. — Ele disse que era para mim.

— Dê-me aqui, Suna – arregalou os olhos surpresa. — Pode ser perigoso... — Dulce tomou a caixa e jogou na bancada, no centro da ampla cozinha. Ela colocou luvas, pegou uma faca afiada, pediu que se afastasse, e enfiou a lâmina no papelão.

— Não precisa disso tudo! – sobressaltou-se, mas ela não lhe deu ouvidos. Partiu a caixa e jogou na mesa o conteúdo. — Deus, o que é isso! – o seu estado de choque mudou de foco.

— É melhor contar para doutor Vicente o mais urgente possível – ia pegar no objeto, mas Dulce a impediu. — Pode estar contaminado. Vou deixar no escritório para ele verificar. Suna, tome banho que vou fazer um lanche. Não se impressione. Isso é uma brincadeira de muito mau gosto.

Não teimaria com Dulce, a única que lhe dava atenção na nova casa, além de Zazá, sua gata de pelo tigrado. Mas o que aquilo significava? Seguiu em direção à suíte em que havia sido instalada e Zazá dormia na cama espaçosa. Tirou a roupa grudada de suor e tomou uma ducha no banheiro de revestimento branco com detalhes em madeira.

Enfim, diferente do que tinha sugerido a governanta, o conteúdo da caixinha não havia sido brincadeira. Quem enviaria uma prótese de dentes superiores, parecendo de vampiro, manchados de sangue, além de um pequeno recipiente com um líquido vermelho? Aquilo havia sido uma ameaça.

Enfiou-se num vestido confortável, deitou na cama e abraçou Zazá que ressonava preguiçosa. Refletia na situação que havia se metido; uma profusão de ingredientes de alta capacidade explosiva que poderia entrar em ignição a qualquer momento. No mínimo, aquela caixa tinha sido uma intimidação de alguém conhecedor do segredo que impelira o médico a fingir o casamento.

E como a vida nunca fora linear, ela também tinha segredos, envolvendo o ex-namorado chantagista, as fotos e os filmes que poderiam destruir sua carreira e envergonhar sua família. E mesmo lutando para se manter dentro da sensatez, era impossível esconder-se da atração que passara a nutrir pelo

neurocirurgião. Em alguns instantes, chegou a pensar que ele a correspondia, mas percebia que era uma fantasia armada pela própria mente.

Dulce bateu na porta. Ela vinha tornando-se um ponto de apoio, ajudara-a a arrumar a mudança e explicara sobre o funcionamento da casa. Dulce cuidava das tarefas domésticas, fazia compras, convocava faxineiras, responsabilizava-se pelas refeições e ia embora no meio da tarde. Era provável que soubesse sobre o contrato, porque nunca a havia questionado sobre a inexistente relação com o médico. Além disso, a governanta tinha acesso ao gabinete e à suíte principal, que estava impedida de entrar por contrato. A Max, ela debulhava um rosário de elogios acerca do quanto era um bom homem.

Suna levantou da cama cansada. Lentamente saiu do quarto para o corredor, onde estavam os acessos para mais um quarto, o gabinete e a suíte de Max. Passou pelo living, composto por três ambientes, a sala de estar principal, a de televisão e a de jantar, mobiliado por móveis de madeira-de-lei e acabamentos em tons neutro, na cor bege e gelo. Havia ainda imponentes lustres e uma decoração claramente montada por um profissional, pois, pelo pouco que conhecia Max, não conseguia enxergar a identidade dele em nenhum item daquele espaço. O apartamento era imenso, com central de ar condicionado que abrangia praticamente todos os ambientes e alguns luxos que os bem-nascidos dispunham.

Frustrada pelo vazio e pelo receio do que estava por vir, entrou na cozinha e sentou num dos bancos de *design* arrojado frente à grande bancada de granito preto. Dulce pôs ao seu alcance um prato com um sanduíche de pão natural com salada e queijo e um suco de laranja.

— Não estou acostumada com paparicos – protestou. — Por favor, deixe que me vire.

— Enquanto estiver aqui, será tratada como merece – Dulce sentou ao seu lado em outro vértice da bancada. — Se fosse uma pessoa ruim, não perderia meu tempo com você. Coma, está muito magra.

Surpreendeu-se com observação de Dulce e apanhou o sanduíche. — Como pode saber se presto ou não? Não me conhece...

Ela riu. — Sei avaliar muito bem as pessoas. Nem adianta, garotas não me enganam – expressou com altivez. — Já avisou a doutor Vicente sobre o conteúdo da caixa? – quis saber em tom sério.

— Não.

— Faça isso. Caso contrário, terei de falar e não quero me intrometer nisso.

— Por que terá de contar? Você mesma disse que era uma brincadeira...

— Já disse que não sei responder perguntas difíceis. Tenho mente fraca – argumentou ela com astúcia.

— Dulce, você é muito esperta. Sabe muito, mas não pode comentar nada. Entendo o seu lado.

A governanta fez um ar de incredulidade e silenciou. Em seguida, levantou-se para apanhar algo e voltou a se sentar, colocando o cartão de crédito sobre a mesa.

— Isso é seu, Suna. Não seja orgulhosa em não querer aceitá-lo. Terá despesas com roupas, salão e outras feminices para frequentar os lugares que doutor Vicente queira levá-la. É infantilidade de sua parte devolver – alegou impetuosa.

— Não posso aceitar. Ninguém nunca pagou minhas despesas desde que saí da casa de minha mãe.

— Ora, ora, Suna... o que de tão especial nunca fez e está fazendo? – com sutileza, a governanta pôs a mão no queixo, encarando-a, numa indireta, como se dissesse: "também é a primeira vez que se vende por dinheiro?". — Tenha o cartão para uma emergência – praticamente impunha.

Dois dias atrás, num início de noite, Max a entregara o cartão de crédito, indicando que era para despesas pessoais e emergências. Ele nem a encarava, tratando-a com distância e frieza. Respondera que não precisava do cartão. Max havia dito que não discutiria e o jogara sobre a mesa da sala, seguindo para o quarto dele.

Pouco instantes depois desse episódio, o médico voltara a passar pela sala de televisão, onde ela estava, em direção à saída, todo arrumado e sem dizer uma palavra. Então, ela o pedira que esperasse e buscara os brincos que havia usado no casamento, que era uma joia de família. Friamente, Max ordenara que pusesse na mesa ao lado do cartão. Ele saíra. Havia sido o único diálogo que eles mantiveram desde o beijo no mar. O celular de Dulce emitiu sinal de que havia recebido notificação, tirando-a das recordações.

— Doutor Vicente quer falar com você...

— Contou para ele sobre a caixinha, Dulce? – quis saber com certo tom de indignação.

A governanta franziu o cenho. — Claro que não, conte você agora, Suna –

sussurrou rabugenta.

O telefone fixo tocou, Dulce apanhou o aparelho e lhe entregou, saindo da cozinha. Tensa, apertou no botão verde da tecla. — Alô...

— Suna, hoje à noite precisa ir comigo numa festa de bodas... – disse ele de modo ríspido.

— Certo.

— Esteja pronta por volta das vinte horas. Já passei o convite por mensagem – teve a impressão de que ele iria encerrar a ligação.

— Max, Max... espere, por favor.

— Estou ocupado agora.

— Eu sei, é que saí para andar ...

— Hum... – resmungava ele impaciente.

— ... e um garoto entregou uma caixa, que tinha sangue e uma prótese dentária dentro.

Percebeu Max prender a respiração por segundos. — Como assim! Que garoto é esse?

— Não sei, foi na rua... Dulce colocou a caixa no seu escritório.

— Fale com Dulce para tirar uma foto e enviar para mim... – disse com ímpeto. — Não se impressione, não é nada demais.

— Tudo bem... – respondeu, mas ele já tinha desligado. Olhou para o telefone e foi atrás de Dulce. Tinha que providenciar um *look* adequado e já passava das dez horas da manhã. Fechou os olhos imaginando que sua jornada só estava começando naquela nova vida e ainda teria que administrar a antiga.



O neurocirurgião Vicente Max saiu do consultório e dirigia até a emergência do hospital em que Mércia dava plantão. O ódio o consumia. Só poderia ter sido ela a responsável por aquela caixa ridícula entregue a Suna. Teria que a confrontar, caso contrário, a médica iria pensar que conseguira acuá-lo e ela avançaria na senda para destruir sua reputação e atacaria Suna.

A verdade é que aquele falso casamento nem bem tinha começado e já estava fadado ao fracasso. Ao invés de apaziguar a situação, só estava atiçando a loucura de Mércia. Sim, insana. Não era especialista, mas desconfiava que a médica fosse portadora de alguma psicopatia e desenvolvera uma obsessão por ele. Havia uma chance de o autor daquela provocação ter sido alguém que Mércia envenenara ou até mesmo seu irmão,

contudo, essa probabilidade de ser Jopa era mínima.

Tinha sido um grande erro o envolvimento com Mércia, numa confusa relação que envolvia sexo e convívio social. Assumi-la e sair juntos com colegas de profissão fora uma decisão ruim. A médica era uma mulher linda e sedutora. No início, tinha se encantado e acabara por enredar pelo que ela chamava de namoro. Aos poucos, a vida sexual fora se tornando perigosa até que revelara os desejos compulsivos por completo. Mércia cedia e aceitava como se fosse uma prova de amor para ele. Como uma mulher hábil, ela tramava para que a relação evoluísse para algo mais sério. Quando ele começara a fechar-se e se afastar, ela passara a demonstrar um lado passional, protagonizando alguns escândalos. Num deles, até tinha chamado a atenção dos vizinhos, quando prometera destruir a sua carreira.

A princípio não a levava a sério. Havia tolerado a pressão por alguns meses até que Marcel entrara na jogada e a convencera a receber um dinheiro para que parasse de atormentá-lo. Por poucos meses, ela dera trégua, mas, em seguida, começara a atacá-lo, espalhando acusações sobre violência e sexo hostil praticados por ele.

Quando estacionou, o crepúsculo se espalhava no céu. Fitou-se no espelho do quebra sol do carro. A barba começava a ganhar consistência, os olhos, duas bolas negras, eram um mar de segurança, escondendo a fúria de sua alma. Saltou do carro, apanhou o jaleco e seguiu para o acesso dos profissionais de saúde. O celular tocou.

— Mano, não procura essa mulher. Deixa que converso com ela — Marcel tentava dissuadi-lo.

— Tenho que fazer isso, senão passarei a impressão de estar acuado, além do mais, não me esconderei embaixo do seu paletó — rebateu enquanto adentrava no hospital. — Agora preciso desligar. Abração, mano — encerrou a ligação e andou pelo corredor de atendimento dos plantonistas, prendendo a atenção dos presentes por seu jeito despojado, alto e largo. O biótipo de Max em nada combinava com a atividade que exercia que lhe exigia movimentos delicados e destreza. Logo avistou Mércia saindo de uma sala de atendimento. Fez sinal de que queria conversar.

Ela se aproximou. — Estou ocupada agora.

— Dois minutos... — argumentou ele. — A sala de descanso está vazia? — olhou em direção. — Vamos lá — guiou-a pelos ombros e notou que os profissionais os observavam, sabiam do passado deles e devem ter escutado

sobre as intrigas que ela espalhava.

— O que houve? – indagava ela.

— Só mais um pouco – disse até entrarem na sala. Max fechou a porta e estendeu o celular para que a médica visse a imagem com os itens da caixa.

— Que é isso! – Mércia demonstrava surpresa.

— Suna recebeu hoje pela manhã...

— Acha que eu tenho algo a ver? – indignava ela.

— Deixe Suna em paz – guardou o celular no bolso.

— Não sou cafona a esse ponto, de enviar algo tão bizarro.

— É capaz de muitas coisas, Mércia – pôs o dedo em riste e praticamente rugia entre os dentes. — Se continuar fofocando sobre mim, se souber de mais alguma conversa, será processada por injúria e difamação. Não existe nada que desabone minha pessoa, além de sua opinião delirante.

O semblante de Mércia era cínico. — Quem pensa que é, doutor Vicente Max – pontuou sarcástica. — Chupa-sangue durante o sexo, infringindo os padrões de higiene e saúde... – sussurrou jocosa. — ... depois pousa de grande neurocirurgião. Você é doente, portador de vampirismo clínico associado ao sadismo.

Poderia perder o controle, levantou os braços, passou a mão nos cabelos de modo brusco. — Suas acusações não se sustentam e não sou portador de nada, desvairada.

— Está com amnésia?

— Não fuja da conversa. Se liga, Mércia, deixe minha vida em paz e a das pessoas com quem convivo.

— Você não ama Suna. E, para mim, esse casamento é uma farsa.

Calafrios se disseminaram pelo corpo, contudo, o semblante continuava severo. Mércia não tinha como saber da verdade. — De meu casamento cuido eu. Deixe minha vida em paz, profissional e pessoal, antes que a leve para um tribunal ou passe a jogar tão sujo quanto você.

Mércia foi dirigindo-se a saída. — Se quiser, podemos conversar mais à noite, nas bodas de doutor Paulo Sarmiento, sobre dentadas. Agora tenho pacientes para atender – antes de partir, ela gesticulou com as mãos, indicando uma mordida.

Queria trucidá-la, mas engoliu em seco. Iria entrar na guerra, Mércia que se segurasse. Saiu da sala. Enquanto caminhava, começou a ligar para Paulo Sarmiento, bolando bem rápido uma estratégia, desistiu. Fez outra ligação,

dessa vez, para o chefe dos plantonistas. Pediu a Rodrigo que prendesse Mércia, naquela noite, para mais um plantão de doze horas, assim, ela não iria às bodas. Rodrigo não lhe negara o favor. Por outro lado, Max não pedira discrição para ele. Se ela soubesse, melhor.



Suna voltava do salão, havia lavado e arrumado os cabelos e feito as unhas. Dulce a ajudara a escolher um vestido de seu guarda-roupa e possuía apenas um único que pudesse usar naquela noite. Realmente, engoliria o orgulho, pois precisaria utilizar o cartão oferecido por Max e fazer algumas compras. Não tinha condições de arcar com novas despesas visto que o seu salário estava comprometido com contas obtidas antes de aceitar aquela empreitada.

Embora tivesse que se portar como se nada tivesse acontecido, aquela caixinha que recebera pela manhã tinha sido uma aberração. Afinal, qual a ligação entre Max e a sugestão vampírica, envolvendo sangue e dentes?

Entrou na garagem e avistou o carro de Max. Sentiu um aperto na base do coração. Estacionou entre os dois carros e a moto dele. Foi tomada por um susto. Max descia do SUV preto que costumeiramente usava. Ele esperou que saísse do seu carro vermelho, o popular mais simples do mercado. Ela abriu a porta e desceu acanhada e se recriminou por estar reagindo como uma adolescente.

— Boa noite, Max.

— Suna, por que não usa esse *sedan* que está parado? Normalmente, não guiava esse carro – ele se referia ao veículo de luxo prateado enquanto observava o seu carro.

— Obrigada, mas estou bem com meu carro, gosto dele e é mais adequado a pessoa que sou – a sua voz saiu ritmada e calma, mas por dentro parecia estar insegura e atrapalhada. Eles caminharam em direção ao elevador.

Max a observava como se ela o tivesse tratado com ultraje. — Quis apenas que tivesse mais conforto e segurança. Só que para quem já recebeu cem mil não parece, assim, tão adequado – ele imprimiu um tom ríspido. Os dois entraram no elevador em silêncio e a tensão pairava. Ele digitou o código de acesso ao andar.

— Desculpe, não quis parecer indelicada – redeu-se ela arrependida.

Max contraiu os lábios forçoso. — Não foi indelicada. Apenas somos muito diferentes. Acontece entre pessoas estranhas e sem afinidade – sentiu as estocadas no peito. Caso fosse fácil de lágrimas, uma desceria ali, mas não

era o caso. Ele fitou seus cabelos enrolados em grandes cachos. — Pretende sair assim?

Suna se mirou no espelho e ficou ainda mais embaraçada, mas se esforçou para não deixar transparecer. — Claro que não – respirou fundo. — Aluguei minha presença a você por um ano. Não medirei esforços para parecer bem hoje à noite.

— Cada um vende o que melhor lhe convém – ele deixou escapulir com cinismo.

Teve vontade de dar um murro no rosto debochado dele. — Tem toda razão. Vendi minha presença, mas minha alma e delicadeza continuam intactas, embora nem todos possam dizer isso devido a seus segredos insondáveis – socou-o ao seu modo.

Já tinham chegado à varanda e o médico segurou o seu braço, pensou que fosse apertar e puxá-la, mas apenas a fez parar e voltar-se para ele. — Não vamos tornar a convivência difícil – Max mirou seus olhos com severidade. — Eu tenho responsabilidade sobre sua segurança e integridade física, está no contrato. Poderia exigir que utilizasse o outro carro, ou andasse com um motorista, mas não fiz isso. Prefiro que tudo fluísse naturalmente, mas você, dona Suna, é muito atrevida – o tom dele ainda era austero.

— Tem razão sou mesmo atrevida e o senhor é grosseiro – sua voz saiu como uma fleuma, suave, quase um sussurro.

Entraram no apartamento e Zazá miou atrás dela. Max não precisava tratá-la de maneira tão rude, só porque refutou a oferta de dirigir o *sedan*. Ele seguia para o quarto, com seu jeito brutal, empertigado, com queixo levantado. Ela foi colocar comida para a gata na área de serviço. Acariciou a pelagem de Zazá e, em seguida, foi arrumar-se.

Seu vestido estava em cima da cama, passado e pronto, Dulce o havia preparado. Já o usara em duas ocasiões e continuava perfeito. Era um tubinho com alcinhas caídas, azul meia-noite, em seda, de comprimento um pouquinho acima dos joelhos e com uma fenda até o início da coxa. Iria combiná-lo com uma sandália vermelha de tirinhas e salto fino, também havia pintado as unhas na mesma cor.

Tomou uma rápida ducha, vestiu o roupão e começou a se maquiar, na iluminação perfeita do banheiro. Preparava o rosto, planejava explorar menos os olhos para usar um batom carmim, quando ouviu o celular tocar. Parou e foi verificá-lo. Ao ver o nome na tela, tremeu. Num átimo de segundo,

pensou em não atender, mas apertou o botão e ficou esperando que ele falasse.

— Parabéns pelo casamento, Suna – a voz do outro lado soava irônica.

— O que deseja, Dante.

— Marido rico, o que mais poderia acontecer de melhor em nossas vidas...

Fechou os olhos e teve a impressão de que poderia desmaiar. — Não entendi.

— Você me deve, Suna. Pagou só a metade do que pedi e se casa com um cara cheio da grana. Está tentando me enganar? – ela nada comentou. — Pra começar, quero a outra parte do dinheiro e não vou esperar mais cinco meses.

Quis morrer, por fração de segundos. — Dante, se continuar a me pressionar não terá nada, se publicar as fotos, perco meu trabalho e minha reputação, mas irei me reerguer. Só que você é quem vai continuar sem nada – rebateu, tentando manter-se firme.

— Está me ameaçando? E seu marido, um médico cheio de nome, o que vai pensar quando vir suas fotos?

Estremecia, nervosa. — Ele não pensará nada – blefava. Estava contratada muito provavelmente para ajudar a manter a reputação de Max, se a dela ruísse, ainda iria prejudicá-lo, descumprindo o acordo.

— Ledo engano...

— Pare Dante! Se tem um filho doente e o ama, tenha um pinga de bom senso. Esse homem não tem nada a ver com meu passado. Ele não vai pagar por meus erros. Fica tranquilo que terá os outros cem mil no prazo que prometi – tentava argumentar.

— Lave sua boquinha imunda ao falar de meu filho. Uma mulher que transa com traficantezinho de merda do interior, que já está morto, é o quê?

— Não transei com ele. Fiz o que pedia, manipulador maldito – murmurou desesperada.

— Não transou?! Ah! Será mesmo?! – ironizava ele.

Desligou. Jogou-se na cama e chorou. Chorou de forma compulsiva. Chorou por ter se envolvido com Dante por tantos anos e por ter se deixado enganar. Chorou porque era uma leviana, estúpida. Mas chorou baixo, pois não queria que ninguém soubesse, Max não poderia escutar. O que ela fez com a própria vida? Chorou tanto até amolecer.

※※※

"Por que as mulheres demoravam tanto se arrumando?" Perguntava-se

Max sentado numa das poltronas da sala de estar enquanto aguardava Suna. Pensou em bater na porta do quarto, havia ido até lá, mas desistira, retornando. Arrependera-se por ter desdenhado dela e sido grosseiro. Tentava encontrar o ponto certo de como a tratar, mas ainda não encontrara. Não poderia permitir que se aproximassem, porém não era certo que fosse rude. Ela nada tinha a ver com seus problemas ou falta de destreza para lidar com os próprios desejos. Contudo, embora não fosse de sua conta, incomodava-se com o fato de não saber qual o destino que ela tinha dado ao dinheiro que recebera. É que aquela mulher vivia em sua casa, tinha acesso a parte de sua vida, além do mais, passou a mexer com seu corpo e sentidos. Beijá-la fora algo que ia de encontro ao que tinha planejado. Não poderia prosseguir naquele caminho, não precisava de mais encrencas, pois já havia muito a lidar na realidade.

Escutou passadas no corredor, ligeiro se levantou. Observou-a caminhar em sua direção, encantadora e linda, como no dia do casamento. Teve uma ereção e se reprimia por isso, mas não conseguia parar de admirá-la. Suna andava de maneira elegante, resplandecia em cores belas e sedutoras. Os lábios perfeitos, bem desenhados pelo batom, queriam expressar algo ou sorrir, mas eram contidos, adornando o rosto de traços delicados. Os cabelos soltos se movimentavam ao sabor dos passos do corpo longo e torneado, um convite obscuro a ser explorado. Contudo, o olhar de Suna expressava certo desalento. Seria por causa da discussão de quando chegaram? Pensou em elogiá-la, depois desistiu. Não pretendia criar armadilha para ele mesmo, ou seduzi-la e depois a desprezar.

— Desculpe pela demora – ela rompeu o silêncio, fazendo com que caísse na realidade.

— Tudo bem, ainda temos tempo. Na verdade, vou apenas marcar presença, amanhã tenho um procedimento – explicava segurando o entusiasmo. — Vamos...

Saíram para a varanda e uma lufada de vento os envolveu, levantando os cabelos castanhos de Suna, o que a deixou mais parecida com uma *sílfide*. Fechou a janela externa da varanda e chamou o elevador enquanto ela alinhava a cabeleira com as mãos. Teve vontade de envolvê-la pela cintura e beijar aquele ombro de pele macia, um território proibido, ainda mais para um perverso como ele. Em lugares profundos de seus pensamentos, ficava imaginando como Suna seria sem roupa e em todas as possibilidades eram

formas desejáveis. Já fazia uma ideia dos contornos dos seios por causa da blusa apertadinha que usara na casa de praia...

— Eh... Que bonito o casal ter pedido de presente doações ao asilo – comentou Suna, puxando conversa.

— É verdade. Temos que dar nossa contribuição – suspirou com leveza, escolhendo as próximas palavras. — Vamos evitar provocações como as de mais cedo, está bem?

— Tem razão, não houve motivo.

— Você está bem? Achei seu olhar abatido.

— Está tudo bem... – não estava, ao menos para Max. Ela se voltou para ele. — Marcel estará lá na festa?

Já se aproximavam do carro. Abriu a porta para que ela entrasse. Segurou sua mão macia, de dedos longos, carregando a aliança dele no dedo anelar, e, ao se aproximar dela, pôde sentir o perfume doce que exalava da pele sem conseguir esconder seu fascínio. Mas não tinha gostado daquela pergunta e demorou a responder.

— Marcel não estará lá – disse após sentar no banco do motorista. — Por que pergunta?

— Porque é uma das poucas pessoas que conheço entre seus amigos – a fisionomia dela era a de quem constatava o óbvio.

Começou a manobrar e sair da garagem. — Diego estará lá – disse sisudo. — Sua predileção por Marcel começou quando?

— Não tenho predileção – ela arregalou os olhos e Max logo se arrependeu por ter feito aquela pergunta. — Marcel foi quem me trouxe para esse mundo aqui. Você sabe, eu, você e o fingimento. Acertei tudo com ele.

Ele expirou fundo. — Eu sei... esquece. E quando volta a trabalhar? – quis dar um novo rumo à conversa.

— Segunda-feira.

— Combinou novos horários?

— Sim. Trabalharei normal. Quando tiver de acompanhá-lo, serei liberada. Não haverá problemas com relação a suas agendas que precisem de minha presença.

— Não sou um homem tão sociável, não serão muitas ocasiões em que vou roubá-la de seu trabalho – viu brotar um riso sincero e bonito nos lábios de Suna. — Gosta do que faz, não é? Também sou muito fissurado na minha profissão.

— Sim, gosto muito. Na verdade, de algum modo, meu trabalho me salvou... — ela expirou como se tivesse deixado escapar algo que não deveria ter dito. — Quis dizer que gosto de estar envolvida, não é só por me proporcionar o meu sustento.

— Esse "me salvou" é um fio de Ariadne... — por segundos eles se fitaram e a percebeu apreensiva. — Mas não estou aqui para puxar o novelo, não vou perguntar, Suna. Sei que sou fechado, mas se quiser contar algo, pode confiar, sou bom guardador de segredos.

— Ah, obrigada pelo ombro, vou me lembrar quando precisar.

— Outra coisa, Suna. Quanto à caixa que recebeu hoje não é nada demais, como já disse, mas gostaria que fizesse suas atividades físicas no condomínio, em vez de se expor na orla.

Ela franziu o cenho com desgosto. — Estou acostumada. Posso descer para a orla de carro.

— Suna, eu estou pedindo que faça as atividades em outro lugar. Não quero que esse tipo de coisa se repita. Se quiser, te levo na academia que frequento — falou com calma para não parecer austero.

— Não gosto de academia. Prefiro andar, infinitamente, andar.

— Ande no condomínio, leve Dulce... — sentiu como se estivesse roubando algo dela, mas era preciso que ficasse em segurança. — Posso ir caminhar com você, às vezes... quer dizer, se você quiser.

— Não precisa... — ela sobressaltou-se. — Quero dizer que não precisa se preocupar, quando puder caminhar, então, pode chamar...

— Certo, então.

Ficaram em silêncio por algum tempo e antes de parar o SUV, ele confessou: — Nada está sendo fácil para mim e imagino que para você também.

Pedi que Suna esperasse, deixou o carro ligado, desceu, deu a volta e abriu a porta para ela sair. Bem que poderia ser uma companheira real e amante, mas lá estava aquela bela mulher, peça fundamental de sua farsa. Entregou o carro ao manobrista. Observou-a outra vez e lhe segurou a mão, entrando na festa. Deu o nome a *hostess* e seguiu em direção ao casal Paulo e Sonia Sarmiento para parabenizá-lo pelos vinte e cinco anos de união. Em seguida conversou com outros colegas e se instalaram numa mesa quando Diego sentou-se com eles.

— E esse super casal, como anda a lua de mel? — pilheriou Diego.

— Sem graça, velho – cumprimentou-o. O amigo já não estava sóbrio.

— Suna, como está? – perguntou Diego.

— Bem, Diego.

— Acostumando com essa fera aí? – Diego falava de um jeito jocoso e ela sorriu. — E aí, vai beber o quê?

— Nada. Amanhã opero.

— Não me falou nada – queixou-se Diego.

— É no Hospital Santo Antonio. Vai ser com a equipe de lá mesmo. Aquilo chamou atenção de Suna. — Trabalha lá também?

— Trabalho, quer dizer, sou voluntário – explicou ele.

Ela se surpreendeu de maneira positiva. — Que bom!

— Não parece, mas Vicente Max tem um grande coração, assim, um coração de pedra, mas é um cara muito bacana. As mulheres o... – Diego interrompeu. — ... porque ele é boa pinta, está no *shape*. – Diego galhofava e Suna estanhou.

— Pare de zoar, por favor... – bradou Max.

— Suna, esse é um grande homem. Trabalho na equipe dele, desde que se instalou em Salvador. Tudo que faz é com muita dedicação.

— Para, *brother*... – pedia Max.

— Daqui a pouco ele estoura comigo, vai ver – continuava Diego.

As músicas tocadas eram românticas dos anos de 1990. — Vamos Suna, dançar um pouco – o amigo já se tornava inconveniente.

— Uau – assobiou Diego.

Vicente Max conduziu Suna para a pista de dança, onde já estavam outros casais, ao som de *Because You Loved Me*, de Celine Dion. Quis que o tempo parasse ali. Segurou a mão fina com aliança e encostou o seu corpo no dela. Fitou-a nos olhos e desejou beijá-la, mas apenas a manteve mais próximo de seu corpo. Entre seus braços, sentiu-a estremecer e, ao respirar, inflar os seios de forma involuntária, o que era delicioso e lindo.

Excitou-se mais ainda, parecia embriagado pelo cheiro de Suna, a pele macia junto à sua, que provocava uma energia reconfortante, percorrendo cada músculo num circuito fechado. Iam num ritmo bem lento. Permitiu que sua mão desfilasse pelas costas dela e subisse até o pescoço parando entre os cabelos. A vontade de pressionar os lábios dela se tornou uma tortura, mas não poderia envolvê-la naqueles desejos. Era seu próprio carrasco e não iria tomar Suna como sua, embora quisesse profundamente que aquilo

acontecesse.

Percebeu que ela também ofegava. De propósito, passou sua recente barba levemente no ombro, orelha e rosto de Suna e ela estremeceu. Deitou a cabeça dela em seu peito e prometeu a si mesmo que não permitiria que nada de ruim acontecesse com ela, que não iria lhe causar machucados nem físicos ou emocionais. E mergulhou naquela sensação de posse e dever a ser cumprido até que tomasse consciência de que delirava numa febre de desejo irracional. Desceu a mão, além da cintura, parando no início do glúteo e apertou a região de forma disfarçada. Ele mesmo não se conteve e gemeu nos ouvidos dela.

— Suna, Suna... Adoraria que tudo fosse diferente. Amaria poder... — sussurrou no ouvido dela e não conseguiu completar a frase, não conseguia pensar com lógica.

— Max, por favor, vamos sentar — ela soluçou rouca, afrouxou os braços e foi afastando-se e lhe deu as costas. Entendia-a. Estava certa.

— Espere — seu estado de tesão era lastimável. Segurou-a com delicadeza pela cintura frágil e abraçou-a pelas costas para disfarçar, encaixando-a. — Perdoe-me, por favor, desculpe. Mas não posso voltar assim — uma ereção brutal pressionava sua calça.

E aquele contato foi seu início e fim. Percebia Suna vulnerável e delicada em seus braços e queria protegê-la, desejava possuí-la, beijando profundamente a sua boca, como também queria saboreá-la do jeito mais leviano que fosse capaz. Queria guardá-la dos sofrimentos, dos abusos, das violências, como se zela pela mais delicada flor. Mas como poderia agir como protetor, se ele mesmo era o executor, ele era quem ameaçava a segurança dela, era ele quem também queria fazer amor de um jeito até vê-la gritar e de algum modo machucá-la? Ele era um monstro e não a poderia tocar. Não se permitiria praticar tamanho ato insano e perverso. Suna inaugurava o seu pedestal particular, nunca tinha sentido tamanha necessidade de resguardar alguém daquela forma.

Chocolate e morango

9

Fazia quarenta dias desde o casamento de fachada. Suna havia se adaptado à rotina entre a gerência do restaurante e os entremeios daquela nova convivência. Só que nada vinha livre e o preço era os pensamentos no neurocirurgião. Por mais que procurasse manter-se ocupada, um filme ricocheteava na cabeça por centenas de vezes. Eram as recordações deles dançando, beijando-se em alto-mar, no casamento e, mais recente, no calçadão e na sala de tevê. As lembranças vinham permeadas por olhares, gestos, sussurros e excitação que se evidenciavam naqueles instantes. E ainda houve a noite tensa, presos no quarto da fazenda.

Cada toque ou movimento de Max em seu corpo parecia carregado de uma beleza sufocante, em que ventos sibilantes a envolviam num redemoinho de vontades, fazendo-a necessitar de outras aproximações. Entendia o que estava acontecendo. Aquele terreno pantanoso, de que um dia saíra ferida e agora tomava formas de um abismo convidativo, empurrava-a em direção ao perigoso Max.

Perigoso, sim, porque, nas últimas semanas, passaram a ter uma maior convivência, mas o médico estabelecia certa distância física, o que destoava dos olhares de cobiça que lhe lançava. Ou seriam impressões errôneas de seu coração empolgado? A dúvida perdurava dia após dia, hora após hora.

No retorno para casa, após as bodas, quando dançaram de modo bem íntimo, Max se desculpara, prometendo que seu mau comportamento não se repetiria. Travara num simples "tudo bem", apesar de, nos últimos dias, tivesse se arrependido de ter interrompido aquele momento. Deveria era ter

deixado transparecer que o seu desejo era de que avançasse além dos olhares e suspiros.

Isso quase ia acontecendo, duas semanas atrás. Viajaram no feriado da Sexta-feira Santa para o sítio de Paulo e Sonia, o casal que havia comemorado as bodas. O convite tinha sido para dormir, mas devido à situação deles, saíram cedo para retornar no mesmo dia. Rodaram por duzentos quilômetros e chegaram no sítio por volta das dez horas. Escolhera um jeans confortável, camiseta e tênis, Max também havia optado por um *look* despojado.

O tempo era cinzento, mas ainda não chovia. Andaram a cavalo pelas pastagens planas e verdes. O vento abafado e o cheiro de capim fizeram com que rememorasse a sua infância. Max se surpreendera por ela saber cavalgar e lhe lembrara de sua origem interiorana. Ele havia mencionado possuir uma fazenda de criação de animais, prometendo qualquer dia levá-la lá.

Quando Max se esquecia de quem ela era, o trato entre eles melhorava e a conversa ganhava ritmo e cadência. Havia contado ao médico que, quando pequena, visitava, com constância, o sítio do então namorado da mãe, onde brincava com patos, montava e ajudava a cuidar de bezerros. Ele tinha perguntado sobre seu pai e lhe confidenciara que não se recordava direito de Otávio, pois falecera quando tinha somente cinco anos.

Assim que havia começado a chover, retornaram trotando um ao lado do outro. Quando pararam, Max desmontara e viera ajudá-la a apear do animal. De modo natural, ele apoiara seu quadril. Ao pisar no chão, posicionara-se de costas para Max e seus corpos ficaram tão próximos, que sentira o sexo dele, raspando-lhe as nádegas, poderia jurar que estaria rijo. Então, virara, encarando-o enquanto ele mantinha as mãos nas suas ancas. Observaram-se, olho no olho, como num transe mágico, onde aquela energia que os atraía fosse tudo que restasse da existência. Os pingos de chuva se intensificaram, rompendo o encantamento. Paulo os chamava ao longe, um rapaz puxava os animais. Eles correram, aos risos, entre a chuva e o cheiro da terra molhada, em direção à casa antiga, com uma porta alta, varanda na frente e vários janelões.

Almoçaram bacalhoadada com os anfitriões e outro casal convidado, Mauro e Carmem, que estava na faixa dos trinta e poucos anos. Ajudara a arrumar a cozinha com as outras mulheres e depois foram para sala conversar. A chuva havia se tornado uma tempestade, que avançava no decorrer da tarde,

inquietando-a, porque tinham à frente muitos quilômetros de asfalto e estrada de chão. A tarde já partia, quando escutara Paulo e Mauro, tentando convencer Max a não retornar naquele dia, o que a tinha deixado apreensiva. Não havia demorado e aquela também fora a opinião de Sonia e Carmem. Assim que Max a chamara, já sabia qual era o motivo.

— É a chuva? – havia comentado.

— Vamos ter que passar a noite aqui – afirmava ele inseguro e desconcertado. Seus olhos cruzaram com os dele. Mas Sonia a chamara para lhe mostrar o quarto.

Tinha colocado uma bermuda e uma camiseta na bolsa de prevenção, contudo não se preparara para dividir a cama com Vicente Max. Jantaram e ela tomara banho, vestindo a mesma roupa. Os olhares entre eles aumentavam. Em certo instante, o neurocirurgião havia se aproximado, apanhado sua mão e beijado o dorso, e reagira puxando-a rápido.

As conversas se alternavam entre gestão hospitalar e atendimentos médicos, Sonia era médica obstetra e não faltavam assuntos. Com simpatia, alegara cansaço e fora deitar-se. Pretendia pegar no sono o mais rápido possível e evitar Max. Vestira a bermuda e a camiseta e já iria aconchegar-se no canto da cama de casal quando Max entrara.

Ele observara sua roupa. — Onde conseguiu? Foi com Sonia?

— Trouxe por precaução.

— Não se preocupe com essa noite – ele a observava de modo profundo e via os olhos de azeviche brilharem.

A chuva não deva trégua do lado de fora. Max tinha se aproximado, prendendo sua mão entre as dele. Era como se houvesse uma corrente inflamável passando de um corpo a outro, num ciclo intermitente, causando uma sensação de que poderia incendiar a qualquer instante. A respiração perdera o compasso, tornando-se mais sôfrega e era possível escutar Max expulsar o ar dos pulmões. Ficaram assim, naquela tensão, por longos segundos. Ele se aproximara ainda mais e pôde sentir o hálito quente sobre seu rosto. Tivera a impressão de que ele fosse beijá-la. Mas, como uma imbecil, recuara, puxando a mão.

— Sei que nada acontecerá. Confio em você, Max – afirmara nervosa, virando-se para a cama, dando-lhe as costas.

— Isso. Vamos passar a noite tranquilos – sentira que ele se punha próximo ao seu ouvido e falara com a voz entrecortada. — Sinto muito por

ficarmos presos aqui, não previa essa tempestade – ele limpava a garganta. — Amanhã cedo, voltaremos.

— Está certo. Já vou deitando... — Max assentira, observando-a ao apagar a luz e sair enquanto se acomodava na cama.

Horas se seguiram e tentava pegar no sono, virando-se de um lado a outro, com o coração palpitando de ansiedade, arrependida por ter evitado que Max a beijasse. Então, escutara o revirar da maçaneta, voltara-se para a parede e fingira estar dormindo. Ele havia entrado com cuidado, usando a lanterna do celular para guiá-lo no breu do quarto. Max deitara ao seu lado e sentira o perfume do sabonete impregnar o ar, parecia ver os olhos do médico fuzilando suas costas.

O coração disparara como o cão sem rumo. Ele também não encontrava uma posição certa para dormir, até que a perna dele se encaixara, por trás, nas suas. Parecia como uma represa no limite de suas capacidades, prestes a romper, o coração era o tambor sem ritmo, acelerado, tivera até receio de que ele pudesse escutar. A respiração de Max se intensificava e sentira a palma da mão deslizar por sua silhueta, de forma suave. Em seguida, percebera a aproximação do corpo quente do médico, pressionando o seu, levemente. O coração saía pela boca, mas antes que se mexesse, ele já tinha se levantado de modo abrupto, saindo do quarto. Não havia retornado até o dia amanhecer. Naquela manhã, de estrada molhada e alguns chuviscos esparsos, voltaram para casa como dois estranhos, dividindo o mesmo carro.

Aqueles fatos se repetiam na mente de Suna de maneira incansável. Além disso, no transcorrer desses quarenta dias, ele a havia levado para caminhar na orla por três vezes. Na última dessas andanças, na semana anterior, assim que se preparavam para retornar e ela ia subir na garupa da moto, Max a puxara, abraçando-a, cheirando e beijando seu pescoço suado, alisando seus cabelos meio molhados e presos, permitindo que ela se excitasse com o odor másculo e acre do corpo dele. Max a beijara suave e demorado, com os lábios fechados. Havia correspondido envolvendo-o nos braços, mas pouco depois, de forma ríspida, o médico se recompusera, escavando uma vala abissal entre eles, separando-os num silêncio afiado. Com expressões austeras e frases monossilábicas, pedira que subisse na moto e partiram.

Vivia tão afetada, que não tinha ânimo para ter qualquer iniciativa ou reclamar daquelas investidas, seguidas de afastamentos abruptos. De todo modo, aquilo não era para acontecer. O contrato de casamento determinava

que Max precisava manter distância física nas ocasiões em que estivessem a sós, por sua vez, ela deveria ter modos e comportamento adequado, portanto, não poderia ser uma oferecida. No fundo, receava que ele pensasse que planejava um golpe. A sua presença na vida de Max era por causa de dinheiro e isso poderia causar falsas impressões, pois o rompimento das regras de conduta o levaria a ter de indenizá-la em dobro pelo valor do contrato, uma fortuna. A situação era muito difícil e ainda faltavam longos meses até que a vigência do acordo acabasse.

Em algumas noites, em que seus horários coincidiam, assistiam a filmes ou série juntos. A maioria desses momentos acontecia também na companhia de Marcel, que passara a visitá-los com mais constância. Exalando simpatia e educação, o advogado perguntava se precisava de algo e se estava bem, como também, oferecia-se para ajudá-la em qualquer problema. Por milésimos de segundos, havia desconfiado de que Max não gostava da postura do amigo, mas a animada conversa deles dissipava aquela impressão.

Nas poucas vezes que assistiram televisão sozinhos, ele permanecia como se estivesse a quilômetros de distância, o que, na realidade, representava um metro e meio de um sofá a outro. Em uma única ocasião, sentara-se próximo. Bem à vontade, Max ria, comentava sobre o que via e torcia. No final, quando passavam os créditos da produção, ele colocara o braço por cima de seu ombro, acariciando seu rosto e cabelos com a outra mão, engolindo-a com os olhos, como se a desnudasse. Beijara seus lábios com ternura, permitindo que suas línguas se roçassem úmidas sem cerimônia e descera a mão sobre seu seio. Tivera o impulso de impedi-lo, acabando por segurar a mão boba de Max por entre seus dedos. Quando o beijo havia começado a se tornar ávido, ele o interrompera, desenlaçando-se de seu corpo e ficando de pé.

— É...é... amanhã cedo preciso avaliar meus pacientes internados. Boa noite, Suna – alegara de forma seca, saindo da sala e a deixando-a solitária e boquiaberta.

Em muitas ocasiões, Max saía à noite e, em algumas delas, não voltava para casa, o que a deixava apreensiva, com insônia, dormindo mal. Apesar de a vida íntima dele não fosse de sua conta, aquilo significava que ele tinha outra pessoa, o que a entristecia e apertava o coração, como se estivesse amarrado numa trouxa, ou coubesse em qualquer caixinha de tão apertado que ficava.

Em dois momentos, Max pedira que fosse encontrá-lo na companhia de um grupo de colegas do trabalho, uma vez num bar e outra, num restaurante. Assim que enviava mensagem de que estava chegando, ele ia para frente do estabelecimento esperá-la, beijava-lhe a testa e bochecha, de modo mais demorado, e a conduzindo para a mesa. Max pegava sua mão, às vezes alisava a palma, outras, brincava com a aliança, virando-a de um lado a outro. Por alguns instantes, ele guiava a sua mão sobre a coxa dele e a pressionava. Na última vez que fizera aquilo, ela apertara o músculo, como um grande beliscão, corando envergonhada. Ele apenas a observara com os olhos de azeviche indecifráveis e permitira que um leve sorriso apontasse no canto dos lábios.

No mais, Dulce continuava a lhe prestar suporte, porém, com a volta ao trabalho, conversavam por menos tempo. Já Dante, após a ligação que a desmontara em miríade de pedacinhos não mais a havia procurado. A verdade é que a situação se tornava cada dia pesada e condicional. Se Dante não tivesse a chantageado, não precisaria aceitar a proposta de Marcel, desse modo, não estaria sendo atraída, como um metal e um ímã, na direção de Max. A vida tecia tramas das mais confusas e inusitadas maneiras.

∴

Enfim, naquele instante, início de noite, Suna aguardava Max, que enviara mensagem, pedindo que o esperasse para assistirem a um episódio da série que tinham começado a acompanhar. Era a primeira vez que ele sugeria aquilo. Assim, colocara em prática seu ritual; arrumava-se, tinha que admitir, para ele. Inclusive, havia comprado novas roupas e renovado seu estoque de *lingerie*, pois, no íntimo, alimentava a esperança que, em algum momento, ele a tomasse nos braços. Sabia que aquela expectativa não era correta, mas se aquilo se concretizasse, daquela vez não seria ela a impedir, visto que cada fibra do corpo gritava ansiosa por mais uma investida do médico.

Usava um vestido leve estampado de florezinhas vermelhas e brancas, de alcinha, decote em "v" e comprimento acima dos joelhos, que marcava o corpo e combinava com as sandálias rasteiras ornadas por pedras escuras. Para completar o visual, prendera o cabelo num coque informal. Sentia-se uma imbecil por aquelas atitudes, contudo não conseguiria agir diferente. De repente, a porta se abriu e Max chegou acompanhado de Marcel. Um frio subiu pela coluna e o coração batia descompensado.

— Boa noite, Suna — Marcel a cumprimentou. Ambos estavam roupa de

ginástica e carregavam mochilas.

— Olá, Suna – era a voz sólida de Max. Eles seguiram para o escritório e nem prestaram atenção a seu aceno. Max digitou a senha de acesso da porta e entraram.

Na noite anterior, Max dormira fora e agora eles entravam assim, quase sem lhe dirigir a palavra. Foi tomada por uma nova inquietação. Será que aconteceriam mudanças que colocaria um ponto final no contrato? Era incapaz de prever. De súbito, passou a odiar aquela ideia, que apertava o coração numa ansiedade insólita. O escândalo do irmão de Max e as estranhas insinuações da mulher no dia do casamento eram questões distantes de onde se encontrava. Cada vez mais dominada pelos sentimentos, a razão definhava, fazendo abaixar as defesas, tão bem estruturadas, contra o sofrimento.

Eles demoravam tanto no escritório que decidia jantar sozinha. Foi até a cozinha, esquentou a comida, retirou a salada da geladeira. Então, escutou movimentos vindos da sala e foi direto naquela direção. Marcel seguia para a saída. Max o acompanhava.

— Não vai ficar para jantar e assistir algo conosco? – perguntou ansiosa a Marcel, andando da sala de jantar para a de estar. Marcel parou para atendê-la.

— Não, querida, tenho algumas pendências para resolver. Outro dia venho. Cuide-se. Lembre-se de que tudo aqui é um contrato – aconselhou o advogado num tom firme, acenando e com o semblante atarracado. De repente, aquelas palavras a afligiam ainda mais. O que ele queria dizer?

— Você é um contrato, Marcel, um conjunto de regras insuportáveis. Sua vida se tornou uma amargurada legislação – acusava Max, exaltado, esperando Marcel sair, fechando a porta com força assim que o advogado passou. Então, o médico se voltou para ela. — Gosta demais da companhia de Marcel. Por quê? – indagou ele ríspido e se aproximou das cadeiras do conjunto de jacarandá da sala.

Foi apanhada de supetão. — Como? – questionava-se estupefata. — Estava sendo educada. Afinal, por que não posso admirar a presença dele? É um cara legal, atencioso e a gente interage bem. Não é a primeira vez que faz esse tipo de pergunta, Max.

— Por quê? Ainda pergunta. Por que eu e você temos um contrato – mencionou ele e como um tique passou a mão no cabelo.

Ficou nervosa e confusa. O médico apelava para as linhas que diziam que não poderia relacionar-se com ninguém, só podia ser. E, por sua vez, há pouco Marcel pedira que ficasse atenta ao acordo. — Eu respeito o contrato. Mas o senhor, doutor Vicente Max, sempre o está burlando. Dorme fora, o que não me diz respeito, e, quando pode, dá seu jeitinho de, desnecessariamente, passar suas mãos em mim e me beijar.

Ele arregalou os olhos. — Não seja presunçosa. Toda vez que a toquei foi por que houve necessidade, dentro do nosso acordo.

— Não sou arrogante. Não me trate assim – exigia Suna e Max dava alguns passos em sua direção.

— Desculpe pelo "presunçosa" – ele procurava acalmar a respiração. — Suna, é melhor...

A moça interrompeu Max. — Você se aproveita e se arrepende, fica nesse jogo, provavelmente, com receio da multa.

— Pare com isso – reclamava o neurocirurgião aborrecido. — Não me aproveitei de você e, às vezes em que me excedi, pedi desculpas. Além do mais, não tenho medo de multas. Sou um homem digno, assumo minhas responsabilidades – ele expirou outra vez, fechando as mãos entre os lábios enquanto se postava em sua frente. — Chega, Suna. Vá para seu quarto – praticamente latiu para ela.

Contraíu o cenho indignada, buscando organizar as palavras. — Não sou sua propriedade para me tratar assim. Mandou mensagem pedindo que o aguardasse para assistir série... – subiu o tom exasperada e se culpou por tê-lo pressionado. Tudo ia por água abaixo. — Grosso, estúpido – sussurrou. — A partir de agora só trato com você o indispensável, evitarei vê-lo, Vicente Max – finalizou com desdém e foi retirando-se.

— Espera... nunca discutimos – a mão dele pousou em seu braço.

Max a puxou com força e cobriu os seus lábios. Tentou livrar-se, mas ele a segurou firme. Como queria tanto aquele momento, acabou cedendo. Sentia o cheiro excitante que exalava do corpo de Max, ouvia a respiração ofegante e ritmada, como uma fera. Aquele estava sendo o beijo mais profundo de sua vida, como se a língua dele atingisse o centro de sua alma. Era íntimo, era avassalador. Sentia a pressão do sexo do médico sobre seu ventre.

Os braços de Max vagavam pelas costas como se fosse um polvo, por entre o pescoço e cabeça, pela cintura e quadril, apalpando as nádegas. O seu coração parecia um tambor descompassado. Não se aguentava de desejo.

Abraçava-o, tentava corresponder a selvageria na mesma medida, embora fosse incapaz de tamanha façanha. Os lábios já estavam formigando, quando se afastaram. Após o beijo, a vergonha. Ele a fitou com os olhos escuros, pôs a mão na testa, como se punisse, sem permitir que se afastasse dele.

— Suna, lutei muito contra isso, estou no limite de minhas resistências – fez menção de falar, porém Max colocou dois dedos sobre sua boca. — Perdoe-me. Se você disser que realmente não quer mais que a toque, dou um jeito, sei lá, venho a esse apartamento menos vezes e te procuro apenas nos momentos muito específicos. Mas saiba, entenda, que não é isso que eu quero.

— Não – rebateu sem pensar. — Assim, não. Por favor, isso tudo é muito confuso. Aqui é sua casa. Eu que tenho que sair, nesse caso – abraçou-o. Max beijou sua cabeça.

— Sei que é muito confuso, não esperava que esse desejo florescesse entre nós. Se desconfiasse, não teria inventado essa história de casamento, contrato e toda essa palhaçada – ouviu aquilo e se sentiu rejeitada, mas entendia que ninguém havia buscado por aquela atração. — Somos adultos e temos que saber lidar com essa situação – ele se afastou e fez um sinal entre eles. — Quero você – murmurou Max. Aquele tom e palavras disseminaram uma comichão e, ao mesmo tempo, um alívio, através da pele, transpassando os sentidos, apertando o estômago. — Quero você pra mim. Quero tocá-la, senti-la, quero te beijar na hora que tiver vontade... Não sei, não sei explicar como essa vontade surgiu, só garanto que ela tem me torturado desde a cerimônia... – nada comentou, apenas segurou a face dele e o beijou, mordiscando os lábios dele, sugando a língua, invadindo, ocupando, sentindo, movida por uma súbita alegria. Quando se afastaram, ele parecia anestesiado.

— Eu também quero... – confessou ela e sua voz era um fiapo.

— É muito bom escutar isso. Temi ser rejeitado – ele a mantinha com os braços envolto ao seu redor. — Preciso de um banho e a gente volta a conversar.

— Está certo – assentia.

Ele começou a se afastar e depois retornou e a beijou de novo, com mais ternura. — Espere-me – ele pegou seu cabelo e soltou. — Prefiro assim.

Max foi para a suíte. As suas pernas bambearam e teve a impressão de que poderia desmaiar. Beliscou-se para confirmar se aquilo era real. Além de mandão, ele era um homem possessivo. Até hoje sofria as consequências de

um relacionamento com um homem de natureza difícil. *Não, Suna, calma, não pode comparar Max a Dante.*

A verdade é que nem conhecia Max direito, só sabia sobre seu prestígio. Mas quem era o homem Vicente Max que desejava como uma alucinada? Logo ela, tão sensata e controlada em cada passo de sua existência, agora se via perdendo as estribeiras. O que a aguardava se a vida nunca lhe foi mansa? Não se importaria, precisava viver aquilo com urgência antes que enlouquecesse.



Perturbado, Vicente Max entrou no banheiro e ligou a ducha. De repente, havia acontecido o que tanto desejava logo quando não fazia ideia de como dar o primeiro passo. Arrebatara Suna em seus braços e a beijara da maneira que tinha vontade. E ainda iriam conversar sobre aquela armadilha que o acaso os havia surpreendido.

A atração que tinha por aquela mulher sabotava seus planos. Se Suna era a desculpa para que sua reputação fosse preservada, ele havia sido catapultado contra a própria arapuca, ao passar a cobiçá-la. Só que aquele desejo era arriscado, não queria machucá-la, nem a fazer criar falsas expectativas.

Havia se policiado ao extremo e lutado contra aquela atração. Buscara Elisa com mais constância do que o costume, havia tentado transferir para a fidelizada a atração por Suna. Mas, nas ocasiões, não tocava o corpo frágil que queria, não beijava os lábios que já conhecia a textura, a densidade e o sabor. Mudando de estratégia e confundindo Elisa, havia se tornado menos voraz e mais romântico, o que não dera certo. Na noite anterior, concluía que não havia substituta para Suna, precisava dela para alimentar aquele desejo que surgira no dia do casamento e, aos poucos, dominava suas vontades.

Encontrava-se num estado de tanta obsessão por Suna que não foram uma ou duas noites que havia ido vê-la trabalhar no Maresia, sem que fosse notado. Entrava no estacionamento, dava gorjeta ao segurança para o ajudar a encontrar um bom lugar em que pudesse estacionar. Do carro, espionava o que acontecia no estabelecimento de paredes de vidro. Ficava por horas ouvindo músicas e tentando vê-la passar de um lado a outro. Imaginava a quantidade de homens que poderia estar observando-a, numa posição mais privilegiada do que a dele, cobiçando-a, verificando suas formas, expressões e movimentos.

Sabia que aquilo não era sadio, contudo, tinha Suna como mulher e não

podia esquentar sua cama com ela, o que o consumia. Ainda a monitorava através de Dulce, que lhe informava sobre os passos que ela dava, para aonde ia e o que fazia. Na verdade, constatava que precisava de freios, só que era impossível parar o que nem havia começado.

Além disso, tirava-o do sério a ínfima possibilidade de Suna guardar alguma expectativa em relação a Marcel. O amigo, seu grande parceiro, demonstrava um interesse especial por ela, insistindo para que se mantivesse firme e não se envolvesse com ela. A princípio, Marcel não quisera que a escolhida fosse Suna, recordava-se bem, mas não impedira e tinha negociado o acordo por ele.

Mais cedo, havia revelado a Marcel sobre seu interesse por Suna e ele reagira muito mal. Discutiram de maneira disfarçada na academia e ele o seguira até sua casa, onde tiveram uma dura conversa. Marcel havia implorado para que não a tocasse, argumentando que ela não merecia sofrer, que nada tinha a ver com suas fissuras e que poderia possuir as mulheres que desejasse no seu mundo de fidelizadas e submissas. O amigo o pintava como monstro e exagerava. Não queria magoá-lo, porém, se Marcel tinha algum interesse por Suna devia tê-lo alertado de maneira mais contundente antes.

O advogado não fazia ideia do que atravessava, embora soubesse muito bem como ele agia com as mulheres que passavam por sua vida, nunca aliviara a mão. Contudo, estava disposto a mudar e garantir isso. O que mais queria era cuidar daquela mulher e a manter segura.

Precisava ser meticuloso para que suas pretensões se concretizassem. Apesar de perceber a receptividade de Suna através de olhares, correspondendo-o em algumas ocasiões, desconhecia se ela atravessava o mesmo processo que ele. De todo modo, pretendia agir de uma maneira que não a assustasse. Apostava que se envolvesse com leveza e calma, mantendo-se presente com constância, nunca precisaria pedir que aceitasse seu lado mais violento e voraz, nessa sua necessidade insana de infligir dor e saboreá-la nos lábios. Nunca iria fazer com que Suna passasse por aquilo. Se o impulso estivesse descontrolado, procuraria Elisa. Era provável que aquela estratégia desse certo.

Passou a mão nos cabelos, jogando-os para trás e se apoiou no revestimento do banheiro. Ainda pensava no que diria a Suna, se nem sabia o que era aquela vontade incontrolável de tê-la junto de si. De súbito, sentiu-se inseguro, incapaz de convencê-la de que poderia inspirar confiança.

Só de pensar nela e nos beijos cheios de entrega de há pouco, excitou-se de novo e não poderia sair daquela forma. Era necessário se acostumar com a ideia de poder possuí-la, caso contrário, o desastre o sabotaria logo no primeiro passo. Era o senhor de si e de seus demônios, seus cachorros adestrados, sabia onde e quando soltá-los e nunca seria com Suna, nunca. Naquela situação, não havia outra saída senão se tocar. Pegou seu membro, fechou os olhos e imaginou-se dentro da mulher que despertava seu apetite, que queria invadir e possuir, com calma e leveza, liberto de tempestades.



Max retornou do demorado banho vestindo bermuda marinho e camiseta branca, os cabelos molhados estavam penteados para trás, o que destacava a barba que crescia. Ele sorriu em sua direção, no riso mais aberto que tinha visto naquela face acostumada à rigidez taciturna. Por sua vez, o coração de Suna dava piruetas, aflito. Ela ficou de pé apreensiva e ele a segurou pela mão chamando-a para cozinha. Lá, encontraram o jantar feito por Dulce, uma pasta ao molho quatro queijos com ervas e cubos de frango, além de uma salada. Também avistaram a torta de chocolate e morangos que ela fizera logo que chegara do trabalho.

— Ora ora, torta de chocolate! Dulce fez ou você trouxe? — perguntou Max curioso, servindo-se da massa, sentando-se na ponta da bancada. Ele apontou uma tangencial próximo a ele para que se acomodasse.

— Eu fiz — disse ao tempo que colocava salada no prato.

— Não sabia que também cozinhava, Suna — ele comia voraz como sempre.

— Faço algumas receitas, sim. Sempre me virei — tensa, não conseguia engolir.

Ficaram em silêncio por algum tempo. — Por favor, desculpe pelo meu jeito, depois que Marcel saiu. Não sou assim — ele levantou e apanhou uma jarra de suco na geladeira, serviu um copo para ela e beijou seu pescoço, fazendo-a levitar.

— Tudo bem. Está desculpado — disse com um tom de alegria incomum.

Max voltou a se sentar e bebeu um grande gole do suco de abacaxi. — Eu queria te falar algo, mas não encontro a palavra certa — ele demonstrava desconforto.

— Hum... sei, essa situação em que a gente se conheceu é bem esquisita. Eu... eu... aceitei porque estava no olho do furacão de um problema, se não

fosse naquele momento, teria declinado da oferta de Marcel – confessou nervosa, mas para ela, ser totalmente sincera era sua caminhada rumo ao infinito.

— Queria deixar essa questão do contrato para conversarmos num momento posterior, não hoje, agora. Mas gostaria de saber qual foi esse "olho do furacão" e poder ajudá-la.

— Uma necessidade tão grande quanto a que te fez propor um casamento de mentira – arriscou com audácia.

Max a mirou surpreso, franziu o cenho e respirou fundo, voltando-se para a torta coberta com chocolate branco e escuro e ornada com morangos inteiros.

— Está bem... Bonita essa torta, você é tão magrinha e faz guloseimas deliciosas.

Suna achou graça tanto da fuga do assunto sobre o que motivou a farsa, como no olhar de Max para a torta. Naquela altura, ele já estava acabando o jantar e ela dera algumas garfadas na salada. — Já prestou atenção que os sabores mais deliciosos não podem ser consumidos constantemente, assim vale para o doce, que deve ser apreciado de vez em quando.

— Ah, discordo. O que é gostoso é para ser provado, ou melhor, comido todos os dias – percebeu um pouco de duplo sentido naquela frase, mas supôs que não tinha sido proposital.

Suna se levantou, apanhou um prato, cortou um pedado da torta, escutando alguns sons de comemoração vindos de Max. — Prove, não sabe realmente se a minha torta é boa.

Ele riu de sua provocação. — Nem sabe, dona Suna, brinca com fogo e não com tortas e doces – Max apanhou um morango grande que enfeitava a torta e pôs em sua boca. — Nem faz ideia do quanto imaginei essa cena e tantas outras – ele ficou de pé e a fez levantar, enlaçando-a.

Apoiado no balcão, o médico a encaixou entre as pernas e a beijou, roubando o morango já amassado de sua boca. Max pressionava o seu torso superior com um braço e com a outra mão, a cintura, contra o corpo dele. Uma onda de felicidade se disseminou por seus sentidos e era incapaz de se recordar da última vez que havia sido invadida por aquela sensação. Foram trocando o longo beijo por outros menores. Então, Max partiu um pedaço da torta do prato e pôs uma garfada na sua boca e, em seguida, cobri-os com os lábios e passaram a dividir aquele naco. Aquilo era muito íntimo e ousado.

— Senhorita Suna Ferraz, sua torta me agrada – expressou num tom

malandro. — Só que preciso provar mais para afirmar se meu paladar está correto.

— Fique à vontade.

— Mesmo?

— Mesmo – murmurou com a voz denunciando sua entrega.

Max empurrou os pratos e copos da bancada para longe, deixando apenas a torta. Pegou-a no colo como se carregasse uma pena, fazendo com que seu coração disparasse e, ao mesmo tempo, apertasse. Ele, então, deitou-a sobre o granito preto da bancada. Sua sandália caía no chão e não conseguia protestar. Max apanhou mais uma porção da torta e pôs na própria boca, levantou seus cabelos e foi beijando seu pescoço até descer pelo decote do vestido, procurando os seios. Segurou a cabeça de Max que conseguiu que o mamilo esquerdo escapulisse e beijou com ternura o bico entumecido. Ele desceu as alças do vestido liberando os seios, passando a beijar o outro e a lambuzá-los de torta. Sentiu um frio percorrer a barriga e certa vergonha a misturar-se com a excitação.

Caso fosse possível, estouraria entre o prazer e a alegria. Ele sugava os seios a ponto de colocar metade de um deles dentro da boca. Alternava a carícia, passando a barba sobre os mamilos, o que a excitava bastante, e parecia lavas vulcânicas percorrendo veias e artérias e incendiando-se entre as pernas. Depois, ele se concentrou num dos mamilos, fazendo círculos com a língua e tocando o outro com as pontas dos dedos. O seu corpo vibrava, sempre na iminência de não suportar aquele prazer, contorcia-se sobre a bancada, e uma energia queria extravasar. Gemia baixo, virava parcialmente o quadril de um lado a outro.

Fez menção de baixar o zíper lateral do vestido, contudo Max a impediu, segurando sua mão. Fitaram-se e viu o brilho nos olhos de azeviche arderem sobre os seus. — Não – murmurou Max num tom grave. Eles continuavam a se observar e o médico escorregou a mão em sua coxa, enfiando-a por baixo do vestido, parando para brincar com as laterais da calcinha, passando o dedo ao redor. — Posso? – ele sussurrava. — Deixa te tocar, Suna – pediu em seu ouvido.

— Sim, sim... – ofegava.

Max passava a língua na orelha, mordiscava-a enquanto explorava seu ventre, puxou a renda da calcinha para a lateral e acariciava seus lábios íntimos e clitoris, que umedeciam os dedos dele. Era um dique prestes a se

romper. Aqueles toques a conduziam em direção ao ápice de modo urgente, ao topo e ao gozo. Gemia, perdia-se de si e se entregava àquelas ondas que, por duas vezes, chocavam-se em seu corpo.

Revirava os olhos e usufruía da sensação de alívio e paz, ao retornar à realidade. Eles se observaram por alguns segundos. Max colocou os dedos mais profundamente entre suas pernas, retirou-os e de forma lenta, os levou até os lábios, saboreando-os. Corou. Se tivesse onde se esconder, ali estaria. Ele baixou a saia do vestido, recolocou as alças no lugar, cobrindo os seios, e a ergueu da bancada, fazendo-a sentar e depois deslocou seu corpo ao chão. Quando os pés tocaram o piso, sentiu-as fracas e trêmulas de prazer. Não sabia o que dizer e onde focar.

Max lhe deu um beijinho. — Lembra-se daquela noite no hotel depois do casamento? –ele não escondia o riso largo, os dentes alinhados e os caninos alongados.

— Sim, claro.

— Havia morangos, chantili e champanhe no balde de gelo para os noivos.

— Ê, lembro, lembro vagamente.

— Quando vi sua torta, recordei daquele dia. Quando você se sentir mais à vontade, vou reservar um fim de semana num lugar melhor do aquele só para nós dois.

Ruborizou e baixou o rosto. — Vamos combinar – disse finalmente como num sussurro.

— Ei, não fica envergonhada! Está tudo bem – os olhos dele brilhavam.

— Na verdade, estou extremamente constrangida – confessava, escondendo o rosto no peito de Max.

— Não, nada disso. Foi lindo o que aconteceu agora e o que está por vir será melhor. É maravilhosa, Suna – apertou o braço forte dele. — Olhe para mim, por favor – mesmo resistente, atendeu o pedido de Max. — Não aconteceu nada, tudo isso ... – abriu um dos braços como se abarcasse ao redor. — ... é natural, é normal entre duas pessoas que se desejam – ele beijou sua testa. — Vamos, você precisa de um banho, está coberta de torta de chocolate.

Riu. — Preciso arrumar isso aqui...

— Não, venha comigo. Vamos dormir, amanhã tenho uma cirurgia complicada.



Suna era linda e muito atraente. Carregava uma beleza natural que envolvia a aparência, os lindos seios firmes, com perfeitos mamilos avermelhados, parecendo duas pitangas maduras, o corpo de formas delicadas e a própria existência, dona de uma presença marcante, doce e meiga, e uma aura que emanava boas energias. Estava fascinado por aquela mulher, que fizera latejar suas entranhas. Enchera-se de encanto enquanto a via ter prazer e ao provar o sabor doce que lhe escorria entre as pernas. Queria mais, muito mais, só que com calma. Quis morrer por não poder possuí-la ali, naquela bancada, mas tinha sido melhor daquele jeito.

Deixara-a no quarto para que tomasse banho. Queria muito dormir com ela, mas não descansaria se a levasse para sua cama e responsabilidades o aguardavam no dia seguinte. Trocou a camiseta, retornou para o corredor e bateu na porta do quarto de Suna, que não respondeu, tentou a maçanete, porém ela tinha passado a chave. Estanhou, encostou na parede e esperou mais um tempo. Será que ela havia se arrependido? Ele a teria assustado? Aquela possibilidade remota, deixou-o apreensivo. Tornou a bater na porta, chamando-a pelo nome. Demorou mais um pouco e, então, para seu alívio, ela abriu.

— Nossa! Pensei que tinha desaparecido – quis dar um tom de brincadeira, devido à insistência.

— Pelo amor de Deus, para onde iria?

— Posso entrar.

— A casa é sua, Vicente – aconchegou-se na poltrona e ela se sentou na cama na sua frente, usando um *baby-doll* de bichinhos.

— Suna, venha aqui.

— Venha aqui, Max – ela foi para a cabeceira da cama e se encostou.

— Tenho que dormir, amanhã opero – falava enquanto caminhava até a cama inseguro.

— Deita aqui por cinco minutos somente – pediu ela.

Ficou deslocado, mas cedeu, foi deitando-se e sua cabeça acabou no colo dela, que começou a passar as mãos no seu cabelo. Beijou a coxa dela. — Adoro seu perfume, é tão cheirosa.

— Seus cabelos são muito sensuais, quer dizer, é também um homem sexy, grande, másculo. E isso deve virar a cabeça de qualquer mulher – pontuou ela.

Suna com delicadeza invertia as posições, embaraçando-o. — Não, não

assim como pensa. Se isso acontece, sinceramente, não vejo... – forçou um riso para disfarçar.

— Não sei aonde essa sintonia entre nós vai me levar... Enfim, de qualquer modo, temos quase um ano pela frente, só que o acordo não tem nada a ver com esses momentos. Isso está claro para mim. Quero que saiba que não gosto do papel de vítima, mas só piso em terrenos seguros e jogo jogos justos – delineou Suna direta.

Max sentou e se voltou para ela. Sentiu que chegava no seu limiar entre quem era e o que fazia. — Não sei o que quer dizer direito porque ainda não a conheço com profundidade. Mas saiba que sou digno e decente, nunca vou abrir minha boca para iludi-la.

— Não importa se vai recuar em algum momento, mas o faça com hombridade, o mesmo vale para mim.

— Correta – ele a abraçou. — Posso mudar de assunto e fazer uma pergunta íntima? – estava muito curioso.

— Vá em frente.

— Usa qual método anticoncepcional?

— Nenhum, não havia ninguém na minha vida. Então, tem que ser preservativo – sentiu um alívio estranho no peito com o que ela acabara de dizer.

— Poderia ir numa consulta, saber se pode usar injeções que eu mesmo aplico. É seguro para você e para mim.

Suna o observou com estranhamento. — Não confia que tome remédio ou em preservativo?

— Se puder ceder nisso, ficarei feliz. Não quero ter filhos e prefiro estar no controle disso aí.

Ela levantou as sobrancelhas e ficou em silêncio por algum tempo. — Se é tão importante para você, vou marcar um médico.

— Tenho uma amiga minha ginecologista muito boa, posso tentar encaixá-la amanhã. Quanto mais rápido resolvermos isso, melhor – ele inspirou fundo para continuar, porque sabia o quanto inconveniente era aquela conversa. — Olha, confio em você, faço exames com regularidade e vou mandá-los para que veja.

Fitou-a ansioso com receio da reação dela, que concordou com sua proposta. Voltou a abraçá-la e a beijar. Suna foi um grande presente do mundo perverso. A promessa do precioso diamante vermelho, que precisava

de todo cuidado e proteção. Encontrou-a de maneira inusitada, mas, para ele, era como se tivesse sido presenteado com um mapa de um tesouro. Precisava segui-lo para descobrir quão reais eram as joias que pareciam raras.

Pétalas vermelhas

10

Naquele fim de tarde de sexta-feira, Suna aguardava a vez de ser atendida por doutora Lícia Cardoso, na recepção do consultório da ginecologista indicada por Max. Levava os exames mais recentes que tinha feito. Era uma clínica simples, situada num prédio antigo, diferente da que Max atendia os pacientes particulares e de convênio quando não estava em cirurgia, que era moderna e localizada num prédio integrado a um dos hospitais em que trabalhava. Aceitara o estranho pedido para que ele cuidasse do método anticonceptivo, mas aquilo badalava bem estranho em sua mente, só não conseguia entender qual era a mensagem daqueles sinais.

Acabara de receber uma mensagem dele, avisando que iriam a uma boate àquela noite, pois era aniversário de um colega anestesista. No final da mensagem ele enviou *emojis* com beijinhos, o que foi uma surpresa. Respondeu com outros. O lado espinhoso era que teria de se ausentar do Maresia em horário de movimento, os patrões já tinham concordado com essa situação, embora ela andasse incomodada, pois as faltas coincidiam com os horários de maior movimento.

Também já tinha abandonado as caminhadas na orla e passava a andar na área verde do condomínio ou na esteira da academia do local. De modo racional, percebia que estava indo de encontro a alguns lastros que a sustentavam. Na verdade, envolvia-se numa cortina de fumaça, liberada pela efervescência emocional que se dispunha a viver. Max parecia tê-la enfeitiçado. O que ocorrera na bancada da cozinha, na noite anterior, repetia-se como um filme na sua cabeça.

A recepcionista enfezada avisou que podia entrar, arrancando-a dos pensamentos. Levantou-se e caminhou em direção ao consultório, uma sala rústica e pequena com mesa, cadeira e maca ginecológica, com equipamentos para o preventivo.

— Como vai, Suna? — a médica a esperava na porta da sala, cumprimentando-a com beijinho.

— Bem, doutora Lícia.

— Desculpe a demora, mas esperava a técnica do laboratório chegar — expressou simpatia e se sentou na cadeira. — Vicente Max me pediu que a atendesse com toda atenção. Ele está muito interessado — quis imprimir um tom animado.

Aquilo a sobressaltou. Observou bem as feições daquela mulher, em torno dos quarenta anos, cabelos tingidos num castanho de reflexos avermelhados, mantidos num corte *chanel*. — Somos casados — finalmente disse, mostrando a aliança.

A médica demonstrou espanto. — É verdade. Ele é muito preocupado — ela tentava disfarçar a escorregadela. Minimamente, já atendera alguma ex de Max ou várias.

Max havia dito que a médica era sua amiga, mas Lícia demonstrava desconhecer o fato de estar casado e não se recordava dela na festa, em que ele havia convidado quase todos os profissionais que conhecia. Chateou-se, mas não iria deixar aquele sentimento proliferar.

A ginecologista fez perguntas, viu seus exames, digitou no prontuário. Deu a receita de um anticonceptivo injetável e de uma pílula do dia seguinte. Como sua menstruação era bem regular, ela falou que não estava em período fértil, o que já sabia. Nem precisou fazer o preventivo, pois o seu estava em dia. Quando terminou, ela colheu amostra do muco vaginal para o exame da captura híbrida do HPV (Vírus do Papiloma Humano) e chamou a técnica de enfermagem que tirou amostras de sangue.

Perguntou o porquê naquele procedimento e a ginecologista alegou que gostava de acompanhar pessoalmente os exames de seus pacientes ligados a Infecções Sexualmente Transmissíveis. Estranhou, nunca soube de uma ginecologista que fizesse isso.

Saiu de lá ressabiada com o atendimento, a clínica e os procedimentos. Passou na farmácia comprou o remédio e seguiu para casa. Aqueles exames devem ter sido um pedido de Max, pois ele lhe encaminhara os dele feito

nesse mês. Talvez, ele enviasse as mulheres com quem transava para aquela clínica medonha. Teve uma pontada de frustração.



Lícia havia mandado mensagem. Por segundos, Vicente Max se arrependeu de tê-la indicado para Suna, mas a ansiedade em resolver a questão do método anticonceptivo era mais urgente. Estivera em cirurgia por quase cinco horas, o que fora desgastante, apesar de já estar acostumado a não almoçar. O que importava era que não estaria de sobreaviso naquele fim de semana, nem atenderia como voluntário, o que, graças ao bom Deus, coincidiria com a possibilidade de ter Suna para si e seriam horas inesquecíveis.

Passara na academia para fazer uma série leve com o objetivo de combater as dores por ficar em pé, na mesma posição, por horas a fio. Esperava encontrar Marcel, pois não queria que perdurasse um clima desagradável com o amigo, mas ele não aparecera. Seus pensamentos buscavam Suna, recordando cada instante da noite anterior, deixando-o ansioso para que pudesse estar com ela de novo. Durante a volta para casa, seu agente mandara mensagem confirmando que conseguiria atender seu pedido em tempo recorde e enviou os dados.

Chegou em casa por volta das dezenove horas, não viu Suna pela casa, apenas a preguiçosa gata Zazá ressonava na janela. Foi direto ao chuveiro, precisava de um banho. Continuava a pensar no que fariam de madrugada e aquilo o deixava excitado. Vestiu-se e foi ao quarto de Suna que estava trancado, bateu na porta. Quando ela surgiu, segurou-a e comprimiu seus lábios nos dela, numa nova sensação de alívio e contentamento. Procurou a língua dela, mas Suna logo se esquivou do beijo.

— Está tudo bem? — franziu o cenho. Ela apenas assentiu. — Como foi seu dia?

— Fiz o que pedi, fui à ginecologista — enquanto falava, ela se desvencilhou de seus braços e apanhou um saquinho de farmácia na poltrona. — Aqui está, para seu controle.

— Não gostou da médica? Está zangada? — o tom dela não o enganava. Entrou no quarto, apanhou a sacola, leu o receituário.

— Sua amiga foi muito simpática. Doutora Lícia é sua amiga, não é?

— Sim, sim. Conheço Lícia há muitos anos.

— Hum, não recordo dela no casamento. Afinal, convidou equipes de

hospitais inteiras – Suna era esperta, precisava ter cuidado.

Não gostou daquela sondagem. — Ela não foi realmente. O que tem o fato de Lícia estar presente ou não naquela festa! – fitou-a com mais intensidade. — É melhor separarmos o passado, do presente e do futuro, além de que, precisamos construir um muro que separe o contrato do que está acontecendo entre nós agora. Você mesma, com outras palavras, deu a entender que estava disposta a isso. Continua concordando? – argumentou tentando ser o menos duro possível.

Ela expirou, encostou-se na parede e colocou as mãos na testa por alguns segundos. Mesmo com o clima pesado, não conseguia deixar de admirá-la no short e na camiseta que a faziam parecer uma garota. — Sim, concordo. Desculpe – ela admitiu introspectiva.

— Vem jantar comigo. Não almocei hoje, estou faminto – trouxe-a para perto de seu corpo e a beijou, tentando espantar o mal-estar, desceu suas mãos pelos glúteos macios de Suna e os apertou, pressionando-os contra seu corpo. Não via a hora de sentir aquela pele e tê-la inteira para ele. — Vamos viver o agora – murmurou e a conduziu para a cozinha.

Entrar na cozinha, sentar na bancada com Suna eram uma ode às recordações, mas nada comentou para não a constranger. Ela já tinha esquentado o salmão grelhado e a salada de legumes salteados, que Dulce tinha cozinhado. A mulher que atiçava seus desejos havia passado a aquecer o jantar todas as noites em que estava em casa, mesmo quando não jantavam juntos. Suna apanhou os copos e a jarra de suco e os serviu.

— Ainda tem medo de mim, Suna? – puxou conversa.

— Por que essa pergunta – quis saber intrigada.

— Continua trancando a porta do quarto. Aqui só vivem eu, você e sua gata dorminhoca.

Conseguiu arrancar um riso daquele rosto de boneca. — É costume, vou me adaptar – acrescentou ao colocar uma porção de legumes na boca. Roubou-lhe um selinho.



Impossível ficar chateada com Max, concluía Suna ao sair do quarto para ir à balada com ele. Avistou Max, na sala de estar, concentrado em alguma conversa no celular. Aquele homem de barba curta, alto, ombros largos a conquistou. Estava lindo com uma camisa cinza clara de manga comprida, dobrada até os cotovelos, os botões abertos, revelando os pelos rebaixados no

peito, por dentro de numa calça jeans de tom escuro e corte clássico, cinto discreto e sapato social preto. No braço, ostentava um relógio, dessas marcas caras.

— Max, quer ir agora? – desviou os olhos dele do aparelho.

Devagar, ele a mirou dos pés à cabeça. Suna calçava um *scarpin* branco alabastro, de curvas e salto fino, o vestido, um palmo e meio acima do joelho, era em renda preta, com forro na parte da frente, alça de um ombro só. A parte da saia era rosa chá, com a mesma renda descendo em detalhes transversais. Optara por uma pequena bolsa no tom da saia. A maquiagem mesclava em tons escuros e claros nos olhos, aplicara um batom rosa clarinho e manteve os cabelos soltos. Prendeu o riso ao notar o semblante impressionado de Max ao vistoriá-la. Ele se levantou da poltrona e a abraçou, dando um beijinho nos lábios.

— Só me surpreende. Está linda, não me canso de te olhar – uma onda de satisfação percorreu a sua coluna. Ele a fitou e se afastou para observá-la de novo, mantendo uma de suas mãos sobre a sua. — Mas não está faltando tecido?

— Não, não está. Esse vestido é por sua conta, comprei com seu cartão.

— Não tem que me dizer – ele estava encabulado. — Vai atrair muitos olhares. Quero você, Suna... Se pudesse, desistia e te levava para cama agora.

Arrepios espalhavam-se pela pele e um aperto no peito a enchia de contentamento. — Pode desistir, então.

— Não, não podemos, vamos – decidia ele.

Atender sem protestar às decisões de Max não a incomodava muito, o que a acendia um longínquo alerta. Ele era mandão, mas não se sentia ofendida com aquele jeito ser, que, por outro lado, sabia ser agradável e carinhoso. Colocava-se nas mãos dele, sem pudor, pagando para ver o valor daquela conta.

Chegaram à boate, uma das mais bem frequentadas da cidade, por volta das vinte e duas horas. Max matinha um humor leve, risonho e era um *gentleman*, abrindo a porta do carro, conduzindo-a para o interior do ambiente. Entraram e teve dificuldade para se acostumar com os jogos de luz e a música eletrônica comandada pelo DJ. Agora sem mais receios, ele a segurava por trás, mantendo-a próximo, roçando o corpo no seu. Havia muita gente na pista. Subiram para uma área mais reservada, onde se encontravam os amigos dele.

Max a apresentou ao aniversariante, Alexandre Viana, que completava trinta e quatro anos naquele dia. Alexandre a elogiou e Max, por sua vez, passou o braço por seu ombro. Diego apareceu cutucando-os, cumprimentaram-se e perguntou o que iriam beber, Max alegou que só beberia mais tarde. Também não quis beber, mas ele insistia que tomasse gim tônica e foi no bar buscar as bebidas.

Permaneceu ao lado de Diego por algum tempo e observava a movimentação na pista. Em certo momento, Diego foi puxado por outra pessoa. Em seguida, uma mulher apareceu e tocou suas costas, esforçando-se para lhe sorrir com simpatia. Recordava-se dela do casamento, fizera algumas insinuações sem sentido sobre sua pele e Max a havia tratado de maneira rude.

— Tudo bem, Suna? – sussurrou ela no ouvido. — Como vai a vidinha de casada?

— Melhor impossível – respondeu desafiadora, desconfiava de que a mulher devia ter interesse em Max, ou fosse ex-namorada. — Lembro-me de você, só não recordo do seu nome.

— Ah! Mércia, Mércia Arruda.

Diego se aproximou, tocando o seu ombro. — Suna, Max está chegando – avisava.

— Prazer revê-la – foi ao encontro de Max.

Diego a acompanhou e cochichou algo no ouvido do neurocirurgião, pegando o uísque na mão dele. Esse, por sua vez, respondeu algo inaudível, o que a deixou curiosa, supôs que deveria ter sido sobre Mércia. Max lhe estendeu o gim e tomava um energético. Bebericou o drinque e ele a abraçou por trás. Ficaram curtindo a música até que outros conhecidos chegaram e Max a soltou para conversar com eles. Pouco tempo depois, o aniversariante passou pelo grupo, convidando para descer à pista de dança. Diego se sentou.

Mantendo-se juntos, Max a envolveu em seus braços, beijando o pescoço, o que provocava a sensação de um sopro quente e molhado sobre a pele. Ele tomou o copo de gim de sua mão e pôs na mesa junto com o energético. De modo lento, virou-a e os olhos escuros de Max brilhavam. Aos poucos, ele foi se aproximando, embalando um beijo suave que, de modo progressivo, tornou-se intenso, quase tão profundo quanto o da noite anterior, explorador, com as línguas reivindicando uma a outra, sôfregas e famintas.

Tinha a impressão que era capaz de desaparecer naquele grande abraço e

levitar entre aquelas luzes psicodélicas. O coração parecia agitar ao ritmo das batidas eletrônicas, dançando em reverência àquele desejo que assolava seu corpo. Era um êxtase simbólico, a promessa de uma entrega tão profunda e, de forma contraditória, silenciosa que, por um fiapo de consciência, temia-a. Parecia que o gim fazia efeito, não era habituada a bebidas alcoólicas e sentia o corpo aquecer. Eles foram diminuindo a intensidade, dando beijinhos menores, sorrindo um para o outro e se afastaram um pouco. Ao pegar o copo de gim, percebeu a face estatelada de Diego com olhos paralisados sobre eles.

Max perguntou se queria ir para a pista. Resolveu aceitar para sair do arco de visão de olhares inquisidores. Desceram de mãos dadas e começaram a dançar de modo tímido sem deixarem de tocar um no outro, notou que aquela agitação não era o forte dele. Voltaram a namorar assim que um som mais tranquilo invadiu a boate. Grudaram-se como numa simbiose nada secreta, entre abraços apertados e lábios desesperados, consumidos pelo desejo. Ele não tinha limites e, em dois instantes, bem ligeiro, tinha acariciado seu traseiro. Tentava fazer com que as mãos dele se comportassem.

— Suna, o que está fazendo comigo? – murmurou no seu ouvido, passando a barba em sua face e orelha, o que era muito erótico. Ele nem esperou que respondesse, voltando a explorar os seus lábios.

De súbito, percebeu Alexandre dar um tapa nas costas de Max. — Velho, está faltando cama em sua casa? – o amigo gritou no ouvido dele e podia escutar. Max a fitou sem conseguir disfarçar o semblante assustado enquanto o amigo ria. Tocando as costas de Max e a dela, pôde sentir o hálito de álcool de Alexandre. — Está mandando ver, né? Fodendo pra caralho, porque tua fama é de destrói-mulher.

Max se desvencilhou de Alexandre de modo brusco, pensou que fosse agredi-lo, mas deu apenas dois tapinhas nas costas e a puxou rumo à saída, abrindo espaço entre as pessoas. — Vamos embora, esse pessoal bebe e perde a noção do que diz – disse ele entre os dentes quase no final da pista, em direção ao caixa. — Não pretendia demorar mesmo – concluía visivelmente zangado, passando a mão no cabelo. Pagou a consumação e saíram.

Ela sentiu o vento quente da noite bater na face. A diferença entre o som alto do ambiente fechado e da rua causava certa sensação de surdez. Max parecia aborrecido por causa da indelicadeza de Alexandre. Ainda assim, não pretendia estragar a noite, então, não fazia perguntas sobre Mércia ou acerca do comportamento inadequado do anestesista. O manobrista chegou e Max a

ajudou a entrar no carro. Ainda do lado de fora, ele mexia no celular. Não deu para ver de dentro do banco do carona se lia algo ou digitava. Em seguida, o médico entrou e foi guiando devagar.

— Suna, algumas pessoas têm uma visão errada de mim. Não sou mulherengo como Alexandre deu a entender. Existe muito disse-me-disse no ambiente de trabalho, convivo com muitas pessoas e...

— Max, não faz isso. Não se explica. Disse hoje que devemos viver o presente – cortou a conversa.

Ele expirou como se fosse um alívio. — Você é meu presente. Meu presente, Suna, é você... – declarou-se com a voz branda e calma.

Escutou aquilo em silêncio. Entendia, cada vez mais, que ele tinha um passado complicado. As insinuações de Mércia, do irmão, do colega de trabalho e até da ginecologista sinalizavam algum segredo pesado que nem conseguia supor qual fosse. Max pertencia às espécies de homens difíceis, afinal ele não estaria simulando um casamento, pagando uma fortuna por isso, por um motivo fútil.

Algo sério havia transparecido, há pouco, no semblante rude e na expressão de terror de Max, quando Alexandre o importunara. Para ela, o ponto crucial daquela percepção sobre o médico era saber se conseguiria lidar com a carga que o rondava, ou se aguentaria um dia compartilhá-la com ele, ou ainda, se seria forte o suficiente, no dia seguinte, assim que aquela história entre eles acabasse.

Prestou atenção no caminho que Max tomava e se encabulou. — Pegou a avenida errado ou quer dar uma volta?

— Não vamos dormir em casa, Suna.

Crispou a testa e se arrepiou. — Não? Por quê?

— Não... – ele estreitou os olhos. — Verá o porquê. É surpresa – o médico lhe sorriu deixando à mostra os dentes lindos e, para trás, o que acabou de acontecer.

Rodaram por mais algum tempo e chegaram ao mesmo hotel em que dormiram no dia do casamento. — O mesmo lugar! Você é doido – exclamou admirada.

— Infelizmente, não consegui o mesmo quarto – ele entregou o carro ao manobrista e foram à recepção de mãos dadas fazer o *check-in*, que foi rápido. Logo estavam com o cartão de acesso ao quarto. Ele dispensou o acompanhante e entraram no elevador, no quinto andar.

Max pediu que esperasse no corredor. Ele foi até o quarto e alguns segundos depois, retornou, tapando a sua visão com as mãos e conduzindo-a para dentro, fechando a porta. Viu um brilho entre os dedos. Ele a puxou, encaixando seu glúteo nele e retirou a mão.

— Nossa! – exclamou.

Havia rosas vermelhas e velas acesas por toda antessala, criando uma atmosfera linda e ainda um cheiro aromático de lavanda impregnava o ar. O coração disparou como um cavalo selvagem, as pernas bambearam. Nunca tinha vivido aquilo.

Ele passou o dedo em sua face, descendo até o queixo. — Você é meu presente.

— Estou sem palavras – confessou sem conseguir esconder a emoção.

— Não diz nada, apenas sinta – a voz dele saía como um sussurro. — Quero que seja inesquecível.

As sensações eram impossíveis de serem narradas, eram muitas, eram intensas, pareciam extrapolar limites, derrubar cercas, destruir defesas, criar pontes e ligações entre todas partes do corpo, unindo-se aos sentidos e emoções.

Max se aproximou devagar e beijaram-se de modo terno. Ele explorava o seu corpo, Tateando até encontrar o zíper lateral do vestido. Sem perder o ritmo, num beijo intenso que não se desgrudava, ajudou-o a abri-lo. Baixou os braços, permitindo que o vestido escorregasse, empurrou-o com o salto para o lado. Max a fitou fascinado. Usava o conjunto preto de sutiã tomara que caia, calcinha de renda sem costura e *scarpin*. Ele fechou os olhos, sem disfarçar a admiração, inspirando com força.

Aproximou-se dele com receio de que os braços tremessem e começou a desabotoar a camisa enquanto Max afrouxava o cinto, tirava os sapatos e se livrava da cueca e da calça. Tirou a blusa de Max e a jogou no chão, acariciando o peitoral bonito e os pelos curtos e másculos, sentindo o sexo ereto entre eles. Num rompante, ele a segurou no colo e a levou para o quarto. Lá, havia mais um mimo. Além das velas, a cama estava coberta por pétalas de rosas vermelhas e botões sem talos.

O tempo se tornou inimigo dos desejos. O perfume e ambiente estimulavam os sentidos. Max a deitou na cama e ficou ao seu redor como um animal feroz, cheirou e sugou seu pescoço. Voltaram a se beijar e rolaram na cama, em abraços apertados, numa sofreguidão sem limites,

movimentando os lábios, como se não fossem suficientes, num débil delírio. Ele parecia um deus com os músculos sólidos, as formas másculas e as nádegas bem desenhadas. Ela montou em cima do quadril e o membro rijo tocava os glúteos. Abriu o sutiã e o jogou para o lado.

— Linda, linda... não posso perder a cabeça, meu Deus – ele murmurava como se fosse para si mesmo.

— Perca a cabeça, por favor – pedia.

Max emitia um som que não conseguiu entender. De maneira abrupta, virou-a na cama, puxou sua calcinha com força. Por segundos, o olhar e a feição do médico mudaram e o seu coração alterava o compasso. Ele mordiscou o seio, passou a língua em movimentos circulares, sugou-o de maneira molhada, fazendo-a levitar. Repetiu os movimentos no outro seio, como se estivesse faminto. Desceu os lábios até a altura do estômago, passou pelo umbigo e mergulhou entre suas pernas. Gemeu alto, entregando-se àquela sensação de estar sendo devorada e ser alimento.

Depois de afagar os seus lábios maiores e menores, a língua úmida e quente se concentrou no clitóris, em movimentos circulares e verticais, ora mais intensos, ora mais calmos, e, com as mãos, estimulava os seios. Imaginou que fosse estourar, partida em milhares de pedaços, por ter aquele homem a servindo, ofertando um prazer que há muito não vivenciava.

Acariciou os cabelos dele, fechou um pouco as coxas, o rosto e a barba roçaram sua pele, o que só aumentava o seu deleite. Ia extravasar e sabia que ondas a arrebatariam logo logo, jogando-a nos grandes templos do prazer. E elas vieram. Chegaram em espasmos fortes, fazendo com que o útero contraísse por uma, duas, três vezes.

— Que gostoso, Suna... – ele sugou e bebeu do líquido de seu prazer.

Cobrindo os lábios com o gosto molhado de seu orgasmo, Max voltou a mirá-la. Ele abriu mais suas coxas e encostou o pênis, penetrando-a, de maneira repentina, quase de uma só vez. Solto um grito de dor na boca dele, que parecia excitar-se com aquilo. Sentia-se preenchida, contudo, ainda havia mais. Sem a menor piedade, ele consumou a penetração, fazendo com que soltasse outro gemido, como se, de algum modo, estivesse sendo dividida ao meio. Quando ele começou a movimentar-se, cravou as unhas nas costas e, no automático, puxou-as riscando a pele do médico.

— Isso – conseguiu entender entre os sons guturais de Max. Prendeu o grito, ao tempo que ele a cheirava, mordiscava o queixo, lábios, exigia sua

língua. — Como sonhei com esse momento! Queria tanto, tanto, estar dentro de você... — murmurou em seu ouvido, movendo-se lentamente. — É muito delicioso te ter! Gostosa! Delícia... — dizia de modo rasgado. — Só que quero mais, quero tudo, Suna — Max aumentava o ritmo. Estava imersa num redemoinho de dor e prazer, uma entrega sem qualquer resquício de lucidez.

— Devagar... — pedia quase como um miado.

Ele diminuiu as estocadas, abraçando-a, tomando-a como dele. Rolaram de um lado a outro sem se desgrudarem, como dois animais no cio. Ele gemia, parecia respirar com dificuldade. Voltou a aumentar o ritmo, abraçando-a apertado. Percebeu que ele chegaria ao êxtase. Nesse momento, Max retirou o membro de dentro de si e se jogou sobre ela, delirando com os lábios abertos sobre seu pescoço, interrompendo o coito e encharcando o seu abdome de prazer.

Voltaram-se a se fitar. Max a presenteou com um belo sorriso. Deu beijinhos no rosto dele, nos olhos, no queixo, esfregou-se na barba, como uma gata, para assinalar que ele lhe pertencia, ao menos naquela noite. Max deitou de lado e a aninhou entre os braços, entrelaçando as pernas. Ficaram assim, sentindo um ao outro por um bom tempo, em silêncio, acariciando-se de forma delicada, sentindo o cheiro do gozo dele sobrepor o das rosas e das velas queimando.

— É um poema, Suna. Tão linda, tão deliciosa! Acho que estou alucinando, nem acredito que tenho você — confessava baixinho no seu ouvido.

— Não é delírio, é real. Também nem estou aguentando de tanta de felicidade. Meu coração parece que vai explodir — ressaltava com os lábios flexionados num riso que vinha da alma. Continuaram agarrados acariciando-se por mais um tempo. — Preciso levantar — sussurrou interrompendo aquele encanto. Na verdade, precisava ir ao banheiro.

— Não me canso de te olhar... Posso ir com você? — perguntava num tom meio safado.

— Não, claro que não...

Ele riu. — Está bem. Vá, mas não tome banho. Vamos fazer isso juntos... — dizia ele enquanto se levantava tentando esconder-se. Sentou, esticando o lençol dobrado no pé da cama, pois seu vestido tinha ficado na sala. — Não se envergonhe, é muito linda. Vou olhar para outro lado... — Max se voltou para o lado oposto e a visão daquele homem era perturbadora, a tatuagem, os

ombros, a bunda, enfim, as formas que pareciam uma escultura rústica e maciça.

Seguiu rápido ao banheiro, onde havia uma hidromassagem com pétalas de rosas flutuando sobre uma pequena lâmina de água. Vários sais e óleos foram colocados ao redor, além de uma bandeja com taças envoltas em sacos plásticos e balde de gelo, com bebida e água. Usou o vaso, lavou-se com jatinho de água e sentiu o ardor entre as pernas. Apertou a descarga que fez um barulho. Encabulando-se. Praguejou.

O cheiro do esperma de Max exalava da barriga. Lavou as mãos, deu aquela conferida no espelho e viu algumas pétalas amassadas grudadas nas costas, barriga e cabelos. Retirou as que alcançava e alinhou os fios de cabelos com as mãos. Limpou o excesso do esperma. Agradeceu por estar com a depilação em dia, havia apenas um caminho bem curto de pelos sobre a vulva. Resplandecia numa energia rara, como se estivesse completa, realizada daquela tensão que a perturbava há dois meses. Então, criava coragem para sair andando nua na frente daquele homem, que, naquela noite, estava sendo seu.

Sentado na cama, sob a luz fraca do quarto, ele a analisou como se fosse possível desnudar a alma. Levantou-se e veio até ela, abraçando-a, sem se cansar de beijá-la. Ele passou para o banheiro e fitou a face daquela tatuagem de dragão com garras e dentes salientes. Em seguida, Max foi buscar o espumante e comida para eles. Escutava o barulho da água caindo na banheira. Constrangida, levantou-se para ajudá-lo com a bandeja de frios, com queijos, azeitonas, frutas secas, pequenos sanduíches com queijo e fatias de peru. Pôs a bandeja na cama e sentaram-se. Max lhe entregou a taça e a trouxe para próximo dele

Brindaram. — Que esse desejo se perpetue – pediu ele, mirando-a com intensidade.

— Que essa noite se eternize em nossos corações – desejou. Deram o primeiro gole. Riram.

— Gostou do quarto, das flores e das velas?

— Está tudo lindo. Planejou isso que horas? – demonstrou entusiasmo, pegando uma porção de queijo branco.

— Ah ah... Depois que saí do procedimento. Pedi ao agente, que resolveu tudo. Queria que tivesse boas lembranças, que fosse uma noite especial.

— Está sendo única. Obrigada.

Ele acariciou sua cabeça. — É uma mulher de muitos poderes, Suna – ele a fitou de forma penetrante.

— Por que diz isso? – quis saber, enquanto comia um sanduíche e ele colocava mais bebida em sua taça.

— Não percebe a influência que tem sobre mim?

— E a que tem sobre mim, Vicente Max, nunca notou?

Ele expressou dúvida. — Às vezes sim, outras vezes não. Você é dura quando quer. Então, percebi que não estava sendo ríspida quando me excedia... – confessava ele com ar de graça. — E isso me dava esperanças.

— Imagina! – exagerou no tom. — Na verdade, petrificava com aqueles beijos repentinos – acabou sendo sincera. — Tenho uma pergunta a fazer – apanhou outro sanduíche e sorveu mais um gole da bebida. — Gostou de mim aqui? – ousou-se, alisando, com uma das mãos, a cama entre pétalas vermelhas.

Quando menos esperava, Max enfiou a mão entre suas pernas, tocando seu sexo e dando uma apertada. Quase soltava a taça em susto. — É muito bom ter você, muito. Quero mais – disse ele com o semblante fechado e ela enrubesceu. — Vou ficar bem decepcionado se não for assim, com muito sexo. Isso responde? – ele sorriu, causando um rastro de susto em seu coração.

— Claro que responde.

Max pegou sua mão e colocou sobre o membro dele que enrijecia. Paralisou em dúvida por alguns segundos. Em seguida, ajoelhou-se entre as pernas dele e, aos poucos, foi jogando a bebida em cima do pênis e o beijava da forma mais lasciva que rememorava. Era impossível tê-lo inteiro na cavidade bucal. Ele gemia, acariciando seus cabelos, guiando sua cabeça. Por longos minutos, sugou e lambeu o sexo de Max, que emitia sons guturais.

— Não dá para terminar assim agora, ainda há muito a nossa espera... – ele a interrompeu e a fez levantar. — Quero te dar um banho e conhecer cada centímetro desse corpo, só para guardar na minha memória – murmurou em seu ouvido. Teve uma suave impressão de que aquele encontro duraria muito menos do que imaginava. Se aquilo acontecesse, ficaria dilacerada.

Imersos na banheira, deleitaram-se na água morna. De modo sensual, Max passou sabão líquido e óleos no seu corpo, tocando parte por parte, explorando os seios, mamilos e nádegas, cada dobra, curvas, aclave ou depressão. Ele se concentrou nos lábios íntimos, clitóris, cavidade vaginal,

como se fosse um reconhecimento de território.

Max a colocou para se apoiar na borda da banheira e a penetrou de novo, por trás, beijando e mordiscando suas costas e pescoço, fazendo sentir-se viva, com ele murmurando sons e frases inaudíveis de prazer. Em seguida, ele sentou na borda da banheira e pediu que voltasse a sugar seu membro. Atendeu-o até que chegasse ao êxtase, gemendo como um animal ferido. Gozou em seu rosto, respingando-o de prazer. Após vê-la, ele cobriu seus lábios, de forma suave e delicada.

A água esfriou. Rendidos, cansados e limpos, vestiram roupões e deitaram na cama quando o dia já amanhecia. Exausta, adormeceu abraçada ao melhor amante de sua vida. Na verdade, a relação com Dante tinha sido tão traumática que não encontrara ninguém em quem confiasse com o intuito de se envolver de forma profunda. Algumas vezes, havia pensado que tinha se tornado frígida.

Quando já passava de meio-dia, despertou com Max beijando-a, acariciando seu sexo e seios. O médico abriu seu roupão, deixando-a nua. Ele começou a lhe sugar os mamilos de forma calma e suave, descendo pela barriga até o ventre. Max suspendeu uma de suas pernas, passando os lábios pela coxa e panturrilha. Ao se aproximar do pé, sua respiração se intensificou.

Ele beijou a planta do pé de modo tão leve e molhado, que poderia ter um orgasmo só com as sensações daquelas carícias. Os lábios percorreram os dedos, o peito do pé e voltaram à planta, concentrando-se na curva. Ele murmurava que tinha pés lindos. Quando sua agonia parecia intolerável, Max a virou de costas, possuindo-a de maneira viril, fazendo se sentir rasgada. Ele mantinha as estocadas fortes, apoiando-se em suas nádegas, sussurrando algumas obscenidades e puxando seus cabelos até gozar, gemendo alto, sem o menor pudor.

∴

Naquele momento, voltavam para casa, depois de almoçarem no quarto. Estava literalmente sem conseguir sentar, mantendo-se de lado. Viu seu reflexo no espelho do quebra-sol e parecia como se sentia: feliz, leve e acabada.

Max mal tirava uma das mãos sobre sua coxa. — Animada para continuar?

— É um devasso, Vicente. Estou destruída, não vê?

— Vou ser bem cuidadoso, juro – seu semblante era de surpresa

disfarçada. — Eu disse que é uma mulher poderosa e é meu presente. Você quem faz isso comigo.

— Na verdade, precisava dar um pulo no trabalho hoje.

— Ah! Hoje não, nem amanhã. Vamos passar o fim de semana juntos. Segunda-feira, retorna ao trabalho.

— Segunda, não há movimento.

— Por que não abre um negócio, uma loja de doces? Aquela torta estava muito boa e bonita.

Suspendeu as sobrancelhas. — A vida não é assim. É preciso de um investimento alto para isso, além do mais estou feliz no Maresia, não queria perder meu emprego.

— Dinheiro? — aquela indagação fez subir um frio pela coluna. — Posso ser seu sócio. A gente contrata especialistas...

Olhou-o de esguelha. — Eu disse que não é assim — posicionou-se com um tom mais objetivo.

— Você quem sabe, essa oferta nada tem a ver conosco. É que vejo que tem potencial. Voltando ao assunto anterior, se puder e quiser, fique em casa já me programei para isso.

— Eu quero muito estar com você. Muito — confessava.

— Melhor estar comigo do que naquele restaurante, desfilando de um lado a outro, como um peixinho no aquário, e todos aqueles homens registrando suas formas e tirando suas medidas com o olhar — fitou-o aborrecida sem nada dizer.

Agressão

11

Vicente Max havia despertado radiante com Suna ao seu lado, usando um *baby-doll* de ovelhinhas e nuvens. Passaram o fim de semana se curtindo, numa maratona de carinho e sexo. Ainda assim, quisera possuí-la ao despertar, contudo ela estava tão dolorida que, no dia anterior, utilizaram muito mais os lábios e mãos do que outra forma de prazer.

Deitados de lado, de conchinha, comprimira-a contra o corpo, passando a mão, levemente, sobre os belos mamilos pequenos e muito salientes enquanto Suna apenas ressonava. Não havia perguntado, mas desconfiava que ela não tinha muita experiência sexual pelo jeito que reagia. Pouco importava, pois não cabia em si de tanto fascínio por aquela mulher. Se a mente estivesse livre, rememorava cada momento daquele fim de semana.

Ao notar que dormiram juntos, Dulce insinuara que estivesse apaixonado, mas tinha negado aquilo à governanta. De algum modo, a possibilidade de se envolver emocionalmente o amedrontava e, ao mesmo tempo, era instigante, pois desejava Suna como um alucinado. Era um interesse viciante, que beirava a obsessão, o que o deixava em alerta. Mas não queria racionalizar aquele encontro, tão bom, que a vida lhe tinha proporcionado.

Seu mundo virava de ponta a cabeça. Mesmo sem saber, ela conseguia adestrá-lo, tornando-o um cavalo manco, um cão manso e feliz, ao menos por aqueles dias. Para Max, Suna era mais que sexo, apesar de precisar beber nessa fonte do contato físico para alcançar algo maior, uma mistura de prazer e euforia. Era tão bom que desconfiava que nunca se cansaria dela.

Com Elisa, o sexo era o princípio e o fim para obter o prazer da

supremacia sobre a parceira, a ponto de os instintos exigirem provar o gosto ferroso da mulher abatida. Não queria pensar muito naquilo, porque tinha absoluta certeza que poderia conviver nos dois universos; entre a dominação obscura de suas compulsões e a grandeza e magnetismo da presença de Suna em seus dias.

Sentia-se tão preenchido que, durante todo o dia, os músculos da face se contraíam num riso fácil, o que era incomum. Havia combinado com Suna de jantarem fora e, quem sabe, irem ao cinema. Ansioso, naquele momento, voltava para casa. Queria ver o sorriso, o rosto e sentir o cheiro natural dela, que tanto o excitava.

Ao entrar na garagem, avistou o veículo vermelho de Suna, o que indicava que ela já havia chegado do trabalho. De súbito, impactou-se com a cena que se desenrolava diante de seus olhos. Ela discutia com um homem. Prendeu a respiração e freou.

Muito rápido, o cara pegou Suna pelos ombros, sacudiu-a violentamente e a arremessou na pilastra. Max abriu a porta do carro e gritou, correndo atrás dele, que acelerava os passos, escapando pela rampa. O médico chegou até o meio da garagem e desistiu, voltando rápido em direção a Suna que estava caída no chão. Desesperou-se. Havia um sangramento na cabeça e ela estava em choque.

Agachou-se. — Fala comigo – por segundos, o olhar dela se perdia ao redor, sem reação. E Max sabia o que podia ser aquilo. Gritou pedindo ajuda. Queria colocá-la no carro, mas receava alguma lesão não aparente. Lembrava-se da agressão e tentava prever os danos causados.

— O que aconteceu? – aproximou-se do rosto dela e viu as pupilas levemente dilatadas. — Olhe para mim, Suna – ela o fitou. — Responde – exigia aflito.

— Eu não sei, estou confusa – murmurou ela com lágrimas nos olhos.

— Onde você está? Preciso que responda.

Ela olhou a redor. — Garagem, na garagem de seu prédio – ela falou ainda aérea.

Max aliviou-se.

— Meu nome, diga, é importante.

— Vicente Max, Vicente Maximo.

— Boa garota. Tenta se movimentar e levantar você mesmo... – acompanhou os movimentos dela de perto e, de impulso, pegou-a no colo.

— Meu braço... – queixou-se ela.

— Vai ficar tudo bem... – nesse momento, seguranças se aproximaram.

Voltou-se para dois deles. — Caralho, onde estavam? Quem é esse homem que entrou aqui? Vão atrás do cara... peguem a bolsa dela aí.

Foi para o carro que havia ficado em ponto morto, colocou Suna deitada no banco traseiro. Nervoso, prendeu-a com os cintos. A camisa rosa e a calça bege dela estavam sujas de sangue. Pegou um chumaço de gaze, do *kit* de socorro, abriu-o tenso e colocou no sangramento, pedindo que ela pressionasse. Fazendo rolos com seus jalecos, tentou estabilizar a cabeça dela.

— Fica acordada, pelo amor de Deus – jogou a bolsa de Suna no banco dianteiro, tomou seu lugar na direção e saiu cantando pneus.

Ligou para Diego e acendeu o pisca alerta. — Onde está?

— *No Santa Efigênia.*

— Preciso de você. Estou levando Suna para emergência daí. Alguém a atacou.

— *Como isso aconte...* – desligou.

— Não durma, Suna – não conseguia pensar em nada, naquele mar de angústia. — Vou ligar para a polícia...

— Não, por favor, não faça isso... – pelo retrovisor, via lágrimas escorrem de seu rosto de anjo, misturando-se ao sangue coagulado. Afligiu-se, preocupado.

— Quem faria isso! Quem? – mirou-a e ela chorava. Uma sensação de impotência se alastrou pelo corpo. De repente, sentiu um medo insólito acerca daquela resposta.

— Converse comigo. Conte o que fez hoje no trabalho, com calma e de modo detalhado.

Ela começou a relatar enquanto enfrentava um longo engarrafamento, dirigindo de forma perigosa, buzinando, mas evitando sacolejos. Por ínfimos segundos, arrependeu-se de não ter feito o correto, esperado uma ambulância. Dez minutos se passaram e, para Max, foi uma eternidade. Chegou à emergência, parou no acesso principal e lá já estava Diego. Desceu no SUV e seguiu para o fundo para retirá-la. Levantou-a com cuidado do banco, carregando-a no colo e a pôs na maca.

— O que houve? – perguntou Diego.

— Um homem a arremessou na pilastra da garagem. Ela teve uma ligeira

confusão mental – reportava com a voz embargada. — Suponho que tenha tido uma concussão e o braço esquerdo está machucado – foram entrando no corredor para as salas de atendimento. — Precisa de ressonância, sutura e avaliação ortopédica – os auxiliares levavam a maca para uma das salas. O plantonista assentiu, movimentando a cabeça, reconhecia-o, mas não recordava o nome.

— Aqui você é acompanhante – lembrou-lhe Diego.

— Não vou conseguir – confessava e Diego já havia desaparecido para dentro da sala vermelha e o segurança pedia que tirasse o carro da frente da emergência.

Estacionou, apanhou a bolsa de Suna e começou a mexer, puxando a carteira mostarda. Retirou a identidade e a carteirinha do seguro saúde. A bolsa era organizada e parecia exalar um pouco dela. Retornou para onde Suna estava sendo atendida e Diego seguia o protocolo dos exames físicos de reflexo, movimentos e memória. A enfermeira pegava o acesso no braço direito.

Em seguida, o cirurgião plantonista chegou, cumprimentando-o. Ele avaliou o corte, que precisaria levar cinco pontos, no lado esquerdo do couro cabeludo. Então, Suna foi levada para fazer ressonância e radiografias. Seguiu-os e poderia explodir a qualquer minuto de tanta ansiedade, o coração parecia desaparecer tamanha pressão.

— Aparentemente não é nada grave – informava Diego. — Seria bom esperar aqui. Ou não se meta nos exames, é antiético – Max revirou o olho para o amigo.

Ainda assim, acompanhou em silêncio os exames de imagens. Suna havia sofrido uma concussão, embora os exames estivessem dentro da normalidade. Ao retornarem, segurou a mão direita dela, acompanhando a maca, e entraram na sala de pequenas cirurgias. Rápido, o cirurgião cortou um tufo de cabelo ao redor da ferida, anestesiou a região, sob protestos de Suna, fez a sutura e pôs um curativo. Ela foi instalada na observação e aguardavam a avaliação do ortopedista.

As etapas de atendimento foram rápidas e os colegas, cuidadosos e atenciosos com eles. Manteve-se de mãos dadas com ela e um amargor comprimia a garganta. Uma sombra escura pairava sobre os pensamentos e sugeria que aquele homem seria um caso ou o namorado de Suna. Tentou afastar aquelas suposições da mente.

De supetão, Mércia entrou, piorando seu estado de angústia e raiva, apesar de não deixar transparecer. Aquela mulher era uma peste, uma má jogadora, uma mulher que não soube perder.

— Fiquei sabendo o que aconteceu... Como está? – indagava Mércia, empertigada, voltada para Suna.

— Bem, acho... – respondeu Suna.

— Como foi? – a médica começou a examiná-la.

— Um homem me agrediu na garagem da casa de... em casa – ela corrigia.

— Acho que tentava levar a bolsa – Suna mentia, o que o deixou mais consternado e mergulhado numa aflição hostil.

Com uma expressão desconfiada, Mércia levantou os cabelos e puxou a gola da camisa de Suna e viu os roxos que havia deixado no fim de semana. Ela o fitou desafiadora.

— Suna não precisa de sua avaliação – esbravejou rude na direção da ex-amante.

— Informaram à polícia? – Mércia o ignorava.

— Sim. Foi uma agressão e temos que reportar – Diego o mirou.

— Não era preciso – irrompeu Suna com um semblante preocupado.

— Claro que é – interferiu ele. — Esse homem tem que ser encontrado. Uma violência dessas dentro de um condomínio bem vigiado é um absurdo. Irá prestar queixa assim que melhorar e vou pedir as imagens das câmeras da garagem – a expressão amedrontada de Suna o destruía.

— Não entendi nada – desdenhou Mércia.

— Chega, minha cara. Vai cuidar de seus pacientes – vociferou. Diego segurou Mércia pelo braço, saindo da sala.

— Por que a trata desse jeito? – indagava Suna.

— Mércia é enxerida – acariciou a bochecha dela. O coração doía. — Vai ficar bem.

— Estou sentindo dor no braço e no corte – reclamava ela.

— Já está medicada – tocou na medicação venosa ao lado do soro.

O ortopedista entrou com a enfermeira, seguido por Marcel, que se adiantou para indagar a Suna sobre seu estado. Deduziu logo que Diego o avisara e de que os amigos desconfiavam que ele tinha provocado aqueles ferimentos em Suna. Com atenção e cuidado, o profissional examinou o braço de Suna e analisou as imagens enquanto Marcel se apoiava ao lado da porta de entrada sem lhe dirigir uma única palavra.

— Não é nada sério, mas precisaremos imobilizar o braço – o ortopedista explicava para ele.

— Por quanto tempo? – perguntava Suna.

— Dentro de uma semana, vamos fazer uma reavaliação. Houve uma pequena fissura no rádio, ossinho do braço – explicava o ortopedista que orientava a enfermeira sobre o procedimento de colocação da tala no braço.

Indignado com a pressão sobre ele, Max aproveitou o momento em que começaram a imobilizar o braço de Suna e chamou Marcel para conversar. Andou trotando em direção ao estacionamento. A feição do advogado era concentrada e severa, embora a de Max não fosse menos colérica. Quando o ar fresco da noite bateu em seu rosto e não havia mais ninguém que pudesse escutá-los, voltou-se para Marcel.

— Quem te contou sobre o que aconteceu com Suna?

— Diego. E qual o problema? – Marcel partiu com dedo em riste em sua direção. — Por que tinha de arrastar Suna para a lama que é sua vida? – questionava ele de modo rude.

— Suna foi atacada por um estranho – rebateu rispidamente. — Baixe seu tom.

— Seduziu Suna, não foi? Levou-a para sua cama imunda – Marcel o acusou. — E por culpa minha! Ao menos, tinha esperança de que fosse repensar os seus atos. Meu Deus! Destruirá a vida dela – o advogado parecia incrédulo.

As palavras e o abalo emocional de Marcel o fizeram perder o controle. — Qual é a sua, Marcel? Conte agora o que tem com Suna – segurou-o pela gola da camisa e suspendeu. — Ela é minha mulher, de todas as formas que possa imaginar – rasgou em fúria, com os olhos dilatados e os dentes rangendo.

— Solte-me agora! – exigia Marcel.

Empurrou-o com pouca força. O que dizia a Marcel não era certo. — Conte, em definitivo, o que esconde sobre Suna. Existe algo que possa ter relação com esse agressor? Quero o bem dela – expôs ainda aborrecido.

Com raiva, Marcel pegou a sua mão esquerda. — Pensa que isso aqui tem alguma validade? – ele sacudia o dedo anelar com aliança. — Não é casado com Suna. Tire isso da sua cabeça doente, existe apenas um contrato entre vocês – o advogado empurrou a mão dele com violência, forçando que engolisse aquele fato. De repente, via sua fantasia estremecer os alicerces, havia entrado nela, num delírio que ele mesmo criara.

Deu mais passos em direção a Marcel. — Conte agora. Pare de esconder a verdade – reivindicava num tom ríspido. — Se queria tanto protegê-la por que a contratou para mim?

Marcel ajeitou a camisa, que havia arrancado alguns botões. — Fui egoísta. Imaginei que ela estaria mais próxima de mim e poderia estreitar relações, conhecê-la melhor...

— Você é louco... – comentou perdido, colocando as mãos na cabeça, pensando que Marcel estivesse apaixonado por Suna.

— Suna é minha irmã, caralho – confessava Marcel num grito curto.

— O quê? Como? – aquilo não fazia sentido.

— Por que não? Porque sou negro! – exaltava-se Marcel. — Acha que não pode? Mas sim, ela é minha irmã por parte de pai.

— Isso é insano – perturbou-se.

— Você sabia que Amaro não era meu pai de sangue. Minha mãe teve um relacionamento com Otávio muito antes dele casar com dona Fátima, mãe de Suna.

Apoiou-se num carro ainda incrédulo. — Devia ter me contado antes, miserável. Pensei que fôssemos amigos.

— Desde quando se interessa pelos meus assuntos íntimos, se só pensa em hospitais, cirurgias, doenças e em foder a fidelizada? – irritado, o advogado o acusava injustamente. Preferiu permanecer em silêncio. — Enfim, uma tia me revelou quem tinha sido o antigo namorado de minha mãe, que a abandonou. Era um segredo, mas como eles faleceram não precisava mais esconder. Soube que tinha uma irmã no ano passado, ao investigar sobre o meu pai biológico. O que me toca é que Suna tem vinte e sete anos, a mesma idade que teria Manuela se tivesse sobrevivido.

Max passou as mãos nos cabelos ainda digerindo a informação. Os pais e a irmã de Marcel morreram num acidente de carro na Presidente Dutra, quando ele cursava Direito.

— Não pode contar a Suna. Ao menos, por agora – concluía o médico.

— Vou esperar o momento certo – assegurava Marcel.

— Como é possível! – Max pensou alto, ainda chocado. Permaneceram em silêncio por alguns segundos. Marcel observava o chão, como se vivesse um grande dilema. — O homem que a agrediu pode ser um ex-namorado ou algo parecido? Sei, lá. Ela tem inimigos? – Max mudou o foco.

— As pessoas que conhecem Suna reportaram que ela não tinha ninguém

até a assinatura do contrato. No restaurante, ela é querida por todos, mas sem relações íntimas, exceto uma amizade pessoal com Maya, a garçonete tatuada.

Uma onda de alívio se dissipou entre os sentidos. — Desculpe, Marcel — expressava-se num tom ameno. — Me excedi. Olha, nunca vou arrastar Suna para os submundos de minha vida. Ela é especial.

— O problema, meu caro Vicente, é até quando conseguirá mantê-la no isolamento, para que ela não sofra com seus conflitos e demônios, como fez com Mércia. Ainda teve Karina, a fidelizada que acabou com uma costela quebrada.

— Não jogue isso em minha cara, foi um acidente — sua voz soava austera. — Suna não é como as outras, é diferente. Gosto dela.

— Então conte a verdade sobre suas compulsões, ela decide se quer continuar ou não. Caso contrário, eu mesmo contarei quem é você — chantageou Marcel.

— Não vou soltar uma única palavra a respeito. Nem eu, nem você — arrematava colérico. — Se Suna souber sobre meu passado e não aceitar, ela não te perdoará por nos ter aproximado. Grande irmão, você.

Marcel deu um soco no ar, virou as costas, seguindo em direção ao carro dele. Ficou alguns segundos ainda perturbado com o que o amigo revelara, depois passou na recepção para entregar os documentos de Suna. Fitou a identidade dela e acariciou a foto. Leu os dados dos documentos, as formas das letras de sua assinatura e conferiu a data do aniversário, nove de julho. Faltava pouco para ela completar vinte e oito anos.



Suna teve alta na mesma noite em que Dante a havia agredido com a recomendação de que mantivesse repouso, por uma semana, e tomasse as medicações indicadas. Voltava para casa, entristecida, deprimida e com dores. Estava numa situação desesperadora.

O pior era ter quase certeza que a relação com Max acabaria assim que ele soubesse sobre Dante. Lágrimas rareadas desciam em silêncio e o médico as via, por mais que se esforçasse para engolir o choro. Aproximaram-se do condomínio e avistava as cristas das ondas, rasgando o escuro mar, como feridas abertas. Era como se sentia, lacerada por um oceano em dor, física e emocional.

— Há solução para tudo — Max tentou consolá-la, ao acariciar sua perna

como se fosse capaz de ler seus pensamentos. Apenas assentiu desconfiada.

Atravessaram a área verde de acesso lardeada por luminárias no estilo colonial e desceram para a garagem, onde horas antes tinha sido vítima de violências. Quando Max foi parando, um homem se aproximou. Ficou tensa. Ele a acalmou, explicando que era da administração do condomínio. O médico desceu e continuou no veículo enquanto eles conversavam. Torcia para que durasse uma eternidade.

Escutou Max reclamar da falta de segurança e pedir para providenciarem as gravações das câmeras. Ele ainda falou: "quem machucou minha mulher pagará caro", num tom incisivo, próprio dele. Aquela frase aqueceu o coração, porém a realidade martelava de modo categórico, precisava contar a Max sobre Dante. E tinha quase certeza que ele a dispensaria quando soubesse sobre a chantagem a que estava sendo submetida. Não serviria mais para aquele casamento de fachada.

O senhor grisalho se foi. Com aparência preocupada e cansada, Max a ajudou a descer, apanhando o saquinho plástico de medicações e sua bolsa. Estava em frangalhos. No elevador, ele a abraçou e lhe beijou a testa, mantendo-se enlaçado à sua cintura. Entraram no apartamento e Zazá miou em sua direção. Pela primeira vez, ao menos que tenha visto, Max apanhou a gata e ela pôde acariciar Zazá e lhe dar um cheiro.

— Que gata mais preguiçosa. Aposto que estava dormindo – disse ele.

— Os gatos são assim mesmo, vivem se abeirando pelos cantos e tirando soninhos.

— Pensei que fossem bichos chatos, mas sua gatinha é muito bonita e tranquila – comentou Max, colocando Zazá no chão.

Contraíu os músculos do rosto para agradá-lo. — É... vou tomar um banho e deitar – decidiu desconfiada.

— Ajudo. Não se preocupe, irei me comportar, quer dizer, um pouquinho só.

— Então, tá. Estou muito cansada... – murmurou.

Entrando em seu quarto, ele começou a ajudá-la a tirar a roupa. Mesmo abatida, uma energia quente brotava no estômago e se espalhava pela pele a cada toque. Ele abria os botões da camisa rosada, em seguida, agachou-se até tirar a calça.

De olhos fechados, Max se levantou lentamente, acariciando uma de suas coxas com os lábios e barba e alisando as pernas com as pontas dos dedos.

Beijou-lhe o abdome e foi subindo, mordiscando os mamilos por cima do sutiã. Abraçou-a pesaroso. Max pediu que se deitasse e foi buscar um plástico para proteger a tala que circulava o antebraço esquerdo e parte do braço.

Deitou triste e cansada, imaginando se Max iria bombardeá-la de perguntas naquela madrugada. Não gostaria revelar-lhe sobre o seu passado com Dante e a chantagem que estava sendo submetida. O seu algoz, além das feridas, dera-lhe o prazo de um mês para lhe entregar mais cem mil.

Dante era um demônio, seria muita sorte caso ele se contentasse com esse dinheiro. Não tinha ninguém em quem confiar e dividir aquela tortura a que estava sendo exposta. Iria tentar levantar a quantia no banco. Talvez o calasse por mais um tempo.

Com os cabelos espalhados no travesseiro e só de *lingerie*, nem notou que Max a admirava da soleira da porta. Sorriu, tentando disfarçar sua inquietação. Ele vedou o braço machucado e lhe levou ao banheiro. Pediu para ter privacidade e ele sugeriu que não trancasse a porta.

Após o banho difícil, que trouxe uma boa sensação de alívio, encontrou Max ao lado da saída a esperando. Ele terminou de enxugá-la, retirou a proteção do braço, apanhou sua camisola de algodão favorita e a vestiu. Na hora da calcinha, alegou que iria escolher e apanhou uma de renda vermelha, subindo-a entre as pernas, cheirando sua pelve de modo sensual e excitante e a presenteando com um olhar enigmático. Não sabia se era desejo ou desconfiança.

O médico a instalou no quarto dele. Deitou-a entre confortáveis travesseiros de forros brancos, apoiando a cabeça e o braço imobilizado.

— Preciso dormir, já é madrugada. Terá cirurgia amanhã? — procurou conversa.

— Por sorte, não, mas tenho pacientes para atender.

Ele apanhou o remédio e lhe deu com um copo d'água e foi tomar banho. Ao retornar, só conseguia observar a beleza daquele homem grande, viril e másculo. De cabelos mal enxutos, vestido num short de seda marinho, ele se deitou ao seu lado, exibindo o torso trabalhado sem exagero, com pelos do peito e barriga aparados. Era uma tentação aos sentidos.

— Depois a gente precisa conversar — iniciou ele de forma introspectiva, causando-lhe apreensão. — Mas agora só quero respirar aliviado por nada de grave ter acontecido contigo — ele passou os braços ao redor de seu corpo e seus lábios se encontraram com ternura. Ficaram assim, sentindo a presença

um do outro por longos minutos. Pareciam envolvidos por uma reconfortante nuvem de afeto. — Graças a Deus, Suna. Tive receio que tivesse tido alguma lesão mais grave – ele enterrou os lábios em sua bochecha e pescoço.

— Ainda bem que não – disse econômica, evitando o prolongamento da conversa.

Ali, na companhia de Max, os problemas pareciam longínquos, mas não era bem assim. Com o braço livre, acariciou os cabelos molhados, com o coração pesaroso pelo que teria que enfrentar, mais cedo ou mais tarde, ao revelar a verdade. Cuidadoso, o médico se aproximou ainda mais enquanto a mão passeava por suas curvas e se fixava no seio, brincando com os mamilos. Max enfiou a mão debaixo da camisola, explorando-a de forma suave por dentro da calcinha.

— Sei que precisa de repouso, só que não vou aguentar... – sussurrou ele no seu ouvido, como uma confissão.

— Não aguento, Vicente Max. Quero muito você... – cedia, temendo que aquele fosse um de seus últimos momentos íntimos com ele.

— Não se mova, vou ter muito cuidado – garantia Max junto de seus lábios.

Devagar ele tirou a camisola, deixando-a perto do braço imobilizado. Voltou a beijar seu corpo e se concentrou nos seios. — São muito gostosos e excitantes – elogiava.

— São seus – disse rouca de prazer.

— Meus! Meus... – sussurrou ele. Fitando-a nos olhos, apertou os mamilos com força. Sentiu dor e contraiu o rosto. Max se livrou do pijama e baixou a calcinha de modo abrupto, forçando a abertura de suas coxas com os joelhos. — Cuidado com que fala. Não resisto...

Ele passou um dos braços embaixo de seu pescoço e encostou o sexo dele no seu. Sabia que iria doer. — Devagar, por favor – pediu assustada e ele a calou com um beijo profundo.

— Quero muito – murmurou em sua boca enquanto a penetrava vagarosamente.

Ainda sentia a sua intimidade dolorida devido ao fim de semana, mas no peito parecia haver um balão, que a fazia flutuar sobre a alegria e o desejo. Max ia preenchendo os espaços, completando, acrescentando, fazendo-a gemer. E naquela matemática do prazer, ele se movimentava cuidadoso e esquecia o sofrer do coração e o rasgo na alma.

Aquele homem estancava a ferida, criando esperanças de que seriam capazes de superar as adversidades e enfrentar o mundo, num vaivém de certezas, no embalo do prazer encaixado, entre os dedos, no tato, na sensação de pertencer, atenuando seus machucados, entre o corpo e lábios, entre as coxas e o sexo úmido, ao se doar, no ritmo efusivo da respiração insistente de Max que parecia extrapolar o ar, envolvendo o corpo, coração e alma numa só sentença, numa ausência e entrega sem fim.

Minha

12

Vicente Max saía do escritório da administradora do condomínio furioso com Suna. Queria fodê-la inteira, sem piedade, assim que a encontrasse. Talvez aquilo apaziguasse sua ira depois de assistir às gravações do ataque que ela sofrera na garagem. No entanto, sabia que não devia dar muita liberdade à imaginação, mesmo estando profundamente decepcionado. É que Suna conhecia o agressor. Nas imagens, eles conversaram por quase um minuto, quando, então, muito alterado, o homem a tratou com violência.

Aquela gravação fora tão humilhante para ele, que o administrador tinha ficado constrangido. Estava com muita raiva. Há muito tempo uma mulher não o colocava numa situação vexatória como aquela. Entrou em casa como um raio e encontrou Suna deitada na sala de televisão, com a gata Zazá ao redor dos pés. Quando ela o viu, ficou sobressaltada, talvez previsse que algo havia acontecido, porque tinha parado de lhe enviar mensagens. Sentia-se um idiota.

Ainda assim, mesmo com a ira o devorando por dentro, teve vontade de beijá-la e passar as mãos nas coxas lisas, expostas pelo short rosa de algodão. — Boa noite, Suna, como passou o dia? — questionou de forma neutra, controlando-se.

— Bem, cochilei um pouco. Não tive dor de cabeça, só o braço que incomoda bastante. Não queria ficar parada — ela suspendeu o torso com intenção de levantar-se do sofá. — Vou ajudar a esquentar o jantar...

— Não quero jantar, já comi algo. Precisamos conversar — mirou-a com intensidade e se sentou no sofá de dois lugares na tangencial de Suna.

Apanhou o controle e desligou a televisão.

Os olhos dela vidraram, revelando tensão. — Eu não queria conversar ago
...

Atropelou a fala dela. — Amanhã vamos à delegacia registrar a ocorrência. Já estou com o relatório do hospital e as imagens das câmeras internas do condomínio. O agressor usou uma roupa semelhante aos dos seguranças – disse de maneira firme. — O que me choca, dona Suna, é que eu não havia percebido, mas você que esteve perto, conversou com ele, aliás, conversou por um longo tempo... – enfatizou colérico. — ... nada comentou, não me contou sobre a conversa de vocês ou a roupa do homem – rugia enraivecido.

Suna pôs a mão direita na boca como em choque. — Vicente, não fala comigo com esse tom acusador.

— Sinto muito, minha cara, não tenho outro tom. Sabe muito bem quem é aquele homem e insiste em esconder de mim. Pensa o quê? Que sou bobo! Não sou, embora tenha passado por idiota ao assistir ao vídeo na frente do administrador do condomínio, após o escândalo que dei sobre a entrada de um estranho nas dependências desse prédio – esbravejou, ficando de pé com o dedo em riste. — Podia ter me poupado disso. As imagens são claras, você conhece muito bem quem arrebentou sua cabeça na pilastra – vociferou, andando de um lado a outro. — Não é porque morro de tesão em você que isso irá ficar assim...

Taciturna, Suna nada respondeu, permanecia sentada sem esconder o abalo. Max tentava acalmar a respiração, pressentindo que escutaria algo muito ruim. Não se conformava como ele, um homem ponderado e racional e que poucas vezes tinha se deixado envolver de maneira séria, caía nos braços daquela mulher como um imbecil, mesmo ela não sabendo fazer o que gostava, mesmo ela não sendo submissa, mesmo sem poder feri-la e puni-la.

Ao contrário, tinha sido feito de tolo, aquele homem só podia ser namorado de Suna. Talvez tenham resolvido se afastar para que ela ganhasse o dinheiro do contrato, e agora ele esteja arrependido. Aquela possibilidade, que se tornava cada vez mais palpável, era torturante.

— Vamos, Suna, conte... quem é aquele homem? – seu tom áspero enchia a sala. A gata assustou-se e saiu do sofá. Suna chorava silenciosa, num semblante devastado e triste. Uma ínfima parte do seu coração desejou envolvê-la no colo e a consolar. — Lágrimas não me respondem... mereço a verdade – disse e o choro dela se intensificou. — Esse homem é seu

namorado? – fez a pergunta cortante e o silêncio que se abatia entre eles a espera da resposta o amedrontava.

— Não... – finalmente ela sussurrou num naco de voz, balançando a cabeça de modo negativo.

Uma onda de alívio perturbadora se espalhou. — Então, conte mais. Quem é?

— Não é honesto continuar aqui. Vou prejudicar sua vida. Precisa suspender o contrato, tenho que ir embora – ela desabafou em soluços e inquieta.

Arregalou os olhos. — Pelo amor de Deus, por que está protegendo esse homem? Gosta dele, é isso? Ele te domina... – concluía abafado.

Ela o interrompeu. — Não, não...

Suna desabava, trêmula, num choro compulsivo. Aquela cena cortava seu coração. — Eu posso ajudar, deixe que te ajude, mas preciso saber o que fazer – amenizou o tom.

— Não pode fazer nada – alegava ela entre soluços. — Preciso estar longe de você quanto tudo estourar. Tem sua reputação, eu vou destruir sua imagem com meu passado.

Franziu o cenho. — Quem decide o que é bom para mim sou eu, não você. Fala, Suna, por favor... – apelou enquanto escutava o choro dela. Pensou mais um pouco. — Esse homem recebeu os cem mil reais que te paguei?

Enxugando o rosto, ela assentiu. — Sim.

— Está sendo vítima de chantagem? – indagou curioso.

Suna intensificou a respiração, acalmando-se, sem conseguir fitá-lo. — Quando souber, será o primeiro a pedir que vá embora.

— O que fez de tão terrível?

— Eu... eu... fui uma tonta, me submeti às vontades de outro e fiquei presa... – lágrimas rolavam em demasia. Ela apoiou o braço bom no joelho e sustentou a cabeça. — Tive um namoro de longas datas no passado, quando era adolescente. Fiz algo sério e agora ele esfrega provas em minha cara. Eu tinha apenas quinze anos quando comecei a me relacionar com ele.

— Pera aí... é seu primeiro namorado? – apurou-se no sofá, recordando-se da história da decepção que Marcel havia lhe contado.

— Foi, ele foi meu primeiro namorado, minha única relação de namoro, em que saí destruída.

— O que ele fez? – estimulou-a a continuar num tom mais calmo.

— É uma história muito dolorida – ela começou com emoção. — Mas vou te contar, só não me julgue, por favor.

Ela o fitou inundada de lágrimas e não resistiu, foi até Suna e a abraçou, contudo, foi rejeitado. — Max, por favor, senta lá, será mais fácil para mim – ela apontou para o sofá e, desconcertado, fez o que ela pedia. Suna fungou, enxugou o rosto com a barra da camiseta e tentava se acalmar. — Fiquei com ele até os vinte e um anos. Dante foi meu primeiro e único homem até me envolver com você... – ela o mirou meio envergonhada e aquela informação o impactou. — Ele fez muitas coisas que não sabia nesses seis anos juntos. Era genioso, ciumento e possessivo. Na verdade, Dante me dominava... – a voz dela embargava. — ... fazendo terapia, anos depois, descobri que ele foi e é um abusador... – sentiu comichão na coluna, ansioso pela história que ela contava. — Às vezes ele me tratava de forma hostil, depois pedia desculpas e assim a relação seguia. Pensava que com o tempo fosse passar, porque a gente fazia planos para o casamento. No fim, descobri debaixo do meu nariz e toda cidade ficou sabendo, que ele mantinha um caso com a minha vizinha, Beatriz, que era um pouco mais velha, casada com o senhor José Kirin e mãe de um garotinho, Pedro, de seis anos, na época. Depois que o confrontei, ele fugiu com Beatriz e Pedro e ninguém mais teve notícias deles.

A história contata por Suna possuía certo paralelo com seus próprios monstros, o que o deixou em alerta. — Mesmo com o sofrimento, isso passa – tentou consolar. — Não entendo onde se encaixa a chantagem.

— É muito horrível – a voz dela quase não saía.

— Por favor, continue.

— Dante, Dante... onde a gente namorava intimamente, num apartamento na área externa da casa dele, era um verdadeiro *big brother* e eu não sabia – o semblante de Suna permanecia fúnebre. — No dia que descobri sobre Beatriz fui procurá-lo – os olhos de Suna pareciam em transe. — Nunca ia lá, no quarto em que ele dormia, dentro da casa. A gente ficava mais no apartamento. Chovia muito nesse dia e entrei na casa, os pais dele não estavam. Não encontrei Dante no quarto, mas vi um *notebook* desbloqueado e fui mexer... – Suna carregava uma feição de dor. — ... encontrei os arquivos de gravações feitas pelas câmeras no apartamento ... – a voz dela travava. — Dante chegou depois, surtando com minha presença. Confrontei-o sobre Beatriz e pedi explicações a respeito daquelas gravações. A resposta de Dante soa como um sino na minha cabeça até hoje: "as imagens são culpa sua";

"não te amo mais"; "você é uma garota fácil" – a última frase quase não saiu.

— Respira fundo – sentou ao lado dela e a envolveu nos braços. — Não me quer próximo, mas preciso estar do seu lado ... – aconchegou-a em seu peito. Queria dizer que ela era seu amor, mas faltava coragem. — Quer que pegue água? Lenços?

— Não. Preciso contar tudo, vomitar essa agonia que me tortura por anos – ela apontava para o estômago. — Só minha mãe sabe dessa história completa e agora, você.

Afagou a cabeça dela com suavidade para não machucar os pontos. — É muito pesado... – avaliava já meio deprimido com o que escutava.

— No primeiro momento, fiquei paralisada, com as palavras de Dante, depois parti para cima dele, que me empurrou, agiu de modo violento, como ontem, e me arrastou até a porta da casa dele, jogando-me na rua, caí no chão sob uma chuva torrencial.

— Ele te chantageia por causa das imagens de vocês juntos? Ele não pode fazer isso, é crime.

— Max, não são quaisquer imagens. Quando a gente estava junto, no final da relação, ele pediu que eu fizesse algo e eu fiz – Suna voltou a chorar em seu ombro e tentava imaginar o que o cara tinha feito. — Dante possui filmagens minhas fazendo sexo, embriagada, sendo apresentada à maconha e à cocaína, e o pior, nua, esfregando-me num traficante conhecido da cidade que já morreu.

Expirou assustado e com revolta. — Esse cara merece cadeia... – era difícil imaginar Suna em episódios como aqueles, seu biótipo não combinava com aquelas atitudes.

— Nunca me envolvi com drogas, mas, certa noite, fiquei muito bêbada. Hoje acho que ele colocou algo na minha bebida, sei lá. Dante havia chamado Pipoco, o traficante, e fomos conversando. Dante acendeu um cigarro de maconha e me ofereceu. Fumei. Pipoco arrumou fileiras de pó. Cheirei. Fiquei alterada, Dante me estimulou a tirar a roupa, e ficar com Pipoco, garantindo que não sentia mais ciúmes, que era a prova de que ele tinha mudado. Antes brigávamos muito por causa dos ciúmes dele.... – ela soluçava. Apertou-a levemente em seus braços, tentando disfarçar seu abalo. — Transei com os dois ao mesmo tempo... – confessou ela com a voz amiudada. — ... embora não me lembre muito daquela noite.

— Quando ele reapareceu e por que ele te agrediu? – perguntou

atropelando as palavras, confuso e abalado com as revelações de Suna.

— Dante conhece meu local de trabalho, sabe o endereço do meu apartamento, que me casei com um médico e o endereço de sua casa, Max. — Suna falava com muita dificuldade. — Pouco antes de Marcel propor o acordo, Dante apareceu em minha casa, ... foi ... foi o primeiro contato depois de anos, e exigiu a quantia de duzentos mil reais. Disse que era para cuidar do filho que tinha nascido com uma doença grave. Jogou na minha cara algumas fotos, me empurrou no chão e me humilhou, alegando que estava na pior por minha culpa...

— Por isso, pediu os duzentos mil adiantados — ligava os fatos.

— Sim. Precisava desse valor — ela parou por algum tempo. — Max me perdoa por te colocar nessa situação. Ele teve aqui ontem para dizer que não vai esperar os seis meses que pedi para receber os outros cem mil.

— Suna, existe a lei para te proteger contra Dante. Ele nunca vai parar de te chantagear.

— Não posso permitir que essas imagens vazem. Minha avó, Bené, teve um derrame quando soube apenas que ele havia tido um caso com a vizinha, que frequentava nossa casa. Imagina se souber dessas imagens, minha mãe também não merece. Pense em qual emprego vou conseguir se elas forem parar entre as pessoas com quem me relaciono profissionalmente. Nunca mais conseguirei uma boa colocação aqui — ficou em silêncio, respirando com dificuldade. — Não é só sexo, não é só nudez, são drogas também, Max.

Suna soluçava e tremia. Ele ainda digeriria aquela história. Ela continuava a explicar que quando tudo acontecera Dante era recém-formado em Odontologia e tinha um consultório. Detalhava o que não estava mais disposto a escutar, mas permanecia ali, ao lado dela, de modo solidário. O desliz de dela lhe custara parte da vida, que tinha tudo para ser de paz, além de estar marcada por feridas e medos.

Se em algum rasgo da imaginação, Max chegou a pensar que poderia introduzir Suna em seu universo de submissão, depois de conhecer suas dores, entendia que era impossível. Mas, para ele, naquele momento, o essencial era lutar para desmontar o poderio de Dante sobre Suna, libertá-la daquele aprisionamento de sofrimento e terror.

Levantou-se e andou de um lado a outro e ela o olhava assustada. — Vamos sair dessa, acredite.

— Me perdoa?

— Não posso perdoar algo do seu passado da qual não teve culpa. Estou chocado, admito – ela o observava com os olhos vidrados. — Mas estamos unidos, dormindo juntos ou não, vou ajudá-la a se livrar desse pilantra.

— Sei que vai mudar comigo – presumia ela com o rosto um pouco inchado.

— Nada vai mudar – tentou transmitir segurança, agachando-se em frente dela. — Preciso que confie e me dê liberdade para ajudá-la.

Suna assentiu. — Está bem.

— Vocês só se encontram pessoalmente?

— Não. Ele liga para mim de um número específico.

— Preciso desse número – Suna apanhou seu aparelho e tentou manuseá-lo com dificuldade. — Faça para você... – ela foi o guiando e enviou o número por mensagem para ele. — Deve estar consumida, tome seu remédio e vá dormir, vou resolver algumas coisas – sugeriu confuso. Deu-lhe um abraço e a ajudou a se levantar do sofá. Percebia a dificuldade dela em se afastar, mas precisava processar o que ela revelara, sem demonstrar que a história o afetava. Sem jeito, ela voltou a abraçá-lo. Depois, observou-a caminhar cabisbaixa pelo corredor em direção ao quarto dela. — Para o meu quarto, Suna... Quero dormir com você – o rosto de Suna se iluminou e aquela reação de algum modo o reconfortava.

Max foi para o escritório, seu recanto particular, refletir sobre o que Suna lhe havia confessado. A parede à direita era coberta por prateleira com livros de medicina e técnicos, utilizados em pesquisas e estudos. Sentou-se na poltrona acolchoada em couro preto com recosto alto, próximo à mesa, do lado oposto à porta. Sobre ela, havia material de escritório, souvenirs e um computador. No cantinho mais à esquerda, ficava um gaveteiro que guardava os contratos de trabalho e boletos, além dos acordos firmados de quem comprara o silêncio. Sua vida pregressa e pública estava escrita ali, naquela papelada trancafiada.

Uma peça junto à parede esquerda acomodava fotos antigas, instrumentos cirúrgicos em desuso, medicamentos, brinquedos sexuais, entre outros itens. O computador – como o *notebook* do ex-namorado de Suna – armazenava mais segredos. Eram as gravações no *flat*, que serviam para assombrar Elisa, como Dante fizera com Suna. Embora fosse ético, a diferença entre ele e Dante era bastante tênue. E Suna nunca poderia descobrir.

Fugiu daquela linha de pensamento e resolveu ligar para Marcel. Precisaria

dele para entrar com um processo contra Dante. Apanhou o telefone fixo, enquanto os dedos vagavam pelos aplicativos do celular.

— *O que quer, Max?* – finalmente Marcel atendeu, depois de várias chamadas. Parecia indisposto e de má vontade, sabia que era por causa da discussão no hospital. — *Como está Suna?* – emendava ele de modo abrupto.

— Liguei para falar de sua meia-irmã. Ela precisa de você. O homem que a agrediu é Dante, o ex-namoradinho do interior. Ele a chantageia.

— *Putá que pariu* – vociferou Marcel.

— É um longo enredo. Venha aqui que te conto tudo. Imagino que teremos que prestar queixa e vamos precisar de suas habilidades.

Desligou o telefone. Tocou uma das esferas do pêndulo sobre a mesa, observando os movimentos e o brilho da luz refratada na estrutura metálica. Em sincronia, as esferas reverberavam uma na outra, transferindo força e movimento. A última esfera retornava como a primeira, a iniciar o deslocamento contrário, num vaivém que provocava um ruído quase mudo.

Assim acontecia em sua vida. Por anos, vinha agindo de maneira egoísta, ignorando os sentimentos alheios. Agora Dante surgia como uma reta paralela a si mesmo, uma versão piorada de sua essência e, como uma bolinha do pêndulo, desencadeava uma ação contrária sobre o que queria para si. Na verdade, o que pretendia manter num pedestal estava sendo destruído por esse homem, um reflexo deteriorado de si mesmo. E se sentia ameaçado.

Expirou esvaziando os pulmões. Era difícil imaginar as situações descritas por Suna, transando com dois homens, como uma qualquer, bêbada, oferecida e submissa ao namorado. Só de pensar num homem a tocando, dava-lhe nos nervos. O relato de Suna embrulhava o estômago, apesar de ter se segurado para não expressar o seu estado de ojeriza, até porque não era santo.

Precisava ajudá-la a se livrar daquele imbróglio, por eles, pelo que viveram naquele fim de semana, pelo tanto que Suna o cativara desde que a havia conhecido, mesmo não admitindo aquilo a princípio. Estava fascinado por ela e compartilhavam de uma vontade perigosa de estar juntos.

Tinha certo receio do que poderia advir daquela relação. Se iria surgir algo como aço ou se era apenas uma aventura passageira. Temia que fosse forte apenas para uma daquelas possibilidades e que pudesse machucar Suna, afinal, havia seus demônios, seus desejos insanos e não sabia até quando poderia mantê-los adormecidos.

Mexeu no calendário do celular e viu que naquela semana precisaria aplicar o anticoncepcional em Elisa e lhe entregar solicitações de novos exames. Nem se lembrara da fidelizada nos últimos dias. Depois que havia começado a fazer amor com Suna, parecia que Elisa era uma recordação longínqua de sua memória. Só que era essencial manter a rotina de sua vida obscura, pois era Elisa quem o salvava quando estava dominado pelas compulsões.

Apertou o ícone do aplicativo espião e tinha a vida de Elisa nas mãos. Presenteara a fidelizada com um celular de última geração, que ela ostentava como um troféu, mas ele gravava os passos, imagens, conteúdo dos aplicativos de mensagens, interação em mídias sociais e conversas dela. Às vezes, pedia para Dulce avaliar o material e lhe preparar um relatório. A verdade, é que já fora mais atento às atividades de Elisa, só que elas eram previsíveis e repetitivas, permitindo que surgisse algum espaço de confiança.

Se Suna tivesse um celular com o sistema espião, não permitiria que as chantagens de Dante tivessem evoluído. Por outro lado, sabia que no dia em que começasse a vigiar Suna estaria introduzindo-a no seu universo de posse que nada tinha a ver com o que viviam. Passou a mão no cabelo, tentado por aquela ideia.

Uma nova mensagem no celular o arrancava dos pensamentos. Levantou-se e foi liberar o acesso de Marcel, que havia chegado. Ele entrou, mal o cumprimentando, e rumaram de volta ao escritório, onde poderiam conversar com liberdade. Marcel se instalou numa cadeira em frente à sua poltrona.

— Não deve manter esse rancor – comentou.

— Devia ter imaginado que não se aguentaria frente a algo proibido. Afinal, tem problemas em respeitar limites – desdenhava Marcel. — Não tenho raiva de você. É arrependimento mesmo de ter montado essa cama de pregos para Suna.

— A cama a qual se refere vai salvar Suna da merda que ela entrou no passado.

— Não é possível que ela tenha se envolvido em algo pior do que ser mordida até sangrar por um médico-vampirinho – disse Marcel de modo sarcástico.

— Irei desconsiderar seu tom e palavras, sabe muito bem quem sou, o que pratico e como faço – expirou controlando a ira. — O meu erro foi deixar que outros conhecessem demais minha intimidade. Todo mundo tem um lado

podre que é motivo de vergonha, só que abafa, esconde. Eu permiti que minha sombra fosse vista. Só isso.

— Caro doutor Vicente Maximo, se não fosse por mim, pelos acordos que firmei para você, sua vida já teria estampado as notícias policiais...

Bateu a mão na mesa. — Chega!! – vociferou. — Nada que diga mudará o que aconteceu entre mim e Suna, ou o que continuará ocorrendo. Entenda, gosto de Suna, acho que ela gosta de mim. Está sendo uma escolha de ambos.

Marcel balançava a cabeça de um lado a outro. — Simples assim. Tão rápido!

— Não foi rápido e nem simples. Acredite ou não, tentei evitar ao máximo esse envolvimento... – fechou os olhos. Nem ele conseguia mensurar aquela sensação que se alastrava a partir do estômago.

Marcel expirou descrente. — O que fará com suas compulsões? Pretende aliciar Suna para suas práticas fetichistas? – o tom de Marcel se estabilizou.

— Suna nunca saberá de minhas fraquezas sexuais ou sobre as fidelizadas...

— Por acaso as compulsões desapareceram? Que coisa, hein! E a fidelizada, Elisa?

Revirou os olhos tentando manter a calma. — Continuarei mantendo Elisa, caso esteja, vamos dizer – de súbito, sentia vergonha. — ... a perigo, com desejos, assim, perigosos... Então, procuro por ela. Já minha intimidade ao lado de Suna não pretendo detalhar para ninguém. Nem pergunte.

Os olhares de Marcel se perderam por algum tempo. — E onde entra o ex-namorado da adolescência?

Então, contou os fatos confidenciais por Suna para Marcel, sobre a relação com Dante e os vídeos que ele utilizava para chantageá-la. Mesmo a amizade entre eles estando melindrada, o advogado era o seu mais fiel amigo, aquele que estaria ao seu lado independente das discordâncias que existissem entre si. Sempre foram suporte um do outro, nos momentos mais cruciais e difíceis se apoiavam. Esteve ao lado de Marcel quando a família dele havia falecido e durante o luto devastador.

Já o amigo, apesar de apoiá-lo com constância nos mais delicados assuntos, não compreendia seus fetiches e compulsões. Por mais que explicasse que, às vezes, perdia o controle, ele nunca entendeu como alguém poderia não ter as rédeas de si, ou sentir prazer com a dor alheia. O advogado considerava uma aberração o fato de provar o sangue das submissas.

Entendia o ponto de vista dele, que era o da maioria das pessoas. Nunca desejaria que alguém querido estivesse à mercê de um homem como ele próprio.

Marcel reagia como quem estivesse escutando a história mais cabeluda da face da terra. Ele se recostou na poltrona pensativo. Finalmente, teve a impressão de que havia recuperado a sintonia com o amigo, que demonstrava estar tão chocado quanto ele.

— ... o que me intriga é o fato de Dante saber tanto. Um cara que está fodido, com o filho doente, como conseguiu descobrir os passos de Suna com tanta facilidade? — levantou aquela perspectiva para Marcel. — Alguém próximo a ela parece estar ajudando, talvez do trabalho, do restaurante...

— Puta que pariu. Suna está sendo muito tola, deveria ter prestado queixa contra ele. Dante vem cometendo crime de extorsão, além disso, a agressão que ela sofreu é violência contra mulher e ele vai ser enquadrado pela Lei Maria da Penha. Até entendo os medos dela, mas não tem cabimento ter deixado chegar a esse ponto — afirmava o advogado. — Vou investigar esse número, mas deve ser um *chip* descartável. Ainda assim, a polícia tem como identificar rápido o CPF e o nome de quem o número está registrado — acrescentou. — Amanhã vamos prestar queixa na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher. Hoje vou preparar o pedido de duas liminares, sendo uma delas, a protetiva contra Dante e outra, proibindo a divulgação das imagens e vídeos.

— E as gravações nas mãos de Dante?

— O delegado deve pedir um mandado de busca e apreensão assim que o endereço dele for identificado. Mas para a polícia, a prova é a materialidade dos fatos. Enfim, vamos precisar reunir provas sobre essa chantagem.

— Então ele pode publicar essas imagens quando quiser... — constatou. — Nem quero ver, mano. Já foi degradante assistir ao vídeo da agressão.

— Se publicar, nem fica vinte e quatro horas online e já peço para serem retiradas.

— Pensei que fosse mais fácil — respirou fundo.

— Darei o meu melhor — prometia Marcel.

— Seria bom que ela nem retornasse ao trabalho.

— Ao contrário, a vida precisa ser o mais normal possível — defendeu Marcel. — Dante não pode desconfiar, ele precisa pensar que Suna continua receptiva às ameaças dele.

— Dante tem algum informante no trabalho dela – insistia naquela teoria.

— Não sabemos, Max. Não podemos nos precipitar.

Marcel se levantou. — Estou estupefato com essa história. Então por causa da chantagem que ela aceitou o acordo! – o amigo o mirou nos olhos. — É uma boa menina, nem interesseira e gananciosa ela é...

— Sei disso, Marcel. Por mais estranho que pareça, Suna está em boas mãos.

A face de Marcel se fechou. — Se não fosse um assunto tão sério, iria rir de sua piada. Bom, amanhã a gente se fala. Fim de tarde pode ir à delegacia?

— Poderei sim...

Marcel estendeu a mão e se cumprimentaram. Deu uma volta na mesa e o abraçou. — Mano, me perdoe por ter o segurado pela camisa.

— Verei se perdoo – assentiu Marcel com um leve sorriso e se sentia aliviado por aquilo.

— A verdade é que estava possesso de ciúmes de você com Suna – comentou e depois se arrependeu do que disse.

— Você com ciúmes! Muito estranho, Vicente Max.

Acompanhou Marcel até a saída e graças ao bom Deus, a relação entre eles se normalizava. Retornou em direção ao quarto. Passando pelo corredor, conferiu se o escritório estava fechado e foi tomar banho. Já era tarde e tinha cirurgia pela manhã. Saiu do banheiro sem roupa e observou Suna dormir de lado, vestida com uma camisola de algodão branca. O braço imobilizado repousava em cima de um travesseiro e a perna transpassada para a frente, destacava o seu quadril e nádegas.

Aquela imagem casual o excitou. Deitou ao lado dela e, suavemente, acariciou aquelas curvas, permitindo que o cheiro da pele de Suna invadisse as narinas, o que alimentava o seu desejo. Imaginou Dante fazendo o mesmo e o traficante a tocando. Uma fúria repentina assaltou o peito.

Enraiveceu-se e os seus dedos a apalpavam com mais intensidade. Uma sensação de posse invadia os sentidos. Puxou-a para mais perto do corpo com uma mão e enrolou os cabelos dela na outra, afogando o rosto no pescoço de Suna, fazendo-a despertar. Tracionou os cabelos e ela soltou um pequeno gritinho abafado.

— Você é minha, entendeu... minha – sussurrou rouco, apertando os seios, sentindo os mamilos duros e fortes roçarem a palma da mão.

— Sou sua, Max – murmurou ela com pouca voz.

— Repete – exigia. — Repete...

— Sua, sou sua – ela falava com um tom mais forte.

— Quero você, Suna, quero agora.

Desejava possuí-la com urgência. Levantou a camisola e desceu a calcinha. Queria sentir a resistência da parte íntima dela, porém preferiu estimulá-la. Tocou os lábios, acariciou o clitóris enquanto se beijavam. A língua quente de Suna deslizava deliciosa sobre a sua e ela emitia sons de prazer. A sensação de que explodiria de desejo a qualquer instante o rondava até que os instintos falaram mais algo. Ajudou-a a livrar-se da roupa de modo cuidadoso. Seu sexo pulsava assim que a viu nua, pálida e frágil. Tomou-a pela cintura e a colocou de costas.

— Meu braço – murmurou ela amedrontada.

— Confie, está segura – garantia rouco com o rosto encostado no dela, passando a barba na orelha e face, o que sabia que a agradava.

Acomodado de joelhos e sentado sobre os pés, puxou-a para cima de seu sexo, penetrando-a sem cuidado o que a fez gemer de dor. Era uma pequena punição. Em seguida, acoplados, com o braço transpassado pelo tórax dela, o que dava a impressão de que poderia quebrá-la num brusco movimento, suspendeu o corpo ficando de joelhos e a reposicionando mais à frente. O vaivém dentro de Suna lhe provocava intensas ondas de prazer. O desejo rude o espreitava, como um segundo afluxo quente, querendo emergir de suas entranhas.

Envolveu o cabelo dela no braço livre e o tracionou. Suna soltou um grito, mas não deu importância. Alcançou o pescoço com mordidas leves, passando a língua no lóbulo da orelha. Queria mais, queria estourar como um animal que caça e estraçalha sua presa. Mas não podia. Puxou cabelo mais uma vez e ela virou a cabeça. A expressão pávida de Suna não o freava. Tinha urgência em marcar território, em definir sua supremacia sobre ela, queria muito marcá-la, mas...

Afrouxou os cabelos e diminuiu o ritmo. Colocou-a deitada de frente e a possuiu outra vez. O prazer chegava devagar como se o centro do mundo estivesse em seu membro, de onde irradiava as sensações mais levianas. Estremecia, gemia, chamava por Suna e quando estava prestes a gozar tirou o sexo, fazendo com que seu orgasmo se espalhasse pelo abdome dela. Aliviado, expirou bruscamente, arriou a cabeça sobre o peito de Suna esperando a respiração se acalmar. Então, escutou-a choramingar.

— O que houve? – posicionou-se sobre ela.

— Acho que meus pontos partiram...

Tinha esquecido dos pontos na cabeça. Ligeiro foi verificar a sutura. Se aquilo tivesse acontecido, não se perdoaria. — Não, estão certinhos... Me perdoa, esqueci – expirou aliviado e a fitou intensamente enquanto ela se sentava.

— Doeu, viu. Não sou de chorar, mas hoje... – ela não conseguia concluir.

— Não devia ter te procurado. Pelo amor de Deus, me perdoa – implorava preocupado, beijou a cabeça dela, os olhos e bochecha, sugando as lágrimas salgadas. Ficou tenso.

— Tudo bem – sussurrou ela de maneira quase inaudível e se levantou segurando a roupa em direção ao banheiro.

A culpa mordaz o assaltou. Sombras dos seus instintos obscuros tinham pairado sobre ele naquela noite. Além de tudo, havia sido tão egoísta que nem pensara no prazer dela. Talvez tenha agido assim por se ressentir por causa do passado nebuloso de Suna.

No entanto, nada justificava ter esticado os cabelos dela e a penetrado de forma rude. Tinha que aprender a reconhecer os limites, não podia feri-la ou provocar mágoas, ela já carregava sua cota de dor. Manteve-se sentado ao pé da cama e quando Suna retornou, levantou ligeiro aproximando-se dela.

— Precisa dizer claramente que vai me perdoar. Não tive intensão de te machucar, mas sou maior que você e...

— Sei que não sou a amante ideal – irrompeu ela.

— Pare com isso. Eu fui terrível, não pensei em sua saúde, nem nos pontos que levou e nem no seu prazer.

— Eu, eu não consigo pensar em sexo agora – ela movimentou-se em direção à cama com a voz embargada, mas a impediu, mantendo-a entre seus braços.

— Isso não é problema. Quero saber se gosta de fazer amor comigo...

— Amo, eu amo...

Se afastou um pouco e a observou. — Tem certeza?

— Tenho, eu amo – ela cortou a frase como se criasse coragem de continuar. — Eu amo você, Vicente Max. Aprendi muito rápido a desejar estar em seus braços, sentir seu cheiro e sua presença, em confiar e acreditar em você – fragilizada, ela o abraçou com o braço são.

Uma alegria cálida envolvia o coração, mas não sabia o que dizer. Não

queria ser leviano em falar que a amava e aquilo não passar de fogo de palha. Entendia a posição dela, estava pressionada por Dante. De qualquer modo, ela o via como um porto seguro, sem contar que era uma mulher pouco vivida. — Suna, Suna, minha querida...

— Não precisa dizer o mesmo. Eu quem precisava falar. Se sentir algo de modo verdadeiro, então me diga na hora certa. É importante para mim expor o que sinto. Sabe, hoje tive muito medo de que tudo entre nós fosse acabar por causa do meu passado e as ameaças de Dante. Sei que é difícil, mas não sou mais aquela garota imprudente. Aprendi a duras penas como me manter íntegra... só que não sou uma mulher experiente como você gostaria que fosse.

— Não se desculpe por algo que aconteceu antes de nos conhecer. Está traumatizada, mas aos poucos irá vencer isso, vou te ajudar. Além disso, nunca disse o que prefiro, errou em sua dedução, mocinha. A atração que sinto por você não é pouca coisa, você é meu presente. Tem poder sobre mim e nem se deu conta ainda – afagou os cabelos dela. — É uma mulher linda – apanhou-a no colo e a pôs na cama e deitou bem próximo a ela. — Só Deus sabe como tive que me controlar nas ocasiões em que saíamos e não podia te tocar, na noite em que dançamos nas bodas e quando ficamos presos na fazenda. Quantas vezes, quis te beijar sem poder! Realmente, esse pouco tempo de convivência parece longos anos de tortura sem poder te ter – acariciou o rosto dela.

— Max, você dorme fora, é um sinal de que tem outra pessoa... – pontuou ela cautelosa.

— Sexo, Suna. É natural, não me relacionava contigo, saía para fazer sexo. Mas isso não vai acontecer mais – fazia sua primeira promessa. Teve receio de se arrepender, pois era um homem de palavra. Levantou, pegou um comprimido e entregou a ela. — Tome. Vai ajudar a aliviar a dor que causei – sentou-se ao lado dela. — Então, quer dizer que gosta de fazer amor comigo? – quis dar um novo rumo à conversa para não descambar em mais perguntas sobre sua intimidade e, assim, não fosse obrigado a mentir.

— Gosto muito.

— Se gosta, vai provar para mim...

— Como? – ela lhe devolveu o copo e o colocou no criado-mudo.

— Assim... – subiu na cama, posicionando-se entre as pernas dela, suspendeu a roupa, desceu a calcinha, abaixou-se até que sentiu o cheiro do

sexo de Suna, o que já o excitava outra vez. — Prova para mim que gosta, mas prova bem gostoso.

O semblante de Suna era de surpresa. Abriu delicadamente as coxas ao seu redor e a beijou na intimidade. Sentiu os lábios íntimos sob sua língua, os pelos em crescimento e se fixou na carne macia e lisa ao centro. A textura delicada e lisa, lembrava-lhe um sashimi ou uma ostra. Suna gemia, movia os quadris, chamava seu nome, pedia que não parasse.

Encaixou-se numa boa posição e com as mãos livres acariciava os mamilos. Ela parecia amar e emitia sons altos, como a mais terna música, contraindo a musculatura do abdome de forma sensual. O clitóris começou a ficar mais entumecido e muito molhado, sabia que ela iria gozar. Caprichou nos movimentos até que ela gritou sem pudor e aquele grito derrubava seu cansaço e freios. Não aguentou e quis amá-la mais uma vez.

— Estou como um rapaz de quinze anos. Veja o que faz comigo – confessou e a possuiu devagar e com muito carinho.

— Te quero, Max. Amo muito, Vicente.

Beijou-a nos lábios, buscando uma conexão profunda, num tipo de vínculo que os tornava um só. Passou o braço por baixo do pescoço, com cuidado com o braço imobilizado e a amou com ternura, cedendo espaço à paixão que se solidificava no peito.

Por que eu?

13

Imaginava que revelar sobre a existência das gravações íntimas seria como enfrentar uma tempestade de navalhas, mas a reação dele, mantendo-se ao seu lado, havia sido um afago à alma, um sopro de tranquilidade, um abraço protetor. Com essa postura, o neurocirurgião a conquistava ainda mais. Se ele pensasse apenas em si mesmo, seria mais fácil romper o contrato de casamento e a mandar embora.

Contudo, o fato de continuarem o romance deles e a farsa do casamento indicava que Max estaria emocionalmente envolvido naquela relação iniciante e frágil e ainda demonstrava que era um homem bom e leal. Ou seriam essas impressões causadas por seu coração que fervia de amor e contentamento?

Suna estava apaixonada por Vicente Max de uma forma tão intensa, que submetia o coração e a razão e manipulava os sentidos em fluxos e refluxos emocionais, como o destino das ondas ao se desmancharem na areia. Para ela, por mais precipitado que parecesse, algo gritava em suas entranhas anunciando o nascimento de um sentimento duradouro.

No entanto, sabia que precisava ser paciente, pois o médico estava segurando uma boa quantidade de problemas que ela havia jogado no colo dele. Além disso, ter confidenciado quais os fatos que a tornaram refém de Dante havia um preço difícil. Pela primeira vez, outras pessoas passaram a vislumbrar o trauma e a dor que guardava por baixo de muitas chaves e camadas da alma. Agora Marcel assumira o caso e no fim da tarde daquela quarta-feira, foram prestar queixa na delegacia.

Visivelmente constrangida, fez o que o advogado pedira ao relatar os fatos sucedidos em depoimento na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher. Respondera perguntas à delegada a exaustão. Naquele momento, assinava o depoimento como se aquilo fosse o primeiro passo para obter uma carta de alforria, tanto pelas mágoas deixadas por Dante, como pelo medo de ter as imagens divulgadas.

Marcel iria continuar conversando com a delegada. Agradeceu e saiu para encontrar Max do lado de fora da delegacia. Sentia cólicas, pois amanhecera menstruada, o que fora um alívio, após ter começado uma maratona amorosa com Max.

Avistou-o apoiando o corpo numa pilastra vertical, vestido com uma calça bege e uma camisa branca com a manga dobrada até os cotovelos, o tipo de roupa que ele mais usava e que valorizada o porte alto e de peitoral largo. As camadas do cabelo estavam desalinhadas devido ao vento e o semblante parecia contemplativo. Aproximou-se abraçando-o de surpresa com seu braço direito. Sem saltos, sua cabeça ultrapassava por poucos centímetros o ombro dele.

— Como foi lá? – indagou Max.

— Conte tudo e respondi a muitas perguntas.

Max a envolveu nos braços. — Não tenho estrutura para escutar sobre esse assunto outra vez. Esse sujeito pagará pelo que te fez passar, garanto.

— Quero apenas que as imagens desapareçam. Não faz ideia de quanto é torturante saber que algo foi tirado de você, sem permissão e está sob a custódia de alguém que te despreza.

— Ele vai pagar, Suna, não pensa em livrar a cara dele, não é? – Max a fitou com um ar indignado.

— Não, mas disso tudo o mais importante é resgatar esses vídeos.

— Concordo – assentiu ele.

— Está muito cansado? – quis saber, pois ele parecia abatido.

— Ontem você não me deixou dormir – ele a fitou com um riso no rosto, arrancando outro seu. — Além disso, enfrentei um procedimento, muitíssimo complicado hoje cedo.

— Tem uma profissão de grande responsabilidade, Vicente Max.

— Gosto muito do que faço. É muito importante para mim colocar em prática o que sei fazer e ajudar pessoas. Estou sempre me preparando para isso – ele mantinha os braços ao seu redor. — Também gosto de escutar sua

voz doce chamar meu nome, assim: "Vicente Max, quero você" – sussurrou ele em seus ouvidos, fazendo-a corar.

Nesse momento, Marcel surgiu constrangido, pigarreando. — Vamos, meus caros – chamou o advogado. — É preciso fazer exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal.

— É mesmo necessário? – indagou ela.

— Sim... a avaliação do perito é uma peça das mais importantes.

Seguiram em direção ao carro de Marcel. O braço imobilizado incomodava. Sentou no banco traseiro do *sedan* branco com a ajuda de Max. Marcel foi guiando, saindo do estacionamento.

— Acredito que Dante irá procurá-la, diga que já está com o dinheiro. Vamos montar uma cilada para ele – Marcel a fitou sério pelo retrovisor. — Assim que ele fizer contato, precisa me avisar.

— Pagaria para ele desaparecer do universo, mas o cafajeste tem que ser punido pelo que fez... – acrescentou Max.

— Vamos pegá-lo – reafirmou Marcel. Às vezes o advogado a observava pelo retrovisor com olhos curiosos, o que a deixava embaraçada. — Não fique envergonhada pelas suas confissões, Suna. Você era muito jovem, aconteceu de se deixar levar, extrapolar limites por influência de um namorado... – conseguiu escutar a forte expiração de Max. — Isso é mais comum do que imagina. O machismo ainda impele a mulher a achar que precisa agradar ao homem, só que não precisa, nenhuma mulher precisa ser subserviente, submissa em nenhum aspecto...

— O que isso tem a ver – Max tentou interromper a fala de Marcel.

— ... escute, Suna, nunca se sinta obrigada a fazer nada para agradar ninguém. Saiba que poderá contar sempre comigo, como se fosse um irmão – franziu o centro estranhando as colocações de Marcel. — Confesso que soube um pouco de sua história...

— Virou psicólogo? O que vai dizer! – Max aumentou o tom de sua censura, atropelando o que Marcel dizia.

— Deixe-o falar, Max, por favor. O que sabe, Marcel? – interveio e Max bufava, em desagrado.

— Negocieei a fazenda do seu vizinho, José Kirin, e ele me contou sobre Dante.

— Pera aí – sentiu uma comichão subir pela coluna e os pensamentos embolaram. — Quando me procurou com a proposta do acordo, já sabia de

minha história?

— Tudo não sabia, né, Suna... só parte.

Arregalou os olhos aturdida. — Aquela ligação que recebi enquanto conversava com você, sobre a proposta para o casamento de fachada, era Dante me pressionando pelo dinheiro! Se não fosse aquilo, nunca diria sim...

— Não sabia, Suna, nem prestei atenção – alegou Marcel. Assustado, ele acabou freando bruscamente quando o sinal fechou.

— É muita coincidência, não acha? – questionou intempestiva.

— É coincidência mesmo, porque os motivos que me levaram a precisar de seus serviços foram outros... – vociferou Max com austeridade. — Acredita em mim, Suna? – ele voltou-se para observá-la, como se crescesse sobre ela.

— Acredito... – acrescentou murcha.

Os pensamentos entravam numa zona turbulenta. Nunca imaginaria que Marcel conhecesse o Zé Kirin e o drama dele. Havia algo a mais e talvez estivesse relacionado ao fato secreto que conduziu o renomado neurocirurgião Vicente Max a se casar com ela. Precisava separar o seu lado emocional daquelas peças de quebra-cabeças que eram postas à sua frente. Só que estava apaixonada.

Por mais que tenha trilhado um caminho tendo como base a razão e a lógica, o autocontrole e o senso de preservação, havia permitido a Max derrubar quase todas as suas defesas e se encontrava fragilizada. Não conseguia avaliar com clareza aquela situação já que contava com o suporte, tanto de Max como Marcel, para enfrentar as chantagens de que era vítima.

Fizera o exame no Instituto Médico Legal e o advogado só havia conversado o essencial. Quando saíram, já era noite e o advogado os deixara em casa. Max se mantivera calado por todo o trajeto até entrarem no apartamento. Colocou sua bolsa na sala e seguiram para a cozinha. Estavam famintos.

— Sei que ficou sobressaltada, mas saiba que Marcel é da mais profunda confiança. Às vezes nos confrontamos, mas isso nunca abalou a fé que tenho por ele. Agora você confia nele se quiser. Acho que da mesma forma que eu, compreenderá que ele só ajuda – argumentava Max enquanto lavava as mãos e apanhava um sanduíche de atum na geladeira.

— Olha, esse é um momento confuso. Não vou avaliar nada. Depois tiro minhas conclusões – lavou desajeitada a mão direita.

— Quer que parta um sanduíche para você?

— Quero, obrigada – sentou-se diante da bancada.

Ele observava a geladeira, mexendo nas prateleiras. — Tem uma massa aqui, quer?

— Não, o sanduíche é suficiente.

— Vou querer a massa também... – ele apanhou um recipiente com a massa e outro, com o molho de tomate e camarões e colocou no micro-ondas. Serviu um suco para eles e partiu o seu sanduíche em quatro porções. — Está bom assim? Come muito pouco, dona Suna Ferraz.

— Está ótimo... Você é um ótimo cuidador – queria dispersar a tensão que já perdurava muito tempo.

— Obrigado, minha querida – ele deu um beijinho em seus lábios.

Apanhou uma das porções do sanduíche enquanto ele terminava de comer o dele. — Max, por que precisou do casamento? – perguntou de maneira despretensiosa e ele parou de comer hesitante. Por segundos, só havia o som do micro-ondas trabalhando.

— Se confia em mim, saiba que o motivo nada tem a ver com Dante ou seu passado – alegou ele com frieza.

— Conhece os meus segredos mais profundos, sou um livro aberto.

— E eu sou um livro em grego, bem difícil de se compreender – o tom dele era estéril e seco. — Não é nada que possa nos afetar. Não quero mais tocar nesse assunto, por favor.

Ele se levantou e se serviu da massa, jogou em cima o molho de camarão que Dulce havia deixado e voltou a se sentar e comer. — Só uma única vez fiz planos de constituir família, ter filhos, mas não deu certo. Nos últimos anos, tive certeza que nunca me casaria naturalmente. Mas havia muita conversa, fofoca sobre minha vida pessoal, então, numa decisão intempestiva, depois de ter tomado umas doses de uísque, lá no Maresia, decidi que precisava ficar casado por um ano... e foi assim que tudo começou.

— E por que eu?

— Por favor, não... não quero continuar... – disse ele demonstrando chateação.

O neurocirurgião fez menção de se levantar e Suna lhe segurou a mão. — Não diga nada. Desculpe, fui imprudente – a voz dela saiu baixa, mas firme.

Max a observou enraivecida. — Por quê? Porque quando a vi pela primeira vez, achei que nunca me sentiria atraído por uma mulher tão frágil como você... – ele falou de modo duro, com o olhar fixo nos seus. Ela teve uma

súbita ânsia de vômito e uma onda nauseante a tomou, pois não imaginava que escutaria aquilo. Não quis dar o braço a torcer, observou o outro naco de sanduíche no prato e o pegou, afinal, ela que havia pedido para escutar aquilo. O seu chão começava a abrir. — ...mas não foi isso que aconteceu, Suna – Max voltava ao tom ameno. — Prestei atenção em você, de verdade, no dia que a vi caminhar em minha direção no casamento, naquele vestido branco, com o sorriso encantador nos lábios, me observando com os olhos brilhantes. Ali, balancei. Via a mulher mais linda que já tinha posto meus olhos.

Suna continuava na mesma posição fingindo comer. — Certo – disse de modo aleatório.

Max parou o jantar, puxou o banco para mais próximo dela e a abraçou, mas ela se manteve firme na mesma posição. — Na hora que a recebi, fiquei impactado com seu encanto e delicadeza – ele continuava em seu ouvido. — Quando meus lábios tocaram os seus, pensei que fosse sufocar. Assim, você entrou na minha vida, Suna, como uma grande surpresa, roubando meus pensamentos. Tenho um lado muito explosivo, sou complicado, confesso. Mas você é meu presente e minha transformação, saiba disso. O meu querer por ti é algo que extrapola a razão. Está dentro de mim, faz parte de mim. Eu... quero ficar contigo o tempo inteiro. Quando saio para trabalhar, logo quero voltar para ficarmos juntos. Imagino a gente fazendo várias coisas. Tenho certeza que nada vai nos atrapalhar, nem Dante, nem seus medos e nem os meus temores. Nós dois juntos somos maiores que esse casamento de fachada e os motivos fúteis que me moveram... Por favor, fala alguma coisa, minha querida... – ele a abraçou mais apertado tentando esconder a emoção.

Os olhos de Suna encheram de lágrimas, numa ebulição de sentimentos que misturava uma ponta de amargura e o êxtase sobre o que acabava de escutar. Amava-o com muita força e só de vislumbrar qualquer nuance de desprezo um abismo se abria à sua frente, o que não era sadio, reconhecia, só que não tinha forças para lutar. Segurou o braço dele. — Vicente Max, eu te amo. Tenho até medo desse sentimento – confessou com dificuldade.

— Não fica assim. Também me sinto inseguro – ele afrouxou o abraço. — Quando descobri que conhecia o seu agressor, passaram muitas coisas na cabeça e isso quase me enlouqueceu. Não vamos nos torturar. Sinta-se segura, acompanhe meus passos se quiser, pois só sigo adiante na certeza de que não haverá retorno...

Assentiu instável. — Precisa terminar o seu jantar, vou tomar um banho.

— Não vai comer mais nada?

— Estou sem fome – lutava para se manter segura, afastou-se e ficou de pé. — Pode só descer o zíper do vestido? – usava um tubinho marinho sem mangas, na altura dos joelhos.

Ele sorriu. — Acha mesmo que vou terminar de jantar? – ele já tinha se levantado, procurando o zíper da roupa que Dulce a ajudara a vestir. Suspendeu o cabelo e apontou.

— Vai sim – disse enquanto ele baixava o zíper e enfiava as mãos até alcançar os seios.

— Suna, qual o seu problema com o sutiã? – o tom dele era de aborrecimento.

— Nenhum, por quê?

— Não usa. Como foi para uma delegacia e fazer exame pericial sem sutiã! – ele parecia chocado.

— Meus seios não são grandes e estou usando adesivos sobre os mamilos – alegou, alargando o olhar. — Viu que fiquei sozinha com a médica, na perícia.

— Não importa... – ele a puxou para junto de seu corpo. — Não quero que ande sem sutiã por aí – disse sério. — Os homens olham. Tem seios lindos, mamilos naturalmente avolumados, chamam atenção – abrandou o tom. — Ficava imaginando seus seios desde o dia que serviu ostras na casa de praia, com uma blusinha colada com eles livres, na frente de Marcel.

— Está falando sério?

— Muito sério...

— Isso é machismo – concluía, embora soubesse que ele não fosse gostar do comentário.

— Não, está errada. É zelo, apenas – ele a envolveu, abraçando-a pelas costas e repousou uma mão nos seios e outra entre suas pernas.

— Cheia de surpresas hoje. O que é esse volume aqui?

— Menstruação.

— Uau... ótimo. Por que não me avisou antes? – comentava empolgado.

— Não deu, né. O fluxo está forte – adiantou a informação.

— Então já posso aplicar a medicação e será bem melhor a partir de agora. Estamos livres... – o tom dele era erótico.

— Mas não estou podendo – disse desconfiada.

— Não farei cerimônia para seu sangue menstrual. Quero conhecer, quer dizer, se quiser deixar.

Enrubesceu com aquela declaração. Max era quase um ninfomaníaco. Desde que começaram a se relacionar, faziam amor todos os dias e mais de uma vez. — Vou, vou tomar banho. Termine o seu jantar, por favor – deu beijo rápido nos lábios dele e foi afastando-se.

Suna entrou na ducha exausta devido às tantas nuances emocionais que a abordavam. Estava optando por viver aquele amor intenso pelo neurocirurgião. Iria correr o risco de se machucar, afinal, o tempo infligia consequências às escolhas e preferia vivenciar aquela paixão a assistir da janela a vida passar, escondendo-se do sofrer. Então, teria que estar pronta para os frutos, fossem doces ou amargos.

Conseguiria libertar-se de Dante e trilharia seu rumo, de preferência, com Vicente Max? Era o que almejava e precisava apostar suas fichas de olhos fechados. Era necessário confiar e se adaptar a ele, era essencial abandonar a casca e se tornar mulher. Mesmo sem verbalizar nada, a sexualidade dele demandava emaranhar-se por terrenos ainda não demarcados, e aquilo era desafiador. Temia. Sentia certo frio na barriga. Mas algo dentro de si clamava para que ela seguisse em frente.

Tirou o saco especial que protegia o braço, que Dulce tinha preparado, e se enxugou. Com dificuldade, colocou o absorvente e vestiu a calcinha. Ao sair do banheiro, surpreendeu-se com Max sentado na poltrona.

— Que surpresa! – comentou enquanto andava só de calcinha para pegar seu pijama em cima da cama.

— Não vista nada... – pedia ele. — Venha aqui – hesitou por alguns segundos, com o coração em disparada e seguiu em direção dele meio inibida. — Vou pedir a Dulce para transferir suas roupas para o meu quarto – comentou ele.

Aproximou-se envergonhada e sentou no colo dele. — Acho muito cedo. Vamos deixar como está – disse ela. Max pareceu levemente surpreso com aquela resposta. Ele afastou seus cabelos meio molhados que caíam sobre os seios e fez menção em beijá-los. — Não... – afastou-se, impedindo-o.

— Por quê?

Tentaria ser audaz. Foi até a cama e se sentou, cruzando as pernas. Manteve a coluna reta e os cabelos cobriram parte dos seios. — Queria tirar sua roupa, mas não conseguiria com um único braço. Então, tira para mim? –

pediu faceira. Max, de repente, revelava um pouco incredulidade. — Quero te ver. Não olha para mim, Vicente Max? Agora quero olhar para você – sussurrou, esforçando-se para não parecer vulgar ou hilária. Temeu que ele caísse no riso. Max franziu o cenho e acabou começando a desabotoar a camisa, revelando o torso nu de pelos másculos, ficou de pé, tirou a calça.

— Pronto, Suna... quer que tire a cueca? – e ela balançou a cabeça afirmativamente.

Max ficou nu e não estava excitado. Foi até ele e o pressionou para que se sentasse de volta à poltrona. Agachou-se entre suas pernas e pôs o sexo dele inteiro em sua boca.

— Vai fazer isso? – ele exaltou. — Ó Deus! – exclamou.

Apenas o fitou e sentiu o membro começar a enrijecer entre os lábios e a base escapava da cavidade bucal à medida que endurecia. Tentou fazer o melhor sexo oral de que tivesse notícias. Max gemeu, chamando-a de deliciosa. Continuava trabalhando nele, com gosto, com vontade. Molhando-o de saliva, sugando, passando a ponta da língua na glândula, acariciando-a dentro da boca, arrancando suspiros, fazendo-o arquear o quadril, movimentar a pelve, acariciar seus cabelos, apertar seus seios, puxar sua cabeça no sentido mais profundo do sexo entre seus lábios.

Com a mão livre, também o acariciava, buscando pontos de prazer nos testículos. Criou um ritmo que o estava levando ao orgasmo, manteve-se nele por mais um tempo até conduzi-lo ao êxtase. Max se contorcia e gozava em sua boca, gritando impropérios sobre ela. Assim que ele se acalmou, fitou-o prendendo o olhar dele no seu e, então, deixou o prazer do homem que amava escorrer pelos cantos da boca.

— Quer me matar, Suna?

— Quero...

— Não sabe o que diz... – ele apanhou a própria camisa, passou em seu rosto e a envolveu num abraço. — Vamos dormir, meu amor. O dia foi cheio para nós – Max a beijou com ternura, num beijo carregado de sentimento, mas sem as urgências que normalmente carregava.

Ele seguiu para o banho e ela foi terminar sua higiene e se vestir. Depois, entrou no quarto dele e deitou no lado esquerdo da grande cama de casal, que parecia já estar reservado para ela. A relação parecia sabotar o tempo, avançando rápido. A sintonia era tanta que dava a impressão de que já possuíam mais tempo juntos do que os três meses desde que se conheceram.

Era muito precoce qualquer tipo de decisão. Só que eles já estavam investidos numa união estável, usavam alianças e agora compartilhavam da intimidade própria dos casais. Parecia inexistir etapas para eles. Mesmo que se gostassem, que um elo os unisse, a relação começara errada e aquela situação a deixava aflita, pois sempre soube que o que se iniciava pelas vias incorretas descambava num caminho sem saída. E não desejava aquilo.

Perdida entre o cansaço e os pensamentos, Max surgiu no seu raio de visão, foi num canto a outro do quarto só com a parte de baixo do pijama, desfilando a tatuagem esquisita nas costas e as belas formas. De repente, ele se aproximou com a seringa na mão e se recordou da medicação que ele iria aplicar. Virou de lado, ele desceu parte da calcinha, aplicando-a, sentiu uma fisgada incômoda. Nunca ouvira falar de um homem que se preocupasse com a anticoncepção daquela forma, embora não fosse algo ruim.

— Nossa vida íntima vai melhorar agora, sem medos, sem interrupções – comentou ele, que se aconchegou ao seu lado e a enlaçou. — Não há mais limitações.

A forma como ele comentou, encabulou-a. — Sempre foi assim tão precavido?

Ele lhe sorriu. — Não quero filhos. Acha ruim um homem se preocupar com a concepção?

— Acho ótimo – deu beijinho nos lábios dele e sentiu o hálito fresco de pasta de dentes e o perfume de lavanda do sabonete. — Em algum momento quis ter família, disse isso mais cedo.

— Ah, tá. Não gosto de falar de passado. Quando fazia minha residência em neurocirurgia nos Estados Unidos, tive uma pessoa e pensei nisso, em casar e ter filhos. Depois vi que não era algo para mim. Não nasci para ser pai e ter uma vida certinha.

— Sua vida é muito certinha, Vicente Max – franziu o cenho dissimulando espanto.

Ele acariciou sua bochecha, deslizando a ponta dos dedos ao redor do seu rosto. — Acha? E você, dona Suna, algum dia quer ter filhos?

— Ser mãe é algo que passa na cabeça de qualquer mulher numa situação ideal. Mas na prática, não tive esse desejo. Fui criada por mulheres que não tiveram vidas fáceis, então, sei da responsabilidade de ser mãe.

— Combinamos nessa questão... – alinhou ele e mexeu na aliança de sua mão do braço doente. — Suna, sou esquisito, tenho um lado obscuro, às

vezes sou mandão, mas saiba que sei ouvir e só quero te conduzir por caminhos que sejam seguros para nós dois.

— Sinceramente, não espero menos que isso de você, porque aposto nisso, no que acontece entre nós...

— Em nosso casamento... — emendou ele zombeteiro, voltando a mexer na aliança.

— Não sei dizer se é esse nome, na verdade, não é. Estamos começando a nos relacionar numa situação inusitada, dentro desse casamento de mentira — riu.

— Veja, não é mentira, ele está funcionando muito bem, diga-se de passagem. Hoje, no outro quarto, você me surpreendeu de maneira bem positiva para uma esposa — Max pilheriou num tom jocoso e riram. — Desculpe, continue, minha querida.

— Enfim, depois da decepção que tive com Dante, conheci outros homens, sai com alguns e criei a expectativa de me relacionar, acho que me entende, de fazer amor de forma completa, mas, na prática, nunca consegui. Algo me travava e sempre escapulia e acabava com a principiante relação. Então...

— Nem quero pensar em você com outros homens, nem fale isso mais para mim.

Suas sobrancelhas levantaram. — Como assim? Você teve outras mulheres até há poucos dias.

— Sinto ciúmes e não quero dar espaço a esse sentimento. Então, peço que tenha cuidado — considerou o tom ameaçador. Olhou para o teto. — Poderia ter tido muitos homens — acrescentou com suavidade. — Em que isso iria mudar?

— Eu não devo saber e não quero — o tom dele se tornou mais sério. — No fundo, fiquei feliz em escutar que depois do seu ex mau-caráter só se envolveu comigo, e agora me diz que existiram outros!

— É um esquisito, Vicente! Censura o meu passado e eu não posso perguntar sobre o seu — constatou aborrecida.

— Não. E não devo escutar sobre o seu.

— Se assim são seus termos, tudo bem. Mas gostaria de concluir que espero que aja comigo com muita dignidade, justo por ter confiado em você depois de tantas frustrações e barreiras. Quero que entenda que, para mim, isso que estamos vivendo não é pouca coisa, representa muito na minha vida — definia de modo sutil.

Max tocou seu rosto e a olhou com profunda ternura. — Comigo, está segura – ele procurou seus lábios, suas línguas se tocaram e, em seguida, roçaram-se de modo brando, movidas por um querer mútuo e profundo. Sentia os pelos ásperos do rosto dele passaram em sua face, o que adorava. Foi um beijo longo, Max a acariciou de maneira sensual, mas com calma, tocando os seios, passando os dedos na calcinha, pressionando o quadril. Deram mais beijinhos até se afastarem. Ele a colocou deitada em seu peito. — Gostaria de fazer amor, mas sei que seria impertinente...

— Ah, sim. Tenho andado dolorida.

— Vou te respeitar sempre. Vamos dormir – ele levantou, sem disfarçar que estava excitado e apanhou uma água no frigobar. Admirou aquele exemplar humano de um deus antigo que havia caído em seu caminho.

∴

Meio que despertou com Max cheirando seu pescoço, abraçando-a pelas costas e pressionando o sexo dele em suas nádegas. Ouvia o seu suspirar profundo. Depois ele se levantou da cama. Acordou sonolenta outra vez com o barulho das portas do armário.

Com os olhos semicerrados, via Max se arrumar, colocando a camisa no tom amarelo queimado, dentro da calça social escura. Estava lindo. Ele mirou o espelho por alguns segundos e foi calçar os sapatos marrons lustrosos e colocar o cinto combinando. Borrifou perfume e o cheiro invadiu o quarto. Em seguida, veio em sua direção.

— Bom dia, preguiçazinha – teve a impressão de que havia babado e ficou envergonhada enquanto ele beijava seus lábios. — Assim que sair do hospital, vou passar na academia rapidinho e venho apanhá-la para a gente sair para jantar, por volta das oito da noite.

— Está certo... – balbuciou sonolenta. — Está lindo com essa camisa.

Ele inclinou e a abraçou. — Obrigado, minha querida. Estou indo e vou ficar com saudades. Volta a dormir, vá – o perfume amadeirado que ele usava envolvia os sentidos e representava o jeito másculo de Max. Era um cheiro único que jamais esqueceria.

O neurocirurgião apanhou a mochila, apagou a luz e saiu, deixando uma pequena bagunça espalhada. Quando voltou a despertar, Dulce estava no quarto carregando um grande buquê de rosas vermelhas.

— Bom dia, Suna. Olha o que chegou para você! – ela avisava com um sorriso de felicidade no rosto. — De quem será, hein? – questionava marota.

Sentou-se na cama e recebeu as flores inundada por uma felicidade desmedida. Fitou Dulce e escancarou um sorriso na cara amassada. Não se recordava da última vez que havia recebido flores. — É de Max – cheirou as rosas, admirou-as e apanhou o cartão, abrindo-o ansiosa, com a ajuda de Dulce. Reconheceu a caligrafia dele e leu para si: "Obrigado por ser minha fonte de felicidade e por me presentear com noites apaixonantes. Te quero. Beijo. Vicente Maximo".

— Estou muito feliz por vocês. Vamos colocá-las no vaso – comentou Dulce.

Levantou-se como se pisasse em plumas. — Sim, vamos.

— Hoje é dia de faxina. As meninas da empresa estão aí... – passou pela porta de seu quarto e viu suas roupas em cima da cama.

— O que está acontecendo? – questionou chocada.

— Doutor Vicente ordenou que transferisse suas roupas para a suíte principal. Não se preocupe, eu pessoalmente comecei a tirar as peças.

— Disse a ele que não, é muito cedo. E é não, Dulce – rebateu indignada.

— Precisa entender-se com ele. Só cumpro ordens. Mas não se esqueça, Suna, da importância em saber ceder para que evoluam.

— Não assim... – Dulce partiu na frente e pegava um grande vaso de cristal na dependência, ao fundo da cozinha. Avistou as duas auxiliares que estavam limpando o apartamento. — Bom dia, meninas.

As faxineiras responderam simpáticas. Quase nunca eram as mesmas e vinham entre duas a três vezes por semana. Dulce colocou o vaso na bancada na cozinha com um pouco de água e a ajudou a liberar as rosas do involucro da floricultura.

— Desculpe pelo meu jeito abrupto, Dulce. Não tire minhas roupas. Converso com ele.

— Faça isso.

— Ainda não me sinto tão à vontade para dividir – disse ela a Dulce que apenas levantou o cenho, voltando a concentrar-se nas rosas.

— Quando terminar a limpeza da sala, colocamos lá. – Dulce foi até a bancada e serviu café na xícara, pôs leite e adoçou. — Tome seu café. Fiz um pão com queijo e cortei as frutas – apontou para os itens. — Se precisar de ajuda me chama. Hoje será um dia cansativo – a governanta apanhou um balde, uma vassoura e um pano e saiu.

Acompanhou Dulce em direção ao corredor, iria ao seu quarto fazer sua

higiene íntima antes do café, quando a viu colocar o código de acesso no escritório. — O que tem aí? — fez menção de avançar e verificar o que havia por trás daquela porta.

— Não, Suna. Fica aí, por favor. Esse espaço é de doutor Vicente — as feições de Dulce sobressaltaram-se, os olhos dilataram.

O que teria ali, afinal? Porque a governanta entrava e ela estava proibida pelas cláusulas do casamento. Aquilo era perturbador! Foi para o seu quarto pensativa e apanhou o celular na bolsa, não o via desde a noite anterior. Desbloqueou-o. Havia uma ligação perdida de Dante. Um frio subiu pela espinha, mas não permitiria que aquilo estragasse seu dia. Ligou para Marcel avisando e ele a orientou a agir de maneira normal quando ele ligasse de volta.

Também escreveu a Max para agradecer as rosas. Digitou: "Obrigada pela surpresa. As rosas escarlates incendiarão nossas noites incessantes. Com amor. Tua Suna Ferraz". Enviou *emojis* de beijos e coração. Achou que a mensagem parecia quente e depois ainda complementou: "Querido, não vamos discutir, mas pedi para Dulce não tirar minhas roupas. Prefiro como está. Saudades".

Mentiras

14

A mentira era um bumerangue que retornava ao arremessador, esfaqueado em centenas de pedacinhos, o que potencializava a ocorrência de múltiplas consequências desastrosas. Ainda assim, Vicente Max optou por mentir, pois manter uma relação harmônica com Suna havia se tornado o foco principal de seus anseios e pretendia assumir quaisquer riscos. Mentiria, quantas vezes fossem necessárias, para afastá-la de seu passado e de sua queda pelo submundo compulsivo e opressor.

Sabia que precisava ser forte o suficiente para administrar aquela situação, uma vez que se sentia culpado devido ao tamanho da entrega de Suna e a confiança que ela depositava nele. E o mais importante era o fato de tê-la em extrema conta, como um bibelô, um cristal, um diamante vermelho, raro, precioso e apaixonante, que demandava uma carga de cuidados.

Naquele dia, ao sair do hospital, não fora à academia como havia dito a Suna e, sim, encontrar Elisa. Antes de entrar no *flat*, viu, pelo aplicativo das câmeras, que a fidelizada o esperava em cima da cama. Era uma mulher que sabia ser *sexy*. Mas não pretendia trair Suna. *Nunca faria sexo com outra mulher enquanto estivesse com Suna*, repetiu em pensamentos, como um mantra ou uma assertiva da qual ele precisava convencer-se a cumprir. Por outro lado, permaneceria com Elisa sob sua tutela. Era confuso, mas era ele, Vicente Max, tentando trafegar entre o céu e o inferno.

Entrou no *flat* com sua mochila da academia, colocando-a sobre a mesa redonda de vidro. Apanhou as requisições para os testes de rotina e o *kit* com a medicação. Foi até o quarto. Elisa fazia uma pose, atravessada no pé da

cama, com uma das grossas coxas flexionada, usando apenas uma *lingerie* branca de calcinha fio dental minúscula, observando-o com olhos sedutores.

De repente, aquela visão parecia estranha, como se houvesse milhares de anos-luz o distanciando dos últimos dois anos em que dividiram uma vida sexual pervertida. Nem se excitou, como de costume. Parecia que habitava em outro corpo e, naquele instante, entre ele e Elisa prevalecia um vazio, um vácuo.

— Relaxa, Elisa. Só vim entregar esses pedidos... — estendeu os papéis enquanto ela, desajeitada, sentava lentamente na cama — ... e colocar em dia sua medicação — levantou o estojo.

— Enjoou de mim? — ela quis saber com o semblante desconfiado.

Levantou o cenho, recordando-se do período que namorava com Mércia. Elisa teve receio que tivesse seu contrato suspenso e não aceitara bem seu afastamento. Recentemente, como apareceu com aliança e, ainda assim, procurava-a com mais constância do que o de costume, ela não havia se sentido ameaçada. — Não é isso, mas preciso de um tempo — mentiu.

— E como eu fico?

— Não perde nada, Elisa, fica tranquila — entregou as requisições a ela e foi apanhar o *kit* médico no armário. A fidelizada recebia uma boa quantia mensal e não utilizar de seus serviços poderia fazê-la pensar que romperia o contrato.

— Não participo desse jogo só por grana, gosto de ser abusada por você — disse ela, num rompante.

Aproximou-se dela. — Não é abuso, Elisa. Não alegue isso. Quando nos conhecemos, você praticamente vivia na casa de sadismo e submissão de Donamy, aceitando todo tipo de situação.

Elisa expirou intrigada. — Tem a ver com a aliança que passou a usar?

— Minha vida privada não é de seu interesse — rebateu com calma e, sem pedir licença, limpou a pele de uma das nádegas e ela empinou o bumbum em sua direção. Aplicou a medicação.

— Pronto. Faz o seguinte... te chamo caso precise — seguiu em direção à porta. — Faça os exames.

— Quero só ver por quanto tempo aguenta sem mim, doutor Vicente Maximo.

Virou-se em fúria. — É proibida de mencionar o meu nome. Não me desafie — cresceu os olhos sobre ela, mas percebia que era aquele jogo que ela

queria.

— Desculpe – ela se levantou e vinha em sua direção, sabia que iria se ajoelhar, o que era típico daquela submissa.

— Não é necessário, pare – disse ele e Elisa parou e recuou. — Não torne o que é fácil em algo complicado. Somos adultos e as regras foram estabelecidas antes de começarmos – o semblante de Elisa era uma incógnita.

Saiu do quarto e fechava a mochila em cima da mesa da sala quando escutou os impactos inconfundíveis do chicote com lâminas finas nas pontas. Voltou correndo ao quarto e a cena o chocou. Elisa estava sentada sobre os joelhos, açoitando-se nas costas, grunhindo baixo.

— Pare, é uma ordem... – gritou.

Assim que avançou, como em câmera lenta, ela passou a mão nas feridas e lambuzou os lábios. Num impulso, agarrou a mão dela jogando o chicote para longe. Elisa o segurou, impulsionando seu rosto para as feridas. Sentia o cheio de sangue e titubeava. A fidelizada girou o corpo, gemendo e puxando seu corpo, até que ela ficou de costas. Rolaram na cama, como dois animais. Ficou rijo e imerso no caos.

Algo estranho acontecia, não sabia se desejava aquele ato. Mas beijou Elisa com os lábios de sabor ferroso e cheiro inconfundível, sentiu a língua dela úmida roçar na sua. Ela virou o torso e tentava desabotoar seu cinto. Parecia estar numa encruzilhada, entre dois caminhos, precisando ser rápido em se decidir, mas não havia como se negar à escuridão. Desabotoou e arriou as calças, rasgou a calcinha de Elisa e teve vontade de fodê-la por trás.

Pressionou as nádegas volumosas de Elisa, porém, a imagem de Suna riscou seus pensamentos. Quando tocou seu pênis, estava broxando. Suspendeu o torso de Elisa, puxando-a pelos cabelos e fazendo-a com que virasse o pescoço para trás, abaixou-se até que alcançou as feridas nas costas dela, sugando-as. Contudo, aquilo não lhe proporcionava o prazer de antes. Não conseguia uma ereção. Os desejos e compulsões convulsionavam entre o deserto árido e inóspito, como um vento revoltado e estéril. Parou.

Levantou-se retomando o prumo. — Sente-se – ordenou de modo rude. — Vou cuidar de você.

Tratou as feridas dela, sem dizer uma única palavra. As costas de Elisa eram cheias de marcas mais escuras que o seu tom de pele e dezenas de pequenas cicatrizes, resultado de arranhões e machucados, boa parte provocada por ele.

— Arrume-se e pode ir. Nunca mais me surpreenda com autoflagelo. Nem quero ouvir explicações – ela o obedecia cabisbaixa.

Observou os objetos da prateleira do lado esquerdo da cama, itens que, às vezes, usava em suas práticas sexuais. Apanhou todos os perfurantes e, ao girar para apanhar o chicote no chão, mirou-se no espelho à direita. Sua imagem o abalou. A camisa amarela, que Suna tinha gostado, estava suja de sangue. Era um animal, um monstro. Desviou o olhar. Foi guardar os itens na mochila, iria trancá-los no escritório. Depois, seguiu para o banheiro e tomou uma ducha. Ao menos mantinha algumas peças de roupas no *flat*.

Já era fim de tarde e descia para apanhar o carro na garagem do *flat*, dobrando a manga da camisa branca de finas listras azuis, angustiado pelo que tinha acontecido. A imagem de Elisa ao se punir foi uma tentação. Se o coração estivesse em paz, nem se importaria caso tivesse se rendido à fidelizada, mas não o fez e, ainda assim, sentia-se pesaroso e atordoado, com uma estranha culpa importunando os sentidos. Apanhou o SUV, subiu a rampa de saída. De súbito, assustou-se com alguém batendo no capô do veículo.

Era César, que prestava serviços para ele e Marcel e morava nas redondezas. Estacionou na rua, descendo do carro para conversarem. César era um cara esperto, de estatura mediana, cabelos escuros mantidos bem curtos e corpo socado.

— Sumiu, Max – ele o cumprimentou.

— A vida, César.

— Como está de casamento?

— Tudo bem... – foi evasivo. A equipe de César havia ajudado Suna durante os preparativos.

— E a outra aí? – apontou para o *flat*. — Saiu agorinha, dirigindo um novo carro.

— Elisa? Continuo mantendo – César conhecia Elisa, mas nada sabia sobre o que ocorria dentro do *flat*. A fidelizada se esbaldava com o dinheiro que recebia, possuía um carro melhor e mais seguro que o de Suna. Aquilo lhe causou uma pontada de culpa. — Por que pergunta?

— Nada, curiosidade. Desculpe a ousadia, mas Elisa é muito bonita – elogiava César.

— O que é isso, não se desculpe. Realmente, ela é um mulherão – César apenas riu, tentando esconder um interesse a mais, que o médico conseguiu

captar.

— Suna também é muito bonita – elogiou César. Max passou a se sentir constrangido. — Falando nela, estive no escritório, soube o que aconteceu. Sinto muito – César se referia ao ataque sofrido por Suna.

— É complicado. O que Marcel te contou?

— A agressão e uma chantagem, mas não disse sobre o quê.

— Hum... estamos nas mãos da polícia agora – Max queria adiantar aquela conversa. Pretendia passar no *shopping* antes de buscar Suna para jantar.

— Dependem da polícia porque querem – comentou César.

— Como assim?

— Posso saber onde esse Dante mora.

— Explica, César – o amigo conseguiu surpreendê-lo.

— Como entrou com a roupa de segurança do condomínio, conversei lá com o pessoal da empresa prestadora do serviço. Descobri sobre um colega demitido poucos meses atrás, que trabalhava no seu prédio. Consegui o endereço do cara e fui atrás nessa manhã. Ele recebeu uma grana alta só para emprestar a farda e ensinar Dante a se passar por vigia.

Levantou as sobrancelhas, surpreendendo-se com aquela informação. — Contou para Marcel?

— Uma parte. Só que você conhece Marcel, quer tudo dentro da lei. Almoçamos juntos hoje e Diego estava presente também, por isso, não relatei essa história com tantos detalhes. De todo modo, suponho que Marcel deve repassar para a polícia a informação sobre o segurança demitido – constatou César insatisfeito. — O ex-segurança quer dinheiro, agora para entregar o endereço onde entregou a farda a Dante. Podemos chegar até ele antes da polícia.

— Mas isso vai dar em confusão – balançou a cabeça de modo negativo enquanto o cérebro seguia os passos de César. — Continua implicando com Diego, não é, César?

— Não acho que Diego inspire confiança, desculpe – respondeu César meio cabreiro. — Sobre pagar ao ex-segurança, confie em mim, dará certo. Além do mais, sabe que trabalho com bons profissionais.

— Não posso estar envolvido nisso – rebateu Max embora tenha ponderado sobre a chance de apanhar as imagens antes que a polícia chegasse. Receava algum tipo de vazamento sobre os motivos da agressão, o que seria ruim para Suna.

— Já falhei alguma vez?

— Não, mas nunca burlou a polícia, ao menos, pra mim.

— Nem pra Marcel. Estou montando uma empresa de investigação particular e tenho bons parceiros – revelava César.

— Sério? Está se especializando! – lembrou-se de um prestador de serviços apresentado por César. — Ainda tem aquele amigo *expert* em informática e *internet*?

— Ele é meu parceiro na empresa de investigação.

O cara era bom. Ele que havia montado os seus sistemas de vigilância, do *flat* e dos celulares. — Precisava de todos os *logins* e senhas dos *drives* virtuais e redes de Dante e da esposa, além da destruição de memórias físicas dos equipamentos deles – se rendia a proposta de César. — Descubra sobre a vida de Dante. Mas não conta nada a Marcel. Só que tem que ser rápido. Caso a polícia chegue na frente, deixe que faça o serviço dela.

César riu. — Não vai chegar...

— E nada pode acontecer com Dante ou a família dele, pelo amor de Deus – depois refletiu. — Dê apenas um soco na cara dele por mim. Apenas um soco, César.

— Sabe que comigo é sem sujeira, os menores danos possíveis. Se tivesse me procurado antes, já tinha chegado a esse mané.

— Amanhã me passa uma mensagem sobre o valor do cara e a gente combina o horário para você ir lá em casa buscar o dinheiro. Outra coisa, vou ajudar a montar sua empresa de investigação. A gente acerta amanhã, agora preciso ir.

— Sério? Será meu sócio, Vicente?

— Sócio, não, César. Quero seu sucesso – riram. Despediu-se de César e partiu.

Marcel iria detoná-lo se soubesse do acordo com César, contudo, vivia tão pesado de problemas que se livrar daquela situação do passado de Suna já seria um grande alívio, porque se vazasse para imprensa, iria ser péssimo para ambos.

Apesar de não ter confidenciado sobre seu segredo, confiava bastante em César, inclusive, nos métodos dele pouco ortodoxos. Ele só tinha uma aversão infundada por Diego. Certa vez, dissera-lhe: "esse jeito brincalhão de seu amigo médico é uma máscara". Porém, não acreditava naquilo.

∴

Max foi buscar Suna no horário combinado. Ao vê-la, algo resplandeceu dentro do si, acelerando os batimentos cardíacos. Correspondeu ao sorriso dela com o melhor que poderia expressar. Desceu para ajudá-la a entrar, encostando na lateral do carro para admirá-la enquanto ela caminhava.

Mesmo com o braço imobilizado, Suna andava com graciosidade e de maneira suave, usando um vestido verde jade e delicadas sandálias de salto que destacavam a sua elegância e o charme natural, sem precisar de muitos adereços para chamar a atenção.

Max a cumprimentou com um beijo suave e, naquele instante, a leveza que a visão de Suna lhe proporcionava foi comprimida pela lembrança do que ocorrera junto a Elisa. Abraçou-a. Sentiu o calor da mulher que desejava, além de uma culpa exorbitante pelo que quase acontecera, naquela tarde.

— Como passou o dia? – ajudava-a a entrar no carro.

— Ótima. Recebi a visita de Maya...

— E essa unha? – Suna tinha pés e mãos lindos e as unhas estavam pintadas de vermelho. Imaginou aquelas mãos em seu corpo e ficou empolgado.

— Uma homenagem às rosas, obrigada por elas. Maya me levou no salão, no meu carro.

— Deixa ver os pés? – surpresa, ela esticou um pouco o pé direito em direção à porta e ele segurou-lhe o tornozelo, alisando o peito do pé. — Linda... totalmente linda.

Beijou-a de forma rápida mais uma vez, ajudou-a a colocar o cinto e fechou a porta, seguindo para o lado do motorista. Arrastou o carro devagar.

Embora a desejasse e admirasse, seu coração apertava numa estranha angústia. Era a visita da própria obscuridade, como se o recriminasse por ter falhado ao dar as costas ao mundo que sempre venerou; por estar abandonando as possibilidades de prazer extremo, traindo o seu submundo obsessivo que tanto defendia, em nome de algo que abominava e ridicularizava nos outros, o amor. Poderia ser um amor passageiro, ainda sim, a sensação de pesar apertava a garganta, como se fosse capaz de o impedir respirar.

Em contrapartida, ao fitar o outro lado daquela situação, rendia-se à atração desmedida por Suna. Era um homem dividido entre a escuridão e a luminosidade. Mas o sorriso dela o desarmava e, nesses instantes, percebia o quão triste e desolador era ser escravo das compulsões.

— Obrigado por existir em minha vida – disse com o semblante esmaecido.

— O que você tem?

— Nada. Estou bem – deu um riso forçoso. — Essa sua amiga, toda cheia de tatuagem não é esquisita, não? – mudou o foco dele. Era o melhor que podia fazer.

— Ela é uma mulher misteriosa, mas tem um coração maravilhoso. Maya é a amiga mais presente na minha vida nos últimos tempos. Às vezes a gente saía, outras vezes ela ia lá pra casa. Essas coisas.

— Aonde iam? Em bares *underground* no Rio Vermelho? – quis imprimir certo tom espirituoso.

— Não, por quê?

— O jeito dela é de quem frequenta esses lugares e curte muito *rock'n'roll*, entre outras coisas a mais.

— Preconceito de sua parte. Por que ela tem *tattoo* e pilota uma moto? Você também tem tatuagem e anda de moto.

— Ah! Não, Suna. Estou brincando com você... não sabe a diferença entre quando estou brincando e falando sério? – acabou sendo rude e se arrependeu.

Ela espantou-se. — Não sei, realmente. Precisa ser mais claro nessa questão – falou protocolar.

Por um átimo de segundo, fechou os olhos. Não iria se desculpar, estava cansado. — Vamos no Na Brasa, o bufê é bem variado, você poderá escolher melhor. E corto sua carne.

— Qualquer lugar em que possa ser mais fácil comer com um único braço é bem-vindo.

— Vou cuidar de você – murmurou.

— Está ótima nessa churrascaria... embora eu preferisse um bar *underground*, que toca muito *rock* dos anos 80 e 90 – provocou ela num tom jocoso.

Max achou graça da situação. — Prometo que vamos um dia desses. Convidamos sua amiga, Maya. Vamos de moto, o que acha? – propôs ele. Suna o surpreendia.

— Amei a ideia... – ela lhe sorriu cativante.

A *hostess* o encarou enquanto entrava no restaurante de mãos dadas à mulher pela qual desenvolveu uma atração desmedida, nunca sentida antes.

Suna era aquela cujos olhos brilhavam ao fitá-lo e lhe transmitia sensações de bem-estar, conforto e tranquilidade quando lhe sorria. E esse poder se alternava à atração e à vontade feroz de possuí-la, mesmo que fosse de modo comedido.

Tinha algumas surpresas para Suna naquela noite, o que poderia ser uma forma de compensá-la por seu vacilo da tarde, mesmo que ela nunca fosse saber. Talvez aquilo, ajudasse a aliviar a sua culpa. O garçom os acompanhou a uma mesa que havia reservado, num espaço mais isolado do ambiente.

Caminhava atrás de Suna quando observou o decote das costas. Passou a mão por dentro. *Que mulher teimosa!* Ao chegarem à mesa menor, só para dois, puxou a cadeira para ela se sentar e acomodou-se diante dela. Pediram uma entrada e as bebidas. Max esperou o garçom sair.

— Qual o seu problema em atender a um pedido meu? — questionou, crispando a testa.

Suna fez uma cara de surpresa. — Não entendi. O que aconteceu?

— Pelo que estou percebendo, vou ter que aceitar sua dificuldade em lidar com o sutiã — constatava ele com um tom travesso.

Eles riram. — Vicente, estou totalmente discreta.

— Acho que vou comprar alguns sutiãs para você... — pilheriou ele e analisou a frente do vestido.

— Não há necessidade, tenho o suficiente.

— Só por hoje, está livre dele.

— Não diga isso, porque vou ficar tentada a usar sutiãs cada vez menos — gracejou ela.

— Por acaso faz parte do time de feministas que queimam sutiãs em praça pública? — fingiu estar boquiaberto.

Ela gargalhou e empertigou o torso. — O que acha?

— Você é um caso perdido — concluía ele, normalizando o tom. — Ao menos, trabalhe de sutiã, está bem? — segurou a mão macia dela. O garçom trouxe as entradas, serviu água com gás para ele e uma limonada para Suna.

— Não precisa pedir, sei me portar — sussurrou ela assim que o garçom se afastou.

— Sei disso — ficou sério. — Nessa mão falta algo — mudava de assunto.

— Está aqui — ela balançou os dedos do braço imobilizado, onde usava a aliança.

— Não. É outra coisa — continuava acariciando a mão dela, segurou os

dedos finos e longos e a mirou. — Imaginei fazer isso numa viagem, mas estamos com a vida embolada, não dá para esperar.

— O que é? Está me deixando tensa – empolgou-se Suna, o que o satisfez.

Apanhou uma caixinha preta da joelheira no bolso da calça e abriu. Suna olhava para a joia e para ele, surpresa sem dizer uma única palavra. Max retirou o anel da caixinha, com pedras de rubis em forma losangular, separadas por pequenos brilhantes e colocou no dedo anelar direito de Suna.

— É lindo! Por que fez isso? – finalmente ela se expressava sem desfazer o semblante de admiração.

— Olha pra mim, Suna – pedia a ela, que o atendia com os brilhantes olhos castanhos claros. — Porque sou apaixonado por você... – murmurou. — Louco e apaixonado. Amo você, Suna. Que nome dar a essa ebulição de emoções que não seja amor? – levantou-se, colocando a cadeira ao lado dela. Beijaram-se com ternura, num afago úmido e doce, envolveu-a num grande abraço, fazendo-a parecer pequena. Amava aquela mulher. Por mais piegas que parecesse e por pior que fossem seus dilemas, estar ao lado dela era uma torrente de prazer, contentamento e aconchego. Queria sempre mais.

— Eu... eu... obrigada, estou emocionada – ela revelava com a voz embargada.

— Não fique – mexeu o anel de um lado a outro. Havia decorado o número dela quando comprara as alianças. — Esse aqui não é uma farsa, ele é real e simboliza o meu sentimento e minhas melhores intenções. Nunca esqueça!

— Sim, obrigada de novo. É lindo... Eu amo você, Vicente Max – aquelas palavras, seguidas por um beijo eram um bálsamo contra os seus reveses.

— Tem mais... – surpreendeu ele e Suna apenas levantou as sobrancelhas. Apanhou no outro bolso mais uma caixinha e abriu. — Aqui é para combinar, assim falou a vendedora da joalheria – Max sorria de maneira espontânea ao estar com Suna, deixando de lado seu jeito mais austero do cotidiano.

— Nem sei o que dizer. Estou envergonhada. Isso tudo deve ter sido muito caro – pontuava Suna ruborizada.

— Gostou dos brincos? – cada par possuía dois rubis lapidados em forma de losango unidos por brilhantes.

Ela tocava as pedras vermelhas com a ponta dos dedos. — Nem nos sonhos mais fantasiosos de minha vida, imaginava usar joias como essas.

— Não é o quanto custou, é o significado de quanto vale. Se fosse bijuteria, teria o mesmo valor simbólico, mas se posso te presentear com

rubis, assim faço – Max deu um suave beijo nos lábios de Suna, apanhou a caixinha e tornou guardá-la. — Não saberia trocar seus brincos aqui. Amanhã, pede a Dulce para colocar em você... – deu mais um beijinho nela e ele foi se levantando. — Venha, meu amor, escolher o que quer, depois, pedimos para trazerem o rodízio, está bem?

Suna se levantou, abraçando-o. — O que houve com sua bela camisa? – ela afagava seu torso com a mão livre.

— Derramei café. Deixo algumas peças limpas no armário da academia... – mentia com naturalidade, o que o fez parecer péssimo. A camisa amarela tinha ficado no *flat*, suja de sangue de Elisa.

Max a conduziu em direção ao bufê, pousou a mão no quadril dela, após, de modo discreto e sem que ninguém percebesse, passá-la nos glúteos de Suna, o que trouxe a angustiante lembrança da quase transa com Elisa. Apanhou um prato para colocar os itens escolhidos por Suna, uma variação de sushi e sashimi. Quando finalizava, avistou o anestesista Alexandre Viana vindo em sua direção.

— Doutor Vicente Maximo, como vai? Saiu de fininho do meu aniversário! – o anestesista o cumprimentou com estardalhaço depois de ter sido indelicado com ele na frente de Suna na boate. Depois disso, não mais tinham se encontrado.

— Tudo ótimo, meu caro – manteve Suna atrás de si. — Não se lembra de nada, não? – Alexandre fez cara de paisagem. — Deve desculpas a mim e a minha mulher por seu jeito desagradável e indecente de tratar convidados – Max alegou com ímpeto, chamando atenção pelo tom de voz. Suna apertou seu braço com força.

— Eu... eu... – Alexandre parecia um avestruz, procurando um lugar para enfiar a cabeça. — Sinceramente, não me recordo direito, Max. De qualquer modo, desculpe.

— Estava bêbado, Alexandre. Se tivesse sido besteira, deixava para lá. Foi na pista da boate.

— Minhas sinceras desculpas... – ele procurou Suna atrás de Max. — Não quis ofender, desculpe... – tentava fitá-la.

— Está tudo bem, Alexandre, mas nem sóbrio e nem embriagado, fale de minha vida privada ou do meu passado. Nada disso lhe diz respeito – advertiu Max, antes que Suna tentasse manifestar-se.

— Está bem – o anestesista concordou quase sem voz e foi saindo de

fininho. — Foi um mal-entendido.

Suna o observou atônica. — Precisava disso? – murmurou. — As pessoas estão olhando – sussurrava entre os dentes.

— Não me importo e sim, precisava colocar Alexandre no lugar dele – respondeu tenso. Deixou o prato de Suna numa mesa e foi preparar o seu. Ao menos, mais um pensaria duas vezes antes de brincar com sua vida pessoal.

Voltaram para a mesa e jantavam. Só que a irritação não arrefecia, ainda mais com Suna o censurando pela maneira que havia tratado Alexandre. E o mau humor tendia a se ligar a assuntos desagradáveis e tinha um deles para tratar com ela, o seu escritório. Dulce lhe contara que Suna quisera entrar no seu território secreto.

— ... de algum modo, precisa se acostumar com meu jeito. Posso melhorar, mas mudar, nessa altura da vida, é difícil – argumentou Max.

— Tem um jeito muito duro de tratar as pessoas e a mim às vezes.

— Sei disso. Bem, já que estamos numa conversa espinhosa, é melhor que a tenhamos toda de uma só vez... – Suna assentiu. — O escritório...

— Dulce já foi contar para você, incrível. Adoro Dulce, mas essa fidelidade dela é absurda, como também é bem esquisito aquele escritório com senha. Fui barrada de entrar, mas já vi Marcel lá e Dulce entra e sai na maior liberdade.

— É bem assim e continuará sendo dessa forma – frisou com calma.

Suna pôs o hashi no prato. — Sei que sou proibida de entrar lá pelo contrato, mas também não devia frequentar seu quarto como faço todas as noites – ela gesticulava com a mão livre.

— No escritório, guardo dinheiro, os documentos de uma vida inteira, contratos de trabalho, livros, recordações de infância e viagens. É o local onde estudo. Enfim, não há nada demais lá dentro.

— Por isso mesmo, não entendo o porquê Dulce ter reagido com tanto espanto quando a segui, como não compreendo o motivo de ser proibida de entrar lá.

— Por favor, não vamos tornar isso difícil. O escritório é meu refúgio particular. Peço, por tudo, respeito. A gente tem um caminho pela frente e vou cedendo, aos poucos, mas não quero ser confrontado e nem desobedecido...

Suna se espantou. — Desobedecido? Desde quando isso ainda existe! Não Max, respeito você, mas não espere que o obedeça. Agora fiquei assustada.

Pegou na mão dela. — Não quis dizer, isso... preciso apenas que respeite esse espaço. Não vamos estragar a noite... — ele tentava apaziguar a conversa, tudo que menos queria era desgastar-se com Suna.

— *Okay*. Mas também quero ser respeitada.

— Respeito você — garantia ele surpreso.

— Disse que não queria transferir minhas roupas para o seu quarto e ordenou a Dulce que o fizesse. Não pode haver duas medidas para o mesmo peso — ela o encarou como uma leoa, demonstrando o quão difícil seria a convivência deles. Max apenas assentiu. — Nesse sentido, também quero ser obedecida... — ressaltou com uma voz suave como uma pena. Suna sabia fazer aquilo bem e o estapeava com uma calma arrebatadora.

— Não sei como você me ganha, Suna... — era a maior verdade. Nunca admitiu que uma namorada o enfrentasse como ela o fazia e, ao invés de se aborrecer, admirava-a ainda mais. Ela suspendeu as sobancelhas como quem não entendeu. — Ah! Seu braço — Max tentou mudar o rumo da conversa. — Segunda-feira, veremos quando poderá tirar essa imobilização.

— Ótimo, não aguento mais isso — levantou levemente o braço. — E preciso voltar ao trabalho. Nem consigo imaginar como está lá no Maresia.

— Não se preocupa com trabalho, esse é um de nossos menores problemas agora. Coma, querida...

Max tinha conversado com os proprietários do restaurante e pedido para que Suna tivesse suas atividades reduzidas. Não queria que ela se expusesse com Dante solto por aí, conhecendo todos os passos da vida dela. Embora, talvez, ela não fosse gostar daquilo e de sua intromissão. Mas os proprietários do restaurante prometeram manter discrição sobre a questão.

O clima entre eles melhorou e saíram do restaurante fazendo planos para um fim de semana na casa de praia. Queria muito ir pra lá com ela. Já no carro, antes de sair do estacionamento, resolveu entregar seus últimos presentes.

— Têm algumas coisas suas ainda aqui.

— O quê? — admirou-se.

Apanhou as sacolas no piso traseiro e colocou ao lado das pernas dela. — São peças para usar para mim, no futuro.

— Três sacolas... Max, você comprou o quê? — comentava curiosa.

O neurocirurgião apenas sorria sincero, receava a reação dela, mas precisa incentivá-la. Suna puxou uma das sacolas e retirou do interior um espalinho

preto, crispando a testa boquiaberta. Depois apanhou uma calcinha branca fio dental minúscula.

— Vamos evoluir nosso envolvimento. É normal, é maduro, vai nos fazer ainda mais felizes. Usando essas roupas se sentirá mais *sexy*. É erótico. Vou adorar te olhar nelas, te tocar, te possuir...

— Mas...

— Espere, deixa concluir – interrompeu-a. — Essas sacolas contêm fantasias e alguns itens que acho que irá gostar mais adiante. Não é para usar hoje, ou amanhã. Vai usar no tempo que você decidir. Fica tranquila com isso. Estou apaixonado por você. Quero alimentar essa relação por um longo tempo – ela apenas concordava atônita. Ele esperava aquela reação, tinha quase certeza que ela nunca vestira nada erótico daquele tipo.

— Eu, eu também te amo muito, de verdade. Eu... vou me adaptar e vai ser bom – Max teve vontade de colocá-la no colo e a encher de afagos.

— Acho que as peças vão caber. Tenho um olho bom... – Suna riu tensa. — Dentro de uma das sacolas tem um cartão da loja e pode ir lá e trocar. Saiba que quero muito vê-la numa fantasia dessas, calçada com suas sandálias de salto fino que são uma provocação aos meus olhos.

— Esses itens são para a fantasia da mulher-gato? – Suna havia retirado uma máscara preta e um chicote de couro fino. Max teve uma ereção brutal enquanto a via colocando a máscara no rosto e lhe sorrir com candura. Começou a duvidar de que tenha sido boa ideia presentear Suna com as roupas.

— Puta que pariu. Suna... – mesmo no escuro, podia captar o brilho curioso, ingênuo e servil dos olhos dela através da máscara. Apanhou a mão dela e pôs em seu membro. Pressionou com força até que ela soltou um pequeno grito. — Preciso de você – confessou roucamente. Olhou ao redor e avistou o segurança. — Continua pressionando... – saiu guiando o carro com cuidado, pois Suna seguia sem cinto.

Parou na orla, num estacionamento a ermo e perigoso, em frente ao mar, deixando o motor ligado. Colocou os bancos para trás. Abraçou Suna, trazendo-a para próximo de seu corpo e a beijou loucamente, sugou-lhe a língua de modo lascivo. Seu corpo ardia e o sexo pulsava só de imaginar Suna naquelas peças eróticas. Endoidecia em cogitar que ela, dona daquele jeitinho terno, poderia realizar suas vontades, sucumbindo aos seus delírios mais sacanas.

— Sou louco por você – murmurou quase em febre. Afrouxou a calça e a desceu, ajudando Suna a se acomodar. Ela beijava seu sexo. Deleitava-se. A mente fértil começou a imaginá-la submetida aos seus tormentos, permitindo que ele a ferisse e pudesse sorver daquela dor entre os lábios. Mas não podia ser assim, prezava-a demais. — Vem aqui, meu amor... – ela se levantou descabelada e com os lábios molhados de sua umidade. — Quero mais que isso. Quero estar dentro de você. Agora – murmurou sedento.

— Estou menstruada! – enfiava a mão embaixo do vestido dela.

— Não ligo...

— Pode sujar tudo! Aqui é perigoso – ela falou meio em desalento.

— Não me importo e perigoso é mais gostoso.

Colocou Suna sobre ele, levantou o vestido, acariciou as coxas e puxou a calcinha de lado, conduzindo-a a descer sobre seu membro que pulsava de tesão. Assim que conseguiu a penetração, puxou-a para cima dele, beijando seus lábios.

— Quero você pra mim, Suna. Amo você, minha deliciosa. Só minha. Diga pra mim, quero escutar que é só minha – sussurrava cheio de tesão.

— Sou sua, só sua.

Aumentava os movimentos, sentia o cheiro da menstruação dela, delirava de prazer. Que os demônios saíssem do seu corpo, pois agora tinha um anjo para expulsá-los. E que anjo!

Faces da verdade

15

Era sexta-feira, início de junho, época de chuvas esparsas, ventanias e sol ameno. O movimento do Maresia havia sido intenso na hora do almoço, mas Suna não estressara. É que suas responsabilidades tinham diminuído. Não era mais a gerente. e sim, a supervisora administrativa. Apenas ajudava o novo gerente, Adalton, nas atividades comerciais e inspecionava o atendimento.

Em contrapartida, trabalhava numa carga horária menor, só que o salário caíra pela metade. Tinha ficado triste, mas entendia a posição dos proprietários. Não possuía mais a mesma disponibilidade de tempo. E ainda se afastara de suas atividades, por uma semana, devido ao incidente envolvendo Dante. Esse, por sua vez, não dera mais sinal, após a ligação perdida que havia encontrado no celular. Nem a polícia conseguira localizá-lo. Aquela situação a deixava apreensiva.

De todo modo, ela se sentia segura e protegida ao lado de Vicente Max. O médico havia proposto que uma pessoa da confiança dele dirigisse para ela, mas não aceitara. Num meio termo, acordaram que deveria informar sobre seus passos a ele e a Dulce. Suna não digeria muito bem aquele acompanhamento pontual, que começara há algumas semanas, porém, como Dante ainda era uma ameaça, resolvera colaborar.

Assim que terminasse o expediente, viajaria para a casa de praia na companhia de Max, onde passariam o fim de semana. Ambos estavam empolgados com aquele passeio, planejado desde que tinha se livrado da imobilização. No entanto, Max tivera que trabalhar alguns fins de semana e precisaram protelar os planos. E Suna planejava uma surpresinha íntima.

Andara lendo sobre fetiches e formas de impressionar o parceiro.

A relação entre eles continuava flutuando entre a intensa alegria, uma atração desmedida e alguns momentos de divergência. Percebia que se não fosse incisiva, o médico dominaria sua vida, dizendo o que fazer, como se vestir e se portar. Porém, estava disposta a se esforçar por ele, amava-o demais. Mirou a aliança e o anel de rubis, eles a faziam transitar numa zona cinzenta entre o falso e o verdadeiro, o que lhe causava um pouco de angústia.

Concluía o levantamento no estoque, quando Maya entrou. — Suna, uma cliente está procurando por você. Combinou com alguém? – a amiga lhe indagava de modo casual.

— Não – respondeu curiosa.

— O nome dela é Mércia Arruda.

Contraíu a testa. Era a médica. O que ela queria? Ficou tensa. Pensou em avisar a Max, mas desistiu. — Obrigada, May, vou lá fora.

Saiu com Maya que lhe mostrou onde Mércia estava sentada. Ao se aproximar da mesa, a médica lhe sorria com simpatia e se levantou para cumprimentá-la de modo caloroso. Era uma bela mulher, de cabelos escuros, olhos esverdeados, corpo roliço e seios fartos. Apesar de aparentar ser mais jovem, ela devia ter a idade de Max, presumia.

— É um prazer recebê-la – foi protocolar.

— A comida aqui é muito boa, mas vim conversar com você – sentiu os pelos eriçarem e os batimentos cardíacos mudarem de ritmo. — Sente-se, por favor – sugeria Mércia.

— Obrigada... – acomodou-se. Naquele momento, passava a ter certeza que ela era uma ex de Max. Apesar de estar afetada pela presença de Mércia, sabia que o seu semblante continuava firme. Era especialista nisso.

— Como está o casamento? – perguntou Mércia evasiva.

— Muito bem – foi quase monossilábica na resposta, embora transbordasse simpatia.

— Está recuperada do assalto! – Mércia continuava procurando brechas para que a conversa fluísse.

— Sim. Estou ótima.

— Ainda bem – a médica contraíu os lábios, desviando o olhar que pousou sobre os seus dedos.

Ela estendeu a mão e apontou para o anel. — Lindo! – elogiou. — Presente

do marido? – a médica enrugou a testa e o semblante se tornou sério.

Hesitou por alguns segundos. — Sim... É muito lindo e simbólico. Max ainda me presenteou com esses brincos – levantou os cabelos para mostrar as pedras vermelhas, em forma losangular, que ostentava na orelha. Logo em seguida, arrependeu-se daquele gesto de soberba, pois não era afeita àquelas vaidades.

A feição de Mércia se obscureceu. — Bonito – a simpatia havia evaporado.

— Creio que não veio aqui saber como me recuperei do acidente – observa num tom mais incisivo, fitando-a nos olhos.

— É um assunto delicado. Estava procurando uma forma de começar – o tom forçoso da médica buscava empatia. — É o seguinte, Suna, não sei se você sabe, mas mantive um longo relacionamento com Vicente Max. Terminamos em dezembro do ano passado. E quero te alertar o quão devastador Max pode ser. Dá para perceber que você é uma mulher que não merece sofrer – confidenciava Mércia de modo um pouco exagerado.

Aquela confirmação lhe causou uma comichão. Colocou os cotovelos sobre a mesa. — O passado de Max não me interessa – manteve-se firme.

— Não? – o tom dela foi jocoso. — E como ele é na cama com você, Suna?

Não segurou um curto riso enviesado. — Essa pergunta é surreal. Não vou comentar sobre minha vida íntima – rebateu com polidez.

— Suponho, então, duas coisas, ou você se rendeu a ele, como fiz um dia, ou ele não a submeta.

— Não estou entendendo e não me interessa a vida a dois que mantiveram – a conversa era acintosa, como caminhar sobre brasas, no final, estaria muito machucada.

— Max é um dominador, sádico, controlador e dono de instintos perversos.

Levantou-se incrédula. — Sinto muito, Mércia, nossa conversa se encerra aqui – estava tensa.

— Veja minhas costas...

— Estou no meu ambiente de trabalho.

Mércia ficou de pé. — Acompanhe-me. É só o que peço.

Franziu o cenho em dúvida, arqueando as sobrancelhas. Hesitou por alguns segundos. — Está bem – convencida pela curiosidade, seguiu Mércia até o estacionamento.

Ao chegar perto do carro dela, a médica virou, levantou os cabelos,

deixando aparecer parte das costas, através do decote da blusa — Veja. Max quem fez.

Havia marcas escuras na nuca e nas partes próximas. Algumas pareciam resultado de aranhões mais profundos e outras, de pequenas feridas. As pernas de Suna ficaram bambas. O coração acelerava apreensivo, as mãos suavam frio e um grande temor começou a se apossar da alma.

Lembrou-se da caixinha que recebera, logo após o casamento. Recordou-se do que a própria Mércia comentara durante a cerimônia e, mais recente, o interesse dela em observar o seu pescoço quando esteve na emergência. Porém, aqueles atos não podiam ter a menor relação com o Max que ela se relacionava. O chão queria abrir embaixo de seus pés. As vias áreas pareciam bloqueadas, inspirar exigia mais força.

— Max só sente prazer sexual se ferir a mulher que ele ama, durante o sexo e sugar a ferida. Ele é agressivo — Mércia contava com um tom de supremacia. — Inclusive, usa uma prótese, que reforça os dentes.

Ao imaginar aquela cena, Suna nauseava e começava a perder as estribeiras. — Não é verdade — contestou. — Max nunca fez isso.

— Não fez com você! — a médica lhe sorriu cínica. — Ele casou para acalmar os rumores. Imagina, como é importante para ele, circular ao lado de uma mulher mais jovem, pousando de bom samaritano! — avaliava num tom sarcástico.

Indignada, não conseguia rebater. Estava envolta pela repulsa. Max não fazia aquilo, não podia ser. Eles tinham a vida íntima intensa, sempre procurava agradá-lo. Nunca lhe dera um não, nem Max a fizera propostas sujas como aquela.

— Todos de nosso convívio sabiam de nossa relação. Saíamos, viajamos para o exterior com casais amigos, como Paulo e Sonia Sarmiento... — Mércia se referia ao casal das bodas e da fazenda que tinham visitado. Uma tormenta de ciúmes e decepção invadia os sentidos de Suna. — Vocês não me enganam, esse casamento é uma farsa. Apareceu na vida dele de uma hora para outra e ele casou! Isso não faz parte da natureza dele. Max não se apaixona, conheço muito bem como ele é. Só um grande motivo o faria colocar uma aliança no dedo de alguém, ainda mais uma moça como você, que não faz o tipo dele. E essa razão é a mais egoísta possível, proteger a ele mesmo — Mércia continuou a insultar Max e, de maneira indireta, a ela.

— Vomite seu rancor, Mércia. Nós somos apaixonados. Eu e Max estamos

vivendo uma história e tem amor envolvido e muito – afirmou sem nem mais ter tanta certeza sobre o que dizia, mas precisava demonstrar coesão.

— Max apaixonado? – a médica indagou com desdém. — Ele precisa dos jogos de prazer para sobreviver. Ele não te ama, Suna. Max te usa – espezinhava.

— Olha, não sei, e não me interessa saber, o porquê da sua relação com Max não ter dado certo. Nada o que diz faz sentido. Max não age como descreve e não conseguiria esconder esses vícios sexuais.

— Está cheia de si – Mércia comentava como se tivesse cinco metros de altura. — Max faz a mulher se sentir assim. Peço que pare e pense. Então, se você não é vítima dele é uma prova de que ele não a ama – um meio sorriso triunfal surgia no rosto da médica. — Essas joias, aquele casamento, tudo é uma mentira. Se acredita nisso, ele está conseguindo te fazer de idiota – menosprezava ela.

— O que estou vendo aqui é uma mulher ressentida por ter perdido um homem. Sinto muito, não tenho que escutar sobre seus rancores – mantinha-se firme embora fraquejasse por dentro.

A médica zombava irônica. — É muito boba, Suna. Vim aqui conversar como amiga. Pensei milhões de vezes se era o certo. Me preocupei com sua integridade física. Foi como se Deus dissesse, vai lá, salva aquela mulher. E você cospe... Um dia vai me procurar, quando ele se cansar e desprezá-la. Aí precisará de mim.

— Não conte com isso. Se Deus quiser me ajudar, suponho que não será através de você – rebateu.

— Abri meu coração e age com arrogância. De certo, deve estar de olho no dinheiro dele – Mércia passou o dedo indicador no polegar. — Max acha que pode comprar tudo e todos. Ele paga pelo silêncio das pessoas e as faz assinar contratos terríveis, redigidos por Marcel, aquele advogado cão-de-guarda de porta de puteiro.

— Pra uma médica cheia de si, seu linguajar está bem inadequado. Pode dizer o que quiser, nada vai me abalar – mantinha o tom impessoal.

— Até ele te morder ou te ferir pela primeira vez – ela falou com desdém. — Ou então, é dessas que gosta de apanhar. Ou ainda, de ser trocada – destacou com escárnio. — Você já foi trocada uma vez, não foi? Eu sei. Trocada por uma mulher mais velha, mais experiente – Mércia afiava as palavras, como uma navalha, bem devagar, e a feria. — Imagina, o que o tão

poderoso Vicente Max não vai fazer contigo? – ela riu petulante.

— Sua inveja e falta de caráter está destruindo sua vida. Licença – deu-lhe as costas e voltou para dentro do estabelecimento, sentia-se humilhada, porém manteve a postura.

Mércia ficou para trás. Mas Suna era perseguida pela voz, o tom de superioridade e desdém e as histórias guinchadas pela médica, impregnando seu corpo, coração e pensamentos. Lágrimas vieram aos olhos. Muito do que a mulher alegara fazia sentido.

Ainda trêmula, entrou no depósito, uma sala apertada onde ficavam mesas e cadeiras em desuso. Apanhou uma cadeira empoeirada e se sentou, apoiando os cotovelos nas pernas e cobrindo o rosto, tamanha a sensação de choque, impotência e incredulidade que a envolvia.

O coração em frangalhos implodia em miríade de pedacinhos. Havia sido golpeada na parte mais sensível e frágil de sua vida por aqueles tempos, o amor que nutria por Max. Sentia-se uma tola por ser abatida de um jeito tão passional. Depois de anos protegendo-se contra o sofrimento, permitira que suas defesas fossem minadas. E ali estava ela, dilacerada, entrincheirada entre os sentimentos e as palavras horríveis daquela mulher.

Precisava colocar os pensamentos em ordem, tentava acalmar-se. A respiração ainda era difícil. Tremia. O amargor comprimia a garganta. Mas tentava racionalizar. Mércia não possuía provas contra Max, apenas alegava as marcas nas costas. E, por tudo que ela tinha sido capaz de desqualificá-lo, se tivesse algo concreto utilizaria com a finalidade de destruir a imagem dele. No fundo, era uma mulher ressentida, que não sabia lidar com as próprias frustrações. Só que Max poderia ter lhe contado sobre o envolvimento tão profundo com Mércia. E se ele não o fez era porque tinha algo a esconder.

A confusão imperava entre os pensamentos, como também uma tempestade de desespero. Apoiou a testa com as palmas das mãos e deixou que lágrimas silenciosas varressem seu rosto. Precisava daquilo. De repente, a maçaneta virou e escutou a voz de Maya, do outro lado, chamando-a. Limpou o rosto, mas outras lágrimas vieram. Maya a fitou preocupada.

— O que houve? – a amiga caminhou em sua direção, incrédula, e se agachou. — Foi aquela mulher? – abraçou-a e chorou baixinho.

Maya sentou ao seu lado e a cercava com milhares de perguntas. Pressionada e machucada, acabou por contar a amiga sobre as acusações que Mércia fizera contra Max e sobre as duras palavras a seu respeito. Precisava

desabafar. Só não podia revelar sobre o contato de casamento e as chantagens de Dante, mas o resto havia lhe confidenciado tudo. Maya ouviu em silêncio, consolando-a. Conseguiu conter as lágrimas, pois as detestava. A amiga a conformou.

— ... Suna, preste atenção em mim – já mais tranquila fitava a amiga de braços tatuados por símbolos e rosas, de rosto redondo, olhos cor de café, cabelos negros, presos na toca de trabalho. — A verdade tem muitas faces, muitos rostos. Às vezes, o que parece verdade é uma mentira maquiada. A verdade é algo muito relativo, amiga – prendeu os olhos nos da amiga, intrigada. — Possa ser que Max tenha sido um homem sexualmente dominador e Mércia tenha deturpado o que eles tenham vivido na intimidade. Possa ser ainda que seja tudo mentira e as marcas no corpo dela tenham sido causadas por outros motivos.

— As marcas são concentradas em locais próximos, como se fossem feitas repetidas vezes na mesma região.

— E quem garante que aconteceram durante o sexo e ainda que foram feitas por seu marido? – as palavras de Maya lhe traziam certo alívio. — E se foram feitas por ele, isso aconteceu dentro da relação deles.

— Mas é uma aberração.

— Isso não é o fim. E seria uma aberração se ele tivesse feito sem consentimento dela – ela inspirou e mirou em seus olhos. — Suna, fantasia o amor como cor-de-rosa, mas ele não é assim. Alguns homens e mulheres têm seus fetiches e preferência sexuais. É normal.

— May, não me empenhei em manter uma vida sexual e amorosa, após Dante. Percebo agora o quanto isso me fez mal. Sou tola e inexperiente, presa fácil para Max.

— Não se culpe. Fiz de minha vida o inverso da sua, tive dezenas de parceiros e isso não me tornou mais preparada para enfrentar a decepção. Ela veio e me destruiu.

Suna a observou surpresa. — Pelo que passa, May?

— Fujo de um bandido, mas isso é para outra história. Vamos cuidar de você – Maya afagou sua mão. — Não é refém do seu marido. Nem seja refém de si mesma e dos seus sentimentos. Precisa pensar que ficará com ele até quando você decidir. Se gosta dele e ele demonstra reciprocidade, é o que importa. Mércia está cheia de inveja sobre a vida de vocês. Só que, na minha opinião, ele deveria ter contato sobre ela.

— Mércia me humilhou. E ele poderia ter evitado se tivesse me contado antes, realmente. Ele tem que me dar alguma explicação... Será que Max é um sádico e dominador como Mércia o acusa?

— O que me contou de sua vida íntima revela que Max é um homem dominador, mas faz parte. Fique atenta caso ele te abuse. Não permita que seu marido a machuque fisicamente ou emocionalmente, ou que ele faça coisas na cama ou fora dela da qual você não tenha permitido – Suna assentia aos conselhos da amiga. — Não se torne escrava desse amor. A paixão é um complemento à vida e não a razão da vida – Maya pontuou de modo didático. Elas se olharam e sorriram.

— May, você parece uma *coach* de relacionamento.

— Será que está surgindo uma nova forma de ganhar a vida? – ela se questionou num tom teatral.

— Obrigada, May. Estou muito aliviada por ter compartilhado essa história contigo e por seus pontos de vista.

— Se seu marido for possessivo na cama, se você gostar, não vejo problemas, mas fora dela, não deixe que te roube seu poder de decidir. Para isso, não existem justificativas.

— Disso eu tenho consciência. Ele é mandão.

— Ele tem jeito de controlador mesmo. Tenha cuidado, minha querida – a amiga afagou seu rosto.

— E o que houve contigo? – Suna já estava calma, mudou o rumo da conversa. Queria saber mais da vida de Maya, que se comportava como se guardasse um grande segredo.

A garçonete expirou lentamente, contraiu os lábios enquanto os olhos se perdiam. — Minha história não é fácil, mas o que posso dizer é que meu trabalho aqui é uma fuga. Afastei-me das redes, das mídias sociais, porque... – Maya estava com dificuldade de continuar.

— Confie, May. Nunca vou te julgar.

— ... eu ajudei um homem a cometer um crime na *web* há alguns anos e depois o delatei à polícia.

— Qual crime?

— Melhor nem saber...

— Vivo me escondendo desse passado, mudando de endereço, fingindo ser quem não sou.

Suna se lembrou de algo. — May, meu apartamento está fechado. Pode

mudar pra lá.

— Sério? Mesmo eu te revelando isso!

— Sério... – confirmava Suna com segurança.

— Na verdade, tem algo a mais para te dizer. Maya é uma invenção minha, uma ilusão, criei documentos falsos... – Suna arregalou os olhos e um frio subiu pela espinha. — Meu verdadeiro nome é Lorena. Vivo como Maya há mais de quatro anos. Se estiver arrependida pela oferta do apartamento, sem problemas.

— Não estou... Se fez isso é porque tem uma grande motivação.

— Obrigada, Suna. É a primeira pessoa a quem revelo minha farsa, mas como é crime a falsidade ideológica, finja que nunca soube.

— Você é o que afinal? Uma *hacker*?

— Não exatamente, embora domine bem as linhas de programação. Sou contadora por formação.

— Nossa! – impressionou-se. — E por que trabalha como garçoneiro com essa formação?

— Como disse, preciso me esconder...

Num repente, a porta do depósito foi aberta e ambas foram tomadas por um grande susto. Max apareceu na soleira junto com Adalton. As horas tinham voado e havia se esquecido do horário combinado. Ele estava pronto para a viagem, num visual mais leve, vestido de camisa polo rosa e bermuda bege. Também havia cortado os cabelos e retirado a barba. Estava lindo.

— Suna, estava quase procurando a polícia! – ele exclamou de supetão, forçosamente controlando o tom para não parecer grosseiro. — Te liguei mais de vinte vezes...

Levantou e foi na direção dele, com a intenção de contornar a situação. Max a abraçou, beijando sua cabeça. — Estava conversando com Maya – constrangeu-se. — Adalton, desculpe. Maya já tinha cumprido o horário dela e me excedi.

— Doutor Vicente Max estava preocupado com você, Suna – comentou o novo gerente, que sorriu simpático e seguiu para suas funções.

— Como vai, Maya? – Max a cumprimentou com um aperto de mão.

— Bem – a amiga respondeu tímida.

— Um dia desses, vamos marcar para sair? Suna quer ir em algum bar que toca *rock* anos 90... não sou bom em descobrir esses locais.

— Vamos, sim. Conheço um bar na Barra, que apresenta *covers* do

Nirvana, Guns N'Roses, Dire Straits, que é dos anos 80. Tem que escolher na programação da semana.

— Gosto do Dire Straits e do Nirvana. Vocês duas marcam e nós vamos...

— Max sorria com simpatia para Maya.

— Vamos combinar — Suna assentiu e foi abraçar Maya. — Obrigada, querida. Segunda te passo a chave — murmurou.

— Bom passeio para vocês — desejou Maya.

Saiu do depósito seguida por Max. — Vou apanhar minha bolsa — acrescentou de maneira seca.

— Suna, por favor, não esqueça mais o seu celular na bolsa. Com essa história de Dante e tudo que ele já aprontou, você acha que fiquei como? Estava preocupado para caramba — reclamou Max.

— Está certo — respondeu distante.

— Vou apanhar o carro e te pego na porta.

Confusa, com tudo que Mércia havia dito, o coração de Suna parecia pesar toneladas. Mesmo com os conselhos de Maya, a voz da médica reverberava na mente como um porco grunhindo. Despediu-se dos funcionários e foi em direção à saída onde Max havia parado o carro. Olhou para o horizonte, a tarde já caía, o crepúsculo no céu mesclava os tons cinza azulado com o resquício do laranja.

Entrou no veículo, ele se inclinou e beijou seus lábios. Sentiu a suavidade da pele sem barba junto a sua. Resistiu, correspondendo ao beijo meio fria.

— Está tudo bem? — ele farejava algo.

— Está sim. Dulce lhe entregou minha maleta? — desviava do assunto.

— Sim, trouxe tudo. Vamos adiantar, porque uma hora dessas iremos enfrentar engarrafamento para pegar a Linha Verde.

— E Zazá foi bem para a casa de Dulce?

— Sim, não se preocupe, nada vai acontecer a sua gata — ele garantia calmo com meio riso no rosto.

Apenas assentiu. Não sabia como iniciar a conversa e temia a reação de Max. Como era temperamental, receava que ele se alterasse no decurso da viagem.

— Por que está tão calada? — ele queria saber.

— Por que tirou a barba? — tentava fugir.

— Pensei que não iria notar que fui ao barbeiro. Sabe que gosto de alternar. Vai ficar com saudades de minha barba, meu amor?

Max tinha consciência de que a provocava ao passar a barba no seu corpo. — Vai crescer... — comentou evasiva.

— Poxa, Suna. Parece que está de TPM — Max subiu um pouco o tom, desconhecendo o furacão que se formava dentro dela. — Não está animada para ficarmos, nós dois, sozinhos, no mar, na piscina, na cama? — voltava ao jeito brando de falar, pegando a sua mão e beijou o dorso.

A maciez da pele do rosto dele lhe causava leves choques. — Estou, mas antes precisamos conversar sobre um assunto.

Ele contraiu os músculos do rosto, formando uma ruga entre as sobrancelhas. — Vamos conversar, agora, então. Ah! Gostei da cor da unha — ela havia pintado de vinho escuro.

Puxou a mão. — Obrigada — mostrava-se arredia.

Ele freou um pouco brusco no intenso tráfego. — Vai dizer o que aconteceu, ou não vai?

— Quando a gente chegar lá, conversamos.

— Não vou pra casa de praia brigar com você... Se fiz algo que te incomodou, desculpe, mas me recuso a dirigir por quase duas horas para brigarmos.

Suna passou as mãos no próprio rosto, deslizou os dedos num tufo de cabelo, tentando sorver todo o ar nos pulmões. — Estou com fome. Podemos passar no *drive-thru*?

Max se calou, atentando-se ao tráfego. O rosto dele se fechou. Ligou a *playlist* predileta, aumentando um pouco o volume. Seguiram assim, num silêncio cortante, por uns quarenta minutos. Ele foi diminuindo a velocidade, entrando numa rede de *fastfood*. Sério e distante, como nos tempos do início do casamento, perguntou o que ela queria, comprou os lanches e estacionou o carro para comerem. Terminaram o lanche, ele apanhou o lixo, saltando para jogar fora. Um chuvisco fino começava a cair.

— Agora diga o que há — Max entrou de forma abrupta, batendo a porta. Encarou-a embrutecido sob a iluminação do estacionamento, causando-lhe arrepios. Os músculos do rosto estavam tensos, a pele ao redor dos olhos se enrugou e os lábios se contraíram.

Respirou fundo tentando articular as palavras, olhou para suas mãos e o fitou. — Fugia de Mércia quando resolveu me contratar como sua esposa de mentira — acusou.

Ele fez uma careta, franzindo os músculos da face. — O que isso tem a

ver? Não entendi a relação de Mércia com seu mau humor.

— Namorou com Mércia por um longo tempo e não me contou – alegou incisiva.

— O presente é o que importa, sempre disse isso – rosnava para ela com o rosto transtornado.

Fechou os olhos, arrependendo-se de ter cedido à pressão dele. — Então, não nega que foi apaixonado por Mércia, não é?

— De onde tirou essas ideias? Responde? – exigia ele rude.

— Mércia me contou – revelou e teve uma sensação de alívio.

— Aquela perdigueira te procurou, é isso? – Max era só raiva.

— Sim. Contou-me barbaridades.

— E você acreditou?

— Estou questionando você.

Max passou a ofegar. — Aquela mulher me odeia. Sim, se quer saber, ela inventa coisas ao meu respeito. Sim, tive um caso com ela de quase um ano, que acabou ano passado. E não, nunca fui apaixonado por ela. Nunca abri minha boca para dizer coisas que denotassem sentimentos de um homem para uma mulher – explodia Max. — Agora o que você tem a ver com isso? Diga-me, Suna – ele berrou grosseiro.

De repente, suas alegações passaram a parecer pequenas e fruto de ciúmes, mas não se rendeu. — Ela me humilhou. Disse que você é sádico, que só sente prazer ferindo a mulher, lambendo, sei lá o quê, a ferida. Mércia mostrou as costas dela – gritou na direção dele.

— E você acreditou? – desdenhava ele com um meio riso nos lábios. — Pelo amor de Deus, tudo que a gente vive não te prova nada? – argumentava.

— E teve a caixinha com o sangue e a prótese que recebi, Max. Mércia disse que usa algo nos dentes. Fiquei pensando em você fazendo essas coisas nojentas descritas por ela... – defenestrou as palavras na cara dele.

— Aquela cobra despeitada e invejosa. Se eu pudesse, arrancava aquela língua maldita.

— Língua essa que já te deu muito prazer, segundo ela – jogou-lhe na cara.

Max expirou, balançou a cabeça de modo negativo e esmurrou o volante. — Pare de agir assim, você é uma mulher e não uma garota – criticou. Suna sentiu uma ferroadada no coração. — O que mais me assusta é você acreditar naquela maluca, trazendo esse caos para nossa relação – ele ligou o carro e voltou para estrada molhada pela chuva.

Max pediu que reproduzisse como foi a abordagem de Mércia. Tensa, Suna buscou na memória aquele encontro e narrou para ele, esforçando-se para recordar cada detalhe, cada acusação. Os olhos dele, contraíam-se e, às vezes, perdiam-se na estrada, sem nada acrescentar.

Suna passou a se sentir péssima, como se estivesse fazendo uma tempestade no copo d'água. Contudo, não poderia deixar de se indignar com o enredo lapidado engenhosamente por Mércia. De súbito, notou que Max se excedia na velocidade, o que a deixou mais apreensiva, principalmente, por que continuava a chover.

— Assim, vai tomar tanta multa que não cairá bem para sua reputação – censurou-o irônica.

Max aliviou o acelerador, reduziu a marcha e a velocidade caiu. — Minha reputação? Deixei de ligar para ela a partir do dia que aceitei continuar contigo, mesmo sabendo da chantagem de Dante sobre suas aventuras promíscuas e ilícitas do passado – ele a fitou de maneira obscura.

— Não acredito que está jogando isso na minha cara – reclamou zangada. As palavras de Max a atingiam em cheio.

Voltou-se para janela, com uma raiva latejando no peito. Uma tormenta rodeava o coração, numa profusão de sentimentos distintos. Gostava muito de Max. Só a leve possibilidade de se afastar dele já a destruía, deixando-a na lona, no chão.

Por outro lado, uma desconfiança insana, devido às acusações da médica, começava a ganhar terreno em seus sentidos. Era como se uma sombra escura se erguesse ao redor dele. Eram muitos pequenos fatos que se somavam, mesmo considerando a análise de Maya e a veemente negação dele.

Chegaram à casa de praia sem trocar amalhadas frases. A chuva continuava. Max acionou o portão e entraram na garagem coberta. Assim que o motor desligou, saltou do carro, abrindo a porta traseira para pegar sua mala.

Max veio na mesma direção. — Pode deixar que levo lá pra cima – disse ele de modo frio, atrás de si.

— Prefiro levar, obrigada.

Puxou a mala do banco traseiro e ao virar-se, ele bloqueava a passagem. — Acabemos agora com essa infantilidade! – ele tentou tomar a mala.

— Olha, não sou criança. Inverte a situação para que eu não pense muito, jogou na minha cara a minha história com Dante, que nada tem a ver. Pode se

achar um artista, mas, para mim, vai ter que melhorar o seu teatro – disse incisiva, forçando a passagem. Ele cedeu.

— Pode subir, então – incentivou Max num tom brando.

Ao caminhar, deu-se conta de que não tinha a chave da casa. A sua raiva só crescia. Parou diante da porta. Ele apanhou os pertences devagar, como se fosse para pirrá-la, caminhou em direção à entrada, a passos lentos, sem fitá-la. Respirou fundo. Quando Max abriu a porta e acendeu a luz, passou por ele como um raio, no sentido da escada de acesso aos quartos. Naquele instante, o coração apertou. Uma parte de si começava a desejar abraçá-lo e acabar com aquelas discórdias.

— Acredita em Mércia, nas loucuras dela, não é? – acusava ele de modo acalorado. — Mas saiba que o que ela mais queria era estar em seu lugar, como minha esposa – ele berrou rude e avançava em sua direção.

Pôs a mala no chão, próximo ao sopé da escada, e se voltou para Max. A outra parte de si queria desafiá-lo. — Acha que vai resolver isso no grito?

— Você me enfrenta, como se eu fosse um lixo. Desconfia de minhas palavras, como se elas fossem estrume, depois do tanto que cedi para ficar com você! – o semblante de Max era de consternação. — Não é capaz de dimensionar, Suna, o quanto eu me esforço para ter o prazer de te amar.

— Não entendi a sua colocação. Desde quando estar comigo necessita de esforço? Diz isso por causa dos vídeos que estão nas mãos de Dante? – a respiração de Max era ruidosa, o semblante parecia o de um felino quando iria atacar a presa. Fitaram-se. Por segundos, temeu-o, mas levantou o queixo desafiadora. — Responda Max – exigiu num tom duro.

— Você é muito atrevida, Suna – ele a puxou com ímpeto, envolvendo-a nos braços, procurando seus lábios. Tentou empurrá-lo e fugir do beijo, mas desaparecia naquele abraço.

— Selvagem – conseguiu dizer entre os dentes quando Max cobria seus lábios, pressionando a nuca de forma voraz. A maciez da pele sem a barba era um bálsamo a tentar seus desejos.

Redeu-se àquele momento, envolvida por uma energia que a conectava a Max, saindo do abdome, passando pelo estômago e extravasando pela pele, numa explosão visceral. Cravou as unhas nas costas e por entre os cabelos dele enquanto buscavam o ar para manter o ritmo feroz e exigente daquele beijo. Max a apertava. Sentia o sexo palpitar sob a roupa conforme a raiva se transformava numa indomável fome de estranhos desejos.

— Vai saber o quanto sou selvagem – murmurou Max em cima de seus lábios.

Ele começou a puxar a sua camisa. Num brusco movimento, rasgou-a, o que inquietou o coração num pequeno susto, ao escutar os sons do tecido se abrindo e dos botões saltitando no chão. Em frações de segundos, livraram-se das roupas.

Ágil e rude, ele a virou, mantendo suas costas presas ao peitoral, pressionando o sexo contra seu corpo, apertando com força a sua pele por onde as mãos transitavam. Ele a conduziu ao sofá. Ela apoiou os joelhos no assento e os braços no encosto. Max puxou seu cabelo com força. Reclamou, apesar de querer senti-lo com urgência.

Os ombros e nuca pareciam ser devorados por ele, que também passava a língua úmida e quente em sua orelha ao tempo que a penetrava com brutalidade, fazendo-a soltar um grito e gemer. Ignorando a delicadeza, Max apertava os seios com uma mão à medida que aumentava a tensão sobre os cabelos com a outra, orientando o seu rosto para trás em direção à boca dele. Passou a ter dificuldade para respirar.

Os movimentos bruscos a torturavam numa mistura de dor, desejo e angústia. Arfava, grunhia em busca de ar. Em desespero, prestes a gritar sufocada, ele afrouxou a pressão e a puxou de volta ao chão, virando-a para ele. Então, pôde retomar o fôlego e respirar melhor.

— Nem pense em me deixar – sussurrou Max, com um olhar obscuro.

— Não vou – respondia com dificuldade, sentindo suas partes íntimas pulsarem, molhadas.

— Nem pense em me deixar – Max repetiu quase sem voz. Ele pressionou suas bochechas com os dedos, forçando-a a abrir a boca e voltar a beijá-lo.

A fúria deu passagem aos frenéticos movimentos dos lábios. Max deitou no sofá e a puxou sobre ele, guiando seu torso de maneira que os seios estivessem próximos aos lábios, mordendo-os, possuindo-a com ardor, num vaivém brusco que parecia dividi-la em duas. Aquela selvageria a fazia mergulhar no oceano de agonia e deleite.

— Pensa, o quê? É minha vagabunda. Diga isso... diga – ele exigia com estupidez, estapeando suas ancas, o que fazia um barulho mudo e, sabia, deixava-a vermelha.

— Sou sua vagabunda, sua vadia. E... Só sua – a razão nem se dava conta daquilo que saía de seus lábios, anestesiada por um querer quase doentio.

E mais uma verborragia de baixo calão foi proferida por Max e respondida por ela, intensificando aquele contato irrefreável. Era como se as sensações estivessem expostas, à flor da pele, varrendo a lógica. Uma vontade alucinada valsava sobre eles, como se fossem uma única voz, de murmúrios sem sentidos, embalando dois corpos, entre os desejos dos loucos, em busca de emoções extremas a cada segundo.

Não demorou muito para que atingissem o ápice, numa onda feroz e barulhenta. Aos poucos, aquietaram-se numa paz molhada, nos suores e respiros. Aconchegou-se sobre o corpo dele. Nada disseram por longos minutos enquanto sossegavam o ritmo de suas respirações.

— Te amo, Su... — declarou-se Max, continuando a acariciar seu braço.

Surpreendeu-se com o pequeno apelido que ele acabara de lhe dar. — Também, amo você, meu ursão...

— Ursão? — indagou espantado. — Acho que isso não ficou bom...

— Quando me envolve, parece que desapareço em seu abraço.

Ele riu, franzindo as rugas ao redor dos olhos, ao tempo que posicionava seu rosto para fitá-lo. — Nada vai nos afastar, está certo?

— Não disse que iria deixar você.

— Do jeito que agiu hoje! Fiquei apreensivo, achei que pretendia me deixar.

— Tinha... aliás, preciso saber o que tem a dizer sobre as acusações de Mércia.

— Ah! Não... não vamos falar dessa mulher.

— Precisamos, sim.

Ele a impulsionou, fazendo com que se sentassem — Olhe para mim, preste atenção — Suna fixou o olhar em Max, que passou a pontas dos dedos ao redor de seu rosto. — Tudo que ela contou é mentira. Realmente, tivemos um envolvimento e ela não aceitou o rompimento, passando a destilar calúnias a meu respeito.

— Você a machucou? Faziam sexo muito selvagem?

— Não... Ponha na sua cabecinha que meu passado não tem nada a ver com o que a gente vive agora... — ele respondeu sério com os olhos de azeviche indecifráveis. — Essa mulher mente deslavadamente — completou. — Por favor, não fala de sexo e aquela mulher — pediu seco. — Além disso, sexo um pouco selvagem fizemos nós agora... — ele riu e acariciou seus cabelos.

— Um pouco selvagem? Como diz isso! – surpreendeu-se. Tinha sido muito selvagem. Inclusive, chegou a temer, por alguns segundos, ao se sentir sufocada. E fora perverso. "Max é um dominador, sádico, controlador e dono de instintos perversos", acusara Mércia. Arrepiou-se e o abraçou. Aquilo não podia ser verdade.

Max coçou a própria cabeça, virou o rosto como se tivesse falado demais. — Não há limite para um casal, desde que ambos concordem – aquela afirmação lhe causou uma comichão. — Su, você me faz feliz e não vou permitir que nada atrapalhe nosso caminho – ele frisou de modo doce e a envolveu num abraço caloroso.

— E por que não me contou sobre o envolvimento com Mércia?

— Ai, Deus! Porque detesto falar de passado – ele começou meio impaciente. — Essa história não deve nos afetar. Esquece isso, por favor. Vamos viver só nós dois, nosso amor, nosso querer, esse desejo. Confie em mim – ele quase suplicava.

— Está bem – deitou no ombro dele. — Amo você, Vicente Max... – queria esquecer as palavras de Mércia, pois não podia abrir mão dele.

— Que delícia escutar isso! – ele expirou, enchendo sua cabeça de beijinhos, deitando a cabeça sobre a sua. — Está se tornando o meu refúgio, meu cais, onde me reabasteço, reconforto-me e tenho me realizado – pararam de falar por alguns segundos. — Acho que não chove mais. Vamos na frente da casa – ele levantou a conduzindo a segui-lo.

— Vamos vestir algo...

— Não... assim mesmo. Sentirá como é gostoso.

Estranhou. — Aliás, me deve uma camisa.

— Todas as camisas que você quiser e eu puder rasgar. Acho que posso me dar a esse luxo... – ele lhe sorriu.

Franziu o cenho boquiaberta. Observou-o abrir a porta larga da casa, voltada para a praia. A tatuagem dele, um esquisito dragão com presas, parecia mirá-la. Desviou o olhar e analisou aquele homem, uma mistura de guerreiro dinamarquês, saído das cenas da série Vikings, e cowboy, dos faroestes antigos com Clint Eastwood. Riu para si daquela comparação esdrúxula.

O vento frio bateu em seus corpos e o cheiro da maresia inundava as narinas. Max a conduziu à varanda. A noite era escura, não via as casas vizinhas e à frente, através do muro de vidro, era possível assistir às cristas

das ondas sendo jogadas na areia e o som que provocavam. Deram mais passos adiante e pisaram na grama molhada. Pôde sentir outra rajada barulhenta do vento frio. Ele abriu os braços e a estimulou a imitá-lo. Constrangida, fez o mesmo e foi tomada por uma sensação de leveza e contentamento.

— Somos livres – depois ele a abraçou por trás, aquecendo seu corpo.

Max procurou uma parte da grama mais uniforme e convidou Suna para se deitar nela. Ambos sentiam a textura áspera das folhas, junto com a umidade do solo, em contato com a pele, causando-lhes calafrios. O vento acariciava a pele provocando arrepios. Suna se aconchegou sobre o braço dele. Ficaram observando o céu de lua minguante e as estrelas, em parte encobertas pelas nuvens densas que viajavam ao saber das correntes de ar. O céu parecia um manto bordado que os envolvia e abençoava.

— Senhora Suna Ferraz, enquanto houver estrelas no céu zelando por nós, não desistirei de te amar... Aceita seguir ao meu lado numa relação de muito amor, dedicação, lealdade e confiança?

— Sim, meu amor, aceito – trocaram ternos beijos.

— Prometeu perante os céus e as silenciosas estrelas! Não vá voltar atrás – ele pilheriava. — Mas agora vamos antes que tenha alergias.

Voltaram para o interior da casa e subiram para o quarto. Tomaram banho e foram para a cama. Permaneceram nus, nem fizeram sexo e nem dormiram direito. Passaram a noite abraçados, sentindo um ao outro. Trocaram beijos, que se alternavam entre intensos e suaves, carregados de ternura. Declararam-se sobre os sentimentos, desejos e acerca da vontade de continuarem juntos. Tocavam-se numa profunda manifestação de afeto. Com os corpos entrelaçados, atravessaram a madrugada, entre cochilos, carícias e abraços apertados.

Para Suna, era como se eles estivessem ligados por laços invisíveis, capazes de aproximar suas almas, unir os corações num só compasso, a do amor que os atava, num nó cada vez mais consistente e sólido. Mesmo que uma sensação estranha de desconfiança a rondasse, Max era a sua parada, onde seu coração desejava estabelecer moradia. Ele era o seu ar, o seu cheiro, o sabor e a textura predileta. Fundiam-se numa amálgama forte, num só compasso, numa única linha e traço.

∴

Max ainda dormia quando Suna despertara do único sono longo que

tiveram. Saíra da cama cuidadosa, indo tomar um rápido banho, colocar o biquíni por baixo do short e camiseta e descer para preparar o café da manhã e adiantar o almoço.

Havia feito suco, cortado as frutas e passado o café. Imaginou levar o desjejum na cama para Max, porém o seu lado sensato a demoveu daquela ideia. Embora a situação entre eles estivessem bem, uma parte daquela história de Mércia continuava nas sombras.

Escutou os passos de Max nas escadas quando terminava de preparar o peixe para ir ao forno, envolvendo-o num papel laminado. Ele vinha de short de banho, uma camisa jogada no ombro e cheio de olheiras da noite mal dormida.

— Bom dia, meu amor. Nem vi quando se levantou – ele a enlaçou nos braços e pressionou seus lábios. — Que noite linda foi essa que você me deu? – cochichou em seu ouvido e um arrepio subiu da base da coluna ao pescoço.

— Amei nossa noite também – confessou tentando abraçá-lo e evitando que suas mãos sujas o tocassem.

— Cozinhando para a gente?

— Mais tarde colocamos o peixe no forno. Estava te esperando para tomar café – lavou as mãos e apanhou as frutas, o iogurte e o suco na geladeira.

Da soleira da porta da cozinha, ele passou o olho no mar e no céu. — O tempo está melhorando, vamos andar de moto aquática...

Concordou com ele, tirando os ovos mexidos da frigideira. Convidou Max para mesa. Essa era a refeição que ele mais gostava, pois, a maioria de seus dias passava do horário do almoço.

— Assim, vou ficar mal-acostumado – ele comentou com um brilho nos olhos escuros.

— Fica não, porque não faço esses mimos para você todos os dias.

— Acho que se eu pedir que ponha meu café da manhã diariamente, iria me chamar de machista – olharam-se de modo cúmplice e riram. Max estava com um excelente humor.

— Bom, suponho que se exigisse, nunca mais prepararia café da manhã pra você.

— Ah! Como sei disso, dona Suna. É uma arredia... – ele confirmava num tom teatral e comia. — Já ia esquecendo. O plano era ficarmos a sós e tranquilos, mas Marcel e César vão passar aqui hoje no fim de tarde. Vou convidá-los para dormir, algum problema?

De forma involuntária, levantou uma das sobrancelhas. — Não, nenhum — afirmava. — César virou seu melhor amigo de uma hora pra outra, não é. Ele vive enfiado em seu escritório proibido ou, então, ficam pendurados no telefone em ligações sigilosas.

— Ah! Deixe de exageros. César foi lá em casa duas vezes apenas. Somos parceiros num novo negócio.

— Negócio de quê? — indagou curiosa.

— Quis ser seu parceiro num negócio de doces e tortas e você me rejeitou — ele meio que fugia do assunto e continuava no seu tom de brincadeira.

Entendeu a enviesada na conversa, mas não insistiu. — E Marcel vem com Agnes? — era a namorada de Marcel na época do casamento.

— Agnes? Ele não está mais com ela há um tempo. Marcel não passa mais do que três meses com uma mulher. Não gosta de longos relacionamentos.

— Coitado... Também é assim, doutor Vicente Max?

— Su, estamos juntos!! Claro que não sou assim. Marcel parece ter medo de amar. E eu penso ao contrário, prefiro relacionamentos mais longos.

Arregalou os olhos. — Como assim, explica? Porque estamos juntos graças a um contrato de casamento.

— Não estamos juntos por causa disso. O contrato corre paralelo a nós. Estamos juntos porque queremos, lembre-se disso, dona mocinha. Na verdade, quanto mais o tempo passa, mais podemos aprofundar a relação. Conhecer o que o outro gosta, o que realmente dá prazer ao parceiro. E, numa relação de pouco tempo, é impossível ir à fundo, sempre se permanece na superfície.

— Cada vez que fala de intimidade, assusto-me mais... então, quer dizer, que nós dois temos muito ainda a aprofundar, mesmo com todas as nossas liberdades?

Max hesitou, olhando para o prato, contraiu os lábios e a fitou. — Sim. Mas nada afrontoso. Um passo de cada vez, não é pra assustar e nem tem que se preocupar com isso... — Suna teve a impressão de ter ficado vermelha. Ele pegou sua mão e beijou o dorso e depois a passou no rosto liso sem barba. Em seguida limpou a garganta. — Seu aniversário se aproxima e quero fazer uma viagem contigo.

— Não há necessidade ...

— Sim, sim. Não é questão de precisar, é que quero comemorar essa data especial. Seu passaporte está válido?

— Está. Só fiz uma viagem para fora do país. Fui à Nova York, nas últimas férias.

— Então vamos carimbá-lo, outra vez. Vou pedir ao agente umas propostas para escolhermos juntos.

— Sempre me surpreende, Max – Suna comentou e se recordou de que ele também tinha feito viagens ao exterior com Mércia. "Está cheia de si. Max faz a mulher se sentir assim", dissera a médica.

Tomou um gole de café.

Peso da escuridão

16

Marcel avisara a Max que estava a caminho da casa de praia. O advogado revelaria para Suna que era seu irmão e proporia que fizessem um exame de DNA, para comprovar as investigações feitas por ele. O desejo do amigo de contar a Suna sobre o laço de parentesco havia aumentado quando ela ficou resabiada ao saber que o advogado conhecia sobre seu passado, antes de apresentar a proposta do contrato de casamento.

Marcel vinha pressionando Max. Decidiram marcar naquele fim de semana, na expectativa de que Suna estivesse mais relaxada. Pela manhã, avisara ao amigo sobre o estrago que Mércia provocara. Ainda assim, Marcel quis continuar com o propósito de contar aquela tortuosa história.

A verdade era que as forças se esvaíam. Ficou muito aborrecido com o que Mércia fizera. Não imaginou que ela fosse tão longe. A mulher guardava um ódio carniceiro contra ele, o que o preocupava não só por ele, mas por Suna. Sabia que, mesmo a situação com Suna tendo se acomodado, o que a megera contara ainda iria martelar na mente da mulher por muito tempo. Aquilo não ficaria assim, Mércia teria o troco.

Ainda havia a empreitada, às escondidas, de César na caçada a Dante. Desde a agressão a Suna, o marginalzinho andava sumido. Só que na sexta-feira, César lhe confidenciara que Dante tinha voltado para uma de suas residências. Meter-se naquela casa de vespeiro era perigoso, mas precisava fazer algo.

Observou-a lendo na espreguiçadeira, com aquele semblante terno, o rosto iluminado por expressões angelicais, adornados pelos longos e lindos cabelos

castanhos, quase marrons ao reflexo da luz e o corpo longo e frágil, delineado por belas curvas. Aquela visão lhe dava mais certeza que precisava protegê-la.

Assoviou, ganhando a atenção dela, que lhe respondeu com um sorriso doce. Ele se levantou, sentando na ponta da espreguiçadeira que ela deitava. Suna era tudo o que não esperava e nem queria, mas o melhor que poderia ter acontecido em sua vida. Tinha receio de projetar o futuro, medo do que estaria por vir e, ao mesmo tempo, segurança de que a manteria ao seu lado. Não conseguia mais se imaginar sem ela.

Embolados, acabaram por dividir a espreguiçadeira. A pele morna em contato com a sua era um alento, causava-lhe uma sensação de conforto e segurança. Beijou-lhe o rosto e ela abandonou o livro, aconchegando-se em seu peito, brincando com os pelos.

— Adorei sua depilação – confessou ele baixinho.

— Quer dizer, o excesso dela, não é, que deixou a terra arrasada, sem nada – ela deu um risinho.

— Sim, mas também quero do outro jeito, quero de todas as formas.

— Max, você só pensa em sexo! – censurou ela.

— Penso em você, somente – excitou-se. Apanhou a mão dela e pôs sobre seu sexo.

— Ah! Tá bom, vai. Acredito.

Apertou-a. — Acredite... está sentindo – sussurrou malicioso. O celular vibrou no bolso. Era Marcel e César.

— Vamos, meu bem. Marcel chegou e ele vai querer conversar com você.

— Comigo? Mas o quê? Sobre Dante?

Já estava de pé. — Saberá... vamos... Vista algo... – não se aguentou e beijou a barriga lisa de Suna e depois os lábios e foi abrir o portão, ao tempo que ela seguia em direção ao interior da casa.

Recompôs-se de sua ereção enquanto Marcel e César desciam do carro, despojados em bermudas e camisetas, o advogado em sua elegância perfumada e o investigador, com seu jeitão marrento.

— E aí, feras – cumprimentaram-se e os chamou para a sala. — Querem tomar alguma bebida? Tem cerveja na geladeira... – ofereceu enquanto atravessavam a casa. — Se preferirem comer algo, tem comida também.

— Não... obrigado – Marcel agradeceu.

— Rapaz, não lembro qual foi a vez em que vi Vicente receber alguém

com toda essa cortesia – comentou César.

— Realmente, está com uma ótima feição – concordou Marcel. — Espero que Suna esteja no mesmo ritmo – acrescentou o amigo, com o olhar atravessado no momento que se sentavam.

— Não perde a oportunidade de dar aquela cutucada, hein! – Max comentou para o advogado.

— Que audácia foi essa de Mércia procurar Suna? – indignou-se Marcel, mudando de assunto. Embora César não soubesse de suas práticas mais obscuras, não se furtavam de abeirar os assuntos na frente dele, pois era de muita confiança.

— Ela te chamou de cachorro de porta de puteiro – contou e César soltou uma gargalhada.

— Vou me acertar com ela com calma – prometia Marcel.

— Não só você, acredite – ouviu um barulho na escada. — Suna está descendo. Rápido. O que me intriga é que Mércia sabe de Dante, jogou na cara de Suna que ele a trocou por outra...

— Em São Sebastião, todo mundo sabe... – Marcel balbuciou e foi calando-se, quando ela se aproximava da sala.

Dentro de um vestido floral, Suna cumprimentou César e Marcel e um silêncio cortante se abateu entre eles. Max levantou e a trouxe para se sentar ao seu lado.

Beijou o dorso da mão dela. — Tenho uns assuntos para acertar com César. Marcel precisa te contar algo importante. Não é nada ruim. Não fique apreensiva – alertou-a, mas de nada adiantou. O semblante emotivo de Marcel preocuparia qualquer um que não soubesse da verdade.

Suspendeu as sobancelhas em direção a César, levantou-se, chamando-o para o *deck* da piscina. Ficou um pouco tenso por Suna, tentando prever o turbilhão de emoções que a envolveria ao saber da grande chance de Marcel ser seu meio-irmão de sangue. Queria estar do lado dela, mas entendia que era um momento deles. Só esperava que Marcel continuasse guardando seus segredos, conforme tinham combinado previamente.

— E aí, César, como está a vida de Sherlock Holmes? – quis saber assim que se acomodaram numa mesa debaixo do sombreiro.

Ele riu. — Esquentando – o amigo respondeu confiante, mas com a voz arrastada, que fazia parte do jeito próprio de se expressar. — Suna lhe faz bem. Está muito diferente, Max. Não sei como ainda procura a outra lá – ele

se referia a Elisa.

— Não a tenho procurado. Aquele dia que nos encontramos na saída do *flat* foi a última vez que vi Elisa – acrescentou calmo. De repente, aquela recordação lhe causava desconforto. — Não queria falar dela aqui. Suna está lá dentro.

César assentiu. — Entendo agora o quanto é importante libertar Suna de Dante para você. E acho que vou poder ajudar muito.

— O que tem em mente? – estava curioso.

— Entrar na casa dele... – revelava César com tranquilidade.

Ficou apreensivo. — Aí, nesse caso, seria melhor avisar à polícia. O terreno está pronto para eles pegarem Dante, só não sabem onde ele está.

— Não estava preocupado com as imagens que estão nas mãos de Dante? Será mais fácil se obtivermos equipamentos dele. Pretendo simular um assalto.

Arregalou os olhos e se arrepiou. — Isso é muito sério, César. Não sei, tenho muito medo de dar em merda e, ao invés de ajudar, piorar a situação de Suna.

— Nunca falhei, sabe disso.

— Assalto? – destacou e depois baixou o tom. — É crime e não é um bandido. Se você for pego, será preso. E eu terei responsabilidade sobre isso, também serei penalizado.

— Quem disse que vai resvalar em você, Vicente? Nada vai acontecer.

— Todos seríamos penalizados – afirmava colocando os cotovelos sobre a mesa. — Marcel desconfia de alguma coisa sobre as investigações?

— Nada...

Expirou pensativo. — Ele não vai nos perdoar quando descobrir que armamos isso pelas costas. Ainda mais agora, com essa história de Suna ser sua irmã...

— Ele levou o trajeto inteiro até chegar aqui, falando sobre essa conversa que teria com Suna. Coincidência você ter casado tão rápido com Suna e Marcel descobrir que ela é irmã dele!

— É uma longa história, depois te conto – começava a ficar impaciente.

César meneou a cabeça, com o jeito cabreiro. — Bem, caso Marcel descubra, aí peço que ajude a aliviar minha barra.

— No que estiver ao meu alcance, farei. Mas não sei, não sei, César, sobre nos meter mais nessa história – queria muito por fim naquela tormenta, mas

receava as consequências.

— Cheguei aonde a polícia ainda vai demorar semanas para percorrer o mesmo caminho... Dante é esperto. Enfim, quis conversar pessoalmente com você, pois algumas coisas dessa história de Dante surpreendem. E minhas suspeitas foram reforçadas quando disse lá dentro, que Mércia sabia de Dante.

Contraíu as sobrancelhas e estalou a língua. — Como assim? A situação de Suna com Dante nada tem a ver com meu passado.

— Poderia não ter, mas pode ter passado a ter – César se expressava enigmático.

— Explica, homem – Max tinha ficado ansioso. — Não estou entendendo nada.

— Pra início de conversa, suspeito que alguém acoberta Dante. Ele é um fantasma... – disse o investigador de modo enigmático. — ... por isso, a polícia está com dificuldade para encontrá-lo. Dante não tem registros atualizados nos bancos de dados do governo, não vota, não tem contas em seu nome. Nada – César inspirou para tomar fôlego. — Por outro lado, utiliza duas residências. Essas casas e as contas estão no nome de um tal João Silva Pereira. Um nome comum com muitos homônimos.

— Descobriu como? Subornou alguém? – uma pequena parte de si começava a se arrepender de estar financiando aquela empreitada.

César riu. — O carteiro da rua, que foi entregar correspondências no endereço apontado pelo ex-segurança... Tinha te contado que estava com as contas de energia e água da casa de Dante, então, fui puxando o fio da meada.

— Hum, foi mesmo... – rememorou.

— Dante trabalha em clínicas odontológicas, situadas em dois bairros distantes, e ele mantém residências nas imediações, uma no subúrbio ferroviário e outra, nas proximidades do aeroporto. Nelas, atende pacientes a preços populares. Ele poderia ter chantageado Suna, mas a agredir, a ponto de ter que fugir? É muito prejuízo para o trabalho dele, as clínicas têm movimento. Isso causa estranhamento. Outra coisa, Dante sabia que Suna prestaria queixa, caso contrário não teria abandonado tanto a casa do primeiro endereço, com a outra que descobri posteriormente. Pergunto, como ele ficou sabendo? Alguém próximo a vocês o alertou.

— Segundo Suna, Dante sempre foi agressivo. Gente assim não planeja a violência, simplesmente, explode. Quanto ao informante, desconfio que

existe um. No entanto, o que realmente me intriga é como Mércia descobriu sobre Dante! – refletia.

— Eu iria mais longe nessa pergunta. Namorou Mércia, acha que ela teria tanta sede de vingança a ponto de se juntar a Dante só para se vingar de você?

— Mércia me odeia, ela é capaz de tudo. Não faz ideia.

— Ela é capaz de dar escândalos, como muitas mulheres, quer dizer, a maioria delas – César destacou o final da frase. — Mércia procurou Suna para desdenhar sua raiva, mas há uma grande distância entre essas pequenas maldades e se aliar a alguém que comete crimes de chantagem e agressão e, provavelmente, de falsidade ideológica, além de ser procurado por sequestro de um menor. Tenho certeza que ela está sendo estimulada. Conheci Mércia, você está avaliando através do prisma da raiva que sente por ela.

Jogou o corpo na cadeira, balançando a cabeça. — O que pensa afinal?

— Mércia e Dante foram cooptados por alguém para prejudicar você, Max. Suna é um dano colateral.

— Surtou, César!! – colocou a mão na cabeça impaciente. — Sua colocação não faz sentido – sentiu uma onda emocional bater no peito, parecia ter tomado um soco no abdome.

— Faz todo sentido. Dante não é tão fodido como achava. Algo maior o move, e só pode ser a perspectiva de ganhar muito dinheiro, não só cem ou duzentos mil. E você é a fonte dessa grana... – afirma César arisco.

— Não é verdade...

— É um dos melhores profissionais de sua área do país. Não atua no eixo Rio-São Paulo porque quer se manter longe de sua família. Pacientes de outros estados vem para cá operar contigo. Teve convite para trabalhar no setor de neurocirurgia de um hospital em Boston e as portas estão abertas para você por lá... você...

Interrompeu-o. — Pera aí... como descobriu isso? Nunca te contei.

— Pesquisei sobre sua vida, doutor Vicente Maximo. Para sua idade, é tido como um jovem cirurgião de sucesso, o que deve despertar inveja em pessoas que querem o seu espaço. Um médico com sua reputação, que prefere atuar numa cidade que não é referência na área médica, que opera fim de semana de graça, atrai importantes pacientes, as grandes oportunidades, ocupa os espaços sem esforços e ofusca qualquer emergente... Muitos gostariam que estivesse longe, seu nível é alto.

— Para, não quero mais ouvir... – aquele ponto de vista era fantasioso, mas não podia ser descartado.

— Precisa escutar. Além do dinheiro que ganha com seu trabalho, ainda é herdeiro da Lumax, construtora de renome no país. Você desperta inveja, Vicente Max. A questão não é só sua ex-namorada ensandecida porque casou com outra, ou o ex de sua esposa que reapareceu. É algo orquestrado. É óbvio. Para mim, está transparente como água. Dante caiu como um presente dos céus para quem quer prejudicá-lo.

Respirava com dificuldade. — Não... não consigo imaginar isso. Se tiver razão, Suna corre perigo – argumentava tenso com os olhos vidrados. — Quem está perto de mim sabe que ela se tornou meu ponto fraco – passou as mãos nos cabelos, unindo as palmas em frente ao rosto. — Quem será?

César deu de ombros. — Infelizmente, quem são as pessoas que sabem de seus passos, dos seus segredos e de sua intimidade?

Calou-se por alguns segundos, refletindo hesitante. — Deus, não! Podem ser Dulce, Marcel ou Diego os suspeitos, meu irmão João Paulo também... Não quero acreditar nisso, não posso – falou como se fosse para si mesmo. Uma depressão profunda se abria no peito. O mundo parecia desmoronar a sua volta. Havia uma chance de César estar errado, contudo, existia outra possibilidade de ele estar na linha de pensamento correta.

— Marcel? – frisou César em protesto.

— Essas são as pessoas que conhecem a fundo minha vida, inclusive Marcel. Há coisas que nem você sabe, César – disse quase como um miado. Estava nervoso, parecia que pesava toneladas.

O investigador fez bico. — Então, deve ser um grande segredo.

— Você não sabe de tudo, não é por falta de confiança, quero que saiba... – naquela hora o sol sumia e o crepúsculo assaltava o tempo. A noite começava a despontar, como a escuridão que abatia sua alma.

César soltou o ar de modo demorado e suspendeu as sobrancelhas. — Mas confia em Diego!

— É claro que vai culpá-lo, nunca gostou dele...

— O jeito dele é dissimulado – desdenhou César. — Sempre querendo parecer engraçado, nunca me enganou. Além disso, é de sua equipe médica, o que o torna o principal suspeito.

— Não sei... O que me preocupa é Suna. Preciso que providencie seguranças, mas ela não pode saber, terão que ficar de longe. Quero gente de

primeira, não importa quanto vai custar.

— Era bom ter paisanas para você também.

— Não precisa. O que vão fazer comigo? Se sou eu que tenho que levantar qualquer quantia – de repente, aquilo o impactou mais ainda. Seus bens e aplicações financeiras iriam para caridade em caso de morte. — Suna não tem acesso aos meus bens, nem as minhas contas. Nem terá com minha morte. Meu irmão me detesta, não moveria uma palha por mim – ponderava.

— Podem te torturar até ceder o dinheiro e darem fim em sua vida depois. Proteja-se – insistia César e Max balançava a cabeça de forma negativa. — Doutor Vicente Max, pode se chatear, mas terá dois seguranças, sim. Está definido...

— Vou ao inferno por Suna, nada pode acontecer com ela, entenda. Nada. Ela já sofreu demais e, seja lá quem for, pode sequestrá-la – só conseguia pensar em protegê-la e numa forma de saírem daquela situação.

— Tudo bem. Segunda-feira, ela já terá uma equipe. Precisa mandar os dados do carro e os horários mais usuais de Suna. Mas ainda tem algo que me intriga quanto a Dante.

— O que há mais, pelo amor de Deus? – sentia-se exaurido.

— Não vimos sinais da esposa dele e dos filhos nessas residências. Vimos Dante chegar e sair algumas vezes, mas nada de crianças indo à escola, por exemplo, ou de movimento da esposa saindo para fazer compras. E já estamos observando há três dias.

— Bom, ele fugiu com a mulher e o filho dela de outro casamento, além disso, ele contou que foi pai recentemente. Talvez seja o sinal de que ele possa ter outra residência da qual não descobriu, onde está a família – apontava Max.

César contraiu os lábios em dúvida. — Bom, na segunda-feira, no assalto, vamos coletar mais material para investigar Dante.

Escutaram vozes ao longe, eram de Suna e Marcel. — Quero ir nesse assalto... – decidia Max.

— De forma alguma – negava César.

Max o fuzilou com o olhar. — Quero resolver isso o mais rápido possível e garantir que não vai passar dos limites. Dê um jeito de me colocar dentro desse bando de assaltantes de araque – teve aquele impulso.

— De forma nenhuma, moço, é um médico e tem uma reputação a zelar.

— Foda-se. Não foi você quem garantiu que tudo vai transcorrer de

maneira normal? Que você não falha?

Fitou César de modo velado e depois se voltou para Suna e Marcel que estavam na soleira da porta. Seguiu naquela direção, carregando nos ombros o peso da escuridão de sua alma, onde o chão parecia de vidro e o mundo, na iminência de desabar. César vinha em seu encalço.

Tortura chinesa

17

O coração de Suna ainda batia acelerado depois de saber que Marcel era seu irmão. No momento em que recebera a notícia, surpreendera-se. Depois do susto, uma alegria ensolarada e suave se expandira pelo corpo e alma. Em seguida, ambos foram tomados pela emoção. Abraçaram-se por um longo tempo. Queria escutá-lo, queria contar-lhe histórias.

Bons e confusos sentimentos surgiram e desapareceram como raios. Assim que Marcel mencionara sobre as investigações acerca da paternidade biológica que apontava para Otávio, teve certeza que o advogado era seu irmão. Sua mãe, Fátima, já tinha lhe revelado sobre o vergonhoso comportamento do pai. Otávio traíra sua mãe algumas vezes, durante o tempo de namoro e casamento.

O pai que conhecera pouco, pois havia falecido quando tinha apenas cinco anos, era obcecado por mulheres negras. Embora fosse um homem que destilasse preconceito, às escondidas eram as negras corpulentas a quem procurava. Já na sociedade e entre amigos, o esteio de Otávio focava-se na esposa branca. Aquele comportamento dúbio, ultrapassado e conservador a envergonhava.

Constrangida, começara a contar para Marcel aqueles detalhes difíceis sobre a família. Percebendo seu jeito melindrado, o advogado havia segurado a sua mão, incentivando-a a narrar os pormenores sórdidos do passado de Otávio. Se fosse nos dias atuais, ele acabaria por prestar conta à Justiça por racismo ou teria que amordaçar a boca.

Assim, o papel do homem que abandona a namorada grávida cabia bem ao

seu pai, na medida e no conteúdo. Havia dito a Marcel que não tinha muitas recordações dele, mas se lembrava, vagamente, dos bate-bocas com sua mãe e das ressacas nas manhãs de sábado e domingo.

Marcel havia se desculpado por tê-la contratado para Max. Confessara que fizera aquilo na esperança de melhorar a comunicação entre eles. Na verdade, uma parte dela teve vontade de o agradecer. Sem Max, a vida seria uma paisagem em preto e branco. Contudo, o outro lado de seu coração começava a pressentir que algo muito errado poderia sair daquele encontro do destino com Max. Porém, nada comentara.

Pela primeira vez, percebia o quanto o advogado era um homem entristecido. Mesmo com sua posição profissional, a vida lhe havia sido pesada, sobretudo, devido às perdas da irmã e dos pais, ainda jovem, tendo que se virar sozinho. Era capaz de sentir a solidão emanar do sorriso e do olhar entristecido de Marcel.

Seu irmão era muito bonito. Tão alto quanto Max, tinha a estrutura física mais magra, mas com músculos desenvolvidos. Era dono de feições másculas e harmônicas, além de uma dentição perfeita. Vestia-se de modo elegante e deveria ter uma legião de mulheres à disposição. Porém, naquele dia, conseguia enxergar além da máscara de advogado, o garoto triste e carregado de solidão, que havia dentro dele.

Realmente, ter um irmão era algo que se assentava dentro dela como um grande presente, ainda mais sendo Marcel, um cara bacana, seguro e firme. O advogado também lhe confiara da alegria que teve ao descobrir que ela era sua irmã e da falta de coragem de contá-la. Dissera ter receio de que rejeitasse a ideia. Enfim, combinaram de fazer o teste de DNA e de passarem a estreitar a convivência.

A noite começava a cair quando resolveram procurar Max e César. Abraçaram-se mais uma vez e Marcel chorava e ria. Enlaçados caminharam ao encontro de Max, que também os abraçou, o que a fez chorar aos soluços. Ficaram os três, por muitos segundos assim, parados próximos ao *deck*, unidos, trocando suas emoções. Depois, Max deu um forte abraço nela e outro em Marcel.

— Está mais tranquilo agora? — perguntou Max a Marcel.

— Estou muito feliz... — confessava Marcel, limpando as lágrimas do rosto, de forma discreta. — Engraçado, vocês dois juntos. Você ... — ele falava olhando para Max. — ... sempre foi e será meu irmão de coração,

independente de nossas desavenças. — E Suna sendo minha irmã de sangue? Pode dimensionar isso?

— Posso, meu irmão, posso imaginar... — respondeu Max de maneira seca.

— Vocês são minha família — concluía Marcel emocionado e voltaram-se a se abraçar.

Ao se afastar, Suna fitou Max nos olhos e notou uma nuvem escura pairando ali. Será que Max estava com ciúmes de seu contato com Marcel, seu irmão recém descoberto? Era muita loucura se estivesse incomodado. Não iria permitir.

— Poderiam dormir conosco! — sugeriu, mirando os olhos de Max, em busca de aprovação. — Faço questão que fiquem aqui. Não é nenhum trabalho.

— Nós reservamos um hotel na vila — adiantou-se César. — Combinamos tomar uns *drinks* e dar umas paqueradas por lá... Mudou de ideia, Marcel?

— Não, não... Esse condomínio é distante da vila. Lá, podemos ficar à vontade, sem depender de carro.

— Não vão beber até cair, hein! — advertia Max. — Vamos jantar na vila, também. Posso ligar para vocês...

César se aproximou e deu um tapa suave em Max e Marcel. — Vieram descansar e nós vamos cair na farra — ele ria e Marcel assentiu apertando os lábios.

— De qualquer modo, Suna, é muito para você digerir — pontuou Marcel. — Aos poucos, vamos conversando mais e, no início dessa semana, faremos esse teste para comprovar se temos a mesma filiação paterna.

— Conheço um dos coordenadores de um laboratório de minha total confiança. Passo o contato para vocês caso queiram.

— Ótimo, então — concordava Marcel. — Suna, ligo na segunda-feira para a gente marcar, está certo?

Confirmou com Marcel e conversaram mais algumas amenidades. Despediram-se, acompanhando-os até o carro. O coração estava apertado.

— O que achou dessa novidade? — indagou Max.

— Fiquei em choque de início. Mas estou contente. Era filha única. De repente, aparece Marcel. Foi uma boa surpresa. Acho que o melhor presente que meu pai poderia ter me deixado, apesar do que ele fez — sorriu para Max, que a abraçou. — Nem me contou nada, não foi...

— Eu não tinha esse direito, Suna. E, também, não soube há tanto tempo

assim. Cabia a Marcel contar.

— Sei, meu amor. É... você disse que iria chamá-los para ficar aqui, e eu fiz isso. Ficou chateado?

— Não, Suna, claro que não – ela o observou. Max lhe parecia estranho. — Podemos tomar banho de hidro, a gente não fez isso ainda, o que acha?

— Estou com fome. Se a gente for para hidro, não tem hora para sair.

— Bom, isso é verdade – confirmou ele malicioso. — Estou contente também por andar sentindo fome. Está se alimentando melhor agora!

Decidiram tomar banho e depois seguir para a vila. Entraram juntos no chuveiro e ele tratou logo de apanhar o sabonete e espalhar por sua pele. Chegava a pensar que Max conhecia melhor seu corpo do que ela mesma.

— Não resisto... vamos nos atrasar um pouco – murmurou, antes de a envolver num beijo profundo enquanto a água escorria entre eles.

Max fazia seu corpo reagir de um jeito que só pensava existir apenas em livros românticos. Só que era real, estava ali dentro de si. Era uma fonte de energia, que parecia uma mistura de ansiedade e prazer, que se concentrava na base do abdome e subia até as imediações dos seios, intensificando-se e se espalhando pelo interior da pele. Assemelhava-se a sensação de quando se descia abruptamente uma montanha-russa, ou uma ladeira, sem frear o carro. Só que essa energia não passava logo, era contínua. Às vezes, aglutinava-se entre as pernas e a sentia pulsar, sem exageros, quase como se fosse um segundo coração. Quando isso acontecia, sua razão evaporava e se entregava ao desejo.

Estava assim, naquele instante, com um coração bombeando entre as pernas. Max ergueu seu corpo, pressionando as costas no revestimento e conseguindo uma penetração. Passou as pernas por trás das costas dele, segurando-o pelo pescoço. Movimentava seu quadril, ajudando-o, naquele frenesi intenso em busca de prazer. Fazer sexo com Max era viciante, apesar de, algumas vezes, ele transitar por um terreno nebuloso, entre a grosseria e a devassidão. Contudo, amava o que corpo dele podia fazer com o seu.

— Está com fome, gostosa? – sussurrou de modo entrecortado.

— Estou faminta por você – respondia num fiapo de voz.

Max foi diminuindo o ritmo até parar. Nada entendeu. — Vamos pra vila – disse ele num rompante, mirando-a de forma intensa e a colocando de volta ao chão, dando-lhe as costas e terminando seu banho.

— O que houve?

— Siga sua intuição, meu amor — resumia evasivo.

Postou-se diante dele e começou a baixar para beijá-lo intimamente, mas ele não permitiu que fizesse sexo oral, abraçando-a. — O que aconteceu? — indagava perplexa e frustrada.

— Vamos prolongar esse tesão por mais tempo. É torturante, mas no final é muito prazeroso — murmurou ele.

Enrugou a testa. — É um jogo?

— Sim, meu amor, um jogo de sedução. Pense e me convença...

Max terminou o banho e saiu do *blindex*. Suna ficou tensa. Nada sabia de jogos sexuais. Tinha planejado usar uma das fantasias, mas havia desistido, depois das acusações de Mércia e do bate-boca que tiveram. Respirou fundo, lavou-se, desligou o chuveiro e foi vestir-se. Max já estava pronto, em uma bermuda caqui e camiseta branca de estampa cinza, ajustada ao corpo, encostado na parede observando-a.

Os olhos dele provocavam uma maior apreensão. Ansiosa, vestiu uma *lingerie* branca com sutiã sem alça, optou por uma minissaia branca de tecido encorpado e uma blusa frente única, de finas listas azul marinho e bege. Trançou os cabelos molhados despretensiosamente de lado e calçou um par de sandália baixa.

— Está linda, parecendo uma juvenzinha. Mesmo com o sol fraco, ficou de marca na pele — comentou ele com olhos devoradores. — Vou tirar o carro — ele saiu fechando a porta. Mas nem respirou direito, logo em seguida Max retornou. Andou em sua direção e a abraçou. — Su, desculpa. Esquece esse lance de jogo. Não há jogo, há muito tesão e amor. Não fica assim, nervosa, envergonhada.

— Não estou nervosa. Eu... eu queria entender como funciona sua mente, no sentido do sexo. Sempre acho que tem algo faltando em mim — desabafou sincera.

— Não, nada disso. Ao contrário, você tem de sobra, é boa demais — ele passou o dedo na ponta de seu nariz e no contorno dos seus lábios. — Sou louco por você, mulher — beijaram-se com ternura. — Vamos passear e quando retornarmos, a gente namora bem gostoso — ele se foi depois de muitos beijinhos.

Expirou, sem saber o que fazer. Fitou-se no espelho, tirou o sutiã e a calcinha, soltou os cabelos para que secassem, apanhou a bolsa e foi atrás do seu amor da casaca-virada. O seu corpo pulsava, ansiosa por ele.

A vila ficava a quinze minutos de carro do condomínio, trafegando pela estrada principal. Era formada por residências simples, germinadas, sobrados e algumas outras rodeadas por muros. A praça estava pouco movimentada para o sábado à noite, por causa da baixa estação. Havia alguns estabelecimentos comerciais fechados, mas grupos de adultos passeavam e crianças brincavam pelas ruas. Os bares abertos estavam com suas mesas tomadas por visitantes animados.

Max a levou num restaurante avarandado, com uma iluminação amarelada e móveis em vime num acabamento rústico, que servia variações de carnes. Sentaram tangencial um ao outro na mesa. Desde que o conheceu, foram poucos momentos em que o viu ingerir bebida alcoólica e, naquela noite, ele havia escolhido um vinho. Brindaram e pediram um filé ao molho especial da casa. A tensão e o desejo de concluir o que haviam começado pressionava o corpo.

— Su, não vai beber, porque hoje quem bebe sou eu – disse ele jocoso.

— Por que bebo demais, não é, Vicente Max? – ironizou.

— Em casa, podemos ficar bêbados, na rua, não... – os olhos dele se perdiam no vidro fino da taça.

— Que jogo iria propor e desistiu? – indagou direta, pois aquilo martelava a mente.

Ele tomou um gole do vinho, balançando a cabeça de forma negativa. — Nada demais. É só para manter o estresse sexual, a tensão. Não encabula com isso.

— Bom, eu estou tentando jogar – apanhou a mão dele e a colocou embaixo da saia. Ele a olhou abismado, passou a vista ao redor do restaurante e, discreto, enfiou mais a mão entre suas pernas.

— Não creio que teve coragem de sair assim! – a pele ao redor dos olhos dele se contraía, dando formas às rugas, e um sorriso radiante tomou a face.

— Como se não bastasse a saia miúda!

— Não gostou?

— É claro que gostei. Você é adorável – ele a abraçou e deu vários selinhos em seus lábios. — É meu amor, minha querida. Queria saber algo de você.

— Pergunte... – imaginou que se tratasse de algum assunto sobre sexo.

Ele a mirou de jeito afetuosamente. — Toparia abandonar tudo e ir embora comigo para outro país? Começar a vida do zero, eu e você. Sem Dante ou

Mércia, sem nenhum fantasma para nos atormentar.

Aquela pergunta a pegou desprevenida e não conseguia esconder a frustração. Ele segurou sua mão e a levou aos lábios e ela tomou mais um gole do vinho. — Mas por que assim, repentinamente?

— Porque posso ir trabalhar nos Estados Unidos, basta retomar umas articulações. Se disser sim, acho que no fim do ano, podemos nos mudar pra lá. Você poderia estudar, fazer o que quiser, sei lá, você escolhe o que quer — ele tentava estimulá-la. — E teríamos uma vida nova, como todo casal que quer ficar junto.

— Você vai embora? — parecia pisar em areia movediça, relutava em respondê-lo.

— Não, sozinho. Iria com você.

— Max, eu trabalho... eu, eu não tenho fluência na língua e acabei de descobrir que tenho um irmão. Ainda há minha mãe, minha avó — expirou quase exaurida.

— Entendo, tudo bem. Imaginei que poderia ser uma forma de darmos uma chance a nós, numa vida diferente e nos libertar do passado e de tudo que ele nos causa.

— Deixaria sua vida para trás, seus pacientes, seus bens, seu nome?

— Sim, num piscar de olhos. O que sei fazer, faço em qualquer lugar. Pensei em comprar uma casa, escolhida por você, que decoraria ao seu gosto, poderíamos criar cachorros, além da Zazá, ou outros gatos, caso queira... pássaros. Tudo como desejar...

— Desculpe, não estava preparada para essa ideia — estreitou o olhar. — Temos pouco tempo juntos. Não posso deixar tudo, tenho um apartamento para quitar — naquele instante, caiu em si... não tinha mais nada a cumprir. Vivia distante de sua mãe e avó, certo que havia o irmão recém-descoberto e a gata Zazá. Ainda assim, não estava disposta a abrir mão desse pouco.

— Está tudo bem — disse ele com um jeito enigmático. — Mas até o fim do ano, já teríamos mais um tempo juntos para avaliarmos. De qualquer modo, entendo você. Fica tranquila — ele afagou sua coxa, tentando esconder uma ponta de frustração.

— Por que essa ideia repentina? Quer realmente ir?

— Seria uma maneira de não sofrermos com qualquer coisa ruim que estivesse diante de nós, apenas isso. Se não faz parte de suas vontades, esqueça. Quero conversar outro assunto — ele sorveu mais um pouco do

vinho, passando as pontas dos dedos, delicadamente, na taça. — Veja bem, você pouco usufrui de minhas coisas. Então, depositarei um dinheiro em sua conta, aí você aplica, ou adianta as prestações do seu apartamento. Também vou...

— Não! – cortou-o, incisiva.

— Por que não? Vou disponibilizar também minhas aplicações financeiras. Caso algo aconteça comigo, serão suas. Não quero que fique desamparada – ele aumentou um pouco o tom.

— Vicente Max, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? Nada vai acontecer com você! – agora realmente tinha ficado preocupada. A ideia de perdê-lo representava a morte para ela.

— É só precaução. Quero que tenha uma vida confortável comigo ou sem mim.

— Meu amor, não me faz pensar coisas tristes. O que esconde?

— Não escondo nada. Quero que utilize o que é meu e, também, que comecemos a pensar em algo nosso.

— Eu já utilizo. Tenho um cartão de crédito dado por você, estou contigo, vivo em sua casa, como de sua comida.

Max revirou os olhos. — Isso não é nada, e pouco usa o cartão, precisa...

— Ainda tem o contrato de casamento – interrompeu-o. — Ele está em vigor e nós o quebramos.

— O contrato irá até o fim, para sua segurança. Vamos dizer que esse período é nosso namoro, com o fim dele, a gente decide o passo seguinte. Se desejar cobrar a multa, fale com seu irmão e pagarei – ele zombou e lhe sorriu. — Voltando a nossa conversa, farei a transferência na segunda-feira para sua conta. Não reclame, use o dinheiro, não deixe parado.

— Não deve fazer isso. Estou envergonhada, nem sei o que dizer.

— Bom, não quero que agradeça. Apenas que aceite.

Fechou os olhos e se envolveu no braço dele, aconchegando a cabeça no ombro. Ele a apertou contra o peito e, comedido, afagou um de seus seios.

— Não tem jeito, né – sussurrou.

— Amo demais. E trata de manter essas pernas fechadas para que ninguém veja o que é meu... – ele murmurou em seu ouvido e riram.

Em seguida, o jantar foi servido. O coração pesava. Será que não era melhor se aceitasse ir embora com ele? Não podia abrir mão de sua vida e de suas escolhas. Por outro lado, amava Max como nunca pensou que fosse

capaz de sentir aquilo por outra pessoa.

Naquele instante, chegavam em casa. Na garagem, saíram do carro e Max a impediu de seguir em direção à porta de acesso ao interior do imóvel.

— Não, Suna. Vá para o *deck*. Já chego lá – disse ele de maneira fria.

— O que houve? – indagou com espanto.

— Acha que ficará impune por sair comigo, assim, nua? Desisti de jogar e você me desafiou. Agora tem que pagar... – os olhos dele pareciam duas gemas negras e brilhantes e o tom não era o de bons amigos.

— Foi uma brincadeira erótica, queria te agradar. Ficou chateado?

— Su, por favor, amor. Vá ao *deck* – o timbre se abrandou, mas as feições continuavam sérias. — Vou pegar um vinho pra gente, vá – iria protestar, mas acabou desistindo.

Saiu da garagem, dando a volta em direção à piscina. Estava tudo escuro. Olhou para o céu estrelado e não havia nuvens. Escutou um estalo e a iluminação de dentro da piscina e das luminárias externas acendeu, proporcionando uma sensação de maior conforto. Já estava arrependida de ter ficado sem calcinha, pois Max era imprevisível. Tinha a impressão de que havia dois deles, um Max iluminado, ensolarado, apaixonante, e outro Max, que era a própria penumbra, dono de olhos aterrorizantes.

Ele apontou no seu raio de visão com uma garrafa e duas taças na mão, além de toalhas. Aproximou-se da mesinha, serviu as taças e a entregou uma. Tomou um pequeno gole, porque se sentia cheia. Chegou perto de Max e o enlaçou em seus braços, buscando aconchego, só que ele não correspondeu.

— O que quer, Suna? Sentir prazer?

— Agora não quero nada, apenas que desista.

— Quero que sinta prazer, mas do meu jeito. Por favor, tira a roupa.

— É tarde e o vento está frio.

— Ah! Querida, não faça isso perder a graça. Fique nua para mim – ele se sentou e ficou observando-a.

Respirou fundo e fechou os olhos, morta de raiva, mas não conseguia dizer “não” a ele. Tirou a blusa e a minissaia. Sentiu os pelos eriçarem e os mamilos entumecerem. Os olhos de Max pareciam atingir a sua alma. Cruzou o braço após um vento. Ele esvaziou a taça e a encheu de novo. Livrou-se do tênis e meia e se levantou, tirando a bermuda e a camisa, ficando de cueca *box* branca. Max tomou mais goles do vinho.

— Vamos entrar na piscina.

Arregalou os olhos. — A água está fria.

— Acho que está morna.

Ele mergulhou, o que causou um forte barulho e pingos de água caíram em seu corpo, deixando-a ainda mais arrepiada.

— Traz as taças para nós – ele pediu ao emergir. Apanhou-as e se aproximou dele, que já estava debruçado na borda. — Deita lá, vá – ele apontava para um local específico da borda.

— A água está fria, não é verão – queixou-se.

— Mas vestir saia curta sem calcinha não causou nenhum frio... – censurou ele.

— Ai, que arrependimento – reclamou, andando devagar, de má vontade.

— Deite, meu amor, por favor – ele seguia para essa parte menos funda, onde devia abeirar-se.

Assim que a pele tocou o revestimento molhado, uma torrente fria se espalhou pelo corpo. Colocou a taça de lado, abraçou-se e flexionou as pernas, deitando-se de costas. Max se ergueu sobre seu corpo, passando a mão sobre o ventre e com a outra jogou água em sua barriga. De modo automático, contraiu-a, reclamando em vão.

Ele puxou seus braços, liberando os seios e os beijou. Os mamilos estavam muito rijos e ele parecia adorar. Logo, Max desceu a mão por entre as pernas acariciando sua intimidade. Desse modo, foi esquecendo do mau humor inicial e deixando que o desejo crescesse e se disseminasse.

Quando ficou úmida, ele pediu que mudasse de posição. Orientada por ele, desceu as panturrilhas em direção à água e Max se colocou entre suas pernas. Começou a explorar seu sexo com os lábios e foi assaltada pelo prazer. Com as mãos, ele acariciava seus seios. Relaxou e entregou-se àquele momento.

Sentiu a energia se concentrar, respirava de modo curto e rápido, iria ter um orgasmo. Contudo, ele parou, mordiscando sua coxa. Acariciou os cabelos dele e olhou para o infinito céu estrelado, como um grande mistério a devorá-la, assim como o homem por quem seu corpo pulsava. A lua minguante oferecia um sorriso tímido à noite. Max voltou a lhe dar prazer e se entregou à sensação que se alastrava pelo corpo. Logo que se encontrava prestes a atingir o êxtase, ele interrompeu as carícias, outra vez.

— Não para, por favor – pediu com a voz rouca, olhando-o.

— Vai gozar, meu amor, quando eu quiser – arriou a cabeça para trás e entendeu o que acontecia.

— Isso é tortura – comentou angustiada e ele já voltava a beijá-la entre as pernas.

Max repetiu aquilo por mais duas vezes. Debateu-se, inutilmente. Era uma tortura chinesa, em que ele estava no controle. Tentou libertar-se, em agonia, mas ele travou suas pernas com o próprio corpo e voltou a explorá-la com os lábios.

— Não aguento mais, por favor – implorava. Tentou segurá-lo.

— Quanto mais arredia ficar, mais tempo vai durar o seu castigo. Não vai se tocar, Suna – ele mantinha seus braços distantes.

Mexia o quadril forçando a chegada do clímax, contudo, ele a impedia. Aquele suplício de prazer parecia não ter fim. Acabou por se entregar às correntes de ferro invisíveis e passou a gostar daquele tipo de sofrer. O que acontecia era que a sensação pré-orgasmo estava sendo estendida. Suas partes íntimas pareciam estar encharcadas e inchadas.

Em certo momento, no primeiro toque de Max começou a ter um orgasmo brutal, gemeu alto e arqueou. Entendendo o que acontecia, ele se dedicou a passear rápido pelas partes mais sensíveis de sua intimidade. O útero se contraiu fortemente por várias vezes. Por fração de segundos, pensou que não fosse parar de gozar.

Por fim, o corpo se aquietou e fechou os olhos num longo relaxamento. Não conseguia se mover depois de ser judiada da forma mais prazerosa que já teve notícias. Percebia suas carnes trêmulas.

— Ei, está bem? – finalmente ele falou algo.

— Estou morta, senhor perverso.

— Quer vir até aqui ou quer que eu vá aí?

— Vem me buscar.

Ele ergue o corpo e nem mais ligava para a água fria. Max a ajudou a entrar na piscina, puxando-a mais ao fundo, abraçando-a. Tremia.

— Recebeu seu castigo – disse ele como um alento.

— Ai, para de falar assim – nem conseguia ficar em pé direito.

— Toda vez que sair sem calcinha será punida dessa forma. E, na próxima vez, irei amarrá-la e serei mais severo. Sei que vai voltar a sair sem calcinha, porque, no fundo, gostou – não tinha forças para protestar, pois nunca tinha experimentado sensações tão intensas e loucas.

Ele a fitou nos olhos, sentia o cheiro da própria intimidade impregnado na face dele. Envergonhava-se por sua entrega, gritos e gemidos dos mais

indecentes. — O que vai fazer comigo agora? — quis saber com o riso nos lábios, entregue àquele homem.

— Vamos mergulhar. Segure o ar — eles submergiram por alguns segundos, depois subiram. Quase engoliu água. Tossiu. — Não tem jeito, não é, mocinha... — ele a abraçou mais forte e amava aquele contato. — Vou levá-la para o nosso quarto, para nossa cama e faremos amor do jeito mais tranquilo possível. Quero te dar muito carinho, beijar esses lábios lindos, penetrá-la devagar, com muito cuidado e ternura, tocando seu corpo macio de modo suave, acariciando-a com atenção e zelo — ele sussurrou. — Vou te amar do jeito que quero, da forma que me deixa mais apaixonado, com todo o meu sentimento, tesão e amor, exalando por minha pele só para você — ele cobriu os lábios sobre os seus. Amava aquele homem com ardor, todos eles, o Max ensolarado e o sombrio.

O assalto

18

Vicente Max estava tenso. Não era para menos. Havia insistido em participar de algo totalmente fora de seu arco de experiências. Estava ajudando no assalto à casa de Dante. Perguntava-se o que estava fazendo ali se os homens foram pagos para enfrentar aquela situação de risco e, caso não quisesse bancar aquilo, bastava disar três números e acionar a polícia!

No entanto, Max era afeito a rompantes e queria acompanhar a ação de perto. Ou melhor, precisa ter a oportunidade de fitar os olhos de Dante, aquele perverso dominador, que havia machucado e chantageado o que mais prezava, Suna. A verdade é que, pela semelhança a sua própria obscuridade e compulsões, passara a ter aversão a Dante. Destruí-lo era, alegoricamente, colocar fim a parte de podre de si mesmo.

Estava ali, na deserta rua de uma das residências Dante, sentado no banco do motorista da van, plotada como de uma companhia telefônica, estacionada do lado oposto e um pouco mais à frente, da casa daquele patife. O local não apareceria no raio de alcance de duas câmeras residenciais, instaladas nas imediações, segundo a equipe contratada por César.

Para ir, teve que concordar que só entraria na casa se não houvesse intercorrências. Na parte de trás da van, também tinha ficado Jota Cância, o *expert* em tecnologia, que acompanhava cada fase do assalto pelos áudios transmitidos ao *notebook* em seu colo, o qual não desviava o olhar. Jota fizera uma planta estimada da casa, que era um grande sobrado, pintado de abóbora, rodeado por janelas, murado e com um pequeno rol no acesso à porta principal.

César e Jota pareciam ter pensado em cada detalhe, estavam com telefones descartáveis com um aplicativo de voz e áudio, instalados. Todos usavam casacos com capuz, além de balaclavas, enroladas no topo da cabeça, como toucas, em caso de precisarem esconder o rosto, além de luvas. O calor era infernal, mas a tensão não permitia que se incomodasse.

Só que quando pensava na equipe que César tinha arrumado, mais receava qualquer desliz daquela empreitada. Foi apresentado ao restante como Foca, César era Romano e Jota já era apelido, a quem já conhecia. Os outros três integrantes eram Guga, Merreca e Santo, os dois últimos já possuíam condenações por assalto e detonação a bancos e estavam na condicional.

— Estão demorando... — comentou com Jota.

— Não é fácil arrombar portas sem chamar atenção da vizinhança — cochichou Jota atento aos áudios dos celulares que vinham para o fone dele. Ele era sério, parecia ter ascendência indígena, com a pele morena e olhos apertados. — Fica tranquilo. Acabaram de passar pela porta da frente, lá têm muitas grades, como imaginei. Os abridores elétricos de cadeados e fechaduras que projetei estão dando certo.

Se não dessem certo, iria descobrir naquele momento? Nada comentou. Imaginou que o pior momento era aquele, entrar na casa com as crianças e a mulher gritando, além daquele marginal do Dante que nem sabia como reagiria. Outra preocupação era se César conseguiria controlar a trupe que ele havia arranjado. O grupo levava duas pistolas de choque à distância. O acerto era utilizar arma de fogo apenas para intimidar.

Dois rapazes passavam pela rua e desviou o olhar para o volante. Um temor estranho começou a atormentá-lo. — Devíamos ir agora — insistiu com Jota.

— Temos que seguir o plano para que a situação seja mantida sob controle. Romano irá nos chamar.

Fechou os olhos e cada segundo parecia minutos. Para Suna, dissera que estava numa cirurgia de emergência, sem hora para acabar. A verdade era que, naquele dia, pouco tinha se dedicado ao trabalho. Havia realizado um procedimento pouco invasivo, pela manhã, visitara outros dois pacientes internados e pedira a Geovana, sua nova assistente, que remarcasse a agenda daquela segunda-feira.

Ouviu mais passos e risos. Pelo retrovisor, avistou um grupo de cinco pessoas que andava em direção à van. Sobressaltou-se. O coração disparou.

Observou com mais calma e carregavam cadernos e mochilas. Eram estudantes. Acalmou-se. Desde o meio da tarde, estava enfiado no escritório de César, acompanhando as preparações. Nem ele, nem Jota conseguiram movê-lo de sua intenção de estar ali.

—... Certo – respondia Jota – Max retomou a atenção.

Jota lhe tocou no ombro. — Vou lá terminar a busca dos eletrônicos. Eles já recolheram algumas coisas e vou olhar outra vez. Romano pediu que você fosse junto – ficou apreensivo. — Agora pode colocar o fone no ouvido para acompanhar – Jota lhe passou o celular e os fones. — Aprendeu a mexer caso o aplicativo caia? – o rapaz lhe perguntou e ele assentiu. — Fecha o carro com calma e saia depois de mim.

Jota colocou dois sacos de tecido escuro por dentro do casaco, levantou o capuz e desceu pela lateral da van de modo despretenso, andando devagar até chegar ao outro lado da rua. Escutava só ruídos pelo fone, não havia gritos ou choros. Estranhou e ficou um pouco em pânico.

— Ce... Romano, o que aconteceu? – questionou pela entrada de áudio do fone. Aquela vivência na bandidagem lhe amedrontava, sentimento raro em sua vida. Estava nervoso. Procurou portar-se do mesmo jeito que Jota. Puxou o capuz por cima da balaclava enrolada e colocou as mãos no bolso. Tentando acalmar-se, atravessou a rua, empurrou o portão, passando por um curto caminho até chegar ao rol, dando de cara com dois dos homens encapuzados.

— Foca, deu uma merda aqui – reconhecia a voz de César. — Baixa a balaclava.

— O que houve? – perguntava enquanto colocava a máscara com o coração aos pulos.

— Guga, pega a van e leva para o acesso dos fundos da casa – César ordenava e Max entregou a chave ao rapaz.

— A mulher e as crianças ... – continuava César.

— O que houve? – o medo torturava a alma, havia estudado por anos para salvar vidas, nada podia acontecer sob sua tutela.

— Calma, ouça. O bandido do Dante mantém a mulher e as crianças enclausuradas num quarto escuro... – disse ele.

Uma tormenta o arrebatava. — Repente, como? Onde está Dante?

— Eles devem estar presos há muito tempo. É de cortar o coração.

— Onde estão? – foi entrando na casa.

César segurou seu braço. — Minha preocupação é o que faremos agora.

Estranhou aquela argumentação. — Salvá-los. Levamos para o hospital.

— Não podemos sair com eles. Além disso, os caras ficaram com gana de Dante...

— Deixa-me ver as crianças... e segura seus parceiros.

Seguiu César com o coração aflito. Rápidas reflexões explodiam na mente. Não conseguia imaginar a que a mulher e as crianças estavam sendo submetidas e há quanto tempo! Suna contara que havia sete anos que se separara de Dante. Poderia ter sido ela, caso tivesse se casado com aquele demônio. O coração tamborilava com selvageria.

Na cozinha, desceu uns quatro degraus abaixo do piso, o que deveria ser um depósito, construção atípica comparada a arquitetura comum das casas brasileiras.

César segurou seu braço. — O mau cheiro e as condições são horríveis. Ela quase não fala, nem o rapazinho.

— Então, quando ele desapareceu, o safado os deixou trancados? – refletia em voz alta.

— É o que parece... – concordava César.

César apenas empurrou a porta e saiu. Sentiu o bafo podre e quente, uma mistura de banheiro sujo, suores e comida estragada. Precisou se abaixar um pouco para passar pela soleira e entrar naquela prisão. A iluminação era fraca, e não havia janelas, apenas um pequeno comungó de vidro e grades de ferro. A bagunça era generalizada, mas fixou o olhar na mulher, segurando um bebê no colo e um garoto raquítico, sentado ao lado dela na cama. Eles o fitaram como se ele fosse um alienígena.

Hesitou por alguns segundos. — Olá... tudo bem? – tentou ser simpático. Mas eles apenas o observavam curiosos. — Quero ajudar e tirar vocês daqui – comentou ainda com os sentidos querendo paralisar. Em anos de medicina, nunca tinha visto um caso como aquele, uma total situação de abandono e descaso. A mulher nada disse, mas sentiu a emoção transpassar o semblante. O bebê apresentava os braços e pernas um pouco atrofiados. Próximo a ela, havia um respirador infantil. Devia ser portador de alguma doença neurodegenerativa, nunca poderia viver num ambiente insalubre como aquele. O garoto o observava com olhos muito dilatados. — Não é certo que vivam aqui, assim – tentava criar empatia, embora imaginasse que iria ser difícil. — Merecem sossego, conforto, alimentação... – falava pausadamente.

— O bebê precisa de cuidados especiais... Eu, eu vou ajudar vocês – repetia num tom brando e na certeza de que cumpriria aquelas palavras enquanto vida tivesse. Lágrimas estéreis desciam do rosto da mulher. — Podem me dizer como se chamam? – perguntou com a suavidade de uma pluma, levantando a balaclava. — Mostro meu rosto e aí me dizem os nomes.

A mulher continuava em silêncio, era uma face de traços que mantinha resquícios de uma beleza que resplandecera um dia. Os cabelos escuros desgrenhados, tinha muitos fios brancos e pareciam que não eram penteados há tempos. As roupas deles estavam puídas e os chinelos, sujos. O bebê usava apenas fralda descartável.

Passou os olhos ao redor e avistou um banheiro sem porta, uma cadeira junto à mesa e sobre ela, pacotes de fraldas descartáveis, algumas caixas de remédio, uma lata de leite em pó, duas mamadeiras usadas e, ao lado, um garrafão com água mineral. Havia também outra cama, onde o garotinho devia dormir e um amontoado de fraldas e papéis sujos junto ao banheiro. Os olhos de Max marejaram e o sentimento de compaixão o tomou.

— Be... Beatriz – finalmente falava. Ela olhou para o menino ao seu lado. — Pedro – em seguida, observou o bebê. — E Rafael – a mulher murmurou com medo, revelando uma dentição estragada, sendo Dante um dentista. O ódio a Dante crescia feito erva daninha dentro do peito.

— Estão sentindo alguma coisa? Assim, alguma dor.

— Alegria – Beatriz relevava e caía num choro compulsivo, mas continuava com o corpo paralisado sem se mexer.

Foi até eles e se agachou, com o coração estarrecido. — Calma... tudo ficará bem.

— Ele... ele corta a água quando está com raiva e deixa a gente sem mantimentos – ela dizia como se justificasse a sujeira e o descaso com os filhos – Max apenas assentiu buscando transmitir compreensão.

O bebê mexeu um pouco os bracinhos e escutou um soluço fraco. Ele precisava de um hospital urgente. — Licença – apanhou Rafael e percebeu que o bebê estava com certo grau de perda dos movimentos, baixo peso e o controle da cabeça comprometido.

Devolveu o bebê para mãe e Pedro continuava observando-o. Afagou a cabeça dele que reagiu abruptamente, recuando. Foi até a mesinha, e verificou as medicações, antibióticos para infecção respiratória. De algum modo, o bebê estava indo ao médico.

— Vou sair e já retorno. Vamos a um hospital.

— Não vá ... não deixa a gente – pedia Beatriz com dificuldade para se expressar.

— Então, venham comigo. Preciso resolver algumas coisas lá fora.

— Não posso sair. Ele não deixa.

— Dante não manda mais em vocês.

— Ele... ele... o que aconteceu? – a face dela de desespero o assustou. Rapidamente, recordou-se da Síndrome de Estocolmo.

— Dante está bem... – enquanto dizia, um dos homens apareceu na porta.

— Já volto, então. Está tudo bem, fiquem tranquilos – não tinha garantias daquilo.

Saiu tonto e alarmado pelo que acontecia. Recolocando a máscara, foi até a sala. — Ô ô, Foca por que não responde ao áudio? A gente já vai sair, Romano mandou te chamar. No meio da sala, avistou Dante amordaçado e amarrado numa cadeira. Estava com um olho inchado e a camisa rasgada. Queria esmagá-lo. Era um animal.

— Onde está Romano? – indagava instável.

— No andar de cima com Santo. Jota está terminando a busca com Guga – explicou Merreca. — Podíamos levar algumas coisas a mais... A tevê é boa, o som também – Max revirou os olhos sobre a conversa do malandro.

Seguiu em direção a Dante, que o mirava com aqueles olhos claros e perversos. Retirou a mordaça. — Que tipo de homem é você que deixa a mulher e dois filhos confinados sem água? Um bebê portador de uma doença grave! Não se faz isso nem com animal! – nem esperou ele responder, deu-lhe um murro e a cadeira balançou. A mão doeu, porém, o sangue vertia do nariz de Dante, que soltou um grito.

Afastou-se mais e percebeu Merreca se aproximar. — A gente devia dar fim nele – cochichou a Max.

— Quer ser condenado de novo? Pois, no final, é isso que vai acontecer... – respondeu ao rapaz magro e de estatura mediana.

— Não são meros ladrões. Você, grandalhão, não é do crime. Já até posso imaginar quem te mandou aqui – Dante o ironizava ao se referir a Max.

— Diga, sabichão, perverso, agressor... – voltou na direção dele, espumando.

— Vou dar mais sopapo nele! – Merreca queria bater mais em Dante.

— Não, Merreca, não... – interferiu. O patife apenas ria num cinismo

malévolo.

Nesse momento, César desceu as escadas abafado, acompanhado por Santo. — Sujou, sujou. A polícia está vindo... — dizia Santo esbaforido.

— Têm duas viaturas se aproximando. Em bairro assim, eles não viriam sem uma motivação. Vamos — falava César e Dante ria. — Quem liberou a matraca desse doente? — afastaram-se para que Dante não os ouvisse.

— Jota terminou o serviço, vamos... — insistia César.

— E Beatriz e os meninos? Não vou deixá-los para trás — avisava.

— A polícia os encontrará depois...

— Quais garantias você tem?

— Preste atenção! Não podemos sair daqui com essa mulher e as crianças. Isso é sequestro. Vamos denunciar à polícia essa situação — sugeria César.

— Endoideceu, César. Esse monstro vai escondê-los outra vez. Eles estão desaparecidos há sete anos — argumentou tenso.

— O que quer fazer? — perguntava César, aos nervos, abrindo os braços.

— Esperar... — ouvia as sirenes. Jota gritou que seguiria pela saída dos fundos, com os itens recolhidos ensacados e esse foi seguido por Guga e Merreca.

— Não posso ir preso por causa de bate-boca — alegava Santo.

A tensão aumentava. Max se sentia dividido. Dante iria seviciar a própria família e subjugar a outra vez, sendo escondida em locais ainda piores. Sem cuidados adequados, o bebê não sobreviveria muito tempo. Por outro lado, tinha apostado naquela investida para descobrir onde estavam armazenados os vídeos que motivavam as chantagens de Dante sobre Suna e, pelo que tinha visto, grupo estava saindo com um bom material de busca.

Caso fosse preso, seria um escândalo. Já correria risco o bastante com as fidelizadas contratadas ao longo da vida. E bastaria apenas uma notícia ruim a seu respeito para que toda lama sobre seu passado viesse à tona. Sempre soube que um aspecto negativo sob holofotes puxava e encorajava outras denúncias, mesmo que tenha comprado o silêncio, mesmo que tenha pagado muito bem por isso.

De todo modo, ficar ali representava a chance de libertar Suna, Beatriz e os filhos dela do terror que era Dante. Poderia ser preso, mas Dante finalmente seria encontrado e pagaria pelos crimes contra aquelas mulheres e crianças, além dos outros estelionatos que, eventualmente, carregasse nas costas.

— Vão, vou ficar... — tirou a balaclava, o casaco e entregou o celular a

Santo.

— Tá louco, não é herói. Meu irmão, se liga, nem a polícia pode invadir aqui sem um mandado – alegava César, tentando convencê-lo a desistir.

— Doidão, *tu vai* morrer na cadeia – gritou Santo.

O barulho da sirene ficava mais forte. Pensava em alguma coisa. Estava sem saída. Nesse instante, César tirou a máscara e celular e entregou a Santo. O amigo correu até Dante e cortou os adesivos que o prendiam à cadeia. — Ajude aqui, ajude aqui – Santo o ajudou a liberar Dante.

Rápido foram conduzindo-o até o rol de entrada da casa e o mequetrefe se debatia. César fez um movimento com o rosto apontando para a grade de saída e juntos empurraram Dante naquela direção, ele se debatia e gritava. — Limpa os rastros e vá, Santo. Faz direito – designava César.

— Não fique – Max gritou para César enquanto Dante tentava atacá-los. Os sons da sirene ficaram fortes.

— Não vou te deixar sozinho nessa – num rompante jogaram Dante sobre um lado da grade e abriram a outra parte.

E tudo foi rápido. Assim que Dante se desequilibrava no passeio, avistaram as viaturas. Dante tentou correr, mas eles o seguraram.

— Vamos acabar com você, doutor metidinho. Vou foder Suna todinha, como trepei na primeira vez, como fiz por anos até enjoar. Será na sua frente – Max quis matá-lo naquele instante. Possesso de ódio, partiu para cima de Dante, esmurrando-o. Não se deu conta dos pneus freando, dos reflexos azuis e vermelhos do giroflex. Foi rendido por um policial e ameaçado.

Logo uma aglomeração de pessoas saiu de suas casas para observá-los. Os três foram colocados contra a parede e revistados. Sentiu uma dor no maxilar. Na confusão, havia levado um soco de Dante. Ele e César entregaram os documentos. Quando os ânimos se aquietaram, avisou sobre Beatriz e as crianças.

Deixou que César explicasse a situação. Ele alegou que vieram questionar Dante sobre uma chantagem, brigaram e descobriram a família escondida no depósito da cozinha. O capitão achou a história fantasiosa e resolveu levar os três para a delegacia. Seguiram numa viatura, algemados. A outra viatura aguardava a ambulância para levarem Beatriz e as crianças, e aquilo já era um alívio.

∴

Chegaram à delegacia sob um clima tenso. Foi separado de César e levado

para depor. Pedira para telefonar para Marcel. O ambiente era hostil em toda a delegacia. Sentira-se constrangido, mas permeava os sentidos a certeza de que fizera o certo. A delegada, uma mulher baixinha, de temperamento forte, havia lhe passado um sermão ao ver sua carteira do Conselho Regional de Medicina. Ela quisera entender, como ele, um médico, havia se metido numa briga de rua e era suspeito de invadir uma casa. Nada havia respondido, contendo a raiva.

Quando Marcel chegara, contara-lhe o que tinha tramado. Mesmo praguejando e aborrecido, o advogado fora conversar com César e, depois, com a delegada. Numa etapa seguinte, Marcel o havia orientado sobre o que ele deveria responder, pois seria interrogado outra vez. Enfim, naquele momento, ao menos não estava mais na cela e, sim, numa cadeira, na expectativa dos desdobramentos. Não sabia se seria preso ou liberado. Ainda assim, mantinha-se resignado acerca de sua postura.

A madrugada avançava. Marcel retornou acompanhado de César, que tinha ficado em outro local.

— Consegui liberar vocês do flagrante. Irão responder processo em liberdade, ao menos, não vão dormir no xilindró – ralhou Marcel. — Vamos pegar os documentos. São dois irresponsáveis... Não aguento mais suas merdas, doutor Vicente Max. Já está velho, mano.

— E Beatriz e as crianças? – quis saber.

— Estão no Hospital Alberto Santos – respondia Marcel de má vontade. — Armaram por minhas costas e depois me chamam para limpar as merdas. Que bonito, não é senhor Max! Preso, abordado, por estar invadindo domicílio! Vai responder processo e ainda levou um murro, correndo o risco de ter alguma lesão nos braços e mãos – o policial que entregava os documentos, observava-os com indiferença. Marcel continuava dando esporro. Por um aspecto tinha razão, seus braços e mãos eram instrumentos de trabalho.

— Abrimos as fechaduras, não arrombamos as portas – alegou César quando desciam as escadas da delegacia.

— Não foi o que os vizinhos viram, né, e nem o que a perícia irá constatar – rebateu Marcel. — Ô César, desde quando companhia telefônica fica estacionada em ruas depois das vinte e duas horas? E os funcionários vestem casacos pretos com capuz? Hum, chapeuzinhos negros – desdenhou o advogado. — A polícia recebeu umas três ligações de vizinhos, insistindo sobre assalto na rua. É bairro popular, mas é rua de família – Marcel parou no

estacionamento e se voltou para eles. Max sabia que teria de escutar muita reprimenda do advogado. — Se tinham descoberto a residência de Dante antes dos investigadores, deviam ter comunicado à polícia. E vai dar mais confusão, pois vocês tiraram equipamentos de lá — Marcel olhou-os sem esconder a zanga e quando isso acontecia, as escleras dos olhos ficavam mais evidentes. — Max, e o que Suna vai pensar quando souber de sua prisão? Saiba que ela já me ligou tarde da noite, querendo saber notícias suas. Está furiosa atrás de você, inclusive, ligou para os hospitais em que trabalha em busca de notícias.

— Suna não vai saber de nada, não vou contar. Nem você.

— Até quando ficará escondendo esqueletos no armário? Ela não é burra e não fique me envolvendo em suas mentiras. Só conte comigo por um segredo e sabe bem qual é.

— Outra coisa, não quero que conte nada a Diego sobre o que aconteceu hoje... — pediu Max ao advogado que assentiu, arregalando os olhos.

O caminho todo havia sido ouvindo broncas e as reclamações do advogado sobre o que tinha acontecido e os riscos que correria. Escutou calado. Marcel os deixou onde estava o seu carro e depois deu carona a César.

— Por pouco, hein, Vicente — comentou César.

— Manda Jota vasculhar as senhas e equipamentos que levaram. Se encontrarem vídeos e imagens, não olhem, está certo? Estou na confiança de que vão respeitar.

— Nem se preocupe. Amanhã cedo começamos, pois teremos de devolver os equipamentos. Vou colocá-los na outra casa de Dante — armava César.

— Nem quero saber de suas artes, depois de hoje. E aqueles malucos que você arranjou! Santo! Merreca... Tudo com ficha corrida. Esse Merreca queria levar a casa de Dante na van, tevê, equipamento de som.

— Um dia ainda daremos risadas dessa aventura — César zombou, Max o olhou incrédulo. — Esses caras sabem do traçado. Foi Santo que identificou ao longe as viaturas, caso contrário teria sido pior, a polícia tinha abordado a van com a gente dentro e celulares, *notebook*, *drives* e CPU de Dante conosco. Outra coisa, viu o que Dante disse quando percebeu quem você era? "Vamos te destruir". Eu te disse que ele está com outros.

— A situação é complexa — refletia.

— Mas preso, ele é capaz de confessar — concluía César. — Não pensa que Marcel tem a ver com isso, não é?

— Marcel é meu irmão. Depois de hoje, vou ter que conversar com ele. Não diga nada. Eu converso quando decidir.

— Vai pra casa, descansar.

— Não. Vou ao hospital verificar Beatriz e os meninos. Prometi que vou cuidar deles e assim farei. Que situação deplorável daquela mulher e crianças! – balançava a cabeça perplexo.

— Não tem jeito. Vai assumi-los?

— Ajudarei no que for possível.

Cumprimentaram-se e arrastou o carro em direção ao Hospital Alberto Santos.

Prazer, Elisa

19

O sol despontava no horizonte, lançando sutis raios luminosos sobre a penumbra que a havia dominado naquela noite. Suna não pregara os olhos. Tantos pensamentos ruins perpassaram pela mente como flechas que ricocheteavam de um lado a outro, perfurando as expectativas, recriando o caos, chacoalhando-a frente à realidade.

Max havia passado a noite fora enquanto ela tinha ficado sobre o sofá da sala, apreensiva, temendo que algo ruim tivesse acontecido com ele, acompanhada pelo telefone e por Zazá. Havia ligado para os hospitais em que trabalhava e descobrira que ele não tinha operado em nenhum deles, na última noite. Enviara dezenas de mensagens para o celular, algumas delas desesperadas, outras ensandecidas, consumidas pela raiva. Ele não tinha visualizado nenhuma.

Procurara Diego, que era cirurgião da equipe de Max, mas ele desconhecia onde Max poderia estar. Diego ainda se oferecera a lhe fazer companhia. Porém, como não eram tão próximos, havia-o dispensado. Buscara notícias com Marcel, deixando transparecer seu desalento. E o advogado também nada sabia, pedira que se acalmasse, dizendo que Max deveria estar em algum atendimento. Tivera a leve sensação de que Marcel lhe escondia algo.

Da preocupação, os sentimentos migraram para uma ira insana. Até que no meio da madrugada, Max enviara uma seca mensagem, dizendo estar tudo bem e sustentando que acompanhava um paciente no hospital.

Simplesmente, apanhara a gata e fora para o antigo quarto, onde ainda mantinha suas roupas. Trancara-se lá. Vira o dia amanhecer e nenhum

movimento dele em casa. Será que Max tinha dormido com outra mulher? Aquilo perturbava os sentidos e atingia sua estima.

Vivenciaram momentos tão bons na casa de praia que imaginava estar dentro de uma relação tão sólida que não haveria espaço para outra pessoa entre eles. Mas como entender a cabeça de um homem? E que outro motivo teria Max para não retornar para casa? Sabia que ele não estava operando e que não havia se acidentado, afinal, tinha enviado um sinal de vida.

O dia amanhecia. Fechou os olhos enraivecida, pois teria que ir trabalhar em poucas horas. Por volta das nove horas, levantou-se. Havia cochilado durante a manhã. Dulce lhe contou que Max havia chegado, tomado banho e saído de volta ao trabalho. Aquilo foi mais uma facada no peito. Não demonstrou sua raiva para Dulce. Engolia em seco as informações e elas desciam cortando a garganta.

O dia correu intenso e parecia devorar as horas. Havia trabalho seu turno no Maresia e ainda tinha procurado ficar um pouco mais. Max enviara mensagens, mas ela resolvera lhe dar um gelo. Não respondera nenhuma, nem atendera suas chamadas. Havia comprado um lanche na rua e voltado para casa, entrando de fininho no apartamento. Max já havia chegado, mas não procurou por ele. De modo rápido, entrou no seu quarto, trancando-se.

A sua noite sem dormir, o sofrimento em silêncio e suas desconfianças não iam sair barato para ele. Não demorou muito, Max tentou abrir a porta.

— Suna, meu amor, tudo bem? Abre a porta, por favor – ele falava do outro lado. Silenciou. Ele então bateu forte. — A gente precisa conversar, abre aí – pedia mais uma vez e nada respondeu. — Deixe de cianice. Não respondeu minhas mensagens o dia inteiro, não atendeu minhas chamadas e agora vai ficar aí trancada, escondendo-se como uma garota mimada! – rosnou ele.

A raiva explodia como um vulcão. Agora que não iria abri-la mesmo. Mas foi até a porta para que ele a escutasse. — Passa a noite fora e agora vem me acusar de infantil! Você que é uma criança, pois não assume as situações em que se mete. Max, vá dormir, porque estou com muita raiva.

— Su, não fiz nada demais. Operei em outro hospital, foi uma vítima de tiroteio, fui chamado às pressas para ajudar um colega.

— Ah! E ninguém de sua equipe sabia? Diego não sabia, pensava que você estivesse comigo. Sua nova assistente ainda me disse que você remarcou todos os pacientes na clínica – respirava com dificuldade e ele falava, mas

não o escutava. Aumentou seu timbre de voz. — Sabe o que vai acontecer? Amanhã checo as vítimas de tiroteio na cidade e vou descobrir que você não esteve lá. Aí, saberei que está contando mais uma mentira. Então, você é capaz de acrescentar que o hospital era em Feira de Santana, ou em Camaçari, ou até que pegou uma ponte aérea. Pelo amor de Deus, Max, chega de história da carochinha. Isso até me ofende. Está me tomando como imbecil!

— Pensa que estava onde? Com outra? Não acredito que passa por sua cabeça que estive com outra mulher – ele se exasperava. — Acha mesmo, em sua sã consciência, que tenho condição de dar conta de outra mulher? Pensa que sou o quê? Uma máquina... Não é nada disso.

Pelo reverberar da voz e a sombra que se projetava pelo vão na soleira, percebia que ele tinha sentado no chão, encostando na porta. Fez o mesmo, do lado oposto. — Não vai dar um nó na minha cabeça como fez na última sexta-feira. Você foi procurar Mércia?

— Claro que não. Su, ouça. Estou morto de saudades, por favor, não quero brigar. Tenho quarenta e oito horas sem dormir. Deixa te dar um abraço. Pode ficar sem falar comigo, desde que não me prive de você... Suna, por favor, com calma, explicarei tudo. Preciso de você, do seu cheiro, de sua pele junto à minha. Te amo, meu amor, não é nada do que está pensando.

O coração apertava por escutar aquelas palavras. — Max, vá dormir, porque também tenho quarenta e oito horas sem pregar os olhos – gritou no final da frase. — Sabe qual o seu mal? Esquecer das consequências do que faz. Passei por minutos, segundos, horas terríveis e angustiantes e você acha que vai resolver tudo na cama? – alterou-se.

— Ai, Suna, a gente não vai resolver nossos problemas na cama, mas não quero passar mais uma noite sem você. Sai daí, vem pra mim – ele suplicava e começava a ficar dividida.

— Boa noite, Max, vou tomar banho e dormir. Bons sonhos pra você.

— Su, você é muito teimosa e me desafia sempre que tem oportunidade. Mas te amo mesmo assim... – ele falava como se fizesse um favor em amá-la. Não mais responderia. Levantou-se e começou a tirar a roupa. — Vem ficar comigo, por favor. Não estive com ninguém – continuou calada. — Quero dormir de conchinha contigo apenas, é só disso que preciso, cheirar teu cabelo, te abraçar – continuava deixando-o no vácuo. Sabia que se saísse, iria render-se a Max, que contaria outra história e ficariam de boa. Amava-o

muito e aquele amor era um veneno que criava brumas sobre sua racionalidade. Ele parecia ter se levantado e bateu com força na porta. — Nunca vi uma mulher tão birrenta! — em seguida, com raiva, ele a chutou. Assustou-se com receio de que Max fosse arrombá-la. No entanto, ele se foi.

Tomou um banho e caiu na cama, com a alma mais tranquila. Não sabia como estava a de Max, contudo, não iria preocupar-se visto que ele não se importara com a sua.

∴

Acordou e esperou que passasse o horário que, rotineiramente, Max levantava e ia trabalhar. Só, então, saiu para seu café. Deparou-se com Dulce com o semblante de poucos amigos.

— Bom dia, Suna.

— Bom dia, Dulce — ela sentou na bancada ao seu lado enquanto se servia de uma fatia de mamão.

A governanta a observava enviesada. — Não é de minha conta, mas doutor Vicente é um homem muito bom, não merece desprezo. Ele é um homem de palavra, caridoso, mesmo que aparente ser duro.

— Dulce, não me leve a mal, mas você é suspeita para falar de Max. Se ele tivesse um fã clube, você seria a número um.

Ela expirou longamente. — Depois não vai se arrepender — comentou.

— Estou aborrecida e tenho minhas razões — disse de má vontade sem querer discutir sua relação com Dulce.

Dulce pôs um pouco de café preto numa xícara e bebericou. — Sou muito fiel a doutor Vicente, mas não é por puxa-saquismo — ela a observou e bebeu um gole de suco. — Nos conhecemos no hospital Santo Antonio logo que ele chegou aqui na cidade. Ele operou meu marido por duas vezes.

— Não sabia que tinha sido casada, Dulce.

— Sou viúva. José não resistiu ao câncer que se alastrou pelo organismo. Meu marido morria aos poucos e nosso único filho, José Filho, um garoto na época, estava viciado em drogas, e tinha parado de estudar. Enfim, ficamos à mingua, sem nada. José era autônomo, motorista de táxi alugado.

— Sinto muito — parou de comer para escutá-la.

— Não tinha dinheiro pra nada e o traficante nos ameaçava por dívidas feitas por José Filho na boca de fumo. Estava vendo a hora de uma tragédia. Meu desespero foi tão grande que um dia fui ao hospital procurar doutor Vicente. Pensei nele porque tinha sido tão atencioso após as cirurgias do meu

marido, sempre que nos encontrava, perguntava como estava a evolução de José. Enfim, esperei por horas até que ele pôde trocar umas palavras comigo. Falei sobre minha situação e pedi que me arranjasse um emprego. Hoje estou aqui, Suna. Ele me deu mais que um emprego. Ajudou-me a internar meu filho numa boa clínica. Mudamos de bairro, começamos uma vida nova – os olhos de Dulce marejaram de lágrimas e os músculos da face estavam trêmulos de emoção. — E tudo que ele me pediu de volta foi que não contasse essa história para ninguém e que fosse reta e decente no meu trabalho – lágrimas rolaram pelo rosto de Dulce.

Suna afagou a mão dela. — Imagino a imensa gratidão que tem a ele – disse comovida.

— Sabe, não vim logo para cá. Ele testou minha fidelidade. O primeiro trabalho que me deu foi na clínica, como atendente, fiquei lá por muito tempo. Antes, ele morava num *flat* que tinha os próprios serviços. Há uns quatro anos, doutor Vicente se mudou para esse apartamento, depois se deu conta de que não conseguia administrá-lo e não queria funcionárias fixas. Ele gosta de privacidade – a governanta soltou um leve riso. — Sabe, ele chegava na clínica com as camisas amarrotadas, sem se alimentar direito, pedindo que comprasse *fastfood*. Ficou até mais gordinho, nessa época. Então, me ofereci para vir pra cá, ajudá-lo a administrar suas coisas pessoais... – Dulce se recompôs. Tomou outro gole de café e foi se levantando. — Enfim, hoje tenho minha casa, meu carro, resolvi fazer uma faculdade à noite, e doutor Vicente me deu o maior apoio. Meu filho está perto de se formar em Direito, e está empregado. Temos outra vida. O que quero que entenda, Suna, é que doutor Vicente é um homem maravilhoso e não digo isso porque quero manter o meu emprego. Ele me ajudou quando mais precisei. Ele salvou meu filho. Embora eu não tenha idade, sinto-me um pouco mãe dele...

Expirou de modo profundo. — Obrigada por compartilhar de sua vida comigo – ela se levantou e deu um abraço em Dulce. Comoveu-se.

— Só não conte que te confidenciei essa história. Ele não gosta que fiquem falando quando ajuda pessoas.

— Está bem... e o que estuda, Dulce?

— Licenciatura em Letras.

— Que bacana!

Assim que terminou o café, foi se arrumar para o trabalho. Escolheu um vestido verde petróleo, calçou um *scarpin* vermelho de salto médio, fez uma

leve maquiagem num tom rosado e saiu. Logo que chegou ao Maresia, dirigiu-se ao escritório, ainda pensando na história que Dulce havia lhe revelado. Tinha que reconhecer, Max era um homem generoso.

— Que bonitas! – elogiou o arranjo de lírios sobre a bancada.

— Chegaram para você – disse Adalton. — Alguém está inspirado – ele lhe sorriu.

Era um arranjo de lírios brancos e ornado por folhagens, acompanhado de um *kit* com bombons de chocolate. Já sabia que eram de Max. Apanhou o cartão e estava lá em sua caligrafia inconfundível: "Te dou flores, mas também queria te dar estrelas. É meu aceno de paz. O chocolate é para adoçar sua alma. Te amo, minha Suna. PS. Você não me escapa hoje. Morto de saudades, Seu Vicente Max". Sorriu. De um jeito ou de outro, não conseguiria levar adiante aquela zanga. Abriu a caixinha, provou um bombom, oferecendo a Adalton.

— Delicioso – provou o gerente. — Espero que mais inspirações como essas alegrem nosso trabalho mais vezes, Suna.

Começou a trabalhar. Conferia, no estoque, os itens que precisava enviar pedidos aos fornecedores. Estava entretida em suas tarefas quando seu celular tocou, pensou que fosse Max, mas era Marcel.

— *Como está, Suna?*

— Bem e você?

— *Tudo certo. Não sei se Max te falou, mas Dante foi preso na madrugada passada.*

Aquela notícia a impactou num misto de alívio e consternação. — Meu Deus! E agora?

— *Ele será processado não só por agredi-la. Há várias acusações contra ele. Vou fazer de tudo para que fique preso até o julgamento.*

— E as imagens?

— *Isso é outra etapa, mas começaremos a investigar e será mais fácil –* Marcel alinhavava o assunto. — *Está certo hoje para irmos ao laboratório?*

— Sim, pode ser às quinze horas.

— *Passo para te apanhar.*

Após finalizar a ligação, fez os pedidos aos fornecedores e foi conferir a arrumação das mesas e a disposição dos talheres e Maya surgiu em seu raio de visão.

— Está bonita, senhora Suna Ferraz.

— Obrigada, May. E aí? Já providenciando a mudança.

— Sim, amanhã já durmo em sua casa.

— Em sua casa agora, May. Deixe de ser boba – tinha cedido seu apartamento para que ela morasse, afinal estava fechado.

A amiga lhe sorriu. — Sabe quem me ligou há pouco?

— Quem?

— Seu marido...

— Max? – o semblante não poderia ser de maior espanto.

— Não sabia? Você e ele acabaram de me convidar para darmos aquela saída hoje à noite. Vamos a um bar com jeito de *pub* e som *cover* do Nirvana – Maya sacudia o torso, animada, como se estivesse dançando, fazendo o símbolo da mão chifrada, típico de roqueiros. — Bom estranhei ele ligar, mas gostei.

— É que nós estamos meio brigados – comentou econômica.

— Algo sério?

— Não... – Maya já escutara suas lamentações acerca de Mércia, não iria contar-lhe sobre a noite horrível que havia enfrentado poucos dias depois da médica tê-la confrontado no trabalho.

— Então, vamos?

— Vamos sim – ficaria constrangida de dizer a amiga que não iria. De qualquer modo, estava na hora de se livrar daquele mal-estar, porém Max é quem não escaparia da conversa franca que precisariam ter.

— Vai ser legal, Suna. Anime-se. Ah! Deixa seus vestidinhos de lado, e põe uma calça e uma camiseta bem apertadas – gargalharam.

A manhã havia corrido. Almoçou rápido na cozinha do Maresia, pois já estava quase na hora de Marcel buscá-la. Foi ao banheiro, escovou os dentes, arrumava os cabelos quando recebeu a mensagem do irmão. Ele acabava de chegar. Saiu trotando em direção ao carro e seguiram para o laboratório.

Marcel parecia tenso com o exame, mas ela, depois dos atropelos emocionais constantes, não estava apreensiva. No fundo, sentia que ele era seu irmão. Seu único anseio era para conhecê-lo melhor, conversarem mais.

— Não tenho dúvidas de que é meu irmão – precisava compartilhar daquele sentimento com ele.

— Mas temos que ter a prova – ponderou ele. — Tenho receio de que todas as minhas expectativas sigam por água abaixo.

— Pois eu não. Depois do que me contou sobre o romance entre meu pai e

sua mãe, associado ao que a minha mãe me revelou, tenho certeza que o exame será positivo.

— Que bom que pensa assim, Suna – ele lhe sorriu. — Como minha mãe casou e foi para São Paulo, acabamos crescendo afastados dos parentes e desde que eles morreram, sinto-me muito só.

— Tem Max, não? Agora tem a mim e a minha família.

Marcel riu dissipando a tensão. — Ele também é um cara só, quer dizer, não mais agora, que está contigo. Na verdade, somos que nem irmãos mesmo, divergimos muito, não concordo com algumas posturas dele, mas somos muitíssimos próximos.

— Como assim, diverge dele?

Marcel a observou enviesado. — Vamos combinar, para não existir problemas, não vou comentar com você o que penso sobre Max porque tenho apreço pelos dois.

— Max é cheio de protetores. Tem você, Dulce...

— Minha família faleceu, mas cresci num ambiente feliz, tive carinho e atenção. Max teve pais ausentes a vida inteira, um irmão mais velho ciumento e foi criado pelas empregadas e babás, em que a rotatividade delas era imensa na casa dele – Marcel a observava sério. — Entenda um pouco sobre a origem do jeito dele, vamos dizer, mandão... Max sempre foi muito inteligente, acima da média, teve todos os desejos materiais realizados, nunca soube o que é uma dificuldade, mas, por outro lado, não teve muita atenção e nem amor.

O advogado se calou e aquelas novas facetas do médico a surpreenderam. Ele evitava contar-lhe sobre a família, sobre a infância. De repente, sentiu muita pena dele. Era altruísta e amargo.

Chegaram no laboratório e aquela conversa cessou. Procuraram a pessoa indicada por Max e foram orientados a um teste mais amplo. Tiraram amostras de sangue e recolheram saliva. O primeiro resultado sairia em dois dias e um estudo genético mais detalhado, em quinze dias.

Apanharam a papelada e os documentos e se dirigiram para a saída, quando Marcel foi abordado por uma moça.

— Doutor Marcel Filares, como vai? – Marcel não conseguia disfarçar o constrangimento.

Ele estendeu a mão. — Bem. Como está? – ele era educado de modo econômico.

Suna imaginou que, possivelmente, ele estava envergonhado por causa de sua presença. Afinal, era uma linda morena, de curvas estonteantes, vestida num conjunto de minissaia e camiseta *pink*, bem *sexy*, com sandálias muito altas.

— Sua namorada? – a morena perguntou.

— Não, nós somos irmãos – respondeu Suna, que se adiantou e lhe estendeu a mão. — Suna, prazer?

O semblante da moça era de espanto. — Elisa. O prazer é meu, Suna – Elisa lhe sorria com muita simpatia e quando estendeu a mão, acabou por deixar cair requisições no chão.

Suna se adiantou para apanhá-las, pois a roupa da moça era muito justa. Reconheceu a assinatura das solicitações, "Vicente Maximo". Rapidamente, percebeu que eram requisições para doenças sexualmente transmissíveis, além de algumas outras.

— Vamos, Suna – chamava Marcel.

— Seu médico é meu marido... – comentou, ao devolver os papéis, meio insegura, mas exalando simpatia.

— Obrigada, querida. Que coincidência! – Elisa ostentava um belo sorriso no rosto. O clima pesou. Suna podia sentir a tensão no ar devido à insistência de Marcel para saírem, pressionando levemente seu braço.

※※※

— *Max, você ficou idiota! Depois que se apaixonou, só faz besteira* – ralhava Marcel do outro lado da linha.

Levantou as sobrancelhas assustado. — Por que está falando isso? – bradou Vicente Max.

— *Elisa e Suna acabaram de se apresentar uma a outra, no laboratório. O que acha?* – indagou Marcel austero.

O mundo perdia a cor. Se estivesse em pé, poderia desmaiar. — O quê?

— *Como você indica para nós o mesmo laboratório onde Elisa faz exames? Perdeu o juízo? Não bastou ter sido preso?*

— Para... Por tudo, conta direito o que aconteceu – Max estava tenso.

— *Elisa me abordou, elas se cumprimentaram, as requisições caíram, Suna abaixou para pegá-las. Ela viu sua assinatura e contou para Elisa que era sua esposa. Foi bem assim* – narrava o advogado de modo afoito. — *Ao menos, Elisa segurou a onda com simpatia...*

— Estou fodido, porra – empalideceu.

— *Está mesmo...*

— Suna te perguntou sobre Elisa?

— *Disse que já tinha defendido Elisa numa causa e mudei de assunto... Precisa contar a Suna a verdade, Max.*

— Não posso, não posso. Se fizer isso, irei perdê-la – respirava com dificuldade. — Elisa tinha que fazer a porra desses exames antes. Essa semana, eles teriam que chegar às minhas mãos. Faz um tempo que entreguei essas requisições – em choque, os músculos do rosto tracionavam, deixando em evidência as veias da testa. — As coisas estão fugindo do meu controle – concluía estarecido.

— *Seu mal é esse, querer dominar tudo. Quando era sozinho e submetia as pessoas com seu dinheiro, era uma coisa. Mas agora tem Suna. Se a ama de verdade como diz, não pode continuar nessa vida. Nem eu estou aguentando tanto estresse, imagino você!*

— O mundo despenca nas minhas costas. É Mércia, Dante e Elisa... Suna deve estar muito desconfiada... Meu Deus! – estarecia-se.

— *Não apele pra Deus, porque não se lembrou dele ao se meter nas encrencas. Esse problema de Dante você quem puxou pra si. O certo mesmo é que precisa começar a jogar limpo com Suna e os dois juntos vão achar uma saída, será mais leve para você e verdadeiro com ela.*

— Ela nunca me perdoaria. Suna é muito correta de caráter. Ela me acharia um monstro. E sempre haveria a desconfiança de que estava com as duas ao mesmo tempo. Essas são mágoas que o tempo não apaga. Definitivamente, não vou contar.

— *Se ela te amar, vai perdoar. É só você ir se tratar, não é! Mostra a ela que mudou, vai no psicólogo. Sei lá, Max. Você não pode continuar com Elisa.*

— Marcel, entenda, eu não tive nada com Elisa desde que comecei a me relacionar com Suna.

— *Sério? Agora isso é mais uma preocupação pra mim. Se não teve nada com Elisa, está sendo agressivo com Suna?*

— Não sou doente como pensa. Com Suna, vivo outras coisas.

— *Amor não cura tudo...*

— Ah, Marcel, poupe-me. O que entende de amor? Você nunca se apaixona – desdenhou.

— *Nem você entende nada sobre amar. Parece que Suna é uma cobaia...*

De todo modo, é melhor romper o contrato com Elisa, então.

— Não. Não agora que Elisa conheceu Suna. Vou dar mais um tempo. Já tenho uma ideia do que vou fazer.

— *Não faça outra idiotice* – alertava Marcel.

— Preciso que vá à balada comigo, Suna e Maya essa noite. É possível?

— *Ainda tem ânimo para balada? Meu Deus! Se for coisa rápida, tudo bem. Tenho compromisso cedo amanhã.*

— Sim, sim... não posso demorar. Vou te passar o endereço. É que Suna está sem falar comigo desde segunda-feira.

— *Ainda não esclareceu isso? Meu irmão, você está em péssimos lençóis.*

Após encerrar a conversa com Marcel, Max atendeu mais dois pacientes. Um foi revisão e analisou exames do último, pedindo outros exames pré-operatórios. Continuava tenso, mas conseguia cumprir suas atividades. Depois chamou Geovana. Era uma garota de vinte e poucos anos, bonita, olhos verdes e cabelos alourados, que tinha contratado para o lugar de dona Joana, que havia se aposentado.

— Pois não, doutor Vicente?

— Vou mandar os dados de Elisa Santos para você. Quero que faça um prontuário e insira no sistema. Se por acaso, minha mulher ligar e perguntar se tem alguma paciente com esse nome, confirme, por favor.

— Sim senhor – disse a garota de modo doce. Ela parecia temê-lo.

— Mais uma coisa, não foi correto ter dito a Suna que mandei remarcar minha agenda de segunda-feira – frisou um pouco rude.

Geovana arregalou os olhos assustada. — Desculpe-me, senh... doutor Vicente, mas como mentiria para sua esposa?

— Certo, mas não repita isso nunca mais. Acabou por me criar problemas. Não tem que dar detalhes sobre minha rotina a ninguém. Gosto de discrição.

Passou seus horários do dia seguinte para ela e a liberou. Arrumou-se, apanhou uma das fotos com Suna, no dia do casamento, que Dulce havia emoldurado e trazido para a sala. Ela estava linda, era a sua linda, o seu presente.

Saiu do trabalho e foi direto para casa. Respirou umas quinhentas mil vezes antes de abrir a porta. Entrou e não via Suna. O coração apertou. Foi até o quarto dela e escutou o chuveiro ligado. Ficou um pouco menos tenso. Zazá estava na cama deitada em cima da calça que Suna havia separado para vestir e lhe fitou com olhinhos surpresos.

Foi para seu quarto e tomou uma ducha demorada. Imaginando como devia conversar com ela. O melhor seria se concordasse ir embora com ele. Só que ela não aceitaria aquilo depois de tantas desconfianças a seu respeito. Vestiu um short qualquer e saiu do banheiro.

Parou na soleira da porta do outro quarto, que ela usava para se vestir. Seu amor mexia no armário com os cabelos presos por um rabo-de-cavalo e um vestidinho pequeno e simples. Suna parou para observá-lo.

— Acho que precisamos ter uma conversa séria e definitiva – sentenciava ela.

— Vamos lá na sala, quero te contar algo... – dizia entristecido, tentando não se impressionar com a palavra "definitiva".

Suna estava com o ar empertigado de quem não se dobraria fácil. Sentaram tangencial um ao outro, na sala de televisão.

Limpou a garganta. — Preciso admitir que eu menti – Max começava murcho num tom de voz brando. Ela apenas o fitou com um olhar indestrutível. — Sabe que Dante foi preso, não é? – ela apenas assentiu. — Passei a noite fora, porque estava na casa de Dante quando a polícia chegou. Fui levado para a delegacia, algemado... – confessou envergonhado.

Ela riu. — Agora isso? Não acredito... – comentou descrente.

— Não ria! – censurou, procurando conter-se. — É verdade. Pare de duvidar de mim! Sabe por que não te contei? Porque Beatriz e os filhos dela eram mantidos cativos por anos. E quando vi aquela situação, resolvi ajudá-los e não queria que você soubesse. Sei que ela te causou sofrimentos.

— Não é possível... – ela ainda parecia incrédula.

Apanhou o celular e mostrou a reportagem sobre a mãe e filhos encontrados em cativeiro. Suna contraiu o cenho e lia a notícia com atenção. A história de Beatriz estava atraindo a atenção da imprensa. Quando esteve com ela no hospital, garantira que a ajudaria assim que estivessem liberados da internação. Diariamente, falava com a equipe de psiquiatria que os acompanhava, além dos neuropediatras que cuidavam do bebê Rafael. Estava procurando um apartamento para instalá-los. Também contou a Suna acerca da contratação de César e de sua decisão em participar daquela empreitada com o objetivo de interceptar os vídeos.

— Tem um grande coração, Vicente Max... – comentou ela visivelmente impactada. — Tenho que avisar a José Kirin sobre o reaparecimento de Pedro.

— Ele já deve ter sido avisado já que começou a sair na imprensa. Também havia um mandado contra Dante e Beatriz pelo sequestro de Pedro.

— Loucura de sua parte ir atrás de Dante. Se algo te acontecesse? Sofri muito, fiquei preocupada... — ela se permitiu transparecer um pouco de preocupação.

— Não aguentava mais o medo de que aquele infeliz voltasse a fazer algo contra você... te quero tanto, Suna — de repente, via-se adulando-a, como um cachorro manco em busca de atenção.

— Onde pretende instalar Beatriz e os filhos? — Suna voltava ao tom frio e distante.

— Pensei num apartamento próximo a Dulce, para ela poder ajudar a acompanhá-los. Vou bancar o tratamento deles até que Beatriz seja capaz de resolver o que vai fazer.

— O que aconteceu com ela deixa marcas para uma vida — Suna alisava a barra do vestido.

— Eu sei... Olhe para mim... — conseguiu prender a atenção dela. — É uma caridade.

Suna apenas assentiu como uma pedra de gelo. Gostaria muito de saber o que se passava na cabeça dela e era capaz de mandar rezar uma missa ou "chorar no pé do caboclo", expressão que soteropolitano adorava, caso Suna se desse por satisfeita com aquela parte da história. Não disse mais nada, aguardando que ela se manifestasse.

— E quem é uma moça chamada Elisa que você deu requisição de exames para DSTs?

— Marcel me falou que encontraram essa moça — disse com cuidado. — Ela é namorada ou paquera de César, não sei bem... — era incapaz de fitar Suna, ao narrar aquela invencionice. — ... sofre de enxaqueca. César a levou na clínica, não me lembro quando, e pedi vários exames. Por quê? — uma culpa feroz o tomava, mas, para ele, era mentir ou perdê-la.

— Por nada. É que os exames estão fora de sua área de atuação.

— Como ela está saindo com César sugeri um *check-up* — aumentava a mentira.

— Percebi que Marcel ficou apreensivo ao encontrar Elisa, como se estivesse constrangido. Tem a ver com você?

— Ah! Suna, claro que não. Marcel deve conhecê-la de algum outro lugar, deve ter prestado serviços de advocacia, sei lá... Fiz um favor para César. Às

vezes, ajudo pessoas, como vê – era uma verdade. — Repare, não gosto de falar disso, para não parecer pretensioso... — deu novo rumo à conversa. — ...mas recebo dividendos da Lumax Engenharia, por ser herdeiro. Faço doações com a maior parte desse dinheiro, ajudando instituições e pessoas específicas, como farei com Beatriz e sua família.

— Muito bonito de sua parte. Fico orgulhosa de você, não fazia ideia – os olhinhos de Suna brilharam ao fitá-lo, o que iluminou seu coração.

— Tenho o suficiente para levarmos uma vida confortável, eu trabalho...

— Por falar nisso – ela o interrompeu. — O dinheiro que colocou na minha conta, é muito. Não posso ficar com aquilo.

— Ah! Suna. Não vamos falar mais disso, é seu.

Levantou-se e sentou ao lado dela, passando o braço ao redor do ombro da mulher que amava. Precisava quebrar aquele clima gelado entre eles. — Gostou do chocolate e das flores? – beijou-a na cabeça.

Suna assentiu. — Ainda temos que conversar...

— O que mais quer saber, meu amor, pergunte – Max se sentia na borda de um precipício.

— Quero deixar claro que não vou perdoá-lo caso descubra que mentiu para mim de novo. É a última vez que relevo. Não podem existir mentiras entre a gente, nem omissões, Max.

— Tudo bem... – levava o soco no estômago.

— Atravessei uma noite desesperadora. Uma só mensagem evitaria o meu caos. Então, por favor, sempre diga para mim onde está, principalmente, fora do seu horário de trabalho.

— Desculpe, não vai mais acontecer – prometia Max enquanto acariciava a coxa dela, introspectivo.

— E, por último, pode parecer mesquinho de minha parte, egoísta ou feio, mas não quero que se aproxime de Beatriz.

— Suna, eu... eu vou precisar dar suporte...

— Não tem dinheiro? Então, contrate pessoas para cuidar dela. Se eu souber que foi lá, na casa que vai alugar para ela, não vai ficar nada bem entre a gente.

Franziu o cenho incrédulo. Para ele, os problemas eram Elisa e a mentira sobre onde tinha estado na madrugada, no entanto, para Suna, o que a incomodava era o fato de ele estar ajudando Beatriz!

— Tem ideia de quão devastada fisicamente está essa mulher? Como tem

coragem de pensar isso? Tem saudades de Dante, aquele patife delinquente, não é? Guarda ressentimentos pelo fato de o ter perdido para ela, isso sim – levantou-se num rompante. — Reveja seus sentimentos e valores, pois estou fazendo tudo por nós e você está com ciúmes de uma mulher que está dilacerada não só no físico, mas emocionalmente – bradou aborrecido.

Suna hesitou e ficou de pé também. — Não pense que vai inverter a situação.

— Não quero inverter nada, quem está passando dos limites aqui é você. Estou como um cão abandonado aqui, lambendo seus pés, porque sei que errei. E você vem me falar de ciuminho adolescente? – perdia as estribeiras. — Todo mal que Beatriz lhe fez, ela pagou por milhares de vezes... Tenha dó. Muito feio de sua parte – saiu em direção ao corredor, deixando Suna paralisada. Depois parou e se voltou para ela. — Marcel e Maya nos esperam às vinte horas.

— Não sei por que inventou essa saída para o bar – reclamou Suna.

— Como sempre, queria te agradar – bradou. — Não vamos demorar.

Entrou no quarto e bateu a porta com força, jogando-se na cama. Não aceitava a postura de Suna. Aquilo beirava ao ridículo. Recordou-se de Beatriz e das crianças e o cenário de abandono e abuso que viveram por anos. O humor de Dante era o que regia os dias em que podiam comer, banhar-se e sair do quarto.

O garoto Pedro, de doze anos, parecia um menino de oito anos, e tinha parado de frequentar a escola aos sete. Talvez, ele fosse a maior vítima de Dante, pois Beatriz trocou o marido dela por esse monstro, por espontânea vontade, mas o garoto não teve opção. A vida lhe reservara aqueles danos, de modo cruel. Ao menos, ainda tinha pai vivo e pretendia ajudá-lo mais do que tudo.

Então, perguntava-se o que aquele miserável do Dante tinha que Beatriz virara a cabeça e Suna parecia ainda balançada? Dante era um abutre, um psicopata. Tudo que causara a Elisa e às outras fidelizadas era piada de criancinha frente às capacidades destrutivas de Dante.

Não acreditava que Suna ainda se ressentisse por Beatriz ter seduzido Dante! Levantou e foi trocar de roupa, inconformado. Fazia tudo por Suna, mas se dobrar perante aquela exigência dela, definitivamente, não. Vestiu uma calça jeans lavada e uma camiseta preta sem estampa. Penteava os cabelos quando escutou um leve bater na porta e a maçaneta virar. Suna

entrou, vestida de um robe pérola de cetim, os cabelos, soltos e um batom vermelho nos lábios.

— Não vai se vestir? – perguntou com indiferença.

— Depois... Max, por favor, me perdoa – ela o fitou séria com a expressão insegura. — Não tenho o direito de exigir tanto e ser tão horrível.

Foi até ela. — Não meu amor, você tem o direito de exigir, mas precisa amolecer o coração. O passado só ocupa o agora se ele ainda não foi embora, nem foi deixado para trás. Você não superou Dante?

— Não pense isso de mim, por favor. Fui cruel com Beatriz. Por favor, quero que a ajude. Mas não quero te perder.

— Isso não vai acontecer – enlaçou-a de modo suave e lhe beijou a testa.

— Minha vida era um vazio antes de você, Max – ela encostou a cabeça entre seu peito.

Fechou os olhos e uma sensação de bem-estar o invadiu. — E a minha vida era só escuridão, antes de você me iluminar, Su.

Ela se afastou e devagar abria o laço do robe, mirando-o com um olhar lascivo que, poucas vezes, tinha visto naquele lindo rosto. Começou a excitar-se à medida que o tecido escorregava suave pelo corpo, revelando sua nudez. Aquela visão era um afago, um acalento depois de tanta tormenta.

Admirou-a por algum tempo, pelo jeito único e tão particular de ser mulher, graciosa e encantadora. Os seios ousados e desafiadores o convidavam ao deleite. O sexo era uma flor delicada no centro do universo, capaz de se despetalar em milhões de pedaços só para recebê-lo em sua sede pagã e mundana e depois se recompor, alimentado e molhado. As nádegas, ah, as nádegas de Suna! Proporcionais, escapuliam mais do dobro de suas mãos e ainda eram um segredo não explorado, a proposta não feita, o desejo não revelado.

Rápido, tirou a camisa e a puxou para si. — Por que me fez sofrer tanto?

Segurou o rosto dela. Beijou-a com ardor. Buscou a língua, faminto daquela umidade movediça que se enroscava na sua, reconhecendo-se, comunicando os sentimentos mais puros, ou, como naquele momento, as intenções mais devassas.

Suna acariciou seus braços e peitoral, tentando desabotoar a calça. Nessas horas, as roupas se tornam um problema. Livrou-se delas. Levou seu amor para cama. Queria amá-la como fazia praticamente todos os dias, mas queria amá-la como se fosse a primeira de muitas. Afoito, desesperado.

Logo começou a ser invadido pelos desejos mais rudes, como vozes fantasmagóricas a lhe enviar comandos dos mais depravados. Iria possuir Suna de modo bem sacana, sussurraria obscenidades no ouvido dela. Só em pensar nisso, ficava mais duro. Tocou-a entre suas pernas, na carne sensível, molhada e lisa, e ela parecia pronta para ele a abrir, explorá-la, no vaivém de suas vontades.

Passou a língua e sugou a axila de Suna, mordiscou o seio sem delicadeza, arrancando-lhe um gemido. Colocou as pernas dela sobre seu ombro e a penetrou, como gostava, de modo pesado e, naquela posição, conseguiu profundidade para os movimentos, socando-a de modo depravado.

Ela gemeu alto e soltou um grito cortante. Suna sabia que não se importava com o prazer dela quando a tomava daquela forma. Virava a cabeça de um lado a outro, agoniada e aflita, o que o excitava muito. Puxava o lençol, mordida os lábios e demonstrava gostar daquela sofreguidão bruta.

Se forçasse um pouco mais, iria submetê-la e ela o aceitaria, permitiria que a explorasse e subjugasse, que a ferisse, mas depois... Só de pensar na possibilidade de Suna, um anjo, descer ao seu inferno particular, começava a gozar e gritou as obscenidades de que mais gostava.

O relaxamento pós-sexo-bruto nunca vinha só. Chegava carregando a culpa. Olhou para Suna entre seus braços e a beijou com ternura.

— Precisamos ir – comentou ela introspetiva.

— Vá indo se arrumar, meu amor – disse, embora não fosse aquela intenção.

Assim que Suna ficou de pé enlaçou seu quadril, puxando-a de joelhos sobre a cama.

— Max, o que foi?

— Não vai sair assim...

Posicionou a cabeça entre as coxas dela e a puxou até ter o sexo ao alcance de sua boca. Queria que ela tivesse prazer. Suna enfiou as mãos entre seus cabelos e ajudou a controlar os movimentos. Queria sua mulher feliz. Assim o fez. Sentiu-a ter um orgasmo e aquilo lhe provocou uma grande onda de satisfação.

Juntos haviam tomado um rápido banho e nem parecia que uma turba tinha passado entre eles, trazendo desavenças. Max voltou a rir com facilidade e a ver os brilhos nos olhos da mulher da sua vida.

∴

Chegaram ao bar abraçados e ele imaginou que enfrentaria o enfezamento de Marcel pelo atraso, mas o advogado estava numa conversa animada com Maya. Mesmo instalados numa mesa distante do palco, havia muita barulheira, principalmente, promovida pelos sons estridentes dos solos de contrabaixo e da guitarra. A iluminação era escura e a maioria das pessoas vestia preto. Uma parte das mulheres usava maquiagem pesada e alguns homens, longos cabelos e barbas malcuidadas.

Cumprimentaram Marcel e Maya e se sentaram em frente aos amigos. Pediram a especialidade da casa, sanduíches com batatas e conversavam amenidades. Maya se mostrava simpática e inteligente. Contava histórias esquisitas de clientes do restaurante e só se calou quando Marcel questionou sobre onde tinha estudado.

— Sem preconceito com garçons, mas parece muito preparada para estar servindo pratos no Maresia – constatou Marcel.

Maya não perdeu o rebolado. — Hoje quase todo mundo pode frequentar uma faculdade, só que a crise não permite que todos sejam aproveitados – ela sorriu e Suna a chamou para irem ao toalete.

Acompanhou sua mulher enfiada numa calça justa que desenhava suas formas, chamando atenção, com uma blusa marinho que deixava suas costas de fora, além de sapatos de salto alto.

— Diego me ligou e não deu para disfarçar, ele está vindo ... – comentou Marcel. — O que está acontecendo? César está colocando coisas na sua cabeça, contra ele?

Cruzou os braços no peitoral, procurando rastros de Suna na escuridão. — Não. Apenas não quero compartilhar mais. Tenho que preservar minha intimidade. Antes, pouco me importava porque mulheres eram descartáveis, mas hoje é diferente – fitou Marcel nos olhos. — Tenho ela...

O advogado franziu o cenho. — Que bom que pensa assim. Suna perguntou sobre Elisa?

— Elisa é uma namoradinha de César – afirmou.

— Está tentando me convencer disso? – Marcel meio que se indignou.

— Suna percebeu que você ficou constrangido. Caso ela te pergunte algo de novo, insista que prestou serviços de advocacia para Elisa. Isso bastará.

— Meu Deus! Não conte comigo para suas mentiras. Pra mim, chega. E tenho muito receio de como isso vai acabar... – pontuava o advogado. Max nem prestava atenção, sabia que ele reclamava, mas acabaria cedendo àquele

enredo.

Levantou-se e ficou de olho no empurra-empurra que saía das proximidades do palco e atravessava no sentido em que Suna e Maya tinham ido. A música *Come as you are* continuava a tocar numa voz que imitada a de Kurt Cobain, do Nirvana. Foi procurá-la e a viu retornando com Maya, porém a confusão de gente brigando as engoliu. Os batimentos cardíacos dispararam. Seguiu naquela direção até que elas voltaram a seu raio de visão. Mas não gostou do que mirava.

O corpo de Suna estava grudado no de um homem que tentava envolvê-las. Em seguida, elas se afastaram e Maya o saudou. Parecia que o cara as tinha protegido da confusão. Quando a garçonete começou a apresentar Suna, pegou-a pelo braço e a puxou para seu lado. Sentiu Marcel apertar seu braço atrás de si.

— Está tudo bem, Max – garantia Suna abraçando-o. Sabia que ela tentava acalmá-lo. Respirou centenas de vezes. Não poderia se render aquilo. Apenas acariciou o braço dela.

— Não devia ter deixado sair só aqui – disse controlado.

Havia percebido que o semblante caloroso do rapaz logo se desfez. Suspendeu a sobrancelha na direção dele e foram andando para uma zona mais calma, próximo à mesa.

— Maya, foi ótimo revê-la – o rapaz, que devia ter a mesma idade de Suna e era bem afeiçoado, tinha que admitir, cumprimentava a garçonete.

— Foi o herói hoje, nos salvou! – Maya tentava quebrar o clima. — Gente, esse é Bruno, um amigo meu. Essa é Suna, minha amiga.

— Prazer Bruno e obrigada – Suna lhe estendeu a mão e o cumprimentou de beijinhos.

Quis morrer de ciúmes, mas se manteve tranquilo.

— ... Max, o marido de Suna e Marcel, o irmão dela... – cumprimentou-o com uma amabilidade que não existia dentro dele e Marcel havia percebido o seu estranhamento. — Bruno, por favor, sente-se conosco um pouco pra a gente bater um papinho rápido – Maya convidava e a simpatia que tinha por ela caía por terra, ao menos, por aquela noite.

Pedido inesperado

20

Naquela sexta-feira, o avião em que estavam Vicente Max e Suna começava o procedimento de descido no aeroporto de Pucón, no Chile. Um motorista os aguardava para levá-los a Huilo Huilo, uma reserva biológica sustentável, em que passariam dois dias, no meio das montanhas, cercados por paisagens exuberantes e pela neve. Era o presente de aniversário de Max para Suna.

O casal devia estar feliz. Mas dois acontecimentos importunavam os pensamentos da moça. Um deles foi uma conversa que Suna havia escutado entre Max e Dulce, alguns dias atrás. Tinha acordado fora de seu horário habitual, numa manhã em que Max saía mais cedo, pois tinha cirurgia. Queria fazer-lhe companhia. Por causa dos chinelos de borracha, eles não escutaram seus passos no piso de mármore enquanto conversavam na cozinha. Ao ouvir o seu nome, ela paralisara na parede da sala de jantar, próximo à porta de acesso à cozinha, onde eles estavam.

— ... já disse para Suna que o escritório é meu refúgio particular... – falava Max.

— O acesso ao escritório ser proibido para ela é estranho e absurdo, doutor Vicente! – protestara Dulce. — Qualquer mulher desconfiaria. Sugiro que o senhor retire os objetos e documentos que não queira que ela veja e libere o acesso – aconselhara Dulce.

— Não é assim. Se precisar, converso com ela outra vez. É minha única restrição, meu espaço...

— Única, doutor! Tem certeza? O escritório está parecendo um lugar de realismo fantástico – pontuara a governanta com o jeito próprio de se

contrapor.

— Realismo fantástico? Estou gostando de sua evolução depois que passou a estudar... – comentara ele.

Não havia escutado o resto da conversa, que foi seguida por risos. Sem saber o que fazer, recuara alguns passos e fingira estar aproximando-se outra vez, forçando um barulho com os chinelos.

Enfim, aquele pedaço de conversa martelava a mente, durante os últimos dias. Dulce tinha razão, qualquer mulher desconfiaria e ela não se excluía desse conjunto. Tinha suas suspeitas, mas fechava os olhos para as evidências.

Às vezes, Max fazia amor de modo grosseiro, a ponto de sentir o sexo dolorido e inchado, além de algumas partes do corpo machucadas devido aos apertões fortes que ele dava, sem contar quando esticava seus cabelos. Ao fazerem amor, após brigarem, na casa da praia, não conseguira respirar, por causa da posição em que ele posicionara sua cabeça. Max tinha percebido que a sufocava, mas a manteve assim por longos segundos.

Admitia que gostava daquilo, mesmo que corroborasse a favor das acusações de Mércia, que o acusava de perverso e sádico. O certo era que vinha ignorando algumas pequenas escorregadelas, na forma como Max se portava sexualmente. Varria para baixo de um tapete imaginário qualquer impressão sobre a conduta sexual dele. Quer dizer, até escutar aquele diálogo, que acendeu uma espécie de alerta em seus sentidos.

Amava Vicente Max demais e, ao longo dos meses, desde que estavam juntos, evitava qualquer pensamento que a desviasse do curso daquela relação. Ele era o seu amor, um sonho que, até então, a vida lhe negara.

O que tão horrendo ele escondia? Seria algo que suplantaria o espírito altruísta e benevolente que preenchia a essência dele? E se soubesse o que aquele escritório guardava e aquilo lhe custasse o seu relacionamento com Max? Não estava pronta para perdê-lo. Definitivamente, não estava.

Desde o início sabia que Max tinha um segredo. Só que esse segredo, nos últimos dias, começava a ganhar formas e a aterrorizá-la, como se a espreitasse pelos cantos da alma, com olhos desafiadores e sedutores, convidando-a a desvelá-lo. Não era boba, como poderia presumir Dulce, por não reivindicar o escritório, tinha era receio de como reagiria ao que ele escondia. Vivia fugindo daqueles pensamentos.

O outro acontecimento que ocupava boa parte dos pensamentos, nas duas

últimas semanas, era que Max tinha se fechado numa concha. Ele andara reservado, sem lhe externar os motivos, como se escondesse algo ou quisesse poupá-la, o que só havia piorado a curiosidade.

Nem faziam amor com a frequência, como antes. Às vezes, quando acontecia, era num arroubo de desejo entre os sonos de ambos, durante a madrugada, o que era muito excitante, mas parecia atender apenas aos apelos dos corpos. Contudo, Max continuava carinhoso e atencioso, como se tudo estivesse dentro da normalidade.

O seu aniversário havia sido há cerca de um mês, mas, devido aos compromissos de Max, só puderam viajar naquele fim de semana. No entanto, a data tinha sido comemorada com uma festinha surpresa, organizada por ele, com a ajuda de Marcel e Dulce. Para sua alegria, Max tinha mandado buscar, em São Sebastião, sua mãe, Fátima, e sua avó, Bené. Também foram Maya, Adalton e dona Celina, a proprietária do Maresia.

Sua mãe e avó passaram dois dias com ela e retornaram encantadas com Max e Marcel, apesar do susto inicial ao saber que o advogado era seu irmão. Como ela esperava, o resultado do exame tinha confirmado a mesma filiação paterna. Marcel se emocionara tanto que a deixara encabulada. Passaram a se falar com mais frequência e almoçar juntos também, só que ele mudava de assunto, nas ocasiões em que a conversa focava em Max.

Ademais, graças ao bom Deus, tudo indicava que Dante continuaria preso até os julgamentos. Marcel havia lhe explicado que ele responderia por vários crimes como o sequestro de Pedro e cárcere privado da própria família, além de falsidade ideológica, alguns golpes e a agressão e chantagem feitas a ela. O irmão lhe dissera que os vídeos foram encontrados e destruídos e, mesmo que houvesse cópias, elas não podiam ser divulgadas. Enfim, aquela sensação de alívio estava sendo o melhor presente de aniversário de toda uma vida.

— Su, o que tem? Está perdida em pensamentos.

— Estou bem, amor...

— Estamos chegando, vamos, anime-se. Amanhã e domingo teremos dias divertidos. Esquiaremos, passearemos na floresta, visitaremos cervos, faremos uma pequena trilha rumo ao vulcão, andaremos de moto na neve – enumerava ele com entusiasmo. — Será só adrenalina. Quero ver se vai amarelar.

Suna achou graça. — É claro que não vou... estou acostumada a andar, na terra do Verão. Sou uma atleta – eles sorriram. — Mas quem vai esquiar é

você, eu vou fazer de conta que esquio só para tirar *selfies*... – ele lhe deu um beijinho.

O avião pousou. Suna olhou pela janela e o céu azul ciano sem nuvens aparecia no horizonte. Desembarcaram e apanharam as malas, a de Max era pequena, mas a dela era maior e ainda tivera de arrumá-la mais de uma vez para caber os itens que achava que fosse precisar. Além da mala, cada um carregava uma mochila.

Um rapaz franzino de feições nativa, chamado Juan, já os esperava no saguão do aeroporto. Atencioso, ajudou-os com a bagagem e abriu a porta do veículo de tração e correntes nas rodas. O frio doía os ossos. Max foi no banco dianteiro e ela no traseiro. Ainda iam enfrentar mais de duas horas de viagem.

Max havia lhe apresentado algumas opções de lugares para irem, inclusive, visitas às cidades como Paris e Praga, contudo, nessa época do ano, lá era fim de Verão e preferia um lugar frio. Já ele optava por uma viagem mais tranquila, além disso, também não conhecia a reserva Huilo Huilo, que ficava no que chamavam de Patagônia chilena.

A paisagem era linda, a estrada seguia lardeada por imensas árvores numa vegetação que lembrava a de clima temperado. Max conversava animado com Juan, num portunhol esquisito. A primeira parada foi na Villarrica para verem um vulcão ao longe, lançando sua fumaça branca. Tiraram fotos e voltaram para estrada.

Quando entraram na reserva, o carro sacolejava muito e enfrentava dificuldade para levá-los às proximidades de onde se hospedariam. Estava com medo daquele trajeto íngreme, já Max parecia encantado. Só que seu receio durou até avistar o hotel, que parecia ter sido planejado por *hobbits* do filme Senhor dos Anéis ou tirado de um conto de fadas. Lembrava um cone gigante, mas era a forma de um vulcão, coberto por folhagens e neve e cheio de janelas arqueadas que davam o tom mágico ao lugar.

— Que lindo! – era tudo o que disse de dentro de seu casaco e botas impermeáveis, gorro, cachecol e luvas, que tinha vestido no carro, além de camadas de roupas.

— É lindo mesmo ... – ele lhe sorriu, envolvendo-a entre os braços. A barba dele tinha voltado a crescer, como as camadas do cabelo. — E você fica linda com essas roupas de inverno rigoroso.

— Obrigada por tudo – abraçou-o.

O acesso ao hotel era por uma ponte de corda ao ar livre. Juan os ajudou com a bagagem, ele os buscaria em dois dias, na segunda-feira, bem cedo. Entraram na recepção, fizeram o *check-in* e foram apresentados às instalações do hotel, construído em pedra vulcânica e troncos de árvores reflorestadas.

Em madeira clara e crua, a suíte parecia saída de um livro medieval, era simples e aconchegante. Da janela arqueada, a visão dava para vale coberto de gelo. Ela e Max tiraram as pesadas roupas e resolveram aproveitar o resto da luz do dia. Desceram para o *lobby* e sentaram diante da grande vidraça. Max pediu um vinho com petiscos típicos.

A visão era para a floresta de árvores imensas que pareciam pinhos, com as folhagens cobertas pela neve. Teve a impressão que observava uma grande fotografia em branco e tons de cinza. De repente, uma melancolia estranha a tomava, mesmo tendo motivos para estar feliz. Brindaram. Saboreou o vinho, beliscaram salmão e truta.

— Espero que esteja feliz, Suna – comentou ele.

— Estou muito. Também quero que esteja bem, Max...

— Claro que estou – ele sorveu mais um gole. — Não faria nada contra a minha vontade.

Tocou a mão dele. — E por que tem andado tão distante de mim? – apesar das desconfianças que cresciam, como erva daninha, no âmago mais profundo da alma, era o distanciamento dele que mais a afligia.

— Distante? Quando coloca algo em sua cabeça, é difícil de tirar, hein! Impressão sua. Caso se refira a nossa intimidade, não sou uma máquina de fazer amor. Às vezes, a energia baixa – ele suspendeu o cenho. — Espero que você compreenda... caso contrário, estarei em maus lençóis – concluía ele, em tom de pilheria.

Achou graça. — Não me refiro a sexo apenas... há outra coisa. Tem a ver com Mércia, Beatriz ou até Dante?

— Não traga eles conosco, pelo amor de Deus. Esqueça-os – ele beijou o dorso de sua mão. — Mas não se preocupe, pois hoje pretendo acabar com esse tal afastamento que só você enxerga... – ele lhe fitou em busca de cumplicidade, lançando um olhar penetrante. — Estou com muita vontade de você – confessa Max de modo sensual.

— Talvez esteja lhe decepcionando – tentou parecer insinuante. — Presenteou-me com aquelas sacolas e só usei as lingerie. As fantasias ficaram no fundo do armário.

Ele sorriu com a taça na mão, contraindo os olhos e formando muitas ruguinhas ao redor. — Isso não é nenhum problema para mim.

— Mas é para mim e vou resolver isso. Quer... quer dizer – acabou por entregar suas pretensões e não iria ser naquele passeio. Enrubescu. — Estraguei tudo... – eles riram.

— Nem bem começou com o vinho, Su...

— Pronto. Pretendo te surpreender, mas não é aqui. Está tudo na minha... – apontou para a cabeça. Queria provocá-lo ao máximo só para testar os limites de Max. Assim, poderia tirar a prova se ele era um sádico ou não. Mas protelava aquele dia, estava dividida e insegura.

— Fico feliz, mas não é o essencial – afirmava ele.

— E o que é essencial?

— Você, Suna... – ele pôs a taça de volta à mesa. — Não esqueci do que prometemos naquele dia na casa da praia. Meu coração é leal a você, procuro me dedicar a você e confio em ti – recordava-se do dia pelados na grama. — Isso que é o mais importante.

Absorveu o que escutava por alguns segundos. — Reaprendi a viver ao seu lado, Vicente Max. Sua companhia e nossa convivência me transformaram – confessava. Era verdade. Tinha vivido, por anos, numa opressão que ela mesmo se infligia, devido às consequências danosas do envolvimento com Dante. Havia esquecido de viver, não atendera suas necessidades emocionais e nem os desejos físicos. Por isso, era tão penoso pensar nos segredos que Max escondia. — A gente está junto hoje, esse ano, mas se no futuro não pudermos continuar, por algum motivo, vou ser eternamente grata a você, por ter me devolvida à vida.

— Como assim? – Max fez uma careta. — Quero ficar contigo pra sempre... Venha aqui – Max se levantou e a puxou, envolvendo-se por trás dela, diante da exuberante floresta gélida. Uma das mãos entrou por baixo do seu pulôver e da blusa térmica, buscando a barriga. Arrepiou-se com a suavidade do toque e a frieza dos dedos. — Quero te engravidar, Suna... – sussurrou ele. Uma onda de surpresa e excitação percorreu a coluna. — Quero fazer um filho, dois filhos ou três filhos em você...

— Mas... – hesitou, pôs suas mãos sobre os braços dele.

— Quero ver e sentir essa barriga crescer para mim e por causa de mim – ele acariciou seu abdome e a fitou. — Quer se casar comigo? De verdade...

— Somos como casados – emocionou-se com aquele pedido inesperado,

sentindo-se culpada devido aos pensamentos sobre ele.

— Não somos ainda. Quero que se chame Suna Ferraz Maximo. Você aceita? Ainda não me respondeu.

— Claro que aceito... só que, só que... temos pouco tempo juntos.

— Após o fim do contrato de casamento, casamos de verdade e aí vou te engravidar. Tenho pensado muito nisso. O que acha?

— Eu... aceito, é claro... – voltou-se para ele. Seus lábios se tocaram suaves, mas se tornaram pesados em sentimentos.

— Não pensava em ter filhos, mas contigo passei a querer muito, não tive vontade de aplicar o anticoncepcional na última vez – ele a acariciou. — Quero muito ter o resultado desse amor que nos envolve em meus braços, porque ao amar nossos bebês também vou estar te amando milhares de vezes mais...

— Quer que vire uma coelha parideira!

Ele achou graça. — A gente pode se mudar para uma casa ou um novo apartamento, que você escolher. Teríamos nossos filhinhos e a vida da gente viraria um caos. A gente discutiria por causa de canais de tevê, como qualquer velho casal – ele sorriu. — Ou por estar indisposto para te ajudar com as crianças no fim de semana e sobre os detalhes da criação deles.

— Ou sobre quem os levaria à escola ou ao pediatra – entrou nas previsões.

— Faria amor com você grávida e, também, faríamos amor bem rápido, porque as crianças estariam batendo na porta do quarto... – Max a apertou e seus olhos se encheram de lágrimas e ele os beijou. — Quero amadurecer ao seu lado a ponto de um olhar e um toque de mão sejam tão mais importantes quanto uma boa transa. Quero envelhecer com você e entregar ao destino a decisão de quem carregará o fardo da perda do outro, pois muito dificilmente morreremos juntos.

Abraçaram-se apertado. Suna enterrou a cabeça no peito de Max, tentando esconder as lágrimas que abundavam. Naquele momento, talvez, não importasse qual fosse o mistério que rondava o escritório de Max. Amava-o desesperadamente.

— Não fica assim, meu amor. É a mulher da minha vida, meu porto, minha base, de quem não vou me separar. Só quero ter a certeza de que sou correspondido – ele levantou seu queixo, mirando seus olhos.

— Claro que é. Meu Deus, falta-me até o ar – o coração poderia sair pela

boca e a mente parecia um furacão, dando voltas entre tantas alegrias e pensamentos fastos.

Beberam vinho até anoitecer. Nem Max e ela tinham o costume de ingerir bebidas alcoólicas, mas naquele dia extrapolaram, principalmente, ele, que ficou alegre e rindo mais alto. Jantaram no restaurante do hotel, uma carne de porco defumada, servida com purê picante. A comida chegou fumegante e ajudou a arrefecer o efeito do álcool. E depois foram para o quarto. O frio era cortante e doía os ossos. Aumentaram a calefação e fizeram suas higiênes noturnas. Deitaram. Max a abraçou e logo pegou no sono. Revirou os olhos frustrada, pois esperava mais.

∴

Despertou com Max puxando sua calça de pijama. Voltou-se para ele que a beijou de modo exigente enquanto tocava seus mamilos, depois, pôs um deles na boca, tocando sua intimidade. Inverteu a posição na cama e retribuiu o carinho beijando o rijo membro dele. Ficaram, assim, trocando prazer por longos minutos, embaixo do grosso edredom. Logo que ela atingiu o clímax, ele a puxou de volta à sua posição original e a penetrou.

— É minha, Suna... – murmurava ele em seu ouvido e a beijava. — Só minha, nunca mais de ninguém – ele falou sobre sua boca e ela estranhou aquelas colocações.

— Toda sua, sempre sua, eternamente sua... – sussurrou para ele, que gozou em seguida.

Trocaram carinho e mais beijos. Em seguida, deitou entre o peito e braço de Max e acariciava o peitoral de pelos curtos, que ela mesmo os aparava mensalmente.

— Acha que seria um bom pai?

— Está aficionado por esse assunto – censurou-o.

— Por quê? Não quer ser mãe de meus filhos...

— Só acho que criança é muita responsabilidade e está romantizando o assunto. Está pensando que terei filhos para cuidar sozinha?

— Não, meu amor, claro que não. Se preferir, poderemos esperar mais um ano, após o fim do contrato de casamento. A gente poderia viajar mais. O que acha?

— Hum... Gostei da ideia. Acho que não estamos preparados para acordar às madrugadas, cuidar das febres e dos choros sem sabermos o que é. Seria um bombardeio em nossas vidas. Teríamos que assistir a programas infantis,

desenhos... Enfim, conhece Ladybug? E Gumball?

— Nossa acho que está mais inteirada que eu... – gargalhou ele. —
Lembro-me do Mickey, da Branca de Neve... Afinal, o que é Ladybug?

Caiu na risada enquanto apanhava o celular para mostrar-lhe o desenho.

Acertos

21

Após concluir uma cirurgia, Vicente Max conversou com os familiares do paciente e, no sistema do hospital, deixou os relatórios e as prescrições. Em seguida, o neurocirurgião trocou de roupa, comeu algo rápido na lanchonete e rumou para o escritório do advogado Marcel Filares. Dirigia apressado, pois não queria perder nenhuma fração de segundo da presença daquela bruxa obcecada por sua existência, Mércia Arruda.

Enfim, havia quase dois meses que eles tentavam, sem sucesso, marcar um encontro com a médica. Precisou Marcel ameaçá-la com um processo, com base no acordo assinado no passado, para que, finalmente, ela fosse encontrá-los. Estavam com uma carta na manga e Mércia não fazia ideia.

Subiu ansioso ao andar do escritório de advocacia. Olhou-se no espelho do elevador e tentou arrumar os cabelos com os dedos. *Precisava ir à barbearia*, concluía. Logo esqueceu daquele detalhe. Apanhou o celular e enviou uma mensagem para Elisa. Em seguida, saiu a passos largos pelo corredor. Entrou na recepção do escritório e mal cumprimentou a recepcionista, entrando na sala. Saudou o advogado e os seus olhos raivosos pousaram sobre os esverdeados e radioativos de Mércia, que estava sentada na mesa de reunião.

— Boa tarde! – cumprimentou de modo frio e ela continuava a desafiá-lo com o olhar.

— Enfim, estávamos te esperando para começar a tratar do assunto dessa reunião – dizia Marcel que se levantava da mesa e seguia para outra, redonda, de quatro lugares, onde a médica já ocupava um deles.

— Bom, tenho plantão hoje. Vamos ser diretos – alegou a médica que

bateu levemente as mãos no tampão de vidro.

— Sendo direto, por que procurou Suna? – questionou ele andando, de modo lento, de um lado a outro da sala, como um felino enjaulado.

Ela expôs um riso cínico. — Alguém precisava contar a ela quem é você.

— O que ganhou com isso? Não abalou a minha relação, saiba – indagou Max.

— Imaginei. Suna demonstrou falta de fé no que eu contava. Agora entendo por que casou com ela, afinal, você a enrola com maestria – desdenhou a médica. — Torço que, em algum momento, a ficha dela caia.

— Acalmem os ânimos – interveio Marcel. — Mércia, você tem um contrato conosco e deixou de cumpri-lo há tempos. Seu comportamento é extremamente inadequado, dentro do que acordamos.

— Processem-me – ela forçava a abertura das pálpebras e abria os braços. — Vamos lá, não me ameaçaram? Podem processar, que vou provar que esse contrato de nada vale – afrontava ela. — É uma farsa. Nunca prestei serviços médicos para Max e provo. Inventaram como forma de me calar para as barbáries cometidas por ele – a médica apontou para o neurocirurgião.

— Então devolve o dinheiro que recebeu. E não foi pouco – argumentou Max.

— Pode pressionar e engabelar suas putas, senhor sádico-nojento. Não sou idiota.

— Sua cadela peçonhenta interesseira... – rosnou com ódio, aumento as passadas pela sala.

— Max, calma – Marcel o fitou e, depois, voltou-se para Mércia. — Nesse nível não, Mércia – o advogado a rebateu num tom duro.

— Qual o nível? – o cenho dela se contraiu.

— Aquele que vai fazê-la entender que é melhor colaborar e contar com quem está tramando contra Max e Suna. Quer dizer, além de Dante, é claro – disse o advogado de modo desafiador.

— Não sei quem é Dante... – alegava Mércia com segurança.

Marcel abriu mais as pálpebras num semblante de surpresa exagerada. — Não! – ele franziu o cenho. — Tem certeza... que não conversou com Dante diversas vezes por meio desse número aqui – o advogado pegou um papel no bolso com anotações, colocou na mesa e empurrou até Mércia, que o observou. — Quer que diga os dias em que se falaram, os minutos que duraram as ligações? – questionou ele.

Mércia os observava assustada, como se tivesse sido pega fazendo algo ilícito. E ela tinha feito. Max respirava de modo barulhento, segurando-se para não explodir, pois sabia que, nesses momentos, Marcel se saía muito melhor que ele. Era um falcão que identifica a presa a quilômetros de distância e a trucidada pela coluna vertebral, num só mergulho no ar. Assim era o advogado.

— Não sei que número é esse... — Mércia tentava voltar ao prumo, mas seu tom se tornou inseguro.

— Vou desenhar para você, Mércia — Marcel retirou do paletó um celular descartável, simples, de *flipper*, que estava dentro de um saco transparente. — Esse aparelho pertence a Dante, a digital dele está por todo esse material, o *chip* está registrado no CPF da identidade falsa que ele utilizava. E esse aparelho contém os registros de chamadas para você. Enfim, Dante está preso... já você... — ele abriu mais olhos e torceu um pouco os lábios.

— Se ele me ligou, não me recordo — a expressão dela era teatral, fingindo que a abordagem de Marcel não tinha importância.

— Você é muito cínica, mulher! — Max, não se aguentou e explodiu. — Qual o seu problema com relação a minha pessoa, hein? Se fiz algo que te prejudicou, você recebeu dinheiro em troca — apontou o dedo para a ela e rugia em fúria.

— Acha que compra tudo, não é? Mas dinheiro não apaga as cicatrizes físicas que marcam meu corpo, meu caro — ela o rebatia.

— Calma. Por favor, Max, lembre-se do que combinamos. Peço calma a ambos — Marcel interveio e se voltou para Mércia. — Há mais ligações recebidas; ou seja, você ligou mais para Dante do que ele para você, Mércia. Enfim, para adiantar a conversa, posso entregar esse aparelho à polícia. No mínimo, será acusada de ser cúmplice de Dante. Ia ser péssimo para sua reputação, poderia inclusive, ser presa... — falava o advogado de forma assertiva. — Acho que sua casa caiu, querida — concluía ele sem subir o tom.

A médica passou a mão nos cabelos, controlando o nervoso, olhou para o lado e se virou para Marcel. — O que querem?

— Primeiro. Conte como conseguiu o contato com Dante — indagou o amigo.

Ela inspirou inquieta na cadeira. — Do mesmo jeito que consegue as coisas, Max, pagando — ela o fitou e, em seguida, fixou a atenção em Marcel. — Contratei um policial que levantou a vida de Suna, assim que o noivado

foi anunciado. Depois de um tempo, num dos meus plantões, apareceu um neném portador de doença neurodegenerativa, precisando de uma ressonância de emergência. Aquela situação me chamou atenção. O setor de imagens estava cheio, puxei conversa para saber mais da situação do bebê e ele acabou contando que cresceu em São Sebastião. Perguntei se conhecia Suna, conversamos mais, trocamos contatos... enfim... É isso.

— Essa é a sua versão? A qualquer momento Dante poderá contar a dele – Marcel a observou de modo profundo e ela parecia titubear.

— Nós só conversávamos... nem imaginei que tinha sido ele a agredir Suna.

— Ah! Quem vai acreditar em você? – questionou Max, contudo, ela o ignorou.

— Realmente, quem vai acreditar nessa história fantasiosa – reforçou Marcel. — Pensa direitinho se vai manter essa versão para nós... Outra pergunta. Quem estava estimulando vocês a armarem contra Suna para atingir Max?

Os olhos de Mércia arregalaram. — Não teve ninguém. Juro. Ninguém. Eu não fiz nada com João...

— João não, Dante. João não existe – enfatizou ele. — Vai manter essa versão? Pergunto de novo – a calma de Marcel era cortante, agora Max sabia com quem Suna se parecia.

— Não existe outra versão... o que posso dizer? – desabava Mércia em nervos. — Afinal, o que querem de mim?

— A verdade... – pontuava Marcel. — Não vai ficar bem para você se descobirmos que esteve tramando contra Suna e Max, num conluio com Dante e outra pessoa.

— Não fiz isso – garantia ela sobressaltada. — Não existe conluio ou outra pessoa.

— Então essa é a sua história?

— O que quer que eu conte, pelo amor de Deus? Não há outra – a médica confirmava tensa, mirando o neurocirurgião. — Tenho muita raiva de você, Max, por ter me feito envolver em suas sandices, por eu ter permitido que fizesse o que fez, depois me abandonou. Tem ideia de como me senti? Não tem, porque só pensa em você – berrou Mércia.

— Aqui não é divã de psicólogo, sou advogado. E nossas questões são outras. Então, porque tem raiva de Max foi tripudiar Suna? – indagava

Marcel.

— Fiz isso, somente. Precisava fazer isso, mas não tenho nada a ver com Dante, João, sei lá...

— E o que Dante te contou sobre Suna? – o amigo continuava o interrogatório.

Mércia parecia compenetrada, pensativa, escolhendo as palavras, hesitante.
— Que tinha motivos para chantageá-la, que Suna estava em suas mãos – revelava a médica.

— Assistiu aos vídeos?

— Ele me mostrou umas imagens...

— Miserável – Max se exaltou.

— Saiba que existe uma liminar proibindo a divulgação delas, além disso, a Justiça impõe uma punição bem salgada para quem distribui este tipo de material. Então, esqueça o que viu – alertou o advogado. — Se Dante lhe deu cópia das imagens a situação se complica, só lhe restará a cadeia – Marcel a aterrorizava.

— Garanto tudo que disse aqui. Os fatos aconteceram conforme relatei – afirmou ela.

— Enfim, vamos começar a nos entender, Mércia – apontava o advogado.
— Firmaremos um novo acordo e não entregarei o celular à polícia. Vai assinar umas promissórias, porque se você voltar a ferir a honra de Max, mesmo que seja em fofuquinha de corredor de hospital, vou protestar e acabar com sua vida financeira. Outra coisa, fique longe de Suna.

— Não confio no que disse – acrescentou Max com mais calma. — E outra coisa, deve desculpas a Suna, disse a ela coisas absurdas. Mentiu.

Mércia inspirou empertigando-se. — Posso ter errado com Suna, mas você fará muito pior – rebateu a médica.

— Não sabe de nada, sua cobra – respondeu o neurocirurgião.

— Se precisarmos, irá desculpar-se. Tudo bem? – informava Marcel.

— Sim... – assentiu ela.

— Vou pensar e lhe comunico. Lembre-se de que está em minhas mãos e vai continuar por muito tempo nessa situação. Não foi inteligente de sua parte ir encher a cabeça de Suna. Na primeira vez que selamos um acordo, você saiu com dinheiro. Nesse novo acordo, sairá sem nada. Só levará a fé de que cumprimos nossa parte do contrato – Marcel a encarava de forma afiada. — Venha aqui, Mércia.

Marcel se levantou foi até a mesa. Mércia se sentou em frente, passando a ler a papelada que o advogado lhe entregou. A médica se aterrorizou com o conteúdo. Além do celular, que era uma prova contra ela a curto e médio prazo, havia ainda as promissórias de valores exorbitantes e a última tinha sido datada para vencer em quinze anos. Ela protestou, mas acabou assinando os documentos requisitados pelo advogado. Antes de sair, voltou-se para Max.

— Só queria saber uma coisa, ama Suna, Max?

— Com toda a força de minha existência – assegurou Max. — Satisfeita?

Mércia apenas lhe deu as costas, batendo a porta com força ao sair. Max levantou os braços, movimentando as mãos, como se dissesse, "vai". Marcel o observou com certo ar de reprovação. O neurocirurgião sentou com uma sensação de alívio, após os instantes turbulentos.

— Não devia ter respondido assim. Essa mulher é louca – opinava Marcel, movimentando-se na mesa. — De todo modo, ela está dominada, mesmo que tenha mentido para nós. Só tenho receio de que surte.

— Não vai surtar – avaliava Max sem tanta certeza. — Acha que tem outra pessoa, além de Dante e Mércia, querendo prejudicar a mim e a Suna?

— Pensa em Diego e nas divagações de César?

Max levantou os ombros. — Alguém contou sobre a queixa na delegacia após a agressão a Suna. Estou confuso.

— Bom, Diego parece não estar envolvido. Parece! Não asseguro nada, pois daqui a pouco você passa a desconfiar de mim – o advogado opinava incerto. — Quem contou sobre a queixa foi Mércia. Têm ligações dela para Dante, no dia do incidente.

— Mércia é muito cínica, você tem muito sangue de barata – observava ele, devido à calma do amigo.

— Bom, acho que não seria um bom advogado, Max... – Marcel uniu as mãos fechadas frente ao rosto, pensativo. — Agora precisa pedir que Elisa me procure e finalizarei o contrato de fidelização.

— Prefiro conversar com ela pessoalmente. Vou ao *flat* agora encontrá-la e colocar um ponto final nisso. Vou pedir que ela venha aqui te procurar para resolver a parte legal da situação.

— *Okay*. Se quiser, vou contigo... e acabamos logo com isso.

— Não é necessário... – garantia.

— Eu já te falei que vi César com Elisa numa conversa animada num bar!

— comentava o advogado.

— Estimulei César a sair com ela. Ele sempre está sondando sobre Elisa.

— E os aproximou? Não acha que é perigoso? De repente, eles podem deixá-lo numa má situação.

— Não acho... Elisa merece ter alguém que a leve a sério – expirou pensativo. — Preciso me libertar dessas amarras e tentações – lembrou-se do dia em que fora aplicar a medicação em Elisa. Aquilo não podia continuar daquele jeito. Sentia-se muito mal.

— Bom, está arrumando sua vida no âmbito exterior. E sua alma? E suas compulsões?

— Controladas... – respondia Max evasivo. *Estavam mesmo?* Indagava-se. — Tudo que quero é ter uma vida normal com Suna. Quero prover segurança e estabilidade para ela, amor e felicidade – e aquele era seu maior anseio. — Pela primeira vez, mano, amo de verdade uma mulher. Não vejo a hora disso tudo passar e poder ter minha vidinha ao lado dela. Termos nossos filhos... – ele sorriu. — Vai ser tio, se depender de mim, ano que vem...

Marcel riu empolgado. — Quem diria, hein! O velho Vicente Max desse jeito, todo derretido, sorrindo assim. Quando começou a se envolver com Suna, achei que ela seria só mais uma para você usar e dispensar de qualquer jeito. Mas aí comecei a perceber o quanto mudou, se tornou um cara mais doce e leve, então, entendi que era obra de Suna.

— Ela é tudo pra mim. Não sei explicar... – até se emocionava ao falar de seu amor. — Nem pensei que esse sentimento existia. É maior que o sexo, é suave, terno, ao menos tempo, grande, pesado, forte, como também, apaixonante, quente, malicioso...

— Não, não... me poupe de detalhes – zombava Marcel. — Ficou bobo. Imagina quando tiver teu bebê nos braços! Mudou muito, Max, e para melhor.

— Graças a você que colocou esse anjo na minha vida, graças ao destino. Graças a Deus – levantou as mãos ao alto.

— Foi Deus e o destino, não eu – concluía Marcel batendo uma caneta na mesa.

— Enfim, vou nessa, deixarei o cunhado e advogado trabalhar. A gente se fala e obrigado por toda a força.

Despediu-se de Marcel e saiu do prédio mais tranquilo em direção ao *flat*. Entrou no carro pensativo. Finalmente, colocaria a vida em ordem e devia

isso a Suna. Mércia fora silenciada e acabaria o contrato com Elisa. A fidelizava o tentava a cada ida ao *flat* para aplicar a medicação e entregar os exames. Nem devia ter mantido essa rotina, mas como Elisa conhecera Suna, preferira que ela fosse entendendo que não mais utilizaria os serviços dela, mesmo que continuasse a pagá-la.

Seu foco era Suna. Há cerca de quinze dias, tinham retornado do passeio a Huilo Huilo e fazia um pouco mais de um mês que copiara os arquivos de Dante. Sim, tinha cópia, e assistira aos vídeos e aquilo não lhe fizera bem. Ter visto Suna mantendo relações com Dante e com o traficante havia caído como uma bomba sobre ele. Sentira-se péssimo e se arrependera de ter assistido.

Vê-la naquelas circunstâncias tinha sido pesado. Havia cerca de quarenta minutos de gravações com resolução duvidosa, sem áudio, que deixava claro que era sua mulher, numa versão mais jovem. Aquilo machucara a alma, tinha travado o corpo e revirado seu coração de ciúmes, mesmo que a razão apontasse que estava errado, era o passado dela. Não tinha aquele direito.

Havia se afastado. Não conseguia fazer amor, embora a amasse como louco. Mas ter assistido aquilo tinha sido mais uma prova de que Suna era a mulher de sua vida e era mais importante do que o sexo, algo que sempre permeou seus relacionamentos, inclusive, com Luana. De todo modo, aquilo já havia passado e tinham voltado às boas na cama.

Com Suna, a vida íntima era linda, mas não o essencial; mesmo com seu corpo fervendo e estando cada vez mais difícil segurar suas compulsões. Quando chegava próximo ao gozo, sentia que queria um pouco mais.

Após o choque inicial daquele vídeo, teve uma certeza imponderável de que era ela que queria ao seu lado, de que precisava prendê-la a si, para que nunca mais pertencesse a outro. Se aquilo era loucura, sim, era um insano. Se o nome daquilo era ser possessivo, sim, poderia se assumir como um dominador.

As imagens foram encontradas num *notebook* antigo, dois HDs externos e *drives* virtuais. Por orientação de Marcel, esse material foi entregue à polícia, com o restante dos equipamentos que surrupiaram no assalto, exceto um dos celulares descartáveis que serviria para calar Mércia. O advogado tinha explicado que os investigadores averiguiariam as provas do que Dante fizera com Suna e que as imagens seriam destruídas.

É que ele e César já estavam sendo investigados por obstrução de provas,

por mais doido que parecesse. Segundo Marcel, provavelmente, poderiam ser condenados, no máximo, a pagar multa, ou prestar serviços comunitários. No entanto, Marcel brigara para que a polícia arquivasse o inquérito, o que, infelizmente, não tinha acontecido. Ter se envolvido naquele assalto foi uma verdadeira irresponsabilidade, tinha que admitir, mesmo tendo sido crucial para a prisão de Dante e para salvar Beatriz e as crianças.

Inclusive, tinha conseguido alugar um apartamento, mobiliá-lo e contratado duas pessoas para ajudar Beatriz. Ademais, uma equipe de profissionais cuidava dela e das crianças. Dulce sempre os visitava e, vez ou outra, também aparecia para vê-los. Sentia-se cumprindo um dever ao ampará-los, sobretudo, ao garoto Pedro que voltara a estudar com uma tutora e passara a receber a visita do pai, o que estava ajudando a acelerar sua recuperação. José Kirin até passava fim de semana com eles no apartamento. Marcel propusera a Kirin a gerência da fazenda que tinham em parceria e que não ficava muito longe de São Sebastião. Estava feliz ao ajudar a resgatar aquela família.

Enfim, chegou ao *flat* e foi subindo com calma até o andar. Teria que ter pulso forte com Elisa e convencê-la de que não tinha mais sentido aquela situação. Além do mais, ela não ficaria desamparada. Marcel iria apresentarlhe uma boa proposta.

Abriu a porta e a fidelizada estava de pernas cruzadas numa microssaia e *top*, com um olhar de cadela pidona para ele... Teria mais aquele acerto de contas para concluir. Tudo para ter paz em sua vida com Suna.

Refúgio particular

22

O tempo passou galopando sobre os meses. A relação entre Suna e Vicente Max havia atravessado um período de tranquilidade, consolidando o amor e o companheirismo entre ambos. Max parecia confiante e feliz. Fizeram algumas viagens e planejavam o futuro. O neurocirurgião havia comprado um terreno num condomínio e Suna já tinha se reunido, algumas vezes, com a arquiteta para planejar a construção da nova moradia.

O Verão chegara e já se preparava para partir. Completava um ano que o casal tinha começado aquela história de amor. O contrato de casamento estava a menos de duas semanas para vencer, logo Marcel daria entrada na papelada para um discreto casamento no civil, apenas para os amigos mais próximos e familiares.

No entanto, o que neurocirurgião desconhecia era que Suna estava dividida. Se por um lado, Max representava o que de melhor poderia ter acontecido – era o seu coração e seu grande amor – por outro, o medo do que ele escondia havia crescido e ganhado formas dentro dela. A desconfiança a importunava noite e dia e martirizava a alma.

Era um amontoado de pequenos acontecimentos, que continuaram a surgir e a se somar numa matemática que, finalmente, ultrapassava o estado de sedação que o envolvimento com Max a havia induzido. Suna se sentia como se estivesse acordando de um coma, ou como se, num repente, a miopia da paixão, que a impedia enxergar, fosse corrigida. O certo era que Max tinha um grande segredo e ela não poderia casar-se de verdade e ter filhos sem conhecer o que ele tanto ocultava.

Perturbara-se com o fato de, por duas vezes, ele a ter mordido num sexo mais selvagem, marcando a pele, embora não a tenha ferido. Aquilo acendera um alerta, fazendo-a rememorar das acusações de Mércia. E, nessas ocasiões, notara que Max havia tido orgasmos mais intensos. Suna sentia como se ele avançasse aos pouquinhos rumo ao que desejava.

Somava-se ainda a desconfiança de que estava sendo seguida a mando de Max. Ela conseguira contabilizar uma alternância entre dois veículos, sendo um preto e outro prata, sempre nas imediações por onde ia de carro, seja em shoppings, supermercados e na orla – pois tinha voltado a andar –, seja próximo ao Maresia.

Suna ficara encabulada, quando, numa ocasião, estava no *shopping* e Max lhe ligara perguntando se já tinha feito muitas compras. Não havia dito a ele que iria ao lugar. Em dúvida, havia checado as mensagens trocadas entre eles, o que confirmara não ter feito nenhuma menção. Aquela desconfiança começou a sufocá-la.

Além disso, mais recentemente, Dulce limpava o escritório e havia deixado a porta entreaberta. Suna colocara a face dentro por alguns segundos e Dulce soltara um grito estridente ao vê-la. A expressão de terror e medo da governanta tinha sido o suficiente para fazê-la recuar e entender que ali dentro havia coisas muito mais duras do que um homem chamaria de refúgio particular.

Tinha contado a Maya sobre o escritório e a preferência de Max por sexo pesado. A amiga se chocara por ter se calado, por tanto tempo, sobre o escritório e acerca de suas desconfianças. Tinha explicado à amiga sobre a capacidade de Max de convencê-la quando sempre se rendia a ele e ao que contava, minimizando os fatos. Após aquele desabafo, ela e Maya começaram a bolar um plano mirabolante para que conseguisse o código de acesso do escritório.

Depois de muito pensar, elas decidiram pedir, na *internet*, uma minicâmera espiã. No restaurante, testaram o equipamento em busca do melhor ângulo para gravar o teclado de acesso do local. Sem a ajuda de Maya, nunca conseguiria ter tamanha audácia. A amiga idealizava os planos e a incentivava a seguir cada passo.

Enfim, Dulce limpava o escritório de Max às terças e sextas-feiras. Na última segunda-feira, na tardinha, quando não tinha ninguém em casa, grudara a minicâmera no melhor lugar para a captura das imagens, no

contramarco da porta, conforme o plano. Quase caíra do banco de tanto nervoso ao afixar o equipamento.

Todas aquelas minúcias, discutidas e avaliadas com Maya, não a deixavam dormir em paz. Na terça-feira, retornara ansiosa em busca das imagens. Observara as filmagens transferidas para o seu celular e não era possível verificar os números com exatidão, devido à cabeça de Dulce sobre o teclado. Porém, Maya previra que aquilo poderia acontecer e tinha outro plano em mente.

E, naquela sexta-feira, começava a executar o que a amiga havia planejado. Logo de manhã, antes de sair, havia borrifado levemente sombra clara com *glitter* no teclado, sem que Max ou Dulce a visse. Só torcia para que a governanta não limpasse as teclas.

E, naquele momento, retornava para casa para verificar quais teclas estavam sem *glitter*. Para isso, Maya havia tensionado um filme de plástico ao redor de um fino arame, que guardava no envelope, ao seu lado.

Entrou em casa, travou a porta e Zazá miou seguindo-a enquanto verificava se os cômodos estavam vazios. Guardou a bolsa, apanhou o celular e o envelope. A gata tigrada insistia em andar atrás dela. Foi até a porta do escritório e se considerou uma idiota por não ter tentado entrar lá anteriormente.

Zazá continuava reticente, queria atenção. Expirou, buscando calma. Acariciou a gata, apanhando-a no colo e a colocou no quarto, que usava para se trocar, fechando a porta. Não poderia correr o risco de Zazá se enfiar em algum buraco do escritório e depois dar-lhe trabalho para sair. Afinal, a gata era muito curiosa.

Voltou ao corredor. Trêmula, retirou o papel filme do envelope. As mãos suavam. Fez o possível para conter o nervosismo. Encostou o artefato no teclado digital. Pressionou, de maneira suave. Depois retirou. Ligou a lanterna do celular e esperou os olhos acostumarem-se com aquela luminosidade. Virou o plástico em várias posições em busca das grandes falhas do *glitter*, onde Dulce tinha posto o dedo.

Observou com mais acuidade. Podia ver as áreas onde as pequenas partículas brilhavam sob o reflexo da luz. Colocou artefato sobre o acesso e descobriu os números tocados. Eram cinco algarismos: 1, 3, 8, 9 e 0. Enviou-os para Maya. A amiga faria o cruzamento desses dados com a gravação dos movimentos de Dulce e lhe enviaria as prováveis combinações numéricas.

Nervosa, andava de um lugar a outro. O celular tocou avisando que havia mensagem. Mas era Tânia, que iria arrumar o seu cabelo e fazer-lhe a maquiagem. Naquela noite, Max receberia uma homenagem pelos serviços prestados ao Hospital Santo Antonio, num baile beneficente. Tinha se esquecido completamente daquele detalhe. Pedira a Tânia que viesse dentro de duas horas.

Transcorreram longos minutos e o coração queria sair da boca quando o celular tocou. Mal conseguia apertar a tecla para atender. Era Maya.

— *Suna, consegui três combinações com os números que podem ser a senha. Caso dê errado, tentaremos na próxima semana.*

— Está bem, May... — parecia que uma serpente gelada se enroscava na coluna.

— *Vá lá próximo ao teclado.*

— Já estou frente à porta.

— *Tenha calma, um número se repete, então são seis dígitos.*

Maya foi dizendo os números, apertou-os tensa. E uma luz vermelha acendeu. — Não é essa...

— *Apareceu alguma mensagem no visor?*

— Não — respondia como num sussurro.

— *Tenho receio de que o erro bloqueie a porta e eles saberão que você tentou entrar... Vamos lá para a segunda tentativa.*

Maya disse outra série e entendeu que era uma combinação aleatória da data de nascimento de Max, 09/01/83. E, como numa mágica, a luz verde acendeu e escutou o "clack". A porta destravou. — Abriu, abriu... — disse empolgada e uma onda de medo varreu o corpo.

— *Tenha cuidado, amiga. Sabe que conta comigo* — solidarizou-se Maya e ela nada respondeu. — *Suna, está me escutando?*

— Estou, May.

— *Cuidado! Atente-se, o que pertence ao passado não diz respeito a você... Cuidado com os ciúmes do que não tem relação com o período em que vocês estão juntos.*

— Obrigada, May... preciso aproveitar esse tempo... — agradeceu a amiga e finalizou a ligação.

Finalmente entrou. O refúgio particular de Max não a amedrontaria mais. Teve a sensação que o espaço poderia engoli-la, contudo, a cada passo adiante rompia as amarras que ainda a prendiam. Ao mesmo tempo que

desejava descobrir o que Max tanto escondia ali, tinha a impressão de que vozes dentro de si clamavam para que desistisse. Era o medo de perdê-lo, era o temor pelo que aquele lugar podia revelar-lhe.

Foi direto a uma peça à esquerda. As portas estavam destrancadas. Agachou. Abriu uma delas, puxou álbuns de fotos, mas as mãos trêmulas deixaram-nos escapar. Parou. Respirou fundo. Pegou o celular e abriu o aplicativo que tinha as imagens do condomínio. Escolheu a imagem da garagem, para saber quando Max chegasse. Não seria pega. Sorveu todo ar dos pulmões em busca de forças.

Folheou os álbuns e eram fotografias de Max pequeno, adolescente, com amigos; num deles, aparecia com uma namorada, na época em que vivera nos Estados Unidos. Deixou as fotografias de lado. Encontrou uma caixinha amarelo-limão, adequada para guardar aparelho ortodôntico. Abriu-a. Lá estava uma prótese transparente, diferente da que recebera na rua logo que se uniu a Max. Parecia que encaixava por trás dos dentes superiores. Nunca tinha visto daquilo. Aproximou o dedo das pontas e notou que eram afiadas, mais um pouco de pressão, furou o dedo e uma pontinha de sangue surgia. Era aquilo a que Mércia havia se referido. Fechou os olhos, por segundos, atônita.

Não poderia parar. Havia mais duas caixinhas ortodônticas guardadas. Verificou e as próteses eram iguais. Colocou-as de volta no armário. Abriu as outras duas portas. Engoliu em seco quando viu chicotes. Apanhou um deles, nas pontas havia lâminas cortantes. "Max é um dominador, sádico, controlador e dono de instintos perversos", aquilo ricocheteava na mente como um sussurro de fantasmas.

Havia outros objetos cortantes, tais como, navalhas, anéis com pontas afiadas e mais chicotes, além de cordas e algemas, não como as de *sexy shop*, mas reais. Horrorizava-se. Aquele era o segredo de Max. Se ele não a feria, nem a amarrava, com quem utilizava aquilo? Que tipo de homem praticava aquilo? Rápido, guardou aquelas aberrações, fechou a peça. Checou para ver se tinha deixado algo do lado de fora, e foi vasculhar a mesa. Trêmula, ligou o computador. O sistema pedia uma senha. Tentou a mesma de acesso da porta, contudo, não serviu.

Passou a mão no cabelo e virou-se. O outro braço bateu no pêndulo sobre a mesa e as bolinhas começaram a bater entre elas, fazendo barulho. Em desespero, tentou pará-las sem sucesso. Era como se avisassem, o que estava

iniciando causaria consequências irreversíveis. Era um caminho sem volta. Observou o celular, a vaga de Max ainda estava vazia.

Deixou o pêndulo de lado e focou-se nas gavetas, vasculhou e tudo estava organizado, parecia trabalho de Dulce. Havia contas, o contrato de compra e venda do terreno e papéis sem significância. Levantou-se, foi até a estante, frente à peça e via títulos e mais títulos de livros da área médica em português, inglês e espanhol. Pensava na senha que utilizaria para entrar no computador e ao mirá-lo outra vez, avistou a pequena peça de arquivos. Foi até ela.

Eram duas grandes gavetas. Abriu a primeira e surgiu uma série de pastas organizadas por nome. Uma se chamava Mércia. Puxou-a. E começou a ler a papelada. Outra vez sentiu como se uma serpente gelada circundasse a coluna, quase paralisando-a. Teve dificuldade para respirar. Os tremores aumentam à medida que avançava na leitura do conteúdo. No fim de um dos documentos, viu a assinatura de Marcel Filares, seu irmão. Ele sabia de tudo.

Mércia havia recebido dinheiro para prestar serviços médicos. Aquilo era estranho. Avistou a cópia de outro documento mais recente e, nas cláusulas, constavam deveres; encontrou seu nome num dos itens em que Mércia devia guardar distância dela, não fazer referências a Vicente Maximo e detalhava uma dívida de dois milhões, junto a Max e Marcel. Existiam cópias de promissórias. Nada tinha entendido. Guardou o contrato de Mércia.

Leu as "orelhas" das outras pastas. Encontrou os termos "fazenda", "e. segurança", "*flat*", "apartamento", "aluguéis", "c. praia", "Suna", "Karina", "Cida", "Elisa". Aquele último nome não era estranho. Puxou a pasta com seu nome e era o contrato de casamento, recolocou-a ligeiro no lugar e apanhou a pasta Elisa. Tratava-se de um contrato chamado de "fidelização", foi rápido ao fim do documento e estavam lá as assinaturas de Marcel e Max, retornou às páginas iniciais. Foi lendo e o estômago embrulhando, teve vontade de vomitar de nojo. Elisa, Elisa, conheceu alguém com aquele nome... Finalmente, recordou-se. Era a moça que tinha encontrado com Marcel no laboratório, que portava guias de exames para doenças sexualmente transmissíveis. Max dissera que era namorada de César, mas ela era a garota que ele machucava, com quem transava. Elisa era sua submissa, estava escrito no papel. Elisa era a escrava de seus fetiches cruéis.

Parou. Tentou controlar a respiração descompassada. Tremia. Queria chorar, mas não conseguia. Mal passava as páginas. Viu a rescisão de

contrato há mais ou menos sete meses. Aquela moça, de biótipo que os marmanjos adoravam taxar de gostosa, servira a Max, inclusive, no período que eles estavam juntos. Teve a impressão de que iria desmaiar. Baixou a cabeça, apoiando-a na mesa. Suava frio, a barriga revirava, o estômago estava embrulhando. Ele havia mentido não só sobre Mércia, mas quando perguntara sobre Elisa. Mentira com cinismo, enganando-a como um artista de alto gabarito. E o pior, Marcel, seu irmão de sangue, sabia de tudo.

Um rolo compressor passava sobre ela, navalhas corriam no sangue, esfacelando a carne, destruindo seu coração, vilipendiando e roubando sua alma. O chão se abria e a tragava aos lugares mais obscuros e tristes que poderiam existir. Os pensamentos pareciam consumidos por lavas de fogo, sorvendo, destruindo e transformando qualquer resquício de esperança em cinzas. Max, o homem que lhe jurou amor, que lhe havia garantido, com o ar mais sincero, que as acusações de Mércia eram mentiras, revelava-se um grande algoz e ardiloso. Ele era doente, trazia essas mulheres embaixo da unha e faria o mesmo com ela... Meu Deus!

Levantou o torso em frangalhos. O que faria? Pôs a mão na testa, trêmula. Tinha certeza de que estava pálida. Procurou acalmar a respiração e ordenar os pensamentos. Max era tudo que Mércia o acusava, sádico e perverso. Ele era um psicopata como Dante. Fitou o computador. Não poderia render-se, precisava verificar o que mais escondia. Foi até a tela, tentou a data de aniversário de Max, contudo, não deu certo. Os dedos quase erraram os números. Digitou a mesma data ao modo inglês. O coração acelerou, parecia que iria parar, quando o sistema operacional começou a abrir.

Seu estado de nervos era tanto que não conseguia comandar o mouse. Com a ajuda da outra mão, acalmou o tremor e navegava pelos ícones. Um, com o nome *flat*, chamou-lhe a atenção. Abriu um programa e reconheceu aquele tipo de arquivo, eram filmagens. O coração voltou a tamborilar alto. Recebia mensagens de Maya. Havia esquecido de tudo, desviou o olhar para o seu celular. De súbito, viu, no aplicativo de câmeras do condomínio, que o carro de Max estava estacionado. Ele havia chegado.

Levantou estabanada, sem saber o que fazer. As pernas bambearam. Ele não poderia pegá-la lá. Não fazia ideia do que ele poderia fazer com ela. Entrava em pânico. *Suna, se acalme*, tentava dar-lhe ordem. Apanhou o celular e vasculhou outras câmeras do aplicativo enquanto chegavam mensagens de Maya. Um alívio tomou os sentidos. Max subia no elevador.

Um golpe de sorte. Prestes a ter um ataque de nervos, desligou o computador, empurrou as gavetas nos lugares e saiu correndo do escritório, com medo de tropeçar.

Entrou direto no quarto onde se trocava. Zazá miava empoleirada no seu vestido vermelho que deveria usar à noite. Tirou os sapatos e foi direto para o banheiro, trancando-se com o celular na mão. Não tinha condição de responder a Maya, deixou o aparelho na bancada. Ligou o chuveiro bem forte e entrou com roupa e tudo, num ato de desespero. Conseguiu soltar um grito baixo e soluçou chorando. Queria que a água tivesse o poder de livrá-la daquela dor, carregar pelo ralo aquele sofrer, aliviar a alma, acalmar o coração e a mente. Soluçava. E aquele choro, a dor mais sentida de sua vida, misturava-se ao som da água forte batendo no corpo e no chão, a água morna que se negava a lavar os sentimentos, ou a livrá-la dos suplícios, que não levava para longe o medo e a tormenta.

Escutou a porta bater.

— Amor, amor... Su? Tudo bem? – era Max num tom normal e afetuoso.

Em fração de segundos não sabia o que fazer. — Estou... estou bem...

— Deixa tomar banho contigo... – ele pedia, era comum querer aquilo.

Fechou os punhos na testa. — Não, hoje, não... meu amor – a última frase saiu cortante pela boca.

— Tem certeza que está bem mesmo?

— Tenho, querido.

— Está bem... vou tomar meu banho para a gente jantar.

Não escutava mais a voz dele. Deixou o corpo escorregar pelo revestimento e, então, pôde chorar aos prantos. Precisaria conhecer o resto daqueles arquivos no escritório. Precisava ler, entender, digerir quem era Max, afinal. Necessitava elaborar um plano.

E como se libertaria de Max se ele era a sua vida? Ele não se comportava como sádico e perverso com ela, assim, não sentia prazer de forma plena, em seus braços, e procurava outras... Por outro lado, ao menos nos últimos meses, parecia impossível. Ele vivia para ela.

Teve a sensação de que iria enlouquecer. Não podia desejar que ele a ferisse. Não estava na razão de seus pensamentos. O celular tocou de novo, nem sabia se era Maya ou Tânia. Não tinha ideia do que faria, mesmo sabendo o quão devastador ele poderia ser... Olhou para as mãos e fitou a aliança e o anel de compromisso, todo incrustado de diamantes, que Max

havia lhe dado, recentemente. Não conseguiria sair daquele banheiro e dar um escândalo. Aquele era um dia especial para Max, iria ser homenageado por seu trabalho voluntário. Também, não podia pensar só nele. E ela?



Vicente Max admirava Suna enquanto era cuidada pela profissional de beleza, Tânia, que finalizava a maquiagem, depois de escovar os cabelos e fazer um penteado com tranças. Parado de frente às duas, escorado no contramarco da porta, vestido num terno cinza escuro, com colete, camisa branca e gravata carmim, com detalhes brancos – conjunto escolhido por Suna – os olhos de Max brilhavam ao observá-la, sentada, usando um poderoso vestido vermelho.

Já o coração de Suna parecia partido em milhares de pedaços. Ordenava os fatos que acabara de descobrir no escritório de Max. Resolveu agir com perspicácia e não indagar nada ao neurocirurgião sobre as mentiras. No fundo, passou a temer a reação dele ao descobrir que ela sabia a verdade sobre a amante submissa. Pelos termos do que lera no contrato, ele poderia perseguir a fidelizada e tinha medo que fizesse o mesmo com ela. Assim, resolveu fingir, ao menos naquele dia, sobre o fato de conhecer os segredos dele e o histórico de sadismo e perversão que ocultava.

Max continuava a contemplar Suna. Ele a considerava naturalmente elegante, mas quando se arrumava parecia uma princesa, dona de uma beleza suave, encantadora e sedutora, mesmo que ela nem se desse conta daquele poder. Suna não fazia tipo, nem tinha muita malícia. Era espontânea e maravilhosa. Mas notou que o olhar dela, naquela noite, parecia entristecido. Não quis jantar e nem conversaram e, aquele silêncio, o incomodava.

O neurocirurgião não gostava de reconhecimentos por suas doações e trabalho voluntário. Vinha negando-se àquela homenagem há muito tempo, mas, nesse ano, não o consultaram, colocaram seu nome como o homenageado do ano, no baile para arrecadar fundos para as obras sociais e o hospital. Precisava muito do apoio de Suna para tolerar aquela exposição.

Considerava aquele reconhecimento injusto, pois mais recebia do que doava. O que fazia era uma forma de devolver à humanidade parte do mal que um homem como ele, com seus sérios defeitos, poderia causar. E, também, era uma maneira de tentar reparar diferenças pelo estilo de vida que levava, sem privações, frente às de milhares de pessoas carentes. As dificuldades alheias realmente o incomodavam.

Meio por acaso havia aderido ao trabalho voluntário quando fazia residência médica nos Estados Unidos. Nas férias, alguns colegas foram para o Haiti, que tinha sido devastado por um terremoto, então, resolvera ir junto. Lá, no meio de toda aquela tragédia humanitária, entendera que havia um papel a cumprir a mais em sua vida, que os dramas interiores não eram nada diante do sofrimento de muitos. Ali também compreendia o quanto havia sido um privilegiado mesmo que houvesse crescido num lar de pouco amor e atenção. Enfim, doar dinheiro era importante e essencial, mas doar atenção, cuidados e atendimento era muito mais necessário...

— Está linda, não é doutor Max? — questionou Tânia, buscando aprovação o trabalho que finalizava, tirando-o de suas reflexões.

— Ela já é bela por natureza, mas em suas mãos ficou fascinante. Sou suspeito para falar. Admiro Suna todos os dias, Tânia — disse ele e Suna apenas deu um sorriso desconcertado.

— Já viu, um amor desses! Você merece — Tânia elogiava a declaração de Max, segurando os ombros nus de Suna diante do grande espelho.

O coração de Suna sangrava mais ainda, parecia um paciente terminal. Esforçava-se para manter as aparências. — Ficou muito bom. Obrigada pela paciência em colocar esses cílios... — Suna agradecia, desconversando, levantava-se e apanhava na carteira a quantia para pagar pelos serviços.

— O que teve, mulher, perdi duas vezes os fios por causa de sua tensão por essa festa — alegou a profissional enquanto guardava os seus pertences numa grande bolsa. Suna nada disse, mas um frio subiu pela barriga.

— Ela estava tensa? — perguntou Max. — Por que, meu amor?

— Nada, Max. Estou com uma enxaqueca horrorosa — respondeu ela sem conseguir encará-lo direito.

— Já tomou um remédio? Quer que eu apanhe? — ofereceu-se ele.

— Já tomei... — respondia econômica.

Max acompanhou Tânia até a porta de saída, o que foi um alívio para ela. Olhou-se no espelho, espanando com as mãos os pelos que Zazá havia deixado, ajeitando o vestido longo de *chiffon* e seda vermelho, moldado ao corpo, que tinha um decote abissal, alças cruzadas nas costas e duas fendas inferiores na frente. Sentou para calçar as sandálias no mesmo tom, mas não conseguia fechá-las. Pensava em trocá-las por outra quando Max retornou e veio em sua direção ajudá-la. Ele agachou e tocou seus pés. Teve vontade de chorar, mas se conteve, deixando a raiva dominar o espaço da dor.

Suna tinha belos pés e ele ficou excitado diante da sensualidade deles, dentro daquelas sandálias. Contudo, não tinha tempo para aquilo, beijou o peito de um dos pés, de modo demorado e fechou as sandálias. Ela agradeceu numa voz que quase não saía e se levantou ao mesmo tempo que ele. De brincadeira, Max puxou um pouco um lado do tecido que cobria um seio, apertando um dos olhos, como se olhasse por uma luneta, mas Suna não achou graça.

— Os seios estão fora de alcance de curiosos... – disse ela com frieza.

— Não sei o que você tem. Não tenho bola de cristal. Por favor, conte-me... – pediu o neurocirurgião.

— Não é nada. Vamos, essa noite é importante para você.

— Saiba que não queria isso. Trocava tudo por um sorriso seu...

Max observou Suna sorrir forçosa e apanhar a bolsa. Ao menos, ela estava com o colar e os brincos de diamantes que pertenceram à sua avó e tinha dado a ela. Enlaçou-a em seus braços e a trouxe para perto de si. O perfume o inebriava. Beijou suavemente os lábios macios e sedosos, com cuidado para não lhe estragar a maquiagem, e quis muito fazer amor.

— Linda, linda e não me canso de te olhar – era a mais pura sinceridade. Idolatrava aquela mulher, pensar naquele sentimento poderia doer a sua respiração.

— Vamos? – ela cortava o clima.

Amava Max como uma idiota. Estava sendo permeada por uma profusão de sentimentos, principalmente, a raiva e a dor, que davam o tom daquela mistura. Ela teria uma noite difícil. Talvez fosse masoquista e gostasse de sofrer, pois não havia necessidade de passar por aquela situação. Só que queria saber mais sobre Max e pretendia sair daquela situação de modo racional. Sabia que se fosse para o embate, acabaria nos braços dele, ou, quem sabe, numa situação pior, como aquela Elisa, a mulher vulgar que ele tanto desejava. Quando pensava na outra, um ódio se apossava dos sentidos.

Durante o trajeto, o silêncio de Suna era constrangedor. Max enredava um monólogo. Falava da nova casa que projetavam, sugeria que ela fizesse um amplo *closet* e um banheiro espaçoso para que pudesse se sentir confortável ao se arrumar. Ela apenas assentia. Ele repetiu que desejava que o imóvel tivesse quatro quartos, casinha para brinquedos, na área externa, pois tinha visto uma ao visitar um casal de colegas.

— E um escritório para trancar seus segredos? – irrompeu Suna.

— Está zangada por isso? Não teríamos escritório trancado, mas uma biblioteca para estudos e uso de todos. Não acha melhor?

— Desde que os títulos tenham conteúdos adequados... — Max fez uma careta estranhando aquelas colocações e Suna, por mais doída e destruída que estivesse, mantinha-se empertigada, com o queixo levantado e firme.

Após aquele comentário, Max preferiu calar-se até chegarem. Segurou a mão dela e levou o peito da mão aos lábios, ao se aproximarem do acesso principal ao prédio. Foram recebidos por Teresa, uma das organizadoras, que os cumprimentou de maneira calorosa. A festa acontecia no Trapiche, na zona portuária da cidade. O prédio era do Século XVIII e conservava uma imponente fachada, remodelada com portões e janelões arqueados, pintados num tom rosado.

— Bem-vindo, doutor Vicente. Só assim para conhecer sua esposa — comentou Teresa de maneira afável.

— Olá, Teresa — cumprimentou Max. Conhecia a anfitriã desde que tinha começado a prestar serviços voluntários, era uma mulher madura, educada e de coração grandioso.

— Suna, como você é linda! — elogiou Teresa. — Doutor Vicente fala muito de você. Por que não vai ao hospital quando ele estiver atendendo lá? Há tantas atividades que podemos nos envolver e ajudar os pacientes!

Suna surpreendeu-se. Ela nunca tinha pensado naquilo, no entanto, era tarde. Tinha outros planos. — Sim, claro. É um belo trabalho... — respondeu atrapalhada.

— Vou marcar com doutor Vicente para levá-la no dia que eu esteja lá.

— Está bem, vamos marcar sim... — Suna sorriu a Teresa com simpatia, sustentando um interesse que não existia naquele instante.

Eles foram entrando no grande salão. No ambiente, havia políticos, autoridades, artistas e bem-nascidos. E Max não gostava daquele mundo. A relações públicas do hospital o conduziu até os jornalistas. Concedeu rápidas entrevistas. Tirou fotos ao lado de Suna. Em seguida, foram instalados numa área de mesas privilegiadas onde também estavam os anfitriões, que eram os representantes de grandes empresas e instituições doadoras, que financiavam aquela festa de arrecadação de fundos.

Alguns convidados vieram cumprimentá-los. Garçons serviram petiscos e espumante. Suna continuava séria, embora estivesse sendo simpática com as pessoas. Ele começou a desconfiar de que algo grave poderia estar

atormetando-a. Forçou-se a pensar sobre qual seria o problema, mas nada vinha à mente.

Max iria tentar puxar alguma conversa quando avistou uma amiga da época de estudante, de quando morava em São Paulo, vindo em sua direção. Era Otavia Bittencourt.

Alegrou-se. Ficou de pé para saudá-la. — Otavia! Não acredito que vim encontrar você logo aqui!

— Vicentinho, há quanto tempo que a gente não se encontra!! Sua mãe me contou que casou – a amiga o abraçou e depois fitou Suna.

— Suna, minha esposa, e Otavia uma amigona de longas datas. Elas se cumprimentaram.

— Parabéns, Suna, por finalmente domar esse rapaz e colocar-lhe uma rédea – Suna e Max riram constrangidos. Sentaram-se. — Suna, não repare meu jeito – ela fitou Max. — Acho que voltarei a morar aqui. Recebi algumas propostas e estou seriamente inclinada a aceitar.

— Que ótimo. Você é daqui, não é?

— Sim, fui para São Paulo trabalhar e agora quero retornar. Está na hora.

— Casada? – perguntou Max com tom de brincadeira.

— Separada de três maridos e mãe de um adolescente. Uma sobrevivente. Suna, minha filha, falo pelos cotovelos. E tenho dedo apodrecido para homens. Deus! Só dei fora na vida! – Otavia olhava para cima.

— Deve ter algo reservado pra você. Um bom baiano, arretado, para te pegar de jeito – Max lembrava-se das tantas brincadeiras de quando viajavam nos feriados. Ele era estudante de medicina e ela já era casada com Félix, o primeiro marido. Agora Otavia era uma mulher madura e continuava muito bonita.

— Já não tenho tantas esperanças... E você, Suna, não fique encabulada comigo, conheci o agora homenageado doutor Vicente Maximo, com o rosto cheio de espinhas.

— Está tudo bem – Suna apenas sorria.

— E por onde anda, Marcel? Suna, esses dois pareciam Batman e Robin, a dupla dinâmica.

— Marcel mora aqui também. Otavia, Suna é irmã de Marcel – o semblante de Otavia foi de espanto. — O pai biológico deles andou aprontando por aí no passado... – completou de modo que a amiga entendesse.

— Então, continuam em família. Bom, aguardo o convite para o jantar na casa de vocês, assim que voltar em definitivo – disse a amiga tagarela. — Suna, foi um grande prazer – Otavia observou Max. — Soube escolher bem, hein, doutor. Você é muito bonita, Suna.

— Gentileza, a admiração foi recíproca. Também é uma linda mulher, Otavia.

— Bondade sua...

Max e Otavia trocaram os números de celular, mandaram mensagens mútuas e ela se foi. Suna se mantinha agradável, no entanto, parecia que uma cortina havia desfraldado sobre ela.

— Não vou perguntar outra vez o que está acontecendo. Seja o que for, estou aqui e estarei sempre ao seu lado – segurou a mão dela e mexia na aliança de um lado para outro, o que havia se tornado um hábito.

— É a dor de cabeça. Não se preocupa – alegou a mulher.

— Não ligue para o jeito de Otavia.

— Gostei dela, é uma mulher que parece ser inteligente e independente.

— Sim, ela é isso tudo.

A mestre de cerimônia começou o evento. Foram longos e enfadonhos minutos, agradecendo e externando sobre a importância das doações, sejam pequenas ou vultosas, para a manutenção das obras sociais. Abordou acerca do relevante papel do Hospital Santo Antonio para a sociedade e apresentou os números de atendimentos prestados à comunidade carente. Em seguida, falou sobre as doações recebidas durante o ano anterior. E representantes de grandes empresas foram chamados para entregas simbólicas de novas doações, como também, foram assinados convênios com entidades públicas. Alguns discursaram e Max sabia que chegaria sua vez. Em certo momento, Teresa subiu no palco e foi até ao púlpito.

— Todos os anos temos um voluntário homenageado. O nosso voluntário do ano está conosco há algum tempo. É um neurocirurgião de renome no país, que passa quase todos os seus sábados e, às vezes, suas sextas-feiras, conosco, operando ou atendendo pacientes do pré ou pós-operatório... – Max começou a sorrir constrangido e apertou a mão de Suna à medida que muitos, que já o conheciam, olhavam para ele. — ...Voluntarioso, dono de um espírito altruísta, atento e cuidadoso, com seu jeito único, ele não queria ser homenageado. Mas nós, do Santo Antonio, insistimos. Pelo seu caráter, honestidade e respeito ao próximo, não há quem mereça mais essa honraria

que o doutor Vicente Maximo, o nosso doutor Max.

O neurocirurgião se levantou e seguiu para o palco ovacionado por todos. O coração de Suna, se fosse possível, estaria mais apertado e estraçalhado naquele instante. Observou-o caminhar elegante, com os cabelos cortados e barba aparada. Como viveria sem ele? Mas como continuaria a aceitá-lo com aquelas mentiras e falta de caráter e respeito? Ele a quebrou, sentia-se destruída, mas o amava muito. Só não podia amá-lo mais do que a ela mesma.

Visivelmente emocionado, Max recebeu uma placa de aço com uma mensagem e uma medalha. Ele agradeceu pelo comenda e se comprometeu a continuar o trabalho no hospital.

— ... esse é um trabalho que muito me engrandece. E quero estender essa homenagem a todos que estão nessa luta e seguem essa missão. Não sou muito bom de palavras, acho que sou melhor mesmo na mesa de cirurgia – alguns deram risada, até pelo tom utilizado por Max. — Enfim, eu que agradeço a oportunidade de trabalhar com vocês e conhecer tantas histórias de dores, sofrimento, cura e superação. É enobrecedor fazer parte de tantas jornadas de vida – ele recebeu mais aplausos. — O ano que passou e este ano foram excepcionais em minha vida, por eu estar formando minha família. Assim, queria dedicar essa homenagem à minha esposa, Suna, minha adorável, doce e compreensiva mulher. Pra você, Su, te amo – ele ergueu a placa.

As últimas palavras de Max e os aplausos ruidosos davam o tom aos dilemas que Suna enfrentava. Uniu as mãos próximo ao rosto, em choque. Cada célula do corpo se distorcia numa confusão de percepções. Fechou os olhos, por segundos, sem saber o que fazia naquele lugar. Certamente, quem a via, devia julgá-la emocionada. Tinha acabado de escutar aquela declaração de amor pública de Max que divergia da realidade dolorida que ele a submetia. Max era abominável e dissimulado, trafegava entre a bondade e a maldade com facilidade, além de encantar e conquistar a todos.

O neurocirurgião desceu do palco e foi cumprimentado no caminho de volta. Ao se aproximar esfuziante, puxou-a, envolvendo-a nos braços e beijando seus lábios. Suna retribuiu o abraço com a maior força que possuía, mexida com o poder que ele exercia sobre seu corpo. Sentaram-se. Vencida pelas tormentas emocionais, rendeu-se, ao menos no momento, à presença física dele. Por fração de segundos, desejou nunca ter entrado naquele

escritório.

— Não devia ter dito aquilo... — arriscou ela tímida. A cerimônia parecia seguir para o fim.

— Por que não? Foi pouco, só que não quis parecer piegas. Sabe que amo você e não tenho vergonha disso — ele a mirou e ela desviou o olhar.

Suna apenas suspirou introspectiva e logo o casal Paulo e Sonia Sarmento sentou na mesa e começaram a conversar. Não conseguia concentrar-se nos diálogos com Sonia, afogada em agonia, no mar de dores, mágoas, decepção, incompreensão e amor. Um baile começou em seguida, com uma cantora conhecida, que dava uma palhinha.

O outro casal de amigos continuou na mesa e eles circularam entre os convidados, sendo apresentados a artistas e políticos. Quer dizer, ela, pois Max já conhecia alguns deles. Caminhavam de mãos dadas pela festa quando começaram a cantar "Pra você guardei o amor", do Nando Reis e Ana Cañas. Escutava aquela canção quando havia se apaixonado por Max e sonhava em ser correspondida. Max sabia daquilo e a conduziu para pista de dança. Ele a fitou nos olhos, radiante de alegria e a pressionou levemente contra o corpo dele. Segurou sua mão esquerda e levou nos lábios e depois a pousou no ombro dele.

— Minha vida. Sabe disso, não é? — murmurou ele e beijou seu pescoço. Max a pressionou mais um pouco e sentiu a ereção pulsar sobre a calça dele.

Teve vontade de chorar na certeza que aquela poderia ser a última dança entre eles. Enterrou seu rosto no peito de Max. Não conseguia conter as lágrimas. Algumas desciam, manchando a maquiagem e o tecido do paletó, e tantas outras abundavam por sua alma, um choro interno, sofrido. Quis soluçar, mas controlou-se. Ritmou a respiração e foi mantendo-se mais estável, embora não tenha conseguido impedir que Max a visse entre lágrimas escondida em seus braços.

— Su, o que houve? — indagou incisivo o neurocirurgião. Ela só conseguia balançar a cabeça de modo negativo. Max olhou ao redor deles e a ajudou a disfarçar as lágrimas, mantendo-a próximo dele. — É melhor a gente ir embora, está muito quente... — ele concluía. Chegaram num canto menos movimentado, ele ficou de costas para o público e a afastou com delicadeza. Enfrentou os olhos frios e inquisidores dele. — Limpa aqui — ele indicou abaixo dos olhos e apanhou um lenço no bolso e lhe entregou. Ela passou o tecido fino embaixo das pálpebras. Ele fez sinal de que estava bem. —

Vamos.

Max apanhou a medalha e a placa na mesa, Suna pegou a bolsa, despediram-se de algumas pessoas e saíram discretamente. Ele estava intrigado e preocupado com a postura de Suna, mas não queria indagar sobre o que ela tinha, pois já insistira em demasia. Entraram no carro e o silêncio imperou entre eles.

— Nem me parabenizou pela homenagem – em certo momento, Max comentou. — Está muito estranha.

— Desculpe. Parabéns, Max – disse ela econômica.

— Bom, está sem conexão comigo. O que eu fiz dessa vez?

— Nada... – sussurrou Suna, como num miado. Na verdade, ele tinha feito muitas coisas, pensou ela, mas não conseguiria externar. Preferiu utilizar-se da especialidade de Max, mentir.

— Se tem isso como verdade, vou agir como se tudo estivesse bem – alegou o médico, num certo tom de ameaça. Suna sabia a que ele se referia.

Chegaram. Max não a ajudou a sair do carro, como quase sempre ele fazia, principalmente, quando saíam à noite. Subiram e ele foi se livrando do paletó, colete e gravata no elevador. Estava suado, abriu a camisa e subiu as mangas. O silêncio parecia paredões erguidos entre o casal. Suna passou direto pela sala sem dar atenção a Zazá. Pretendia ir trocar-se, contudo Max a alcançou no corredor, abraçando-a por trás e, em seguida, trouxe-a para junto do corpo dele. O neurocirurgião passou a barba por seu ombro e pescoço, mordiscou a orelha. Suna fechou os olhos e segurou um dos braços dele esticando os pelos. De imediato, constrangeu-se, sem saber como agir. Ele a virou, e os olhos de ambos se confrontaram.

Max acariciou seu rosto. Sentia repulsa e desejo misturados. Insegura, fechou os olhos. Ele pressionou suas bochechas com suavidade e aproximou os lábios dos seus.

— Abra a boca pra mim, porque quero você agora – disse Max com rudeza.

Aquela reação era uma maneira de mostrar a Suna como ele estava chateado pelo jeito que ela agia. Se não quisesse nada com ele, teria que conversar. Caso contrário, iria possuí-la, o que já passava por sua mente desde o momento em que a tinha visto arrumando-se. Era sua mulher e reivindicaria o corpo dela, cabia a ela o aceitar ou dispensá-lo.

Suna aceitava o beijo afoito de Max, ela decidiu que entregaria seu corpo.

Ele tirou a camisa e desafiou a calça. Ela teve medo de que Max rasgasse o caro vestido. Começou a tirá-lo, mas ele a impediu. Apanhou-a no colo e a levou para o quarto, colocando-a de volta ao chão.

— Tire o vestido para mim, mas não as sandálias – exigiu Max enquanto tirava o resto da própria roupa sem piscar os olhos direcionados a Suna.

Ele a devorava com o olhar. E, de repente, Suna descobriu-se envergonhada, embora aquele fosse um sentimento que mais pertencia a ele. Deixou o vestido deslizar pelo chão, deu alguns passos, retirou o sutiã invisível, que protegia os seios. E depois, desceu a calcinha. Usava apenas as sandálias vermelhas de uma fina tira e os diamantes da família dele. Com a ereção imponente, Max sentou-se na poltrona e fez um sinal com os dedos a chamando. Um frio subiu pela coluna. Não entendia, como era possível sentir desprezo e desejo ao mesmo tempo.

Suna se aproximou. Ele segurou suas mãos e fez pressão para que ela se agachasse. Uma sensação de medo a invadiu, alastrando-se pelo corpo, extravasando pela pele. Lágrimas pressionavam os olhos, mas se segurava. Arrepiou-se e cedeu à vontade dele. Ajoelhou-se entre as pernas de Max e paralisou. Max tocou seus seios e conduziu seu rosto para cima do pênis ereto. Resistiu e, sem conseguir mais se controlar, outras lágrimas deslizaram pelo rosto.

O médico se assustou e sua excitação desapareceu. — Não acredito nisso! – disse ele ao tempo que a abraçava e a tirava daquela posição. Ficaram de pé. — O que há, meu amor? Não aguento mais te ver assim – confessava ele com sinceridade. Abraçou-a enfiando os dedos por entre os cabelos presos em tranças.

— Nada, não é nada – Suna repetia quase soluçando.

— Como nada? Nunca a vi desse jeito! – questionava ele sem se afastar. — O que eu fiz?

— Nada, Max. Apenas me ama – Suna falava com a voz entrecortada. — Faz amor comigo, por favor... – ela pedia, finalmente, com um fiapo de voz, pois sabia que aquela seria a última vez que o teria para si.

Max a beijou de modo apaixonado e as lágrimas continuavam a verter de forma descontrolada. Com as mãos um pouco trêmulas, Suna acariciou o peitoral e o abdome de Max, sentindo os pelos de que tanto gostava e que ela cuidava.

Chorava pelos dois, de saudade, de raiva e porque a vida tinha sido desenhada daquela forma. — Vamos dormir... — sugeriu ele, parando de beijá-la.

— Não, continua... Preciso que não pare, não para nunca — ela pedia com a voz embargada.

Max a conduziu até a cama e a deitou com delicadeza, beijou-lhe os olhos, sugou as lágrimas, cobriu-lhe os lábios demoradamente. Ela sentia os pelos da barba deslizar sobre a pele. Ele ergueu uma de suas pernas e, vagorosamente, desabotoou a sandália, passando a língua, com suavidade, na curva do pé e depois, os lábios úmidos. Suna soltou um gemido curto e Max voltou a se excitar. As lágrimas dela cessaram com o acalento do prazer. Após livrá-la da outra sandália, o médico voltou a trafegar pelo dorso, concentrando-se nos seios e foi, lentamente, descendo com os afagos.

Em suas partes íntimas, os lábios de Max lhe davam os últimos prazeres. Demorou a entrar no clímax. Paciente, ele lhe provia das mais ternas carícias até que atingisse um orgasmo. Em vez de um grito de deleite, emitiu um som obtuso que mais parecia uma ave ferida, um grasnado amargo. Então, ele a penetrou devagar, dizendo repetidas vezes que a amava, que ela era a mulher de sua vida. Para que não mais escutasse aquelas palavras, beijou ardorosamente a boca dele, sugando-lhe a língua, como se fosse possível tê-lo só pra si, sem que tivesse que dividi-lo com as mentiras e obscuridades que o acompanhavam. Seus corpos bailavam naquela dança de amor, numa última dança. E, daquela vez, só ela sabia daquele segredo.



— Quando sair do hospital, venho te buscar para a gente almoçar fora e comer algo gostoso — disse Max, beijando o ladinho de seus lábios enquanto fingia estar com sono.

— Está bem — murmurou de olhos fechados.

Logo que a porta bateu, Suna ergueu o pulso, fitou o relógio e esperou passar dois minutos. Levantou, tomou um banho e lavou os cabelos para livrar-se do penteado da noite anterior e vestiu um camisão branco. Apanhou um iogurte e foi para o refúgio particular de Max. Ainda não tinha desabafado com Maya, mas não queria perder nenhum segundo, pois precisava mergulhar nos outros mistérios que aquele escritório testemunhava.

No fundo, sentia-se desnorteada, sem rumo, envolvida por um emaranhado de dúvidas e incertezas. Queria tanto que aquele lugar não existisse com

todos aqueles segredos constrangedores, para que pudesse levar sua vida ao lado dele. No entanto, Max mantinha aquela pilha de esqueletos no armário, quase ao lado do quarto deles, como se fosse um apêndice, uma extensão às suas necessidades obscuras. A tristeza parecia uma bigorna amarrada ao coração, tentando derrubá-la. A verdade era que estava dividida e devastada. Talvez, fuçando aqueles arquivos, teria mais clareza para decidir o que faria.

Entrou outra vez no escritório e foi direto à escrivaninha. Abriu os arquivos de papéis e vasculhou as pastas das outras fidelizadas. Houve uma Karina e uma Cida, essa última era da época em que vivia em São Paulo. Para as fidelizadas, Max havia desembolsado verdadeiras fortunas para que elas permitissem ser dominadas, feridas e fizessem outras loucas sandices.

— Deus, não é possível que isso existe! Dessa forma... — sussurrou embasbacada.

Cada situação sexual, de dominação e sadismo, inclusive, com destaque ao direito de ferir e provar a ferida, estava devidamente pré-estabelecida em cláusulas, bem redigidas pelo advogado Marcel Filares. Seu irmão conhecia da insensatez sexual de Max e, ainda assim, introduzira-a naquele casamento de fachada. Não iria perdoá-lo.

O iogurte embrulhava no estômago. Max era um brutamontes. E não conseguia entender como ele não a submeteu àquelas loucuras. "Max só sente prazer sexual se ferir a mulher que ele ama, durante o sexo, e sugar a ferida. Ele é agressivo", havia dito Mércia. Os olhos marejaram. Max era doente, um viciado em sexo voraz, só que a tratava como uma princesa, fingindo ser um homem que não era. Muitas vezes, faziam amor de maneira que considerava selvagem, mas aquilo não devia ser nada para ele. As duas mordidas que havia levado foram insignificantes frente às preferências violentas e excêntricas dele.

A podridão exalava ao redor do neurocirurgião e ela, como uma idiota e tonta, fizera-se de indiferente e desentendida, porque não queria encarar a realidade. Desde o início, quando recebera a caixinha com sangue e prótese, como flâmulas na sua face, balançavam os sinais sobre esse comportamento obscuro de Max. Altruísta e benevolente, carinhoso e apaixonado, era o homem dos sonhos de qualquer mulher. Por que diabos havia se encantado por ela? Se a vida nunca lhe aliviara a mão, sempre tinha sido cruel! Iludira-se. Acreditara no belo homem que, na verdade, era uma fera. Doía pensar daquela forma. Mas como entender?

— Foi enganada por um ano, sua imbecil! – falava para si mesma.

Era certo que o amava, mas não podia dividir sua vida com uma pessoa capaz de todas aquelas insanidades. Voltou a concentrar-se nos arquivos. Max tinha alguns imóveis e terrenos, além dos bens que já conhecia. Também encontrou documentos que continham os registros das doações que ele fazia. Viu uma pasta dupla do contrato de uma empresa de segurança pessoal e a apanhou. Abriu e, rápido, deparou-se com seus dados. Descobriu que Max recebia relatórios semanais sobre seus passos. Uma comichão subiu pela coluna. Possessa, jogou aqueles volumes na mesa. Ele não tinha o direito de persegui-la daquela forma. Definitivamente, não tinha. Pensava que ela possuía vida dupla como ele? Que era infiel? Queria chorar de ódio, mas faltavam as lágrimas.

Inspirou de modo profundo e foi liberando o ar com calma. Apanhou a pasta *flat* e verificou a documentação do local, havia uma chave dentro de um saquinho plástico. Jogou a pasta junto a da empresa de vigilância. Voltou-se ao computador e o ligou, colocou a senha, que descobrira no dia anterior. Enquanto o sistema iniciava, dava mais uma olhada nas pastas do arquivo. Além de documentos e contas, apareceram absurdos e outras nojeiras. Encontrou, na segunda gaveta, relatórios sobre conversas em aplicativos e transcrições de trechos de ligações de Elisa, datados do ano anterior ao que se conheceram. Max não confiava em ninguém. Vasculhou mais, e parecia que não tinha grampeado seu telefone, como fizera com o da amante.

Voltou a atenção à tela. Procurou os arquivos dentro da área de trabalho do computador. Clicou num dos vídeos. O terror a tomou. Max gravava seus encontros com a fidelizada Elisa. Assistiu a um trecho, pulou o início e testemunhou como ele a tratava, pulou mais do vídeo e apareceram cenas deles na cama. Fechou a gravação num clique rápido. Trêmula e chocada, nem conseguia pensar direito frente às avalanches emocionais que a nocauteavam. Max gravara Elisa do mesmo jeito que Dante tinha feito com ela. Aquilo era uma violação doentia. Não tinha mais condições de acessar àquelas gravações. Tremia, empalidecia, queria desaparecer e virar pó.

Mirou a tela do computador outra vez e percebia que os vídeos eram, automaticamente, marcados por datas. Focou-se no período em que ela e Max se conheceram, verificou a quantidade de vezes que ele e Elisa estiveram juntos. Recordou-se da data em que começaram a se relacionar para valer e havia um pulo até certa data, que coincidia com o dia em que Max havia

declarado que a amava e a presenteara com os rubis. Prendeu o ar e hesitou. Depois clicou na imagem. Assistiu a tudo.

Lágrimas desciam silenciosas. Não havia palavras que pudesse descrever aquilo, era uma mistura de repulsa e um fiapo de dignidade, porque ele acabou desistindo de ter relações com a amante, mas aquele detalhe não mudava a fatalidade do mar de lama, que era a vida que Max escondia.

— Que nojo, meu Deus — ficou alguns segundos letárgica e abalada, tentando decidir o que iria fazer.

Arriou na mesa e soltou um grito como se ele fosse capaz de fazer com que aquela aflição evaporasse pelo ar. Uma ilusão. Chegou a pensar que poderia morrer de tanta dor que a dilacerava inteira, corpo, alma, pensamentos e sentimentos.

Conseguiu levantar o torso, enxugar as lágrimas na barra do vestido e focou-se na tela. Passou rápido o olho nas gravações seguintes até a última. Max aplicava medicação, provavelmente, anticoncepcional em Elisa, como fazia com ela, e entregava requisições. Num das últimas gravações, Elisa avançou em direção a Max e beijou o pênis dele por cima da calça. E Max recuou, impedindo que ela continuasse.

— Asquerosos...

Enfim, eles não mais haviam feito sexo ou se tocado até o último vídeo. Recordou-se de que estava sendo seguida a mando de Max e teve uma ideia. Apanhou a chave do *flat* e fotografou o endereço. Arrumou tudo e saiu do escritório.

Olhou a hora. O que iria fazer? — Não se lamente, Suna. Precisa reagir — ordenou para si mesmo.

Foi para o quarto que dividiam apanhou seus pertences pessoais e a chave do *sedan*. Deixaria tudo que Max a havia presenteado ou que ela tinha comprado com o dinheiro dele, principalmente, joias e roupas. Nada queria. Então, seguiu para o quarto que se trocava, puxou duas malas e colocou loucamente suas roupas e sapatos. Vestiu um jeans, uma camiseta e calçou um tênis. Mirou-se no espelho. Os olhos estavam vermelhos. Colocou os óculos de sol, embora o dia estivesse nublado, ameaçando chover. *Sempre há chuva, em meus dias tristes*, constatava. Avistou Zazá, subiria para pegá-la e arrumar os pertences da gata.

Desceu com as malas e as colocou no *sedan* e, lá mesmo na garagem, ligou para Maya.

— May! Estou destruída. Descobri coisas horríveis. Está muito difícil – tentou resumir a história para a amiga. Não se aguentou e entrou em prantos. Abriu a porta e se jogou no banco dianteiro do *sedan* prata que usavam mais para sair à noite.

— *Calma, Suna. Vou para aí ficar contigo* – disse Maya.

— Não, May, eu vou embora... tenho que sair daqui – procurou se acalmar para não piorar a situação. Não sabia se Maya tinha conseguido compreender tudo.

— *Precisa conversar com ele, Suna.*

— Não farei isso. Primeiro, Max mentiu de uma forma pavorosa para mim e segundo, tenho medo de mim mesma, sei que ele é capaz de me convencer a ficar. E, por último, depois de tudo que vi, tenho medo também dele. Não quero vê-lo, não quero que ele me toque mais...

Contou a Maya o que tinha em mente. A amiga concordou. Olhou-se no espelho, limpou o rosto e subiu de volta ao apartamento. Foi em direção à área de serviço para apanhar a caixinha para transportar Zazá e seus utensílios. Acabou dando um grito apavorada quando entrou na cozinha.

— O que foi Suna? Parece que viu fantasma! – Dulce franziu o cenho.

— O que faz aqui dia de sábado! Quase me mata do coração... – alegou e deu graças a Deus por estar de óculos escuro. Sentiu o cheiro forte.

— Ah! Comprei peixes frescos aqui perto e resolvi trazer logo – respondeu a governanta com um sorriso, mexendo no *freezer* e indo para a pia. — Vi fotos sua e de doutor Vicente na *internet*. Estavam lindos!

— Obrigada, Dulce – mal se lembrava da noite anterior.

— Está bem? Quer que faça algo?

— Não se preocupa, estou bem... vim... – Dulce virou o rosto para observá-la. — Esqueci minha carteira.

— Hum...

— Vou dar uma saída depois – olhou o relógio e precisava por seu plano em ação e, para isso, precisava apanhar Zazá!

— Vou aproveitar e tratar logo esses peixes...

Revirou os olhos por trás das lentes dos óculos. — Vou dar uma saída – foi ao quarto. Se saísse com Zazá, Dulce iria desconfiar, ela sabia as datas do veterinário e do *pet* da gata. Era apegada a bichana.

Repensou seu plano e resolveu deixar uma carta para Max. Sentou na escrivaninha e derramou toda a dor nas linhas, em cada contorno de suas

letras. A carta era justa, queria que ele soubesse o quanto a havia decepcionado. Controlou a emoção para não chorar, embora algumas raras lágrimas descessem pelo rosto. Olhou a mão e ainda usava a aliança de casamento e a de diamantes. Tirou-as, com um pesar no coração. Dobrou o papel e deixou a carta junto com a aliança no criado-mudo.

Voltou à cozinha na esperança de que Dulce tivesse ido embora, mas ela estava lá. Despediu-se da governanta, que deveria conhecer daquelas insanidades de Max, e foi direto ao *flat*, no seu carro vermelho. Tinha começado a chover. O céu nebuloso e cinzento da cidade estava como sua alma.

Avisou a Maya de que teria que voltar rápido para apanhar Zazá. Mas não havia risco de Max a encontrar. Tinha tempo. O médico retornaria por volta das duas horas da tarde. E ela iria ao *flat*, porque queria que ele, quando não a encontrasse, procurasse os seguranças que a seguiam e descobrisse que ela esteve lá, naquele endereço maldito. Ele assistiria às imagens e a veria dentro do antro particular de perdição que havia criado.

Assim, não precisaria dizer-lhe mais nada.



Vicente Max estava preocupado com jeito estranho de Suna, mas não teve tempo de conjecturar sobre aquela situação. Atendia seus pacientes na clínica do Hospital Santo Antonio. Planejava remanejar seus horários, pois não era certo passar a maioria dos seus sábados trabalhando. Pretendia não atender e nem agendar cirurgias particulares nas sextas-feiras, passando a dedicar esse dia ao trabalho de médico-voluntário. Reservaria os sábados e domingos para a sua mulher. Também pretendia convencer Suna a engravidar o quanto antes. Pensou em conversar sobre aquele assunto na noite anterior, mas não houve clima.

Naquele momento, concluía a revisão de um senhor que havia operado no mês anterior quando o celular emitiu um som que há muitos meses não escutava. Acreditou que era algum engano, pois cortara os serviços de limpeza do *flat*. Assim que o paciente saiu, apanhou o aparelho.

À medida que o olhar captava a imagem da tela e o cérebro a processava, caía num abismo, arrebatava-se sobre rochedos, dilacerava o corpo e ainda estava ali, segurando o celular. Em pânico, parou de respirar por segundos ao vir Suna no antigo recanto onde encontrava a fidelizada. Observava a cena atônito e paralisado. A atendente, Rita, colocou outro paciente dentro da sala.

Não sabia o que fazer. Começou a suar frio.

— O senhor está bem, doutor Vicente? – perguntou Rita.

Continuou em choque por longos segundos, querendo expressar-se, mas não saía nenhuma palavra por entre os lábios. — Eu ... eu não estou – avistou o novo paciente à sua frente acompanhado da esposa.

— Quer ajuda? – insistia Rita.

— Só um segundo... – levantou da mesa, deu alguns passos desorientado. Sentiu-se tonto. Teve a impressão que iria desmaiar. O seu mundo desabava. Respirou fundo. O trabalho, precisa focar-se, mas não conseguia. — Desculpe – olhou para o casal. — Rita, não estou bem. Remarca os pacientes para a próxima sexta-feira – tentou lembrar sua agenda... não conseguia raciocinar. Precisava sair dali.

— Vou chamar alguém para ajudar o senhor – decidia Rita.

— Não... não precisa – mirou os pacientes constrangidos. — Desculpe, por favor... –fechou o *notebook* e não conseguia colocá-lo na mochila. Rita o ajudou e tudo que dizia era "desculpe, por favor".

Saiu da sala de atendimento sem rumo. Estava sendo atropelado pelo desespero, por uma chuva de meteoros destroçando o corpo e os sentidos. Algumas pessoas se aproximaram preocupadas com seu estado, mas garantia que estava bem. O mundo parecia rodar, o coração palpitava de maneira galopante. Muita adrenalina estava sendo liberada na sua corrente sanguínea. Foi para o estacionamento. Entrou no carro e paralisou segurando o volante. Mirou-se no espelho e as pupilas estavam dilatadas. Quase não piscava. Fechou os olhos abalado, desolado.

Como aquilo aconteceu? Como ela conseguiu entrar no *flat*! Será que também tinha entrado no escritório? Ligou para os seguranças que a acompanhavam. Chamou várias vezes, aumentando o estresse. Começava a choviscar na região. No horizonte cinzento, sobressaía o dia triste e nebuloso.

— Onde está Suna? É Vicente Max... – falou de maneira desordenada.

— *Ela está indo em direção ao Maresia.*

— Me informe por mensagem... cada, cada passo.

— *Certo, doutor.*

Apanhou o celular, desbloqueou o aplicativo. Recuperou as gravações. E a assistiu. Suna havia vistoriado o quarto, observando os objetos de *sexy shop* que ainda estavam lá. Deus, o que faria? Ela tinha vasculhado o armário que

continha algumas peças de roupas suas. Tirara uma camisa do armário, examinando-a. Fechou os olhos. Aquela camisa estava suja de sangue, era do último contato que tivera com Elisa quando ela havia se autoflagelado.

Em certo momento, Suna fitara a câmera, era como se o estivesse fitando. O sangue gelou devido àquele olhar frio e inquisidor. Ela mexera em algumas gavetas e encontrara *lingeries* de Elisa. Depois, foi embora. Recostou a cabeça no banco, tentando controlar aquela avalanche de emoções. O coração parecia fatiado por bisturi em pequenos pedaços.

Não fazia ideia do quanto que Suna havia descoberto. Pensou em ligar para Marcel, mas desistiu. Observou as mensagens e os seguranças avisaram que ela apanhara Maya no restaurante e parecia seguir de volta para casa. Resolveu ir para lá, precisava explicar tudo, precisava manter seu casamento. Não podia perder Suna. Provavelmente, ela chegaria em casa primeiro, estava na parte baixa da cidade. Retirou o carro do estacionamento e pegou a via de trânsito, em velocidade.



Suna havia buscado Maya, que tomara a direção do carro. Naquele instante, seguiam de volta ao apartamento, pois ela precisava buscar Zazá e os pertences da gata. Estava um trapo humano por dentro, mas resignada e tentando manter-se forte. Com mais calma, conseguira contar a Maya sobre o casamento de fachada, as chantagens de Dante e a virulenta paixão que havia arrebatado ela e o médico. Também relatou melhor sobre o que havia descoberto sobre a sexualidade obscura de Max. E externar aquela história, de algum modo, havia a deixado um pouco menos instável.

— Tem algo a mais que não sabe, Suna – disse Maya com calma enquanto passava a marcha.

— Como assim? – surpreendeu-se.

— Sabe por que perdeu o cargo de gerente para Adalton? – Maya rapidamente a fitou.

O que mais de ruim poderia ter acontecido! Espantou-se. — Como assim?

— Max pediu a senhor Carlo que diminuísse sua carga horária.

— Como? Por que não me contou? – quis saber exasperada. Ainda mais isso. Fechou os olhos cansada. O que Max fizera com sua vida!

— Dona Celina confidenciou muito recente e não quis colocar mais coisas na sua cabeça. Na verdade, Max se mostrou preocupado com sua segurança, após a agressão que sofreu – constrangida, Maya observava Suna. — E ele se

ofereceu para pagar o seu salário a senhor Carlo.

— Filho de uma mãe... – disse mais a si mesma. — E senhor Carlo aceitou, né?

— Eles são bonzinhos, mas são os donos do negócio. Senhor Carlo e Dona Celina já estavam preocupados, porque você não poderia dar sua carga horária de trabalho como antes.

— May – disse com voz embargada. Um amargor comprimia a garganta a ponto de doer.

— Sim, amiga...

— Quero desaparecer do jeito que você fez. Faça isso para mim, por favor... – pediu e chorou um pouco.

— Esse não é o momento de tomar decisões drásticas, Suna. Sei que está muito magoada, mas calma nessa hora. Max merece que revide a altura por essas mentiras. Mas Suna, Max é um homem apaixonado por você. Tudo que ele fez, errado é claro, foi tentando te preservar do passado dele, não consegue enxergar isso?

Arregalou os olhos. — Como diz isso, May! Ele quase transa com a fidelizada no dia que diz pra mim que me ama. Ele gosta de sangue, ele paga para me seguirem, ele queria que eu perdesse meu emprego, ele levou quase metade do ano que estive comigo, encontrando a amante para aplicar anticoncepcional, o mesmo que fazia comigo... E pra que aplicar remédio nela? Tinha necessidade disso? A resposta é que ele devia transar com ela também, só não consegui provas – concluía com o tom de voz mais elevado. Tremia, e o emocional oscilava mais que um pêndulo. A chuva aumentou de intensidade naquela hora.

— Calma, respira fundo – pedia Maya enquanto manobrava para entrar na garagem do condomínio e estacionava.

— Vou buscar Zazá e daqui a pouco volto – disse.

— Está bem. Quando estiver para descer, avisa para eu sair com seu carro.

— Os seguranças vão te seguir, pensando que sou eu. Ao menos, assim espero – planejava.

— Vai dar certo... – torcia Maya.

※※※

Logo que Max chegou, avistou o carro de Suna. Muito nervoso, saiu rápido do SUV, observou o interior do veículo dela, através do vidro ainda molhado de chuva, e, depois, seguiu para o elevador. Entrou, apertou seu andar. Os

batimentos cardíacos pareciam tambores que ressoavam acelerados e barulhentos. De repente, sentia falta de ar, ansiava encontrá-la, embora não soubesse ao certo o que iria dizer. Não podia perdê-la, isso é que não podia acontecer. Suna era a mulher de sua vida e aquilo era o único fato incontestável.

Desconfiado, entrou em casa de modo silencioso. Escutou barulhos vindo do corredor. O coração queria sair pela boca e as pernas bambearam. Sentou no sofá principal da sala. Passou uma mão na outra, sentiu-as molhadas e frias.

Depois de um par de eternos minutos, Suna surgiu com a sacola de Zazá de um lado e a caixa de transporte com a gata dentro, entre as mãos. Quando o viu, ela parou, com um semblante indecifrável. Fitaram-se por longos segundos. Max teve medo, mesmo não sendo afeito a esse sentimento. Suna empertigou-se sem dizer uma única palavra. Max se levantou e deu alguns passos na direção da mulher.

— Fique longe de mim – ela abria os olhos enraivecidos.

O pavor tomou os sentidos de Max. — A gente precisa conversar...

— Não tenho nada para te falar. Não quero escutar a tua voz nunca mais.

— Suna, pelo amor de Deus, você é minha vida – ele deu mais alguns passos e ela recuou.

— Não encosta em mim! Se não descer logo, Maya vai chamar a polícia e eles vão adorar aquele computador do escritório, recheado de momentos tórridos e violentos com sua fidelizada.

Aquelas palavras foram punhaladas no estômago e no fígado. Suna sabia de tudo. Sentiu-se perdido, segurou a cabeça. De novo, entrou em choque, sem conseguir falar ou sem saber para onde olhar. Poderia ter sido alvejo por uma metralhadora e a sensação de fim e de perda da vida seria menos dura do que aquele momento. Suna caminhou em direção à porta, mas ele a bloqueou.

— Nunca mais quero olhar essa sua cara de canalha, não entende! Você é covarde, mentiroso e traidor – gritou ela. — Você é doente, é um monstro.

— Suna, eu juro, nunca te trai. Só fiz amor contigo desde que começamos – garantia exasperado. — Tudo que escondi foi para te proteger do que eu sou. Sou um monstro, eu sei, fazia coisas cruéis – Max abriu os braços em desespero. — Tinha vergonha e medo de que descobrisse sobre meu passado, sabia que não me olharia da mesma forma – tentava fixa-se no olhar dela sem

conseguir. — Não vou conseguir viver sem você, pelo amor de Deus, Suna, não faz isso. A gente se ama – as pernas foram amolecendo e ele foi se ajoelhando.

— Pare, não faça isso. Para um sádico e dominador, ajoelhar-se pode lhe ser muito caro – criticou Suna com frieza.

Max terminou por desabar próximo a ela, sem forças, entregue a inércia de seu corpo. — Eu... eu me trato, faço terapia, vou no psiquiatra. Faço o que você quiser... – Max implorou, deixando o torso arriar no chão.

Suna deu uma volta ao redor dele, procurando manter-se o mais longe possível e saiu. Max gritou exasperado e tudo que ouviu foi a porta bater. Quis chorar e não conseguia. Levantou-se afoito e seguiu atrás dela que já havia descido. Como um louco, desceu pelas escadas, com medo de não a encontrar mais.

Max saiu pela entrada principal e correu em direção à saída da rampa da garagem. Chovia de maneira torrencial. Os seguranças e porteiro do condomínio o olhavam, mas não ligou. Naquela altura estava todo molhado, viu subir o *sedan* e não o carro de Suna. Achou estranho, contudo, num impulso, ficou na frente do carro. Ela freou de vez. Num ato de desespero, bateu no capô com os dois braços.

Suna não se deu por vencida, virou o carro para a direita com a finalidade de se livrar dele. Escutou um rangido. A lateral do *sedan* passava pela defesa metálica, arranhando-o. Jogou seus braços do lado dianteiro do motorista. Ainda assim, ela acelerou e seguiu devagar rumo à rua. Logo que encontrou o outro lado livre, partiu apressada e ele tomou um forte solavanco.

Ficou em pé na chuva por vários segundos. Era como se o coração tivesse parado. Estava dentro de um silêncio estarrecedor; não via, nem escutava e muito menos sentia. Sentou no passeio. Havia sido derrotado por sua obscuridade, pelos segredos que tentou esconder, por suas mentiras para preservar o sonho daquela vida a dois.

Nunca havia tido um amor verdadeiro. Um amor como Suna, o seu amor, a sua vida. Agora não havia mais vida. Nem sentido para nada. E o sonho se esvaia, como toda água que entrava na boca-de-lobo da rua. O sonho de uma vida comum, um sonho de ter apenas aquela mulher para todo sempre.

Um segurança do prédio se aproximou com um grande guarda-chuva. Levantou-se, apenas balançou a cabeça de modo negativo e voltou ao

condomínio. Queria chorar, mas não conseguia. A dor comprimia a garganta numa agonia dilacerante.

Entrou naquele apartamento e só estavam lá o vazio, a falta, a sensação de perda, de luto, de dor, de sangria, de morte. Com a garganta seca e o corpo molhado, de repente, tornou-se um nada, um fracote, um incompetente. Aquele deslize, aquele erro tinha lhe custado o sorriso da mulher que amava, o cheiro, a energia, a presença dela. Tudo se foi e ele ficou com o peso do mundo sobre si, o peso de seus erros e de sua covardia.

Finalmente, conseguiu gritar e uma fúria cortante tomou os sentidos. Estava com muito ódio, ódio do mundo por tê-lo feito tão cheio de defeitos. Precisava desaparecer, deixar de existir. Foi até o aparador onde havia itens de decoração sem nenhum significado para ele e jogou-os no chão. Puxou a peça para que também espatifasse. Apanhou um buda caído que não havia quebrado e o arremessou contra o grande espelho. Estilhaços voaram. O som da destruição acalentava os sentidos, embalando sua ruína. Continuou. Movia, derrubava e quebrava tudo que entrava no seu raio de visão.

A carta

23

— Estive mais cedo aqui e ela estava meio estranha... — Max reconhecia a voz de Dulce.

— Meu Deus! Tanto que pedi a ele que abrisse o jogo com ela. Dei tanto conselho... — era um comentário de Marcel.

— Agora não é hora de recriminá-lo. Não fique jogando isso na cara dele. Também alertei sobre esse escritório trancado. Mas não adianta, o pior já aconteceu. Acho que ele nunca precisou tanto de nós — Dulce dizia a Marcel.

— Ele ficará bem. Sei disso. Daqui a pouco está na noite, na putaria e vai se esquecer de Suna — Diego dava sua opinião.

— Muito sensível, você, não é Diego? — Marcel o criticava. — Como estão os cortes?

— Nada muito fundo. Dei quatro pontinhos na mão e dois pontos no braço, o resto foi superficial. Ainda bem, pois teremos duas cirurgias amplas essa semana, mas ele dá conta...

— E o tranquilizante? — perguntava Marcel.

— Ah! Esse foi forte, uma dose cavalgar...

Em sua cama, Max jazia deitado de bruços, com os olhos semicerrados, e com os amigos ao redor. Não se recordava direito o que acontecera após a partida de Suna. Havia tido um ataque de fúria e destruído a sala. Aquele tipo de reação nunca lhe acontecera, como também, nunca havia se sentido tão morto, mesmo vivo, como naquele momento.

A cabeça latejava. Recordava-se de que, quando voltara a si, tinha ligado para Marcel. O resto eram confusos acontecimentos e um *tsunami* de dor que

bloqueava os sentidos. Algumas lembranças, em forma de *flashes*, davam-lhe a compreensão de que o advogado chamara Dulce e lhe avisava que pediria a Diego que viesse olhar seus ferimentos. Não se importava mais com nada. Eles trocaram sua roupa e Diego o havia medicado.

Era um asqueroso e derrotado. Como iria sobreviver sem a companhia de Suna? Sem ter a certeza de que à noite a teria entre seus braços, naquele ritmo tranquilo que tanto o tinha conquistado, seja fazendo amor, ou assistindo a filmes e séries juntos, seja lendo livros lado a lado, ou, carinhosamente, quando ela esquentava o seu jantar...

— Marcel... — a língua e os lábios pareciam pesar toneladas.

O advogado sentou ao seu lado. — O que foi, meu irmão?

— Procura Suna, por favor. Ela não me deixou... conversar — pedia numa voz cortada.

— É... eu ... eu liguei para ela, mas não me atende. Enviei mensagens e não responde. Acho que Suna está com muita raiva de mim — Marcel tocou seu braço. — O melhor agora é dar um tempo. Esperar os sentimentos dela assentarem.

— Por favor, vai lá no Maresia... — insistia.

Marcel soltou um profundo suspiro. — Está bem, amanhã eu vou. Agora é noite. Vou ficar aqui contigo junto com Dulce.

— Durma, Max... é o melhor que tem a fazer. Amanhecerá melhor... Vou indo, qualquer coisa me chame — disse Diego, tocando o seu ombro. — Ministrei um barbitúrico intramuscular. Era para estar dormindo. Vá, relaxe...

Dulce se aproximou, sentou na cama e puxou a sua cabeça em direção ao colo dela, acariciando seus cabelos. — Estou aqui, meu menino. Dê um tempo para Suna. Uma hora ela retorna. Agora ela precisa de espaço e você precisa se recompor.

Fechou os olhos e só via a expressão de desprezo de Suna. Era fria, cortante e visceral. Ela o estava odiando.

※※※

Suna se levantou e olhou a paisagem fora da janela. O sol surgia no horizonte apesar de algumas nuvens carregadas. Na outra cama, Maya se mexia, num sono inquieto, com as tatuagens que invadiam o torso e costas. Zazá também estava dormindo.

Havia passado a noite em claro. Sentia-se culpada por quase ter atropelado Max, além disso, o semblante de desolamento dele a tinha impactado, mas

quando recordava a avalanche de sujeiras que ele havia escondido, aquele sentimento se esvaia.

No afã do dia anterior, decidira hospedar-se num hotel que aceitasse Zazá, e Maya viera com ela. Para despistar os seguranças que a seguiam, a amiga havia deixado o seu carro no estacionamento de um supermercado e ido encontrá-la de táxi no Maresia. Por sua vez, entregara a chave do *sedan* de Max a Adalton e saíram pelos fundos com a bagagem e a gata.

Aquela engenharia de fuga foi por temor, pois tinha receio de ser perseguida, de Max surgir e a fazer voltar a força para o apartamento. Estava atormentada e cheia de medos. Queria fechar-se para o mundo, como se isso fosse capaz de passar uma borracha na história do seu último ano e apagar as memórias que guardava de Max, as ruins e as boas, libertando-a daquele sofrer.

— Bom dia, Suna – Maya a tirou dos pensamentos com uma voz sonolenta.

— Volte a dormir, May. É cedo ainda.

— Não... Eu vou acordar. Você que não dormiu nada, não foi?

— Não. Nem cochilei. Os pensamentos estão a mil por hora. As imagens do vídeo ficam passando na minha cabeça – sentou-se na cama e acariciou Zazá. — Não entendo como um homem pode gostar daquelas coisas – disse com a voz embargada de choro.

Maya também sentou na cama, encostando-se na parede. — daquelas coisas? Coisas que você fez um pouco também. Pense – questionou a amiga. — Comentou que Max era selvagem na cama.

Enxugou uma pequena lágrima que insistiu em descer. — Não como vi escrito nos contratos. May, você fala como se entendesse do assunto.

— Eu sei, querida. Tive um namorado submisso e fiz muitas coisas com eles, como uma dominadora.

Surpreendeu-se. — Sério? – será que só ela conhecia apenas o que narravam as revistas e portais de notícias para mulheres? Inquieta, tornou a levantar-se, andando lentamente de um lado a outro.

— Hum hum ... mas passou. Precisa entendê-lo, Suna. Max parece gostar de cenas, das que ele montava no contrato dessas mulheres.

Ergueu uma das sobranceiras. — Entender? E cenas?

— Sim, viver aquilo são cenas. E nem tudo é sexo, ou correntes, ou amarras, ou objetos – Suna continuava a observar a amiga curiosa,

estreitando o olhar enquanto Maya falava. — Além de dominador, pelo que conta, Max é um sádico, mas isso não o torna uma má pessoa.

— Ele mentiu deslavadamente na minha cara. Teve todas as oportunidades do mundo para ser sincero. Além disso, ainda manteve a fidelizada Elisa, por meses. E uma vez se beijaram e quase transam, entre chicotadas e sangue... Ah ah, são nojentos, asquerosos.

— Eu sei, Suna, está muito mexida. Mas pense, vai ficar se escondendo dele para sempre?

— Não quero mais vê-lo – sentenciava. — Tenho medo.

— Medo? – Maya riu. — Ele é um homem poderoso, mas vi o pavor no rosto dele, ontem, escondida atrás da pilastra da garagem. Ele tem posturas autoritárias, mas acha que seria capaz de te fazer mal?

— Maya, por favor, para de defender Max – reclamou e aumentou o tom de voz. — Ele mantém um *flat* onde grava a sala e o quarto, por meio de um sofisticado sistema de captura de movimento. O que de pior poderia ainda fazer? – zangou-se e se jogou na cama. Maya dilatou os olhos em sua direção. Zazá miou reclamando.

— Eu não o defendo... desculpe, Suna – Maya foi até ela e afagou seus cabelos. — Estou do seu lado, amiga. Estarei sempre, por isso mesmo... deixa. — O que vamos fazer hoje?

— Vou na casa de dona Celina e senhor Carlo, pedirei demissão e vou para São Sebastião. Não vou cumprir nada de aviso prévio só por eles terem me tirado a gerência por causa de Max.

Maya a observou surpresa. — Eles iam tirá-la da gerência de todo jeito... – pontuou Maya. — Esses dias, também pensei em sair de lá. Muita gente já me conhece como a garçonete tatuada. Pensei em mudar de estado, algo do tipo.

Seu coração apertou, não queria se afastar da amiga. E num rápido instante, uma ideia atravessou os pensamentos. Ela seria uma ótima parceira. Era leal e de confiança. Mesmo tendo um passado nebuloso, já lhe dera provas de dignidade. — Vamos comigo para São Sebastião – convidou.

Maya crispou a testa. — Sério, Suna! É muita intimidade... sei lá, sua mãe e sua avó são ótimas, mas... ah! Até me emocionei – disse Maya surpresa com a oferta da amiga.

— Pensei em colocar uma pequena loja de tortas e doces, aqui. Podia me ajudar. Só que primeiro preciso me estabilizar emocionalmente.

— E ainda está me oferecendo trabalho?

— Não. Ofereço uma parceria.

— Nossa! Então, vamos pedir demissão juntas – concluía a amiga ainda meio acanhada.

Precisava do apoio de Maya até porque teria que reunir muita coragem para contar a mãe o que havia aprontado ao aceitar aquele casamento de fachada, com finalidade de fugir da chantagem de Dante. Pensava em confidenciar sobre o contrato de casamento e nada revelar acerca da sexualidade sombria de Max. Era muito devastador ter que revelar aquilo para uma mãe e avó.



Max acordou como se uma retroescavadeira tivesse passado pelo corpo. Sentiu o primeiro impacto da dor e depois foi tomado por uma tristeza profunda, que torturava o coração. Por segundos, teve a impressão de que seria melhor dormir para sempre, só para se livrar daquele martírio.

Porém, era afeito a enfrentamentos e não se furtaria do sofrer, nem do lutar. Não desistiria de Suna. Sentou na cama zonzinho, morto de saudades. Olhou a cabeceira, no cantinho junto ao abajur, em cima do criado-mudo, avistou um pequeno papel dobrado e as alianças. Observou a própria mão esquerda e não se sentia preparado para tirá-la, não pretendia fazer aquilo. Apanhou as alianças. Tocou-as com carinho.

Ainda não acreditava que a vida com a mulher que amava tinha sucumbido naquela reviravolta. Os olhos marejaram. Ainda não havia chorado. Lágrimas quentes e silenciosas desceram pelo rosto. Precisava daquilo. Sim, precisava da fraqueza para reconstruir a sua fortaleza perdida. Recuperar-se de um sofrer era um rito e iria cumprir as etapas necessárias.

Apanhou a carta. Hesitou em abrir. Sabia que iria ler palavras nada ternas, que piorariam a sua angústia. Cada dobra de papel parecia espadas afiadas, cortando uma ferida já aberta. Num rompante, abriu-a de vez.

Max,

Não quero continuar a ser seguida. Peço que desfaça o contrato com a empresa de segurança. É degradante ter minha rotina reportada semanalmente em relatório. Pensou que sou que nem você, que tem uma vida secreta? Sabe qual é a resposta desta minha indagação.

Quero adiantar que não desejo conversar contigo. Saiba que passei dois dias explorando o seu 'refúgio particular'. Li contratos, relatórios, como

também tive acesso ao conteúdo do seu computador e às gravações imundas entre você e a fidelizada Elisa. Confesso. Tive muito nojo e sinto a mais profunda repulsa. Assim, entenda que não quero escutar suas justificativas mesquinhas, ultrajantes e mentirosas.

Enfim, me esforçarei para devolver o dinheiro que depositou na minha conta. Deixo os presentes que me deu e as roupas que adquiri, ao longo do ano, com seu dinheiro. Só que gostaria de ir embora do jeito que entrei, com o coração íntegro, mas, infelizmente, estou levando o meu coração em frangalhos entre as minhas mãos.

O que mais desejo é esquecer desse ano que passei ao seu lado. O contrato acabou, não precisa mais fingir aos outros. Acho que cumpri o trabalho para que fui contratada. Só sinto por ter me entregado a um Max que nunca existiu, mascarado em disfarces e aparências, pois o verdadeiro, cheio de facetas, doente e animalesco nunca me encheria os olhos. Mas agora conheço o quão longe você foi ao me esconder sua podridão, o verdadeiro motivo do casamento de fachada.

O tamanho de minha decepção e indignação abrange o meu irmão Marcel, que compactuava de seus delírios e Dulce, que tão bem o ajudou a esconder os seus malfeitos. Enganaram-me para proteger a você e suas sandices.

Seu carro está no estacionamento do Maresia.

Sem mais,

Suna Ferraz

— ... Doutor Vicente... doutor Vicente – escutava ao longe. — Seu café – Dulce trouxe uma bandeja.

Parou pensativo, voltando à realidade e se dando conta de que muitas lágrimas rolaram de seu rosto. A dor drenava as forças, pressionava os músculos e criava crateras na alma.

— Obrigado, Dulce ... – disse voltando-se para a governanta. — Suna sabe de tudo, não sei como conseguiu entrar no escritório. Mas isso não faz diferença. Ela... enfim, nada faz mais diferença – tentava manter a voz, mas ela saía carregada de emoção.

Marcel entrou no quarto e se sentou na poltrona. — Como está? – perguntou o advogado, que logo trocou o semblante de consternação pelo de arrependimento pela tola pergunta.

— Feliz para caralho... – debochou e o amigo dilatou o olhar. — Acabei de falar pra Dulce, Suna leu os contratos e assistiu a vídeos e está puta com

vocês também – virou de um lado para o outro e observou a mão enfaixada. — Dulce, por favor, leva esse café. Daqui a pouco vou na cozinha tomar. Não estou doente.

— Ah! Isso é bom, doutor. Tem que ser forte.

— Marcel, nem adianta me olhar com essa cara de "eu te avisei" – Dulce ia saindo com a bandeja. — Escute-me também, Dulce – ela parou e, junto com Marcel, observou-o atenta. — Sei da besteira que fiz. Poderia ter desaparecido com esses documentos de dentro de casa. Esse é meu único arrependimento. Mas entendam. De algum modo hipotético, ainda continuo desejando que Suna não soubesse da verdade. Se pudesse voltar atrás, continuaria sem contar nada a ela. É que a minha verdade é por demais cruel e difícil. E não queria que ela mudasse comigo, que me olhasse de forma atravessada por saber do que gosto. Ela, de algum modo, iria se sentir rejeitada...

— Max, iria contar ao seu modo, daria o seu contorno à verdade – pontuava Marcel.

— Bom. Se contasse essa verdade filtrada por mim, porque eu tiraria o pé do acelerador sobre os fatos, então, ela nunca construiria a visão repugnante que faz hoje de mim – parou alguns segundos para encher os pulmões de ar. — Tem razão nesse parte, mas ainda assim, mesmo que revelasse de forma mais amena, ela também não iria me olhar com os olhos brilhantes que me observa desde o casamento até antes de entrar nesse maldito escritório – emocionou-se. — Haveria sempre algo entre nós nos separando, que seria a minha verdade, seja a verdade brutal que ela acessou, seja a amena que poderia ter contado. Suna é muito doce e pura e não continuaria a mesma. E eu nunca estragaria o fascínio que ela nutria por mim. Então, assumi os riscos. E agora pago por eles.

— Entendo o senhor – disse Dulce, apoiando-o.

Levantou-se. — Vamos para a cozinha – fitou Marcel, que o seguiu e afagou suas costas.

— É complicado, meu irmão. Vamos dar tempo ao tempo – o advogado o consolava.

— Tudo que quero é ter a chance de conversar com ela... – confidenciava.

Passou pela sala e teve a noção do quão devastador ele foi capaz de ser. Naquele instante, não se reconhecia.

Amores amargos

24

Suna passara dez dias na casa da mãe, dona Fátima, e da avó, dona Bené, na cidade de São Sebastião. Dois dias após sua chegada, Max aparecera lá, junto com Marcel. O médico queria conversar. Contudo, Suna convencera a mãe a mentir e contar a Max que ela não estava na cidade. A avó não quisera participar daquele encontro e fora para a rua, após cumprimentar Max e Marcel. Ela se trancara, com Maya, num quarto próximo à sala, que a mãe fizera de sala de tevê. Assim, pudera escutar aquele diálogo.

— Dona Fátima, entendo a raiva de Suna, compreendo mesmo. Mas tudo que quero e peço é ter a oportunidade de conversar com ela. É o mínimo – alegara ele. — Amo muito sua filha. Está sendo muito difícil... – a emoção embargara a voz de Max e não conseguira mais escutá-lo.

Aquela voz forte, afetada pelo sentimento, havia rachado a fina camada de cicatrizes no coração e a dor purulenta voltava a minar. Ainda assim, a saudade havia gritado dentro dela. Quisera ter a coragem de esquecer as mágoas e sair correndo e se jogar nos braços dele. Mas fora reticente, não cedera, continuando escondida.

— Não pretendo me meter nas diferenças entre vocês. Mas tudo que começa errado não termina bem – a sua mãe havia dito. — Um contrato para um casamento de aparências? Sinto muito, doutor Vicente Max, mas como gostaria que essa situação terminasse? – a mãe parecia ter virado em direção a Marcel. — E com sua conivência?

— Vicente é um homem muito honrado, dona Fátima. Achei que poderia me aproximar mais de Suna. Se ele representasse um risco a ela, não a teria

contratado.

— Ela já é uma adulta. E tomou a decisão dela, não quis continuar. Só que doutor Max tem razão num ponto, Suna deveria escutá-lo – dissera a mãe de maneira áspera.

— Estou preocupado com Suna, dona Fátima. E tenho vivido dias angustiantes e muito sofridos – insistira Max, deixando exposta a sua fraqueza, postura incomum, para o homem duro e forte, como ele.

— Ela me ligou e disse que está bem – o tom de sua mãe havia sido vacilante.

Quando Max partira, dona Fátima se indignara ainda mais por tê-la feito mentir. Dando razão ao médico, havia a aconselhado a escutar o que ele tinha a dizer. A mãe ainda a acusara de agir como uma garota, dizendo que precisava ter uma postura adulta e parar de se esconder. Maya havia ficado do lado de sua mãe e parecia que o mundo estava contra ela.

E Suna se sentira ainda pior quando, dias depois da visita de Max, Beatriz aparecera na casa da mãe. O clima havia ficado tenso, mas a antiga rival pedira desculpas a ela e a sua família pelo mal que causara no passado. Sua mãe abraçara Beatriz emocionada, pois todos na cidade souberam da história do cárcere a que ela e os filhos tinham sido submetidos.

— Suna, um homem como doutor Max não pode ser ignorado como tem feito. Dulce me confidenciou que ele é muito apaixonado por você e que você se nega a ouvi-lo... – Beatriz havia dito, enfurecendo-a.

— Esse assunto é muito íntimo e diz respeito a mim e ele – rebatera.

— Não sei o motivo do rompimento de vocês, mas doutor Max tem um coração muito bom. O que seria de mim e das crianças se não fosse ele? Nos salvou da morte e do sofrimento – no final da frase, a voz de Beatriz saía emocionada.

— Está interessada? – questionara com frieza. — Ele está livre. Ou só prefere os que estiverem comprometidos para ter a sensação de usurpar o namorado da outra? – sua mãe tentara interferir, mas a própria Beatriz fizera sinal para pudesse falar.

— Assim você me ofende. Sei dos meus erros, mas sou outra pessoa. De todo modo, não está sendo inteligente em ignorar um homem que enfrentou Dante para te salvar. Eles saíram nas vias de fato, trocaram agressões. Doutor Max responde processo por isso, por você, para te livrar das maldades de Dante.

— Não tem direito de falar comigo assim! Foi Max que te pagou para vir aqui tecer elogios a ele? – tinha se alterado.

— Está cega de ódio! Doutor Max é um homem íntegro, nunca pediria isso. Não consegue entender? – pontuara Beatriz com altivez. — Você, Suna, é uma mulher de muita sorte. Conquistou um homem como doutor Max...

— Está louca! Quer Max para você. Já vi tudo, Beatriz. O tempo passa e você continuou a mesma, não me engana.

— Deixe de ser burra, se não fosse por mim, pela infelicidade de ter me envolvido com Dante, você é quem estaria cheia de filhos trancada dentro de um porão! – vociferava Beatriz.

— Parem agora – exigira sua mãe.

— Não quero isso na minha casa – gritara a avó Bené. — Não ofenda minha neta. Você já trouxe muita dor para nós, Beatriz.

Beatriz caminhara para a porta e, na soleira, voltara-se para ela. — Aprenda a perdoar, Suna. Nunca será feliz sem saber perdoar.

Beatriz havia saído e Suna partira como um raio para o quarto, aborrecida pelas palavras duras e cortantes da mulher. Naquele instante, soubera que Beatriz estava certa, mas nunca iria admitir aquilo. Era difícil engolir que Max se esforçara muito para livrá-la de Dante. Além disso, salvara e custeava a vida de Beatriz e dos filhos.

A ex-rival estava diferente das fotos de quando fora encontrada por Max. A dentição havia sido recuperada, estava corada, com aparência saudável e com os cabelos ondulados, tratados e cortados, num visual moderno, resgatando a beleza do passado. E aquela postura dela, também a tinha enchido de ciúmes. Se quisesse, Beatriz poderia seduzi-lo.

Pela primeira vez, questionara-se se estava preparada para ver Max com outra. E aquele pensamento havia passado a perturbá-la dia após dia, desde aquele encontro com Beatriz. Na realidade, não se conformaria com aquela hipotética situação. E aquilo poderia ocorrer mais cedo ou mais tarde. Para Max, não faltariam mulheres, mesmo com esse jeito agressivo de amar. Antes de romperem, por onde iam, percebia os olhares de cobiça das outras, mas nunca havia se importado, pois ele as ignorava. Ao menos, na sua frente, Max se comportava de maneira exemplar, transmitindo-lhe segurança.

Vê-lo com outra mulher seria uma dor tão mais profunda do que ter descoberto sobre o passado dele. Talvez fosse pior do que ter assistido ao vídeo de Max cedendo aos caprichos da fidelizada. A verdade era que não

queria que aquelas conjecturas sobre o futuro se concretizassem. Amava muito Max, embora quisesse arrancar aquele sentimento do coração, pois quem mente, como ele fizera, seria capaz de continuar enganando e acobertando segredos ainda mais graves.

Imaginava que, com o avançar do tempo, melhoraria aos poucos, mas não era isso que acontecia. O passar dos dias e semanas a deixaram pior. Tornara-se refém de uma saudade desmedida. Sentia falta da voz, do cheiro, da masculinidade que era inerente a Max, além das carícias, dos toques, dos beijos e do jeito cretino que ele a possuía. No entanto, passara a acreditar que o Max que ela amava não era real, tratava-se apenas de uma faceta do homem por quem era apaixonada. E constatar aquilo doía bastante. Ele tinha um lado obscuro que nunca a havia apresentado.

Enfim, já se somavam quarenta dias desde que havia abandonado o apartamento de Max e completava a mesma quantidade de dias que não dormia direito e nem se alimentava bem. Havia perdido peso. Como era magra, tinha assustado a mãe e avó. Quando saíra de São Sebastião, Maya tomara para si os cuidados com sua alimentação e passara a regular as horas que devia fazer refeições, porque engolir havia se tornado um ato de dor e só estava aceitando comida pastosa. A angústia comprimia a garganta de uma forma que havia se tornado difícil ingerir alimentos.

Há quase trinta dias, voltara para seu antigo apartamento que agora dividia com Maya. Ao retornar à Salvador, o coração disparara, tendo a impressão que encontraria Max em qualquer esquina, nos elevadores, pelas ruas, nos engarrafamentos ou no metrô. Contudo, era uma ilusão, afinal os dois estavam misturados a três milhões de habitantes, além de que a rotina dele era puxada. Pegava-se pensando no que ele estaria fazendo em determinado momento, se operava, ou atendia na clínica, ou se ainda estava indo para a academia, ou tratando os pacientes carentes.

As noites eram os piores momentos. Quando conseguia dormir, quase sempre sonhava com ele. Num dos sonhos recorrentes, Max andava em sua direção com um semblante sereno, vestido de calça e camisa fina brancas, no meio de um grande jardim de flores tropicais coloridas – vermelhas, amarelas, azuis, lilases e rosas – e lhe estendia a mão. Nesse instante, sempre despertava. Não contara às vezes em que chorava baixinho para não chamar a atenção de Maya. Não queria que a amiga a visse daquele jeito, porque ela começaria a insistir que precisava ligar para Max.

Havia-o bloqueado no celular, tanto no aplicativo de mensagens, como para chamadas, no dia seguinte à fuga do apartamento. Mas, há dois dias, resolvera ler as mensagens enviadas por ele antes do bloqueio. Surpreendera-se. Só havia uma mensagem de voz, do domingo, dia em que o tinha bloqueado e Max soluçava e implorava para que voltasse, dissera que não conseguiria viver sem ela. E aquilo, para o homem como ele, duro, tantas vezes, grosseiro e ríspido, seguro e frio, era como virá-lo de cabeça para baixo. Caso fosse possível sentir-se ainda mais destruída, aquilo tinha acontecido ao escutá-lo. Desde então, aquele eco chamando-a a acompanhava, reverberando na mente e, de certo modo, fazia-a sentir-se culpada. Ainda assim, não tivera coragem de procurá-lo.

Por outro lado, tinha encontrado dezenas de mensagens de Marcel, com quem também cortara contato. O irmão traiçoeiro quisera saber de seu paradeiro e, dentre as mensagens, soubera do estado difícil que Max havia ficado. Maya tinha passado a conversar com o advogado, não sabia desde quando. Parecia que tinham virado interesse amoroso um do outro. Na primeira vez que ela lhe contara sobre o contato com Marcel, havia dito que nada queria saber sobre ambos e que ela não a traísse. Porém, ao longo dos últimos dias, ceder a um encontro com o irmão, por insistência da amiga.

Aguardava-o no ponto que havia alugado para abrir a confeitaria de doces, salgados e bolos. O espaço era localizado numa rua movimentada de um bairro de classe média, cercado de prédios residenciais, onde havia funcionado uma lanchonete. Tinha sido um achado e teve a impressão que o ponto a estava esperando, pois era do jeitinho que tinha imaginado. Agora estava adaptando a cozinha, fazendo algumas reformas e redecorando o pequeno ambiente.

O amigo de Maya, Bruno Azevedo, que era engenheiro civil, estava ajudando e as orientando na reforma. Tinha conhecido Bruno numa situação constrangedora quando fora com Max, Maya e Marcel, num *pub* que tocava *rock*. Acontecera uma confusão e Bruno abraçara ela e Maya, protegendo-as, sob o olhar nada amigável de Max.

Desde que alugara o ponto, Bruno passava lá todos os dias, para fiscalizar as intervenções. Embora trabalhasse numa construtora, Bruno demonstrava ter experiências em reformas de empreendimentos comerciais. Logo que instalaram o fogão industrial, Maya iniciara os testes com especialistas em doces, bolos e salgados para decidirem quais seriam contratados. E, então,

todos os dias havia guloseimas a serem provadas. Lembrava-se da alegria diária dos homens que trabalhavam lá, quando distribuía as iguarias.

Sentada numa das mesas que dava para a rua, avistou Marcel se aproximar. Ele caminhava em sua direção num elegante terno azul-marinho. Ficou tensa, embora estivesse preparada para aquele encontro. Ele empurrou a porta de vidro e a fitou cabreiro e inseguro.

— Como está, Marcel? – baixou a guarda e lhe entregou um meio sorriso.

Ele se aproximou. — Ainda muito triste – o advogado a abraçou apertado. — Não importa os motivos, você fez muita falta.

— Claro que importa os motivos – rebateu.

Ele se afastou. — Não precisava se afastar assim, mas, enfim, encontro a coelhinha na toca. Já está bastante crescadinha para viver se escondendo, Suna – ele a censurou num tom suave.

— Não me escondia e, sim, estava me recuperando das traições que descobri, inclusive de um farsante irmão de sangue – afagou rapidamente o peitoral dele e lhe sorriu. — Irei superar – convidou-o para sentar-se e se posicionaram um frente ao outro.

— Está muito magra... – constatava ele.

— Estou me recuperando.

— Não precisava desaparecer, Suna. Agiu como se fosse o fim do mundo e deixou a todos extremamente preocupados.

— Cada um que sabe de sua dor. Se estou aqui é porque estou preparada agora. Não iria enfrentar você, para que escutasse as minhas lamentações ou começasse a questioná-lo pelo que fez, afinal, não existem defesas ou explicações plausíveis para o que aconteceu e o que você acobertou – ressaltou sisuda.

Marcel limpou a garganta. — Existem. Precisava me aproximar de você. Lá no Maresia, sempre me tratava com educação, mas acho que interpretava mal minhas tentativas de amizade. E... Max é um homem honrado apesar...

— Veio aqui para interceder por ele? – interrompeu-o.

— Max errou feio. Sabe qual o maior deslize dele? Ter te protegido ao extremo... – o irmão a fitou de modo desafiador. — Mas ele não precisa de advocacia sentimental. Quis muito te encontrar por dois motivos... – Marcel amenizou o tom. — Primeiro, sou seu irmão e por isso preciso estar ao seu lado e vou estar, independentemente de estar junta ou separada de Max... – ele gesticulou como se batesse à porta em sua testa. — Ponha isso em

definitivo na cabeça, você é minha família e sou sua família, nunca mais me afaste... – o seu irmão segurou sua mão... — Amo você, Suna, muito. É minha querida irmã. Tenho minha opinião sobre tudo, mas respeito você. Não me afaste. Se sofre, quero estar ao seu lado; se está feliz, gostaria de estar contigo também... Não quero ser seu irmão só de sangue, desejo ser seu irmão de verdade – Suna se emocionou. Os olhos marejaram. Ele segurou as suas mãos. — Embora não pareça... – o irmão fitou para as mãos unidas dos dois e a diferença da cor das peles sobressaltou-se sob aquele ângulo. — O que é a genética! Somos como leite e café, mas essa é uma mistura que dá certo.

Levantou-se e o puxou, abraçaram-se de novo com sinceridade. Não se conteve e choramingou. — Obrigada, obrigada, meu bem... Eu amo esse nosso café com leite – eles riram e voltaram a se sentar, dessa vez, um ao lado do outro. Marcel a abraçou e ela deitou no peito do irmão.

— Gostei desse ponto, vai ser um lugar legal.

— Espero que sim.

— Já tem nome?

— Pensamos em Doces Delícias ou Doces Amores. Quer dizer, mesmo eu estando mais para amores amargos...

Marcel riu. — Bom, gostei dos dois primeiros nomes. Deixe essa amargura de fora. Terá a vida feliz que escolher. Bom, de todo modo, virei aqui todos os dias. Já tem um cliente certo e vou trazer outros – ele beijou sua cabeça.

— Ah! Obrigada... vou ficar muito feliz.

— Quando inaugura?

— Estamos esperando resolver a papelada e testar todas as receitas... Sabe que Maya está comigo nesse empreendimento?

— Sei sim!

— Esqueci que vocês andam se vendo.

— Maya é leal a você, nem se preocupe – ele expirou profundamente. — O outro assunto que preciso acertar contigo é o fim do contrato do casamento. Tem a outra parte dos valores para receber...

— Não quero nada. Eu é que tenho que devolver dinheiro para Max – pontuou.

— Vamos deixar a birra de lado. Ia receber de todo jeito, é seu direito. E Max é um cara muito generoso – argumentou o advogado.

Pela enésima vez, mirou o dedo anelar onde ficava a aliança. — Como ...

como ele está? – a saudade apertou mais ainda, estando na presença de Marcel.

— Como acha? Péssimo. Os primeiros dias foram terríveis. Eu e Dulce ficamos com ele no apartamento. Dentro do jeito dele de sofrer, está vivendo, trabalhando muito, sabe como ele é – Marcel parou por alguns segundos. — A vida louca dele, as coisas das quais viu...

— Não quero falar disso... – cortou-o outra vez, arqueando as sobrancelhas.

— Suna, as coisas pelas quais se enraiveceu aconteceram antes dele se apaixonar por você – o advogado foi mais incisivo. — Você é difícil, viu... – Suna nada comentou. — Entenda que os contratos sobre as compulsões de Max eram pra protegê-lo. Ele nunca aventou submeter você àquelas coisas, antes do contrato de casamento, ou mesmo depois de se envolverem.

— Não quero escutar – disse e apertou o paletó de Marcel.

— Mas precisa ouvir, é para o seu bem – o irmão aumentou a pressão em seus braços. — Confesso, tive muito receio de que isso acontecesse. Aconselhei que jogasse aberto contigo, sempre defendi que procurasse ajuda médica, mas ele não me escutou. Max queria te proteger acima de tudo e te digo algo, ele nunca sofreu por uma mulher e nunca havia se apaixonado de verdade. E Max te espera e garante que vai continuar te esperando... – Suna continuava em silêncio, introspectiva, sorvendo aquelas palavras. — Sem querer jogar nada em sua cara, é preciso compreender que somos seres humanos cheios de defeitos. Erramos. Você mesmo teve suas fraquezas na adolescência, ele teve as dele. Mas é preciso entendimento mútuo e aceitação.

— Não compare meu passado com o de Max – afastou-se do irmão e ficou de pé. — Veio aqui para defendê-lo e só – acusou.

Marcel também se levantou. — É claro que não – ele levantou a voz. — É muito cabeça dura, Suna. Falo para o seu bem, para que veja a situação de maneira clara. Saia desse casamento com dignidade e não correndo como uma criança birrenta e mimada.

Ao tempo que um forte dor apertava o peito, compreendia que Marcel, Maya, sua mãe e até Beatriz poderiam estar certos, apesar de não admitir aquilo para ninguém. Quando iria abrir a boca para rebater Marcel, Bruno, o amigo de Maya, entrou na loja, deixando o seu irmão meio confuso.

— Boa tarde! – o engenheiro civil os cumprimentou.

— Oi Bruno... Lembra-se de Marcel, meu irmão?

Suna fitou Marcel. — Bruno está nos ajudando nas obras aqui. Você o conheceu no *show cover* do Nirvana.

Marcel estendeu a mão a Bruno. — Como vai? — eles se saudaram.

— Onde está Maya? — perguntou Marcel.

— Ela está lá dentro — apontou para o fim do balcão. — Lá tem uma porta que dá na cozinha, ainda está tudo bagunçado. Vai lá.

— Tudo bem. Por favor, me desbloqueia no seu celular — ele pedia fitando-a e seguiu em direção ao fundo da loja.

— Atrapalhei alguma coisa? — indagou Bruno, com simpatia, assim que o irmão desapareceu.

— Claro que não. Venha ver como ficou o serviço que os rapazes fizeram hoje no banheiro.

— Não lhe vi hoje, Suna — Bruno veio em sua direção e lhe deu um rápido beijo na bochecha, meio que estremeceu envergonhada.

Caminharam em direção aos banheiros e ao lavabo. Não gostava de ser tocada por Bruno, pois tinha a impressão que ele queria algo a mais. No entanto, o engenheiro agia de forma respeitosa e amigável. Ele era um homem bonito, um ano mais velho que ela, estatura mediana, de porte atlético, cabelos castanhos muito claros e olhos cor de âmbar. Quando desviou o olhar, pelo reflexo do espelho do lavabo, os seus olhares se cruzaram e foi tomada por certo susto. Fitava Bruno pensando que fosse Max.

Farol

25

Observar o brilho refletido pela aliança encantava Max. Afinal, era o último resquício de Suna em sua vida, era o farol que ainda o mantinha firme. Em qualquer momento de ócio, polia a aliança na roupa, procurava o melhor ângulo, onde a mente se perdia naquele minúsculo ponto de luz diante da escuridão nefasta e triste que dominava a alma.

Não pretendia livrar-se da aliança do casamento de fachada que se tornara tão sólido e verdadeiro para ele. Suna continuava a ocupar todos os espaços de seu corpo, alma e coração. Enquanto aquele sentimento estivesse dentro dele, continuaria a usá-la. Pouco importava o que os amigos e colegas de trabalho pensassem sobre isso. Reverenciava aquela mulher em silêncio todos os dias, mesmo que ela não soubesse. E manter a aliança havia sido uma das formas encontradas para continuar vivo.

Dormia pouco, trabalhava muito e preenchia o tempo livre, na academia e em saídas com Diego. O amigo, em que sua desconfiança havia pairado por algum tempo, mostrava-se empenhado em colaborar para que melhorasse. Diego planejava programas para que se divertisse, principalmente, nos últimos domingos. Apanhava-o em casa e iam a bares de modinha. O amigo convidava amigas para acompanhá-los, mas nem a vida pregressa e nem novas mulheres o seduziam.

É claro que sentia saudades de sua intensa vida sexual com Suna e, em anos anteriores, com fidelizadas ou ficantes. Contudo, não encontrava forças e vontade para tentar aproximar-se de mulheres. Mesmo com o desejo e o tesão batendo em níveis estratosféricos, não conseguia ter qualquer reação,

exceto ao se tocar, frequentemente, nas noites solitárias e tristes em sua cama, lembrando-se sempre dela, Suna.

Em alguns momentos, pensava em voltar a frequentar a Casa de Donamy, o espaço de dominação e submissão onde havia conhecido Elisa. Mas logo a ideia desaparecia, porque acreditava que Suna iria retornar. E, enquanto houvesse esperança, pretendia manter-se íntegro e decente. Era o mínimo que poderia fazer.

Não queria e nem podia pressionar Suna. Ao procurá-la na casa da mãe, em São Sebastião, há mais de um mês, percebera que dona Fátima estava mentindo. Além dos olhos inseguros da sogra, tinha avistado a gata Zazá transitando desconfiada no corredor da casa. Entendera que Suna estava lá e não quisera vê-lo a ponto de persuadir a mãe a tentar enganá-lo. Aquela decepção lhe doera muito e por vários dias, pois viajara carregado de expectativa de que fosse, ao menos, abraçá-la.

Nunca quis que Suna vislumbresse o seu mundo obscuro, que sofresse por causa de suas compulsões sombrias, embora desejasse ardorosamente que ela, naquela ingenuidade frente ao seu submundo, pudesse sucumbir. Um devaneio. De todo modo, só aquela expectativa já o fazia morrer de tédio. Ela era a deusa que vivia no seu pedestal particular. Por mais que fantasiasse submetê-la à sua estranha fome sexual, respeitava-a e queria protegê-la de si mesmo. Era o dilema que o dividia desde que a conhecera e aquela dubiedade acabou se tornando um dos pilares do amor e quase devoção que sentia por Suna.

Algumas vezes, quando estavam juntos, havia sido tentado pela vontade de enganá-la ao aplicar os contraceptivos. Poderia ter fingido a aplicação. Mas não cedera àquela malícia. Se agisse agido daquele jeito, talvez ela estivesse grávida e teria um motivo para perdoá-lo. Por outro lado, de personalidade difícil, quem sabe, ele poderia estar sofrendo ainda mais, com ela longe, sem querer encontrá-lo e carregando um filho no ventre.

Quisera tanto engravidá-la, mas ela se mantivera reticente àquela vontade, como se, de algum modo, previsse que iriam se separar. Desejara ardorosamente ter uma vida suave com ela. Fizera tudo que estava a seu alcance, só não tinha lhe contado a verdade, porque temia perdê-la, ou que ela passasse a vê-lo como um monstro, mas não houve jeito, isso acontecera. Tornara-se um monstro aos olhos dela.

O que o mais machucava era que Suna pensava coisas terríveis sobre ele.

Só que também houve grandes mal-entendidos. Ela o acusara de persegui-la por desconfiança, mas a equipe havia sido contratada para protegê-la quando Dante estava solto e, pela segurança dela e ingenuidade de sua parte, acabara mantendo o pessoal. Sua intenção nunca tinha sido monitorá-la. Confiava em Suna, nas palavras, no comportamento e na lealdade e fidelidade dela.

Enfim, de tudo aquilo, o que restava era uma saudade intensa, uma vontade louca de tê-la entre seus braços para nunca mais soltá-la. Deseja, com fervor, que ela lhe desse uma nova chance. Precisava muito, iludia-se com aquela possibilidade de reconquistá-la. Em contrapartida, amedrontava-o a perspectiva daquela pequena chama de esperança se apagar, aquele pequeno reflexo de luz da aliança desaparecer e ele ficar perdido, sem norte, sem bússola, na mais tenebrosa escuridão.

Só não a procurava por medo da rejeição e por ter entendido que ela precisava de espaço e tempo para digerir o que descobrira. Contudo, havia se passado quase dois meses e o tempo agora se tornava o seu inimigo. Tinha receio de que Suna se acomodasse naquela nova vida de solteira, ou que encontrasse alguém, ou ainda que fosse capaz de esquecê-lo para sempre.

Ao menos, Marcel havia se aproximado dela há alguns dias e lhe dava notícias. Desde que soubera que Suna havia alugado um ponto, sempre que podia, passava no local. Certa vez, vira-a saindo e o coração parecia ter parado por longos segundos. Um frio se enroscara pela coluna, paralisando-o. Na ocasião, freara o carro e ficara observando e, devagar, foi seguindo-a. Ela andara por uma rua tangencial, com os cabelos presos num rabo-de-cavalo, vestida num jeans folgado, camiseta rosa e tênis. As mãos suavam no volante de ansiedade e alegria por avistar sua mulher, após longos dias e noites sem vislumbrá-la.

Suna apanhara o carro e seguira até uma casa de material de construção. Ela tinha estacionado na entrada da loja e ele havia parado na rua. O olhar dela se fixara em sua direção, por algum tempo, e tivera a sensação de que ela o observara e lhe dera as costas. Havia ficado nervoso, afinal, uma das queixas dela era de que estava sendo seguida. Mas acalmara-se ao lembrar de que Suna não conhecia seu novo carro. Havia trocado o *sedan* por um *hatch* azul escuro perolado e mandara colocar películas igualmente escuras.

Há dois dias, havia andado pela rua onde seria o comércio dela. Pretendia entrar no local. Teve receio, mas o impulso e a vontade de vê-la mais de perto havia sido maior. Passara na porta, olhara para dentro, sem coragem de

entrar. Havia sentado numa quitanda de frutas nas imediações, permanecendo lá por mais de uma hora, sem quase desviar o olhar das portas de vidro do ponto de Suna. De repente, então, vira-a sair com Maya e um homem. Ficara nervoso. Havia acompanhado o grupo por um trecho, mas o perdera de vista entre os passantes. Depois, Marcel lhe contara que o amigo de Maya, que tinham conhecido num bar, era quem as estava ajudando na obra. Não tinha gostado de saber daquilo, só que estava de mãos atadas...

— Doutor Vicente, doutor Vicente ... — era a voz de Geovana, a atendente da clínica. Fitou-a. — É... Não há mais pacientes.

Nem tinha percebido que o fim de tarde havia chegado. — Poderia ir embora. Já tinha lhe dito que quando o último paciente se for, assim que concluir o atendimento no sistema, pode ir.

— É... que... fiquei pensando... que o senhor poderia precisar de algo — alegou a moça, mordendo um dos lábios.

Geovana o observava de modo penetrante. Mirou o corpo dela, enfiado num vestido turquesa que marcava a calcinha. Depois que a atendente soube que havia se separado, ela passara a vestir roupas justas e insinuantes e flertar-lhe, ao lançar olhares oferecidos, num misto de ingenuidade e sedução. Geovana era uma loira de salão, de olhos claros e pele dourada. Tinha um belo corpo, pernas grossas e torneadas, nádegas arrebitadas e seios firmes. Nem sabia como estava conseguindo resistir a ela, com tanto desejo acumulado.

Perdera-se observando-a. Caiu em si. Limpou a garganta. — Não vou precisar, pode ir.

— É que trouxe essas guias para o senhor assinar.

Expirou sem boa vontade. Geovana veio para o seu lado da mesa e acabou derrubando as guias. Ele revirou o olhar enquanto ela abaixava para apanhar os papéis, empinando o bumbum em sua direção. Como tolerar?

Levantou-se abrupto e a puxou para próximo do seu corpo. Geovana era baixa e notava o olhar de medo e desejo nos belos olhos. Trouxe-a para perto. Em fração de segundos, imaginou-se empurrando-a sobre a mesa, levantando o vestido, baixando a calcinha e a penetrando de modo voraz, sem o menor pudor e com muita brutalidade.

— É isso que quer, garota? — pressionou-a e a fez sentir sua excitação. — Responde — exigiu e a fez virar de frente sem se afastar.

— Eu... eu...

— Posso te possuir agora de um jeito que você não vai gostar. Entenda. Não sou amável, sou rude – sentia o bom perfume exalar do corpo dela. Aos poucos, a garota o abraçou sem dizer uma única palavra. — Qual sua idade? Olhe para mim e diga sua idade... – perguntou de modo grosseiro.

— Vinte... vinte e um.

— Tenho 36 e não sou afável. Se acontecer algo aqui e agora, vou te demitir depois. Entenda, não sou um príncipe encantado, sou um ogro, minha esposa acha que sou um monstro... – mesmo com tesão, aliviou a pressão ao redor do corpo de Geovana e a soltou, em seguida, afastou-se. — Então, acho melhor manter seu emprego. A partir de agora, quero que use fardas, e fardas compostas, calças e saias decentes e elegantes. Além disso, essas roupas que passou a usar não são adequadas para atender meus pacientes.

O rosto da garota tornou-se lívido e assustado. — Sim, sim, senhor.

— Pedirei a Dulce, que já trabalhou aqui, para ajudá-la com a roupa. Não quero mais esse tipo de insinuações.

— Sim, descul... eu... não tive a intenção.

— Deixe os documentos aqui e pode ir – quase latia, de modo ríspido.

Sentou-se na cadeira compenetrado e apanhou a caneta para assinar os papéis. Quando a porta fechou, expirou cansado, jogando-se no encosto. *Até quando iria suportar. Até quando?* Passou a mão entre os cabelos pensativo. O celular tocou tirando-o dos pensamentos. Apanhou o aparelho e viu que era o advogado, rápido atendeu.

— Diga aí, irmão...

— *O que de melhor pode te acontecer, doutor Vicente?* – questionou Marcel com tom animado.

— É sobre Suna?

— *Sim, ela gostaria de conversar. Eu não pedi nada. Ela me sondou para saber como estava outra vez. Ela quer conversar contigo, mas não tem coragem de procurá-lo...*

O coração acelerou, parecia prestes a se jogar de uma plataforma de salto. A garganta fechava. — Meu Deus, mano... nem sei o que dizer.

— *Sugeri um restaurante e ela aceitou. Suna estará às vinte horas no Sol e Magia, sabe onde é, né...*

— Sei sim, obrigado, irmão-cunhado-amigo. Acho que te daria um beijo agora – expirou aliviado. Marcel havia pensado em tudo, o restaurante era reservado, com mesas distantes e ambiente de iluminação mais intensa só nas

mesas.

— *Passo seu beijo, meu irmão* – Marcel ria de sua alegria. — *Vou então confirmar com ela. Não atrase, não a agarre, se controle. Agente, ouça todas as lamentações dela, mesmo que não as considere corretas. Deixe que desabafe... Levo fé de que vocês se acertem.*

— Não vou ser imprudente, essa é minha chance – de repente, apoiou os braços na mesa, com certa angústia comprimindo o peito. — Só uma coisa me preocupa...

— *Pense positivo, essa é a melhor situação que poderia ter surgido.*

— Ela pode me dispensar de vez, Marcel.

— *Bem, vamos esperar que não. Mas precisa estar preparado para qualquer situação. Mas, por favor, não surte, não a pressione...*

— Relaxa...

Despediu-se de Marcel ainda surpreso com aquele presente de Deus. Saiu da clínica e foi direto para casa. Se, no último mês, fazia aquele percurso sem empolgação, naquele momento, a ansiedade batia alta no peito. Parecia que os ponteiros corriam e ele estava preso no trânsito. Tinha apenas uma hora para tomar um banho, tentar ficar bem e cheiroso e chegar naquele encontro. Olhou-se no espelho do carro. A barba estava crescida e os cabelos também. Não haveria tempo para barbeiro. No dia seguinte, iria cortar os fios e tirar a barba, que já mostrava alguns fios brancos.

Entrou na sala do apartamento e encontrou o vazio da destruição. Arruinara os móveis e a decoração. Não permitira que Dulce chamasse um decorador. Estava lá, o marco do dia mais triste de sua vida. Só mesmo Suna teria o direito de mexer e dar novos ares àquele ambiente. Fitou a mão e avistou o fio vermelho ainda vívido do corte na mão. Afastou aqueles pensamentos e foi direto ao banheiro.

Escolheu um jeans claro e uma camisa polo azul-claro. Perfumou-se com a fragrância amadeirada, que Suna tanto gostava, e saiu com o SUV, o carro que ela conhecia. Dirigia apreensivo e feliz para o restaurante. Estacionou e entrou no ambiente ansioso, com as mãos geladas. Os batimentos cavalgavam sem rumo no peito.

Procurou-a entre as mesas e não a via. Talvez não tivesse chegado. Foi verificar num ala ainda mais reservada ao fundo e, numa das últimas mesas, avistou Suna. Os olhos deles se cruzaram. O coração bombeava o sangue mais rápido, numa pressão que parecia poder explodir no tórax. Diminuiu os

passos e parou para admirá-la. Suna ficou de pé. Usava um vestido verde que a deixava linda, os cabelos estavam soltos e o olhar dela, bom o olhar era um enigma, porém era o farol de que precisava para guia-lo em noites escuras.

Voltou a andar lentamente até se aproximar da mesa. De repente, estava inseguro, não sabia o que dizer, como se portar. Nem se recordava da última vez que tinha se sentido daquela forma na vida. "Não a agarre", rememorou uma das recomendações de Marcel. Talvez, Suna ainda tivesse repulsa e nojo dele, como havia dito na carta, e o amigo não tivera coragem de lhe contar, e ela o chamou ali para cortar os fios de esperanças que lhe restaram e apagar o pequeno brilho de luz que guiava seus dias.

— Oi – apenas disse num murmúrio com os olhos presos nos dela, quase sem piscar.

— Oi – ela respondeu, um pouco seca, voltando a se sentar.

Acomodou-se numa cadeira diante da mulher de sua vida e ficou pensando se ela esperava que ele a cumprimentasse com um abraço ou um aperto de mão. Mas preferiu errar pela falta de amabilidade do que pelo excesso. Queria demonstrar ser respeitoso. Analisou-a, de supetão, e constatou que ela perdeu muito peso. Estava com aspecto adoecido. Sentiu uma ponta de preocupação.

Suna não conseguia esconder a tensão e o nervosismo. Colocou as mãos em cima da mesa, fitando as próprias unhas pintadas de esmalte quase branco. Max a observava como se fosse possível devorá-la com o olhar, mas nada comentava. Só pretendia falar o que fosse essencial e importante.

O garçom trouxe o cardápio e o médico pediu água e uma entrada para beliscarem. Ele mirou Suna como se perguntasse o que desejava, mas ela fez um sinal para o garçom de que nada queria. E um longo minuto se seguiu em que o silêncio pairava entre eles e ambos podiam escutar apenas o som de suas respirações barulhentas. Em certo instante, Suna o fitou e uma corrente elétrica atravessou o corpo, formando um circuito intermitente. Max teve uma ereção involuntária devido à adrenalina, mas graças ao bom Deus estava sentado.

— Não tem ideia de quão difícil é para mim estar aqui, olhando para você – disse ela insegura e tensa. — Mas um dia, mais cedo ou mais tarde, teria que enfrentar esse momento. Enfim, essa hora chegou. Estou aqui, Max. Só que não vim para escutar mais mentiras e nem suas justificativas estapafúrdias – Suna respirava com dificuldade e ele apenas assentiu. Não iria

rebatê-la naquele momento. — Vim colocar um ponto final nessa história, nesse drama que estamos vivendo...

Naquele instante, o mundo parecia girar ao redor do médico. O compasso dos batimentos cardíacos mudou abruptamente. Uma chicotada de dor cortou os sentidos. Seria mesmo o fim? O ponto de luz do farol iria se apagar? A única coisa que conseguiu fazer de imediato foi empurrar sua mão esquerda mais adiante, para que Suna pudesse ver a aliança que ainda usava...



A aliança na mão esquerda de Max atraiu o olhar de Suna e a fez calar. Observou a joia, destacando-se entre os dedos dele. Num rápido instante, ela refletiu sobre o que aquilo simbolizava. Emergiram das profundezas, saltando à frente de seus olhos, as juras de amor, os atos de carinho e compromisso, as carícias e os sorrisos e a intensa volúpia que o permeava. Fitou rápido para Max e a feição abatida, com os cabelos e barbas descuidados, deixava escapulir a expressão tensa.

Voltou a mirar a mão dele. Aquele círculo anelar parecia traduzir a continuação eterna, a transmutação e a evolução, desafiando os fundamentos do princípio, meio e fim. No círculo, não havia arestas, vértices ou lados, nem marcadores de tempo ou etapas. Era a representação de uma jornada, do caminhar do casal pelo mundo, em que tudo ricocheteava, sem espaços para enganações, pois, mais cedo ou mais tarde, as revelações aconteciam.

Assim, como a aliança representava o amor, também trazia a força de superação da dor, do mesmo jeito que era possível colher bons frutos, existiam os amargos, numa dialética em que os conflitos resultariam em sínteses. Só quem continuava naquela roda, naquele elo de união, naquela aliança de vida, era capaz de suportar as intempéries. Enfim, a aliança significava a capacidade de perdoar e de aceitação mútua, englobando virtudes e defeitos.

Reconhecia que houve um forte elo entre ela e Max e aqueles laços ainda a envolviam, tornando seus dias em calvários de tristeza e tortura. E continuar a viver naquele meio termo de dor estava sendo difícil. A verdade era que se retirou daquela relação e, emocionalmente, continuava unida a ele. Não estava sendo forte o suficiente. Adoecera e tinha a sensação de que poderia enlouquecer.

Via Max no olhar de Bruno. Certo dia, chegou a corresponder a um abraço do engenheiro de maneira acalorada, achando que era Max, depois se

recompusera, ao não encontrar o cheiro másculo do ex-marido e as formas largas de sua estrutura corporal. Também passara a esperá-lo na loja, como se o médico fosse entrar a qualquer momento. Sentia-o por onde andava. Por isso, quis encontrá-lo, algo precisava ser definido. Quem sabe, Max fosse capaz de feri-la de modo ainda mais mortal e assim pudesse esquecê-lo? Mas não sabia se queria esquecê-lo. *É suficientemente capaz de perdoá-lo, Suna?* Indagava-se.

Respirou fundo para retomar o fôlego. — Acho que essa história, a nossa história, já causou muitos danos – continuava Suna e Max permanecia em silêncio e, outra vez, os olhares deles se chocaram. — Sofri como uma porca sendo degolada, como um animal no matadouro... – e o olhar de azeviche dele a desconsertou, hipnotizando-a, fazendo-a mergulhar num abismo confuso e incerto. Max continuava calado. — Por que não diz nada? Por que usa aliança? – destemperou-se e desviou os olhos dele, controlando-se para não demonstrar nervosismo.

— Uso aliança porque me sinto casado. E enquanto houver esse sentimento dentro de mim, ela ficará no meu dedo... – Max cruzou os braços no peitoral, o que destacou os braços bem torneados.

Suna perdia o chão e uma avalanche emocional parecia tragá-la para as profundezas das dúvidas. Sofria, doía, apertava, mas queria jogar-se naqueles braços. Uma alegria inoportuna sorria para ela, misturada com a racionalidade que ostentava suas dores, como flâmulas, sinalizando quem era Max. Não sabia para onde olhar ou como se portar.

— Tem razão em tudo que pensa sobre mim, Suna – continuava ele. — Só está errada numa única coisa: eu nunca quis te enganar, eu queria te proteger de mim. O amor que carrego no peito só me apontou para esse caminho. Queria manter a sua e a nossa segurança emocional e, também, a permanência e estabilidade da nossa relação.

— Não vai me engabelar – alertava ela, contraindo a testa e erguendo as sobrancelhas.

Max estalou a língua. — Não quero te enganar, nunca quis. Entenda – ele lhe sorriu de uma forma singela.

— Teve amante enquanto estava comigo, como pôde ser tão traiçoeiro? – indagou Suna ainda tensa.

— Já tinha um contrato com Elisa quando você entrou na minha vida. Infelizmente, o que sou, o que fazia, não é algo que se liberte, assim, da noite

para o dia. Mas eu nunca te traí, nunca mantive relações sexuais com Elisa, a partir do momento em que comecei a me envolver contigo.

O rosto de Suna afogueou de raiva dele. — Não traiu? E os beijos e o quase sexo com ela suja de sangue? – rasgou austera embora num tom de voz baixo.

— Mas não aconteceu. Errei, fui tentado, mas o erro foi meu. Só que nunca mais aconteceu. Só com você acontecia, só com você beijava, amava, fazia amor, gozava... – ele falava devagar, num timbre másculo.

— Pare... – fechou os olhos enraivecida.

— *Okay*.

O garçom serviu água para Max e trouxe a entrada. — Por favor, quero água também – pediu ela.

Assim que o garçom se retirou, Max colocou a própria taça na frente dela. — Tome.

— Não, eu espero.

— Insisto. Pode me odiar, mas meu coração é o mesmo. Por favor, beba.

Suna fitou Max um pouco brava. Apanhou a taça, tomou um grande gole e a devolveu para ele. Reconhecia que era uma traumatizada. Havia levado anos remoendo a traição de Dante e o jeito que ele a tratara no final. E agora lidava mal com aquele embate com Max. Podia parecer uma garota mimada, mas não era assim. Tinha dificuldades de lidar com as emoções. Focou-se em Max. Precisava seguir aquela conversa, tocar nos pontos cruciais que se repetiam nos pensamentos.

— Você me fez perder meu cargo de gerente no Maresia. Isso foi estupidamente maldoso. Sabia o quanto gostava do meu trabalho – acusou.

— Na época, você tinha sofrido aquela agressão horrível de Dante. Se ele te empurrasse com um pouco mais de força, seu cérebro iria inchar e só Deus sabe se haveria sequelas ou não. Tive receio que ele, conhecendo sua rotina tão pesada, praticasse mais algum tipo de violência contra você. Ainda mais que seus turnos, às vezes, entravam madrugada. E para ficar claro, não pedi sua cabeça para o Carlo e a Corina, sugeri que diminuíssem sua carga de trabalho por algum tempo e não que te tirassem da gerência. Desculpe, então, pelo meu excesso de preocupação.

— Desconheço que traição também tem como sinônimo a preocupação. Isso é novo – rebateu irônica.

— Perdoe-me, por isso – Max falou hesitante, mexendo com a ponta do

guardanapo da mesa. — Naquele tempo, só pensava em formas de mantê-la protegida. Não queria e não quero que nada ruim te aconteça – ele a mirou com um brilho triste no olhar. — Quero também aproveitar para esclarecer que contratei os seguranças para sua proteção na época em que Dante estava desaparecido e a polícia não o localizava. Não era por desconfiar de você. Sei como é seu coração, seu jeito de agir, sempre tive certeza que era leal a nossa relação, nunca desconfiei de você. Nem lia aqueles relatórios – Max colocou as mãos unidas entre o nariz e boca por alguns instantes. — Por favor, me perdoa. Não fiz por mal. Eu... eu... não me interprete assim – pedia ele de modo rouco.

— Devia ter me consultado sobre os seguranças – observava ela.

— Eu sei disso, me arrependo, mas também tenho consciência de que se tivesse te consultado, você não iria aceitar. É muito teimosa, Suna. E, pelo jeito que sou, é complicado ter certas condições de protegê-la e não poder fazer. Tenho isso dentro de mim, esse impulso de domínio, de tomar conta e cuidar.

Suna crispou a testa. Do jeito que ele expôs a situação, parecia compreensível. Max tinha esse poder. Diminuía problemas maiores, aumentava outros insignificantes, com uma propriedade inabalável. — Do mesmo jeito que protegia suas fidelizadas, para servi-lo quase como escravas – instigou-o.

— Escravas, não. Foram apenas três mulheres, em épocas distintas, e elas foram muito bem remuneradas, aceitaram de livre e espontânea vontade. E, sim, através do contrato, elas tiveram acesso a regalias. Suna, esquece isso, não foi da época que estive comigo – Max murmurou como se contasse um segredo.

— Não consigo entender como alguém pode ser assim, como você. Gostar daquelas coisas terríveis. Enfim, Mércia teve razão.

Max se movimentou na cadeira. Hesitou por alguns segundos. — Quanto à Mércia, ela só falou a verdade no que diz respeito a relação de dominação e sadismo que mantivemos. O resto não passa de conto da carochinha. Nunca me envolvi emocionalmente com ela – de repente, o semblante de Max se tornou obscuro e intransponível.

— É o que diz. Além dos documentos, as minhas acusações são com base em gravações. Você pode ter tido encontros não-gravados. Por que não? – questionou ela com desdém.

— Porque eu te amo, como nunca amei ninguém. Não houve traições porque sou leal e fui fiel a você. O que não posso, infelizmente, é enfiar isso em sua cabeça. Se não consegui fazer com que entendesse o meu caráter antes, não poderei fazer isso agora. Acho que errei nesse sentido, você não sabe como sou.

— Pensei conhecer seu caráter até descobrir sua paixão por práticas sádicas e o quanto mentiu para mim. Se fazia isso antes, a ponto de ter contratos com fidelizadas e desembolsar uma fortuna para mantê-las, não creio que tenha parado no período que esteve comigo. E se não fazia comigo, alguém devia estar sendo mordida e machucada por aí... — abriu as mãos de forma teatral.

Max apertou os olhos e balançou a cabeça de um lado para outro. Em seguida, fixou-se o olhar no dela. — Quer mesmo escutar sobre isso?

— Sobre suas traições para satisfazer esse prazer, quero. Eu quero muito escutar.

— Deixe de ser teimosa. Não houve traição, nunca houve.

— Como não? — tentou debochar.

— Suna, olhe para mim em definitivo — Max falou num tom incisivo e ela o mirou desafiadora. — Nunca tinha sentido uma paixão tão forte como senti por você. A relação mais próxima de uma paixão que tive foi com Luana, uma brasileira que conheci nos Estados Unidos, que gostava de relações submissas, era ligada ao mundo de submissão e masoquismo — Suna se arrepiou, mas conseguiu esconder. — Quando jovem, tive namoros, mas nunca estava sexualmente satisfeito. Sempre parecia faltar um pedaço. Então, passei a frequentar casas noturnas e disso para as práticas, vamos dizer, mais duras foi um pulo. Frequentei espaços de BDSM, mas não me sentia feliz nesse universo, por isso, não me considero sádico ou dominador. Sou o que sou. Gostava de sexo, enfim, é difícil admitir, gosto, confesso, daquele jeito que leu no contrato da fidelizada, essa é uma verdade... — Max parou por alguns segundos e aproximou a mão dele da sua, mas antes que pensasse em tocá-la, ela tirou a mão da mesa. — Suna, parece conversa de besta, mas quando te conheci tudo isso deu um nó na minha cabeça. Tentei como um louco resistir a esse envolvimento contigo. Tentei, porque sabia como eu era e não podia praticar isso com você. Mas a gente se envolveu. E, para mim, posso falar por mim, essa foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida... — a voz dele queria interromper de emoção. — É tão bom, tão bom estar

contigo, fazer amor contigo, enfim, que não precisava mais da fidelizada. Confesso que mantive o contrato por medo de mim mesmo. Tive receio de me tornar incontrolável, porém isso não aconteceu. Nunca me senti insatisfeito ou infeliz na cama ao seu lado. Se tive desejo e vontade de praticar certas coisas? Não vou ser hipócrita, tive, tive muito tesão só de pensar em ter você naquelas cenas...

— Pare, por favor. Não quero escutar o resto.

— E o que quer, Suna? Acabar de vez com minhas esperanças? Enterrar tudo que a gente viveu como se fosse um indigente e dar as costas e seguir sua vida? Seja sincera, porque o que percebo aqui é que meu amor é maior que o mundo e estou disposto a muita coisa, mas o mesmo não posso dizer do seu ou de você.

— Como se atreve? Não fale comigo assim – arregalou os olhos na direção dele.

— Desculpe – disse ele com o semblante arrependido.

— Não existe medida de amor, isso é ridículo.

— Eu sei... – sussurrou ele.

— Não sabe o quanto sofri, o quanto tem sido difícil. Não durmo direito, não me alimento como deveria. Acho que não estou pior por causa de Maya, que me obriga a fazer, ao menos, três refeições ao dia. Até poucos dias, não comia sólidos. Comer dói, sabe, Max, engolir é dilacerante – não se conteve de emoção e os olhos marejaram.

— Ô Suna, por favor – ele estendeu as mãos sobre a mesa, mas ela recuou ainda mais. — Permita que cuide de você. Se quiser, posso não mais te tocar. Se quiser, a gente pode tentar um novo arranjo, começar de novo, sem pular etapas. A gente namora apenas. Por favor, não me prive de você, meu amor... – Max deixou passar a sua emoção e limpou os olhos, sem permitir que lágrimas rolassem. — Preciso de você...

— Não quero sofrer, quero ficar livre dessa dor – Suna desabafou e deixou as emoções transbordarem.

Fitá-lo e o escutar era um tsunami de sentimentos distintos que a afogava de uma só vez. Levantou-se abruptamente e foi saindo do restaurante. Não tinha mais condição de continuar ali. Iria desabar, era capaz de pedir que ele a abraçasse e depois, implorar que a amasse. Não sustentaria o paredão que erguera e estava mais confusa e intranquila do que quando havia decidido por aquele encontro.

Max vinha em seu encalço, pelo canto do olho o via entregar cédulas de dinheiro a um garçom e quase sair correndo para alcançá-la. Ignorou-o e foi para o estacionamento. No caminho, escutou os passos dele no piso de brita e, depois, sentiu a mão de Max tocar seu braço. Congelou. Paralisou. Delicadamente, ele a fez virar.

— Eu sinto muito pelo que vou fazer agora – ele disse de modo tocante.

Ficou sem entender. Franziu o cenho. — O que ...

Antes que terminasse a frase, Max se tornou Max e, com a respiração intensa, pousou os lábios sobre os seus, envolvendo-a num abraço tão apertado que poderia quebrar as costelas. Assustada, com o coração acelerado, de início, resistia e não abriu os lábios para ele, depois cedeu ao beijo voraz. Quando todas as suas resistências foram minadas, destruídas, passou a correspondê-lo, sugando a língua dele como se fosse capaz de trazê-lo para dentro de si. Ainda assim, chorava. Não sabia se era de emoção ou de raiva.

Max passeava os longos e fortes braços por suas costas. Por sua vez, enfiou sua mão no pescoço dele e o pressionou contra seu corpo, como se fosse possível conseguir tal façanha. Ficaram ali por longos minutos, naquele beijo sôfrego, que parecia atingir suas almas, que reivindicava cada dia e noite em que estiveram distantes e que secou suas lágrimas. Os lábios adormeceram, mas continuaram no bailar das línguas se enroscando, deslizando uma sobre a outra, serpenteando a cavidade bucal do outro, num ato de exploração e invasão mútua, numa ansiedade em satisfazer os longos momentos frios e tristes que atravessaram, numa sede intensa que a água não mata, num fogo arredo que não se apaga.

Não tinha jeito. O corpo fervia. O desejo a florava. Ela pertencia a Max e nada mais iria demovê-los daquele destino. Lutou e falhou. Precisava superar as mágoas, pois necessitava dele, queria voltar a ser dele. Amava-o. Só não deixaria que Max soubesse de como estava tão saudosa, do quanto a falta dele a havia adoecido, das vezes em que a mente a sabotava a sonhar com aquele momento e o quanto tinha receio de perdê-lo em definitivo, apesar de dizer que gostaria de esquecê-lo. Agia assim porque ele a tinha feito sofrer demais. E, independente dos motivos, a dor que lhe causara era um fato irrefutável.

Ele afrouxou o abraço e as mãos passearam frenéticas pela sua cintura, ancas, cóccix, braços, e, em seguida, voltou a pressioná-la contra a excitação

dele. Não aguentou e tocou o sexo de Max por cima da calça. Ele soltou um gemido sobre sua boca e ela apalpou o volume que tanto prazer já lhe dera, dilatado numa forte ereção. Em seguida, retirou a mão. Foram diminuindo a intensidade dos beijos até que se afastaram aos poucos. Envergonhou-se. Max a abraçou, erguendo seu corpo.

— Estava morto, nem sabe... – sussurrou ele em seu ouvido. — Quanta saudade, minha magrinha linda, dói demais.

O médico a colocou no chão. Segurou seu queixo com delicadeza e posicionou seu rosto para que o encarasse. Um frio subiu pela espinha. O rosto dele resplandecia, com os músculos flexionados num leve sorriso, mesmo com os lábios amassados. Suna se constrangeu sem saber o que dizer. Ele beijou os lábios com suavidade.

— Vamos ficar juntos. Tudo será como você quiser, meu amor – sugeria Max e não entendia se ele se referia àquela noite ou voltarem de vez.

— Você falou que poderíamos fazer do modo certo e... – estava visivelmente nervosa, com uma suave impressão de que ele fosse um estranho. — Não tenho condições assim, agora, como antes.

— Entendo. Vamos sair, ficar juntos e conversar. Vamos lá para casa, para nossa casa. Ao menos, essa noite – ele continuava a ostentar um sorriso feliz.

— Não gostaria de voltar àquele apartamento, não tenho. E...

— Tudo bem. Então, vamos num local que nunca fomos – Max se aproximou para murmurar, de modo sensual, em seu ouvido. — Vamos para um motel – outro arrepio disseminou-se no corpo, os pelos eriçaram.

— Não, Max. Meu carro está aqui. As coisas não são assim – nem sabia por que motivo reagia daquela forma se o que mais queria era estar com ele. Talvez fosse um pouco de orgulho.

— Quanto ao carro, resolvo e se formos ao motel, não necessariamente precisamos fazer amor. Vamos conversar, jantar, pois ainda não comemos nada e você colocará as cartas na mesa, dirá quais são suas regras, como quer...

Continuavam parados no meio do estacionamento, pessoas passaram em busca de seus carros. E muitos pensamentos distintos cruzavam a mente. Um deles, mais reticente, era o de que Max conseguia obter o que quisesse. Ele tinha um jeito próprio para isso e, provavelmente, sabia de suas fraquezas, visto que estava frágil por demais.

— Espere aí – ele foi até o segurança e tirou uma cédula da carteira.

Suna mirou seu carro e tinha consciência que poderia fugir dali, bastava entrar no veículo e partir, contudo, sentia-se amarrada e pesada; no fundo, queria estar ali com ele ou em qualquer lugar ao lado dele.

Max retornou. — Vamos. Seu carro poderá ficar aqui.

Ele a conduziu até o SUV, abriu a porta e a ajudou a entrar, como sempre o fizera. Nada conversaram, ele apenas a olhava com os olhos comilões.

Alguns minutos se passaram e entraram no motel, que não ficava muito distante. Max pediu uma suíte de nome Afrodite. Ficou imaginando que surpresa poderia ter esse lugar. Saíram do carro, subiram uma escada e quando ele abriu a porta, depararam-se com uma imensa suíte, inspirada na cultura grega, com colunas brancas, estátuas de deusas e acabamentos inspirados na cultura antiga, sobressaindo-se o mármore e o branco, com detalhes dourados. Encantou-se.

— Venha. Não se sinta pressionada a nada. O que mais quero é estar ao seu lado, independente do que vá acontecer.

Seguiram até o bar, deixou a bolsa na bancada e ele, a carteira e chave. Sentou-se no banco e Max a envolveu nos braços e a beijou de modo terno e logo se afastou, encostando a testa na sua e segurando suas mãos contra o peito dele.

— Te amo, Su. Mesmo me considerando um monstro, meu amor por você está acima de tudo. Não quero te ferir, não vou te machucar nunca mais.

— Não é um monstro. Só que há um Max dentro de você que desconheço.

— Tire isso de sua cabeça. Sou um único, que é louco por você.

O médico levantou seus cabelos e passou a barba levemente no pescoço, em seguida, cheirou-a e foi dando beijinhos. Quis dizer que o amava, mas preferiu ser mais moderada. Estava muito mexida emocionalmente. Deitou no peito dele e aquele cheiro era o melhor do mundo. A pressão no peito arrefecia e uma sensação de felicidade e completude a tomava. Abraçou-o, enterrou o rosto no peitoral, passou a mão por baixo da camisa e acariciou as costas dele, depois, afagou a barba e caiu em si sobre a falta que fizera a densidade dos pelos, a pele, a presença, a voz, a ternura, enfim, Max por inteiro, mesmo que existisse uma parte dele que desconhecesse.

Beijaram-se de modo terno, mas logo a leveza cedeu espaço para os beijos mais exigentes. Teve certeza que iriam se amar, porém Max não avançava, não tocava seus seios e nem fazia menção de fuçar debaixo do vestido. Pela primeira vez, percebia-o comedido, embora soltasse pequenos gemidos sobre

seus lábios e a respiração estivesse descompassada.

Sentia-se perdida, sugada pela força do desejo que a deixava molhada. Uma energia se dissipava e se concentrava no ventre, subindo até a base do estômago. Ébria, colocou a mão dele sobre seu seio.

— Seja você – sussurrou rouca.

— Tem certeza do que pede? – questionou ele com um semblante faceiro.

— Absoluta – respondeu sobre a boca dele.

Ele a apertou num forte abraço. — Deus, isso é um sonho! Só existe você e nada mais. Suna, me guardei te esperando, quero que saiba. Não estive com ninguém nesses dois meses separados.

Aquelas palavras envolviam seu coração com uma camada reconfortante de alívio. Max a apanhou no colo e a carregou para imensa cama sob um dossel ornado por colunas e folhagens douradas e com um grande espelho na cabeceira. Ele a pôs no chão próximo à cama. Tirou a camisa e avançou de modo intempestivo para tirar o seu vestido.

— Senti muita falta, meu amor, mas não rasga meu vestido, senão fico pelada, sem ter como voltar para casa – disse ela, segurando a parte da frente do vestido.

— Bom, isso não seria um problema... – ele achou graça.

Max resolveu desabotoar a calça, revelando sua ereção e ela baixava o zíper do vestido, deixando-o cair. Então, ele avançou sobre os seios e a derrubou na cama, soltou um gemido alto e o comprimiu contra seu corpo, rolaram na cama entre beijos, roçando seus corpos nus, feito animais famintos. Logo sentiu a penetração abrupta de Max, uma parte, que já a preenchia, e, depois, outra, que a fazia parecer estar sendo dividida ao meio. Era assim que gostava, era assim que ele era.

E começaram a se amar na intensidade do significado da palavra urgência, com os desejos gritando e se manifestando por cada célula do corpo. Max mordiscava e sugava seu pescoço. Não receava o que ele poderia fazer, naquele desejo louco queria que ele a tomasse por inteiro, como desejava, da forma leviana e obscura, queria ser dele e nunca se desvencilhar. As ondas de prazer pareciam rasgar a pele, acendendo fogueiras em cada poro, fazendo com que explodisse num gozo pretérito por todo o desejo reprimido por aquela ausência. Agora afogava, em definitivo, a saudade...

※※※

A felicidade extrema existe, concluía Max. E a vivia em sua concepção

real. Por mais que houvesse imaginado encontrar Suna, nada se comparava à maneira com que a realidade a trouxera. Era um presente suave e brando, um sopro terno em seus braços. A felicidade havia chegado devagar, como a música *Moonlight Sonata*, de Beethoven, dedilhadas sem pressa, em busca do encadeamento das notas certas, para que juntas ganhassem ritmo, criando a alma e corpo daquela melodia.

O dia amanhecia e não se cansava de amá-la, de beijar aquele corpo frágil e encantador, de uma delicadeza pura e inebriante. Dele, sorvia o mais delicioso néctar, o mel doce e úmido, entre as pernas da amada. Ela gemia baixo num prazer exausto e entrecortado. Fez questão de conduzi-la ao êxtase outra vez. Deliciava-se no prazer dela, no cheiro que exalava de sua intimidade, do suor, como também, de sua existência.

— Gostou? – questionou meio redundante, após posicionar-se ao lado dela.

— Muito... eu amo – ela dizia num murmúrio, acariciando seus cabelos.

Beijou os lábios. Depois, penetrou-a com uma leveza silenciosa, num cuidado terno para que não a machucasse, pois ainda não estava satisfeito, apesar das longas horas de amor e sexo. Precisava da energia que vinha daquele corpo, mesmo que não pudesse realizar os desejos mais escrotos, sua caça ao prazer precisava continuar até perder as forças. Necessitava saciar aquele apetite.

Puxou Suna para cima de seu corpo e a fez apoiar-se no espelho para que ambos pudesse movimentar-se, numa dança erótica e ritmada dos quadris se movimentando para os lados, para frente e em círculos. Chegava ao delírio. Ela parecia estafada, mas não iria parar. Segurou-a pelas ancas e avançou em movimentos rápidos, com estocadas fortes que a faziam reclamar em agonia. E gostava de ouvi-la aflita. E mais um orgasmo surgia forte, com gosto de triunfo, como um raio que descarregava a eletricidade ao cair. Urrou.

Com a calma invadindo-o, pediu que ela descesse o corpo e a abraçou, aguardando a respiração normalizar. Suna escorregou para o lado e fechou os olhos deitada em seu peito. Estava debilitada. Poder beijar o corpo dela, de modo leve, sem pressa, era o melhor presente que poderia ter recebido. Nem sabia se era merecedor daquela dádiva, de uma hora para outra, ter sua mulher de volta.

Olhou o relógio. O dia amanhecia. Tinha uma cirurgia de média complexidade naquela manhã. Pediu um café completo para eles. Tomou uma ducha demorada, olhou para a hidromassagem que nem aproveitaram.

Enxugou-se e vestiu a cueca *box* e a calça. Suna continuava ali, dormindo, nua e esplêndida. Apanhou o celular. Encontrou dezenas de mensagens de Marcel. Maya tinha ficado em polvorosa. "Está tudo bem. Estamos juntos outras vez. Tranquiliza Maya, por favor. Estamos felizes". Respondeu.

Não descansaria, pretendia ir para o hospital dali mesmo. Tornou a observar Suna. Questionava-se se tudo ficaria bem, se ela voltaria a mirá-lo com os olhos de admiração de antes. Talvez fosse querer demais ter o passado de volta como um passe de mágica. *Será que ela será a mesma?* Aquela questão perturbou os pensamentos até que escutou a sineta do garçom.

Apanhou um roupão felpudo e foi até Suna. Beijou-lhe o pescoço e acariciou os cabelos suados para que despertasse. Ela continuava dormir, mas precisava acordar.

— Su, acorda — balançou-a um pouco. — Precisa se alimentar. Pedi um café para nós.

Ela abriu o olho meio trôpega e a ajudou a levantar o torso. — Vamos embora, né?

— Queria te pedir algo... — confessava ele. Suna tentava forçar-se com dificuldade, levantando o cenho de modo preguiçoso. — Fique aqui dormindo. Tenho um procedimento. Vou no hospital e retorno em seguida. Vamos nos isolar um pouco. Topa?

— Mas... mas... — ela o observou confusa. — Estamos em obras na Doces Amores, não posso sair assim. Além disso, vou ficar aqui sozinha.

— Precisa dormir. Está muito frágil e magra, precisa comer e dormir. Por favor, fique. Vou ao hospital e saio logo após o procedimento. Pedirei a Diego que faça minhas visitas de hoje e vou reagendar os atendimentos — no final, seu tom era quase uma súplica. — Só não falto porque é uma cirurgia com certo grau de emergência. Sei que seu trabalho também é importante. Mas abra essa exceção hoje...

— Eu... eu não sei...

— Venha — chamou ele e se levantou da cama, onde havia se sentado. Abriu o roupão e assim que Suna ficou de pé, vestiu-a.

Foram até a sala reservada para as refeições. Sentaram à mesa e havia os itens variado, que tinha pedido. Serviu um copo de suco para Suna e fatias de mamão e melão.

— Realmente, estou faminta — constatava ela.

— Precisa recuperar o peso. Vou pedir para lhe trazerem lanche e almoço e precisa comer bem. Prometa? — ele acariciou a mão dela, depois que colocou uma porção de ovos mexidos em seu prato.

Ela apenas assentiu. — Max, não é assim... não sei se quero ficar. Meu carro está na rua, tenho minhas coisas para resolver e estou sem roupa... minha calcinha...

— Eu compro antes de retornar... e providencio que seu carro seja levado pra casa. Juro que não demoro. Por favor, me faça esse agrado. Devo retornar no máximo às treze horas. Fica aqui, meu amor...

Suna expirou com o semblante cansado. — Está bem. Mas não pense que vai conseguir tudo que quer assim, fácil, não. Sei muito bem como você é.

Puxou a mão dela e beijou o peito. — Obrigado.

Ela devorou uma fatia de bolo com rara voracidade, o que o satisfazia. — Max, a gente fez amor e eu... eu não, estou tomando nada. Precisa usar preservativo.

— Ah, Suna! Preservativo com você, não.

— E agora? — questionava ela, com a expressão assombrada.

— Bom, se quer, uso, simples assim. Mas não vou me meter mais em seus contraceptivos, foi um grande erro meu ter feito isso. Essa é uma das coisas de que me arrependo. Agora o controle é seu. Não vou pedir para parar ou para se prevenir. Nós estamos em suas mãos, amor. Meu desejo, continua o mesmo — buscou os olhos dela. — Quero te ter grávida... — os olhos de Suna se dilataram.

— E eu quero que nunca mais minta para mim, Vicente Max.

— Nunca mais... — prometia. Ela o pegava de supetão.

— Sinto-me insegura quanto a isso. Lembro-me do seu tom de voz, de profunda verdade, ao acusar Mércia de mentir, ao explicar que Elisa era namorada de César. Fui feita de tola, por você e por todos os outros. Pareci a palhaça da corte, a boba. Como posso passar a me sentir diferente? Quais garantias tenho? — o tom de voz dela subiu e não deixou que ele falasse. — Isso que me fez passar foi humilhante. Mente como um artista, sabia?

Desconsertou-se sem saber onde colocar as mãos. — Bom, essas mentiras foram para acobertar o passado. Não queria que descobrisse sobre as mulheres contratadas, porque achei que fosse mudar comigo, não me enxergaria da mesma forma quando soubesse o que fazia com elas. Mas como já descobriu a verdade, não haverá nada a ser acobertado. Aprendi a

lição – tentava impor segurança na voz, mas estava morto de vergonha dela.

— Tem ideia de como vai ser difícil para mim passar a acreditar em você?

— Imagino – concordava.

— Vai lidar com minhas desconfianças?

— Irei sim, aceito.

Terminaram o café e voltaram para o quarto. Ligou para recepção avisando que iria permanecer, no mínimo, mais vinte e quatro horas no quarto. Encomendou as refeições e combinou adiantar o pagamento. Fitou a piscina coberta, as poltronas e a cadeira erótica.

— Ainda temos muito o que explorar nesse quarto – observou ele, tentando melhorar o pequeno clima entre eles.

Suna lia as mensagens do celular. — Continua o mesmo, um tarado incorrigível – ela crispou a testa. — Maya achou que você tinha me sequestrado! – acrescentou assustada.

Ele a abraçou pelas costas e beijou a cabeça. — Bom, quanto ao tarado, isso não vou mudar nada. É melhor ter consciência disso. Já Maya, sinto lhe informar, mas sua amiga meio que tem razão, não é!

Eles riram. Abraçou-a, pediu a chave do carro dela. Suna foi para o banho, provavelmente, iria dormir. Saiu do quarto Afrodite, com o coração leve e vontade de retornar logo. No caminho, pediu a Dulce que resolvesse as pendências que tinha prometido a Suna. Traria roupas íntimas novas e os itens de higiene que ela estava acostumada.

∴

Só o foco no trabalho, para Max desviar a atenção de Suna. A cirurgia havia sido mais complicada do tinha imaginado. Conversara com a família do paciente e deixara as prescrições no sistema. Também repassara as visitas da tarde para Diego, a quem acabou de contar sobre o fato de estar se entendendo com Suna.

— E agora é pra valer? – perguntou Diego com certa dose de curiosidade.

— Espero que sim...

— Pensei, sinceramente, que iriam se separar mesmo e que logo estaria na esbórnia.

— Não. É esse casamento que quero. Quer dizer, vou ter que casar de novo – eles riram.

— De todo modo, está de parabéns. Sua aparência está ótima – elogiou Diego. — Uma mistura de tranquilidade e cara de quem passou à noite

fazendo sacanagem, sem pregar o olho – zombou o amigo e ele riu leve.

Saiu do hospital. Seguiu em direção ao quarto Afrodite. No meio do trajeto, entrou no posto de gasolina para encontrar Dulce que já estava lá, próximo à *delicatessen*, com sacolas de papel e de farmácia. Parou e abriu a porta do SUV.

— Conseguiu resolver tudo, Dulce?

— Aqui estão as coisas que pedi. Não tem só para Suna, comprei para o senhor também – a governanta o observou de esguelha. — Tem que pensar no seu bem-estar, doutor Vicente. Não cometa os mesmos erros.

— Está bem, obrigado – apanhou as sacolas das mãos dela.

— O carro dela já está com Maya.

— Ótimo – foi entrando no SUV.

— Doutor Vicente – Dulce o chamou e se abeirou da janela da porta.

— Um quarto desse amor que sente é obsessão por Suna – Dulce segurou na porta. — Desculpe me intrometer...

Observou o céu de má vontade. — Não sabia que estudava Psicologia, Dulce, até onde eu sei, é apaixonada por literatura – quis ser grosseiro, mas raras foram as ocasiões em que ela invadira seu espaço, então, segurou-se.

— Digo que um quarto de amor é obsessão para alertá-lo de que precisa amadurecer os sentimentos – ela o fitou cuidadosa, mas com um semblante duro. — Precisa transformar esse amor, doutor.

— Não entendi nada do que disse, Dulce.

— Se Suna o decepcionasse iria perdoá-la?

— Ela já fez isso...

— Não, quem fez foi o senhor e ela que está atravessando o difícil caminho das pedras do perdão. Esse caminho faz parte do amor pleno e verdadeiro, aquele que supera. O amor se consolida por amadurecimento sentimental e espiritual.

— Está bem, preciso ir, vou pensar a respeito – não deu muita importância a Dulce.

— O senhor precisa ir ao barbeiro – ela quase gritou.

— Eu sei, obrigado por tudo – respondeu antes de subir o vidro da porta.

Saiu do posto em direção à avenida e aos braços de Suna. Mirou-se no espelho e sentiu-se o monstro das cavernas, a barba estava crescida em demasia e os cabelos também. Passou os dedos para alinhar os fios e tentou refletir sobre o que Dulce havia dito. *Era um cara obsessivo? De certa forma,*

era. Sua vida sempre fora norteadada por compulsões. O vício em sexo brutal e em ferir a parceira orientava os desejos. Ainda continuava assim, mas houve uma adição ao universo compulsivo, que era o reinado de Suna sobre sua sexualidade. Com ela, continuava a flertar com o mundo obscuro e rude, tinha vontade de submetê-la de forma mais dura, contudo, não conseguia. Algo em si, de certo modo, contentava-se com o prazer daquela paixão. Só que aquelas chamas um dia iriam arrefecer e ele não tinha ideia se as compulsões voltariam a ocupar o seu lugar de supremacia. Porém, até lá, estaria mais velho e mais tranquilo.

Olhou o relógio e já eram uma e meia da tarde. Estava meia hora atrasado quando entrou na garagem da suíte Afrodite. Parou, deligou o carro e foi verificar o que Dulce tinha comprado; havia cuecas, pijamas, três conjuntos de *lingeries* e uma camisola preta e pequena, além de vários itens de higiene do tipo que eles gostavam.

Saltou do carro com as sacolas e subiu as escadas, sentia o peso do cansaço, contudo, não conseguia pensar em dormir. Abriu a porta e atravessou o espaço entre a piscina e o quarto. Era uma suíte ampla e grandiosa com a arquitetura e decoração reverenciando o amor e o sexo. Entrou no quarto e Suna não estava na cama. Ficou meio apreensivo. Deixou as sacolas na cama...

— Max, Max... é você? – a voz dela vinha da sala de jantar.

— Sim. Cheguei, meu amor – seguiu a passos largos para lá.

Encontrou-a almoçando, parou na soleira. — Ainda bem que chegou. Venha almoçar comigo, meu amor... – ela falou de modo natural e aquilo aqueceu o coração.

Continuava impactado. Suna o fitava com o brilho no olhar de antes. Foi até ela e a retirou da mesa, beijando-a. Passou as mãos, de forma rude, por dentro do roupão fazendo com que desamarrasse. Ela o forçou um pouco para que a soltasse e cedeu, mesmo com uma ereção já palpitando. — Está comendo direito? Gostou do que pedi?

— Sim, gostei. Venha. Não queria ficar aqui só – respondeu ela e ele fechou o roupão, escondendo os mamilos.

Sentou-se ao lado dela e começou a se servir, estava faminto. — Dormiu direito?

— Sim, a manhã inteira – ela lhe sorriu.

— Lanchou?

— Ai, Max, sim. Comi. Estou comendo melhor, não se preocupa.

— Está? – enrugou a testa de modo involuntário. — O que sei é que poderia dedilhar uma música em suas costelas se soubesse tocar violino.

— Ai... ai... Que exagero! Sim, confesso, estou me sentindo melhor desde ontem. Tive muitos medos. Pensava que o melhor era te esquecer, mas... mas não é – ela meio que gaguejou. — Antes de ir te encontrar ontem, já entendia que precisava estar ao seu lado, ou seria necessário você me machucar de modo cruel para que fosse obrigada a te esquecer.

— Isso nunca aconteceria, Suna, e nem vai acontecer – mirou-a sério.

— A verdade é que quero muito estar aqui. É difícil admitir, mas essa é minha verdade – confessava ela como um vento suave.

Respirou aliviado e lhe beijou as bochechas. — Que bom, Su. Vamos superar isso, com certeza – disse entre as garfadas.

Quando concluiu a refeição, graciosamente, ela pôs os cotovelos na mesa e uniu as mãos. — Precisamos fazer isso de novo com algumas regras.

— Já disse que você quem dá as cartas – concordou o médico.

— Falou ontem sobre um novo recomeço. Então, imaginei que podemos voltar como namorados. Eu continuo com minha vida, com a confeitaria Doces Amores, sigo morando no apartamento com Maya e a gente vai se falando e se encontrando conforme nossas agendas.

Crispou a testa. — Mas... mas a gente tem uma vida íntima de casados, como seria?

— Vamos começar assim, sem ser todos os dias. Preciso recomeçar minha vida profissional. E, por favor, nada de neuras com segurança me seguindo ou sabotando a Doces Amores por causa de paranoia. Quero uma vida normal – exigia ela.

— Sabotar? Eu? O que pensa que eu sou – indagava com um jeito ofendido.

Ela lhe fitou séria. — Um cara que seria capaz de qualquer coisa em nome de suas crenças.

— Nem tanto, Suna – desviou o olhar. — Vai morar com Maya que está tendo um rolo com seu irmão e que, com certeza, não vai durar muito.

— Não jogue praga sobre eles – repreendeu ela.

— Desculpe...

— E o que tem a ver se eles vão continuar ou não?

— Se eles não derem certo, haverá outro e com você lá dentro.

— Que horror! Como é machista! Não pense mal de Maya. Preciso que respeite minhas decisões.

— Claro, meu amor – parecia confuso. — Desculpe, não devia ter falado assim.

Terminou de almoçar pensativo. Não tinha gostado daquela proposta, embora tivesse sido ele que tenha sugerido aquela possibilidade, em desespero. Aquilo não iria dar certo. Namoro? Por que Suna proporia aquele arranjo? Talvez, para puni-lo pelas suas mentiras. No entanto, não tinha outra saída que não fosse concordar. Tentou afastar os pensamentos ruins.

Levantou-se e a conduziu de volta ao quarto. Suna verificou o conteúdo das sacolas agradecida e foi ao banheiro. Ele tirou a própria roupa e deitou na cama nu. Suna demorava.

— Hei ... – ela o chamou da porta do banheiro, um tempo depois.

Franziu o cenho ao vê-la. Ela não usava o *baby-doll* que Dulce havia comprado, e sim, uma das fantasias eróticas que o motel oferecia; um *body* preto, de renda, meia arrastão, e máscara nos olhos. Dilatou ainda mais o olhar, surpreso. As transparências deixavam as partes íntimas de Suna à mostra, de modo disfarçado. Ficou excitado só de observá-la. Ela veio caminhando com graciosidade, em movimentos sensuais e estampando um sorriso meigo nos lábios. Sentou-se na cama abismado com a forma leve e desinibida que ela demonstrava.

Em seguida, subiu na cama e, como uma gata manhosa, seguiu em sua direção, passando sobre suas pernas. Tentou puxá-la sobre o corpo, mas ela o rejeitou.

— Vamos fazer também como eu quero – sussurrou ela.

Desconcertado, ele voltou a deitar-se e Suna deslizou ao redor de seu corpo, começando beijar o pescoço e morder a orelha. Sentia-se desconfortável quando não estava no comando. Receou que ela fosse agir como uma dominadora. Mas, movimentando-se como uma pluma, ela desceu o corpo lhe ofereceu um sexo oral, guloso, cheio de astúcia e barulhinhos, dando atenção a cada centímetro de seu membro. Gemeu alto, empurrando o pênis para dentro dos lábios dela.

Quando estava prestes a gozar naquela posição, Suna deitou-se ao seu lado e puxou algo embaixo dos travesseiros. Escutou o tilintar das falsas algemas, próprias de motéis. Num lampejo, o coração disparou, teve medo de que ela o prendesse, baixou as mãos, para evitar aquela situação e escutou um “clack”

de uma delas fechando. Virou-se na direção da mulher que havia previamente travado as algemas na cabeceira da cama.

— O que está fazendo, safadinha? – perguntou enquanto fechava o outro braço no artefato.

— Quero que me trate como sua fidelizada – pedia ela.

Tirou a máscara de Suna, surpreso. — Isso não pode acontecer... – fitou-a com incredulidade.

Doces Amores

26

Naquela sexta-feira, Suna estava muito feliz. Havia passado quase três semanas desde que reatara com Vicente Max, durante a maratona de quarenta e oito horas no quarto Afrodite. O mundo parecia ter mais cores e vivacidade. Pelas ruas, o brilho das folhas das árvores encantava os olhos, como também, a suave energia que emanava do cair da tarde. A beleza do universo acenava para ela outra vez.

Uma euforia esfuziante a tomava, ainda mais naquele dia, que iriam comemorar o fim das obras na Doces Amores, a contratação do pessoal e o fato de que, na semana seguinte, aconteceria a inauguração da confeitaria, assim que os últimos equipamentos estivessem instalados.

— Max virá para nossa festinha pré-inauguração? — perguntou Maya sobre os olhares atentos de Bruno enquanto concluía a limpeza das mesas e eles organizavam os salgados e tortas para aquela noite, nos balcões climatizados, e as bebidas e refrigerantes, nos expositores verticais.

— Ele disse que sim — afirmou com os pensamentos longe.

— Ainda não tive a oportunidade de reencontrá-lo — comentou Bruno.

Parou e o fitou séria. — Acho que hoje terá a chance — sorriu sincera para o engenheiro.

Bruno havia mudado o jeito de agir desde que soubera de sua reaproximação com Max. Ele a tratava de forma mais sisuda. Mas não queria dar importância aquilo, pois nunca lhe dera chance ou esperanças de que poderia acontecer algo entre eles. Quer dizer, exceto numa alucinação que a fez abraçá-lo e o confundir com Max, só que tinha sido algo tão momentâneo

e imperceptível que ele não devia ter notado.

Nunca aceitara os convites de Bruno para jantar ou ir ao cinema. Na época, não se sentia à vontade e não queria que ele criasse falsas expectativas. Bruno havia confidenciado a Maya sobre a atração que sentia por ela, contudo, mergulhada em sua dor, não dera atenção àquela manobra de tentar influenciar a amiga para chegar até ela. Continuava a tratá-lo com educação e consideração e a ser grata pelo empenho dele em ajudá-las com as obras.

O celular vibrou. Ansiosa, apanhou o aparelho no bolso, pois pressentia que fosse Max. E era ele, constatou ao fitar a recente imagem da tela, já sem barba e cabelos mais curtos. Lindo. Atendeu.

— Oi, querido – mirou, rapidamente, Maya e Bruno e se afastou mais deles.

— *Amor, aconteceu um imprevisto. Tenho cirurgias de emergência agora e não tenho previsão de saída. Estou com dois pacientes vítimas daquele acidente na BR-116.*

— Vi a notícia sobre esse acidente, que triste! Poxa, Max, queria tanto que viesse conhecer como ficou a Doces Amores! Mas entendo a sua responsabilidade, cuidar dessas pessoas é muito mais importante – sentiu-se um pouco frustrada. Queria muito que ele estivesse naquela pequena reunião, ainda mais que se empenhavam para reconstruir os laços que foram abalados.

— *Su, amanhã de manhã tenho atendimento também. A gente almoça e fica o resto do dia juntos. Pode ser?*

— Sim, sim... claro – confirmava. Não era novidade, Max atendia aos sábados.

— *Desde o último domingo, a gente não faz amor. Estou com muitas saudades. Vamos reorganizar isso, porque está ruim* – reclamou ele, soltando sons de risinhos no final.

— A gente combina amanhã. Sentirei sua falta.

— *Precisamos. Só de ouvir a sua voz já fiquei aqui com vontade. "Ele" está todo crescidinho e já estou com a roupa do centro cirúrgico, me escondendo aqui para ninguém ver...*

— Você é incorrigível. Mas, qualquer dia, quero você vestido de cirurgião só para mim – sussurrou audaciosa.

— *Quer virar minha cabeça? Está cheia de fetiches agora, hein, minha deliciosa. Vou "operar" em você todinha, nem se preocupe. Quero tudo contigo* – disse Max com a voz sexy.

— Não parece que quer tudo... — fez um tom insinuante.

— *Ah! Não vamos tocar nesse assunto agora, muito menos por telefone. Não sabe o que diz* — cortou ele. — *Te amo, minha Su. Até amanhã. Cuidado aí.*

— Eu... eu, eu também. Tomarei todo o cuidado, nem se preocupe.

Desligou saudosa. Max se negava a praticar, com ela, as fantasias que realizara com as fidelizadas. Se ele sentia prazer de certas maneiras, queria poder tentar fazê-las com ele, ao menos em algumas ocasiões. Não precisava feri-la, como assistira à fidelizada no vídeo, mas queria que ele avançasse mais sobre as cláusulas que tinha lido. Poderia parecer nojento, mas o amava tanto que a ideia de deixar-se ferir um pouquinho começou a não lhe parecer tão terrível. Confiava em Max e se sentia segura ao imaginar-se submissa a ele. O choque tinha passado e havia sentido mais ciúmes que desprezo.

Se criassem regras, como fizera com as submissas, ele poderia ter prazer com ela, de forma completa. Assim, teria certeza que ele não iria escapulir quando a paixão esfriasse. Imaginava que, com carinho, isso seria possível. Porém, Max se negava de maneira ríspida à sua oferta. Ele tinha um lado “fera” que não queria apresentar a ela.

Contudo, não ficaria alimentando caraminholas na cabeça. Estava muito feliz, tinha um homem lindo e apaixonado, afetuoso e altruísta, justo e generoso, carinhoso e viril. Max era mais importante do que tinha imaginado. Nasquelas três últimas semanas, havia recuperado o equilíbrio emocional, voltara a se alimentar melhor e tinha retornado a ser a Suna de antes, centrada em seus objetivos. Haveria de conviver com os estilhaços do sofrimento que Max lhe causara, tentando entendê-lo e o aceitando do jeito que era, com uma besta enjaulada dentro do seu ser.

Concluiu a limpeza das mesas e a realidade tilintava à sua frente, aquela era uma noite de comemoração. O desafio daquele negócio a instigava e estimulava a cada instante. Tudo estava praticamente pronto para a inauguração. Só restavam alguns pequenos ajustes a serem feitos na semana seguinte para finalmente começarem a funcionar. Confeccionaram panfletos que iriam distribuir na vizinhança, estavam promovendo anúncios em portais de notícias e *blogs* da cidade e contava as horas para mandar instalar a placa Doces Amores, na faixa da confeitaria.

Foi até o engenheiro e Maya. — Daqui a pouco o pessoal começa a chegar — comentou sorridente.

— Vou em casa rápido e retorno – avisou Bruno, caminhando em direção à saída. — Até daqui a pouco. Não abram nenhuma latinha de cerveja, ou comam qualquer petisco, antes que eu retorne – ele sorriu para elas e se foi.

— Quer tomar banho primeiro, Suna?

— Não May, apronte-se logo para Marcel – gargalhou.

— E não vai ficar linda e perfumada para Max também?

— Ele não vem. Teve uma urgência para atender.

— Ah! Que pena! Ele tem uma vida profissional complexa. Tem que acostumar, amiga.

— Eu sei, já acostumei. Tem ideia de quantas sextas e sábados passei sozinha? Está tudo bem, mas hoje é um dia especial e fiquei com um pequeno aperto no peito.

— Amanhã vai estar com ele. Hoje vamos é brindar nossa conquista, Suna. Batalhou tanto, investiu muito e conseguimos num tempo recorde – Maya lhe deu um abraço. — Vou usar o banheiro do escritório. Quando terminar te chamo.

Sorriu para Maya, que subiu para o escritório de bermuda e camiseta, desfilando suas formas avantajadas e as tatuagens que tanto amava. Para cada uma delas, tinha uma história a contar, em geral, ou era uma homenagem a alguma mudança ou fase de vida, ou uma referência a valores que reivindicava para si. Maya era uma mulher forte, bela e decidida.

De início, achou que a amiga formava um lindo e inusitado casal com Marcel, que era mais refinado e elegante, em seus ternos e camisas sociais. Mas, após o que ela lhe confidenciara, não sabia se ele a merecia, apesar de amar ambos de formas diferentes. Segundo May, Marcel era frio e distante, na intimidade. Quando faziam sexo, ele lhe dava prazer de forma mecânica, como se ela fosse um amante casual e não alguém com quem tinha passado a se falar e se encontrar com frequência.

Parecia que seu irmão não sabia amar. Aquilo lhe causava um pouco de dó, pois ele acompanhava a sua história com Max e conhecia a fundo sobre a vida agitada do médico. Como Marcel poderia ser frio na intimidade, se era um cara doce e afetuoso no cotidiano? Será que ele se punia e se controlava? Será que ele tinha medo de se apaixonar? Tinha milhões de questionamentos, mas se os fizesse, de modo direto, o irmão desconfiaria de que Maya havia se queixado. E se meter, assim, seria um terreno pantanoso.

A verdade era que aqueles homens precisavam de divãs para serem

compreendidos. Um cara elegante, inteligente, bonito, bem posicionado profissionalmente, como Marcel, tinha necessidade de se esconder dos sentimentos assim? Maya não iria tolerar a indiferença dele, por muito tempo. Ela era uma mulher livre, sem amarras e que já vivera sua porção de sofrimento e soubera sobreviver, valorizando o lado positivo da vida.

Apostava que a amiga não teria paciência para gente mal resolvida. Ela a repreendera por seu próprio jeito subjetivo de encarar as dificuldades com Max. Maya estava sempre apontando para o lado racional da situação e colocando o bom senso nas análises. De todo modo, May dissera que, naquela noite, ela e Marcel iriam dormir juntos e que pretendia fazer uma investida mais romântica e esperar a reação dele.

—Suna ... – ela chamava ao longe das escadas.

Travou a porta e seguiu em direção às escadas. Não queria saber de problemas naquele dia, precisava se divertir, afinal, estava muito feliz. O coração pulsava embalado pelo amor e ela começava a realizar o sonho de ter o próprio negócio. Apanhou a sacola com seus itens de banho e roupa logo que Maya saiu bela, num macaquinho jeans leve.

Tomou uma ducha demorada e se arrumou com uma alegria além do comum. Preferiu um vestido cor goiaba, liso, de alcinha e calçou uma sandália rasteirinha, maquiou levemente os olhos, colocando um brilho nos lábios. Soltou os cabelos e desceu.

Parte das pessoas já tinha chegado. Abraçou o irmão Marcel e seguiu cumprimentando duas amigas de Maya, além de Solange, que trabalhava no Maresia, e Simone, a *chef* contratada, que seria o braço direito na cozinha, a responsável pelo cardápio de doces, bolos e salgados, escolhidos para serem comercializados. Queria muito estreitar a relação com ela.

Maya já tinha servido as mesas com as entradas feitas pela própria Simone e seus ajudantes. A amiga também ligara o som ambiente com uma *playlist* de músicas *pop*. Apanhou uma cerveja e foi até a mesa onde Marcel estava.

— Cerveja, Suna! Nunca a vi com uma latinha na mão – o irmão riu.

— Hoje vou tomar todas. É a nossa inauguração, porque, no dia mesmo, teremos que estar trabalhando – colocou a cerveja no copo e a levantou para brindar com Marcel.

— Justo – ele falou após o gole. — Maya me disse que Max não vem.

— Não pôde. Sabe como é o trabalho dele.

— Sei, sim – assentiu ele. — Estou muito feliz por vocês. E vejo que

recuperou o vigor. Antes estava pálida e esmaecida.

Apenas gargalhou e tomou mais goles de cerveja. Bruno chegou e cumprimentou algumas pessoas e Maya o apresentou outras. Continuou a beber e comer os pequenos salgados. Elogiou Simone por sua culinária. Estava muito feliz. Dizia que era pela Doces Amores, mas, no fundo, sabia que era devido a Max. Ele não estava ali, mas o seu coração o honraria até o último gole de cerveja, até o último momento antes de dormir.

— Está bebendo muito rápido. Pega leve – sussurrou Marcel em seu ouvido, mas o ignorou.

A noite avançava e serviram *quiches*. Já tinha passado a tomar *drinks* com *vodka*, preparados por Bruno, e nem se dera conta. Fez um discurso falando da importância daquele empreendimento para a sua realização profissional e foi calorosamente aplaudida. Maya também deu um testemunho emocionado sobre aquela empreitada e acerca da amizade delas, o que a fez cair em lágrimas.

Já era madrugada e muitos foram embora. Só sorria. Estava bêbada. Mas se controlava por causa de Marcel, tinha receio de que ele comentasse com Max. Estava bêbada e feliz, bêbada e realizada, bêbada e apaixonada. Era uma mulher amada, afinal. Era uma privilegiada. Até se emocionava por Deus a ter presenteado com o amor de Max, um homem másculo, belo, que sabia fodê-la como ninguém. Nunca mais iria querer outro homem, nunca. Era dele.

A cabeça rodava e o estômago embrulhava. Apoiou o cotovelo na mesa e sustentou a cabeça com os dedos entre os cabelos. Olhou ao redor. Restaram Simone, Marcel, Maya e Bruno. O irmão abraçava a amiga e lembrou-se de que eles tinham uma jornada amorosa até o dia amanhecer. Riu na direção deles e levantou o copo vazio.

—Suna, vou te deixar em casa... – disse Marcel num tom sério.

— Não precisa – tentava aprumar a voz para sair o mais coerente possível.
— Simone e Bruno me levam. Vão curtir a noite.

— Não, amiga. Eu prefiro te deixar em casa. A gente fica lá, não é Marcel?
— Maya arregalava os olhos para ele.

—Aff! De forma nenhuma. Um casal lindo desses! Bruno e Simone digam a eles que vocês me levarão para casa.

— Podem ficar tranquilos. Ela está conosco e em boas mãos. Vamos fechar e levá-la – garantia Bruno.

— Gente, me conhecem há pouco tempo, mas podem ficar sossegados. Não vamos deixá-la sozinha – assegurava Simone, com os longos cabelos encaracolados, presos num coque, corpo esguio e pele de sapoti.

Percebeu Marcel franzir o cenho. — É melhor não – murmurou ele. — Prefiro deixá-la em segurança. Vamos, Suna. Bruno e Simone fecham a loja. Vamos logo.

— De jeito nenhum. Não sou criança. E nem sou propriedade de ninguém. Estou meio alta, confesso que não costumo beber – soltou um sorriso alto. — Mas estou em minha sã consciência. Sou adulta e dona de mim. Pare com isso, Marcel. Não há mais contratos. Estou livre...

— Não é esse o caso, Suna. Você está impertinente – censurou ele, deixando ainda mais à mostra as partes brancas dos olhos.

Balançou a cabeça e se levantou, controlou o estômago, concentrando-se para não tropeçar e pagar a língua de que não estava bem. Levou alguns copos para o fundo, foi seguida por Simone, que carregava os pratos das tortas. De lá, avistou Bruno conversando com Marcel e Maya. Retornou e continuou a limpeza das mesas, mesmo um pouco cambaleante. Maya subiu para pegar a bolsa e quando retornou, Marcel levantou-se, veio em sua direção beijando sua cabeça.

— Teimosa, dona Suna – ele apontou o dedo em sua direção. — Precisa aprender a ceder.

— Aproveitem a noite. Ela é linda. O amor com amor é lindo, Marcel.

Maya a abraçou e beliscou suas costas, discretamente, e entendeu que havia falado demais. — Amiga, amanhã a gente se vê.

— Não se preocupe com horário, May – ela lhe sorriu. Naquele instante, soube que iria ouvir de Maya.

Eles se foram e continuou o serviço com Simone e Bruno. Só que uma onda de enjoo a tomou. Correu ao toalete, mas não aguentou, vomitou no corredor. Bruno a amparou, sustentando seu corpo por trás. O mundo rodava, veio outra onda e tornou a vomitar, acabando por sujar a camisa dele.

— É melhor levá-la numa emergência – sugeriu Simone.

— Não, querida, estou acostumado a essas situações. Fica tranquila. Só pega a bolsa dela no escritório, lá em cima – disse o engenheiro.

Bruno a ajudou a lavar o rosto e limpou as roupas de ambos, salpicadas de vômito. Tentou falar, mas ele a acalmava, garantindo que estava tudo bem.

— Aqui a bolsa dela – disse Simone num tom apreensivo.

Bruno a conduziu de volta a uma das mesas, onde arriou. Já não conseguia acompanhar o diálogo entre eles. A cabeça latejava. Entendia que o engenheiro pedia para Simone localizar a chave. Ele sabia que na penca estaria a chave do apartamento e uma cópia da Doces Amores.

A rosa e o espinho

27

Vicente Max acordou com o corpo pesado. Havia chegado de madrugada do hospital e dormira pouco. Eram sete horas da manhã de sábado e a partir das oito e meia já estaria atendendo. Tinha participado de duas complexas cirurgias e um dos pacientes viera a óbito.

Apesar dos longos anos na prática da medicina, a morte ainda era algo que mexia com ele. Sentia-se impotente quando acontecia um falecimento sob seus cuidados. Parecia que um vazio se dilatava no peito, expandindo-se pelo corpo. Era uma sensação ruim testemunhar a vida se esvaír rumo ao invisível, nos braços misteriosos da força que sentencia o que está acima da possibilidade de intervenção do homem.

Após o banho, tomou o café da manhã de modo solitário e sentiu o coração apertar de saudades de Suna. Arrumou-se, optando por uma camisa branca de tecido leve e jeans claro, ajeitou os cabelos mais curtos no espelho e percebia os fios da barba insurgirem-se quase imperceptíveis. O peso da noite anterior insistia em perturbar os sentidos. Passou pela sala, quase vazia, com apenas um sofá e uma mesinha que haviam sobrevivido a sua ira. Mais uma vez o peito se comprimiu. Desceu, pôs seus óculos de sol ao entrar no carro, e observou as horas. Tinha tempo. Resolveu fazer uma surpresa para Suna.

Foi à floricultura. Escolheu rosas vermelhas escuras, as prediletas de Suna. Alguns espinhos arranharam e espetaram as mãos, sem que desse importância, afinal, como o amor, rosas feriam. As rosas eram um tipo de flor portadoras da beleza junto a um sutil aviso de que a perfeição poderia machucar. Assim, uma alegria desmedida seria capaz de transportar também

uma desavisada angústia; ou apenas, a existência de uma grande paixão vinha com o lembrete de uma possível decepção. Na verdade, o amor era para os corajosos. Sacudiu a cabeça para espantar aquele pensamento enquanto a atendente finalizava o buquê com dez rosas vermelho-sangue.

Dirigiu apressado até a casa de Suna. Estacionou na rua ansioso por beijar a amada. Tinha certeza que, se passasse dez minutos na companhia dela, iria amenizar o peso no coração e o resto daquela manhã transcorreria mais tranquilo. Conversou com o porteiro que a visita era uma surpresa e ele concordou em não comunicar que estava subindo. Num golpe de sorte, o rapaz o reconheceu de uma visita anterior quando trouxera uma cesta de café da manhã para Suna.

Passou pela portaria, atravessou o saguão e entrou no elevador. Saiu no andar e tocou a campainha apreensivo. Iria incomodar, de todo modo. Afinal, ela e Maya deviam ter chegado tarde. Será que estavam dormindo? Tentou outra vez. De repente, escutou a porta ser destrancada e a maçaneta virar. Alguns segundos, a porta foi aberta.

Arregalou os olhos com o que viu. Abalou-se. Paralisou. Depois pensou que deveria ser por causa de Maya. Mesmo assim, aquela visão era um desatino. Ele próprio nunca dormira no apartamento de Suna e nem andara por lá sem camisa. Inflamou-se. Entrou com o rosto incontrolavelmente carrancudo.

— O que é isso! — indagou numa indignação corrosiva. — Suna — gritou o nome dela de modo grosseiro ao entrar na sala do pequeno apartamento, sem que os olhos desviassem de Bruno que estava sem camisa e com os cabelos molhados.

— Como vai, Max? — Bruno parecia apreensivo. — Suna está...

Não terminou de escutar. Com o coração na boca, caminhou em passos largos em direção ao quarto dela. Aqueles segundos, pareciam uma eterna tortura. Ao se aproximar da porta, Suna saiu do banheiro enrolada na toalha e com os cabelos molhados.

— O que significa isso? — de repente, sentiu-se o idiota. Analisou rápido o quarto e viu a camisa de Bruno na cabeceira e os dois lugares na cama mexidos.

— Max, não é o que pensa... — comentou ela com suavidade.

Parecia que um buraco se abria aos seus pés e outro foi detonado no peito, numa implosão repentina. O mundo girava. Já tinha encarado aquela

sensação quando Suna o deixara. Mais uma vez observou ao redor e a atmosfera suspeita o desafiava. Ela o traía. Ela o enganara. Ela se vingava.

— Não há explicação – latiu, olhando para as mãos. Sentiu-se ridículo com aquele buquê. Não se conteve. Jogou as rosas violentamente sobre Suna.

— Para, Max – gritou ela. — Fiquei bêbada. Bruno cuidou de mim... – ela tentava explicar o impossível.

As vistas escureciam e retornavam. Tirou a aliança e arremessou na direção dela.

— Traidora – gritou o médico, com o dedo em riste para Suna, que se encolhia junto à parede com os olhos vidrados de medo.

— Pare, você não vai agredi-la – intrometeu-se Bruno.

— Cuide de sua vida – rosnou e empurrou o engenheiro de volta ao corredor, sem imprimir muita força. Mesmo desequilibrado, o bastardo não caiu. — Não bato em mulher, muito menos em moleque do seu tipo. Cuido de gente, é o que faço – explodia incontrolável.

— Max, por favor, não. Não aconteceu nada do que está pensando – explicava ela nervosa atrás de suas costas.

Voltou-se para Suna e bateu a porta atrás de si. — Não? – lançou lhe um olhar cortante. O ódio o consumia.

— Não – disse ela, aproximando-se.

Deu dois passos, conduziu-a até a parede, segurando Suna pelos ombros. A toalha deslizou pelo corpo dela e pousou no chão, revelando aquela nudez que tanto amava e um misto de desejo e raiva o tomou. O rosto de Suna tremia e lágrimas desciam pelo rosto sem que ela desviasse o olhar dos seus. Teve vontade de fodê-la de tanto ódio, porém controlou-se, caso contrário, faria pior do que com as fidelizadas. Estava nervoso. Tentava controlar a respiração para se acalmar. Não se conteve e escorregou, de modo rude, uma das mãos pela cintura e parou logo que dois dedos chegaram à vagina. Ela gritou assustada. A porta foi aberta por Bruno. Baixou rápido, apanhou a toalha e colocou sobre o corpo de Suna.

— Bruno, por favor, vá embora. Já teve confusão demais – pedia Suna enquanto ajeitava a toalha.

— Tá louca, Suna, que vou te deixar com esse monstro! Prometi que iria tomar conta de você ontem e...

Não deixou que terminasse. O médico foi até o engenheiro e o empurrou. Bruno lançou um soco, mas ele esquivou.

— Parem, por favor... – gritava Suna apavorada.

Max teve vontade de massacrar aquele homem, mas lembrou-se de que já tinha problemas na Justiça, por causa da briga com Dante. Bruno avançou de novo, tentando golpeá-lo e outra vez desviou. Suna se meteu entre os dois, segurando a toalha, meio desajeitada.

— Pelo amor de Deus, Bruno. Saia – urrava a moça. — Preciso conversar com Max, você não tem esse direito. Não temos nada, não tivemos nada. Saia – ela implorava a Bruno.

— Vou ficar lá fora. Se ela gritar, retorno – disse o imbecil apontando o dedo para ele.

Suna sentou na cama num choro convulsivo, como se estivesse sentindo dor, arqueando o estômago. — Não faça tipo, Suna. A cama está revirada, a camisa dele está ali na cabeceira.

— Bebi demais. Bruno me trouxe e peguei no sono, ele ficou aí. Não foi certo, eu sei. Agi como uma tola.

— Você estava me mantendo afastado, desde domingo. Renegou meus chamados para dormirmos juntos. Não foi à toa.

— Não pensa isso, pelo amor de Deus – ela tentou segurar o braço de Max, no entanto, ele a evitou.

— Não tenho mais o que fazer aqui – caminhou em direção à porta, passou pela sala ignorando o engenheiro e saiu do apartamento, como um raio.

Suna veio atrás dele mesmo de toalha. — Max, acredite em mim... eu amo você – ela dizia entre lágrimas e tentava se aproximar dele.

Perto da escada de emergência, então, parou e voltou-se para ela. — Ama? Agora ama? Você fez pouco de mim. Não falava de seus sentimentos, se negava a se encontrar comigo e estava cheia de novidades na cabeça. Queria mesmo se vingar... – latiu para ela, sem se importar com a vizinhança e desceu os degraus.

— Não, não... – gritou ela, ainda conseguiu escutar.

Max saiu do prédio atormentado. Uma sensação de que estava perdido, sem rumo, espalhou-se pelo corpo. Entrou no carro. Procurou acalmar a respiração. Que decepção! Era um idiota, um fracote que havia se deixado apaixonar. Sentia-se um palhaço, o rei dos imbecis. Ligou o SUV e nervoso começou a guiar em desatino.

Pegou o caminho para o hospital. A raiva e a frustração se apossavam dos sentidos. Não acreditava que Suna tinha sido capaz de ir para cama com

outro! Se alguém tivesse lhe contado, não acreditaria. Mas viu com os próprios olhos. Buscava o ar e não conseguia. O peito apertava. Não! Tinha que parar. Não iria entrar no mesmo furacão de desespero de quando ela o tinha abandonado.



Suna chorava compulsivamente. — Saia daqui, Bruno. Vá embora – ela o expulsava do quarto pela enésima vez.

— Não fique assim. Ele é um brutamonte.

— Também seria uma grossa e escandalosa se estivesse no lugar dele. Você não devia ter ficado aqui. Não podia – gritou com a voz cortada pelo choro. — Acabou de destruir a minha vida – constatava num tom mais baixo.

— Quero te ajudar, Suna – ele se aproximava da cama.

— Fique longe de mim! E se quer ajudar, procura Max e conta a verdade! – exigia.

— Não posso fazer isso.

— Por que não? É um covarde, hipócrita e egoísta. Se não pode, por favor, saia de minha casa agora – gritou quase se esquecendo de que permanecia enrolada numa toalha. — Saia.

Bruno apanhou a camisa e vestiu. — Estava embriagada. Queria que a deixasse?

— Por que não trouxe Simone? Por que precisou deitar na minha cama? – indagava ela.

— O que está insinuando? Não me aproveitei de você. Tanto que, recorde-se, despertou com a mesma roupa da festa – apontava o engenheiro.

Ela o fuzilou com o olhar. — Sei muito bem que não me tocou. Estava bêbada, mas não com amnésia – respirou fundo apalpando a testa e procurando um rumo. — Desculpe, Bruno. Obrigada por ter cuidado de mim. Mas não precisava ter ficado aqui e deitado na minha cama. Nunca te dei essa intimidade.

— Suna, eu gosto muito de você e não precisa me destratar assim, depois de tudo que fiz por você e Maya! – ele alterou-se irritado.

— Não se preocupe, os seus honorários serão pagos.

O engenheiro lhe deu as costas e saiu finalmente do quarto e, em seguida, escutou a porta de saída do apartamento bater. Foi atrasado. E antes, detonara sua vida. Aliás, ela quem a havia destruído, não deveria ter bebido. Não deveria ter extrapolado. Agora Max pensava que tinha sido traído. E sabia

como aquela dor era devastadora. Encontrar aquela situação no seu apartamento era um ponto de ruptura que poderia levar tempos para ele se recuperar.

Levantou-se ainda chorosa. Apanhou a aliança dele e pôs na pecinha e, depois, o buquê. Foi até a cozinha em busca de um vaso, encheu de água e colocou os botões e rosas dentro, inclusive, os quebrados e machucados. Alguns espinhos arranhavam a pele, mas entendia que nenhum encanto seria pleno sem qualquer físgada de dor, alertando que tudo poderia ruir a qualquer instante. Concluiu o trabalho.

Admirou as rosas. Enxugou o rosto. Levou o jarro para o quarto e ao colocar na mesinha de cabeceira, tomou uma decisão: precisava urgente resolver aquela situação, não esperaria as coisas esfriarem.



Vicente Max atendia um paciente e outro de maneira sucessiva com o objetivo de que seu foco se mantivesse no trabalho. Não surtaria como acontecera na primeira vez, repetia para si mesmo repetidas vezes. Suna garantia que não havia acontecido nada, mas as circunstâncias não colaboravam com a versão dela. Apesar de sua decepção, sentia um certo conforto com as afirmações dela de que o amava. Mas e se ela ainda queria vingança? Balançou a cabeça e passou as mãos entre os cabelos, ao tempo que Rita, a atendente do Santo Antonio, entrava.

— Doutor Vicente, tem uma moça aí fora querendo falar com o senhor — comunicou Rita.

Franziu o cenho. — Quem?

— Não quis dizer o nome... — a atendente parecia encabulada.

— Eu também não sei e por que está assim, toda desconfiada?

— É que ela parece a sua esposa, que vi na foto. Está de óculos escuros e cabelos presos. Parece nervosa.

Contraíu a testa, elevando as sobrancelhas, surpreso. — Diga que não terei tempo para atendê-la. Que volte outro dia.

— Dizer isso, doutor Vicente? mas ... — Rita parecia surpresa.

— Pode dizer, por favor.

— Está bem — concordou ela, visivelmente constrangida.

Rita saiu e, pouco tempo depois, outro paciente entrou. Atendeu o último compromisso do sábado quando já ultrapassava o meio-dia. Então, chamou Rita na sala.

— Falou com a mulher? – indagou.

— Disse como o senhor pediu, mas ela respondeu que iria esperar. Está sentada aí fora.

— *Okay*. Já vou indo, Rita.

— E a moça? – questionou a atendente e apenas franziu o cenho, desconsertando Rita que voltou ao seu posto.

Com uma calma cortante, arrumou suas coisas na mochila. Se fosse Suna, ela merecia sofrer pelas tormentas emocionais que estava sendo submetido. Saiu da sala de atendimento. Pelo canto do olho, avistou Suna, que ficou de pé logo que abriu a porta, mas ele fingiu que não a via.

— Até o próximo sábado, Rita. Bom fim de semana! – desejou à atendente.

— Para o senhor também, doutor Vicente – respondeu Rita com os olhos curiosos e, ao mesmo tempo, assustados.

— Max, por favor – Suna o seguia, contudo, continuava a andar ignorando-a.

Atravessou a ala das clínicas. — Por favor, meu amor, precisa me ouvir – ele nada comentou. — Max, Max me ouça. Não foi nada daquilo – ela segurou seu braço, mas aumentou os passos na recepção principal. — Fui uma idiota, não devia ter bebido, não devia ter recusado a carona de Marcel. Por fav...

De repente, Suna tropeçou e foi ao chão, teve vontade de seguir andando. Contudo, quando se deu conta, já estava no chão ajudando-a a se erguer. Escutou alguns risos abafados e encarou os que os observava de forma severa.

— Está doendo onde? – perguntou a ela com frieza.

— Bati o joelho na cadeira...

Colocou-a sentada e massageou o joelho ralado. — Dói aqui? – apertou a rótula joelho para verificar se teve algum dano mais sério.

— Está tudo bem, vai passar... – ela apertava os olhos em dor.

Levantou-se e Suna o agarrou. — Não vai se ver livre de mim – ela o mirou com os olhinhos imploradores e entendeu que não conseguia odiá-la como merecia.

— Vamos, te levo até seu carro – segurou-a pelo braço conduzindo-a até saída.

— Estou sem carro... ficou, ficou na Doces Amores.

— Não tem que me dar satisfação – rebateu rude.

— Pode me dar uma carona?

— Posso. Acha que isso vai mudar algo? – assim que ela voltou a andar, apressou o passo em direção ao estacionamento dos médicos, que naquele horário estava a ermo, deixando Suna para trás.

Ele chegou ao SUV e a esperou. O sol a pino daquele horário os fazia transpirar. Max a observava caminhar em sua direção, usando um vestido azul simples, com alguns detalhes em laranja, sem mangas, de comprimento um pouco acima dos joelhos e carregando a bolsa predileta.

Amava o jeito de Suna andar, era natural e elegante, apesar de ter descoberto, naquele dia, que ela poderia ser uma ordinariazinha. A raiva não aplacava o desejo por ela e por aquelas curvas suaves e singelas que, por tanto tempo, temeu machucar.

Olhou para o estacionamento vazio, dirigiu-se para o lado do carona, que dava para o muro. Abriu a porta, conferiu a altura do veículo. Suna poderia pensar que estava sendo cavalheiro, como sempre fora, ajudando-a a entrar SUV, entretanto os seus pensamentos eram os mais nefastos e cafajestes do mundo. Ela merecia.

Devagar, Suna se aproximou. — Max, por favor, entenda, não houve nada. Juro. Acredita em mim. Tudo que quero é que você me perdoe, por favor – segurou seu braço e ela o observava com o semblante abatido.

— Não é hora de lamentações, Suna – puxou-a de modo rude e a prensou contra o banco do carro de costas para ele. Ela soltou um pequeno grito.

— Agora não – protestou ela.

Enlaçou o braço no cabelo preso e o puxou sem dó. Ela reclamou outra vez. Beijou sem sutileza o pescoço dela e apalpou os seios, tateando os mamilos. Lentamente passou a ponta da língua na carótida, umedecendo a pele lisa e clara até atrás da orelha. Deveria ser mordida. — Acha mesmo que merece que eu pare? Sim ou não? Responda – naquela altura já queria estar dentro dela.

— Não, não para... continua – concordava ela e entendia como um sinal verde para que continuasse.

— Muito vadia, você, dona Suna – murmurou sedento, pressionando o sexo nas nádegas. — Com tanta gente te olhando! – disse embora não tivesse ninguém ali. — Vou ser perverso, saiba...

— Pode ser... – assentia ela quase miando com olhos semicerrados.

Jogou-a no banco e levantou o vestido, a bolsa caiu no assoalho do carro. Rápido, desabotoou sua calça e uma excitação já pulsava forte. Arriou a calcinha, abaixou um pouco seu torso e a penetrou de uma só vez, o que lhe arrancou suspiros de prazer. Suna gemeu alto, mas não queria que ela tivesse prazer. Movimentou-se como um animal dentro dela, que procurava apoio no painel do carro. Uma onda de prazer o tomava, sentia a chegada de um rápido do orgasmo. Diminuiu o ritmo, pois o rejeitava.

Suna continuava a demonstrar que estava gostando da situação. Tirou o pênis de dentro dela e fez algo que sempre teve vontade; penetrou de modo brusco o ânus dela e lhe tapou a boca para que não gritasse. Tinha o sonho de lhe fazer um sexo anal de maneira bruta, sem preparações. Ela soltou um gemido mudo de dor e tentou livrar-se dele. Em seguida, entregou-se, permanecendo calma à medida que avançava em movimentos lentos.

Buscou um pouco de espaço dentro dela até notar que Suna não aguentaria se continuasse avançando. Aliviou a profundidade por alguns centímetros e foi aumentando as estocadas. Ela começou a reclamar, mas não se importava. Rápido, um orgasmo feroz o assaltou. Gritou num prazer grandioso, puxou-a pelo cabelo e beijou seu pescoço, transitando as mãos pelo corpo e imaginando que gosto teria o sangue de Suna. Ela tremia. Envolveu-a pela cintura. Quis virá-la e abraçá-la, mas desistiu.

— Max, eu... eu amo você – ela se declarou numa voz fraca e trêmula, sem se indignar com aquela maldade.

Apenas suspendeu a calcinha e a puxou para longe do carro. Subiu a calça e fechou a braguilha. Apanhou a bolsa dela e a entregou, fechando a porta do veículo. Ela abraçava a si e a bolsa, mesmo no sol causticante. Talvez, estivesse sentida pelo que fizera.

— Pegue um táxi. Não vou passar perto de sua casa, me lembrei de que tenho um compromisso – afirmou com frieza, mas como o coração partido.

— Ali tem um ponto...

— Mas, mas... Max, não me deixa aqui – imaginou que ela chorasse.

Correu para o banco do motorista, antes que se arrependesse daquela sacanagem. Ligou o carro e partiu sem conseguir fitar diretamente para ela. Ia usufruir da fama que carregava, de sádico. Precisava daquilo, mesmo com o coração pesado de culpa.



Suna andava em passos lentos. Os músculos do rosto se contraíam. Queria

chorar, mas não conseguia. A raiva de si mesma a consumia. Desde que tinha lido os contratos de Max com as fidelizadas, ficara sabendo das preferências dele. Ela mesma o havia instigado para que cruzasse a linha. Pedira isso em alguns momentos no quarto Afrodite e em outros encontros íntimos, provocando a irritação de Max.

E, finalmente, ele a atendera. Max tinha recebido a sua permissão, para ser cruel com ela. A brutalidade dele havia aflorado. Aquilo era a realidade, diferente dos sonhos cor-de-rosa que tinha construído, destruído e voltado a montar, recentemente. E a realidade brotava como rosas de sangue. Uma grande parte de si considerava que poderia lidar com o lado obscuro de Max, no entanto, provavelmente, não sabia mais se conseguiria.

O coração doía muito. Tinha consciência que não deveria romantizar aquele ato feroz de que fora vítima, contudo era o que desejava. E algo tilintava na mente. Fechou os olhos sem querer acreditar e aceitar que, após ter entrado no refúgio secreto de Max, a vida deles nunca mais seria semelhante ao ano em que passaram juntos sob a vigência do contrato de casamento. Max era cruel e duro, mas havia se esforçado para esconder aquilo dela. Se tivesse deixado essa história do escritório de lado, nada daquilo talvez...

Assustou-se! Avistou o veículo de Max vir em sua direção, na marcha ré, em velocidade. Parou sem saber o que fazer. Em segundos, o SUV se aproximou com o motor rangendo. A porta se abriu e o medo se alastrou pelo peito. Max desceu e correu, abraçando-a de modo forte e sufocante.

— Perdão, perdão. Não devia ter agido desse jeito – sussurrou ele com o rosto enterrado entre seus cabelos. — Machuquei você. Prometi que nunca faria isso. Errei, errei... – com o timbre de voz oscilante, carregado de culpa.

— Foi perverso, mas está tudo bem. Sei como é você – disse insegura e com dificuldade, sem saber se cedia ou se acompanhava seu orgulho ferido por ter sido abandonada há pouco.

— Estamos sem rumo, a gente tem se machucado demais – ele se afastou e a fitou visivelmente emocionado. — Vamos...

Max a puxou com gentileza e ela permaneceu parada. Teve vontade de dizer que iria mesmo de táxi. Depois, resolveu segui-lo. Ele a ajudou a entrar no carro. O ar condicionado foi um alento aos suores que desciam pelas têmporas, o tempo estava abafado. Quando sentou, sentiu uma físgada de dor,

disfarçou e se acomodou de lado no banco.

— Fui um monstro. Independente de sua situação com aquele vagabundo, preciso que me perdoe. Diga, por favor, se me perdoa – pedia ele logo que entrou no veículo, com o tom calmo e inquietante.

— Não tenho resposta – disse seca. Sentia-se confusa.

— Eu não devia ter... pelo amor de Deus, me perdoa – ele baixou a cabeça pensativo. — Entenderei se não me perdoar. Estava e estou com muita raiva pelo que presenciei em sua casa, estou mordido de ciúmes. Mas sei que ainda assim, fui um covarde.

Suna continuou em silêncio. Max paralisou por alguns segundos, olhando perdido para o horizonte.

— Na verdade, o que fiz, é imperdoável. Não sirvo, Suna. Realmente, não sirvo para ninguém... – ele tirou o carro do ponto morto e foi guiando devagar, pegando a via de trânsito.

Max seguiu em direção ao apartamento dela. Ambos permaneceram calados por um longo tempo. Nuvens escuras pesavam o céu naquele lado da cidade. De repente, chuviscos caíam no para-brisa. Sempre chovia quando vivia um sofrimento extremo.

Resolveu quebrar o clima. — Não tive nada com Bruno. Essa é a verdade. Acredite se quiser – afirmou enquanto ele nem piscava o olho, atento ao trânsito e preso aos pensamentos.

O veículo parou na porta de seu prédio. Não queria sair. Aquele silêncio construía muralhas entre eles. Quando tocou a maçanete do carro, Max começou a falar.

— Te amo mais que tudo – fitou-a nos olhos e aquilo aqueceu o seu coração. — Mas não devemos continuar. Pensei que pudesse... enfim – Max estava visivelmente emocionado. E ela impactou-se com o que ele acabava de dizer. — Não há explicação para o que fiz. Não vou responsabilizar você por ter me instigado e por ter aceito. Tive um acesso de fúria no estacionamento. E, se a gente continuar, poderei ter outros surtos, por motivos quaisquer – ele parou para respirar e desviou o olhar dela. — Não merece passar pelo que fiz. Nunca... nunca, entenda. Merece algo melhor que eu, Su. Será minha eterna Su. Jamais deixarei de te amar, mas nunca mais te tocarei de novo. E essa é uma promessa.

Aquelas palavras explodiram como uma bomba de muitas toneladas no peito. Avançou para cima dele, tentando abraçá-lo, porém ele permanecia

paralisado, sem tirar os braços do volante. — Não é isso que quero, amo você, Max. Tentei viver sem você, tentei odiá-lo, mas não consegui.

— Suna, tentei ser um homem normal e não consegui – ele a afastou com delicadeza. — Sou um sádico, gostei de te ver sofrendo. Agi contigo pior do que se fosse uma fidelizada... – a voz dele embargava. — Com elas, havia regras e eu as seguia, porque não havia envolvimento emocional fora da cama. Só que entre nós hoje, não houve regras. Desconheço os seus limites e, ainda assim, movido por meus ciúmes e raiva, fiz aquela merda, sem avisar, ignorando suas reclamações.

Os seus olhos se dilataram. — A gente faz as regras, podemos ter um contrato. Eu... eu... – gaguejou. — Escrevo sobre os meus limites.

— Não era isso que queria contigo, não era. Também não merece viver com medo de um homem. Ter receio se ele vai obedecer ao acordo, ou, por alguma briga, ele irá burlá-lo. Não sei se conseguiria seguir regras com você. E fazer o que fiz hoje, é abuso e nunca admiti ser abusador.

— Não tenho medo de você, Max – garantia, imersa numa angústia intensa.

— Não saberá depois de hoje – ele a fitou com o semblante devastado. — Nem sempre o amor vence, Suna – concluía ele, limpando o rosto após uma lágrima rolar.

— Não aceito isso... – unia as sobancelhas num sobressalto. Apesar de tudo, precisava continuar com ele.

— Por favor, não piore as coisas. Vou contar a Marcel e me ...

— Não vai contar a ninguém, eu não quero que ninguém saiba – exigia ela, elevando o tom.

— Marcel é como irmão e você é irmã de sangue dele. Sei que vou perdê-lo também, mas preciso contar que extrapolei contigo, cruzei a linha, ultrapassei a fronteira.

— Ninguém tem que saber, não quero que ninguém saiba. A briga entre você e Bruno já é suficiente – constatava num desabafo.

— Não faça isso com sua vida, como fez com Dante, escondendo os fatos das pessoas que te amam. Não faça isso com você! – ele expirou de modo demorado. — Vá, Suna. Tenho que ir.

— Vou com você – decidia ela.

— Suna, não seja teimosa. Não vou poder descer e te tirar do carro, por favor.

— Não vou. Está chovendo – a chuva tinha se intensificado.

Max demonstrou irritação. — Gostou de ser abusada? Sentiu prazer na dor, é isso? Também te agradou ver dois homens disputando a fêmea que é? É uma submissa, vaidosa, Suna. E nem percebe! – acusou ele feroz.

Suna ficou aturdida com aquelas palavras. — Pare – colocou as duas mãos entre os ouvidos. Ele dizia aquilo para perturbá-la.

— Vá, agora... – exigia o médico, mas ela balançou a cabeça de modo negativo.

Max desceu de modo abrupto, rodeou o carro e abriu a porta do passageiro sob os fortes pingos de chuva. — Desça – ordenou com brutalidade. Mas não se moveu. Ele a tratava daquele jeito para assustá-la. — Não torne as coisas mais difíceis.

Ela o fitou segura. — Não vou descer – assegurou com calma.

Max a envolveu num abraço e a tirou do carro. Agarrou-o e tentou arrancar-lhe um beijo.

— Não seja ridícula. Pare – ele virava o rosto evitando seus lábios.

— Vou dar um escândalo – tentava chantageá-lo e, em desespero, encontrar uma maneira de reverter aquela situação.

Ele a colocou no chão, bateu a porta e apontou o dedo na sua direção. — Como se humilha assim? Tenha amor próprio.

— Onde está o seu amor? – gritou ela.

— Exatamente aqui. O que faço é por amor. Para mim, amor são os espinhos.

Max se afastou entrou no carro, deu partida e arrastou, levando o seu coração junto. Entrou no prédio, parou no saguão e teve vontade de desabar no chão. Subiu parte das escadas de incêndio, parou entre um andar e outro e se sentou. Então, permitiu-se chorar em silêncio, sem se importar que alguém a visse.

Não devia ter ido ao hospital. Nem devia ter bebido. A culpa era sua. Também tinha sido orgulhosa demais ao descobrir sobre o passado dele e as fidelizadas. Poderia tê-lo perdoado quando todos clamavam para que o escutasse, mas preferira mergulhar em seus sentimentos mesquinhos, ao invés de ter dado a chance para que ele se explicasse.

Se tivesse sido mais madura, casariam no civil e continuariam a vida boa e certinha que tinham construído no ano anterior. Seria um futuro pretérito feliz. A verdade é que não teve sabedoria para identificar o momento certo

para perdoá-lo. Errava o tempo de tudo. Havia protelado reavaliar sua postura com relação às mentiras e, por outro lado, tinha procurado ser perdoada muito cedo sobre o fato de ter bebido demais e Bruno ter passado parte da noite na sua cama. Estava sempre escolhendo o pior caminho.

As mãos ficaram vazias. Não sabia para onde caminhar, sentia-se sem rumo. O Max obscuro forçara o coito anal, havia sido feroz e agora o Max consciente não perdoava a si mesmo por esse erro. Aquela situação era injusta com ambos. Se no estacionamento do hospital tivesse dito que não queria fazer sexo, aquilo não teria acontecido. Mas disse para ele continuar. A culpa era dela. Tinha ciência que ele estava em fúria, conhecia as compulsões dele, não medira consequências de nada...

— Está bem, minha filha? Quer um copo d'água com açúcar? – uma senhorinha, moradora do andar acima, abordou-a.

— Não. Estou bem, obrigada – sorriu em agradecimento, levantou-se e limpou o rosto. — Estou indo.

— Qualquer coisa, é só chamar no 204.

Assentiu. — Obrigada – subiu o andar e chamou o elevador, constrangida com os olhares curiosos da senhora.

— Precisa tirar essa roupa, porque pode ficar gripada.

— Sim – sorria forçosa. — Estou subindo.

Um longo minuto se passou e, finalmente, o elevador chegou. Entrou e apertou seu andar. Queria desaparecer, mas precisava pensar, deixar aquela situação se assentar por alguns dias e tomar uma decisão. Entrou em casa e encontrou os olhos aterrorizantes de Maya sobre ela.

— Já soube o que aconteceu... – Maya exclamava com espanto.

— Na verdade, não sabe de nada – com certeza, a amiga se referia à briga de Max e Bruno.

— Então me conta – pedia a amiga.

— Não há nada para contar – alegava com emoção, mesmo não sendo verdade. — Preciso tomar um banho.



Vicente Max chegou em casa aturdido. O coração destroçado veio caindo em pedaços pelo caminho. Porém tinha certeza que não recuaria de sua decisão. Suna precisava ficar livre, não merecia um homem como ele. Bastou uma decepção para que soltasse sobre ela parte de suas compulsões.

Entrou no quarto, mirou-se no espelho. Apanhou uma bola de vidro

estilizada que ficava na mesinha ao lado da poltrona e teve o impulso de esfaquear sua imagem refletida. Manteve o item de decoração entre as mãos. Gritou. Gritou até doer a garganta. Quis colocar para fora a dor e, se fosse possível, os demônios que o assombravam ao longo da vida.

Levantou a bola. Encheu os pulmões de ar, procurou se acalmar e desistiu daquilo. Colocou-a no lugar. Abriu o armário e apanhou uma camisola de seda de Suna. Cheirou-a e se lançou na poltrona. Nunca devia tê-la tocado e dado início àquela história. Esse amor não era para existir, porque ele não o merecia e não era digno de qualquer outro amor. Era um grosseiro, uma besta ignóbil, sempre querendo submeter a parceira à sua paixão, desejo e fúria.

A culpa o devorava, esfaqueando cada músculo, ligamento e osso. A verdade era que a culpa sempre o acompanhava. Até nas relações com as fidelizadas, ela estava ali, observando-o com a expressão severa e inquisidora. Sobrevivera porque nunca amara fidelizadas, nunca saíra da cena, do script, previamente arrumado nos contratos e elas gostavam, pois já vinham desse universo de submissão, além de serem remuneradas.

Só que Suna nunca fizera parte desse mundo. No fundo, o relacionamento conturbado com Mércia tinha sido um alerta de que ele era incapaz de se relacionar com uma mulher comum. Contudo, quando se está apaixonado, ninguém dá importância aos vetores que a racionalidade transpassa na mente até que uma merda dessas aconteça. Sempre se pensa que o amor é capaz de tudo. Na realidade, o amor pode transformar, mas não o amor sonhado e, sim, o vivido, batalhado dia a dia por um casal.

No entanto, o seu sentimento tinha sido incapaz de afastar seu lado sombrio de Suna. Não queria machucá-la, não a devia ter tocado no estacionamento por estar possesso de raiva. Nunca teve a intenção de se exceder. *Deus! O que eu fiz!* Ela havia aceitado ter relações com ele, ali no carro, mas fora traiçoeiro ao pegá-la por trás. O ato não havia durado dois minutos, porém, tempo suficiente para quebrá-los e os separar.

Não pretendia retornar ao centro do espiral de dor que pensava ter superado. Voltava para aquela máquina de moer o coração, mas precisava se portar de outra forma. Era necessário aprender a viver sem ela. Mas como? Teria que se conformar que não nascera para amar. Suna havia sido um ponto fora da curva e embarcara na relação, considerando que fosse suficientemente forte para controlar-se. Precisava voltar a viver com gente como ele. Não era normal.

Por um tempo, conseguira esconder-se de seus monstros enquanto esteve com Suna. Poderia ter estendido esse período, mas um dia a essência do que era iria reivindicar o seu espaço. Ao menos, salvaria Suna do perigo que ele representava e voltaria à solitária e compulsiva realidade. A sensação de morte o assolava. Sofria e sempre sofrera por causa de sua obscuridade. Entendia os julgamentos. Compreendia que havia muitos filhos da puta que maltratavam mulheres, de forma recorrente e progressiva e, para aquele sofrimento, inexistiam meias palavras de conforto. Não podia se comparar às vítimas, ainda assim, sofria por ser daquele jeito.

Quantas vezes pedira desculpas a Elisa pelo que fizera! Mas nada aliviava o peso de seu ato ou era capaz de apagar as cicatrizes deixadas por ele. E sabia que marcas emocionais poderiam doer muito mais do que as físicas. Todo dinheiro do mundo não colocaria fim à dor. Mesmo assim, ele, Max, sofria por ser daquele jeito. Claro, ninguém se importaria com a alma e o coração de um inquisidor ou de um carrasco. Afinal, esses eram os ativos, aqueles que portavam a lâmina e o poder sobre a vida e a morte, entre a liberdade e as feridas. Mas quem garante que todos eles, os carrascos e os inquisidores, não sentiam culpa ou remorso? E quem se importaria com a alma e coração deles? Ninguém.

Levantou-se, jogou a camisola de Suna na cama, fitou-se no espelho. *Terá que traçar novos planos, Vicente Max, caso contrário ficará tentado a procurar Suna.* Tirou a camisa e observou a mão esquerda. Tinha arremessado a aliança sobre ela. *Acabou, acabou.* Ao menos, restava as recordações do quarto Afrodite. Amava Suna como um alucinado, por isso mesmo, precisava afastar-se dela. Teve vontade de chorar, mas engoliu em seco e sentiu um amargor comprimir a garganta.

Percebeu seu celular vibrar, apanhou o aparelho e viu a mensagem de Marcel, que estava chegando. Tinha relatado que acontecera algo sério entre ele e Suna, contaria que havia atravessado a fronteira.

Rumos

28

As pálpebras de Suna abriram cansadas. A luz entrava pela cortina do quarto, ofuscando os olhos. A cabeça rodava, pesando toneladas. Parecia permanecer no centro do tsunami emocional de duas semanas atrás e que nem tinha superado a ressaca física e o estresse que havia atravessado naqueles eventos que a jogaram de volta ao fosso da tristeza. O coração apertava, ainda não acreditava naquela reviravolta e armadilha do destino.

Observou Zazá dormir aconchegada entre suas pernas. A vida da gata era digna de uma invejinha positiva. Se pudesse, fugiria para o mundo de Zazá. Mas não podia se negar a enfrentar os problemas. Teria que solucioná-los. Passara aquelas duas semanas tentando conversar com Max, contudo ele não atendia suas ligações e a havia bloqueado no aplicativo de mensagens. A cada tentativa sem sucesso, tinha a impressão que afogava numa piscina. Só que não desistiria de lutar. Tinha ido ao apartamento de Max, no fim de semana passado, mas ele viajara, provavelmente, para casa de praia ou para a fazenda, um porteiro conhecido havia lhe contado.

Por sua vez, atravessara o mesmo período, evitando conversar a sós com Marcel, sobretudo, depois que soubera através de Maya, que o irmão conhecia o verdadeiro motivo do afastamento entre ela e Max. Quando o advogado aparecia na confeitaria, sempre procurava se envolver em tarefas com outras pessoas, ou confabulava um problema repentino para resolver na rua. Tinha inventado todas as desculpas possíveis para não o encarar a sós. Porém, naquele sábado, não havia mais pretextos.

Acordou Zazá e a realocou na cama sob protesto da gata. Levantou-se,

arrastando-se e foi tomar um banho. Marcel viria a qualquer hora. Era sua manhã de folga, depois da semana atribulada de trabalho, após a inauguração da Doces Amores, que ocorrera na semana anterior.

Bruno reaparecera e lhe pedira desculpas. O engenheiro tinha se oferecido para ir conversar com Max. Contudo, dissera-lhe que não fazia mais diferença, eles se afastaram outra vez, por outro motivo. Percebera os olhos de Bruno brilharem com aquela informação. E ela teve ânsia de vômito só de fitar aquele semblante de patife do engenheiro. Como ele poderia ser tão dissimulado? Bruno deve ter lhe trazido em casa, pensando que fosse acontecer algo entre eles. Tinha quase certeza.

Enfim, a inauguração havia sido perfeita, a primeira semana, movimentada e a vida podia estar sublime, mas a realidade parecia uma cama de pregos, dilacerando o corpo. Os dias correram difíceis e o trabalho tinha abafado a dor que latejava no peito. As palavras de Max, de que não a queria mais, haviam machucado as feridas que ainda cicatrizavam. Procurava-o e ele a ignorava. E ser ignorada causava uma sensação de insignificância que nunca experimentara. Sabia que Max não atendia suas ligações por vergonha e culpa por ter extrapolado no estacionamento do hospital. Ele era incapaz de sentar e conversar com ela, com a finalidade de chegarem a um acordo de boa convivência e salvarem o relacionamento de alguma forma. Max não conseguia enxergar a situação por outro ângulo e sair da caixinha da culpa.

Entendia-o, mesmo magoada pela agressividade dele. Ela havia sido consumida pelo ciúme e sensação de traição, por causa das mentiras dele. E, por um longo tempo, tornara-se impossível pensar sem as lentes desses sentimentos. Ao repensar a situação deles, durante as duas semanas, percebia que os dois foram imaturos. Voltaram e não discutiram sobre o ponto crucial dos problemas: o lado obscuro dele. Ao invés disso, ela fizera pior, quisera que ele passasse a submetê-la, porque pensava que aquilo iria fazê-lo feliz.

Como pude ser tão idiota! Não seria cedendo à obscuridade dele que seriam um casal feliz. Max ainda iria estar lá, dividido por dois modos de ser, e aquilo seria torturante para ele. A verdade, como certo dia comentara o irmão, era que ele precisava de um tratamento. Talvez, ela também precisasse de terapia, para aprender a compreendê-lo. Vestiu uma roupa confortável e foi para a sala. Apanhou o celular e ligou para Max pela milésima vez. Quando caiu na caixa postal, deixou uma mensagem:

— Max, sou eu de novo. Não aguento mais o seu silêncio. Está muito

difícil para mim – um calafrio subiu a espinha. — Acho que a gente merece uma chance – parou outra vez a fala por estar um pouco emocionada e a voz começava a embargar. — Eu errei em ter dito que seríamos apenas namorados, errei em ter pedido que me tratasse como uma fidelizada, sem entender realmente o significado disso, que não é apenas um jogo de sexo. Arrependo-me, profundamente, por isso. Mas, mas... acho que temos direito a uma nova chance. Se frequentar um psicólogo ou psiquiatra, para que compreenda melhor suas compulsões, sob a perspectiva de profissionais, quem sabe, po..poderia encontrar uma maneira segura para tentarmos um novo caminho. Ainda estou disposta a construir outro arranjo para nós... eh ... eh.. – escolhia as próximas palavras. — Por favor, fala comigo. Preciso saber o que pensa... não acredito em nada do que disse, quinze dias atrás. Quer me afastar e acha que isso destruirá seus sentimentos? Não... não tem esse direito, porque, ao fazer isso, está ferindo o meu amor e eu... eu ... não quero te perder, eu te amo tanto e estou sofrendo muito... Pensa em meu bem-estar, por favor... Eu, eu... não aguento mais ess... – respirou fundo emocionada e o tempo do recado se esgotou. Escutou o *bip* e a mensagem da operadora.

Limpou uma lágrima, na torcida de que ele estivesse escutando as suas mensagens. O peito apertou e doeu de modo profundo. Queria que aquela situação pudesse ser apagada da vida deles como num passar de borracha. Mas na realidade nada era tão fácil, teriam as cicatrizes e precisavam aprender a lidar com elas antes que as diferenças os afastassem em definitivo. Só que Max havia entregado os pontos, ele não queria mais lutar. E agora a relação deles dependia dela, que sempre fora frágil nos assuntos do coração e estava acostumada a se acovardar e se esconder. *Não iria desistir. Não iria*, decidiu.

A campainha tocou. Era Marcel. Os pensamentos se dissiparam. Enfrentaria uma dura conversa, supunha, se o irmão estivesse com o pensamento alinhado com o de Maya. A amiga lhe dissera que ela e Max estavam em descompasso, que ele perdera o controle de si e que precisavam de um tempo. Balançou a cabeça. Abriu a porta e os olhos do irmão desafiavam os seus numa mistura de curiosidade e hesitação. Abraçaram-se.

— Não precisava fugir de mim, Suna – censurou Marcel.

— Não queria tocar no assunto, no que aconteceu entre mim e Max – fitou nos olhos dele. — Acho que é algo que diz respeito apenas a nós dois – tentou ser suave na colocação.

Marcel franziu o cenho e entrou. Fechou a porta e se aconchegaram no sofá.

— Sei que é muito íntimo. Max conversou comigo. Quero saber como você está, Suna. Sou seu irmão e me preocupo – justificava o advogado.

— Estou bem. Max não devia ter contado nada – rebateu.

— Max é assim, segue o um código rígido de regras próprias, mas não contou detalhes, porque não é do feitio dele – Marcel apoiou os braços sobre os joelhos. — De início, tive vontade de lhe dar um soco... discuti com ele e, em nenhum momento, Max se defendeu – Suna nada acrescentou, sentindo-se constrangida. — Engraçado! – continuava Marcel com o ar pensativo e compenetrado. — Quando os aproximei, ele havia garantido que você não fazia o tipo dele. Acreditei, afinal, Max não se apaixonava. E, por incrível que pareça, ele era um cara respeitador de modo geral, muitas mulheres davam mole e ele as ignorava. Então, confiei. Só passei a temer que ele pudesse tentar seduzi-la, quando percebi o interesse desmedido dele pelo seu bem-estar. Ali, desabei preocupado. Continuei com esse sentimento por longos meses. Ele me afastou de vocês, mas o medo continuava, receava que soltasse suas compulsões contigo. Agora, que achei que esse era um problema superado por ele, acontece isso...

— O que aconteceu é algo que posso lidar, não se preocupe. Tivemos momentos de grande estresse – jogou o torso no sofá pensativa. — Devia tê-lo escutado e ido embora naquela maldita noite na Doces Amores.

— Eu sei disso...

— Como está Max? – fitou o irmão cheia de expectativa.

— Carregando sua carga de culpas, mas ele tomou a decisão certa. Max se sente doente. E, de certo modo, ele é.

— A decisão dele é baseada na autopunição e não aceito isso – opinou Suna.

— A escolha dele é pela coerência – pontuava o irmão.

— Discordo. Ele vai fazer o quê? Vai se tratar? – indagou curiosa.

— Veja bem, ele vai morar fora do país.

— Não... – foi tudo que conseguiu expressar. O coração desatou num galopar frenético e exasperado.



O crepúsculo cedia lugar à noite. Sentia as mãos suarem frio. O peito apertava temperamental. Nada abalava sua postura, mesmo que estivesse

destruído por dentro. Consequia manter-se com o semblante forte e o olhar pouco emotivo. Sempre fora dessa forma, independente das circunstâncias. Por mais que tentasse controlar-se, tinha a natureza dura e arredia, podia ser um grosso ou um gentleman.

Vicente Max andava pela calçada e o vento morno do outono lambia as bochechas. Ajeitou as bordas das mangas da camisa polo, rosa clara. Passou a mão nos cabelos e, posteriormente, empurrou a porta de vidro da Doces Amores. Uma lufada gelada do ar condicionado bateu no corpo e acariciou a face. Naquela hora, o ambiente estava lotado, com jovens casais, famílias e grupos de amigos engatando conversas animadas, deixando saltitar a sensação de alegria enquanto sua alma, uma cortina escura e esfumaçada, teimava em dissipar qualquer fiapo de esperança.

Caminhou devagar pela confeitaria ao tempo que seus olhos caçavam Suna. Avistou-a no caixa. Parou. Os olhos de ambos se encontraram. Ela parecia petrificada. De repente, uma certa insegurança o assaltou. Será que devia ter ido procurá-la? O melhor não seria mesmo salvaguardá-la dele mesmo? Amava-a feito louco e ela havia acenado de que algo ainda poderia ser possível, em insistentes mensagens de voz. E os áudios daquele dia tinham sido por demais tocantes. Aproximou-se vagaroso, obedecendo a fila do caixa. Observou as tortas e se recordou do primeiro contato íntimo deles, com a torta de chocolate e morango que ela fizera. O coração acelerou quando chegou a sua vez.

— Tudo bem? – indagou, mirando os olhos brilharem como duas pedras preciosas da mulher que amava.

— Vou, vou... chamar alguém para meu lugar, espera só um pouco – disse ela meio em choque.

— Quero uma torta de chocolate e morango – fitou-a encabulado com receio de fazer qualquer associação ao passado.

— Levo pra você... – Suna gaguejava, demonstrando surpresa e nervosismo com sua presença. — O que deseja beber?

— Pode ser refrigerante – tirou uma nota da carteira.

— Não é necessário – ela lhe sorriu.

— Claro que é. Cobre, por favor – tentou ser suave e empurrou a cédula.

Com um sorriso nos lábios, ela lhe devolveu o troco e chamou uma atendente para a substituir. Ele procurou uma mesa vazia e se sentou para esperá-la. Observou-a enquanto punha na bandeja uma fatia de tortas e uma

lata de refrigerante, o seu predileto, notou. Ela tirou o avental estilizado, revelando o vestido bordô de cortes sóbrios e veio em sua direção sem conseguir esconder certa tensão, com uma ruga de expressão na testa que não se desmanchava.

Suna lhe serviu a torta e o refrigerante e depois se sentou. Não conseguia pensar em tocar em nada. Admiraram-se por um longo minuto. — Desculpe ter aparecido sem avisar – finalmente disse.

— Adorei a surpresa, Max – respondia Suna com o semblante receptivo, o que o encorajava a continuar.

— Vim por causa dos áudios e porque... – sentia-se inseguro. — ... porque quero te falar algo. Te propor algo.

— Então diz... – ela parecia ansiosa.

O coração disparou apreensivo. — Acho que merece algo melhor que eu, mas te amo demais – com as pontas dos dedos, tocou o indicador e o dedo médio dela, segurando-os e os acariciando. Teve receio de ser rejeitado. — Te amo muito para ignorar seus áudios e considerar em demasia a minha vergonha. Não deveria ter forçado no estacionamento, nunca... me arrependo profundamente. Você não merece, nenhuma mulher merece. Não há justificativa... eu...

— Não precisamos ficar rondando em torno desse assunto – ela o interrompeu.

Segurou a mão dela entre as suas. — Mas você não me perdoou... e escutar isso de seus lábios é muito importante para mim – de repente, Suna pareceu meio aturdida. — Sei que é difícil perdoar e esquecer, não quero que esqueça. Pode jogar na minha cara quantas vezes julgar necessário, mas preciso que me perdoe o suficiente para confiar estar na minha companhia sem medo.

— Perdoo você, Max, com toda força de meu coração. Sei que estamos sob pressão devido ao peso que a sociedade dá a esse fato. Também há o peso que eu atribuo a essa questão e o que você impõe a si mesmo pelo que fez. Contudo, o mais importante não são esses vetores, pois eles condenam e julgam, mas não solucionam. O que irá ser crucial é entender a sua obscuridade através do prisma que você tanto valoriza, a ciência – a assertiva de Suna causou comichão na coluna. Afrouxou as mãos sobre a dela. — Precisa de ajuda médica, Max, eu também preciso para te entender.

Aquilo era algo da qual fugira a vida inteira. Nunca encarara de bom grado a possibilidade de levar essas compulsões sexuais e sádicas ao divã. Mas por

Suna faria aquilo, se era uma forma dela se sentir segura, faria aquilo. — Está bem, irei procurar ajuda de um bom profissional, mas isso não é garantia de nada.

— Não importa. Deve existir um meio termo e ele não pode ser definido por um contrato de um advogado, mas por um psicólogo ou psiquiatra — argumentava ela.

Fechou os olhos um pouco tenso. — Está bem, mas tenho algo a te propor — mirou o semblante apreensivo de Suna. — Vamos casar e ir embora para os Estados Unidos. Lá, me trato, juro que procuro o atendimento que pediu.

— Mas... mas... — Suna parecia estupefata.

— Assim mesmo, de uma vez só, casamos e partimos. Esperamos só o tempo de eu resolver a papelada e acertar detalhes de uma vaga num hospital de Boston, em Massachusetts. Não se preocupe, nessa união, o sexo só vai acontecer quando você quiser. O casamento será a retomada, por nossa vontade, de uma nova aliança, mas não significa a obrigação do contato íntimo... eu vou te reconquistar...

Suna colocou as mãos entre a cabeça como se tivesse atordoada. — Assim não parece certo, continuamos agindo de maneira louca. Max, inaugurei semana passada a Doces Amores! Não posso abandonar tudo assim!

Expirou profundamente decepcionado, porém, no fundo, aguardava aquela resposta. — Não é a primeira vez que se nega a essa proposta.

— Nossos problemas não irão se resolver se mudarmos para Boston, ou para Londres, ou para São Sebastião. As questões vão sempre nos acompanhar.

— Suna, um antigo professor meu do Boston Medical Center vem me convidando para voltar para lá, desde o tempo que estávamos casados. Ele reforçou o convite recentemente. Essa é uma grande oportunidade na minha vida profissional. A sua confeitaria vai continuar com Maya, não perde nada. Pode se dedicar ao que quiser lá...

— E seu trabalho no voluntariado? E seus pacientes do Hospital Santo Antonio?

— Pensei em pagar um bom profissional para me substituir, mas Diego está disposto a ocupar esse espaço como também o posto de neurocirurgião nos hospitais que atuo.

— Não era o que esperava, Max. Por favor, vamos passar mais uma temporada aqui, por favor. Esse é o tempo que a gente se acerta e você inicia

seu tratamento – argumentava ela de forma acelerada. — Sabe muito bem que lá, no emprego novo, terá que se dedicar muito mais e seria mais complicado se cuidar e fazer terapia. Aqui as coisas ficam mais fáceis, tem flexibilidade na agenda.

— Suna, pense com carinho, por favor, e depois me responda – ele não poderia ceder, precisava insistir. — De todo modo, vou à Boston. Arranjei uma janela na minha agenda daqui a duas semanas. Gostaria que fosse comigo. Poderá conhecer a cidade e podemos escolher uma casa.

— Como se fosse fácil assim.

— Estamos com os vistos válidos e é fácil, sim, na minha situação é fácil, estou sendo convidado e eles vão providenciar a papelada necessária. Basta você querer, mas não posso te forçar a nada. Só posso oferecer essa possibilidade e aqui estou fazendo isso, como sempre, como um cachorro que mordeu seu dono, estou aqui te bajulando e me oferecendo a você.

— Ai Max, não fala assim, não é um cão. Precisamos pensar em nós e não nas questões de trabalho – nesse momento, uma garçonete se aproximou, pediu licença e cochichou algo no ouvido de Suna. — Vou já – ela assegurava a funcionária que saiu, em seguida.

— Por que você, Suna, só pensa "em nós" e exclui suas questões profissionais, não é? – ralhou numa indireta.

— Não acha que nossas divergências extrapolam os assuntos de trabalho? – ela o fitou desafiadora. — Não vai comer sua torta? – Suna mudava de assunto.

— Vou sim – assegurou sem conseguir deixar de admirar o rosto de boneca de Suna que tanto o encantava, mesmo que visse raios de raiva saindo pelos olhos da mulher que amava.

— Preciso resolver algo. Fechamos às onze da noite. Se pudermos nos encontrar depois... – ela propunha desconfiada.

Observou ao redor da confeitaria. — Onde está o imbecil do Bruno? Continua aqui chafurdando-se por sua atenção?

Suna se levantou. — Ele esteve na inauguração. Queria se explicar a você, mas eu disse que não era necessário.

— Não é mesmo. Apesar de todo ódio, acredito em você – confessava ele, com uma dose de alívio.

— Que bom, Max – ela o contemplou. — Vai me esperar?

— Vou comer e dar uma volta. Retorno quando fechar – garantiu de modo

incerto.

Suna seguiu para as suas atividades. Teve vontade de beijá-la ali, mas o ambiente estava cheio e talvez ela o rejeitasse. Por mais que tentasse resistir, comeu algumas garfadas da torta pensando no corpo de Suna.

∴

Saiu da Doces Amores e foi se encontrar com Diego num bar badalado, esperando que o tempo passasse. Como sempre, o amigo de barba alinhada, de quem já desconfiara há algum tempo, devido às insinuações de César, ria alto ao lado de duas belas e jovens mulheres.

— Pensei que nem viesse mais, fera... – disse Diego ao vê-lo.

— Vim dar um tempo – respondeu e observou as companhias do amigo. — Boa noite. Como vai, Bruna? – estendeu a mão para cumprimentar a loirinha que, com certa regularidade, acompanhava Diego.

— Tudo bem, Max? Essa aqui é Ana, minha amiga – Bruna apresentava a outra moça que o saudou com dois beijos. Depois, ele sentou-se.

— Como está Suna em seu novo negócio? – indagou Diego. Ele sabia que havia rompido com Suna mais uma vez e que tinha ido visitá-la naquela noite. O amigo o estimulava a esquecê-la.

— Está bem. Conversamos...

Diego se voltou para Bruna. — Amorzinho, por que não vão dar uma voltinha? – as duas moças ficaram sem graça. Diego era muito direto e tinha desses rompantes no trato com as mulheres.

— Vamos ao toalete, Ana – chamou Bruna e as duas se levantaram e saíram com os cabelos lisos balançando. Diferente de Bruna, Ana tinha os fios escuros e corpo esguio.

— Tá vendo essa Ana? Tem o biótipo parecido com o de Suna. Toda delicada, pouco vivida, 22 aninhos...

— Não estou procurando substituta para meu coração, Diego. E nem sou fã de mulher muito mais jovem que eu.

— Tudo bem. Mas pode desafogar o corpo, o que acha? – Diego sugeriu e Max apenas riu e balançou a cabeça em negação. — Vamos qualquer noite em Donamy – continuava Diego. — Lá deve encontrar as safadinhas para um sexo mais quente, as submissas de que tanto gosta. Vou ligar e reservar um dia para nós.

— Não, Diego, nem conte comigo para isso. Estou fora, quero paz.

— Então, Suna aceitou ir para Boston!

— Como esperava, ela não gostou da ideia. A Doces Amores foi inaugurada na semana passada. É complicado.

Diego apontou o dedo em sua direção. — Se realmente te amasse, da mesma forma que você, ela aceitaria. Desculpe, Max, essa é a minha opinião. Só espero que não abra mão de seu futuro brilhante nos Estados Unidos por causa de Suna, pelo amor de Deus, cara...

Colocou as mãos unidas na frente dos lábios, com um olhar perdido em direção às mesas. — O que sei é que a gente funciona muito bem juntos, de uma forma que nunca tive igual. Vou insistir com Suna para irmos. Mas se ela me quiser de volta e continuar resistindo a ideia de ir para Boston, desisto dessa oportunidade e fico por aqui mesmo.

— Não pode fazer isso, Max – estranhou o tom um pouco elevado de Diego e o observou de modo atravessado, franzindo o cenho. — Cara, tem tudo para brilhar e ter ainda mais sucesso em sua carreira, não pode abrir mão disso! – Diego amenizou o tom.

— O espaço que conquistei já é suficiente, o que me instigaria a partir para Boston é o desafio e não a vaidade... – as duas moças retornaram e mudaram de assunto.



Quando o segurança baixou a porta de ferro, as esperanças de que Max fosse retornar caíram por terra. Suna se despediu do rapaz e caminhou em direção ao carro. Apesar do avançar das horas, o bairro era relativamente seguro. Sentiu um aperto do peito ao andar pelas ruas vazias da cidade.

De repente, sentiu o peso de uma mão em seu ombro. O coração disparou. Quase soltava um grito, mas sentiu o cheiro de Max bem próximo ao seu corpo. Ele a enlaçou.

— Permita-me apenas um beijo... – pediu ele.

— Todos...

As mãos de Max sobre sua pele pareciam brasas, aquecendo a pele, ascendendo os desejos mais intensos. Ele a beijava com suavidade. Ainda assim, entregava-se sem medos do porvir.

— Como te amo, Su. Vamos pra casa? Pra nossa casa?

— Vamos, Max, vamos meu amor.

Incansáveis chamas

29

— Nossos problemas não vão se resolver na cama – murmurou Suna no ouvido de Max, sentindo-se exaurida.

— Eu sei, mas adoramos fingir que se resolvem – cochichou Max de modo sexy.

O neurocirurgião a fitou e mordiscou seus lábios enquanto baixava as alças de seu vestido e cobria o seio esquerdo com os lábios. Sugou e deteve a língua no mamilo, provocando um circuito elétrico a transitar pela pele, espalhando-se pelas células, como se ainda fosse a primeira vez. Max mudou os lábios para o seio direito e as pontas dos dedos tocaram o mamilo que havia beijado. Estremeceu. Sentiu-os entumecidos, acariciados pela língua morna e úmida dele, que escorregava pelo bico, e pela pressão dos hábeis e rudes dedos, causando-lhe pequenos espasmos de prazer.

Quando a excitação tomava os sentidos e a umidade entre as pernas clamava por Max, de modo abrupto, ele a virou de costas e a pressionou na parede da cozinha, fazendo-a sentir o membro dele palpitar, comprimindo suas nádegas e demonstrando uma fome feroz, que lhe causava um arrepio na coluna. Um pequeno medo, de que ele fosse perder o controle e morder seu pescoço, se aglomerou no ventre. Não tocava mais naquele assunto, contudo a vontade de que ele a machucasse a perturbava com constância. A razão sabia que estava errada, mas seus desejos se tornaram estranhos.

Ele continuava a apertá-la e a explorar com beijos vigorosos e gulosos. Max lhe arrancou fortes chupões na nuca e os alternava com outros afagos suaves, com o queixo, lábios e língua, sobre o pescoço e ombro. O jantar

daquela noite, seria protelado. Max retirou o pênis do short de seda, levantou o vestido, puxou a sua calcinha para o lado e a penetrou. Soltou um gemido alto, ao tempo que ele murmurava pornografias excitantes em seu ouvido.

— Quero você toda e agora. Toda minha, só minha, completamente minha – sussurrou ele com o timbre másculo.

Insatisfeito, Max a puxou em direção ao balcão, empurrou os objetos em cima, erguendo seu corpo, mantendo-a deitada de bruços, na altura adequada para que a tomasse. Era a primeira vez que ele a possuía naquela posição desde o episódio de estacionamento. Porém, não o temia. Fechou os olhos, segurou na borda da bancada e se entregou. Max a penetrou de modo suave. Sentia-o todo dentro de si.

— Não assim... Quero forte, meu amor – conseguiu reclamar com um fiapo de voz.

— Ai, não pede que enlouqueço... – ele debruçou o tórax ao seu redor.

— Quero gostoso, por favor, vem com força... – implorava ela.

— Não fala assim, não vou aguentar.

— Não aguento mesmo. É o que quero... – disse com uma pontada de culpa.

Entregando-se aos movimentos vorazes de que ele tanto amava, o sexo chegou brutal dentro dela. Max abriu mais suas pernas e se sentia estimulada com o contato do clitóris contra o corpo dele e pela penetração. Poderia explodir, como uma represa extrapolando a capacidade máxima. Quis sentir o peso dos dentes de Max sobre a sua pele, numa louca fantasia.

Max afastou o dorso e tencionou os seus cabelos. Soltou outras dezenas de gemidos em deleite e agonia. A pressão começou a diminuir devido às ondas de prazer que se espalhavam pelo corpo, provocando contrações fortes na vulva e alguns tremores nas pernas. Não demorou, escutou Max gemer de prazer de forma animalesca e pôde sentir os espasmos do gozo dele dentro de si. Deleitou-se satisfeita ao se sentir preenchida e completada por ele, pelo corpo dele, pelo orgasmo do homem que amava.

Arqueando sobre seu corpo, ele descansou o cabeça nas costas e depois deu vários beijinhos na nuca. — Não há vida sem você, Suna – murmurou ele em seu ouvido.

Soltou um pequeno riso. — Nem existe vida sem você, Max – em seguida, ele afrouxou a pressão e a colocou de pé. Ao virar-se, vestiu as alças do vestido.

— O que tem? Está pálida.

— Estou cansada.

Max a apanhou no colo e a sentou no banco, mantendo-a envolvida entre seus braços. — Como está? — insistia o médico. E notou o semblante apreensivo e preocupado dele. — Vou esquentar o nosso jantar.

— Não estou com disposição para comer. Tomarei só um leite – decidia ela. Respirou fundo e, de repente, sentia-se sugada e mais cansada. — Vou tomar banho logo.

— Preparo o leite e levo no quarto – ele a ajudou descer do banco.

— Obrigada, amor. Jante, desculpe por não te acompanhar hoje. De repente, fiquei indisposta.

— Tudo bem, mas não se tranca – pedia Max.

— Vou deixar a porta do banheiro aberta.

— Está bem – ele lhe deu um longo beijo e um abraço apertado.

Queria ficar um pouco só. Parecia estranha. Atravessou a sala de jantar e avistou o que foi a sala de estar, cheia de decorações caras e móveis refinados destruídos por Max. Aquilo apertou o coração ao imaginar o desespero pela qual ele havia sido tomado. Ele pedira que comprasse novos móveis e redecorasse ao seu gosto. Seguiu pelo corredor, passando pelo refúgio particular de Max e entendia que ali estavam as histórias de compulsões dele, as alegrias, delírios e obsessões.

Entrou no quarto, fitou a cama e teve vontade de se jogar nela, contudo precisava tomar banho e vestir algo confortável. Aquela era a segunda semana desde que retornara ao apartamento de Max, na noite que ele a apanhara na confeitaria. De início, Maya protestara e Marcel demonstrara insatisfação, mas eles se acostumaram. Não importava os problemas, ela e Max juntos era algo que não tinha mais volta. Só tinha ido ao apartamento que dividira com Maya apanhar algumas mudas de roupa e Zazá. A presença da gata havia sido um pedido de Max que a via como um talismã, portadora de sorte para eles.

Nos últimos quinze dias, Suna se dividira entre a Doces Amores, a cama de Max e incansáveis noites de amor, intercaladas por necessárias conversas. Ainda assim, prevalecia o impasse entre eles, sobre ir ou não para Boston, pois aquela não era uma opção para ela e, também, não permitiria que esse dilema os afastasse. Teria que dar um jeito de demovê-lo da ideia de morar nos Estados Unidos, ao menos naquele ano. Ele viajaria para Boston em dois

dias, onde participaria de um congresso e um treinamento. Resolvera não o acompanhar e ele não reagira bem a sua posição.

Depois da ducha, vestiu uma camisola de seda clarinha, uma das que havia deixado no apartamento quando partira. Na primeira noite em que tinha voltado, descobrira que Max costumava dormir tocando uma camisola sua de seda e renda preta. Havia encontrado a peça, casualmente, embaixo dos travesseiros. Havia se emocionado. Ele ficara desconcertado e lhe confessara que a peça, para ele, significava o conjunto de boas memórias dos momentos que tinham vivido.

Naquela noite em que voltaram, Suna havia aprendido mais sobre amor do que em muitas outras noites tórridas. O sexo era importante, porém, como Max explicara, o envolvimento deles era excitante em demasia porque tinha a ver com a energia do outro, o cheiro, o sorriso, a alma e a companhia; extrapolava as vontades e os desejos e se vinculava à essencialidade simples do "estar com", "do ser para". Enfim, a relação deles contava em silêncio uma história sobre os elos invisíveis forjados nos mistérios do amor e lapidados no fundo de suas almas. Ali, naquele primeiro momento, quando haviam reatado, tivera certeza que permanecer ao lado dele era o único caminho verdadeiro e justo para ambos.

Apanhou algo, na bolsa, para surpreender Max e colocou num canto do criado-mudo, deitando-se em seu lado da cama. Não demorou muito e ele entrou com uma bandeja para ela.

— Nossa, meu amor, nem precisava disso tudo – sentou-se, reconfortando as costas nos travesseiros. Ele colocou a bandeja em seu colo.

— Precisa se alimentar bem, Suna. É frágil e qualquer perda de peso fará mal para sua saúde – ele a beijou na testa e a observava tomar o leite ao tempo que lhe oferecia uma fatia de torrada.

A visão de Max a encantava. Era viril, com pelos aparados e um jeito muito masculino de ser, falar e agir, que abrangia o tom de voz, a forma com que mexia nos cabelos, a maneira como andava, as expressões e os modos. Observava-o pelo canto do olho e tinha certeza de era uma mulher de sorte. Como nada era perfeito, aceitava-o com os defeitos que conhecia. Na verdade, uma história de amor para dar certo precisava muito mais do que admiração das qualidades mútuas. Era essencial ser capaz de lidar, aceitar e compreender os defeitos um do outro. E estava preparada para aquela jornada. Agora estava...

Terminou de se alimentar e fez menção de se levantar, mas ele não permitiu. Apanhou a bandeja e colocou sobre a peça do quarto.

— Tenho algo para você – disse enquanto ele retornava. Apanhou algo no criado-mudo, sem que ele notasse.

— O que é? – o semblante dele era de surpresa.

Max se deitou ao seu lado curioso. Ela apanhou a mão esquerda dele e colocou a aliança. — Não quero que ande por aí como um solteiro – pilheriou e eles riram.

— Esperava por tudo, menos que me devolvesse a aliança que joguei sobre você – ele fitou a mão com um sorriso no rosto.

Ajoelhou-se ao lado dele. — Max, eu te amo demais. Não quero ficar mais longe de você. Desse modo, vou ser bem direta, pode ser?

— Claro... Diga, amor.

— Quando vai finalmente casar comigo? – Max soltou uma gargalhada alta. — Isso não é brincadeira, rapazinho. Estou te pedindo em casamento. Não aceito contrato, isso não. Quero ser sua esposa de verdade.

Max colocou as mãos nos lábios incrédulo e a mirou de maneira profunda. — Logo que aceitar ir viver em Boston comigo.

Revirou os olhos. — Sabe que esse ano não vai dar, mas não pense que irá fugir de mim – abraçou-o, aconchegando-se no ombro dele. — Como já pontuei antes, para nossa relação se consolidar um pouco mais, precisamos passar esse ano aqui. Você começa suas sessões terapêuticas e em um ano podemos nos mudar pra lá.

— Acha que eles vão manter a oferta da vaga de neurocirurgião por um ano?

— Tem contatos suficiente para conseguir uma colocação em outro hospital. E não compreendo como seria capaz de deixar seus pacientes do voluntariado – argumentava ela.

— Ninguém ficará desamparado.

— Os pacientes daqui precisam mais de você do que os americanos... – alegou. Max franziu o cenho, pensativo sobre aquilo que acabara de dizer e ela entendeu o ponto fraco dele. — Nossa população é muito mais carentes, meu amor. E de coração, quero muito fazer algum trabalho voluntariado contigo. Preciso que me ajude a começar. Sabe bem que só doar dinheiro não é suficiente.

— É sério que tem essa vontade? – questionou Max e ela balançou a

cabeça de modo afirmativo. — Às vezes, o voluntariado machuca. Isso acontece quando percebemos o quão cruel é a humanidade e o sistema em que estamos inseridos. Já vi pessoas desistirem de algumas ações voluntárias por sofrerem em demasia. Mas, por outro lado, é um trabalho recompensador por sabermos que podemos melhorar outras vidas, que temos o poder de transformar realidades.

— Tenho esse desejo de ajudar, sim, mas não sabia como. E passei muitos anos vivendo consumida por minhas próprias dores. Mas hoje penso diferente. Acho que amadureci muito nesses dois meses que ficamos separados, depois que descobri sobre as fidelizadas. O sofrimento trouxe a dor, como também me forçou a rever conceitos e posicionamentos.

Ele acariciou suas bochechas. — Sei como é... já passei por muitos caminhos transformadores. Sobre o voluntariado, podemos pensar em algo juntos mais adiante. E quanto ao casamento, vou ligar amanhã para seu irmão e pedir que corra com os papéis – ele beijou seus lábios de modo suave, em seguida, levantou-se e foi até o cofre dentro do armário. Sabia o que ele iria apanhar.

Ele retornou, empoleirando-se na cama. — A senha é a mesma e suas joias estão lá – Max lhe mostrou o cartão de crédito e colocou sobre o criado-mudo, apanhou sua mão esquerda e colocou a aliança de brilhantes e, depois, a do casamento de fachada. — Por enquanto, essa aliança serve, depois compramos outro par.

— Não quero outro par. Prefiro esse... para dar sorte.

— Está bem. Como quiser, esposa.

— Só quero mandar gravar nossos nomes nelas – sugeria.

— Faremos isso... – ele beijou suas mãos. — Nem acredito que é real. Isso – apontou para a mão. — E você aqui, de volta a esse quarto, depois de todas as porcarias que fiz.

— Esqueça. Mas não abuse de minha capacidade de perdoar – pilheriou com certo tom de indireta.

— Nunca – ele inspirou fundo e depois soltou o ar. — Vamos dormir, amor. Amanhã tenho um dia longo. Max parecia introspectivo. Foi ao banheiro, desligou a luz e deitou ao seu lado abraçando-a. Cheirou sua nuca e a puxou para o lado dele. Enfiou uma das mãos em seu seio. — Amanhã faço a primeira sessão da terapia... – ele contou de modo estéril.

— Fico muito feliz com isso. Quando o psicólogo quiser falar comigo,

estou à disposição – Max nada respondeu, apenas ficou escutando a respiração dele até que as pálpebras começaram a pesar.

∴

— Su, acorda... aconteceu algo – despertou com Max a sacudindo. Semicerrou os olhos e percebeu que ainda era noite. Ele tinha o sono leve, já o dela era mais pesado e resistente.

— O que foi? – a consciência veio como uma rede de arrasto, catapultando-a para a realidade. Sentou rápido e ansiosa.

Os olhos de Max estavam arregalados e o semblante, apreensivo. — Aconteceu um acidente. A Doces pegou fogo.

— O quê? – saltou da cama como um raio e ficou de pé. As carnes tremiam e o coração disparava como um cavalo louco. — Como... como aconteceu?

— Não sei. Maya me ligou... acho que deixou seu celular desligado.

Segurou a cabeça aturdida. Max a abraçou. — O fogo foi controlado. Troque de roupas e vamos ver os danos.

Ficou tonta. O mundo girava. Vestiu uma calça, uma camiseta e calçou o tênis enquanto Max se trocava rápido, vestindo camisa polo e calça. Prendeu os cabelos num rabo, escovou os dentes ligeira e, nervosa, apanhou o celular que havia esquecido na bolsa e ligou para Maya. A ligação chamou uma quantidade de vezes que teve o peso da eternidade.

— Como aconteceu? – perguntou numa ansiedade excessiva assim que Maya atendeu.

— *Não sei* – escutou a respiração de Maya. — *Destruíu toda a cozinha...* – a voz da amiga estava embargada pelo choro. — *... o fogo pegou os balcões e refrigeradores e parte das mesas* – Maya completou como num suspiro.

— Estou indo para a Doces Amores com Max – afirmou assim que entrava no elevador. As mãos dele pousaram em seus ombros, como num instinto de proteção e solidariedade.

Percebeu a amiga hesitar, por alguns instantes. — *Parece que alguém entrou e provocou o incêndio.*

— Meu Deus! Alguém? Como assim? – questionou enquanto chegavam à garagem.

— *A gente conversa melhor quando chegar* – finalizava Maya sem esconder o abalo.

Olhou o relógio, passava das quatro horas da manhã. Guardou o celular na

bolsa, abraçou Max. — Parece que o incêndio foi proposital – contou ao entrar no carro.

O cenho de Max se contraiu. — Quem faria algo assim? Roubaram algo? – indagou ele, antes de fechar a porta e lhe entregar dois lenços de tecido.

— Não faço a mínima ideia... – colocou as mãos sobre a face. Não pôde controlar as lágrimas que desciam.

Max foi guiando e saíram do prédio. — Vão conseguir superar esse acidente – ressaltou ele.

— Investi muito ali e não fiz seguro. O prejuízo deve ser enorme – sentia a cabeça começar a latejar ao se recordar de que tinha falhado.

— Não fez um seguro? – surpreendeu-se ele.

— Não, amor. Ia fazer. Não imaginava... – a voz falhava. Não conseguira separar as variantes emocionais, da vida profissional. Nisso era diferente de Max, em que as obrigações profissionais, suas cirurgias e compromissos eram cumpridos nas mais difíceis condições.

— Não se preocupa com isso. Se não tiver mais recursos para investir, poderá contar comigo.

— Max, esse dinheiro investido na Doces Amores era seu... – constatava em lágrimas.

— Seu, Suna, seu... Firmamos um contrato e você o cumpriu com dignidade. Eu quero e posso ajudar, por favor, não fique envergonhada por isso.

— Tenho parte do dinheiro do contrato aplicada, será suficiente, e, também, o capital, para manter o negócio até que comece a dar retorno.

— Sei como funciona. Mas não se preocupe com isso, amanhã providencio uma transferência para você.

— Max, por favor, não.

Ele parou no sinal. No horizonte, nuvens acinzentadas começavam a despontar. — Suna, não sei se recorda, mas é minha herdeira, independente de ficarmos juntos ou não.

Fitou-o assustada. A segurança financeira, naquele momento, iria ser crucial para ela. — Eu... eu não fazia ideia.

— Nunca se sinta desamparada, pois, ao menos, financeiramente, não estará, independente de nosso futuro.

— Já fez tanto! – comentou e ele nada acrescentou.

Amanhecia. Chegaram próximo à rua da Doces Amores e a fumaça se

espalhava. Max estacionou numa rua tangencial. Saltaram e seguiram andando. O cheiro de queimado impregnava o ar, usou um dos lenços no rosto e Max, o outro. Avistou alguns bombeiros trabalhando na loja, identificou Maya e Marcel. Correu na direção deles, Max a chamou, mas seguiu seus instintos.

Abraçou Maya e depois o irmão e olhou para dentro da loja. A fumaça subia pelo teto, que havia desabado em parte. Fez menção de seguir para a Doces Amores em cinzas, mas seu irmão a segurou e depois Max se colocou ao seu lado.

— Está muito quente, o incêndio já foi debelado. Será vistoriada para identificar se houve danos na estrutura. Mas conversei com os bombeiros e eles comentaram que aparentemente não houve danos mais sérios. O fogo se alastrou mais pela cozinha... — explicou Marcel.

— Não houve explosão devido ao gás? — indagou Max.

— Não, graças a Deus — respondeu Marcel.

— Simone, a *chef*, tinha fechado o registro geral do gás antes de sair... — acrescentou Maya. — Não foi pior, porque Sergio, o segurança noturno da rua, logo chamou os bombeiros e a polícia. Foi ele quem conseguiu encurralar e prender um rapaz que invadiu a loja antes do incêndio.

— Meu Deus! Onde está Sergio? — perguntou Suna.

— Na delegacia, junto com alguns moradores da rua. Estávamos te esperando para irmos lá depor juntas — disse Maya.

Suna fitou Max, que a abraçou. — Quem teria interesse em provocar um atentado desses? — indagou o médico.

— Quem tem interesse em varrer a Doces e Amores do mapa para nos deixar livres para outras aventuras? — Maya deu uma resposta atravessada e fitou Max.

Ele não se deixou abalar. — Ou quem tem interesse em aniquilar quem tem um passado obscuro e mal contado... — Max provocou Maya com o olhar desafiador e o timbre duro.

— Vamos parar os dois com esse clima? — Marcel colocou panos quentes e abraçou Maya.

Max conduziu Suna, com um braço envolto no seu corpo em direção ao carro. — Vamos comprar um café no *drive-thru*.

※※※

Tivera duas cirurgias pouco invasivas naquela manhã. Vicente Max havia

deixado Suna na 14ª Delegacia de Polícia, na Barra, em companhia de Marcel e Maya, para tratar dos assuntos ligados ao incêndio da confeitaria, e seguiu para o hospital. Os dois procedimentos foram realizados durante a manhã tensa. Naquele momento, já ultrapassava às treze horas quando concluiu suas atividades e foi se trocar. Encontrou Diego, que havia participado da última cirurgia com ele.

— Procedimento complicado, não? – o amigo puxava conversa.

— Sim, muito. Aquele senhor não aguentaria uma cirurgia de grande porte, está por demais debilitado. A embolização endovascular do aneurisma foi trabalhosa, mas resolveu o problema dele – Max estava exausto, atravessara momentos de estresse para conseguir interromper o fluxo sanguíneo no aneurisma com os fios neurocirúrgicos. — Bom, essa é a minha última cirurgia essa semana – preocupava-se, pois não acompanharia pessoalmente os pós-operatórios das últimas intervenções.

— Nem se preocupe, vou cuidar de seus pacientes, viaje tranquilo... – garantia Diego enquanto o observava colocando a aliança no dedo ao retirar seus objetos pessoais do armário. — Usando aliança? – Max meneou a cabeça de modo afirmativo. — Vamos almoçar e colocar o papo em dia? Quero saber dessas novidades – sugeriu Diego com ar despojado e curioso.

— Vamos, sim. Mas precisa ser no restaurante do hospital. Tenho pacientes na clínica para atender.

— Tudo bem. Vamos, "Doutor Apaixonado"?

Saíram da sala e foram seguindo o corredor em direção às escadas. Subiram dois lances e andaram em direção a ala norte. No caminho, ligou para Suna, que não atendeu, queria notícias dela, pois a havia deixado muito tensa e emotiva devido ao incêndio. Enviou mensagem, mas ela estava *offline*. Entraram no restaurante e pediram seus pratos. Preferiu salmão com molho de aspargo e Diego, um filé ao molho madeira.

— Então me conte sobre a retomada do casamento? – indagou Diego após o garçom sair com os pedidos.

— Está surpreso? Não era pra estar. Sabe bem que era isso que desejava. Estava muito puto da vida com a minha situação com Suna. Mas agora estamos nos entendendo.

Diego levantou os ombros. — E o convite para assumir o posto de cirurgião no hospital em Boston?

— Ainda estou tentando convencê-la a ir, mas hoje aconteceu algo ruim.

Alguém deu início a um incêndio na confeitaria. Acho que vai ser muito difícil que ela deixe a Doces Amores para trás, depois de ter sido destruída.

— Nossa! Que triste essa situação! Estive lá um dia desses e ficou bem bacaninha o lugar. Mas não é ao contrário, Max? Sem a confeitaria e contabilizados os prejuízos que teve, ela ficaria disponível e mais propensa a ir embora.

— Não Suna... — balançou de modo negativo a cabeça. — Ela vai querer enfrentar a reconstrução da confeitaria. Já senti isso. É da natureza dela.

— E você irá abrir mão de sua vaga no Boston Medical Center? Não acredito — o amigo forçava um semblante de espanto.

Diego queria muito que aceitasse aquela oportunidade, pois ele próprio teria a chance de fazer um *upgrade* na carreira visto que iria indicá-lo para assumir os postos vagos que deixaria. Diego se comprometera até a assumir suas atividades do voluntariado. — A verdade é que Suna não aceitando ir para os Estados Unidos, também deverei declinar da oportunidade. Não abro mão dela, meu velho.

O garçom os serviu. Aquela era a terceira vez que a diretoria do hospital lhe oferecia a oportunidade. Havia operado no Boston Medical Center, durante sua especialização, conquistara o respeito do corpo de médicos e fora laureado com as melhores notas. Ao longo dos anos subsequentes, havia frequentado cursos e treinamentos de curto prazo com os mesmos profissionais que conhecera em Boston. Caso tivesse rompido em definitivo com Suna, seguir para aquela cidade era a melhor opção, mas, com a situação deles entrando nos trilhos, aquela oportunidade não fazia tanto sentido.

— Cara, e se todo esse tesão passar, não vai bater um arrependimento? — arguiu Diego após algumas garfadas.

— Não é tesão, mano. É paixão e amor, além de uma certeza. São sentimentos complexos. Olha, se quiser, posso te indicar para um estágio no Boston Medical Center e aí você faz seu nome como eu fiz.

Diego tentava disfarçar o desapontamento. — Não sei se tenho cacife para tanto.

— Tem sim. Verei isso nesses dias que estarei lá, no curso — garantia.

— Mas uma coisa é certa, nunca deixaria de fazer nada de crucial para minha carreira por causa de uma mulher — insistia Diego.

— De todo modo, não sei se seria feliz indo para os Estados Unidos. Sou muito apegado ao meu trabalho no voluntariado. Levantei essa bola de

Boston, porque pensei que minha relação com Suna tinha acabado para sempre – bebeu um gole de suco.

— Logo você, Vicente Max, um viciado em sexo *hard*, que pagava mulheres para serem maltratadas, passar a viver a reboque de uma única mulher? Inacreditável. Pensei que esse interesse por Suna fosse fogo de palha.

— Ah! Não diga isso... – observou o alimento em seu prato de modo reflexivo. — No fundo, envergonho-me do meu passado e de tudo que fiz. Não agi corretamente. Essas fidelizadas serão eternamente uma pedra do meu passado, pesando em minha existência.

Diego riu de modo zombeteiro. — Mano, paixão e amor passam e não transformam ninguém. Isso só acontece nos contos de fadas. Quando passar, irá prevalecer o que cada um é. E você é um homem que gosta de submeter e ferir. Isso faz parte de sua essência.

— Vou me tratar. O prazer extremo, nesses momentos pesados, não é tudo na vida.

— Não sente saudade do sangue das fidelizadas? Ou Suna permite que a morda e a maltrate? – questionou Diego de forma maliciosa.

— Ah! Não comento sobre minha intimidade com Suna. O que posso dizer é que com ela é diferente. E sim, sinto vontade de tudo isso, mas não é primordial.

— Se encontrar sua última fidelizada pelada no quarto não se renderia? – instigava Diego num tom indiscreto.

Achou certa graça do questionamento de Diego. — Elisa? Não, não. Ela saiu dessa vida. Está com César. Lembra-se dele?

— César? Aquele carrancudo que andava no escritório de Marcel? – Diego soltou uma gargalhada baixa. — E ele tem cacife para ela? – passou o polegar no indicador, numa alusão a dinheiro.

— Eles começaram um namoro.

— E César sabe o que fazia com ela?

Balançou a cabeça e a ligação no celular desviou a atenção. Pensou que fosse Suna, mas era Marcel.

— E aí, mano?

— *Precisa ir na delegacia prestar esclarecimentos* – apontou Marcel com a voz tensa.

Max franziu o cenho incrédulo. — Eu? Não tenho nada a ver com a

confeitaria.

— *O suspeito de provocar o incêndio disse que foi contratado por "Doutor Vicente Max". Você fez isso, Max?*

O neurocirurgião arregalou os olhos. — Como? Eu? Meu Deus! Claro que não.

— *Imaginei que não chegaria a tanto, depois de tudo* – comentou Marcel com ironia.

— Quem é esse rapaz?

— *Um moleque, com antecedentes por furto... Max, por tudo, você não mandou provocar esse incêndio para que Suna desista da Doces Amores, não é?*

— Mano, ela nunca desistiria da confeitaria. É cabeça dura. Pelo amor de Deus, quem fez isso e me incriminou? Nunca faria algo desse tipo.

— *Não sei o que está acontecendo. Mas precisa ir urgente...*

— Tenho pacientes agora e não posso remarcar. Amanhã estou indo a Boston para um treinamento.

— *Max, tem que prestar depoimento logo e me avisa quando sair para a delegacia, preciso te acompanhar porque você já responde ao processo de agressão e invasão de domicílio do caso de Dante, ou seja, tem antecedentes. E um novo inquérito vai complicar sua vida.*

Expirou desesperado. O mundo parecia cair às costas. — Não acredito nisso que está acontecendo. Suna pensa que fui eu?

— *Não posso falar por ela. Vá para a delegacia. Nem vou sair da região para que possa te acompanhar.*

A ligação se encerrou, deixando-o perplexo. Passou a mão nos cabelos, nervoso. Tinha dificuldade de disfarçar o impacto que daquela situação diante de Diego.

— O que houve, Max? – indagava o outro médico e ele não conseguia responder. — Mano, o que aconteceu? Você está lívido.

Respirava com dificuldade. — O rapaz que foi preso por atear fogo na Doces Amores me acusou de tê-lo contratado para cometer o crime – contou a Diego ainda perdido.

— Poxa, que sacanagem isso – o semblante de Diego, de repente, tornou-se sério.

Levantou-se abrupto. — Acerta aí a conta, por favor. Preciso ir.

Despediu-se de Diego e saiu do restaurante, como se estivesse sem destino.

As carnes do corpo pareciam tremer e desmoronava por dentro, mas externamente mantinha os passos firmes e o semblante altivo. Não entendia o porquê daquela acusação sobre ele. E Suna? Se estivesse acreditando que era o causador daquele incêndio, definitivamente, ela o riscaria de sua vida.

Apanhou o celular, observou mais uma vez o aplicativo de mensagens e Suna não o havia respondido. Era um péssimo sinal. Pensou em ligar para ela, mas logo desistiu. Precisava esclarecer aquela situação. Avisou a Geovana sobre seu atraso na clínica e comunicou a Marcel de que estava se deslocando para a delegacia. Teria a primeira consulta na psicóloga no final do dia, porém, com aquela confusão, não sabia se chegaria a tempo da primeira consulta.

Dirigia pelas avenidas e ruas angustiado, tentando imaginar quais possibilidades críveis poderiam explicar aquela acusação surreal recair sobre ele. Quem poderia odiá-lo a ponto de tentar incriminá-lo por um ato irresponsável daquela envergadura? Pensou em César. Ele havia ficado estranho e distante, nos últimos meses, depois que soubera que Elisa era uma submissa e não só uma garota de programa exclusiva. Refletiu melhor. César não seria capaz e entendia o afastamento dele. Mas, com certeza, o amigo incriminaria Diego que, por sua vez, estava interessado que fosse para os Estados Unidos. Contudo, não acreditava que o médico fosse capaz de tamanha maldade. Havia Mércia, mas essa já havia sido dominada e calada. Então, recordou-se de Bruno e da recente briga que tiveram por causa de Suna. Sim, poderia ser Bruno. Ele sabia bem como entrar na loja. Só poderia ter sido o engenheiro.

Estacionou numa rua paralela, pôs os óculos escuros e foi andando pela calçada sob o sol a pino daquele início de tarde. Acelerou as passadas ansioso. Dobrou a esquina, caminhou por mais alguns metros e entrou no casarão antigo onde funcionava a delegacia. Observou a recepção ao lado e avistou Marcel em pé. Atrás dele, estavam Suna e Maya. Um calafrio subiu a coluna. Ficou ainda mais apreensivo.

Marcel veio em sua direção e o cumprimentou. — Como seu advogado, preciso que confesse se tem algo a ver com o atentado na Doces Amores, porque o delegado vai querer fazer uma acareação entre você e rapaz custodiado — disparou ele, mirando-o de modo desafiador, o que deixava transparecer mais dúvidas sobre sua inocência.

— Que loucura é essa? — crispou a testa, tirando os óculos. — Desconfia

de mim? Você me conhece bem, Marcel...

— Faz qualquer coisa para ter Suna e a confeitaria se tornou um empecilho – alegou Marcel.

Percebeu Suna caminhar em sua direção. — Nem tudo, Marcel. Por favor, quero fazer logo essa acareação, não dei nenhuma ordem. Me choca essa desconfiança. E não tenho nada a ver com o incêndio.

Suna escutou sua última frase ao se aproximar. Teve a impressão que empalideceu quando ela estava a menos de meio metro de distância, com o semblante abatido e entristecida.

Receou a reação dela, mas a fitou nos olhos. — Não fiz isso, não tenho nada a ver com esse fogo – disse antes que ela falasse algo e o seu tom saiu mais duro do que o desejado. — Essa acusação é uma grande ofensa à minha pessoa e a desconfiança de vocês machuca mais ainda.

— Passei o fim da manhã inteira pensando o seguinte: depois de tudo, se cometeu esse crime, você está louco e precisa ser internado e tratado – avaliava ela, pousando o olhar sobre o seu, de modo enigmático. — Mas sei que não é maluco. Então, o que está acontecendo conosco, Max? O que é isso?

— Não sei, não faço a menor ideia. Estou perplexo com tudo isso.

— Vou conversar com o delegado – informou Marcel e seguiu para a recepção, localizada mais ao fundo.

Suna envolveu os braços ao redor de sua cintura e a correspondeu de imediato, mantendo-a próximo a si.

— Amor, não faço a menor ideia do que está acontecendo, mas vamos descobrir – disse baixinho.

— Acredito que não foi você que ordenou, embora o rapaz afirme que sim... – ela reiterava com uma ponta de insegurança.

Uma onda de alívio se espalhou pelo corpo. — Entendo que tenha dúvidas, mas saiba que provarei que isso é uma armação. Não faço a menor ideia das motivações.

— Como pode ser você? Enfrentamos muitas situações horríveis e estávamos num caminho coerente nas últimas semanas. Não faria sentido, mesmo querendo que me mude para Boston.

— Não quero mais que vá para Boston, depois do incêndio e dessa acusação, eu é que desisto de assumir essa vaga fora do país. Não vou permitir que nada nos separe – era isso que faria. Lutaria para construir sua

vida com Suna ali mesmo, próximo às raízes dela e aos seus dilemas. Se continuasse a insistir, aquela desconfiança continuaria a pairar sobre ele.

— Fico aliviada com essa decisão. Sei que queria muito ir, podemos pensar nisso no próximo ano – ela se afastou um pouco com os olhos perdidos. — É muito difícil acreditar nessa acusação... – murmurou, afundando em seu peito. Beijou a cabeça dela e lhe acariciou as costas.

Suna contou sobre os prejuízos na loja e o quanto estava profundamente abalada com o incêndio e pelo fato dela não ter feito o seguro. Acalmou-a. Era um acalento à alma e ao coração, Suna ter desacreditado na declaração do bandido. Aquela acusação era por demais séria e mais difícil ainda era estar às cegas, desconhecendo a origem dela e quem articulava aquela investida na confeitaria. Pensara em Bruno, mas não iria acusar ninguém. Aguardaria as investigações.

Marcel retornou, conversou com ele e o conduziu à presença do delegado. Segundo o advogado, tornara-se o principal suspeito de ser o mandante daquele crime e o orientara sobre o que responder ao delegado, pois poderia acabar preso. Teve um pressentimento ruim, contudo seguiu adiante com a cabeça erguida.

Respondeu a dezenas de perguntas feitas pelo delegado titular da 14ª DP. Um homem de barba espessa, em que o semblante distante e burocrático nada revelava sobre o que cruzava os pensamentos. Após o depoimento, o delegado afirmou que, no dia seguinte, fariam o reconhecimento. Explicou-lhe sobre a viagem a Boston para um curso e sobre os pacientes que atenderia ainda naquele dia. Teve que apresentar as passagens de ida e volta e o passaporte.

O delegado o tratou com certa rudeza, mas o escrivão, que o observou com simpatia, informou que estava acontecendo um reconhecimento, naquele momento, e que os homens poderiam ser aproveitados para um novo procedimento. O delegado concordou de má vontade e suspendeu a acareação, assim, não precisaria enfrentar o acusador frente a frente, ao menos, por enquanto.

Aguardou numa antessala, por mais de uma hora. Nesse entremeio, ligou para Geovana e pediu que explicasse sobre uma urgência aos pacientes que o aguardavam. Estaria disponível no início da noite. Para algumas pessoas específicas, ligou pessoalmente, pois não costumava atrasar daquele jeito e eram pós-operatórios de cirurgias complexas.

Certo instante, foi conduzido a uma sala de reconhecimento, com um vidro espelhado, tomando a parede direita. Foi colocado entre outros quatro homens bem vestidos. Cumprimentou-os e ficou preocupado. Viu o reflexo do grupo e, naquele momento, percebeu que seu futuro estava atrás daquele vidro, dentro do cérebro de um descompensado. Sentiu algo estranho e gelado percorrer a coluna.

Buquê de talos

30

Era sábado fim de manhã no Brasil quando o avião iniciou o procedimento de pouso. Vicente Max respirou tranquilo. Voltava para casa após dez dias fora do país. Dedicou uma semana aos cansativos cursos sobre novas técnicas cirúrgicas que estão sendo adotadas na neurocirurgia. E acabou por estender a viagem, por mais alguns dias, e foi visitar amigos que viviam na Flórida.

De início, Suna não havia gostado da decisão de ficar mais algum tempo, mas, posteriormente, ela compreendera que precisava daqueles dias por estar prestes a ter uma crise de estafa. Era um homem forte, contudo as avalanches emocionais que atravessara, nos últimos tempos desde a separação, haviam cansado seu corpo e alma. Necessitava digerir a própria existência, acertar os passos, pois não queria e nem podia mais derrapar feio.

Nesses dias em solo americano, procurara Joshua Smith, um amigo que possuía compulsões semelhantes às suas e se mantinha casado por longos anos. Confidenciara a ele sobre ter aquelas vontades de ferir e sentir o gosto do sangue, mesmo estando casado com uma mulher não submissa. Smith abrira seus olhos para uma situação que nunca havia cogitado de maneira concreta: introduzir Suna no seu universo, não como uma fidelizada, mas como uma visitadora esporádica. Contudo, não sabia se seria capaz.

Nunca permitira que aquele assunto avançasse entre eles. Suna tinha até insistido, em ocasiões mais recentes, mas sempre a cortava, apesar de aquela possibilidade povoar as suas fantasias. O certo é que pairava sobre ele uma aura de culpa, preconceito e desvio de comportamento. Nunca tinha sido compreendido. Diego zombava de sua sexualidade e Marcel a condenava

como um pecado mortal. E ele mesmo passara a odiar-se e se culpar por seus gostos nada convencionais.

É lógico que satisfazer esses desejos mais profundos não era primordial na relação com Suna. Nunca havia sido. Mas o amigo Smith o alertara que aquela negação à sua essência um dia seria cobrada e isso poderia prejudicar o casamento. A conversa com o amigo havia sido importante, mas cuidaria daquelas vontades obscuras no divã, tratamento que só tinha aceitado por causa de sua mulher. No entanto, naquele momento de sua história com ela, não poderia complicar mais a relação. Aquelas conjecturas ficariam para o futuro.

A aeronave pousou, fazendo com que novos pensamentos aterrissassem na mente. Estava retornando para o que aconteceu à confeitaria. Fora acusado de incendiar a Doces Amores, mas o rapaz preso pelo crime não o havia reconhecido. Enfim, há dez dias vivenciara um dos maiores constrangimentos de sua existência dentro daquela sala de reconhecimento. Quando havia saído de lá, Marcel lhe comunicara que o incendiário não o tinha identificado. Até hoje não conseguiria descrever a profusão de sentimentos que havia transpassado o coração; uma mistura de alívio, contentamento e raiva.

Ainda bem que Suna se mantivera ao seu lado, pois algo arranhara sua alma. Tinha sido horrível a sensação de ser acusado de ter cometido um delito grave sem que o tenha feito. Nunca se importou com punições, mas a possibilidade de ser penalizado por um ato que não tinha culpa o aniquilara. Havia enfrentado horas horríveis. Ainda saía daquela delegacia direto para a clínica, atendera paciente entrando pela noite e viajara no outro dia.

Naquele instante, retornava para aquela realidade obtusa. Afinal, quem desejava destruir sua relação com Suna? Pensava insistentemente em Bruno, mas a racionalidade pontuava que se o engenheiro e Suna não tiveram um envolvimento profundo, como ela garantia, o rapaz não teria tantos motivos para armar um atentado daquela envergadura. Afinal, havia sido apenas um flerte.

O avião parou no *finger* de desembarque. Após quase onze horas de voo, desembarcou e as preocupações voltavam com força a importuná-lo. Mas aquele retorno reservava o lado sublime que era reencontrar a mulher que amava. Queria matar a saudade de Suna das formas mais lascivas possíveis. A ausência dela, naqueles dias, havia delineado ainda mais a importância que possuía para ele. E queria muito mais do que amorzinho, beijo e abraço,

queria sexo intenso até o limite do possível, permeando as fronteiras da normalidade.

Passou pelos procedimentos do desembarque internacional, o que consumiu um bom tempo, em seguida, apanhou as malas e foi para o saguão. Havia muita gente esperando familiares. Ansioso, procurou Suna e não a avistou. Uma certa frustração começou a se espalhar. Continuou parado numa segunda tentativa de encontrá-la e, então, avistou-a caminhando a passos largos em sua direção. Aquela imagem eclipsava quaisquer outras questões. Seguiu para encontrá-la. Vê-la revigorava os sentidos.

Ao se aproximarem, deixou o carrinho de bagagem de lado e a abraçou com força, suspendendo-a do chão. Estava morto de saudades. Uma felicidade inebriante atravessou a pele e parecia florescer, como uma primavera, através dos poros, trazendo a sensação reconfortante de frescor, bem-estar e segurança. Fitou-a, por breves segundos, e a beijou de forma ardente. De repente, a leveza cedia território para um fogo de chamas invisíveis capaz de transpassar a derme a cada toque sobre o corpo da sua mulher. Pressionava as mãos sobre ela, tateando as partes possíveis de serem acariciadas em público. Teve uma ereção. Ainda assim, foi aliviando a intensidade do beijo, mesmo pensando em fazer amor o mais urgente possível.

— Que saudades, meu amor... — murmurou sobre os lábios e, então, notou-a choramingar.

— Não faz ideia da falta que me fez, doutor Vicente Max — dizia ela e fungava.

— Aconteceu alguma coisa? — num átimo de segundo, uma nuvem escura parecia pairar sobre eles, mas logo a sensação passou.

— Está proibido de viajar e me deixar sozinha... — ela o envolveu nos braços e se aninhou em seu peito. — Não quero me afastar mais de você por longos períodos.

— Poderia ter ido comigo se quisesse.

— Eu sei, meu bem. Não vou mais deixar viajar sozinho, só em casos extremos — ela fitou sua bagagem. — Comprou Miami inteira! — Suna parecia tentar mudar de assunto enquanto caminhavam em direção à saída.

— Comprei muitas coisinhas para você. Mas também trouxe algo bem precioso, a minha saudade e meu amor.

— Ah! Com certeza, esses são os melhores presentes — Suna estampou um

lindo sorriso nos lábios. — Também tenho surpresa...

— Então, não vejo a hora de descobri-la – entusiasmou-se ele.

— Vamos logo pra casa, meu amor... logo.

Suna havia ido buscá-lo com o SUV. Após arrumar a bagagem no veículo, entrou no banco do carona, indicando que ela voltasse guiando. Assim que ela fechou a porta, tomou-a nos braços. Beijou-a de modo acalorado e faminto, com a mente sendo bombardeada por cenas eróticas que gostaria de colocar em prática, inclusive, as mais obscuras. Ansiava para estar dentro dela, aquilo era crucial. Pensou em possuí-la na mesa de casa, no banheiro, na cama deles e no carro... Recordou-se da última vez que tiveram contato íntimo no SUV. Enfim, não era uma boa ideia. Afrouxou o abraço, deu vários beijinhos e lhe mordiscou, com suavidade, o lábio inferior.

— Vamos, Dona Su. Acho que nunca a vi dirigindo esse carro – disse com o olhar fixado no horizonte e a mente assaltada pela culpa. Ela apenas sorriu.

∴

A surpresa que Suna havia preparado tinha sido a sala de estar remodelada, com novos móveis e objetos de decoração. Ela comprara um sofá gelado de forma alongada e elegante, poltronas bege, mesinhas e um novo aparador, sobre ele havia diversas fotos deles: no casamento, na casa de praia, no Chile e em outros passeios que fizeram juntos. Aquela iniciativa lhe dava mais certeza de que estavam caminhando como um casal e simbolizava a superação das dificuldades que os conduziram à separação.

— Que lindo ficou, Su! Parabéns e obrigado pela surpresa – sabia que seus olhos brilhavam. — Eu... eu simplesmente, amei.

— Foi uma loucura para conseguir que os móveis chegassem a tempo. Mas no final, deu tudo certo. Falta concluir a decoração... – ela demonstrava empolgação, ainda assim, sentia que algo não estava bem. Provavelmente, eram as preocupações com as obras de recuperação da Doces Amores, que já haviam começado.

Voltou a fixar-se no aparador, aproximando-se. — Amo essa foto – eram eles em Huilo Huilo caminhando na neve, felizes e cheios de planos. Tentou apanhar o porta-retratos quando Suna soltou um gritinho, ao tempo que sentiu a resistência do objeto no vidro do móvel. Franziu o cenho e Suna arregalou os olhos. — O que há?

— Precisei colar os porta-retratos com uma fita dupla-face de alto poder de fixação... – ainda continuava intrigado e Suna se mantinha um pouco

constrangida. — ... por causa de Zazá. Ela iria derrubar caso suba aí. A decoração antiga era mais pesada.

Aliviou a expressão e gargalhou. — Tudo bem, meu amor – envolveu-a entre os braços e a ergueu do chão. — Zazá é nosso amuleto de sorte. Mas, mudando de assunto, podemos inaugurar esse sofá, estou morto de saudades – confessava no ouvido da mulher. — Vou ficar feliz em tirar a sua roupa, beijar esse corpo inteiro, concentrar-me entre suas pernas, na carne linda, macia e molhada e te fazer ter um extenso e demorado gozo.

— Ai amor, aqui na sala não... Vamos para o quarto. Prefiro lá, estou meio indisposta.

— Indisposta? – afastou-se dela um pouco confuso. — Não precisa dizer isso, ou fingir dor de cabeça, ou qualquer coisa parecida, se não estiver a fim de fazer amor.

Suna colocou a mão na cintura, fingindo indignação. — Vicente Max, você gosta mesmo de uma confusão. Nada disse sobre não fazer amor. Eu quero muito, por demais. Só quero que seja na cama, que é mais confortável. Além disso, está sob efeito do fuso horário. Imaginei que estivesse cansado.

— Não pra você...

Apanhou-a no colo, deixando as malas para trás e a conduziu ao quarto. Notou as roupas de cama novas, além de outros itens diferentes. Aquilo foi um afago ao coração, pois sempre quis que Suna entendesse que aquela era a casa e o quarto dela também. Contudo, naquele momento, tinha outras urgências mais importante, do que prestar atenção na decoração. Tirou sua roupa e Suna deixava o vestido cair no chão, revelando novas e ousadas lingerie, quase que totalmente tomadas por transparências.

— Quer mesmo me provocar, não é, dona mocinha?

— Quero que nunca abuse de mim – ela engoliu em seco, por causa do duplo sentido da palavra "abusar". — Quero que nunca enjoe de mim – completou sem perder o tom.

Sua ereção já palpitava entre eles. — Sem chance de isso acontecer – deixou aquilo passar, pois já não refletia sobre nada.

Arrancou-lhe um guloso e intenso beijo e foi degustar o sabor, o cheiro e a textura da pele de Suna em sua língua e lábios. Apertou-lhe os mamilos protuberantes, o que sabia que a excitava, provocando-lhe um gemido alto. O seu desejo gritava de uma maneira exigente, fazendo desistir dos entremeios. Precisava estar dentro dela, seu corpo parecia queimar numa febre de

abstinência da mulher que amava.

Com jeito, empurrou-a na cama, afastou a calcinha e a penetrou de modo forte. Suna emitia um grito entrecortado e sibilante. Observou o semblante de dor dela e teve um impulso de continuar a movimentar-se, intensamente, e alimentar seu instinto.

— Devagar, por favor – pediu ela com a voz rouca.

Diminuiu as estocadas. — Te amo, minha Su – rendeu-se às súplicas, voltou a beijá-la, desistindo de alimentar os instintos mais vorazes.

Num ritmo mais lento, sentia a pele macia da coxa de Suna encostar em seus músculos, os seios riscarem o peito e o canal vaginal massagear seu pênis, como se fosse um abraço apertado e quente. Escutava a respiração cadenciada da mulher e delirava.

— Estava morto de saudades, morto – confessou num murmúrio.

— *Tava* com saudades de ser devorada por você – disse ela quase como um miado.

— Não seja por isso, vou te comer todo dia – movimentou-se mais rápido, por alguns segundos, fazendo com que ela soltasse um grito de prazer.

Ali, no corpo da mulher que amava, encontrava o refúgio íntimo de um prazer capaz de ir ao gozo dos mais sacanas até o amor nobre, suave e terno. Era como adentrar numa caverna de segredos mútuos, de vontades atendidas e de outras ainda planejadas. Era o santuário de uma existência que o ligava a outra, através do prazer, e aquilo era mais um dos mistérios do mundo invisível.

Assim, queria provar nos lábios daquela sacralidade profana. Tirou seu membro de dentro de Suna, deitou-se de ponta a cabeça e ela, em sintonia, postou-se de lado, preparada para ele, com as coxas abertas, oferecendo o sexo para ser saboreado. A pele rosada brilhava úmida. Beijou-a, acariciando o clitóris. Suna retribuiu sugando seu membro da forma mais deliciosa. E ficaram ali, trocando beijos, chupões e carícias íntimas até que os lábios adormeceram e chegaram ao orgasmo, praticamente, ao mesmo tempo.

Então, voltou à posição inicial e a abraçou, mantendo-a sobre o peito, sentindo o cheiro de seu gozo exalar dos lábios e face de sua mulher e se misturar com o cheiro que ele próprio trazia da intimidade dela, num odor erótico e envolvente. Ela limpou o excesso do seu orgasmo com o vestido e permaneceram em silêncio por um longo período, sendo tomado por uma sensação de satisfação e bem-estar. Suna brincava com os pelos do peitoral e

ele acariciava os cabelos dela.

Então, ela se levantou. — Vai aonde, amor?

— No banheiro e já retorno...

— Vou tomar uma ducha contigo...

— Não amor, por favor. Não demoro...

Ela se foi depois de recolher as peças de roupa e apanhar outras, limpas. Observou os movimentos daquele belo corpo. Ela era exuberante e aquelas formas, incendiárias aos instintos, eram um afago à alma e um acalento aos sentidos. Suna gostava de privacidade no trato de sua intimidade. Às vezes se dividia, em outras ocasiões preferia ficar só. Nesse sentido, sempre respeitava a vontade dela.

Não demorou Suna retornou dentro de um short de algodão e uma camiseta. O seu olhar era diferente e estéril. Estranhou.

— Max...

— Sim!

— Em sua ausência aconteceram duas coisas ruins – revelava ela.

Contraíu os músculos da face e levantou o torso da cama para poder fitá-la.
— O quê?

O rosto de Suna se fechou como numa tempestade. Ela se aproximou e se sentou na cama. — Meu carro incendiou quando ia sair com ele – falou num rompante.

Saltou da cama transtornado e um frio subiu pela coluna. — Que hora foi isso? Por que não me contou? – indagou num tom duro.

— Decidi que não devia preocupá-lo em viagem – respondeu ela com calma. — Estou bem, estou aqui contigo.

Uma sensação de medo e impotência o importunava. — Tomou a decisão errada. Deveria ter me contado, retornaria antes. Marcel sabia? Por que aquele filho de uma mãe nada me disse? Bufou aborrecido.

— Eu pedi que não contasse.

Balançou a cabeça indignado, passando a mão nos cabelos. — Como aconteceu? Como? – rosnava.

— Acalme-se, Max. Desse jeito não vou poder te contar tudo – Suna endureceu o tom.

Foi até ela e a abraçou. — Desculpa – fechou os olhos, apertando as pálpebras por mais segundos que o normal e a mirou. — Prossiga – só a possibilidade de algo ruim acontecer a Suna já o desestabilizava.

— Na terça-feira, eu e Maya saímos da Doces Amores, por volta das cinco horas da tarde. O carro estava estacionado na mesma rua que coloco com constância. Dei partida, o motor embolou e senti uma pequena explosão, a fumaça subiu. Saltamos a tempo, antes que as chamas o destruíssem.

— Meu Deus! – tornou-a a envolvê-la nos braços. — Seu carro não era velho!

— Max, tudo indica que não foi acidente. Alguém quer nos destruir – fitaram-se por alguns segundos.

Levantou-se desolado e começou a andar pelo quarto. — Não é possível! Isso é um pesadelo. Quando vamos ter paz! – gritou exasperado.

— Primeiro, tentaram te culpar pelo fogo na Doces Amores e agora incendiaram meu carro.

Balançou a cabeça aflito. — Alguém quer acabar conosco e quer te ferir para me atingir – constatava quase anestesiado. — Conheço muita gente e entre esses há os que me odeiam – inquieto, voltou a sentar na cama, apoiou os cotovelos nas coxas e enfiou a cabeça entre as mãos. Encheu os pulmões de ar, tentando retomar os prumos. — Vamos ter que voltar a utilizar os serviços de segurança – observou-a com cumplicidade. — Os mesmos serviços que te fez sentir perseguida.

— Entendo. Mas não é só para mim, não é? Tem que ser pra você também.

— Vemos isso depois. Vou ligar para César. Quer dizer, conversarei primeiro com Marcel – levantou-se. — Preciso tomar pé dessa situação.

— Espere... – Suna segurou sua mão. — Não foi só isso.

— O que mais? – aturdia-se.

— Enviaram-me um buquê só de talos com espinhos. As rosas foram cortadas...

Uma comichão tornou a subir a coluna, entrou em choque. — Quando?

— Ontem. Um garoto de rua deixou na portaria do condomínio. Max, foi o mesmo jeito que me entregaram a caixinha com a prótese no ano passado. Será que Mércia tem a ver com isso?

Os olhos de Max estavam dilatados e vidrados. — Não acredito. Só se estiver enlouquecida e rasgando dinheiro – mirou-a. — Mércia é uma mulher gananciosa, materialista, louca por dinheiro. Ela tem um patrimônio, enfim, conseguimos que assinasse promissórias altíssimas... Ela não arriscaria.

— Não tenho tanta certeza assim.

— E Bruno, Suna? Pode ser ele. Um engenheiro que perdia seus fins de

tarde dando suporte a uma obra pequena de uma loja, ao invés de estar nos empreendimentos da empresa em que é empregado? Por sua causa, para te seduzir – desdenhou.

— Não fala assim. Não tive nada com Bruno. E ele não chegaria a tanto – Suna se levantou, parecia sentir-se tonta, apoiando-se na parede.

Max foi até ela, ajudando-a. — O que foi?

— Tudo girou, de repente. Preciso ir no banheiro, depois te mostro o cartão.

— Que cartão?

— Que veio com o buquê. Só um minuto – pálida, ela partiu como um raio.

Seguiu atrás de Suna, mas ela fechou a porta em sua cara. — Desculpe – gritou ela.

— Não feche, pode precisar de mim...

— Estou bem!

Revirou os olhos impaciente. Vestiu um short, apanhou a roupa, encontrou o celular e jogou as peças de volta à poltrona. Mandou mensagem para Marcel, pedindo que fosse lá, em sua casa. Observou em direção ao banheiro e nada dela retornar. Foi até a sala, apanhou a bagagem e a colocou no quarto de hóspedes. Quando estava angustiado, não conseguia ficar parado. Abriu uma mala, apanhou as roupas sujas e as levou à área de serviço. Retornou para o quarto e Suna ainda estava trancada.

— Está bem, meu amor?

— Já estou saindo...

Mais alguns segundos que pareciam eternidade e a porta se abriu. Ela saiu pálida. — Não está bem, vamos numa emergência.

— De jeito nenhum. Meu marido é médico – ela foi até ele e o afagou. — Tenho isso. Quando o emocional ataca, não fica nada no estômago. Vomitei e vou ficar melhor.

— Vomitar não é normal...

— Foi emocional. Venha cá.

Seguiu-a até a sala e Suna sacou da bolsa um envelope. — Veio num buquê de doze talos cheios de espinhos.

— Que mente doentia! – disse ao tempo que abria o envelope e apanhava o cartão de tamanho médio.

"Senhora Suna,

"Esse buquê é para lembrá-la de que, no final, a dor é mais relevante do que o amor. Ao receber uma rosa, as pétalas se vão rápidas e ficam os espinhos. Assim é a vida. Teve o amor e sucumbirá com a dor dos espinhos.

O fogo teima e um dia queima".

Seus olhos se fixaram no papel impresso, quase sem piscar. — É uma ameaça velada – constatava.

— Sim, a nós dois – concordava Suna. — Não contei a Marcel sobre esse buquê.

Abraçou-a atônito, tentando planejar o que faria para protegê-la. Naquela altura, todas as pessoas próximas se tornavam suspeitas.

※※※

Suna pedira comida num restaurante próximo ao condomínio. Ela se sentia fadigada, angustiada e sem coragem de se aventurar na cozinha. Os incêndios na confeitaria e no seu carro, além da mensagem de ódio que recebera no buquê de talos fizeram com que desmoronasse. Realmente, o medo havia se instalado na alma. Temia por sua vida e pela de Max. Receava de que fossem vítimas do fogo, afinal, o cartão se remetia à dor e insinuava que um dia as labaredas chegariam. Não sabia se a mensagem se referia a eles de um modo figurado ou direto. Um frio subiu a espinha.

No entanto, esforçava-se para demonstrar a Max que se mantinha calma. Sabia que, se ela entrasse em desespero, ele poderia descontrolar-se e a situação se tornar mais tensa e caótica. Precisava manter-se serena e, com isso, ajudá-lo a encontrar uma saída. Max era inteligente e, quando se focava de modo racional numa análise de conjuntura, sempre encontrava as melhores soluções. Confiava nele e em suas decisões.

Max e Marcel adentraram numa conversa afinada desde que o irmão chegara em casa. De início, acompanhara-os no escritório, o qual tinha passado a ter acesso desde que havia retornado. No primeiro momento, eles descartavam a participação direta de Mércia, mesmo assim, Marcel pretendia abordá-la. Após o almoço iriam prestar queixa na delegacia. Max passara a concordar com Marcel de que ela falhara, por não ter ido fazer um boletim de ocorrência assim que a perícia apontara para a possibilidade de seu carro ter sido sabotado.

— Suna, devia ter escutado o seu irmão e ido à delegacia – Max a censurava inquieto, da poltrona de seu escritório.

Respirara de maneira ruidosa. — Quis esperar você retornar, Max. A

queixa na quarta-feira ou no sábado não irá mudar nada. Além disso, o resultado oficial da perícia só sai na segunda.

— É que tem o precedente do incêndio à confeitaria. Tinha lhe falado – alegara Marcel.

— Podem dizer que sou teimosa e cabeça dura, não ligo – eles riram e não se importou, pois, ao menos, houve aquele ponto de relaxamento, dentro da atmosfera de ameaça que pairava sobre eles. — Vou apanhar a comida e servir para nós.

— Precisa mudar, Su, e aprender a escutar os outros – dissera Max meio zombeteiro enquanto saía do escritório. — Quer dizer, ouvir as pessoas que te amam...

— Vocês dois juntos são meu inferno astral – tinha pilheriado da porta antes de sair.

Naquele momento, almoçavam o robalo assado, acompanhado de legumes cozidos no vapor, arroz branco e batata gratinada. A comida começou a dar voltas no estômago, então, logo desistiu de almoçar e brincava com o garfo, evitando que a notassem. Max engatou uma conversa sobre o clima nos Estados Unidos e o verão no Hemisfério Norte. Participava minimamente da conversa.

Andava desconfiada, nas últimas duas semanas. A menstruação estava atrasada. O fluxo era para ter chegado dez dias após o quarto Afrodite e já havia se passado dois meses desde que tiveram aquelas duas noites no motel. Suspeitava estar grávida, afinal, não usava nenhum anticonceptivo e tinha retomado uma vida sexual intensa. Aquilo poderia ser maravilhoso e blindar ainda mais a sua relação com Max, no entanto, o momento era inoportuno, com todos aqueles acontecimentos estranhos e ameaçadores os rondando. Não pretendia fazer teste de gravidez e nem contar a Max sobre essa suspeita, pois poderia ser apenas uma impressão passageira de mulher e o atraso menstrual e os incômodos, ter cunho emocional.

Serviu sorvete de limão e o sabor azedo da iguaria afagava o paladar. Quando terminaram, levou a louça para a pia, Max e Marcel ajudaram a guardar o resto da comida em recipientes plásticos. Enquanto Marcel os guardava na geladeira e colocava no lixo as embalagens do restaurante, Max limpava a bancada. Admirava aqueles homens, tão empertigados em suas profissões, colaborarem nos afazeres da cozinha. Certo que aquilo era para ser normal, mas nem em todos os lares era uma realidade. Voltou a se

concentrar na louça que lavava. De supetão, Max a envolveu por trás e viu que Marcel se dirigia para a sala de televisão.

— Vamos superar mais esse obstáculo e nos manter fortes – sussurrou ele no seu ouvido.

— Iremos, sim – acariciou o braço dele com as mãos molhadas.

Sentiu a pressão do sexo de Max em suas nádegas. — Saiba que ainda não matei toda a minha saudade.

— Mesmo nesse caos? É um insaciável... – comentou com preguiça e fechou a torneira.

— Foram dez dias sem você, além da saudade acumulada do tempo em que estivemos separados. Acha que é assim? Que essa saudade já foi estancada? – ele riu.

— E esse estresse não te afeta? – voltou-se para ele.

— Muito! Aumenta o meu tesão. Me deixa de pau duro toda hora – ele confessou baixinho e riram.

— Meu marido é quase um maníaco incorrigível – abraçaram-se sem se importar com as mãos molhadas.

— Não espere que eu mude nesse sentido. Já passamos um ano juntos e sabe como é.

— Sei sim, no quesito safadeza é quase sem limites – pontuou ela.

— Bem, há muito a viver ainda, um pouco além das fronteiras, mas nada que não queira.

— Hum. A discussão do que é limites pra você daria uma dissertação. São as linhas limítrofes que sua mente insiste para serem burladas.

— Não vamos tratar disso entre nós e, sim, com ajuda de um profissional, o terapeuta. Mas não é hora de pensar nisso. Sou muito feliz com você, como somos, como nos entendemos e nos relacionamos – confessava ele com uma sinceridade única e depois, cobriu os seus lábios com um beijo suave e os braços cruzados sobre sua cintura. Em seguida, o semblante dele se fechou e crispou a testa, afastando-se um pouco sem tirar as mãos de sua silhueta. — Agora, preciso que seja forte e procure sair menos, se expor o mínimo possível, mesmo com a contratação de seguranças. Por favor, não teime. Tenho muito medo por você.

— Também estou temerosa, por mim e por você. Também não quero que se exponha. Preciso de você bem e do meu lado. Sua vida é importante para mim, é preciosa em demasia.

— Fico feliz em escutar isso – confessava ele com uma ponta de emoção em sua voz.

— Não faz sentido viver sem você, necessito que se mantenha íntegro. Não banque o herói, como fez indo atrás de Dante, imploro, eu imploro – enterrou o rosto no peito dele. De repente, uma dor visceral dilacerava a alma. Lágrimas vieram aos olhos sem pedir licença. Apertava-o com força. Não conseguiria se imaginar sem Max. Os períodos separados tinham sido horríveis e se algo de pior acontecesse com ele, desejava que ocorresse com ela também. Não teria forças para suportar. Soluçou.

— Não fique assim, amor. Vamos descobrir quem é o filho ou filha da puta que está fazendo isso conosco – ele a afastou do peitoral e beijou carinhosamente seus olhos, limpando as lágrimas com os próprios lábios.

— Prometa que não fará nada pensando apenas em me proteger e se colocando em risco. Prometa! – exigia com a voz trêmula.

Max expirou de má vontade. — Suna, não sou homem de admitir ameaças ao que amo. O que aconteceu custará caro a quem fez, muito caro.

Exasperou-se. — Não se meta em nada fora da lei. Jure pra mim que deixará a cargo da Justiça. Jure, Max, por favor... – já estava um pouco descontrolada e tateava o próprio prumo para impedir que a situação ficasse mais difícil. Max se mantinha em silêncio. — Se me ama como diz, saiba que não vou sobreviver sem você. Nos tempos separados, perdi muito peso e me abati, não tenho condições de suportar... Se quer me ver bem, precisa se preservar e se guardar pra mim. É o meu tesouro... e só descobri a intensidade e abrangência dos meus sentimentos quando nos separamos. Promete que vai se cuidar, por favor, e que nada irá nos separar – a emoção espalhava-se à flor da pele.

— Calma, minha bebê – ele tentava confortá-la e ela buscava forças para controlar-se. — É minha vida, Suna.

Soluçou e fungou. — Devia ter aceitado ir embora contigo – arrependia-se.

— Amor, não se culpe. Não podemos viver acuados. Ir embora só camuflaria a identidade de quem está por trás do que aconteceu. Alguém quer nosso mal e essa pessoa maléfica está solta por aí. Desconfio que é muito mais do que ódio puro e simples, há uma grande dose de obsessão e loucura nos perseguindo. Preste atenção... – Max abaixou levemente o ombro e pescoço para encará-la melhor. — Mércia e Dante caberiam bem nessas descrições, mas eles estão de mãos atadas. Então, vamos retomar uma

suposição deixada de lado e seguir a linha de que tem alguém querendo me afetar, que tem a ver com as ameaças e agressão a você feitas por Dante. Muito provavelmente, essa pessoa quer me prejudicar muito antes de a gente se conhecer, estimulando Mércia a continuar com suas intrigas ao meu respeito e em sua busca por provas sobre a minha vida sexual. De lá para cá, só pode ter havido um mentor, um arquiteto, manipulando Dante e Mércia. Esse é fio da meada. E tenho desconfianças... – concluía ele com o ar de mistério.

— Quem? – contraiu a testa e abriu ainda mais os olhos, curiosa.

— Não quero fazer acusações injustas... mas uma segurança ficará em sua companhia no tempo em que estiver em casa também.

Arrepiou-se por inteiro. — Mas ... não tem necessidade...

— Prometeu não criar problemas – alegou Max.

— Desconfia de Dulce?

— Todos que conhecem minha intimidade. Só retiro seu irmão desse grupo, porque ele já me deu provas suficientes de fidelidade.

Todos os pelos do corpo eriçaram e uma onda fria e medonha se dissipou na pele. — Meu Deus!

— Enfim, não quero que conte a ninguém detalhes de nossa vida, ou sobre os seguranças que começarão amanhã, ou sobre suas atividades diárias, nem a Maya.

— Maya? Ela é de extrema confiança! Nada tem a ver com isso... – indignou-se.

— Não sabemos. Estamos sendo vítimas de uma rede de intrigas e loucuras. Além disso, sua amiga tem uma vida obscura. Ela esconde coisas sérias e Marcel sabe disso.

— Eu sei disso. E ela admitiu que fez coisas erradas antes. Ela sofre e foge desse passado.

— Quem comete algo errado uma vez pode fazer outra, por centenas vezes. Só precisa de um estímulo, um motivo. É diferente de quem nunca cometeu desliz. Não se deixe enganar, quando o muro entre o correto e o ilegal é derrubado, transpassar de um lado a outro se torna muito mais fácil – explicava com um semblante de seriedade e introspecção. — Vamos, se arrume, pois iremos prestar queixa – girou de volta para a pia. — Deixe essa louça para depois, venha.

∴

O sol já ensaiava se por, naquele fim de tarde de sábado, e os nervos de Suna queriam obscurecê-la, mas resistia a entregar-se à noite escura que se abatia entre eles. Naquele dia, tornara-se ainda mais vulnerável ao que acontecia. Não sabia qual era o motivo, se por Max ter voltado e temer pela vida dele, ou se era por desconfiar da gravidez no meio daquela turbulência.

Estava muito sensível e preocupada. Havia chorado no caminho de ida à delegacia, ao escutar as conjecturas de Max e Marcel. Todos tateavam às cegas sem saber quem confabulava as maldades e ameaças. Durante o retorno, um silêncio sepulcral recaía sobre eles. Não sabia o que acontecia com ela. Sempre gostava de tomar suas decisões, era dura e atrevida, porém, naqueles momentos, estava chorona, tensa e entregando as decisões nas mãos do marido e do irmão.

O tempo parecia inquietante. Depois do carro incendiado, tinha medo até de acordar, queria ficar deitada por horas a fio. Às vezes sonhava com chamas ao redor da cama. E agora o futuro a amedrontava. Receava por ela e, principalmente, por Max, devido ao temperamento explosivo dele, ainda que o marido lidasse melhor que ela em situações limites.

O delegado havia assegurado que intensificaria as investigações. No entanto, aquilo não estendia garantias a eles. Chegou em casa tensa e cansada. Disse a Max e Marcel que iria deitar-se. Foi para o quarto, trocou a roupa por um vestidinho solto e mais confortável e se aconchegou na cama. Quando os pensamentos começaram a aquietar-se e as pálpebras relaxavam, Max entrou pisando leve e sentou na cama, ao seu lado. Abriu os olhos e se deram as mãos.

— Preciso te dizer algo... — começou ele, de modo brando.

Uma comichão espalhou pelo corpo. — O que aconteceu? — quis saber em alerta.

— Nada, não aconteceu nada. É que resolvemos conversar com César e ele vem aqui daqui a pouco.

— Sim e o que tem se ele vier...

Max inspirou, profundamente, e o olhar se perdia. — Lembra-se de Elisa, a fidelizada?

Para que recordar daquela mulher! Uma raiva percorreu os sentidos. Sentou-se na cama quase amuada. — Claro! Como esquecer? — disse num tom grave e cruzou os braços sobre o peito. — O que tem? Foi ela quem armou tudo, por acaso?

— Calma, Suna. Não é isso. Ele tocou seus antebraços. — Prometi não a enganar mais, mesmo por coisas bobas e simples – Max buscou acolhimento em seus olhos. — É que Elisa está se relacionando com César. Eles são namorados.

Crispou a testa intrigada sobre aquele improvável casal. — Ela também vem? Não é possível! – inquietou-se e Max pressionou um pouco o seu braço.

— Não, Suna. Ela não vem. Mas quero que saiba que ela é a atual companheira de César, caso algum dia os encontremos em algum lugar.

Soltou todo ar dos pulmões. — A mentira se tornou verdade, então. Pois você tinha dito que Elisa era namorada de César quando ela era sua fidelizada. Suas palavras se concretizaram – observou ela com desdém. — Ele sabe do relacionamento que tinha com ela?

— Não tinha relacionamento. Tinha um contrato. Sim, ele tem conhecimento.

— Tudo bem... – disse e voltou a deitar na cama dando as costas para Max. — Espero que saibam o que estão fazendo.

— Suna, você está muito arredia – ele lhe deu um tapa nas nádegas. — Continuaremos à noite... – concluía e lhe mordia com força o seu traseiro, fazendo com que soltasse um grito.

Max saiu. Ficou pensando na morena *mignon* que foi amante dele e agora enamorava o forte César. Até que Elisa tinha bom gosto, César era um cara bonito e os biótipos deles combinavam. Só torcia para que não tivesse que encará-los juntos nem tão cedo.

Refletiu ainda sobre a atitude de Max, em ter confidenciado sobre o que acontecia entre Elisa e César. Sentiu-se culpada. Ele se portava de maneira comprometida e, por sua vez, ela escondia que desconfiava estar grávida. Não agia conforme tinham combinado.

Apertou os olhos e tomou uma decisão. Apenas contaria a Max quando fosse fazer o teste e isso só aconteceria após vislumbrar um norte para a situação que eles enfrentavam. Aquela atitude podia parecer cruel, contudo precisava protegê-lo de uma carga maior de tensão. Ele já estava aflito, se soubesse que estava grávida iria torturar-se ainda mais.

∴

As horas saltitaram no tempo. Teve uma boa dose de descanso. Max entrou no quarto, chamando-a para jantar. Ele havia pedido pizza. Levantou-se e foi

à cozinha e, assim que entrou no ambiente, o cheiro do queijo derretido e massa quente, fizeram o estômago revirar. Desistiu de qualquer fatia e optou por um copo de iogurte.

— César ajudou em alguma coisa? – quis saber sentada diante de Max.

— Contamos para ele o que a polícia sabe. César tem contatos e vai começar a investigar em paralelo.

— Confia nele?

— Sim.

— Ele não tem ciúmes de Elisa?

— Se tem, não deixa transparecer.

— Raiva do que você fez a ela não pode ser uma motivação para os incêndios?

— Poderia, caso César não precisasse estar fazendo o mesmo que eu fazia.

Parou e o fitou estatelada. — Como?

— Elisa é uma submissa e masoquista – visivelmente, Max se desconsertou, com uma fatia de portuguesa na mão. — Ela sente prazer na dor – finalmente ele disse de uma vez só. — Suna, trouxe um *smartphone* novo para você, um *notebook* também, uma bolsa e algumas peças de roupa. Vamos ver quando acabarmos aqui? – ele tentava mudar de assunto.

Ainda estava encabulada. — Vamos sim... mas, mas... me explica melhor – as sobranças se uniam curiosas. — César fere Elisa e ele gosta disso também?

— Vamos lá no quarto de hóspedes, ver seus presentes agora – ele deixou a pizza no prato e se levantou.

— Vicente Max, não fuja do assunto... ele também gosta? – continuava sentada. O mundo era pervertido ou a dinâmica do prazer era muito mais ampla do que conseguia imaginar.

Ele expirou e fechou os olhos. — Não devemos tocar nesse assunto.

Levantou-se, tirou o copo da mesa e pôs na pia. — Estou curiosa... responde, por favor.

— Para que saber tantos detalhes da vida íntima dos outros? – reclamou ele aborrecido.

— Porque esses detalhes têm relação com a minha vida íntima, de algum modo. Responda, Vicente, sem receios de me machucar. Afinal, César gosta do mesmo que você? – voltou-se para ele e, também, subiu o tom.

— Nossa, Suna! César não gostava, talvez tenha passado a gostar, não sei

detalhes... mas... faz para agradá-la... – confessava ele de má vontade.

Aquilo poderia parecer banal, mas era significativo. Se César tinha se rendido aos desejos loucos de Elisa, então, ela também poderia fazer o mesmo. Sim, deveria, como havia sugerido desde que reataram. Max havia se descontrolado, contudo, aquele episódio no estacionamento do hospital tivera relação com a raiva dele e não com sexo em si.

Acabaram de arrumar a cozinha em silêncio enquanto a mente insistia em lhe recordar dos vídeos que assistira entre Elisa e Max, porém sem a intensidade da fúria e da mágoa. Depois Max foi entregar-lhe os presentes que trouxera. Ficou boba. Ninguém nunca a tinha enchido de mimos como ele fazia, sempre lhe dava o que havia de melhor e, além de tudo, tinha bom gosto.

Max foi tomar banho e ela apanhou um objeto no escritório, que estava guardado na peça. Em seguida, observou-se no espelho com calma. Alisou a barriga sem sinais de gestação, mas que parecia um pouco dura. Sentiu os mamilos roçarem o tecido, de um jeito diferente, e um pouco de dor na lombar, como se fosse menstruar. *Posso estar enganada*, pensou. Apagou a luz, deixando apenas a iluminação dos abajures. E, depois, foi tomar uma ducha com ele. Entrou no blindex sem que Max esperasse e o envolveu em seus braços.

— Que surpresa boa! – elogiou ele.

— Disse que queria continuar, então, estou aqui.

— Nem cansado e debaixo d'água, consigo acalmar as labaredas do meu coração... – ele riu.

— Esse papo de fogo está nos rondando, hein – apertou o membro dele que já estava enrijecendo.

Agachou-se e colocou o sexo na boca, sentindo a pele lisa e fina entre os lábios e na língua, também deslizando sobre as onduladas veias cavernosas. Concentrou-se na glândula, chupando-a e a massageando com a ponta da língua dentro da cavidade bucal. Max gemia, apoiando-se entre o revestimento. A água do chuveiro caía torrencialmente sobre eles. Ficou ali, deleitando-se da intimidade viril do seu marido, por longos minutos, controlando a sensação de fraqueza e uma leve náusea. Queria muito daquela noite.

— Vamos continuar na cama – pediu com a voz aguda, ao se levantar e o abraçar.

Em seguida, pegaram as toalhas e se enxugaram de modo atrapalhado e

rápido e seguiram para o quarto. Pingos de água se espalhavam pelos corpos mal enxutos.

— Você está quente essa noite, dona Su – comentou ele, puxando-a para seus braços.

Beijaram-se longamente e Max lhe oferecia o afago másculo e exigente, que parecia sugar sua essência por entre os lábios, tocando-a de maneira sensual e instigante, apertando os mamilos já muito sensíveis e massageando o clitóris úmido. Em seguida, ele a deitou na cama e a penetrou devagar. O peso másculo e ousado dele se espalhava por sobre o seu corpo. Solto um gemido forte. Os movimentos dele se intensificaram, batendo entre suas coxas, espalhando no ar o estalo do choque entre as carnes de ambos, o que era excitante. Teve receio de que Max fosse gozar e interrompeu a penetração.

— O que foi, amor? – indagava ele, como um gato languido enquanto afastava o torso dele de cima de seu corpo e alcançava a caixinha no criado-mudo.

— Use isso agora... – tentou falar com tom de exigência, e sua voz saiu esganiçada ao estender a prótese ortodôntica que ele usava para ferir Elisa.

— Está louca! Não... isso não – rebateu ele, com veemência, levantando-se da cama. — Tínhamos combinado. É um erro – a voz dele demonstrava tensão. — Vamos ter ajuda de um terapeuta com relação a isso.

— Eu quero muito e não é um erro. Venha, não quebre o clima.

— Não posso, Suna. Lembre-se da outra vez que extrapolei com você.

— Não ligo, venha. Por favor, eu quero muito. Desde que voltamos, passei a ter esse desejo. Nem que seja uma única vez, me machuque. Max, me fere como sempre quis... eu quero.

Ele a fitou com os olhos brilhantes. — Não sabe o que diz, brinca com fogo.

— Sei o que estou desejando. Venha – fitou-o com o olhar pidão, mostrou-lhe o pescoço, passando o dedo na nuca de modo sexy e abriu as pernas, como num convite velado ao sexo. — Não quero pedir nada, quero que me dê ordens. Quero que seja bruto e estúpido – sussurrou. Escutava a respiração ruidosa dele se intensificar e, da penumbra, vislumbrava o movimento angustiante de seu peito.

— Não se oferece assim, porque não vou resistir.

— Quero que ultrapasse limites, que me tenha inteira, totalmente.

— Nossa... uma única vez, Suna, e do meu jeito...

— Tudo do seu jeito, venha.

— Espere – ordenou ele.

Um frio percorreu a coluna enquanto Max foi no armário. Será que daria certo? Estava curiosa. Ele retornou com uma gravata na mão. Sobressaltou-se, mas nada indagou. — Sou sua, totalmente sua – afirmou com convicção.

— Vire-se, não verá nada... Seja boazinha – ela obedeceu e ele vendou seus olhos. — Vou fazer amor com você às cegas...

Após vendá-la, ele a puxou com rudeza e a beijou de modo guloso. Logo passou a sugar sua língua e lábios com muita força. Ele a colocou ajoelhada sobre as próprias pernas e se sentiu apreensiva. O que aconteceria? Não enxergar aguçava os sentidos. O coração apertou de ansiedade. Sentiu os dois dedos dele transitarem de modo suave em suas costas. Arrepiou-se por inteiro e a excitação era sentida entre as pernas molhadas.

Ele a empurrou pelos ombros. — Fique de quatro... – atendeu a instrução e um silêncio se perpetuava até sentir uma primeira sova nas nádegas. Max a estapeou diversas vezes e prendia o grito, pois temia que ele parasse. — Que linda! Toda vermelhinha... Ai, Suna, como queria te esfolar inteira – disse ele e massageou os seus glúteos. Aquelas palavras amedrontavam o coração. Arrepiou-se. Depois, sentiu-o mudar de posição e as expirações quentes resvalavam sob a pele das costas. Ele retirou o cabelo e parou sobre seu pescoço. Esperava a mordida, o sangue parecia correr nas veias como labaredas.

Quando menos esperava, ele a empurrou na cama e soltou um grito abafado de susto. Max a xingava dos mais levianos nomes e forçou a abertura de suas pernas bem mais do que tinha elasticidade, provocando dor e incômodo. Percebeu que ele mudou de posição na cama e o coração disparava apreensivo. Virou a cabeça de um lado ao outro, o corpo parecia prestes a explodir. Quando menos esperava, recebeu uma penetração virulenta, como se estivesse abrindo-a ao meio. Soltou um grito.

— Não é o que queria?

— Sim... – miou.

— Tome... – ele moveu-se com mais força e rapidez, fazendo-a gemer. Max apertou um de seus seios com tanta estupidez que teve vontade de chorar.

Os movimentos e os impropérios continuaram até que sentiu o rosto dele

se aproximar de seu pescoço outra vez. Acostumou-se com o incômodo e voltou a ser dominada pela euforia pelo que iria acontecer. Os mamilos enrijeciam, o ventre parecia prestes a estourar de uma expectativa leviana. Esperava uma mordida brusca a qualquer momento, mas ela não vinha. A respiração era curta. Ele a cheirava e passava a ponta da língua em sua pele. A dor e o prazer se misturavam numa dança louca dos sentidos. O coração disparava como um cavalo arredo, numa inquietação pelo porvir.

De repente, ele parou e a virou de costas, puxando com força o seu cabelo, fazendo com que sua cabeça se virasse. Sentiu a língua dele entrar em sua boca. Urrou outra vez e sentia seu sexo latejar excitado. Max voltou a penetrá-la de quatro e teve a impressão de que seu canal vaginal feria. Ele passava os lábios próximos ao pescoço e uma energia forte se concentrava na base do seu abdome, aguardando a grande mordida, porém, ela não chegava. Ele interrompeu a penetração, jogou-a estupidamente na cama e tornou a abrir suas pernas. Parecia que iria fazer sexo oral. Ele passou a ponta da língua no clitóris e gemeu alto. Quando começou a gozar, sentiu uma dor insuportável na virilha. Gritou, desesperada numa mistura de gozo e espasmo, grunhia incessante entre aquelas estranhas sensações.

— Não – rosnou ele, como uma ordem, quando sem perceber, estava com as mãos na venda.

Respirou rápido entre o prazer que se acalmava e o desespero, sem saber direito a insanidade que tinha concordado em fazer enquanto ele mergulhava os lábios em sua virilha, passando a língua em algum lugar que causava ardor. Com certeza, estava ferida. Ele voltou a morder o local com mais suavidade. Sua respiração se intensificou e o coração parecia um tambor.

Num impulso, colocou a mão na cabeça dele, que a rebateu num rápido movimento, quando se levantou e se jogou sobre seu corpo, prendendo suas mãos acima da cabeça e voltando a penetrá-la. Ele a beijou e sentiu o gosto do próprio sangue nos lábios dele. Não demorou e Max entrou em êxtase, soltando um grito animalesco, num gozo alto e despudorado. Depois, ele se manteve sobre ela. Nada disseram um ao outro enquanto escutava a respiração acelerada de Max. Assim que se acalmou, saiu de cima dela, retirando sua venda.

— Me perdoa... Isso foi horrível – disse ele com os olhos cheios de culpa.

— Não, não foi...

Max mergulhou a cabeça em seu peito. — Foi. Por que sou assim? Eu não

sei, eu não sei...

— Gostou?

— Isso não é pergunta – rebateu ele.

— Vou perder a minha perna – quis imprimir um tom de humor, mas, no fundo, estava preocupada com a ferida.

— Não – ele se levantou e foi olhá-la ao tempo que erguia o torço, curiosa.

Havia dois pequenos furos de meio centímetro cada e sangue coagulado ao redor, respirou aliviada. — Por que escolheu aqui? Pensei que tivesse tirando um pedaço.

— Porque ninguém vai perceber e você não vai se sentir marcada... Aqui embaixo só eu e você veremos.

Tornou a fitar aqueles furos e o rosto de Max com um pequeno fio de sangue perto dos lábios e uma onda nauseante a tomou. Levantou-se rápido e correu para o banheiro e ele seguiu em seu encalço. Vomitou e nada saía do estômago, além da bÍlis.

— Está usando qual anticoncepcional? – questionou ele com os braços ao redor de sua cintura.

Um frio subiu a coluna. Pensou em mentir. — Nenhum – Max descobriria.

— Está grávida, Suna – ele se exasperou e a pressionou contra seu corpo. — E eu fiz isso com você agora. Meu Deus, não te mereço. Nem mereço essa felicidade.

— Não acho que esteja grávida, imagino que foi por causa do sangue – ela queria se enganar.

Max a virou para ele e a ergueu, sorrindo e eufórico. — Deus, vou ser pai! Não podíamos fazer amor desse jeito... – ele a colocou no chão de novo e a beijou. Quis refutar o contato, pois havia vomitado, mas ele insistiu. — Deixe de ser boba. Agora vamos nos limpar e depois iremos numa emergência fazer os exames, é rápido.

— Não! Não vamos sair, tínhamos combinado, por causa das ameaças. Eu... eu também marquei minha médica, na quarta-feira...

— Não esperarei tanto tempo – entraram no chuveiro juntos e ele a abraçou. — Meu Deus, como estou feliz! Eu sou o homem mais feliz do mundo com você – ele baixou e beijou seu ventre.

— Pode não ser, não vamos comemorar agora...

— Suna, você é louca. Não podíamos transar como fizemos, ficará de repouso.

Não sabia o que dizer, nem o que pensar. Tinha medo dos próprios pensamentos. Afinal, toda aquela permissão a Max não havia sido nada, exceto pela expectativa de uma mordida. Além disso, desconfiado de sua gravidez a cabeça dele viraria um inferno de medo e culpa.

Ele voltou a mirá-la. — Isso que aconteceu hoje, não vai voltar a acontecer de novo.

— Foi menos pior do que imaginava... – confessou.

— Ainda assim. Você é a mulher da minha vida, a mãe de meu filho.

— Pare, Max não sabemos.

— Está sim, eu sinto... – ele falava sem conseguir esconder o riso. — Agora se prepara para o ardor – ele ensaboou a mão e a passou em sua virilha e pernas, fazendo-a soltar um gritinho...

Infinitas galáxias

31

Os dias de Vicente Max e Suna se tornaram uma balança, em que o fiel se alternava de um lado a outro, ora envoltos de temores, ora, de felicidade. Afinal, um teste rápido de farmácia, realizado no domingo, havia confirmado que ela estava grávida. Os olhos de Max se encheram de lágrimas ao mirar as duas listinhas rosa da fita. Por alguns segundos, não disseram nada um ao outro, até que ele caíra numa mistura de choro e gargalhadas, abraçando-se. A reação dele a fizera chorar como se não houvesse mais emoções no mundo.

E eram, justo, as emoções intensas que passaram a norteá-los. Não saía da mente de Suna o cuidado e o carinho que Max dedicava a ela. No instante em que havia entregado a fita do teste de gravidez, ele a deitara na cama, retirara a sua roupa, deixando-a apenas de *lingerie* e passara o restante do domingo, literalmente, acariciando e beijando sua barriga. É claro, além de ignorar as próprias excitações. Sentira-se a mulher mais importante e feliz entre as infinitas galáxias. Se ele já era homem presente e intenso, poderia confidenciar que se tornara exponencialmente maior o interesse dele em seu bem-estar. E aquilo a preocupava.

A pedido do marido permanecera em casa na segunda e na terça-feira. Se ficar de repouso o acalmava, resolvera atender aquele pedido. Também decidiram não contar a ninguém sobre a gestação até que mais algumas semanas se passassem e o imbróglio das ameaças e incêndios, ao menos, apontassem para alguma solução. Nos últimos dois dias, Max só saía para atender pacientes e voltara logo para casa. No tempo juntos, eles se acostumavam a ideia de que teriam um filho e seriam pais. Faziam planos e

tentavam decidir sobre nomes.

— Prefiro Gabriel, Mateus ou Pedro – sugerira Max. — E, para menina, gosto de Sofia, Ester, Isabella e ... Suna – eles riram. — Sério! Seu nome é muito lindo. Encho a boca para chamá-lo, nunca percebeu? – acariciara a face dele e o enchera de beijinhos.

— Desde quando é assíduo nas escrituras? – questionara ela e ele revirara os olhos, esboçando o sorriso. — Afinal, só escolheu nomes bíblicos, exceto o meu que é árabe. Nem sei onde minha mãe encontrou essa inspiração – observara. — Que tal João Vicente? Acho lindo.

— Se for menino, João Vicente, sério?

— Sim, quase igual ao pai...

Ele a envolveu nos braços. — E nomes femininos, o que sugere?

— Prefiro nomes pequenos, como June, Nina ou Luna.

— São nomes lindos. Luna parece com Suna, significa lua em italiano e espanhol – acrescentara ele.

— Sim. E significa iluminada, feminina... e em algumas variações, a deusa da lua. Também amo June, que é a deusa grega da bondade – explicara ela.

— Andou pesquisando, hein? A única certeza que tenho é que se for menina e parecer com você, vou estar em maus lençóis com duas teimosas e cabeças duras em minha vida...

Rira. — Ah! Se for menino ou menina e puxar a você, eu que não terei mais paz com tanto charme e *sex appeal* a seduzir potenciais parceiros por aí.

— Para com isso – sorrira ele e depois havia ficado sério. — Só não quero que seja como eu... com um lado obscuro dentro de si. Sempre tive medo disso... – o olhar dele parecera perdido.

— Agora você quem vai interromper esses pensamentos. Não tem lado obscuro, Max, tem um intenso jeito de ser. Além de que, é um homem seguro e inteligente. Se nosso filho ou filha herdar isso já estarei mais que satisfeita – concluíra com um estranho aperto no coração.

Abraçaram-se, reflexivos, sobre a cama. Mantiveram-se, por longas horas, descansando e sentindo a forte energia do amor que os envolvia, pairando, como uma imensa e translúcida bruma de luz. Tinham sido momentos reconfortantes, intensos, entre beijos carinhosos e afagos carregados de afeto, que forjavam no fogo invisível do amor os elos que os uniam, envolvendo seus corpos, corações, mentes e almas em longos cordões fortalecidos e inquebráveis. Não foram necessárias palavras para que fossem renovados os

compromissos e validados os fortes laços que os tornavam quase um só. Eram uma amálgama de peles, olhares, toques e energia.

Na segunda-feira pela manhã, havia ficado pronto o laudo de vistoria de seu carro, o que confirmava que houve um atentado. Pelo que disseram, um dispositivo tinha sido introduzido próximo ao reservatório de partida. Aquilo lhe causara calafrios, pois não se tratava de ações amadoras. Marcel dissera que a polícia estava vasculhando as imagens de câmeras situadas onde estivera no dia do incidente, em busca de pistas. O medo a importunava. E o fiel da balança oscilava.

Com o semblante triste, Dulce parecera desconfiada da presença de Vilma, a moça parruda da empresa de segurança. Mesmo que Vilma estivesse à paisana, Dulce era uma mulher inteligente e deve ter entendido o que acontecia, tanto que nada lhe perguntara sobre a presença da moça. E aquilo lhe partira o coração ao fitar o rosto da governanta. No entanto, na terça-feira, após dormir no início da tarde, de ressaca de suas náuseas, Dulce e Vilma pareciam ter engatado uma amizade quase de comadre, o que a deixara menos culpada.

Naquele quarta-feira, antes de sair para sua primeira consulta, arrumando as roupas no armário, a governanta a abordara. — Entendo o que está acontecendo, Suna – apenas fitara Dulce de modo apreensivo. — Espero que tudo isso passe e a vida volte ao normal. Também desejo que esse bebê venha alegrar ainda mais essa casa.

Aquelas palavras ditas, carregadas de emoção, fizera com que desabasse. Abraçara Dulce, choramingando. — Estou com medo. E me desculpe qualquer coisa. Estamos seguindo o que foi traçado pela equipe de segurança.

— Entendo, garota – ela afagara suas ancas, com os olhos vidrados e os músculos do rosto contraído, controlando a emoção.

— Como sabe que estou grávida?

— Desde quando é chorona e preguiçosa, a ponto de passar tardes na cama? – elas riram cúmplices. — Só uma gravidez para te frear – Dulce contraíra a face, como numa incógnita. — Vou formar no final do ano e quero muito você e doutor Vicente lá.

— Claro que vamos, Dulce... é claro.

Enfim, naquele momento, acabara de sair de sua primeira consulta pré-natal. Max iria acompanhá-la em sua ida à obstetra, contudo, por volta do meio-dia, ele havia passado uma mensagem, avisando sobre uma cirurgia de

emergência que precisaria fazer. Ficara um pouco frustrada, mas entendia a profissão do marido.

O exame de ultrassonografia apontava para uma gestação entre oito e nove semanas, em que já era possível escutar os batimentos cardíacos de seu bebê. Provavelmente, tenha engravidado logo que eles reataram, nos dois dias de amor, no quarto Afrodite. *Max vai gostar de saber disso*, pensou. Afinal, aquela nova vida, que pulsava dentro de si, surgira da dança de seus corpos, do sexo ardente que eles faziam. Apanhara uma cópia das imagens do embrião e do som do coraçãozinho para mostrar a Max.

Na verdade, foi aquele som ritmado e rápido, o bater do minúsculo coração, que irrigava um corpo que mal existia, que a fez ter uma noção concreta da sua realidade. A ficha caiu e gostaria de ter Max ao seu lado. O tamanho da responsabilidade a amedrontava. Carregava um ser que cresceria dentro de si e, posteriormente, nasceria, ficando à mercê de seus cuidados para sobreviver. Teria que alimentar, zelar, cuidar de suas dores e entender a linguagem daqueles lamentos.

Era como se o próprio corpo fosse capaz de se dividir, criando e cedendo espaço para uma outra alma habitar. Era um broto de uma rosa que vinha frágil e delicado, mas com uma força imperial e resignante, para desabrochar em beleza e suavidade; ou ainda, uma estrela robusta e misteriosa, que brilharia por milhares de anos, mas que nascia entre brumas nebulosas e instáveis. Aquilo era um milagre. E, por aquele dom, tornava-se uma mulher especial, dotada do poder da continuidade, de ser capaz de gestar e ser guardiã de vidas. Havia ficado muito emocionada.

Saíra do consultório atônica, com lágrimas de emoção entremeando os olhos. Vilma a acompanhava em silêncio. Entrou no *hatch* azul perolado, que Max já havia comprado e lhe entregara as chaves com o Documento Único de Transferência do veículo em seu nome. Era um automóvel confortável, leve e arrojado, além de ser uma delícia para dirigir. Ligou para o médico, mas ele ainda não atendia. Enviou-lhe mensagens, pedindo que fosse logo para casa, que queria muito vê-lo e que estava tudo bem com o bebezinho deles.

Pensou em procurar Maya, que assumira as obras de recuperação da Doces Amores, mas acabou desistindo da ideia. A amiga iria cercá-la de perguntas e tinha combinado com Marcel e Max de nada comentar. Respirou fundo e foi ao laboratório fazer o exame de sexagem fetal, para descobrir se esperava um menino ou uma menina. Acabou adiantando todos os outros, pedidos pela

médica, e que não precisava de jejum. Seu instinto começava a murmurar que esperava uma garotinha.

Após sair do laboratório, passou na farmácia e comprou as medicações prescritas, um complexo vitamínico e remédio para enjoos. Antes de sair do local, verificou o aplicativo do celular em busca de mensagem de Max, mas ele nem tinha lido as que enviara. O coração apertava ansiosa. Então, resolveu ir ao *shopping* fazer as primeiras compras para o bebê. Queria a opinião dele, mas depois concluiu que o deixaria feliz ao lhe mostrar algumas pecinhas de roupas, quando ele chegasse em casa.

Andou por várias lojas que nunca tinha entrado antes e foi inteirando-se naquele novo mundo que envolvia a maternidade. Comprou chocalho, chupeta, macacãozinho, camisetas e um tênis, no estilo All-Star, vermelho e bem pequenino. Escolheu também algumas fraldas de pano e mantinhas, todas na cor branca.

Sonhava acordada com o sorriso de Max ao assistir às imagens do ultrassom, escutar os batimentos e tocar nas roupinhas. Ele se emocionaria, iria querer comprar tudo que encontrasse para recém-nascidos. Por final, avistou um ursinho de tecido colorido e levou. Voltou a verificar o aplicativo e não havia mensagem, nem ele tinha visto as suas. Deveria estar enfrentando alguma complexa cirurgia.

Recordou-se da mãe e da avó. Havia ligado para dona Fátima, confidenciando sobre a gravidez, na segunda-feira. A mãe fez uma festa de tão alegre que havia ficado, no entanto, pediu que contasse apenas a sua avó, Bené, e guardasse segredo para as outras pessoas. A verdade era que não queria que Beatriz soubesse tão cedo. Tinha um receio bobo e sem fundamentos, pois Max continuava a bancar o tratamento dela e dos filhos, embora ela tenha escolhido passar mais tempo em São Sebastião, na companhia de Zé Kirin. Aos poucos, ele e Beatriz estavam reatando e o velho Kirin parecia ter remojado mais de dez anos. Desejava vida longa ao casal.

Quando chegou em casa, a tarde já partia e nada de notícias de Max. Começava a ficar preocupada. Pela enésima vez, observou o aplicativo do celular e ele nem tinha visto suas mensagens. Será que ainda estava no centro cirúrgico? Andou de um lado para o outro do quarto, sob os olhares atentos de Zazá. Vilma já tinha terminado seu turno e, como Dulce, tinha partido. Sentou na cama pensativa, colocou a gata no colo e acariciou sua pelagem tigrada. Ligou para um dos seguranças que acompanhava Max. Segundo o

rapaz, ele ainda estava no hospital.

Respirou fundo com estranhamento. Sim, sabia que Max enfrentava procedimentos de longa duração. Controlou o ar dos pulmões para que saísse do peito de modo lento e, com isso, se acalmasse. *Não, Suna. Nada demais aconteceu*, convencia-se. A equipe de segurança foi dividida em dois profissionais para cada um deles, além dos que se revezavam no acesso ao apartamento, por vinte e quatro horas. Vilma ficava diretamente com ela, mas os seus passos eram seguidos por outro contratado. Já Max contava com o acompanhamento de dois seguranças. Desde domingo, estavam vivendo daquela forma.

Levantou-se e organizou as compras do neném do lado de Max na cama, na expectativa da chegada dele. Colocou o ursinho colorido entre os travesseiros e o par de tênis sobre o macacãozinho branco. Executava cada movimento com calma, mas sua atenção estava no celular que mantinha grudado no cós da calça a espera que vibrasse. Concluiu a arrumação e a angústia aumentava. Outra vez, observou o aplicativo e um vazio frustrante se apossou do coração. Ligou para Diego, afinal, ele participava, como médico auxiliar, da maioria das cirurgias que Max fazia. A ligação chamou até cair na caixa-postal.

Foi na cozinha. Precisava se alimentar, a obstetra a tinha orientado. Olhou a panela com sopa sobre o fogão, deixada por Dulce, colocou-a no prato. Tomou algumas colheradas e regurgitou com a última. Uma sensação ruim se apossou do peito, correu até a pia, abriu a torneira, molhou o rosto, lavou a boca e gritou, sem dar atenção a Zazá que se abeirava de suas pernas. Lembrou-se do conteúdo do cartão do buquê de talos. Apanhou o celular e ligou para o setor de enfermagem do centro cirúrgico do hospital.

— Boa noite, sou esposa de doutor Vicente Maximo ... eu queria saber se ele ainda está operando?

— *Senhora, não podemos dar esse tipo de informação* – explicava a moça do outro lado da linha.

Fechou os olhos e teve vontade de xingar, então, recordou-se do nome de uma das enfermeiras de lá. — Gostaria de falar com a enfermeira Viviane.

— *Desculpe, senhora, não é o plantão dela hoje.*

— Quem é a enfermeira responsável? – a tensão só aumentava. — Por favor, estou precisando de notícias de meu marido...

— *Um momento...* – a moça parecia conversar com outra pessoa ao seu

lado. — *Desculpe, senhora... por favor, qual o seu nome?* – continuava ela.

— Suna, Suna Ferraz... Maximo – mentia, ainda nem tinha aquele sobrenome.

— *É... deve estar acontecendo algum mal-entendido, dona Suna... Doutor Vicente saiu do procedimento no início da tarde, daqui do Santa Efigênia. Talvez, a senhora tenha se enganado e ele esteja operando em outro hospital agora à noite...* – apoiava-se na bancada. Os seguranças esperavam Max naquele hospital.

Um calafrio subiu pela espinha. — Obrigada – tentava apertar o botão vermelho para encerrar a ligação. Finalmente, conseguiu completar outra ligação para o irmão, Marcel. As carnes tremiam. Tinha impressão de que poderia desmaiar a qualquer instante.

— Max desapareceu – conseguiu dizer num jato esganiçado de voz assim que ele atendeu.

— *Como assim?*

— Ele operou no Santa Efigênia, os seguranças estão lá, ele não. Eu mandei mensagem, ele não viu minhas mensagens – não conseguia falar com coerência.

— *Explica pausadamente, Suna, por favor.*

— Max sumiu, Marcel – gritou e caiu no choro convulsivo. — Max sumiu, faz alguma coisa, pelo amor de Deus – parecia estar sendo sugada por um buraco negro. Observou ao redor da cozinha e tudo girava.

Faltam teus olhos

32

Os olhos de Vicente Max se entreabriram e uma onda de dor se disseminou tanto na cabeça ferida, que latejava sob uma poça de sangue seco, quanto na carne machucada do corpo, devido aos socos e chutes que havia levado. As mãos estavam dormentes, amarradas uma a outra nas costas e os pés também estavam imobilizados. Sentia uma forte dor de cabeça e uma sede insuportável, mas não ousava pedir água.

Já era noite e a iluminação vinha apenas de uma lâmpada incandescente sustentada por um bocal e um fio no meio daquele casebre sujo, de piso de cimento. Evitou se movimentar para não chamar atenção dos homens que o sequestraram. Lembrou-se de Suna e o coração partia em milhares de pedaços e seus olhos marejaram. Esperavam um filho, o bebezinho que tanto desejou ter com ela, e não sabia se sobreviveria para carregá-lo em seus braços. Estava sendo ameaçado de morte a todo tempo. "Vai morrer, doutor de merda", escutara diversas vezes.

Quando havia chegado ao casebre e liberaram seus lábios, prometera dinheiro. Tinha falado em dar cem mil reais e levava socos. À medida que fora aumentando a quantia ofertada, mais tinha sido agredido, até que o empurraram. Perdera o equilíbrio, com os pés presos, batendo a cabeça na mesa, ficando desacordado.

Havia sido sequestrado no estacionamento do subsolo do hospital. Os homens foram rápidos. Assim que saíra do elevador, levava um soco no rosto e um deles tampara sua boca para não gritar enquanto outros três o seguravam pelos braços e quadril. Havia tentado reagir, mas eles o

dominaram, rápidos, violentos e preparados. Adesivaram os lábios com fita, amarraram os braços e pernas e o jogaram no fundo de um utilitário, que já o esperava.

Provavelmente, os seguranças particulares contratados nem viram o que lhe tinha acontecido, pois eles ficavam no estacionamento externo. Não queria que os colegas soubessem que utilizava serviços de proteção. Além disso, o Santa Efigênia tinha seu corpo de profissionais de segurança, mas que não estava lá, na hora do sequestro. Concluía que quem orquestrara aquilo não temia que aqueles homens fossem descobertos, pois logo dariam falta dele e investigariam as imagens.

Pelo canto do olho, avistou o catre, um balde e a mesa rústica com bancos onde três de seus algozes estavam sentados num silêncio gritante, observando os celulares. Mirou a fresta da porta fechada e sentia uma pequena rajada de vento quente e fétido. Deviam estar perto de algum esgoto. Desse modo, imaginou haver moradores nas redondezas embora não tivesse avistado nenhuma casa, quando fora retirado do veículo. O que mais o intrigava era quem financiava aquilo tudo. Uma grande desconfiança começou a pairar pela sua mente e passava a entender nuances que não havia notado antes. Fora um idiota.

— Ele está chegando aqui – comentou o alto e forte homem que parecia liderar o grupo de agressores. Ele devia referir-se ao arquiteto daquela empreitada. Era alguém com dinheiro. Por mais que não quisesse acreditar naquilo, tinha uma forte intuição sobre quem atravessaria a soleira da porta. Sentiu-se um imbecil por ter confiado tanto.

— Quem? – sussurrava o mais magro com o bigode e a barba finos.

O outro fungou e nada respondeu.

— Só espero que esse Ele, em quem você confia, tenha mesmo todo o dinheiro prometido – sussurrou o careca e forte.

— Não duvide. Quando dermos fim nesse *playboy* aí... – apontava para Max. — ... cada um receberá sua pequena fortuna.

Fechou os olhos com o coração acelerado. Pensou em Suna, no tanto que a amava. Seu coração chorava. Queria muito estar com ela, acompanhar aquela gravidez, assistir à barriga crescer. Não queria perder o brilho e beleza do rosto e do corpo dela, o riso sincero, os beijos carregados de entrega, a sua presença graciosa, a energia vibrante... *Quanto de teus olhos me faltam, Suna! Meu espírito nunca descansará em paz*, pensou num arroubo de

pessimismo.

Sentiu duas lágrimas escorrer pela face. Acreditava em vida após a morte e se morresse daquela forma violenta iria sofrer uma eternidade no purgatório, sofrer de amor, martirizar-se por ter permitido aquela situação, por ter sido ingênuo. Pôs a testa no chão e se arrependeu, uma explosão de dor se concentrou na cabeça. Fechou os olhos. Por outro lado, tinha certeza de que era melhor que ele fosse sacrificado do que Suna, machucada.

— O doutor borra-botas acordou – o homem alto e forte percebeu seu movimento e se levantou do banco, derrubando-o. Foi até ele e lhe deu um pontapé no estômago. O ar faltou por vários segundos, estatelado pela onda daquele impacto. Quando voltou a encher os pulmões, gritou. — Ninguém vai escutar... seja macho, seu filho da puta, sua hora *tá* chegando.

— Não estão sendo humanos... – disse ainda dolorido, com os músculos do rosto contraídos. O homem puxou seus cabelos a ponto de levantar parte do torso do chão, grunhia com os dentes cerrados. Em seguida, o algoz soltou seu corpo e bateu no chão. Respirou rápido, recuperando o fôlego para tolerar as dores.

— Quem lhe disse que somos gente... – eles riram.

O fim parecia se aproximar e uma forte energia se concentrava na base do abdome. Podia ser medo, mas não temia a morte, só a receava por afastá-lo da mulher que amava e do bebê que ainda nasceria. Sim, aquela sensação era a adrenalina circulando na corrente sanguínea, elevando o estado de alerta, atenuando as dores das agressões e deixando-o pronto para escapar na primeira oportunidade. Lutaria até o fim, daria muito trabalho para aqueles desgraçados.

Escutou o barulho da porta abrindo e avistou os sapatos caros de couro, estalando sobre o piso sujo e desigual. Não precisava erguer os olhos para saber quem estava ali, usando aqueles calçados elegantes. De repente, a culpa e o pesar se disseminaram pelo corpo. Havia sido um tolo em lhe dar tamanha confiança, considerá-lo como grande parceiro e até irmão e em permitir que conhecesse suas fraquezas e soubesse sobre o grande amor de sua vida. Aquela pessoa havia atentado contra a vida de Suna, esteve todo o tempo financiando os atos de Dante e de Mércia, embaixo de seu nariz. *Como pôde ser tão estúpido?* Parecia que vozes, em coro, reverberavam aquela frase em sua mente.

Ele entrou e foi seguido por outro de tênis puído, provavelmente, o quarto

homem que participara do sequestro. Continuou com os olhos estáticos acompanhando a barra da calça de tecido fino, suja de lama.

— Max, não tem ideia como imaginei esse momento... — continuava com o olhar fixo no chão. — ... pensei em como abordá-lo, doutor Vicente Maximo, mas a melhor forma é sendo mesmo direto. Enfim, aqui é sua linha de chegada, meu irmão. Não será mais o grande cirurgião de destaque, que opera de graça aos fins de semana, tão aplaudido por todos, tão admirado! Nem aquele que desprezou convites e mais convites de hospitais no exterior, ao longo da carreira — disse Ele com a voz emplumada. — Não será mais condecorado, nem os pobrezinhos daquele hospital malcheiroso vão lembrar de você em seis meses — Ele andou em sua direção e os sapatos refletiam a luminosidade do casebre e a podridão que exalava daquele homem que tratou como grande amigo e colega. Sentia-se culpado, derrotado e burro, mas não vencido. — Também, doutor Vicente Max... — ele deu destaque ao seu nome. — Não irá mais seviciar e sangrar mulheres... nunca mais sua boca imunda tocará em qualquer uma, nem naquela insossa que diz amar.

— Nada sabe sobre amor, nada sabe... Nunca imaginei que fosse louco... — rasgou reflexivo sem fitá-lo. — ... nem que me invejasse a esse ponto.

— Aí que se engana, mano. Não te invejo. Você cruzou o meu caminho, tomando o que me pertence. Veio de São Paulo, ocupando o espaço que seria meu... roubou minhas vagas de trabalho, o posto de melhor neurocirurgião do estado e do país, o que resulta em ter se apossado de meu dinheiro, de meu reconhecimento e minha grande reputação.

Ergueu um pouco rosto pasmo com o que escutava. Deveria ter dado ouvidos a César, que sempre esteve coberto de razão em suas desconfianças. Seus olhos, então, cruzaram com a íris malévola de Diego Pio.

— Só peço que deixe minha mulher fora de seu radar de maldades.

Diego riu de algo que só ele próprio achava graça. — Sua mulher? É insossa, mas é bonita, serve para fachada. Você mesmo a usou — o tom de desdém era intruso, louco e odioso. — Acho que me casarei com ela. É claro, quando passar o luto por sua morte — mais uma vez ele ria. — Afinal, sou seu melhor amigo, depois do imbecil do irmão dela. Aliás, Marcel, aquele advogadinho de merda, é outro que se considera um ás da inteligência e nunca percebeu que eu ia direto no escritório acompanhar o que ele fazia para você, escutar e esmiuçar sobre acontecimentos...

Fechou os olhos e uniu as sobrancelhas. Se morresse, Diego iria querer

criar o seu filho. Ele desejava apossar-se de tudo o que era seu, prestígio, dinheiro e até conquistar a sua mulher. Sentiu o desespero assaltar os sentidos, mas nada deixou transparecer. Diego era um psicopata e nunca tinha se dado conta.

— ... aí, nessa amizade com Marcel, descobri sobre a agonia e desespero dele por Suna, a irmã branquinha e perdida na história. Investiguei, antes mesmo que ela fosse a escolhida por você, Max, para o casamento de fachada. Lembra-se de quem sugeriu Suna? Eu. Eu sou um grande mentor... recorde-se também que fui eu quem mais insisti para que o casamento fosse uma forma de proteção para você – Diego dava eloquência aos seus feitos. — Por outro lado, fiz minhas investigações e descobri sobre a vida de Suna e cheguei a Dante, no cara que se escondia de todos. Também instiguei a puta da Mércia a te perseguir, pois ela é apaixonada por você e queria vingança... – ele gargalhou e depois ficou sério. — Enfim, só não consegui de Marcel algo que tanto quis para te destruir, que era uma cópia do contrato assinado, ou qualquer outra prova de que fidelizava mulheres e machucava seus corpos. Tentei descobrir o endereço dessa Elisa para convencê-la a te denunciar à imprensa e te processar na Justiça. Mas não consegui nada, mesmo tentando segui-la de lá do *flat*, não é Miguel? – o grandalhão que o havia chutado, apenas meneou a cabeça em direção a Diego. — Meu amigo, só que graças a minha esperteza te convenci a casar com Suna – enfatizou. — Precisa me agradecer, Max... sou um grande cupido – mais gargalhadas estúpidas. — Imaginei que fosse abusá-la e que isso afetaria a amizade entre você e Marcel, assim, ele mesmo o destruiria. Contudo, não contava que Marcel fosse um idiota amigo-fiel e você fosse se apaixonar pela princesinha – zombava Diego.

Queria explodir e trucidar aquele bandido, mas sua situação era a pior de todas, dominado, machucado, amarrado, jogado no chão. — O que quer que eu faça para acabar com isso? Dinheiro? Quer que eu saia do país? Faço isso e deixo o caminho livre para você... – sugeriu, buscando o equilíbrio, tentando encampá-lo em alguma ideia diferente de o matar.

— Mano, teve todas as chances para evitar que a situação chegasse a esse ponto – Diego se exprimia com convencimento. — Não percebe o tanto que fiz para que sua vida íntima fosse exposta e você perdesse sua reputação, sem que fosse necessária essa situação aqui? – ele abria os braços. — Não vê o tanto que me esforcei para salvar a sua vida? Depois que a burra da Mércia

foi pressionada e Dante preso, resolvi recolher meu plano para que a situação esfriasse. E você ficou de boas com a amada. Que maravilha, não foi? Veja, ainda te aconselhei a aceitar a proposta de ir para Boston, mas... não me deu ouvidos. Apenas se comportou como a gatinha obediente de Suna – Diego se aproximou mais.

— Você quem provocou o incêndio na confeitaria e fez a acusação recair sobre mim. Além disso, tentou matar Suna, provocando um incêndio no carro dela – concluía o que já era óbvio. — ... ainda mandou aquelas buquê odioso.

Diego ria. — Gostou? – gargalhou mais alto. — Nunca quis matar Suna, foi só um susto. Enfim, enfim, meu caro Max. Fui muito bom, cara. Ajudei a casar com ela e te dei conselhos e mais conselhos para ir para fora do país. Olha, e já tinha meu plano engatilhado, mano, fiquei esperando que zarpasse antes de executá-lo. Os incêndios foram os últimos avisos... Agora, você não foi inteligente, não foi esperto... o que me resta?

— Entender que o que está fazendo é uma grande loucura e ainda assim, posso deixar passar em branco. Irei embora. Você nunca mais escutaria falar em mim.

Diego zombou. — Muito tarde. Olha onde chegamos? Aqui é caminho sem volta, infelizmente. Mas prometo que terá um fim digno – Diego virou-se para os homens atrás de si. — Coloquem o doutor Vicente Max sentado na mesa, com as mãos livres, ele vai fazer transações bancárias para nós...

Ficou em alerta. Aquela poderia ser uma chance. Os homens o levantaram do chão enquanto Diego ordenava, ao que havia chegado com ele, que fosse buscar algo no carro. Parte do corpo estava dormente. Quando soltaram suas mãos, parecia que não as tinha mais, observou os pulsos feridos e os dedos inchados. Mirou a porta, mas o grandalhão estava com um revólver apontado para ele e o careca, com outra arma na cintura, e não conseguiria ir muito longe com os pés amarrados. Não criou resistência e caminhou, em passos curtos, para perto da mesa onde estava Diego, que puxou o banco.

— Sente-se aí, fera – disse Diego, apoiando levemente o seu ombro, quando se instalou no banco. Teve vontade de socar a cara dele.

Estava consumido pelo ódio. Havia sido ludibriado por anos. Conhecera Diego logo que chegara a Salvador. Era um bom cirurgião e aceitara integrar a sua equipe. Desde, então, tornaram-se parceiros e amigos. Confidenciava-lhe sobre sua vida, saíam e curtiam a noite juntos, nas ocasiões em que estivera solteiro. Nunca imaginou que ele pudesse ser doente, cheio de

ressentimento e inveja daquele jeito. Diego queria sua vida e agora a tinha. Aquela situação era limite, ainda assim, mantinha-se firme. Olhou os dedos com as pontas arroxeadas enquanto Diego abria o seu *notebook* e lhe virava a tela para que fizesse *login*. Soltou o ar de modo profundo, digitou com dificuldade e pôs o dedo no leitor de reconhecimento. O *software* iniciava a abertura da tela principal.

Diego colocou um modem de acesso à *internet*. — Pronto. Está um pouco lento, mas o sinal é bom. Estou entrando no aplicativo de seu banco. Preciso que transfira seus fundos para uma *offshore* no Panamá.

— Não tenho muito recurso aplicado – na verdade, tinha uma boa reserva, mas não podia entregar para aquele insano. Era para o futuro de Suna e seu filho.

— Claro que tem. Recebe os dividendos da Lumax e ainda tem sua receita pessoal.

— Emprego em caridade, sabe disso. Financio instituições. E já me desfiz dos últimos dividendos.

— Cara, sua morte pode ser complicada caso não colabore.

— É o que tenho Diego, raspe minha conta e algumas aplicações. Além disso, numa hora dessas, as maiores transferências não podem ser feitas por aplicativo. Preciso falar com o gerente amanhã de manhã – algo começava a vislumbrar na sua mente.

— Não dê uma de esperto. Quero agora.

Percebeu os olhares preocupados dos homens, exceto de Miguel. Um deles, o mais franzino de barba e bigode finos o fitava curioso. Provavelmente, Diego deve ter prometido a eles que a maior parte do dinheiro sairia de sua conta, com o sequestro.

Diego notou sua dificuldade para teclar e torceu o nariz. — As mãozinhas de fada, não é, doutor? Tão precisas e hábeis em cirurgia! Só que não necessitará mais delas, não terão serventia – ele afirmava e um frio subiu a coluna, suas mãos eram suas ferramentas preciosas de trabalho.

Acessou a conta e abriu a menor aplicação. Por sorte, a maior parte de seu dinheiro estava em fundos que não apareciam no sistema do banco. — Tem esse valor – apontou.

Ele olhou a tela. — Não aceito. Onde está o restante?

— Expliquei. Não existe e outra coisa, não posso transferir agora. Só falando com o gerente.

Diego puxou o *notebook*. — Deixa-me digitar os números aqui e verificar o que é possível fazer agora. Você diz a senha para mim — Diego levou alguns segundos e pediu a senha. Disse uma errada e ele não conseguiu fazer a transferência. — Bata nesse miserável. Sabe que está errada e ninguém aqui está para brincadeira — num átimo de segundo levou um soco no rosto tão forte que caiu do banco, o sangue descia pelo nariz, empapando a barba. Mesmo assim, o franzino e o careca seguraram seus braços e Miguel o socou na barriga.

— Diga a senha correta ou Suna sofrerá por sua indolência — Diego ameaçou com veemência. Teve medo. E acabou revelando os números e letras.

Diego demorou algum tempo usando o aplicativo e depois se levantou. — Meus amigos, vamos motivar Max a falar direitinho com o gerente amanhã. Mas se não der, não tem problema... Esse filho da puta escondeu o dinheiro dele de mim. Vai morrer, Max, e não vai ser rápido — Diego gritou ameaçador. — Primeiro as mãozinhas.

Uma onda de medo assolou os sentidos quando viu Diego tirar um estojo com instrumento cirúrgico de dentro da pasta, onde estava o *notebook*. Tentou resistir, gritou, mas eles colocaram e prenderam sua mão esquerda sobre a mesa. Diego iria amputá-la, teve certeza. Virou o rosto e se preparou para o primeiro lastro de dor. O monstro entrou em fúria, gritando xingamentos a seu respeito e fazendo voar um banco sobre sua mão. Solto um berro e, também, sentiu alívio por não ter sido como imaginara. A mão latejava.

— Vai passar a noite sofrendo... sofrendo não, morrendo. E se amanhã não estiver com a boa voz para falar com o gerente de sua agência, arrancarei membro por membro com você vivo, seu filho da puta. Vai implorar para eu te matar — Diego explodia com impetuosidade. Veio até ele, que não tinha se recuperado da pancada na mão, e enfiou o bisturi no fígado e retorceu.

A dor dilacerante o atingiu. Urrou exasperado. A mente entrou em confusão. Diego saiu e dois dos homens o pegaram e levaram até a cama rústica. Aquele pequeno conforto foi suficiente para reorganizar a mente, talvez tenha apagado por alguns segundos. Mas seu estado de alerta voltou. A mão estava quebrada, observou o abdome e, pela camisa, percebia que não sangrava, mas sabia que estava com hemorragia interna. Diego deve ter atingido alguma artéria secundária do fígado. Perdia sangue e, em doze horas,

estaria morto.

Os homens haviam saído para fora da casa. Depois, escutou o som de um carro partir. Buscou forças de onde não tinha e sentou na cama. Com a mão direita, tentava liberar os pés. A ferida na barriga latejava e o movimento fez com que sangrasse mais um pouco. Conseguiu afrouxar a corda e quando ia puxando-a, dois dos homens retornaram, o franzino e Miguel, que empunhava o revólver em sua direção.

— Tá fazendo o quê, seu filho da puta – Miguel partiu para cima dele com a arma apontada.

— Calma, calma. Precisamos dele. Você está nervoso, me dê esse berro aqui – o franzino tomou a arma de Miguel. Numa fração de segundos, ele olhou o tambor, apontou para a cabeça do outro, que expressou um misto de surpresa e susto, e só escutou o estampido e o corpo tombando no chão. Miguel, o homem de confiança de Diego já caíra morto. Ficou em choque, sem reação.

O rapaz franzino se voltou para ele. — Sua sorte virou, doutor... – o rapaz lhe sorriu de um modo até ingênuo, colocando a arma na cintura. — Não tá lembrado de mim? Merreca, do assalto na casa de Dante.

Max colocou a mão direita na testa ainda assimilando o que havia acontecido. Teve vontade de abraçar e beijar o rapaz, mas, por segundos, só conseguia olhar o corpo inerte de Miguel, com parte da massa encefálica exposta, e para Merreca. A imagem de Suna grávida vinha em sua mente e tinha certeza que estariam juntos de novo. Não era o seu fim. Estava ferido gravemente, mas tinha suas chances.

— Meu Deus! Obrigado... – finalmente desabafou, literalmente, prendendo o choro. Nunca pensou em agradecer por uma morte, pois trabalhava para salvar vidas.

Merreca revistava o bolso de Miguel e apanhou uma chave do carro. — Sabe que estou na condicional, precisa me ajudar, doutor. E ajuda boa, salvei o senhor.

— Claro, terá tudo que precisar... dinheiro, advogado, tudo. Me ajuda a sair daqui. Preciso de um hospital urgente – sentia-se fraco.

— Venha – Merreca foi até ele e o ajudou a se livrar da camisa e da corda dos pés. Pressionou a camisa no abdome cortado e, apoiado em Merreca, caminhou para fora do casebre. — O senhor também operou uma tia minha no Santo Antonio. Ela tinha uma laranja na cabeça.

— Eu opero muita gente lá, não recorde dela... é ... sua tia tinha um tumor... — olhou perdido ao redor. — Onde estamos? Que horas são?

— Tia Tonha ficou bem, quer dizer, anda com um lado paralisado, sabe como é, mas ela tinha sido desenganada — Max assentiu e Merreca continuava a falar. — Vamos rápido porque eles vão voltar. Estava procurando um momento para salvar o doutor, porque aquele lá é pinel, doidão da cabeça — Merreca falava enquanto abria o utilitário e ele entrava. — Já passa da meia-noite e estamos nas matas de Mata Escura, conhece?

— Sim... sim — sentia as forças se esvaindo. — Tem o contato de César? Liga para ele, por favor, e conta o que aconteceu. Diz que o nome do culpado é Diego, Diego...

Suspiro final

33

Suna olhava o movimento de César e Marcel ao telefone e contava com o apoio de Maya ao seu lado, tentando confortá-la, afagando sua mão. Contudo, o medo era solitário, frio e angustiante, queimava os âmagos mais profundos como o ácido corrosivo, revirando as expectativas, transformando a esperança em noites escuras. Temia por Max, queria-o de volta.

Faltavam lágrimas para chorar o sofrimento naquelas horas, minutos e segundos dramáticos. Chamara Dulce, pois tinha certeza que ela nada tinha a ver com que acontecia de ruim na vida deles. Ainda assim, sentia-se desamparada, sem norte, sem rumo. Não era muito religiosa, mas apanhara seu terço que a acompanhava desde a adolescência e rezara dezenas de pai-nossos, rogando por Max.

Tinham acabado de voltar da delegacia e a polícia já tinha começado a vasculhar a cidade em busca dos homens vistos nas filmagens e que haviam sequestrado Max, procuravam também o veículo utilitário em que ele tinha sido levado. Queriam ter continuado na delegacia, mas foram orientados a retornarem para casa e aguardar qualquer contato dos sequestradores. Marcel também tinha colocado a equipe de segurança particular para investigar sobre o paradeiro de Max. César acionara o pessoal que ele conhecia. Desconfiava que aquele não era um sequestro comum. O seu celular não iria tocar, nem o telefone fixo e aquela impressão era extremamente devastadora.

Dulce chegou na sala com uma bandeja com café e biscoitos e colocou na mesa de centro e lhe entregou uma fumegante xícara de chá de camomila.

— Precisa tomar, Suna — disse a governanta, quase como uma ordem. —

Tenho certeza de que tudo dará certo no final. Tenha fé, minha querida – segurou a xícara trêmula e escutava o tilintar da louça. Dulce tomou de sua mão, sentou-se junto a ela e levou a xícara aos seus lábios. Ali só Dulce sabia de sua gestação. Nada contou aos outros, pois não queria tornar os momentos ainda mais difíceis.

— Respira fundo, Suna, pausadamente. A respiração ajuda a acalmar. Como Dulce, também tenho a intuição de que Max vai voltar logo – dizia Maya, mas sabia que as duas estavam apenas tentando amenizar a sua dor.

— Quero muito que seja verdade... não vou suportar... – uma ligação que César recebia chamou a sua atenção.

— ... Onde? – disse ele e depois escutava a resposta. — Graças a Deus – César falava alto e Suna prendeu o ar, negando-se a tomar a bebida. — O quê? Sabia que tinha sido esse filho da puta... Como ele está? – silêncio, o que parecia uma eternidade. — Okay... Está em que carro? – mais um tempo. — O mesmo do sequestro? Na BR? Fica ligado no celular e não reaja, pois a polícia já está buscando esse carro.

— Gente, o que foi? Max apareceu? – acabou por quase gritar.

— Calma, Suna, deixa César terminar – pedia Marcel. Sentiu as mãos de Dulce e Maya pressionarem suavemente seus braços.

—... não, Merreca, você está com Deus agora, meu amigo. Confia em mim? Fez o certo. Não vai te faltar nada e nem vai perder sua condicional, calma. Já já te ligo de volta.

César desligou afobado e fitou Marcel. — Precisamos enviar uma ambulância para buscar Max na estrada – César abraçou Marcel e eles lhe deram as costas, passando a sussurrar um com o outro.

— Nem pensem em me deixar de fora – reclamou, levantando-se estabana. — O que aconteceu com Max?

— Calma, Suna – pediu Maya. — O tempo pode ser crucial – a amiga a puxou de volta ao sofá enquanto os dois homens continuavam a cochichar.

— Max só pode estar ferido – concluía nervosa.

— Vamos ajudar no que for possível, mas não podemos atrapalhar. Venha cá – Maya a abraçou.

Marcel e César se afastaram. O semblante de Marcel assombrava. — Vou providenciar uma ambulância e encontrar com eles na estrada – disse César e já foi telefonando. — Decidam o melhor hospital e me avisem – pedia César e mudava a atenção para a ligação. — Preciso de uma ambulância com

equipe agora, na rodovia. É particular... – ele falava enquanto saía do apartamento.

— O que aconteceu? – indagou e caiu em prantos. César saiu e Marcel veio em sua direção.

Dulce a afagou. — Controle-se! Se perder o bebê, deixará doutor Vicente muito triste. Ele quer vocês bem – ela murmurou em seu ouvido, como se confidenciasse um segredo.

Marcel se aproximou e se agachou, tocando seus joelhos. — Suna, a história é longa. Max foi ferido. Enfim, tudo isso foi provocado por Diego – arregalou os olhos diante do estresse de Marcel e do que escutava. — Não sabemos muito. Precisamos agora decidir o melhor hospital para ele. Consiga o telefone de Paulo Sarmiento, que é médico de confiança e pode sugerir o melhor lugar para levá-lo.

Apanhou o seu celular, procurou o número do diretor de hospital e entregou para Marcel. — Vindo da rodovia, o mais equipado é o São Mateus... – sugeriu ao tempo que segurava as mãos de Dulce e Maya, sentadas ao seu lado, e começava a orar baixinho.

Marcel conversou com Paulo. Escutou quando ele informava que Max havia sido ferido no abdome com objeto cortante, estava com a mão e a cabeça também machucadas. Ouviu Marcel contar que ele vinha de Mata Escura, um dos últimos bairros da cidade.

Em seguida, ao concluir a ligação, seu irmão ligou para César. — Vamos para o hospital São Mateus. Encaminhe Max para lá... – ao finalizar a ligação, o irmão voltou-se para elas. — Paulo enviará uma equipe de médicos para cuidar de Max, vamos para o São Mateus também.

Durante o trajeto, Marcel contou o que um tal de Marreca, que salvara Max, dissera ter acontecido. Ainda não tinha digerido que o sequestro de Max tivesse sido planejado por Diego, com isso, os outros incidentes devem ter sido arquitetados por ele também. Contudo, naquele momento, o que mais queria era encontrar Max, sem se importar para as motivações insanas de Diego.

O coração ora parecia apertado, ora esfarelado em formas estranhas e pontiagudas que machucavam a alma. Max era a sua vida, o seu sol e ela orbitava ao redor dele e dependia daquele vigor para se alimentar e sobreviver. Até quando esteve possuída de raiva, o imaginário de Max, a sombra de sua existência, mesmo que distante, tinha sido essencial para que

continuasse e resistisse.

Não vislumbrava viver sem a íris escura e brilhante daqueles olhos misteriosos e sugestivos, ou o sorriso extenso e cativante de Max, ou sem o jeito másculo e, muitas vezes, grosseiro de ser. Não viveria sem a sua impetuosidade, esperteza e presença sagaz. E o filho que esperava simbolizava muito, era o resultado de um amor intenso, de uma paixão avassaladora que vencera as decepções e os enganos. Depois de tudo, não iria ficar sem ele. Precisavam lutar e iriam sobreviver a mais um ato ardiloso que recaía sobre sua família. Ele, ela e o bebê iriam superar aquela situação.

Fitou para Marcel ao volante e tomou uma decisão. — Marcel, Maya... — chamou-os. — Tenho algo para contar a vocês.

— Já estamos quase chegando, o que foi? – questionou Marcel.

— Estou grávida de dois meses... – seria um momento de alegria, mas não havia espaço para contentamento, com Max correndo risco de vida.

— Que maravilha, Suna... Max já sabia? – indagou Maya.

— Sim, descobrimos no domingo, fui ao médico hoje.

— Parabéns, minha irmã. Queria que as circunstâncias fossem outras – disse Marcel com um semblante surpreso enquanto procurava uma vaga para estacionar.

Após saírem do carro, Marcel a abraçou e, apoiando no seu ombro, seguiram até o acesso à emergência. Maya vinha atrás com Dulce. Pairava um clima estranho entre Maya e Marcel, parecia que haviam rompido, porém não tinha condições de especular sobre isso com a cabeça atordoada de preocupações. Ficaram na entrada principal do pronto atendimento e logo chegou Paulo Sarmiento, um senhor careca, médico e diretor de um dos hospitais em que Max operava, na companhia de mais dois outros médicos, que os cumprimentaram.

Longos minutos se passaram até César ligar, informando que estava perto do hospital. O bater de seu coração se intensificou, as mãos gelavam e suavavam ao mesmo tempo. Não demorou, escutou a sirene da ambulância, ao longe, aumentar de intensidade. Mais alguns segundos abissais, avistou o giroflex azul e o veículo sendo guiado com destreza e velocidade. Quando parou, na rampa de acesso, o fundo foi aberto rápido, César pulou de lá. Adiantou os passos, Marcel segurava seu avanço e viu Max ser tirado da maca, lívido e desacordado. Mesmo com o corpo coberto, o rosto machucado e inchado foi o indicativo do horror que ele havia sido submetido.

— Ai meu Deus! — era tudo que conseguia dizer, com as mãos encobrindo os lábios, em choque. Tentava movimentar-se para próximo dele, mas os médicos o cercaram e levaram para dentro da emergência. — Preciso vê-lo — implorava com a voz embargada.

— Levem Suna para a sala de espera — pedia Marcel a Maya e Dulce.

Chorava em busca de forças e algo dentro dela gritava que precisava parar e ser forte. Logo o choro foi engolido por sua alma triste e reflexiva. *Enquanto ficar entre lágrimas e lamentos, não conseguirei passar a força necessária para que ele se recupere*, concluía. Controlou-se para o bem do bebê e foi respirando lentamente sem conseguir livrar-se da imagem de Max quase morto, tinha que admitir. Puxou o ar com mais força e se levantou.

— Suna, fique aqui... — Maya tentava convencê-la.

— Não adianta, preciso de notícias de meu marido — mirou Dulce e a governanta não conseguia esconder o abalo e as lágrimas que lhe brotavam. Foi até ela e a abraçou. — Vamos conseguir. Ele vai ficar bem — consolou a governanta.

Começou a caminhar em direção aos biombos de atendimentos e Maya a seguiu. — Estou bem, May. Quero ir só, por favor — a amiga fitou-a nos olhos e desistiu.

Se, naquele momento, era na tristeza e no lamento que iria tê-lo, enfrentaria esses sentimentos para ter o homem que amava próximo a si. Encontrou Marcel, que havia sido impedido de entrar. — Não adianta, ele já foi levado para o centro cirúrgico. Está recebendo sangue. Os melhores médicos estão com ele — abraçou o irmão e mesmo com a alma em prantos segurou as lágrimas.

César estava do lado, em seguida, Paulo Sarmiento veio até eles. — A situação de Max é crítica, mas ele é forte — disse o médico sem rodeios olhando nos seus olhos. — Nada está perdido... ainda não sabemos a extensão dos danos e ele está nas mãos dos melhores cirurgiões gastroenterologistas. Ele também vai passar por exames de imagens para verificar as pancadas na cabeça e a lesão da mão, mas primeiro é preciso estabilizar a hemorragia.

As palavras de Paulo Sarmiento chegavam como facadas ao peito, cada uma a atingia mais e mais fundo. Contudo, conseguiu se controlar. Precisava permanecer forte. Precisava ser de aço. Paulo se foi para a área de acesso

restrito com um semblante triste e César se aproximou.

Fitou-o com olhos suplicantes e César a observou complacente. — Como agora é esperar, vou cuidar da vida de Merreca e ver se encontro esse desgraçado do Diego porque a polícia é muito lenta – afirmava César.

— Não faça nada que te prejudique – alertava Marcel.

— Eu disse que farei alguma coisa? Não escutaram nada – César mirou-os com aspecto cansado e aborrecido. — Mas tenho gana daquele safado há muito tempo. Ficava enfiado lá em seu escritório, olhando suas coisas, escutando...

— Nós erramos. Eu e Max avaliamos mal sobre Diego... – concordava Marcel.

César juntou as sobrancelhas formando muitas ondas na testa. — Avisei, avisei...

César foi saindo e, então, chamou-o. — César, caso encontre Diego lhe dê um soco para quebrar os dentes daquele filho da puta – disse sob os olhares abismados de ambos.

— Suna! – repreendeu Marcel.

— Nem se preocupe, Suna. Assim é que se fala... – César deu uma pequena piscada, tocou seu ombro e saiu.

∴

O tempo se arrastava em descompasso com a ansiedade. Queria que os minutos tivessem asas. Olhou o relógio e mais uma hora havia passado naquela madrugada de quinta-feira, esperando por notícias de Max. Os olhos já estavam inchados e o corpo dolorido, ainda assim, só sairia dali ao vê-lo. Dulce, Maya e Marcel continuavam firmes ao seu lado, entre cafés e lanches de máquina, mas ela não conseguia consumir nada. Finalmente, Paulo Sarmiento veio até eles e teve a impressão que o coração seria expelido pela boca de medo e ansiedade.

Levantaram-se das desconfortáveis cadeiras e ficaram ao redor do médico. — ... Max perdeu muito sangue – começou o médico. — ... mas resistiu bem a cirurgia. Os prognósticos são bons. Apenas o fígado foi atingido e nenhuma artéria importante do órgão foi danificada. Não houve perfuração do intestino ou outro órgão, conforme se temia. O fígado foi revascularizado e uma parte extirpada, mas ele cresce de novo... – um tsunami de alívio percorria a corpo, atenuando o peso da situação enquanto Paulo continuava. — ... ele teve uma concussão na cabeça, um pequeno traumatismo, mas nada muito sério. A mão

passará por uma reavaliação ortopédica amanhã... Ele foi colocado em coma, para o conforto dele, pois chegou aqui em choque e tomou duas bolsas de sangue. O maior risco agora é uma infecção ou o organismo não reagir bem ao trauma sofrido.

— Queria vê-lo – pediu.

— Infelizmente, ele ainda está instável e só poderá receber visitas amanhã à tarde. Vão pra casa. Retornem no horário de visitas da UTI. Ele está sendo bem cuidado – garantia Sarmiento. — Tenho muita fé de que vai ficar tudo bem... E, olha, médico não diz isso para família de paciente, mas vocês são amigos.

— Graças a Deus, meu pai... – abraçou Marcel e não conteve as lágrimas.

Eles agradeceram a Paulo Sarmiento. O semblante de todos era de alívio. Dulce chorava abraçada a Maya. Marcel também não conseguia esconder a emoção, com os músculos da face contraídos e os olhos vermelhos e empapados.

— Max é um grande irmão. Fico imaginando a felicidade dele ao saber que está grávida, Suna... e ele sonhava com isso, contava pra mim sobre ter os filhos de vocês nos braços. Dizia que eu iria ser tio – o irmão confessava com a voz quase roubada pela emoção.

— Eu sei, eu sei... – confirmava.

— Ele tem as loucuras dele, mas te ama demais, minha irmã, demais. É um tipo de amor que nunca vi na vida, acima da média de qualquer homem apaixonado.

As palavras de Marcel a comoveram. — Também o amo muito. Agora aceito ele do jeito que é, como ele é, não quero que mude em nada.

O irmão beijou sua cabeça e foram seguindo para saída. Amanheceria em pouco tempo. Da mesma forma que a noite aguardava o dia, esperaria pelo momento de retornar para cuidar de seu amor. Não mais importava as fidelizadas que ele havia carregado em seu passado, ou seu jeito esquisito e arrojado de fazer amor. Aceitava o fardo dele qualquer que fosse e o dividiria com ele, sob controle, dentro de conversas e acordos.

Não precisaria provar para ninguém que era autossuficiente. Não que fosse abrir mão de seu trabalho, mas a prioridade estava agora na recuperação de seu marido e o avançar saudável daquela gestação. As coisas mais importantes no mundo eram a vida e o amor. E os tinha. Era uma felizarda e abençoada por Deus.

✧

Suna voltava ao Hospital São Mateus para visitar Max. Tinha descansado um pouco. Marcel iria encontrá-la lá. Havia recebido dezenas de ligações e mensagens de colegas de Max e até de pacientes em busca de notícias. Fizera rodízio com Maya e Dulce para atender tantas pessoas ao telefone. Também avisara a Maria Alice Maximo, a mãe de Max que vivia em São Paulo, sobre o ocorrido e ela estaria chegando a qualquer momento.

O pessoal do Santo Antonio, hospital onde Max era voluntário, estava fazendo correntes de orações pelo restabelecimento dele; representantes de instituições de caridade que ele ajudava também se manifestaram com mensagens desejando a sua recuperação. Nunca havia imaginado que Max fosse tão querido pela cidade. Notas na imprensa reportando sobre o sequestro tinham sido publicadas, mas pedira que Marcel lidasse com os jornalistas. Não queria ler aquelas notícias, o que estava vivendo já era bastante.

Entrou no hospital ansiosa. Queria falar-lhe do amor que nutria por ele, que era o sentimento mais forte e importante que já havia sentido. Não se recordava de ter declarado o seu amor com o tamanho e medida que ele merecia escutar. Não se lembrava de ter dito que o amava mais do que tudo em sua vida. E precisava fazer aquilo. Precisava explodir em palavras, após a possibilidade de nunca poder dizer tudo que trancava no coração.

A verdade, era que, antes do sequestro, tinha receio de que algo saísse errado, que Max desistisse ou se cansasse dela. Aquele era um medo sutil, não-consciente, mas que sempre a estava sabotando e a rondando, de modo traiçoeiro. Supunha que quase todas as mulheres fossem vítimas desses tipos de sentimentos, que só atrapalhavam a vivência e a chegada a uma relação plena.

Enfim, não queria mais muros e nem fronteiras emocionais entre ela e Max. Avançaria sem medo em benefício de sua família, como também, em busca da satisfação íntima, do prazer sexual intenso, inteiro e absoluto. Não importavam os custos desde que fosse capaz de pagá-los, sem se sentir oprimida ou abusada. O que a sociedade pensava como certo ou errado, doente ou sadio não fazia mais diferença. Viveria a sua perspectiva do que fosse saudável. Estava decidida.

Encontrou seu irmão, que a abraçou. — Só uma pessoa pode entrar. Ele está em coma ainda...

— Ainda?

— São vinte e quatro horas. Amanhã vão diminuir a sedação. Mas me falaram que o que disser, ele pode escutar. Vamos lá, até a UTI.

De repente, os olhos marejavam, molhados de emoção. Tinha tanto a dizer para ele! Entrou na ala das UTIs, fez a higiene das mãos, conforme orientação, e vestiu um roupão branco descartável. Andou devagar até o leito sete. Teve vontade desabar quando o viu entubado, de olhos semicerrados, com o peito cheio de fios, uma cicatriz enorme no meio da barriga, a cabeça meio raspada devido às suturas e os braços com acessos. A enfermeira segurou seu ombro e a conduziu até Max. Ela pediu que levasse itens de higiene e saiu, deixando-os a sós, naquele ambiente gelado, em que o som baixo dos aparelhos de monitoramentos davam o tom daquela marcha pela vida.

O nariz de Max estava inchado, as pálpebras arroxeadas e a mão esquerda enfaixada. Mirou-o por longos segundos, com tantos ferimentos, parecia que tinha sido atropelado. Pela primeira vez, via-o numa situação de vulnerabilidade. Aproximou-se devagar e acariciou a bochecha dele. Só um monstro seria capaz de causar tamanho estrago em uma pessoa, como ele, tão querida e que só praticava o bem. Segurou sua mão direita e apertou levemente, com receio de machucar.

— Max, meu amor, sou eu, Suna – por mais que tenha tentado controlar-se, a voz saiu embargada. — Desculpe por não estar sendo forte agora, mas temi por você. Na verdade, nós tememos, eu e nosso bebê. Mas agora, com você aqui, temos certeza que vai abrir os olhos, vamos voltar para casa e seremos uma família feliz. Uma família feliz e um casal pleno, ao nosso modo... – com a mão livre, passou levemente os dedos no antebraço e depois subiu acariciando a pele que tanto venerava até o rosto macerado. — Quero que saiba que te amo muito. Te amo demais, nem sei mensurar... te amo, Max, do tamanho do mundo e muito mais. Te amo da mesma quantidade de estrelas infinitas que não se pode contar, te amo de um jeito que extrapola o tempo... te amo nessa vida e te amarei em outras vidas, quantas delas vierem. Tenho certeza que te esperei em meu passado, sem saber que era você a quem eu sonhava em ter como meu homem, amante, marido e parceiro...

Por alguns segundos, parou para recuperar o fôlego. Estava muito emocionada. Sentiu um leve aperto em sua mão. Surpreendeu-se, mas não sabia se era ele ou uma impressão sua. Também apertou mais um pouco de

volta, como se fosse um sinal.

— Amor, é meu marido lindo, te amo como uma poesia, com forma e conteúdo magníficos, capazes de declamar a dor do amor e a alegria do sofrer. Enfim, senhor Vicente Max, todo meu amor é teu, toda a minha vida é tua e dedicada a ti. Prometo que essas não serão apenas palavras. Sou realmente tua, pertencço a você, do jeito que gosta de ter, do jeito que sempre quis me ter, sou tua submissa, você é meu dono se quiser. Sou tua caça conquistada e tua presa... Sou tua e, eternamente, só tua. Minha pele, meu corpo, cada centímetro de mim te pertence – apertou um pouco a mão dele. Percebeu as órbitas dos olhos dele mexerem. — Meu amor por você é sem limites, sem freios, sem rodeios, sem fronteiras. É território livre e teu...

Expirou um pouco trêmula, quase em um suspiro final, por outro lado, sentia-se leve pelas palavras ditas. De algum modo, o subconsciente dele devia estar escutando. Se não se recordasse, não tinha problemas, repetiria tudo outra vez.

— Ah! Lembrei-me de algo. Nem sei se pode aqui, acho que não. Mas vou fazer essa leve transgressão – falou para ele. Apanhou seu celular e ligou no áudio do coração do bebê, aproximando do ouvido dele. — É o coraçãozinho de nosso neném batendo, meu amor. Escuta que lindo. Ele está bem e crescendo dentro de mim, nosso filho, o resultado de nosso amor...

Observou os olhos dele mexerem de novo e sentiu um novo aperto na mão. Depois, para sua surpresa, duas lágrimas desceram solitárias, uma de cada olho de Max. Não se aguentou e outras desceram de seu rosto também.

— Nossa, Max, você está me emocionando... – confessou num fiapo de voz. — Amor, estou te sentindo. Ah! Na segunda-feira, sai o resultado do exame de sexagem e vamos saber se teremos um menino ou uma menina. Até lá, quero você de olhinhos bem abertos, viu. – sorriu.

Resolveu que era melhor manter-se mais empolgada. Falou da mãe dele que estava chegando e acerca das inúmeras mensagens buscando notícias de sua saúde e sobre a torcida de tanta gente que por sua recuperação. Ficou lá em seu monólogo de boas palavras até que a enfermeira veio buscá-la.

Encontrou o irmão e só então fitou a sogra que a cobriu de perguntas, além de reprimi-la por não ter comunicado o sequestro à família Maximo assim que ocorrera. Suportou tudo em nome do seu amor, afinal, nem o filho a aguentava. Depois que Maria Alice Maximo se acalmou, revelou sobre a gravidez e ela, como se não tivesse sido descortês, deu-lhe um forte abraço.

No segundo dia, Max ainda estava sonolento apesar de não estar entubado. Não pôde demorar porque a mãe dele havia entrado primeiro e praticamente esgotara o tempo da visita. Enfureceu-se, contudo, nada disse. Era mais um dia que retornava para casa, com o coração carregado de esperanças de que ele iria acordar logo.

Nesse ínterim, Marcel lhe contara que Diego havia sido preso, junto com os comparsas que participaram do sequestro de Max. Ele ainda confidenciara que César tinha dado um soco em Diego e que esse perdera alguns dentes da frente. Pela primeira vez na vida, achara graça de um infortúnio alheio.

Finalmente, encontrou Max acordado na UTI quando se preparava para ir para o quarto. As enfermeiras tinham feito a barba e o inchaço do rosto havia melhorado um pouco. Quando a fitou ao longe, ele a apresentou com o sorriso mais lindo que já vira. Deram um rápido beijinho.

— Nem tenho palavras... Graças a Deus que está bem! – disse emocionada.

Pensou que eu fosse morrer? – indagou ele animado.

— Max, nunca sofri tanto em minha vida... – confessava.

— Não vai ser dessa vez que ficará viúva. Venha cá, deixa eu sentir essa barriga...

Achou graça. Aproximou-se de onde estava a mão sã dele, que afagou seu abdome duro, próprio das gestantes. Deram as mãos. — Não tem ideia como estou feliz em estar aqui contigo – disse.

O olhar dele se perdeu ao longe e, de repente, as feições ficaram turvas. — Tive muito medo, Suna. Em alguns momentos, achei que não fosse conseguir... nunca imaginei que Diego, que aquele invejoso, fosse tão escroto e mau caráter.

— Já está preso...

— Soube.

— Marcel e César estão entrando aqui, hein? – indagou e ele lhe sorriu.

— Foi só hoje que afrouxaram minhas visitas... Então, dona Suna está pronta para me aguentar pelo resto de sua vida?

— Mas do que pronta... E trate logo de ficar bom, porque os proclames do casamento já foram publicados. Não quero casar de barrigão.

Max gargalhou de bom humor, mas ainda sentindo dores. — Nem se preocupe, minha senhora. Assino com a mão direita e logo que tiver alta, casaremos em definitivo e não tem mais brigas ou lamentações para nos separar, estou logo avisando – ele a fitou sério. — Vai ter que me aturar... – e

mudou o tom de voz. — Agora vem aqui e me dá um beijo de verdade.

— Aqui? Mas não pode...

— Não fiz o enfermeiro esfolar meus dentes na escovação a troco de nada, vem aqui e agora – exigiu ele.

Flexionou o torso e o beijou, permitindo que suas línguas roçassem uma na outra, dando leves sugadas na dele, com receio de ser repreendida, porém Max puxou seu pescoço com a mão boa, mesmo com acessos, deixando-a quase sem fôlego, num beijo úmido e escorregando na saudade mútua que transitava entre eles...

— Hum hum... – escutou alguém limpar a garganta. — Doutor Vicente, seu acesso vai entupir – quase deu um grito e acabou saltitando de assustada. Rapidamente, Max flexionou as pernas, disfarçando a ereção que pressionava o lençol. A enfermeira os pegou no flagra. Ele riu. — O senhor nunca admitiria isso num paciente seu. Sabe que não pode.

— Desculpe, querida, precisava saber se estava realmente vivo – disse cínico fitando a enfermeira e depois mirando-a de soslaio. — Vamos lá, me levem logo para o quarto... não aguento mais essa UTI – pedia ele enquanto ela ainda não tinha se recuperado daquele constrangimento.

As três letras

34

Vicente Max era um homem forte. Havia retornado para casa após doze dias do sequestro. A sua mãe retornara para São Paulo, durante a primeira semana de recuperação, para o seu alívio. Tinha muito para ele lidar e a presença da mãe não estava ajudando, com preocupações supérfluas e fora do contexto. O mar de tormentas – escuro e revoltoso – que ele havia enfrentado desestabilizara suas bases. Agora era tempo de lutas e retomada do prumo e do leme de sua vida para se estabelecer num belo lugar ao sol.

E, graças ao bom Deus, as funções hepáticas estavam dentro do esperado. Recuperava-se sem intercorrências. Teve medo de ficar com sequelas que o impedissem de trabalhar como cirurgião, mas os especialistas garantiram que ele recuperaria os movimentos da mão esquerda por completo e estava enfrentando uma rotina pesada de sessões de fisioterapia. Aquela notícia deu mais firmeza ao seu chão em busca de estabilidade. Inquieto, a orientação inicial de repouso absoluto tornara difícil a vida de Suna, como sua cuidadora. Por mais de uma vez, ela havia reclamado sobre o quanto era difícil fazer um médico obedecer às recomendações médicas.

A verdade era que Diego não havia tirado a sua vida porque não quisera e aquilo era duro para ele. Depois de todas as maldades do ex-parceiro, daquela inveja doente alimentada ano a ano, sem que desconfiasse, no fim ainda ficara à mercê da vontade daquele psicopata. Ao repensar, pela enésima vez, como fora agredido, concluía que Diego tinha escolhido o lugar em que o atingiria no abdome de forma planejada, para que morresse aos poucos. Ele era um demônio e esperava que apodrecesse na cadeia, junto a Dante. Mas

sabia como era a Justiça no país e nunca mais facilitaria com a sua segurança, nem com a de sua família. De todo modo, contrataria bons criminalistas para mantê-lo preso no período mais longo possível.

Balançou a cabeça. Enquanto aguardava Suna, precisava pensar em coisas boas e a melhor delas era que June nasceria em janeiro. Sim, teriam uma menininha e decidiram que se chamaria June. Por enquanto, teria duas mulheres em sua vida. Ao pensar nisso, deu um leve sorriso. Havia planejado o quarto da filha e as mudanças necessárias no apartamento, junto com Suna e a arquiteta contratada. Combinara com esposa que continuariam morando no apartamento até que fossem concluídas as obras da casa que ergueria para a família, num terreno que já havia adquirido.

Parte dos dias em que ficara de repouso, acamado, tinha sido na companhia da esposa, imaginando que mulher June seria, se alta como ele, ou mais parecida com a mãe, com um biotipo magro e rostinho de boneca. Curiosos, tentavam construir uma imagem mental sobre a filha, mesmo conscientes de que o importante era fazê-la uma criança feliz e prepará-la para se tornar uma adulta decente e correta.

Havia desejado muito aquela gravidez, aliás, desde que se apaixonara por Suna, passou a sonhar com uma vida a dois, filhos, companhia, amizade, cumplicidade e, claro, sexo. Enfim, quando pensava na filha que iria nascer da mulher de sua vida, parecia dentro de um conto de fadas. Era um suspiro de felicidade após os conturbados momentos que atravessaram, não só pelo sequestro, mas por toda a história deles. Reconheciam que a etapa inicial e conturbada chegava ao fim e uma nova narrativa seria escrita por eles.

Além disso, o tempo livre, durante a recuperação, era um convite a desfrutar de Suna. Estava trazendo-a no limite, fazendo amor com mais constância do que deveriam, por ela ter saído do primeiro trimestre de gestação e ele, recuperando-se da extensa cirurgia, cuja incisão ainda lhe doía. Com frequência, a pressionava contra ele, explorando as partes úmidas entre as pernas, com a mão sã. Assim que se sentira mais disposto, passaram a trocar muitos beijos íntimos, carícias ousadas e chupões devassos. Só evitava penetrações bruscas, mesmo sabendo que não havia problema de fazê-las, pois a placenta estava bem assentada no útero e a gestação seguia tranquila.

Suna era a grávida mais linda que já tinha visto, com a barriguinha saltitante, os seios cheios e os mamilos mais salientes do que o normal. E

quanto mais avançava a gestação, aumentava o têsão por ela, talvez, por estar mais frágil e parecer impotente. Tinha que segurar os instintos e, para isso, já havia retomado a psicoterapia, pois precisava viver aquele amor, a família e o casamento de modo seguro. Suna era um bálsamo à dor, um alívio às tormentas. Era o seu sol, o porto para onde sempre retornaria e o laço mais forte no mundo, junto com a sua June.

E, naquela sexta-feira, após um pouco mais de quarenta dias do sequestro, finalmente, acontecia o casamento. Era o dia do "sim" real, do casamento de verdade, o dia em que forjariam novos elos no metal mais forte que existisse, tornando-os ainda mais unidos e cúmplices e quando ela passaria a se chamar Suna Ferraz Maximo. Estava tenso. Escolhera um terno marinho e camisa branca que comprara para aquele dia especial. Havia se barbeado e cortado os cabelos no estilo *low fade*, bem diferente dos cortes em longas camadas que usava há anos. Queria apresentar-se bem a Suna.

Havia cuidado quase sozinho da pequena cerimônia, tomando a maior parte das decisões, afinal, o primeiro casamento tinha ficado por total responsabilidade dela e queria deixar a sua marca, demonstrar o seu afeto e respeito pelo casal que eles formavam. A única coisa que exigira de Suna era que estivesse linda. Agora aguardava que ela descesse.

A cerimônia acontecia na área de festa do prédio. Contratarara a mesma empresa da primeira festa para preparar o espaço. Mas, daquela vez, só havia convidado pessoas íntimas e que realmente torciam por eles. Suna pensava que seria apenas o casamento no civil, mas havia conseguido que o pastor, que dera a bênção na união de fachada, celebrasse o casamento religioso naquela noite. Sim, a noite seria completa e a lua de mel, quente.

Pedira que a ornamentação fosse de rosas brancas e vermelhas, as preferidas de Suna. Seria servido um pequeno bufê para os amigos. Observou ao redor outra vez e o ambiente estava lindo. No altar, o pastor os aguardava com um sorriso no rosto, afinal tinha dado uma polpuda contribuição às obras da igreja em que ele pregava.

Avistou alguns amigos de profissão, entre eles, Paulo e Sonia Sarmiento e do voluntariado do Hospital Santo Antonio. Dulce estava radiante ao lado do filho, Dona Fátima e Dona Bené, mãe e avó de Suna, pareciam animadas, como também Beatriz, José Kirin e o filho deles, Pedro. Um pouco atrás, via César enlaçado a Elisa. Propusera a presença de Beatriz e da ex-fidelizada, com seus parceiros, e, para sua surpresa, Suna concordara com um semblante

suave e terno.

Também foram convidados os amigos dela da época do Maresia, outras duas amigas e o pessoal da confeitaria Doces Amores. Dentre aquele grupo, sentados, aguardando o início da cerimônia, destacavam-se Maya e, ao seu lado, Bruno. No intuito de deixar o passado para trás, fez questão da presença do engenheiro. Também vislumbrou Otavia Bittencourt, sua amiga de longas datas, que estava de volta à cidade, engatando uma conversa animada com o anestesista do Santo Antonio.

Observou Marcel desaparecer ao fundo da passagem decorada por rosas e folhagens. Um arrepio subiu a coluna, Suna já iria chegar. Queria que o cunhado também se apaixonasse. Ele e Maya tinham rompido e parecia ser definitivo. Já previa que aquele relacionamento não iria adiante, pois Marcel era fechado e não se permitia entregar o coração a nenhuma mulher, chegava a considerar uma fraqueza. Mulheres, para ele, sempre tinham sido sinônimo de sexo e companhia para algumas saídas. E, por outro lado, Maya era uma mulher alfa, dominante, que não se conformaria com esse papel mínimo que o cunhado oferecia na vida dele.

Max tinha contratado a mesma pianista da primeira união. Naquele instante, ela começou a tocar a música *A Thousand Years*. Todos ficaram de pé. Suna surgiu no ambiente conduzida pelo irmão. Os olhos do casal se conectaram, brilhando como faróis ao mar, sinalizando um ao outro. As notas musicais pareciam entrar pela pele e os convidados poderiam ter evaporado, que eles não se abalariam.

Ambos estavam emocionados e, pelo olhar, enlaçavam-se numa dança simbólica, numa troca de cumplicidades que só eles entendiam. Encantadora, Suna caminhava em direção a Max de forma definitiva, iria tornar-se sua esposa no papel e aos olhos do Criador, reafirmando o compromisso de almas de um com o outro.

O coração de Max transbordava de alegria. Os olhos marejavam e a felicidade irradiava do peito, como uma aura a extravasar os limites do corpo. Suna emanava beleza, elegância e simplicidade num vestido branco, longo de um ombro só, que o fez lembrar-se das deusas gregas, com um buquê branco e vermelho entre as mãos. Os cabelos castanhos estavam presos num meio-rabo, ornado de pequeninas flores brancas e nos lábios, um batom vermelho a iluminava.

Suna vinha, passo a passo, com June em seu ventre, para o encontro final,

o momento que oficializariam o que já existia entre eles, afinal, eram uma só unidade, forjada na amálgama mais sólida capaz de unir um homem e uma mulher, o amor.

Cumprimentou Marcel e a recebeu com um beijo na testa. — Olha quem veio celebrar o nosso casamento? — cochichou observando o pastor enquanto Marcel tomava seu lugar de padrinho ao lado de Dulce. Os outros padrinhos eram Paulo e Sonia Sarmento.

— Não imaginava... você é demais — murmurou ela surpresa, com os olhos marejados e lhe sorriu, fazendo com que uma energia percorresse a pele, espalhando-se pelo corpo, dando a impressão de que o estômago flutuava de tanta emoção. — Amei o novo visual, os cabelos... — elogiou ela.

— Está linda, Suna, parece uma deusa, mãe de June... — afagou sua barriga, disfarçada nas dobras do tecido.

Voltaram-se ao pastor que começou a celebração e contagiou a todos com uma pregação sobre o amor, ao recordar-se da bênção anterior, a união estável que eles haviam firmado.

O ritual religioso se encaminhava para o fim quando começou o momento da troca de votos. Era a hora do sim, daquelas três letras simples e que significavam as responsabilidades e compromissos de um com o outro. Comoveu-se, como se passasse na mente, em alguns segundos, o filme da história deles, uma abordagem sobre as suas mentiras superadas por ela; do amor inicialmente combatido e do fim necessário para um recomeço mais forte. A verdade era que Suna o tornara um ser humano melhor, menos egoísta e bem menos intransigente.

No final, na hora de trocar alianças, recordou-se de que havia mandado fundir as antigas, aumentando os quilates do ouro, e gravar, nas partes internas das alianças de *design* clássico, frases que cada um havia escolhido previamente e escondido um do outro. Tinha mandado gravar na aliança dela "te amarei por todas as minhas vidas". E, naquele momento, em que ela apanhava a aliança para colocar no seu dedo anelar esquerdo da mão ainda doente, segurou-a ligeiro para, então, ler: "Tua, eternamente tua". Era a frase dela para ele.

Recebeu a aliança em seu dedo e não aguentou. Logo ele, sempre durão, deixou deslizar pelas bochechas, duas lágrimas de profunda alegria. Suna leu a mensagem que mandara lapidar para ela e lhe sorriu com os músculos da região dos lábios tensionados, numa tentativa de esconder a emoção. Puxou-a

em seus braços e lhe deu um beijo suave enquanto tocava a canção no piano *Your Song*, de Elton John.

— Quero que saiba que me recordo de tudo que disse quando eu estava em coma na UTI. E se me recuperei bem e estamos aqui hoje, é por você, nossa bebê e toda a força e amor que me transferiu naquele dia. Vocês são os motivos que tenho para viver e você, Suna, é maior deles. Hoje te amo mais do que ontem e te amarei mais ainda no futuro – murmurou com a voz carregada de sentimentos.

— Estou tão emocionada que não consigo falar, resumindo, não há vida sem você, Max.

Beijou-a novamente, mas de forma ardorosa, sem se preocupar com os assobios e os gracejos dos amigos presentes. Seguiriam por novos rumos, sem paredões ou muros, andariam em terreno planos, mas ele tinha consciência que montanhas os desafiariam e despenhadeiros surgiriam, querendo interromper a caminhada de ambos. Ainda assim, caminhariam unidos, enfrentando as intempéries e vencendo as dificuldades, porque o amor verdadeiro tudo pode e a tudo conquista. Iriam cultivar e colher juntos, iriam renovar-se a cada sementeira, pois o amor cultivado e respeitado, ao longo da jornada da vida, perpetuava-se por toda uma eternidade.

Fim

Próximo livro

Medo de Amar

PRÓXIMA HISTÓRIA || Max e Suna irão continuar no nosso universo literário, como personagens secundários. Vamos ter notícias da vida deles no próximo livro, Medo de Amar, que será focado na vida de Marcel Filares e da nova personagem, a jornalista Isla Weber.

Para o bem-sucedido e bonitão advogado, amar não vale a pena. Ele não se envolve emocionalmente com suas namoradas, ficantes ou amantes. Marcel impõe regras a ele mesmo, com o intuito de evitar ser fisgado por qualquer afeição que possa ser capaz de desestabilizar o seu chão e a vida milimetricamente planejada.

Só que as bases do sério advogado poderão ser abaladas quando ele conhecer a doce e jovem jornalista, Isla Weber, de 23 anos. Um evento inesperado faz com que a vida deles se cruzem. A partir daí, um emaranhado de acontecimentos impulsiona a aproximação entre ambos. A princípio, Isla se encanta por ele e Marcel se sente responsável pelo que causou à moça. Mesmo depois de uma noite quente, ele se nega a envolver-se, ignorando-a.

Isla Weber chega à cidade para assumir uma posição de confiança na Bitten Comunicação, empresa da chefe falastrona Otavia Bittencourt. A garota mantém uma relação difícil com os pais e carrega sua própria dose de conflitos, devido aos abusos que fora vítima na adolescência. Durante a história, Isla vai deixando o casulo da garota de baixa-estima e sem vaidade e se transforma em mulher. Para surpresa de todos e olhos gulosos de Marcel, torna-se uma bela mulher.

Autor

Sou baiana, moro em Salvador e trabalho como assessora. Embora minhas atividades profissionais sejam ligadas ao factual e ao tratamento de informações e dados, sempre foram os devaneios e o intangível que permearam meus caminhos e me instigaram a escrever, passando para a tela o que a alma sussurra em meus ouvidos.

Escrevo poesias desde a pré-adolescência. Tenho outras histórias nunca publicadas ou inacabadas, no gênero fantasia. Em 2018, dediquei-me a *Só Por Um Ano* e nesse ano estou escrevendo *Medo de Amar* e, se possível, pretendo avançar com *Mundos Secretos*, outra história. Como também, tenho me sentido tentada a voltar os holofotes para Max e Suna outra vez. Vamos ver se a vontade passa, talvez seja alguma reminiscência devido à revisão da trama.

Bem, sou mãe de dois. São o rapaz, M., lindo, apoiador, inteligente e sagaz e a bela L., uma garota esperta, sensível, meiga e igualmente inteligente. No quesito, maternidade, sou uma chata corujinha.

Enfim, minha gratidão é imensa a você que chegou até aqui. Desejo muitas bênçãos, conquistas e alegrias em sua vida. E, como nem sempre temos dias ensolarados, para abrandar as tristezas, um abraço reconfortante e um sopro de ânimo e vigor em sua alma.

Se gostou de meu trabalho, peço gentilmente que me siga nas redes sociais, espaço em que sempre atualizo sobre o andamento dos meus trabalhos.

Instagram:

<https://www.instagram.com/cindyemy.autora>

Facebook:

<https://web.facebook.com/cindyemy.autora>

E-mail:

cindyemy.autora@gmail.com

Gratidão e felicidades!
Até o próximo encontro...

Cintia Emy

